

THE *NEW YORK TIMES* BESTSELLER

TERRY GOODKIND



BLOOD OF THE FOLD

ESPADA DA VERDADE

Livro Três

Sangue da Congregação

Terry Goodkind



DADOS DE COPYRIGHT

SOBRE A OBRA PRESENTE:

A presente obra é disponibilizada pela equipe Le Livros e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura. É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

SOBRE A EQUIPE LE LIVROS:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.love](#) ou em

qualquer um dos sites parceiros apresentados neste [LINK](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



CAPÍTULO 1

Exatamente no mesmo instante, as seis mulheres acordaram subitamente, o som prolongado de seus gritos ecoando ao redor da apertada cabine do Capitão. Na escuridão, Irmã Ulicia podia ouvir a outras arfando para recuperar o fôlego. Ela engoliu em seco, tentando controlar sua própria respiração, e imediatamente encolheu com a forte dor em sua garganta.

Podia sentir umidade em suas pálpebras, mas seus lábios estavam tão secos que teve que lambê-los, com medo que pudessem rachar e sangrar.

Alguém estava batendo na porta. Ela escutava os seus gritos apenas como um leve zumbido em sua cabeça. Não se preocupou em tentar se concentrar nas palavras ou no significado delas; o homem era irrelevante.

Erguendo uma das mãos trêmulas na direção do centro da escuridão no aposento, liberou uma onda do seu Han, a essência da vida e do espírito, direcionando para um ponto de calor dentro da lamparina à óleo que sabia estar pendurada em uma viga baixa.

O pavio acendeu obedientemente, soltando uma linha sinuosa que acompanhava o lento balanço do recipiente para frente e para trás, enquanto o barco balançava no mar.

As outras mulheres, todas nuas assim como ela, também estavam sentando, seus olhos fixos no fraco brilho amarelo, como se procurassem nele a salvação, ou talvez a certeza de que ainda estavam vivas e ainda houvesse luz para ser vista. Uma lágrima rolou pela bochecha de Ulicia também, com a visão da chama. A escuridão tinha sido sufocante, como uma grande quantidade de terra negra úmida lançada sobre si.

Suas cobertas estavam molhadas e frias de suor, mas até mesmo sem o suor, tudo estava sempre úmido no ar salgado, sem falar no jato que esporadicamente ensopava o convés e pingava em cima de tudo que estava embaixo.

Ela não conseguia lembrar qual era a sensação de ter roupas e cobertas secas. Odiava esse barco, sua umidade interminável, o cheiro de

sujeira, e o constante balanço que revirava o seu estômago. Pelo menos estava viva para odiar o navio. Lentamente, engoliu o gosto de bile.

Ulicia passou os dedos na umidade quente sobre os seus olhos e estendeu a mão; as pontas dos dedos brilhavam com sangue. Como se fossem encorajadas pelo exemplo dela, algumas das outras fizeram o mesmo cuidadosamente. Cada uma tinha arranhões sangrentos em suas pálpebras, acima das sobrancelhas e nas bochechas, por tentarem desesperadamente, mas futilmente, abrir os olhos, acordar da armadilha do sono, em uma tentativa de escapar do sonho que não era sonho.

Ulicia lutou para remover o nevoeiro de sua mente. Deve ter sido apenas um pesadelo.

Fez um esforço para desviar o olhar da chama, para as outras mulheres. Irmã Tovi ficou encolhida em uma cama inferior na parede do lado oposto, com as espessas concentrações de carne nos seus flancos parecendo afundar, acompanhando a expressão carrancuda no rosto enrugado enquanto ela observava a lamparina. O cabelo cinzento, ondulado, habitualmente arrumado da Irmã Cecilia estava uma bagunça, seu sorriso incessante substituído por uma pálida máscara de medo enquanto ficava olhando para cima, de uma cama inferior, perto de Tovi. Inclinando-se um pouco para frente, Ulicia olhou para a cama acima. Irmã Armina, nem de perto tão velha quanto Tovi ou Cecilia, mas com idade próxima a de Ulicia e ainda atraente, parecia cansada. Com dedos trêmulos, a geralmente tranquila Armina limpou o sangue das pálpebras.

Do outro lado do passadiço estreito, nas camas acima de Tovi e Cecilia, estavam sentadas as duas Irmãs mais jovens e controladas. Arranhões irregulares marcavam a pele perfeita das bochechas da Irmã Nicci. Fios do cabelo louro estavam grudados nas lágrimas, suor e sangue no seu rosto. Irmã Merissa, igualmente bela, apertou um cobertor nos seios nus, não por vergonha, mas com grande temor. O seu longo cabelo era uma massa emaranhada.

As outras eram mais velhas, e controlavam o poder com a habilidade forjada com a experiência, mas tanto Nicci quanto Merissa eram possuidoras de raros talentos sombrios inatos, um hábil toque que nenhuma quantidade de experiência poderia gerar. Com astúcia além de sua idade,

nenhuma delas se deixava enganar pelos sorrisos gentis ou fingimento de Cecilia ou Tovi. Embora fossem jovens e cheias de confiança, ambas sabiam que Cecilia, Tovi, Armina, e especialmente a própria Ulicia eram capazes de despedaçar as duas, pedaço por pedaço, se desejassem. Ainda assim, isso não diminuía a habilidade delas; por direito, eram duas das mais formidáveis mulheres que já respiraram. Mas era pela singular determinação delas em prevalecer que o Guardião as selecionara.

Ver essas mulheres que ela conhecia tão bem em tal estado era inquietante, mas foi a visão do terror descontrolado de Merissa que realmente mexeu com Ulicia. Nunca tinha conhecido uma Irmã tão calma, controlada, implacável, tão impiedosa, quanto Merissa. Irmã Merissa tinha um coração de gelo negro.

Ulicia conhecia Merissa durante quase 170 anos, e em todo esse tempo não conseguia lembrar ao menos ter a vistoela chorar. Ela estava chorando agora.

Irmã Ulicia ganhou força ao ver as outras em uma condição de fraqueza tão desprezível e na verdade aquilo lhe agradou; era a líder e mais forte do que elas.

O homem ainda estava batendo na porta, querendo saber qual era o problema, de que se tratava toda aquela gritaria. Ela liberou sua raiva na direção da porta. — Deixe-nos em paz! Se precisarmos de você nós chamaremos!

As pragas abafadas do marinheiro foram desaparecendo enquanto se afastava. O único som, além do ranger de madeira enquanto o barco balançava ao bater de través no mar agitado, era o choro.

— Pare de choramingar, Merissa. — Ulicia disparou.

Os olhos escuros de Merissa, ainda vidrados pelo medo, focaram nela. — Nunca foi desse jeito. — Tovi e Cecilia assentiram mostrando que concordavam. — Tenho obedecido as ordens dele. Porque fez isso? Não falhei com ele.

— Se tivéssemos falhado com ele, — Ulicia falou, — estaríamos lá, junto com Irmã Liliana.

Armina começou a falar. — Você a viu também? Ela estava...

— Eu vi. — Ulicia disse, mascarando seu próprio horror com um tom calmo.

Irmã Nicci afastou um tufo de seu cabelo louro molhado do rosto. Recuperando a compostura, suavizou a voz. — Irmã Liliana falhou com o Mestre.

Irmã Merissa, com a tensão nos olhos desaparecendo, lançou um olhar de frio desdém. — Ela está pagando o preço do fracasso. — O tom áspero em seu próprio tom engrossou como o gelo do inverno em uma janela. — Para sempre. — Merissa quase nunca deixava a emoção evidente, mas agora ela tocava seu rosto enquanto suas sobrancelhas arqueavam exibindo uma expressão de raiva, — Ela foi contra suas ordens, Irmã Ulicia, e as do Guardião. Arruinou nossos planos. Isso é culpa dela.

Realmente Liliana havia falhado com o Guardião. Elas não estariam nesse maldito barco se não fosse por Irmã Liliana.

O rosto de Ulicia esquentou com o pensamento na arrogância daquela mulher. Liliana pensou em ter a glória para ela mesma. Recebeu o que merecia. Mesmo assim, Ulicia engoliu em seco ao lembrar-se de ter visto o tormento de Liliana, e dessa vez nem mesmo notou a dor de sua garganta machucada.

— Mas e quanto a nós? — Cecilia perguntou. O sorriso dela retornou mais apologético do que alegre. — Devemos fazer como esse... Homem diz?

Ulicia passou a mão no rosto. Elas não tinham tempo para hesitar, se isso fosse real, se o que ela viu realmente tivesse acontecido. Não deveria ser nada mais do que um simples pesadelo; ninguém além do Guardião havia aparecido para ela no sonho que não era sonho. Sim, tinha que ser apenas um pesadelo. Ulicia observou uma barata rastejar dentro do penico. Os olhos dela levantaram subitamente.

— Esse homem? Você não viu o Guardião? Viu um homem?

Cecilia gemeu. — Jagang.

Tovi levantou a mão em direção aos lábios para beijar seu dedo anular, um antigo gesto pedindo a proteção do Criador. Era um velho hábito, iniciando na primeira manhã do treinamento de uma noviça. Cada uma delas aprendeu a fazer isso toda manhã, sem falta, ao levantar, e em tempos de tribulação. Provavelmente Tovi tinha feito isso, automaticamente, incontáveis milhares de vezes, assim como todas elas. A Irmã da Luz era simbolicamente ligada com o Criador, e com Sua vontade. Beijar o dedo anular era um ritual de renovação dessa ligação.

Não havia como dizer o que o ato de beijar esse dedo faria agora, em vista da traição delas. A superstição dizia que resultaria em morte para alguém que tivesse prometido sua alma para o Guardião, uma Irmã do Escuro, beijar esse dedo. Enquanto não estava claro se isso realmente invocaria a ira do Criador, não havia dúvida que invocaria a do Guardião. Quando a mão dela estava a meio caminho dos seus lábios, Tovi percebeu o que estava prestes a fazer e afastou-a.

— Todas vocês viram Jagang? — Ulicia olhou para cada uma, e cada uma delas balançou a cabeça confirmando. Uma leve centelha de esperança ainda cintilava nela. — Então vocês viram o Imperador. Isso não significa nada. — Ela inclinou na direção de Tovi. — O ouviu falar alguma coisa?

Tovi levou a colcha até o queixo. — Todas nós estivemos lá, como sempre estamos quando o Guardião nos procura. Estávamos sentadas no semicírculo, nuas, como sempre fazemos. Mas foi Jagang quem veio, não o Mestre.

Um leve choramingo saiu de Armina na cama acima. — Silêncio! — Ulicia voltou sua atenção para a trêmula Tovi.

— Mas o que ele disse? Quais foram suas palavras?

Os olhos de Tovi procuraram o chão. — Ele disse que agora nossas almas eram suas. Disse que agora éramos dele, e que vivemos apenas por sua vontade. Disse que devemos ir até ele imediatamente, ou teríamos inveja do destino da Irmã Liliana. — levantou os olhos, mirando dentro dos olhos de Ulicia. — Ele disse que nos arrependeríamos se o fizéssemos

esperar. — Lágrimas encheram-lhe os olhos. — E então me deu uma amostra do que significaria desagradá-lo.

A carne de Ulicia tinha ficado gelada, e ela percebeu que também tinha puxado seu lençol. Ela o colocou de volta em seu colo com esforço. — Armina? — Uma suave confirmação veio lá de cima. — Cecilia? — Cecilia assentiu. Ulicia olhou para as duas nas camas superiores do lado oposto. A compostura que elas haviam trabalhado tanto para recuperar parecia ter se estabelecido. — Bem? Vocês duas ouviram as mesmas palavras?

— Sim, — Nicci falou.

— Exatamente as mesmas, — Merissa falou sem mostrar emoção. — Liliana jogou isso sobre nós.

— Talvez o Guardião esteja insatisfeito conosco, — Cecilia falou, — e nos entregou ao Imperador para que possamos servi-lo como uma maneira de merecer de volta nosso lugar.

A costa de Merissa ficou ereta. Seus olhos eram uma janela para dentro de um coração congelado. — Eu fiz meu juramento de alma para o Guardião. Se devemos servir a essa besta vulgar para recuperar as graças de nosso Mestre, então eu servirei. Lamberei os pés desse homem, se for preciso.

Ulicia lembrou de Jagang, pouco antes dele se despedir do semicírculo no sonho que não era sonho, ordenando que Merissa levantasse. Então ele havia se esticado casualmente, agarrado o seio direito dela em seus dedos poderosos, e pressionado até que os joelhos dela curvassem. Agora Ulicia olhou para o seio de Merissa, e viu marcas assustadoras.

Merissa não fez esforço algum para se cobrir enquanto a expressão serena dela fixava nos olhos de Ulicia. — O imperador falou que nos arrependêríamos, se o fizéssemos esperar.

Ulicia também tinha escutado as mesmas instruções. Jagang havia mostrado o que acontecia com quem desobedecia o Guardião. Como ele conseguiu tomar o lugar do Guardião no sonho que não era sonho? Ele fez

aquilo, isso era tudo que importava. Tinha acontecido com todas elas. Não tinha sido um mero sonho.

Um temor que causava formigamento cresceu na boca do estômago dela enquanto a pequena chama de esperança se extinguia. Ela também tinha recebido uma amostra do que significaria a desobediência. O sangue que estava formando uma crosta acima dos olhos dela a fizeram lembrar do quanto desejou escapar daquela lição. Aquilo foi real, e todas sabiam disso. Elas não tinham escolha. Não havia um momento a perder. Uma gota fria de suor desceu entre os seios dela. Se elas estivessem atrasadas...

Ulicia saltou para fora da cama.

— Façam meia volta nesse barco! — ela gritou quando abriu a porta. — Façam meia volta imediatamente!

Ninguém estava no corredor. Ela subiu rapidamente a escada, gritando. As outras correram atrás dela, batendo em portas de cabines enquanto a seguiam. Ulicia não se importou com as portas; era o timoneiro que apontava o barco para onde ele deveria seguir e comandava os marinheiros nas velas.

Ulicia abriu a porta da escotilha para encontrar uma luz turva; o amanhecer ainda não havia chegado para eles. Nuvens escuras pairavam acima do escuro caldeirão do mar. Espuma brilhava logo além da amurada enquanto o barco deslizava descendo por uma onda enorme, fazendo parecer que eles estavam mergulhando dentro de um profundo abismo negro. As outras Irmãs saíram pela escotilha atrás dela para o convés molhado.

— Façam meia volta nesse barco! — ela gritou para os marinheiros descalços que viraram com grande surpresa.

Ulicia grunhiu uma praga e correu para a popa, na direção do timão. As cinco Irmãs seguiram nos calcanhares dela enquanto ela seguia pelo convés escuro. Com as mãos segurando as lapelas de seu casaco, o timoneiro esticou o pescoço para ver qual era o problema. Luz de lanterna apareceu através da abertura aos pés dele, mostrando os rostos dos quatro homens manuseando o timão. Marinheiros se juntaram perto do timoneiro barbado, e ficaram olhando com grande surpresa para as seis mulheres.

Ulicia engoliu ar tentando recuperar o fôlego. — Qual é o problema com vocês idiotas de queixo frouxo? Não escutaram? Eu falei para dar meia volta nesse barco!

Repentinamente, ela entendeu a razão para aqueles olhares: as seis estavam nuas. Merissa caminhou até o lado dela, altiva e séria, como se estivesse usando um vestido que cobria ela do pescoço até os pés.

Um dos homens falou enquanto seu olhar contemplava a mulher mais jovem. — Bem, bem. Parece que as moças saíram para brincar.

Fria e distante, Merissa observou o sorriso libidinoso dele com serena autoridade. — O que é meu é meu, e não de qualquer outra pessoa, mesmo para olhar, a não ser que eu decida assim. Afaste os olhos da minha carne imediatamente, ou arrancarei eles.

Se o homem tivesse o dom, e o domínio dele como Ulicia, seria capaz de sentir o ar ao redor de Merissa estalando com o poder de forma ameaçadora. Esses homens as conheciam apenas como ricas mulheres da nobreza querendo viajar para lugares estranhos e distantes; não sabiam quem, ou o quê, as seis mulheres realmente eram. O Capitão Blake as conhecia como Irmãs da Luz, mas Ulicia ordenara que ele mantivesse esse conhecimento em segredo dos homens.

O homem zombou de Merissa com uma expressão lasciva e movimento obscenos dos quadris. — Não seja tão tímida, moça. Você não sairia desse jeito a não ser que tivesse em mente o mesmo que nós.

O ar chiou em volta de Merissa. Sangue brotou nas calças, bem no meio das pernas do homem. Ele gritou quando olhou para ela com olhos enlouquecidos. A lâmina comprida cintilou no cinto dele quando ele a retirou. Gritando um juramento de vingança, ele moveu-se adiante com intenção letal.

Um leve sorriso tocou os lábios de Merissa. — Sua escória imunda, — ela murmurou para si mesma. — Entrego você ao abraço frio do meu Mestre.

A carne dele despedaçou como se fosse um melão podre golpeado por uma vara. Uma concussão no ar gerada pelo poder do dom lançou ele

por cima da amurada. Um rastro sangrento marcou sua trajetória pelo assoalho. Quase sem emitir som, a água negra engoliu o corpo. Os outros homens, quase uma dúzia, permaneceram de olhos arregalados e imóveis como estátuas.

— Todos vocês vão manter os olhos em nossos rostos, — Merissa sibilou. — e longe de todo o resto.

Os homens assentiram, horrorizados demais para falar que concordavam. O olhar de um dos homens desceu até o corpo dela involuntariamente, como se o fato dela ter falado que era proibido olhar tivesse tornado o impulso de espiar impossível de controlar. Com grande terror, ele começou a pedir desculpas, mas uma linha concentrada de poder tão afiada quanto um machado de batalha cortou através dos olhos dele. Ele caiu por cima da amurada da mesma maneira que o primeiro tinha feito.

— Merissa, — Ulicia falou suavemente, — isso é o bastante. Acho que eles aprenderam a lição.

Olhos gelados, distantes por trás da neblina do Han, viraram na direção dela. — Não permitirei que os olhos deles peguem o que não lhes pertence.

Ulicia levantou uma sobrancelha. — Precisamos deles para voltar. Você lembra de nossa urgência, não lembra?

Merissa olhou para os homens, como se estivesse avaliando insetos debaixo das botas dela. — É claro, Irmã. Devemos retornar imediatamente.

Ulicia virou para ver o Capitão Blake que acabara de chegar e estava parado atrás delas, sua boca aberta.

— Faça meia volta neste barco, Capitão, — Ulicia falou. — imediatamente.

A língua dele se moveu para molhar os lábios enquanto seu olhar saltava entre os olhos das mulheres. — Agora estão querendo voltar? Por quê?

Ulicia levantou um dedo na direção dele. — Você foi muito bem pago, Capitão, para nos levar aonde desejarmos ir, quando quisermos ir. Eu

disse antes que perguntas não faziam parte da barganha, e também prometi que arrancaria sua pele se violasse qualquer parte da barganha. Se me testar, descobrirá que não sou tão indulgente quanto a Merissa aqui; Eu não garanto uma morte rápida. Agora, faça meia volta nesse barco!

O Capitão Blake entrou em ação. Arrumou seu casaco e olhou para os homens dele. — Ao trabalho, seus preguiçosos! — Ele fez um gesto para o timoneiro. — Senhor Dempsey, dê meia volta. — O homem parecia ainda estar congelado pelo choque. — Agora mesmo, Senhor Dempsey!

Arrancando o seu chapéu imundo da cabeça, Capitão Blake fez uma reverência para Ulicia, tendo cuidado para que seu olhar não desviasse dos olhos dela. — Como queira, Irmã. De volta ao redor da grande barreira, para o Mundo Antigo.

— Trace um curso direto, Capitão. O tempo é essencial.

Ele achatou o chapéu em um dos punhos. — Curso direto! Não podemos navegar através da grande barreira! — Imediatamente ele suavizou o tom. — Isso não é possível. Todos seremos mortos.

Ulicia pressionou uma das mãos sobre a queimação no estômago dela. — A grande barreira caiu, Capitão. Ela não é mais um obstáculo para nós. Trace um curso direto.

Ele ajeitou o chapéu. — A grande barreira caiu? Isso é impossível. O que faz você pensar...

Ela se inclinou na direção dele. — Você me questionaria outra vez?

— Não, Irmã. Não, claro que não. Se você diz que a barreira caiu, então ela caiu. Ainda que eu não entenda como aquilo que não poderia acontecer aconteceu, sei que não cabe a mim questionar. Que seja um curso direto então. — Ele esfregou o chapéu na boca. — Que o piedoso Criador nos proteja. — ele resmungou, virando para o timoneiro, ansioso para se afastar do olhar dela. — Vire a estibordo, Senhor Dempsey!

O homem olhou para os homens no timão. — Nós já estamos com tudo a estibordo, Capitão.

— Não discuta comigo ou farei você voltar nadando!

— Sim, Capitão. Voltem para as linhas! — Ele gritou para homens que já estavam arrastando algumas linhas e puxando outras, — Preparem-se para mudar de direção!

Ulicia avaliou os homens olhando nervosamente por cima dos ombros. — Irmãs da Luz possuem olhos atrás das cabeças, senhores. Providenciem para que os seus olhem para qualquer outro lugar, ou será a última coisa que verão nessa vida.

Homens assentiram antes de se concentrarem em suas tarefas.

De volta na cabine estreita delas, Tovi enrolou o corpo trêmulo em sua colcha. — Faz algum tempo desde que tive fortes homens jovens olhando com desejo para mim. — Olhou para Nicci e Merissa. — Aproveitem essa admiração enquanto você ainda são merecedoras dela.

Merissa tirou uma roupa do baú no fundo da cabine. — Não era para você que eles estavam olhando.

Um sorriso maternal surgiu no rosto de Cecilia. — Sabemos disso, Irmã. Acho que a Irmã Tovi quer dizer é que agora que estamos longe do feitiço no Palácio dos Profetas, vamos envelhecer como todos os outros. Vocês não terão os anos que nós tivemos para aproveitar sua aparência.

Merissa endireitou o corpo. — Quando nós conquistarmos de volta nosso lugar de honra com o Mestre, serei capaz de manter o que eu tenho.

Tovi ficou observando com uma rara aparência perigosa. — E eu quero e volta o que eu tive.

Armina sentou em uma cama. — Isso é culpa de Liliana. Se não fosse ela, não teríamos que sair do Palácio e de seu feitiço. Se não fosse ela, o Guardiã não teria dado a Jagang o domínio sobre nós. Não teríamos perdido os favores do Mestre.

Todas ficaram em silêncio durante um momento. Se espremendo e passando umas pelas outras, todas se moveram vestindo suas roupas debaixo, enquanto tentavam evitar cotovelos.

Merissa passou a camisa sobre a cabeça. — Pretendo fazer tudo que for necessário para servir, e recuperar os favores do Mestre. Pretendo

receber minha recompensa pelo meu juramento. — Ela olhou para Tovi. — Pretendo continuar jovem.

— Todas queremos a mesma coisa, Irmã, — Cecilia disse enquanto enfiava os braços pelas mangas do simples manto marrom. — Mas o Guardiã quer que prestemos serviços para esse homem, Jagang, por enquanto. — Ele quer? — Ulicia perguntou.

Merissa agachou enquanto remexia nas roupas dentro do baú, e retirou seu vestido carmesim. — Porque mais teríamos sido entregues a esse homem?

Ulicia levantou uma sobrancelha. — Entregues? Acha mesmo? Acho que é mais do que isso; acho que o Imperador Jagang está agindo por sua própria vontade.

As outras pararam de vestir as roupas e levantaram os olhos. — Acha que poderíamos desafiar o Guardiã? — Nicci perguntou. — Através das próprias ambições dele?

Com um dedo, Ulicia deu uma tapa no lado da cabeça de Nicci. — Pense. O Guardiã falhou em vir até nós no sonho que não é um sonho; isso nunca aconteceu antes. Jamais. Ao invés disso apareceu Jagang. Mesmo se o Guardiã estivesse descontente conosco, e desejasse que nós estivéssemos servindo Jagang como penitência, vocês não imaginam que ele mesmo poderia ter vindo e ordenado isso, para nos mostrar o desgosto dele? Não acho que isso seja um feito do Guardiã. Acho que é coisa de Jagang.

Armina pegou seu vestido azul. Ele era mais claro do que o de Ulicia, mas não menos elaborado. — Liliana ainda continua sendo a culpada por ter nos causado tudo isso!

Um leve sorriso tocou os lábios de Ulicia. — Foi ela mesmo? Liliana era gananciosa, acho que o Guardiã pensou em usar essa ganância, mas ela falhou com ele.— O sorriso desapareceu. — Não foi Irmã Liliana que causou tudo isso para nós.

A mão de Nicci fez uma pausa enquanto ela apertava o fio do espartilho de seu vestido negro. — É claro. O garoto.

— Garoto? — Ulicia balançou a cabeça lentamente. — Nenhum *garoto* poderia ter feito a barreira cair. Nenhum simples garoto poderia ter causado a ruína dos planos nos quais trabalhamos tão duro durante todos esses anos. Nós todas sabemos o que ele é, sobre as profecias. — Ulicia olhou para cada uma das Irmãs. — Estamos em uma posição muito perigosa. Devemos trabalhar para devolver o poder nesse mundo para o Guardião, caso contrário Jagang nos matará quando tiver terminado conosco, e nós estaremos no submundo, e não teremos mais utilidade para o Mestre. Se isso acontecer, então certamente o Guardião ficará descontente, e ele fará o que Jagang nos mostrou parecer o abraço de um amante.

O barco rangeu e grunhiu enquanto todas consideravam as palavras dela. Elas estavam correndo para servir a um homem que as usaria, e então as descartaria sem pensar duas vezes, e muito menos dar alguma recompensa, mesmo assim nenhuma delas estava preparada para ao menos considerar desafiá-lo.

— Garoto ou não, ele causou tudo isso. — Os músculos na mandíbula de Merissa ficaram tensos. — E pensar que tive ele em minhas garras, todas tivemos. Deveríamos ter acabado com ele quando tivemos a chance.

— Liliana também pensou em acabar com ele, para ter o poder dele para si mesma, — Ulicia falou, — mas ela foi descuidada e acabou com aquela espada maldita dele enfiada no coração. Temos que ser mais espertas do que ela; então teremos o poder dele, e o Guardião sua alma.

Armina enxugou uma lágrima de sua pálpebra inferior. — Mas nesse meio tempo, deve ter algum jeito de nós evitarmos ter que retornar...

— E quanto tempo você acha que conseguiríamos permanecer acordadas? — Ulicia disparou. — Mais cedo ou mais tarde cairíamos no sono.

— E então? Jagang já mostrou que tem o poder para nos alcançar, não importa onde estejamos.

Merissa voltou a apertar os botões no espartilho do vestido carmesim dela. — Faremos o que tivermos de fazer, por enquanto, mas isso não significa que não possamos usar nossas cabeças.

As sobrancelhas de Ulicia se juntaram, enquanto ela pensava. Levantou os olhos com um sorriso torto. — O Imperador Jagang pode acreditar que está conosco onde ele quer, mas nós vivemos durante um longo tempo. Talvez, se usarmos nossas cabeças, e nossa experiência, não fiquemos tão assustadas quanto ele pensa?

Malevolência cintilou nos olhos de Tovi. — Sim, — ela sibilou, — realmente nós vivemos um longo tempo, e aprendemos a derrubar alguns ursos selvagens no chão, e retirar as tripas deles enquanto gritavam. 9

Nicci alisou as dobras da saia do vestido negro dela. — Arrancar as tripas de porcos é muito bom, mas o Imperador Jagang é nossa penitência, e não responsabilidade dela. Nem é vantajoso desperdiçar nossa raiva com Liliana; ela foi simplesmente uma tola gananciosa. Aquele que realmente nos causou todo esse problema é quem devemos fazer sofrer.

— Muito bem colocado, Irmã. — Ulicia disse.

Merissa tocou distraidamente o seio machucado. — Vou me banhar no sangue daquele jovem, — Os olhos dela saíram de foco, abrindo novamente a janela para seu coração negro. — enquanto ele observa.

O punho de Ulicia fechou bem apertado enquanto ela balançava a cabeça concordando. — Foi ele, o Seeker, quem causou isso para nós. Juro que ele pagará com o seu dom, sua vida, e sua alma.

CAPÍTULO 2

Richard tinha acabado de tomar uma colher e sopa quente quando escutou o forte rosnado ameaçador. Ele fez uma careta olhando para Gratch. Os olhos do Gar brilhavam, acesos pelo fogo verde frio enquanto ele olhava na direção das sombras entre as colunas na base dos grandes degraus. Os lábios dele se contorceram em um grunhido, exibindo grandes presas. Richard percebeu que ainda estava com a boca cheia de sopa, e engoliu.

O rosnado gutural de Gratch aumentou, bem fundo em sua garganta, soando como uma porta velha de um antigo castelo enorme sendo aberta pela primeira vez depois de centenas de anos.

Richard olhou para os grandes olhos castanhos da Senhora Sanderholt. A Senhora Sanderholt, a chefe das cozinheiras no Palácio das Confessoras, ainda ficava inquieta com Gratch, e não estava completamente confiante nas garantias de Richard de que o Gar era inofensivo. O rosnado ameaçador não estava ajudando.

Ela havia levado pão recém assado e uma tigela da saborosa sopa para Richard lá fora, pretendendo sentar nos degraus com ele e conversar sobre Kahlan, apenas para descobrir que o Gar tinha chegado fazia pouco tempo.

Independente do medo dela por causa do Gar, Richard conseguiu convencê-la a juntar-se a ele nos degraus.

Gratch tinha ficado muito interessado ao ouvir o nome de Kahlan; ele tinha um tufo do cabelo dela que Richard lhe deu pendurado em uma correia em seu pescoço, junto com o dente de dragão. Richard tinha falado para Gratch que ele e Kahlan estavam apaixonados, e ela queria ser amiga de Gratch, assim como Richard era, e então o curioso Gar sentou para escutar, mas logo que Richard tinha provado a sopa, e antes que a Senhora Sanderholt pudesse começar, o humor de Gratch tinha mudado repentinamente. Agora ele parecia concentrado de forma selvagem, em algo que Richard não conseguia ver. — Porque ele está fazendo isso? — A Senhora Sanderholt sussurrou.

— Não tenho certeza. — Richard admitiu. Ele abriu um sorriso e encolheu os ombros rapidamente quando a expressão de preocupação no rosto dela aumentou. — Ele deve estar enxergando um coelho ou algo assim. Gars possuem uma visão excepcional, mesmo no escuro, e são excelentes caçadores.

A expressão de preocupação dela não aliviou, então ele continuou. — Ele não come pessoas. Nunca machucaria ninguém. — Ele reassegurou. — Está tudo bem, Senhora Sanderholt, está mesmo.

Richard olhou para o rosto de aparência sinistra que rosnavava. — Gratch, — ele sussurrou com o canto da boca, — pare de rosnar. Está assustando ela.

— Richard, — ela falou quando se inclinou chegando mais perto. — Gars são bestas perigosas. Eles não são bichinhos de estimação. Não podemos confiar em Gars.

— Gratch não é um bichinho de estimação, ele é meu amigo. Conheço ele desde que era filhote, desde que era da metade do meu tamanho. Ele é tão gentil quanto um gatinho.

Um sorriso pouco convincente surgiu no rosto da Senhora Sanderholt. — Se você diz, Richard. — De repente o terror fez ela arregalar os olhos, — Ele não entende nada que estou dizendo, entende?

— É difícil dizer. — Richard confidenciou. — Às vezes ele entende mais do que eu acharia possível.

Gratch parecia ter esquecido deles enquanto eles conversavam. Ele estava totalmente concentrado, parecendo ter sentido o cheiro ou visto algo que não gostava. Richard pensou já ter visto Gratch rosnando daquele jeito, mas não conseguia lembrar onde ou quando. Ele tentou lembrar da ocasião, mas a imagem mental continuava fugindo, ficando fora de alcance. Quanto mais ele tentava, mas esquivava a lembrança obscura ficava, — Gratch? — Ele segurou o poderoso braço do Gar. — Gratch, o que foi?

Completamente imóvel, Gratch não reagiu ao toque. Quando ele cresceu, o brilho em seus olhos verdes tinha se intensificado, mas nunca antes com essa ferocidade. Eles estavam cintilando com grande força.

Richard observou as sombras, onde aqueles olhos verdes estavam fixos, mas não viu nada fora do comum. Não havia pessoa alguma entre as colunas, ou pelos muros do terreno do Palácio. Deve ser um coelho, ele finalmente decidiu; Gratch adorava coelho.

O amanhecer estava começando a revelar filetes de nuvens púrpuras e rosadas no horizonte brilhante, deixando apenas algumas estrelas brilhando fracamente no céu a oeste. Com o leve brilho da primeira luz veio uma brisa suave, excepcionalmente quente para o inverno, que agitou o pelo da grande besta e abriu a capa negra de Mriswith de Richard.

Quando ele estivera no Mundo Antigo com as Irmãs da Luz, Richard entrou na Floresta Hagen, onde espreitava o Mriswith, criaturas odiosas com aparência de homens mesclados a um pesadelo reptiliano. Depois que ele lutou e matou um dos Mriswith, ele descobriu a coisa surpreendente que a capa dele podia fazer; tinha a habilidade de se misturar ao ambiente tão perfeitamente, que fazia o Mriswith, ou Richard, quando ele se concentrava ao usar a capa, parecer invisível. Ela também impedia que qualquer um com o dom sentisse a presença deles, ou dele. Por alguma razão, entretanto, o dom de Richard permitia que ele sentisse a presença do Mriswith. Essa habilidade, de sentir o perigo independente de sua capa mágica, tinha salvado a sua vida.

Richard achou difícil concentrar-se no rosnado de Gratch para coelhos nas sombras. A angústia, a tristeza entorpecente, de acreditar que sua amada, Kahlan, tinha sido executada, evaporou num instante no dia anterior quando ele descobriu que ela estava viva. Ele sentiu uma alegria incrível com o fato dela estar segura, e ficou exultante ao ter passado a noite com ela em um lugar estranho entre os mundos. Sua mente estava mergulhada na alegria dessa linda manhã, e ele descobriu que estava sorrindo sem perceber. Nem mesmo a inoportuna fixação de Gratch com um coelho poderia estragar seu humor.

Porém, Richard realmente estava achando o som gutural perturbador, e obviamente a Senhora Sanderholt achava isso alarmante; ela estava sentada imóvel na ponta de um degrau ao lado dele, agarrando o xale dela com força. — Quietos, Gratch. Você acabou de comer uma perna de carneiro e metade de um pão. Ainda não poderia estar com tanta fome.

Ainda que a atenção de Gratch continuasse fixa, seu rosnado diminuiu para um murmúrio profundo em sua garganta, como se ele estivesse tentando obedecer distraidamente.

Richard direcionou mais uma vez um rápido olhar para a cidade. Seu plano era encontrar um cavalo e rapidamente seguir seu caminho para encontrar com Kahlan e seu avô e velho amigo, Zedd. Além de estar impaciente para ver Kahlan, ele sentia muita saudade de Zedd; fazia três meses desde que tinha visto ele, mas pareciam anos. Zedd era um mago de Primeira Ordem, e havia muito que Richard, em vista de suas descobertas sobre si mesmo, precisava perguntar a ele, mas então a Senhora Sanderholt trouxe a sopa e o pão fresco. De bom humor ou não, ele estava faminto, Richard olhou para trás, além da elegância branca o Palácio das Confessoras, lá em cima, para a imensa e imponente Fortaleza do Mago incrustada no lado íngreme da montanha, seus muros de rocha negra, seus baluartes, bastiões, torres, passagens conectadas, e pontes, tudo parecendo brotar da pedra de forma sinistra, de algum modo parecendo viva, como se estivesse observando ele lá do alto. Uma larga faixa de estrada seguia ondulando da cidade subindo na direção dos muros escuros, cruzando uma ponte que parecia fina e delicada, mas apenas por causa da distância, antes de passar por baixo de um portão cheio de pontas e ser engolida dentro da bocarra escura da Fortaleza.

Deveria haver milhares de quartos na Fortaleza, se é que havia algum. Richard fechou um pouco mais sua capa sob o olhar de pedra frio daquele lugar, e afastou os olhos. Esse era o Palácio, a cidade, onde Kahlan tinha crescido, onde tinha vivido a maior parte de sua vida até o verão anterior quando cruzou a fronteira para Westland procurando por Zedd, e encontrou Richard também.

A Fortaleza do Mago era o lugar onde Zedd cresceu e morou antes de partir para Midlands, antes de Richard nascer. Kahlan contou para ele histórias sobre como ela havia passado a maior parte do tempo na Fortaleza, estudando, mas ela nunca tinha feito o lugar parecer ao menos um pouco sinistro. Massiva naquela montanha, agora a Fortaleza parecia assustadora.

O sorriso de Richard retornou quando pensou em como Kahlan deveria parecer quando era garotinha, uma Confessora em treinamento,

perambulando pelos corredores desse Palácio, caminhando pelos corredores da Fortaleza, entre os magos, e lá fora entre as pessoas da cidade.

Mas Aydindril havia caído diante da Ordem Imperial, e não era mais uma cidade livre, não era mais o centro do poder em Midlands.

Zedd produziu um de seus truques de mago, magia, para fazer todos pensarem que testemunharam a decapitação de Kahlan, permitindo que eles fugissem de Aydindril, enquanto todos aqui pensavam que ela estava morta. Agora ninguém seguiria atrás deles. A Senhora Sanderholt conhecia Kahlan desde que ela nasceu, e ficou muito aliviada quando Richard contou que Kahlan estava bem e em segurança.

O sorriso tocou os lábios dele outra vez. — Como era Kahlan quando era pequena?

Ela olhou para longe, com um sorriso em seus lábios também. — Sempre estava séria, mas a criança mais preciosa que eu já vi, que cresceu para ser uma mulher forte e bela. Era uma criança não apenas tocada pela magia, mas também com uma personalidade especial.

— Nenhuma das Confessoras ficou surpresa com a ascensão dela para Madre Confessora, e todas estavam satisfeitas porque o costume dela era facilitar o entendimento, não dominar, ainda que se alguém erroneamente fizesse oposição a ela descobriria ela era forte como ferro assim como qualquer outra Madre Confessora que já nasceu. Jamais fiquei sabendo de uma Confessora que tivesse a mesma paixão que ela pelo povo de Midlands. Sempre me senti honrada em conhecê-la. — Navegando nas lembranças, ela riu levemente, um som não tão frágil quanto o resto dela aparentava ser. — Mesmo uma vez quando eu dei uma palmada no traseiro depois que descobri que ela havia levado um pato recém assado sem pedir.

Richard sorriu ao escutar uma história sobre Kahlan comportando-se inadequadamente. — Punir uma Confessora, mesmo uma jovem, não deixou você preocupada?

— Não. — ela riu. — Se eu a tivesse mimado, sua mãe me mandaria embora. Nós deveríamos tratá-la com respeito, mas de modo correto.

— Ela chorou? — ele perguntou, antes de arrancar um grande pedaço de pão com uma mordida. Estava delicioso, trigo grosso com um toque de melado.

— Não. Ela parecia surpresa. Acreditava que não tinha feito nada de errado, e começou a explicar. Aparentemente uma mulher com duas crianças quase da idade de Kahlan estiveram esperando do lado de fora do Palácio por alguém que ela pensava que fosse fácil de enganar. Quando Kahlan estava seguindo para a Fortaleza do Mago, a mulher se aproximou dela com uma história triste, dizendo que precisava de ouro para alimentar seus filhos mais novos. Kahlan pediu a ela que esperasse, e então levou para ela o meu pato assado, concluindo que era de comida que a mulher precisava, não ouro. Kahlan sentou com as crianças... — Com uma das mãos enfaixadas, ela apontou para a esquerda. — ...bem ali naquele lado, e deu o pato para elas. A mulher estava furiosa, e começou a gritar, acusando Kahlan de ser egoísta com todo aquele ouro do Palácio.

— Enquanto Kahlan estava contando essa história, uma patrulha da Guarda Doméstica entrou na cozinha arrastando a mulher e seus dois filhos. Aparentemente, quando a mulher estava gritando com Kahlan a Guarda tinha presenciado a cena. Nesse momento a mão de Kahlan apareceu na cozinha querendo saber qual era o problema. Kahlan contou sua história, e a mulher ficou apavorada por estar sob a custódia da Guarda Doméstica, e pior, por encontrar-se diante da própria Madre Confessora.

— A mãe de Kahlan escutou a história dela, e a da mulher, e então falou para Kahlan que se você escolhe ajudar alguém então esse alguém torna-se sua responsabilidade, e era sua obrigação ajudar até que essa pessoa estivesse caminhando com os próprios pés novamente. Kahlan passou o dia seguinte em Kings Row, com a Guarda Doméstica arrastando a mulher atrás, indo de um Palácio até outro, procurando por alguém que precisasse de ajuda. Não teve muita sorte; todos sabiam que a mulher era uma beberona.

— Me senti culpada por dar uma palmada em Kahlan antes de ao menos ouvir suas razões para pegar meu pato assado. Eu tinha uma amiga, uma mulher séria no comando das cozinheiras em um dos Palácios, e então eu corri até lá e convenci ela a aceitar a mulher como empregada quando Kahlan levasse ela. Nunca falei para Kahlan o que eu tinha feito. A mulher

trabalhou lá por um longo tempo, mas ela nunca mais se aproximou do Palácio das Confessoras de novo. O filho mais jovem dela cresceu e entrou para a Guarda Doméstica. No verão passado ele foi ferido quando os D'Harans capturaram Aydindril, e morreu uma semana depois.

Richard também tinha lutado contra D'Hara, e no final matou seu governante, Darken Rahl. Ainda que ainda não conseguisse evitar sentir uma pontada de pesar por ter sido gerado por aquele homem maligno, não se sentia mais culpado por ser filho dele. Sabia que os crimes do pai não passavam para o filho, e certamente não era culpa de sua mãe que ela tivesse sido estuprada por Darken Rahl. Seu pai adotivo não amou a mãe de Richard menos por causa disso, nem mostrou menos amor por Richard pelo fato dele não ser do seu próprio sangue. Richard não teria amado menos o seu pai adotivo se soubesse que George Cypher não era seu pai verdadeiro.

Richard também era um mago, agora ele sabia. O dom, a força da magia dentro dele chamada Han, tinha sido passada por duas linhagens de magos: Zedd, seu avô por parte de mãe, e Darken Rahl, seu pai. Essa combinação tinha produzido nele magia que nenhum mago havia possuído em milhares de anos, não apenas Aditiva mas também Magia Subtrativa. Richard sabia pouco sobre ser um mago, ou sobre magia, mas Zedd o ajudaria a aprender, ajudaria ele a controlar o dom e usá-lo para ajudar pessoas.

Richard engoliu o pão que estava mastigando. — Essa parece a Kahlan que eu conheço.

A Senhora Sanderholt balançou a cabeça com tristeza. — Ela sempre sentiu uma profunda responsabilidade pelo povo de Midlands. Sei que machucou bem no fundo da alma dela que a mulher tivesse se voltado contra ela por causa da promessa de ouro.

— Nem todos fizeram isso, eu aposto, — Richard falou. — Mas é por isso que não deve contar para ninguém que ela ainda está viva. Para manter Kahlan segura, e protegê-la, ninguém deve saber a verdade.

— Você sabe que tem minha promessa, Richard. Mas acho que agora eles devem ter esquecido dela. Acho que se eles não conseguirem o ouro que lhes foi prometido, logo estarão brigando entre si.

— Então é por isso que todas aquelas pessoas estão reunidas do lado de fora do Palácio das Confessoras?

Ela assentiu. — Agora eles acreditam que possuem o direito, porque alguém da Ordem Imperial falou que eles receberiam. Ainda que o homem que disse isso agora esteja morto, é como se uma vez que suas palavras foram pronunciadas em voz alta, o ouro magicamente se tornasse deles. Se a Ordem Imperial não começar logo a entregar o ouro, imagino que não vai demorar muito para que aquelas pessoas nas ruas decidam invadir o Palácio e pegar ele.

— Talvez a promessa tivesse sido feita apenas como distração, e as tropas da Ordem estivessem com a intenção de ficar com o ouro, como pilhagem, e defendam o Palácio.

— Talvez você esteja certo. — Ela ficou com um olhar distante. — Pensando nisso, nem mesmo sei o que ainda estou fazendo aqui. Não pretendo ver a Ordem montar acampamento no Palácio. Não pretendo acabar trabalhando para eles. Talvez eu devesse partir, e ver se consigo encontrar um lugar para trabalhar onde as pessoas ainda estejam livres daquele grupo. Mesmo assim, parece tão estranho pensar em fazer isso; o Palácio tem sido meu lar durante a maior parte da minha vida.

Richard afastou os olhos do esplendor branco do Palácio das Confessoras, olhando para a cidade novamente. Ele deveria partir também, e deixar o antigo lar das Confessoras, e dos magos, para a Ordem Imperial? Mas como ele poderia fazer alguma coisa a respeito? Além disso, as tropas da Ordem provavelmente estavam procurando por ele. Seria melhor se eles escapulisse enquanto eles ainda estavam confusos e desorganizados depois da morte de seu conselho. Ele não sabia o que a Senhora Sanderholt deveria fazer, mas ele deveria partir antes que a Ordem o encontrasse. Precisava encontrar Kahlan e Zedd.

O rosnado de Gratch ficou mais forte como um som primitivo retumbante que agitou os ossos de Richard, e tirou ele de seus pensamentos. O Gar levantou lentamente. Richard escaneou a área lá embaixo novamente, mas não viu nada. O Palácio das Confessoras ficava sobre uma colina, com vista ampla de Aydindril, e dessa posição ele podia ver que havia tropas além dos muros, nas ruas da cidade, mas nenhuma delas estava perto dos

três na entrada lateral para o pátio isolado do lado de fora da entrada da cozinha. Não havia nada vivo a vista onde Gratch estava olhando.

Richard ficou de pé, seus dedos encontrando um pouco de segurança no cabo da espada. Ele era mais alto do que a maioria dos homens, mas o Gar agigantava-se diante dele. Embora não fosse mais do que um jovem, para um Gar, Gratch tinha quase sete pés de altura, Richard imaginava que o peso do Gar fosse quase duas vezes o dele. Gratch ainda deveria crescer mais um pé, talvez mais; Richard estava muito longe de ser um perito em Gars de cauda curta — não tinha visto muitos, e aqueles que viu estavam tentando matar ele. Richard, na verdade, matou a mãe de Gratch, em autodefesa, e de forma não intencional acabara adotando o pequeno órfão. Com o passar do tempo, eles tornaram-se grandes amigos.

Músculos sob a pele rosada do estômago e do peito poderosamente construídos da besta tufaram formando saliências. Ele ficou imóvel e tenso, suas garras preparadas do lado do corpo, suas orelhas peludas moviam-se na direção de coisas invisíveis. Mesmo ao caçar presas quando estava com fome, Gratch nunca tinha mostrado esse nível de ferocidade. Richard sentiu os pelos da nuca ficando eriçados.

Gostaria de conseguir lembrar quando ou onde tinha visto Gratch rosnando desse jeito. Finalmente ele colocou de lado seus agradáveis pensamentos em Kahlan e, com crescente urgência, concentrou sua atenção.

A Senhora Sanderholt ficou parada ao lado dele, olhando nervosamente de Gratch, para o local onde ele estava olhando. De aparência magra e frágil, ela não era uma mulher tímida de modo algum, mas se as suas mãos não estivessem enfaixadas, ele pensou que ela estaria apertando elas com força; ela parecia querer fazer isso.

De repente Richard sentiu-se bastante exposto nos largos degraus em campo aberto. Seus olhos cinzentos aguçados examinaram as sombras e lugares ocultos entre as colunas, muros, e diversas belvederes elegantes espalhadas pelas partes baixas do terreno do Palácio. Neve cintilante levantou com um jato de vento ocasional, mas nada mais se moveu. Ele observou com tanta atenção que isso fez os olhos dele arderem, mas ele não viu nada vivo, nenhum sinal de qualquer ameaça.

Mesmo sem ver nada, Richard começou a sentir uma crescente sensação de perigo, não apenas uma simples reação ao ver Gratch tão irritado, mas vindo de dentro dele mesmo, de seu Han, vindo das profundezas do peito dele, fluindo dentro das fibras do músculos dele, deixando eles tensos e preparados. A magia interior havia se transformado em outro sentido que geralmente o avisava quando seus outros sentidos não faziam isso. Percebeu que era isso que estava enviando um aviso para ele agora.

Uma vontade de correr, antes que fosse tarde demais, ardeu bem fundo em suas entranhas. Precisava alcançar Kahlan; não queria se envolver em nenhum problema. Poderia encontrar um cavalo, e apenas ir embora. Melhor ainda, poderia correr, agora, e encontrar um cavalo depois.

As asas de Gratch abriram quando ele agachou em uma posição ameaçadora, pronto para atirar-se no ar. Seus lábios recuaram, vapor saindo entre suas presas enquanto o rosnado ficava mais profundo, fazendo o ar vibrar.

A carne nos braços de Richard formigou. Sua respiração acelerou quando a sensação palpável de perigo convergiu em pontos de ameaça.

— Senhora Sanderholt, — ele falou enquanto seu olhar pulava de uma sombra para outra, — porque você não entra. Vou entrar e conversarei com você depois...

Suas palavras ficaram presas na garganta quando ele viu um leve movimento entre as colunas brancas — uma ondulação no ar, como o calor no ar acima de uma fogueira. Ficou olhando fixamente, tentando decidir se realmente tinha visto aquilo, ou apenas imaginado. Ele tentou freneticamente pensar o que poderia ser aquilo, se realmente tivesse visto algo. Poderia ter sido um jato de neve carregada por uma rajada de vento. Ele não viu nada enquanto se concentrava forçando os olhos.

Provavelmente não era nada mais do que a neve no vento, ele tentou afirmar para si mesmo.

Subitamente, a clara percepção surgiu dentro dele, como fria água escura brotando por uma fenda em um rio congelado. Richard lembrou quando foi que ouviu Gratch rosnar daquele jeito. Os cabelos da nuca dele

ficaram eriçados como finas agulhas de gelo em sua carne. Sua mão encontrou o cabo com metal trançado da espada.

— Vá. — ele sussurrou rapidamente para a Senhora Sanderholt. — Agora.

Sem hesitação, ela correu para os degraus e seguiu para a distante cozinha atrás dele enquanto o som do aço anunciou a chegada da Espada da Verdade no frio ar da manhã.

Como era possível que eles estivessem aqui? Não era possível, mesmo assim ele tinha certeza disso; podia sentir eles.

— Dance comigo, Morte. Estou pronto. — Richard murmurou, já em um transe com a fúria da magia que vinha da Espada da Verdade fluindo dentro dele. As palavras não eram dele, vieram da magia da espada, dos espíritos daqueles que usaram a arma antes dele. Junto com as palavras veio uma instintiva compreensão do significado delas: era uma oração, que significava dizer que poderia morrer hoje, então deveria se esforçar para fazer o melhor enquanto ainda estava vivo.

Do eco de outras vozes dentro dele surgiu a percepção de que as mesmas palavras também significavam algo completamente diferente: eram um grito de batalha.

Com um rugido, Gratch saltou no ar, suas asas erguendo ele depois de apenas uma batida. Neve rodopiou, girando no ar debaixo dele, movidas pelas poderosas batidas de suas asas que também abriram a capa de Mriswith de Richard.

Antes mesmo que ele pudesse ver eles se materializarem saído do ar do inverno, Richard conseguia sentir sua presença. Conseguia ver eles em sua mente mesmo que ainda não conseguisse enxergar com seus olhos.

Rugindo de fúria, Gratch desceu em linha reta na direção da base dos degraus. Perto das colunas, justamente quando o Gar os alcançou, eles começaram a ficar visíveis, escamas, garras e capas, brancas contra a neve. Brancas tão puras quanto a oração de uma criança.

Mriswith.

CAPÍTULO 3

Os Mriswith reagiram contra a ameaça, materializando-se enquanto lançavam-se até o Gar. A magia da espada, sua fúria, inundou Richard com sua força total quando ele viu seu amigo ser atacado. Ele saltou descendo os degraus, na direção da batalha.

Uivos chegaram até seus ouvidos enquanto Gratch cortava os Mriswith em pedaços. No calor do combate agora eles estavam visíveis.

Contra o branco da pedra e da neve, era difícil distingui-los claramente, mas Richard podia ver eles bem o bastante; havia quase dez tanto quanto ele poderia afirmar no meio de toda a confusão. Debaixo das capas, usavam peles simples tão brancas quanto o resto dos corpos deles. Richard tinha visto eles negros, mas sabia que os Mriswith poderiam aparentar ter a cor do ambiente ao redor. Uma pele lisa firme cobria suas cabeças descendo até os pescoços deles, onde elas começavam a transformar em escamas integradas. Bocas sem lábios se abriam para revelar pequenos dentes finos como agulhas. Nas suas garras ligadas por membranas, eles seguravam facas com três lâminas. Pequenos olhos, brilhantes de ódio, fixaram-se no Gar enfurecido.

Com grande velocidade, eles se espalharam em volta da forma escura no meio deles, suas capas brancas ondulando enquanto deslizavam pela neve, alguns caindo com o ataque, ou se esquivando para fora do alcance, escapando por pouco dos poderosos braços do Gar. Com brutal eficiência, o Gar segurou as garras dos outros, rasgando-as, lançando jatos de sangue na neve.

Eles estavam tão concentrados em Gratch que Richard desceu nas costas deles sem enfrentar oposição. Nunca tinha lutado com mais de um Mriswith ao mesmo tempo, e aquela tinha sido uma experiência formidável, mas com a fúria da magia pulsando através dele ele pensou apenas em ajudar Gratch. Antes que eles tivessem chance de se virar para a nova ameaça, Richard cortou dois. Gritos de morte penetrantes ecoaram no ar da manhã, os sons eram dolorosos nos ouvidos dele.

Richard sentiu outros atrás dele, na direção do Palácio. Ele girou bem a tempo de ver mais três surgirem repentinamente. Estavam correndo para entrar na luta, com apenas a Senhora Sanderholt no caminho deles. Ela gritou ao perceber que sua rota de fuga estava bloqueada pelas criaturas que avançavam. Virou e correu na frente deles. Richard podia ver que ela perderia a corrida, e ele estava longe demais para chegar a tempo.

Com um giro de sua espada, Richard cortou uma forma escamosa que se aproximava dele. — Gratch! — ele gritou. — Gratch!

Arrancando a cabeça de um Mriswilh, Gratch levantou os olhos. Richard apontou com a espada.

— Gratch! Proteja ela!

Gratch percebeu instantaneamente a natureza do perigo para a Senhora Sanderholt. Jogando para o lado a carcaça sem cabeça, ele saltou no ar. Richard se abaixou. Rápidas batidas das asas de couro do Gar ergueram ele por cima da cabeça de Richard e subindo os degraus.

Esticando-se, Gratch agarrou a mulher em seus braços peludos. Os pés dela saíram do chão, ficando acima das facas dos Mriswith. Abrindo bem as asas. Gratch subiu antes que o peso da mulher pudesse reduzir o seu impulso, descendo longe dos Mriswith, e então, com um poderoso bater de asas, interrompeu sua descida para colocar a Senhora Sanderholt no chão. Sem pausa, ele voltou rapidamente para a luta e, evitando habilidosamente as lâminas brilhantes, atacou com suas garras e presas.

Richard virou para os três Mriswith na base dos degraus. Permitindo que a fúria da espada tomasse conta dele, uniu-se com a magia e os espíritos daqueles que empunharam a espada antes dele. Tudo se movia com a lenta elegância de uma dança, a dança com a morte. Os três Mriswith correram na direção dele, circulando com fria graça, um violento ataque de lâminas. Girando, eles se espalharam, deslizando nos degraus para cercá-lo. Com grande eficiência, Richard acertou uma das criaturas com a ponta de sua espada.

Para a surpresa dele, as outras duas gritaram, — Não!

Surpreso, Richard congelou. Não sabia que os Mriswith podiam falar. Eles ficaram imóveis nos degraus, observando ele com olhares semelhantes aos de serpentes. Eles quase conseguiram passar por ele nos degraus, na direção de Gratch.

Concentrados no Gar, ele presumiu, eles queriam passar por ele.

Richard subiu os degraus rapidamente, bloqueando o caminho deles. Novamente eles se dividiram, cada um seguindo por um lado. Richard fingiu atacar o que estava na esquerda, e então girou para golpear o outro. Sua espada despedaçou as lâminas triplas em uma de suas garras. Sem pausa, o Mriswith girou, evitando o golpe mortal da lâmina de Richard, mas quando a criatura aproximou, reduzindo a distância para dar o seu próprio golpe, ele puxou a espada de volta, cortando o pescoço dela. Com um uivo, o Mriswith desmoronou no chão, contorcendo, espalhando sangue na neve.

Antes que Richard pudesse virar para encarar o outro, ele atirou-se por trás. Os dois rolaram pelos degraus. Sua espada e uma das facas de três lâminas caíram na pedra lá embaixo, escorregando para fora de alcance, e desaparecendo debaixo da neve.

Eles rolaram, cada um tentando obter vantagem. Com o seu braço escamoso comprimindo o peito dele, a forte besta tentou espremer o estômago de Richard. Ele podia sentir a respiração fétida na sua nuca.

Embora não pudesse enxergar a espada dele, ele podia sentir sua magia, e sabia exatamente onde ela estava. Tentou se esticar para alcançá-la, mas o peso do Mriswith impedia. Tentou se arrastar, mas a rocha escorregadia com a neve não fornecia apoio suficiente. A espada continuava fora de alcance.

Fortalecido por sua raiva, Richard levantou cambaleante. Ainda agarrado nele com os dois braços escamosos, o Mriswith deslizou uma das pernas na perna dele. Richard caiu de cara no chão, o peso do Mriswith em suas costas tirando o ar de seus pulmões. A segunda faca do Mriswith pairava bem perto de seu rosto.

Grunhindo por causa do esforço, Richard levantou o corpo com um dos braços e com o outro bloqueou o punho que segurava a faca. Com um

veloz e poderosos movimento, ele empurrou o Mriswith para trás, mergulhou debaixo do braço, e, quando levantou novamente, torceu ele dando uma volta completa. Osso estalou. Com sua outra mão, Richard levou a faca que estava em seu cinto até o peito da criatura. O Mriswith, com capa e tudo, assumiu uma cor pálida esverdeada.

— Quem enviou vocês! — Quando ele não respondeu, Richard torceu o braço dele, segurando ele atrás das costas da besta. — Quem enviou vocês!

O Mriswith fraquejou. — O Andarilho dos Sonhossss. — ele sibilou.

— Quem é o Andarilho dos Sonhos? Porque vocês estão aqui?

Ondas de cor amarela cobriram o Mriswith. Seus olhos arregalaram quando ele tentou novamente escapar.

— Olhos verdesssss!

Um golpe súbito fez Richard recuar. Um raio de pelo negro agarrou o Mriswith. Garras curvaram a cabeça dele para trás. Presas mergulharam no pescoço dele. Um poderoso puxão rasgou sua garganta. Assustado, Richard procurava respirar.

Antes que pudesse recuperar o fôlego, o Gar, com os olhos verdes selvagens, aproximou-se rapidamente dele. Richard jogou os braços para cima quando a grande besta chocou-se contra ele. A faca voou de sua mão. O tamanho do Gar era sufocante, sua incrível força esmagadora. Richard parecia estar tentando conter uma montanha que estava desmoronando nele. Presas gotejantes estavam perto do rosto dele.

— Gratch! — Ele agarrou o pelo dele. — Gratch! Sou eu, Richard! — O rosto irritado afastou um pouco. Vapor soprava a cada respiração, espalhando o fedor pútrido do sangue do Mriswith. Os olhos verdes brilhantes piscaram.

Richard bateu no peito dele. — Está tudo bem, Gratch. Acabou. Acalme-se.

Os músculos de ferro dos braços que o seguravam afrouxaram. O rosnado transformou-se em um sorriso. Lágrimas brotaram nos olhos dele, Gratch apertou Richard contra o peito.

— Grrratch luuug Raaaach aaarg.

Dando tapinhas nas costas do Gar, Richard se esforçou para conseguir que o ar entrasse em seus pulmões. — Também amo você, Gratch.

Gratch, com o brilho verde de volta nos olhos, segurou Richard para realizar uma inspeção, como se desejasse ter certeza que seu amigo estava intacto. Ele soltou um gorgolejo indicando seu alívio, se era por descobrir que Richard estava seguro ou por ter parado antes de rasgá-lo em pedaços, Richard não tinha certeza, mas sabia que ele também estava aliviado que aquilo tivesse acabado. Seus músculos, com o medo, a raiva, e a fúria desaparecendo subitamente, latejaram com uma leve dor.

Richard respirou profundamente com a sensação de ter sobrevivido ao ataque repentino, mas ele estava inquieto com a súbita mudança do comportamento gentil de Gratch para aquela ferocidade mortal. Olhou ao redor, para aquela assustadora quantidade asquerosa de sangue espalhado na neve. Gratch não tinha feito tudo aquilo. Quando ele afastou o último vestígio da raiva da magia, lhe ocorreu que talvez Gratch enxergasse ele de uma forma parecida. Assim como Richard, Gratch havia respondido a uma ameaça.

— Gratch, você sabia que eles estavam aqui, não sabia?

Gratch assentiu de maneira entusiasmada, adicionando um leve rosnado para deixar claro. Richard teve o pensamento de que na última vez em que tinha visto Gratch rosnando com tanto fervor, do lado de fora da Floresta Hagen, Deve ter sido porque ele sentiu a presença do Mriswith.

As Irmãs da Luz disseram que ocasionalmente os Mriswith deixavam a Floresta Hagen, e que ninguém, nem as Irmãs da Luz, feiticeiras, ou até mesmo magos, tinha sido capaz e perceber a presença deles, ou tinha sobrevivido a um encontro com eles. Richard conseguiu sentir eles porque era o primeiro em cerca de três mil anos a nascer com os dois lados do dom. Então como Gratch sabia que eles estavam ali?

— Gratch, você conseguiu ver eles? — Gratch apontou para algumas das carcaças, como se estivesse mostrando onde eles estavam para Richard. — Não, eu consigo ver eles agora. Eu quero dizer antes, quando eu estava conversando com a Senhora Sanderholt e você estava rosnando. Conseguiu ver eles? — Gratch balançou a cabeça dele. — Conseguiu escutar eles, ou sentir o cheiro? — Gratch ficou pensativo, suas orelhas agitadas, e então balançou a cabeça novamente. — Então como sabia que eles estavam ali, antes que pudéssemos ver?

Grandes sobrancelhas se juntaram quando a besta franziu a testa olhando para Richard. Ele encolheu os ombros, parecendo perplexo com sua falha em fornecer uma resposta satisfatória.

— Quer dizer que antes que pudesse ver, você conseguiu sentir eles? Alguma coisa dentro de você avisou que eles estavam ali?

Gratch sorriu e assentiu, feliz que Richard pareceu entender. Aquilo era parecido com o modo como Richard sabia que eles estavam lá; antes que pudesse ver, ele conseguiu sentir, viu eles em sua mente. Mas Gratch não tinha o dom. Como ele poderia fazer isso?

Talvez fosse apenas porque animais podiam sentir coisas antes que as pessoas pudessem. Lobos normalmente sabiam que você estava ali antes que você soubesse que eles estavam. Geralmente, a única vez em que você sabia que um veado estava em um bosque era quando ele corria, por ter sentido sua presença antes que você o enxergasse. Animais geralmente tinham os sentidos mais aguçados do que as pessoas, e predadores eram alguns dos melhores. Gratch certamente era um predador. Aquele sentido pareceu ter servido a ele melhor do que a magia de Richard.

A Senhora Sanderholt, que havia descido os degraus, colocou uma das mãos enfaixadas no braço peludo de Gratch. — Gratch... obrigada. — Ela virou para Richard, baixando a voz. — Pensei que ele me mataria também. — ela confidenciou. Olhou para vários dos corpos despedaçados. — Eu vi Gars fazendo isso com pessoas. Quando ele me agarrou daquele jeito, pensei que certamente ele me mataria. Mas eu estava errada; ele é diferente. — Ela olhou novamente para Gratch. — Você salvou minha vida. Obrigada.

O sorriso de Gratch mostrou todo o tamanho de suas presas ensanguentadas. A visão fez ela engolir em seco.

Richard olhou para o rosto sorridente de aparência sinistra. — Pare de sorrir, Gratch. Está assustando ela de novo.

Sua boca baixou, seus lábios cobriram suas ameaçadoras presas afiadas. Seu rosto enrugado mostrou uma expressão aborrecida. Gratch via a si mesmo como adorável, e parecia pensar que seria natural que todos os outros o enxergassem assim também.

A Senhora Sanderholt passou a mão no braço de Gratch. — Tudo bem. O seu sorriso é sincero, e bonito da sua própria maneira. Apenas não estou... acostumada com ele, só isso.

Gratch sorriu para a Senhora Sanderholt outra vez, adicionando um repentino bater de asas animado. Incapaz de evitar, a Senhora Sanderholt recuou um passo. Ela estava começando a entender que esse Gar era diferente daqueles que sempre representaram ameaça para as pessoas, mas seus instintos ainda governavam essa percepção.

Gratch se aproximou da mulher, para dar um abraço. Richard tinha certeza que ela morreria de medo antes que percebesse as boas intenções do Gar, então ele colocou um braço na frente de Gratch.

— Ele gosta de você, Senhora Sanderholt. Ele só queria dar um abraço, só isso. Mas acho que sua gratidão é suficiente.

Rapidamente ela recuperou a compostura. — Bobagem. — Sorrindo calorosamente, ela abriu os braços. — Eu gostaria de um abraço, Gratch.

Gratch gorgolejou de alegria e levantou ela. Suavemente, Richard pediu a Gratch para ser gentil. A Senhora Sanderholt soltou uma risada abafada. Logo que estava de volta no chão, ela arrumou a forma magra no vestido e ajeitou o xale nos ombros. Ela sorriu calorosamente.

— Você tem razão, Richard. Ele não é um bicho de estimação. É um amigo.

Gratch assentiu com entusiasmo, suas orelhas balançando enquanto batia suas asas novamente.

Richard tirou uma capa branca, uma que estava quase limpa, de um Mriswith que estava perto. Ele pediu permissão para a Senhora Sanderholt, e quando ela concedeu, colocou-a na frente de uma porta de carvalho que conduzia até uma pequena construção de pedra com teto baixo. Ele colocou a capa nos ombros dela e colocou o capuz sobre a cabeça dela.

— Quero que você se concentre. — ele disse. — Concentre-se no marrom da porta atrás de você. Segure as pontas da capa unidas debaixo do queixo, e feche os olhos se isso ajudar a se concentrar. Imagine que você faz parte da porta, que é da mesma cor dela.

Ela fez uma careta. — Porque tenho que fazer isso?

— Quero ver se você consegue parecer invisível como eles estavam.

— Invisível!

Richard sorriu, encorajando-a. — Pode apenas fazer uma tentativa?

Ela deu um suspiro e finalmente concordou. Os olhos dela fecharam lentamente. Sua respiração ficou uniforme e lenta. Nada aconteceu. Richard esperou um pouco mais, mas ainda assim, nada aconteceu. A capa continuou branca, nem um pedacinho dela ficou marrom. Finalmente ela abriu os olhos.

— Eu fiquei invisível? — ela perguntou, parecendo estar com medo de que tivesse ficado.

— Não. — Richard admitiu.

— Achei que não. Mas como esses horríveis homens cobra conseguem ficar invisíveis? — Ela tirou a capa dos ombros e tremeu de repulsa. — E o que fez você pensar que eu conseguiria fazer isso?

— Eles são chamados Mriswith. É a capa que permite que eles façam isso, então pensei que talvez você também pudesse.

Ela observou ele com uma expressão de dúvida. — Veja, deixe que eu mostre.

Richard tomou o lugar dela diante da porta e baixou o capuz da capa de Mrs. With dele. Fechando a capa, ele concentrou sua mente na tarefa. No espaço de um suspiro, a capa ficou exatamente da mesma cor que ela enxergava atrás dele. Richard sabia que a magia da capa, aparentemente com a ajuda da sua própria magia, de algum modo envolvia as partes expostas dele também, assim ele parecia desaparecer.

Quando ele se moveu na frente da porta, a capa mudava para acompanhar continuamente o que ela estava vendo por trás dele; quando ele andou na frente da pedra branca, os pálidos blocos e as juntas sombreadas pareciam deslizar através dele, imitando a imagem de fundo como se ela realmente estivesse enxergando através dele. Richard sabia por experiência que mesmo se o fundo fosse complexo, não fazia diferença; a capa podia reproduzir tudo atrás dele.

Enquanto Richard se afastava, a Senhora Sanderholt continuava olhando para a porta, onde tinha visto ele pela última vez.

Os olhos de Gratch, entretanto, nunca desviavam dele. Ameaça surgiu naqueles olhos verdes enquanto o Gar seguia os movimentos de Richard. Um rosnado cresceu na garganta do Gar.

Richard deixou sua concentração relaxar. As cores do fundo deixaram a capa, fazendo ela voltar a ficar negra quando ele jogava o capuz para trás. — Ainda sou eu, Gratch.

A Senhora Sanderholt tomou um susto, virando para descobrir a nova localização dele.

O rosnado de Gratch desapareceu, e sua expressão abrandou, primeiro mostrando confusão, e então um sorriso. Ele riu do novo jogo soltando um gorgolejo baixo.

— Richard, — a Senhora Sanderholt gaguejou, — como você fez isso? Como ficou invisível?

— É a capa. Na verdade ela não faz com que eu fique invisível, mas de algum modo ela pode mudar de cor para combinar com o fundo,

assim ela engana os olhos. Acho que é preciso magia para fazer a capa funcionar, e você não tem nenhuma, mas eu nasci com o dom então ela funciona comigo. — Richard olhou para os Mriswith caídos ao redor. — Acho que seria melhor queimar essas capas, para evitar que elas caiam nas mãos erradas.

Richard disse a Gratch para buscar as capas no topo dos degraus enquanto ele se abaixava para pegar as que estavam ali embaixo.

— Richard, você acha que poderia ser... perigoso usar a capa de uma dessas criaturas malignas?

— Perigoso? — Richard endireitou o corpo e coçou atrás do pescoço. — Não vejo como. Tudo que ela faz é mudar de cor. Você sabe, do mesmo jeito que alguns sapos e salamandras podem mudar de cor para se misturar com qualquer coisa onde estejam, como uma pedra, um tronco, ou uma folha.

Ela o ajudou, o melhor que podia com suas mãos enfaixadas, a dobrar as capas formando um monte. — Eu já vi um sapo desses. Sempre achei que o fato deles conseguirem fazer isso era uma das maravilhas do Criador. — Ela sorriu para ele.

— Talvez o Criador esteja abençoando você com o mesmo recurso, porque você tem o dom. Que Ele seja louvado; Sua bênção ajudou a nos salvar.

Enquanto Gratch entregava o resto das capas, uma de cada vez, para que ela pudesse colocar junto com as outras, a ansiedade apertou como braços em volta do peito de Richard. Ele olhou para o Gar.

— Gratch, você não sente mais nenhum Mriswith em lugar algum, sente?

O Gar entregou a última capa para a Senhora Sanderholt e então olhou para longe, procurando atentamente. Finalmente, ele balançou a cabeça. Richard suspirou aliviado.

— Tem alguma ideia de onde eles vieram, Gratch? Qualquer direção em particular?

Gratch olhou em volta outra vez, examinando os arredores. Durante um momento de silêncio, sua atenção fixou na Fortaleza do Mago, mas depois ele continuou. Finalmente, ele encolheu os ombros, parecendo pedir desculpas.

Richard escaneou a cidade de Aydindril, estudando as tropas da Ordem Imperial que conseguia enxergar lá embaixo. Elas eram formadas por homens de várias nações, ele ouviu dizerem, mas reconheceu a cota de malha, armadura, e o couro escuro usado pela maioria deles: D'Harans.

Richard amarrou as pontas soltas da última capa, formando uma trouxa bem apertada, e então jogou no chão. — O que aconteceu com as suas mãos?

Ela esticou as mãos, virando-as. As tiras de tecido branco estavam manchadas com pingos de gordura, temperos, e óleos, e sujas de cinzas e fuligem de fogueiras. — Eles arrancaram minhas unhas com tenazes para me obrigar a testemunhar contra a Madre Confessora... contra Kahlan.

— E você fez isso? — Quando ela afastou os olhos, Richard ficou envergonhado ao perceber como a sua pergunta deve ter soado.

— Sinto muito, saiu sem querer. É claro que ninguém poderia esperar que você desafiasse as ordens deles sob tortura.

— A verdade não importa para pessoas como aquelas. Kahlan não acreditaria que você tivesse traído ela.

Ela encolheu os ombros quando baixou as mãos. — Eu não falaria as coisas que eles queriam que eu falasse sobre ela. Ela entendeu, assim como você disse. A própria Kahlan ordenou que eu testemunhasse contra ela para impedir que eles fizessem mais. Mesmo assim, foi terrível falar aquelas mentiras.

— Eu nasci com o dom, mas não sei como usá-lo, ou veria o que poderia fazer para ajudar. Sinto muito. — Ele se encolheu mostrando compaixão. — Pelo menos a dor está começando a diminuir?

— Com a Ordem Imperial no comando em Aydindril, eu temo que a dor esteja apenas começando.

— Foram os D'Harans que fizeram isso com você?

— Não. Foi um mago Kelteano que ordenou. Quando Kahlan escapou, ela o matou. Entretanto, a maioria das tropas da Ordem em Aydindril são D'Harans.

— Como eles estão tratando as pessoas da cidade?

Ela esfregou as mãos enfaixadas nos braços, como se estivesse com frio no ar do inverno, Richard quase colocou sua capa em volta dos ombros dela mas ao invés disso, pensando melhor, ajudou-a arrumando seu xale.

— Ainda que D'Hara tenha conquistado Aydindril, no outono passado, e suas tropas fossem brutais na luta, desde que derrubaram toda oposição e tomaram a cidade eles não foram tão cruéis, enquanto as ordens deles estavam sendo seguidas. Talvez eles simplesmente considerassem que o prêmio deles tinha mais valor intacto.

— Poderia ser isso mesmo, eu suponho. E quanto a Fortaleza? Eles tomaram conta dela também?

Ela olhou por cima do ombro, para cima da montanha. — Não tenho certeza, mas acho que não; a Fortaleza é protegida por feitiços, e pelo que ouvi falar, as tropas D'Haran temem a magia.

Richard esfregou o queixo, pensativo, — O que aconteceu depois que a guerra com D'Hara terminou?

— Aparentemente, os D'Harans, entre outros, fizeram pactos com a Ordem Imperial. Lentamente, os Kelteanos assumiram o comando, com os D'Harans que restaram sendo a maioria dos músculos mas aceitando o governo da cidade. Os Kelteanos não temem a magia do mesmo jeito que os D'Harans. O Príncipe Fyren, de Kelton, e aquele mago Kelteano comandaram o Conselho. Agora com o Príncipe, o mago, e o Conselho mortos, não tenho certeza de quem está no comando exatamente. Os D'Harans, eu suponho, que ainda nos deixam sob o controle da Ordem Imperial.

— Sem a Madre Confessora e os magos, tenho medo de nosso destino. Sei que ela precisava partir ou seria assassinada, mas ainda assim...

A voz dela sumiu, então ele concluiu. — Desde que Midlands foi criada e Aydindril fundada para ser o seu coração, ninguém além da Madre Confessora governou aqui.

— Você conhece a história?

— Kahlan me contou uma parte. Ela ficou muito triste por ter que abandonar Aydindril, mas eu lhe asseguro, não vamos deixar que a Ordem o tenha, do mesmo jeito, não deixaremos que ela domine Midlands.

A Senhora Sanderholt olhou para longe com resignação. — O que era, não existe mais. Com o tempo, a Ordem vai reescrever a história desse lugar, e Midlands será esquecida.

— Richard, sei que está ansioso para encontrar com ela. Encontrem um lugar para viverem suas vidas em paz e liberdade.

— Não fique amargo por causa do que foi perdido. Quando encontrar com ela, diga que embora houvesse pessoas comemorando o que eles pensaram ser a execução dela, muitos mais ficaram desolados ao ouvir que ela estava morta. Nas semanas desde que ela fugiu tenho visto o lado que ela não viu. Assim como em todo lugar, aqui tem pessoas más, gananciosas, mas também tem pessoas boas, que sempre lembrarão dela. Ainda que agora estejamos sujeitos à Ordem Imperial, enquanto vivermos, a lembrança de Midlands viverá em nossos corações.

— Obrigado. Senhora Sanderholt. Sei que ela ficará feliz em ouvir que nem todos se viraram contra ela e Midlands. Mas não desista da esperança. Enquanto Midlands viver em nossos corações, há esperança. Vamos vencer.

Ela sorriu, mas no fundo dos olhos dela ele conseguiu ver pela primeira vez o desespero. Ela não acreditava nele. A vida sob a Ordem, breve como tenha sido, foi brutal o bastante para extinguir até mesmo a centelha da esperança; foi por isso que ela não se preocupou em sair de Aydindril. Para onde ela iria?

Richard tirou sua espada da neve e esfregou a lâmina brilhante limpando-a na roupa de pele de um Mriswith.

Colocou a espada de volta em sua bainha.

Os dois viraram ao escutar o som de sussurros nervosos para ver uma multidão de trabalhadores de cozinha reunidos perto do topo dos degraus, observando incrédulos a carnificina na neve, e Gratch. Um homem tinha pegado uma das facas com três lâminas, e estava virando ela, examinando. Temendo descer os degraus, até perto de Gratch, ele fez gesticulou insistentemente para chamar a atenção da Senhora Sanderholt. Irritada, ela fez um sinal, pedindo que ele se aproximasse.

Ele parecia estar curvado mais por uma vida de trabalho duro do que pela idade, embora seu cabelo fino estivesse ficando cinzento. Ele desceu os degraus com um andar arrastado como se estivesse carregando um pesado saco de grãos em seus ombros arredondados. Ele fez uma rápida reverência mostrando respeito para Senhora Sanderholt enquanto seu olhar desviava dela, para os corpos, para Gratch, Richard, e voltava a ela.

— O que foi, Hank?

— Problema, Senhora Sanderholt.

— Estou um pouco ocupada, no momento, com meus próprios problemas. Será que vocês todos não conseguem tirar o pão dos fornos sem que eu esteja presente?

A cabeça dele balançou. — Sim, Senhora Sanderholt. Mas esse problema é sobre... — Ele lançou um olhar para uma carcaça fedorenta de Mriswith ali perto. — ...sobre essas coisas.

Richard endireitou o corpo. — O que tem eles?

Hank olhou para a espada na cintura dele, e então evitou os olhos dele. — Acho que... — Quando olhou para Gratch, e o Gar sorriu, o homem perdeu a voz.

— Hank, olhe para mim. — Richard esperou até ele obedecer. — O Gar não vai machucá-lo. — Essas coisas são chamadas de Mriswith. Gratch e eu matamos eles. Agora fale sobre o problema.

Ele esfregou as palmas das mãos nas calças de lã. — Dei uma olhada nas facas deles, naquelas três lâminas delas. Parece que foram elas que fizeram isso. — A expressão dele ficou sombria. — As notícias estão se espalhando, gerando pânico. Pessoas estão sendo mortas. O detalhe é que

ninguém viu o que fez isso. Todos que foram mortos tiveram seus estômagos cortados por alguma coisa com três lâminas.

Com um suspiro angustiado, Richard passou uma das mãos no rosto. — É desse jeito que os Mriswith matam; eles estripam suas vítimas, e você nem consegue ver eles se aproximando. Onde essas pessoas foram mortas?

— Por toda cidade, quase ao mesmo tempo, logo na primeira luz do dia. Pelo que ouvi falar, imagino que deveriam ser assassinos separados. Pelo número dessas coisas Mriswith eu apostaria que estou certo. Os mortos formam rastros, como as marcas de uma roda, todos conduzindo até aqui.

— Eles mataram qualquer um que estivesse no caminho deles. Homens, mulheres, até cavalos. As tropas ficaram alvoroçadas, quando alguns de seus homens perceberam isso também, e o resto deles parece pensar que é algum tipo de ataque. Uma dessas coisas Mriswith entrou bem no meio da multidão reunida na rua. O bastardo não se preocupou em dar a volta, simplesmente abriu caminho cortando através da multidão. — Hank lançou um olhar triste para a Senhora Sanderholt. — Um entrou no Palácio. Matou uma empregada, dois guardas, e Jocelyn.

A Senhora Sanderholt arfou e cobriu a boca com uma das mãos enfaixadas. Os olhos dela fecharam enquanto ela fazia um oração.

— Sinto muito. Senhora Sanderholt, mas acho que Jocelyn não sofreu; encontrei ela bem ali, e ela já estava morta.

— Tem mais alguém do pessoal da cozinha?

— Só Jocelyn. Ela estava em uma missão, não estava nas cozinhas.

Gratch olhou para Richard silenciosamente enquanto observava lá em cima da montanha, os muros de pedra. A neve lá em cima estava rosada sob a luz do amanhecer. Ele apertou os lábios de frustração quando olhou para a cidade outra vez, com bile subindo em sua garganta.

— Hank.

— Senhor?

Richard virou. — Quero que junte alguns homens. Carreguem os Mriswith para frente do Palácio e coloque-os em fila pela entrada. Faça isso agora, antes que eles congelem e fiquem rígidos. — Os músculos em sua mandíbula tufaram enquanto ele cerrava os dentes. — Coloque as cabeças soltas em lanças. Coloque elas bem alinhadas, de cada um dos lados, para que qualquer pessoa que entre no palácio tenha que caminhar entre elas.

Hank limpou a garganta, com se estivesse prestes a protestar, mas então olhou para a espada na cintura de Richard e ao invés disso falou, — Imediatamente, senhor. — Ele balançou a cabeça para a Senhora Sanderholt e correu até o Palácio para conseguir ajuda.

— Os Mriswith devem ter magia. Talvez o medo dela pelo menos mantenha os D'Harans longe do Palácio por algum tempo.

Rugas de preocupação surgiram na testa dela. — Richard, como você diz, aparentemente essas criaturas tinham magia. Alguém além de você poderia enxergar esses homens serpente quando eles estão se esgueirando, mudando de cor?

Richard balançou a cabeça. — Pelo que sei, apenas a minha magia especial consegue sentir eles. Mas obviamente Gratch também consegue.

— A Ordem Imperial prega a maldade da magia, e daqueles que a possuem. E se esse Andarilho dos Sonhos tiver enviado os Mriswith para matar aqueles que possuem magia?

— Parece razoável. Onde você quer chegar?

Com expressão séria, ela observou ele por algum tempo. — O seu avô, Zedd, tem magia, e Kahlan também.

Calafrios subiram pelos braços dele ou escutar ela colocar em palavras os próprios pensamentos dele. — Eu sei, mas acho que tive uma ideia. Por enquanto, preciso fazer alguma coisa a respeito do que está acontecendo aqui; a respeito da Ordem.

— O que você pretende fazer? — Ela soltou um suspiro e suavizou o tom. — Não quero ofender, Richard.

— Ainda que tenha o dom, você não sabe como usá-lo. Não é um mago; não pode ajudar aqui. Vá, enquanto pode.

— Para onde! Se os Mriswith podem me alcançar aqui, podem me alcançar em qualquer lugar. Não existe lugar onde se esconder por muito tempo.

Ele olhou para longe, sentindo o calor no rosto. — Sei que não sou um mago.

— Então o que...

Ele lançou um olhar firme para ela. — Kahlan, como a Madre Confessora, em nome de Midlands, convocou Midlands para guerra contra a Ordem, contra sua tirania. A causa da Ordem é exterminar toda a magia e governar todos os povos. Se não lutarmos, todos os povos livres, e todos que possuem magia, serão assassinados ou escravizados. Não pode haver paz alguma para Midlands, para qualquer terra, para qualquer povo livre, até que a Ordem Imperial seja esmagada.

— Richard, tem muitos deles aqui. O que você espera conseguir fazer sozinho?

Ele estava cansado de ser pego de surpresa e nunca saber o que viria atrás dele em seguida. Estava cansado de ser mantido prisioneiro, torturado, treinado, de ouvir mentiras, de ser usado. De ver pessoas indefesas massacradas. Tinha que fazer alguma coisa.

Embora não fosse um mago, ele conhecia magos. Zedd estava apenas algumas semanas de distância, ao sudoeste. Zedd entenderia a necessidade de livrar Aydindril da Ordem Imperial, e de proteger a Fortaleza do Mago. Se a Ordem destruísse essa magia, quem sabe o que ficaria perdido para sempre?

Se fosse preciso, havia outros, no Palácio dos Profetas no Mundo Antigo, que poderiam estar dispostos, e capazes, para ajudar. Warren era seu amigo, e mesmo que não estivesse completamente treinado, era um mago, e conhecia a respeito da magia. Mais do que Richard, de qualquer modo.

Irmã Verna também ajudaria. As Irmãs eram feiticeiras e tinham o dom, ainda que ele não fosse tão poderoso quanto o de um mago. Porém,

ele não confiava em nenhuma outra além de Irmã Verna. A não ser, talvez, a Prelada Annalina. Ele não gostou do modo como ela escondeu informações dele, e distorceu a verdade para servir as suas necessidades, mas não foi por maldade; tinha feito o que precisava fazer preocupando-se com os vivos. Sim, Ann poderia ajudá-lo.

E então havia Nathan, o profeta. Nathan, vivendo sob o feitiço do Palácio durante a maior parte de sua vida, tinha quase mil anos de idade. Richard não conseguia nem imaginar o que aquele homem sabia. Ele sabia que Richard era um mago guerreiro, o primeiro a nascer em milhares de anos, e ajudou ele a entender e aceitar o significado disso. Nathan ajudou ele antes, e Richard estava razoavelmente certo que ajudaria novamente; Nathan era um Rahl, ancestral de Richard.

Pensamentos desesperados correram através de sua mente. — O agressor faz as regras. De algum modo, eu devo mudá-las.

— O que você vai fazer?

Richard olhou para a cidade. — Preciso fazer alguma coisa que eles não esperam. — Passou os dedos sobre os fios de ouro que formavam a palavra VERDADE no cabo da espada, e ao mesmo tempo sentiu a efervescente textura de sua magia. — Eu empunho a Espada da Verdade, entregue a mim por um mago verdadeiro. Tenho uma responsabilidade. Eu sou o Seeker. — Em uma neblina de fúria que crescia com o pensamento nas pessoas sendo assassinadas pelos Mriswith, ele sussurrou para si mesmo, — Juro que farei o Andarilho dos Sonhos ter pesadelos.

CAPÍTULO 4

Meus braços estar mesmo coçando como se tivessem formigas. — Lunetta reclamou. — Ser mais forte aqui.

Tobias Brogan olhou para trás, por cima do ombro. Pedacos e tiras de pano esfarrapado e desbotado sacudiam na luz fraca enquanto Lunetta se coçava. Entre as fileiras de homens adornados com armaduras e cotas de malha brilhantes, guarnecidas com capas vermelhas, a forma encolhida e curvada dela sobre o cavalo fazia parecer que ela estava espiando do meio de um monte de trapos.

Suas bochechas rechonchudas formavam cavidades com um sorriso que exibia a falta de um dente enquanto ela ria e se coçava novamente.

A boca de Brogan torceu de desgosto, e ele virou para longe, alisando seu fino bigode enquanto seu olhar passava novamente sobre a Fortaleza do Mago lá em cima, no lado da montanha. Os muros de pedra cinza escura recebiam os primeiros raios fracos do sol do inverno que avermelhava a neve nos pontos mais altos. A boca dele ficou mais tensa.

— Magia, eu digo, meu Lorde General — Lunetta insistiu. — Tem magia aqui. Magia poderosa. — Ela continuou tagarelando, resmungando sobre o modo como isso fazia a pele dela ficar arrepiada.

— Silêncio, sua bruxa velha. Mesmo os menos inteligentes não precisariam do seu talento desprezível para saber que Aydindril ferve com a corrupção da magia.

Olhos selvagens cintilaram debaixo das sobrancelhas carnudas dela. — Esta ser diferente de qualquer uma que você já tenha visto. — ela falou com uma voz fina demais para o resto dela. — Diferente de qualquer uma que eu já senti antes. E uma parte estar ao sudoeste também, não apenas aqui. — Ela coçou os antebraços com mais força enquanto tagarelava novamente.

Brogan olhou além dos amontoados de pessoas apressadas descendo a rua, lançando um olho crítico para os Palácios alinhados pela

rua larga chamada, ele tinha sido informado, Kings Row. Os Palácios deveriam impressionar quem os via com a riqueza, poder, e o espírito do povo que representavam. Cada uma das estruturas competiam pela atenção com altas colunas, ornamentação elaborada, e conjuntos de janelas chamativas, telhados, e entablamentos decorados. Para Tobias Brogan, eles pareciam nada mais do que pavões de pedra: um desperdício de ostentação, se alguma vez ele tivesse visto um.

Em uma distante elevação estendia-se o Palácio das Confessoras, suas colunas de pedra e pináculos impossíveis de serem comparados com a elegância de Kings Row, e de algum modo mais branco do que a neve ao redor dele, como se tentasse mascarar a profanação de sua existência com a ilusão de pureza. O olhar de Brogan sondou os recessos do santuário de perversidade, o santuário do poder da magia sobre os humildes, enquanto seus dedos ossudos acariciavam distraidamente o estojo de couro dos troféus no cinto dele.

— Meu Lorde General, — Lunetta insistiu, inclinando-se para frente, — escutou o que eu disse...

Brogan deu um giro, suas botas polidas chiando contra o tribo de couro no frio. — Galtero!

Olhos que pareciam gelo negro brilharam sob um elmo polido, debaixo de uma crista de pelo de cavalo tingida de vermelho para combinar com a capa dos soldados. Ele segurava suas rédeas com facilidade em uma das mãos com manopla enquanto ele oscilava na sela com a graça fluida de um leão da montanha. — Lorde General?

— Se a minha irmã não conseguir ficar quieta quando eu mandar, — lançou um olhar sério para ela — amordace-a.

Lunetta disparou um olhar inquieto para o homem de ombros largos que cavalgava ao lado dela, para sua armadura polida quase até a perfeição e cota de malha, para suas armas bem afiadas. Ela abriu a boca para protestar, mas quando olhou novamente para aqueles olhos gelados fechou-a outra vez, e ao invés disso coçou os braços. — Me perdoe, Lorde General Brogan. — ela resmungou baixando a cabeça com respeito na direção de seu irmão.

Galtero deu um passo para o lado com seu cavalo agressivamente aproximando-se de Lunetta, seu poderoso cavalo cinzento emparelhando com a égua baia dela. — Silêncio, *Streganicha*.

As bochechas dela ficaram coradas com o insulto, e seus olhos, por um instante, brilharam ameaçadoramente, mas rapidamente isso desapareceu, e ela pareceu murchar dentro dos seus panos esfarrapados enquanto seus olhos baixaram mostrando submissão.

— Eu não ser uma bruxa. — ela sussurrou para si mesma.

Uma sobrancelha levantou acima de um olho frio, fazendo ela afundar mais ainda, e ela ficou em silêncio de vez.

Galtero era um bom homem; o fato de Lunetta ser irmã do Lorde General Brogan não serviria de nada se a ordem fosse dada. Ela era *Streganicha*, uma pessoa marcada pelo mal. Se a ordem fosse dada, Galtero ou qualquer um dos outros homens derramaria o sangue dela sem um momento de hesitação ou arrependimento.

Que ela fosse da família de Brogan apenas reforçava sua obrigação. Ela servia como um constante lembrete da habilidade do Guardião de atingir as pessoas íntegras, e destruir até mesmo a melhor das famílias.

Sete anos após o nascimento de Lunetta, o Criador tinha equilibrado a injustiça e Tobias nasceu, nasceu para se opor para aquilo que o Guardião havia corrompido; mas foi tarde demais para a mãe deles, que já tinha começado a mergulhar nos braços da loucura. Quando ele estava com oito anos, quando a má reputação havia lançado prematuramente seu pai dentro de uma sepultura e sua mãe finalmente, e completamente, tinha se aninhado no âmago da loucura, Tobias foi sobrecarregado com a obrigação de controlar o dom que sua irmã possuía, de controlar ela. Naquela idade Lunetta adorava ele, e ele tinha usado esse amor para convencê-la a escutar apenas os desejos do Criador, e para guiá-la na conduta moral, da maneira que os homens do círculo do Rei lhe ensinaram. Lunetta sempre precisou de, na verdade abraçou, orientação. Ela era uma alma indefesa aprisionada por uma maldição que estava além de sua habilidade de eliminar ou do seu poder de conseguir escapar.

Através de esforço implacável, ele tinha limpado a desonra de ter alguém nascido com o dom em sua família. Isso consumiu a maior parte de sua vida, mas Tobias devolveu a honra para o nome de sua família. Tinha mostrado para todos eles; havia transformado o estigma em vantagem para ele, e havia se tornado o mais louvado entre os louvados.

Tobias Brogan amava sua irmã — amava o bastante para cortar a garganta dela ele mesmo, se fosse preciso, para libertá-la das garras do Guardião, do tormento da marca dele, se alguma vez isso escapasse dos limites do controle. Ela viveria apenas enquanto fosse útil, apenas enquanto ajudasse eles a arrancar a raiz do mal, arrancar a raiz dos *Banelings*. Por enquanto, ela combatia o flagelo que tentava agarrar sua alma, e era útil. Ele percebeu que ela não parecia grande coisa, enrolada em pedaços de tecidos com diferentes cores, isso era a única coisa que trazia prazer a ela e a mantinha contente, ter diferentes cores enroladas nela, ela as chamava de suas *bonitinhas*, mas o Guardião tinha investido Lunetta com raro talento e força. Através de obstinado esforço, Tobias havia removido isso.

Essa era a falha na criação do Guardião, a falha em tudo que o Guardião criava: poderia ser usado como uma ferramenta pelos devotos, se eles fossem astutos o bastante. O Criador sempre fornecera armas para combater a profanação, se pelo menos alguém procurasse por elas e tivesse a sabedoria, a pura audácia, de usá-las. Isso era o que impressionava ele na Ordem Imperial; eles eram astutos o bastante para entender isso, e com recursos suficientes para usar a magia como uma ferramenta para procurar a profanação e destruí-la.

Como ele fez, a Ordem usava *Streganicha*, e aparentemente valorizavam e confiavam neles. Entretanto, ele não gostava disso, que eles tivessem permissão para vagar livres e sem supervisão para trazer informações e propostas, mas se em algum momento eles se voltassem contra a causa, bem, ele sempre mantinha Lunetta perto.

Mesmo assim, não gostava de estar tão perto do mal. Isso lhe causava repulsa, sendo sua irmã ou não.

O amanhecer estava surgindo e as ruas já estavam entulhadas de pessoas. Também havia em abundância soldados de diferentes terras, cada um deles patrulhando o terreno de seus próprios Palácios, e outros, a maior

parte D'Haran, patrulhando a cidade. Muitas das tropas pareciam pouco à vontade, como se estivessem antecipando um ataque a qualquer momento. Brogan tinha assegurado que eles tivessem tudo bem ao alcance das mãos. Que ninguém nunca acreditasse em tudo que diziam, ele enviara suas próprias patrulhas na noite anterior, e eles confirmaram que não havia nenhum insurgente de Midlands em qualquer parte perto de Aydindril.

Brogan sempre preferia chegar quando era menos esperado, e em números maiores do que o previsto, apenas como garantia caso tivesse que resolver as coisas com suas próprias mãos. Havia trazido todo um destacamento, quinhentos homens, para dentro da cidade, mas se ficasse comprovado que haveria problemas, ele sempre poderia levar sua força principal para dentro de Aydindril. Sua força principal já provara que era bastante capaz de esmagar qualquer insurreição.

Se os D'Harans não fossem aliados, as indicações dos números deles teriam sido alarmantes. Ainda que Brogan tivesse bastante fé nas habilidades de seus homens, somente os presunçosos entravam em batalhas quando as chances estavam equilibradas, muito menos se durassem muito; o Criador não tinha grande estima pelos presunçosos.

Levantando uma das mãos, Tobias reduziu a velocidade dos cavalos, para evitar que eles atropelassem um pelotão de soldados D'Haran que passavam caminhando diante da coluna. Ele pensou que era inapropriado que eles estivessem se movendo em uma formação de batalha, parecida com a sua própria formação em cunha, enquanto atravessavam a rua principal, mas talvez os D'Harans, encarregados da tarefa de patrulhar uma cidade derrotada, estivessem reduzidos a ladrões com uma simulação de bravura.

Os D'Harans, com armas nas mãos e parecendo estar com mau humor, trocaram olhares com a coluna da cavalaria que os observava, aparentemente procurando por qualquer sinal de ameaça. Brogan achou ligeiramente estranho que eles carregassem suas armas fora das bainhas. Pessoas cautelosas, os D'Harans.

Indiferentes com o que enxergavam, eles não apressaram o passo. Brogan sorriu; homens inferiores teriam acelerado sua caminhada. Suas armas, a maioria espadas e machados de batalha, não eram enfeitadas nem

bonitas, e isso fazia eles parecerem ainda mais impressionantes. Eram armas carregadas porque provaram sua brutal eficiência, e não para exibição.

Em menor número cerca de vinte vezes, os homens usando couro escuro e cota de malha observaram todo o metal polido com indiferença; Polimento e precisão geralmente não mostrava nada mais do que extravagância, e ainda que nesse caso eles fossem um reflexo da disciplina de Brogan, uma amostra de mortal atenção a detalhes, os D'Harans provavelmente não sabiam disso. Onde ele e seus homens eram melhor conhecidos, a rápida visão de suas capas vermelhas era o bastante para fazer homens fortes empalidecerem, e o cintilar de suas armaduras polidas era o bastante para fazer um inimigo sentir medo e correr.

Quando eles atravessaram pelas Montanhas Rang'Shada de Nicobarese, Brogan tinha encontrado com um dos exércitos da Ordem, formado por homens de muitas nações, mas a maioria era D'Hara, e tinha ficado impressionado com o General D'Haran, Riggs, que tinha aceito conselho com interesse e atenção. Brogan, de fato, ficou tão impressionado com o homem que tinha deixado uma parte de suas próprias tropas com ele para ajudar na conquista de Midlands. A Ordem estava seguindo caminho para fazer com que a cidade pagã de Ebinissia, a cidade da Coroa de Galea, se curvasse. Pelo desejo do Criador, eles tiveram sucesso.

Brogan aprendeu que os D'Harans não encaravam a magia com bons olhos, e isso lhe agradou. Que eles também temessem a magia lhe causava nojo. A magia era o canal do Guardião para o mundo dos homens. O Criador deveria ser temido. A magia, a bruxaria do Guardião, deveria ser eliminada. Até que a fronteira tivesse sido derrubada na última primavera, D'Hara estivera isolada de Midlands por gerações, então em grande parte D'Hara e seu povo ainda eram desconhecidos para Brogan, um vasto território novo com necessidade de iluminação e, possivelmente, purificação.

Darken Rahl, o líder de D'Hara, tinha derrubado a fronteira, permitindo que suas tropas entrassem em Midlands e capturassem Aydindril, entre outras cidades. Se ele tivesse ficado mais interessado em se confinar aos assuntos do homem, Rahl poderia ter dominado toda Midlands antes que pudessem erguer exércitos contra ele, mas ele estava mais

interessado em perseguir a magia, e essa tinha sido sua ruína. Assim que Darken Rahl estava morto, assassinado por um pretendente ao trono, como Brogan ouviu falar, as tropas D'Haran se uniram com a Ordem Imperial em sua causa.

Não havia mais lugar no mundo para a religião antiga e moribunda chamada magia. Agora a Ordem Imperial estava sobre o mundo; a glória do Criador guiaria o homem. As orações de Tobias Brogan foram atendidas, e todos os dias ele agradecia ao Criador por colocar ele no mundo nessa época, quando ele poderia estar no centro de tudo isso, para ver a blasfêmia da magia ser exterminada, para conduzir os justos na batalha final. Essa era a construção da história, e ele fazia parte disso.

O Criador, de fato, recentemente tinha surgido para Tobias em seus sonhos, para dizer o quanto Ele estava com seus esforços. Não revelou isso para nenhum de seus homens; isso poderia ser visto como presunção. Ser honrado pelo Criador era satisfação bastante. Claro que ele contou para Lunetta, e ela ficou assustada; afinal de contas, não era com frequência que o Criador decidia falar diretamente com uma das crianças Dele.

Brogan pressionou o cavalo com as pernas para aumentar o passo enquanto observava os D'Harans se movendo por uma rua lateral. Nenhum deles virou para ver se estavam sendo seguidos ou desafiados, mas apenas um tolo consideraria isso como complacência; Brogan não era tolo. O grupo partiu a coluna, dando a eles um largo caminho enquanto eles seguiam para Kings Row. Brogan reconheceu alguns dos uniformes de soldados de vários Palácios: Sandarianos, Jarianos, e Kelteanos. Não viu nenhum Galeano; a Ordem deveria ter obtido sucesso em sua tarefa na Cidade da Coroa de Galea de Ebinissia.

Finalmente Brogan viu tropas de sua terra natal. Com um aceno de mão impaciente ele sinalizou para um pelotão seguisse adiante. Suas capas, vermelhas para anunciar quem eles eram, ondulavam atrás deles enquanto avançavam passando pelos espadachins, lanceiros, carregadores de estandartes, e finalmente Brogan. Acompanhados pelo som de calçados de ferro batendo na pedra, os cavaleiros cavalgaram subindo os largos degraus do Palácio de Nicobarese. Era uma construção tão extravagante quanto as outras, com colunas estreitas de raro mármore branco com listras marrons,

uma pedra difícil de encontrar tirada das montanhas ao leste de Nicobarese. A devassidão o irritava.

Os soldados que guardavam o Palácio recuaram com a visão dos homens nos cavalos e se encolheram em saudações trêmulas. O pelotão de cavaleiros fez eles recuarem mais ainda, abrindo um largo corredor para o lorde General.

No topo dos degraus, entre estátuas de soldados sobre garanhões empinados esculpidas na pedra de cor amarelada, Brogan desmontou. Entregou as rédeas para um dos Guardas do Palácio de rosto pálido enquanto sorria para a cidade, seus olhos repousando no Palácio das Confessoras. Hoje Tobias Brogan estava de bom humor. Ultimamente, esse tipo de humor estava ficando cada vez mais raro. Soltou um grande suspiro no ar do amanhecer: o amanhecer de um novo dia.

O homem que tinha segurado as rédeas fez uma reverência quando Brogan virou. — Vida longa ao Rei.

Brogan esticou sua capa. — Um pouco tarde para isso.

O homem limpou sua garganta, reunindo coragem. — Senhor?

— O Rei, — Brogan falou, enquanto alisava o bigode, — acabou se tornando mais do que todos nós que o amávamos pensavam. Ele queimou por seus pecados. Agora, cuide do meu cavalo. — Gesticulou para outro guarda. — Você, vá dizer para as cozinheiras que estou com fome. Não quero ficar esperando.

O guarda recuou, fazendo reverência, quando Brogan olhou para o homem que ainda estava em cima do cavalo. — Galtero. — O homem aproximou seu cavalo, sua capa vermelha flácida no ar parado. — Pegue metade dos homens, e traga ela para mim. Vou tomar o café da manhã e então julgarei ela.

Com um toque suave, seus dedos magros deslizaram distraidamente sobre um estojo no cinto dele. Logo ele adicionaria o prêmio dos prêmios em sua coleção. Sorriu de modo cruel com o pensamento, o sorriso distorcendo a cicatriz antiga no canto de sua boca, mas sem tocar seus olhos escuros. A glória da reparação moral seria dele.

— Lunetta. — Ela estava olhando fixamente para o Palácio das Confessoras, os retalhos esfarrapados de pano bem apertados nela enquanto coçava os antebraços. — Lunetta!

Ela se encolheu, finalmente escutando ele. — Sim, Lorde General?

Ele jogou sua capa vermelha para trás por cima do ombro e ajeitou sua faixa de graduação. — Venha, tome café comigo. Vamos ter uma conversa. Falarei sobre o sonho que tive noite passada.

Os olhos dela arregalaram de excitação. — Outro, meu Lorde General? Sim, eu gostaria muito de ouvir sobre isso. Você me honra.

— Certamente. — Ela foi atrás quando ele marchou através das altas portas duplas, para dentro do Palácio de Nicobarese. — Temos assuntos a discutir. Vai escutar atentamente, não vai, Lunetta?

Ela se arrastou nos calcanhares dele. — Sim, meu Lorde General. Sempre.

Ele parou em uma janela com uma grossa cortina azul. Sacando sua faca, ele cortou um pedaço de um lado, incluindo uma faixa com franjas douradas na borda.

Lambendo os lábios, Lunetta balançou de um lado para outro, trocando de posição o peso do corpo de um pé para outro enquanto esperava.

Brogan sorriu. — Uma *bonitinha* para você, Lunetta.

Com os olhos brilhando, ela agarrou segurando com avidez antes de colocar em um lugar, depois em outro, procurando o local perfeito para colocar junto com as outras. Ela riu de alegria. — Obrigada, Lorde General. Ela ser linda.

Ele continuou marchando, Lunetta correndo para seguir. Quadros da realeza estavam pendurados nos ricos painéis, e sob os pés suntuosos tapetes corriam longe. Molduras com folhas de ouro envolviam portas com o topo arredondado de ambos os lados. Espelhos com bordas douradas refletiam o vermelho que passava.

Um servo com uniforme marrom e branco fez uma reverência no corredor, esticando o braço para indicar a direção até a sala de jantar antes de se afastar rapidamente, olhando para os lados para ter certeza que estava livre de perigo, e fazendo reverência cada vez que dava alguns passos.

Tobias Brogan não era um homem que já tivesse assustado alguém com seu tamanho, mas os servos, trabalhadores, Guardas do Palácio, e oficiais parcialmente vestidos a entrarem correndo na sala para ver a causa de toda aquela agitação, ficavam pálidos com a visão dele, ao enxergarem o Lorde General em pessoa, o homem que comandava o Sangue da Congregação.

Ao seu comando, *Banelings* queimavam por seus pecados, fossem eles pedintes ou soldados, Lordes ou Damas, ou até mesmo Reis.

CAPÍTULO 5

Irmã Verna ficou hipnotizada pelas chamas, suas profundezas soltando breves labaredas de cores brilhantes e raios cintilantes vivos com o movimento ondulante, dedos se contorcendo em uma dança, atraídos pelo ar que balançava as roupas deles ao passar, e lançando calor que teria feito todos recuarem, se não fosse pelos escudos. O enorme sol vermelho sangue estava parcialmente visível no horizonte, finalmente reduzindo a glória do fogo que tinha consumido os corpos. Algumas das Irmãs ao redor dela ainda gemiam levemente, mas Irmã Verna esgotara todas as lágrimas que tinha para dar.

Aproximadamente mais de cem garotos e homens jovens formavam um anel em volta da fogueira, com cerca de duas vezes esse número de Irmãs da Luz e noviças que circulavam dentro. Exceto por uma Irmã e um garoto que estavam simbolicamente cuidando do Palácio, e é claro, uma Irmã que tinha ficado fora de si e estava trancada em uma sala vazia protegida por escudos, para o próprio bem dela, todos estavam na colina acima de Tanimura observando as chamas saltarem para o céu. Mesmo com toda essa grande quantidade de gente reunida, cada um era tocado por profunda solidão, e ficava fechado em introspecção e oração. Como era prescrito, ninguém falava na cerimônia do funeral.

As costas da Irmã Verna estavam doendo por ficar vigiando os corpos durante a noite toda. Através das horas de escuridão todos permaneceram de pé, orando, e mantendo o escudo combinado sobre os corpos em proteção simbólica para os reverenciados. Pelo menos era um alívio estar longe do incessante som de tambores lá debaixo, na cidade.

Com a primeira luz o escudo foi baixado e cada um deles tinha lançado um fluxo de seu Han dentro da pira, incendiando-a. Fogo, alimentado pela magia, correu sobre as toras empilhadas e os dois corpos envolvidos pela mortalha, um pequeno e encolhido, o outro alto e poderosamente constituído, criando um grandioso inferno de poder.

Tiveram que procurar orientação nas câmaras pois ninguém vivo jamais havia participado da cerimônia; ela não tinha sido executada fazia

quase oitocentos anos, 791, para ser exato: a última vez em que uma Prelada morreu.

Como aprendera nos livros antigos, apenas a Prelada deveria ter sua alma liberada para ficar sob a proteção do Criador na sagrada cerimônia do funeral, mas nesse caso as Irmãs todas votaram e forneceram o mesmo privilégio àquele que lutou tão bravamente para salvá-la. Os livros diziam que a dispensa da exclusão só poderia ser garantida por consentimento unânime. Foi preciso grande persuasão para fazer isso.

Pelo costume, quando o sol finalmente ganhava totalmente o horizonte, banhando a fogueira com o completo espetáculo da própria luz do Criador, o fluxo do Han foi interrompido. O poder deles chamado de volta, a pira colapsou, deixando apenas uma mancha de cinza e algumas toras queimadas para marcar o local da cerimônia no topo da colina verde. Fumaça subiu espiralando, dissipando no silencioso dia que começava a brilhar.

Cinzas brancas acinzentadas foi tudo que restou da Prelada Annalina no mundo dos vivos, e do profeta Nathan. Estava acabado.

Sem palavras, Irmãs começaram a se afastar lentamente, algumas sozinhas, outras com um braço confortador em volta dos ombros de um garoto ou noviça. Como almas perdidas, eles desceram a colina serpenteando na direção da cidade, e do Palácio dos Profetas, indo para um lar sem uma mãe. Quando Irmã Verna beijou seu dedo anelar, ela pensou que com o profeta morto, de certo modo, também estavam sem um pai.

Ela entrelaçou os dedos sobre o estômago enquanto observava distraidamente os outros caminhando ao longe. Não teve chance de fazer as pazes com a Prelada antes que ela morresse. A mulher tinha usado ela, humilhado, e permitido que fosse rebaixada por cumprir sua obrigação e seguir ordens.

Embora todas as Irmãs servissem ao Criador, e ela soubesse que aquilo que a Prelada tinha feito deveria ter sido por um bem maior, ficava magoada que a Prelada tivesse explorado essa fidelidade. Fazia ela sentir-se uma tola.

Porque a Prelada Annalina ficou ferida no ataque por Ulicia, uma Irmã do Escuro, e desde então permaneceu inconsciente por quase três semanas antes de sua morte, Irmã Verna não teve chance de conversar com ela. Somente Nathan tinha cuidado da Prelada, tentando curá-la incansavelmente, mas no final ele havia falhado. Foi o destino cruel que tirou sua vida também. Ainda que Nathan sempre tivesse parecido vigoroso para ela, o esforço deve ter sido demais para ele; afinal de contas, ele estava com quase mil anos de idade. Imaginou que ele deveria ter envelhecido durante os vinte anos em que ela estivera longe, procurando Richard e finalmente trazendo ele até o Palácio.

Irmã Verna sorriu ao lembrar de Richard; também sentia saudade dele. Ele tinha irritado ela até os limites de sua tolerância, mas ele também foi uma vítima dos planos da Prelada, embora ele parecesse ter entendido e aceito as coisas que ela fez e não guardasse nenhum ressentimento em relação a ela.

Ela sentiu uma pontada de tristeza ao pensar que o amor de Richard, Kahlan, provavelmente tinha morrido no clímax daquela terrível profecia. Esperava que isso não tivesse acontecido. A Prelada foi uma mulher determinada, e tinha orquestrado eventos na vidas de muitas pessoas. Irmã Verna esperava que isso tivesse sido feito para o bem das crianças do Criador, e não simplesmente pelas ambições pessoais da Prelada.

— Você parece zangada, Irmã Verna.

She turned to see young Warren standing with his hands in the opposite, silver brocade sleeves of his deep violet robes. She glanced around and realized that the two of them were alone on the hillside; the others, long gone, were dark specks in the distance.

— Talvez eu esteja, Warren.

— Está zangada com o quê, Irmã?

Com as palmas das mãos, ela alisou sua saia escura nos quadris. — Talvez eu só esteja zangada comigo mesma.

Ela pensou em mudar de assunto enquanto alisava o seu xale azul claro. — Você é tão jovem, nos seus estudos, quero dizer, que ainda sinto dificuldade em ver você sem um Rada'Han.

Como se ela o tivesse feito lembrar, os dedos dele tocaram o pescoço onde a coleira estivera durante a maior parte de sua vida.

— Jovem para aqueles que vivem sob o feitiço no Palácio, talvez, mas dificilmente jovem para aqueles do mundo no lado de fora. Tenho cento e cinquenta e sete anos, Irmã. Mas realmente fico muito agradecido que você tenha removido minha coleira. — Tirou os dedos do pescoço e empurrou para trás um tufo de cabelo louro ondulado. — Parece como se o mundo todo tivesse sido virado de cabeça para baixo nos últimos meses.

Ela riu. — Também sinto saudade de Richard.

Um leve sorriso iluminou o rosto dele. — Verdade? Ele era uma pessoa rara, não era? Mal posso acreditar que consegui evitar que o Guardião escapasse do submundo, mas ele precisava deter o espíritos do pai dele, e devolver a Pedra das Lágrimas ao seu devido lugar, ou todos nós teríamos sido engolidos pelos mortos. Para dizer a verdade, suei frio durante todo o solstício de inverno.

Irmã Verna assentiu, como se desejasse colocar ênfase em sua sinceridade. — As coisas que você ajudou a ensinar para ele devem ter sido valiosas. Você também fez muito bem, Warren. — Ela estudou o sorriso gentil dele por um momento, notando o quanto ele pouco havia mudado durante todos esses anos. — Fico feliz que decidiu ficar no Palácio por algum tempo, mesmo que esteja sem a sua coleira. Parece que estamos sem um profeta.

Ele olhou para o monte de cinzas. — Durante a maior parte da minha vida estudei as profecias lá embaixo, nas câmaras, e nunca soube que algumas eram fornecidas por um profeta ainda vivo, muito menos no Palácio. Queria que elas tivessem falado. Queria que tivessem permitido que eu falasse com ele, aprendesse com ele. Agora a chance está perdida.

— Nathan era um homem perigoso, um enigma que nenhum de nós jamais poderíamos entender completamente ou confiar, mas talvez tenha sido um erro delas evitar que você o visitasse. Saiba que na hora certa,

quando você tivesse aprendido mais, as Irmãs teriam permitido, até mesmo pedido isso.

Ele afastou o olhar. — Mas agora a chance foi perdida.

— Warren, agora que você está sem a coleira, sei que está ansioso para entrar no mundo, mas disse que pretende ficar no Palácio, pelo menos durante algum tempo, para estudar. Agora o Palácio está sem um profeta. Acho que deveria considerar o fato de que o seu dom se manifesta com muita força nessa área. Algum dia você poderia ser um profeta.

Uma brisa suave balançou o manto dele enquanto ele olhava por cima das colinas verdes na direção do Palácio. — Não apenas o meu dom, mas o meu interesse, minhas esperanças, sempre envolveram as profecias. Apenas recentemente comecei a entender elas de um jeito que ninguém faz, mas entender elas é diferente de fornecê-las.

— Isso leva tempo, Warren. Ora, quando Nathan tinha sua idade, tenho certeza de que ele não era mais avançado em profecia do que você. Se ficasse e continuasse a estudar, acredito que em quatrocentos ou quinhentos anos poderia ser um profeta tão bom quanto Nathan.

Ele ficou em silêncio por um tempo. — Mas tem um mundo todo lá fora. Ouvi dizer que tem livros na Fortaleza do Mago em Aydindril, e em outros lugares também. Richard falou que com certeza tem muitos no Palácio do Povo em D'Hara. Quero aprender, e pode haver coisas para saber que não podem ser encontradas aqui.

Irmã Verna mexeu os ombros para aliviar a dor neles. — O Palácio dos Profetas está enfeitado, Warren. Se você partir, vai envelhecer da mesma maneira que aqueles do lado de fora. Veja o que aconteceu comigo nos poucos vinte anos longe dele; mesmo que tenha nascido apenas com um ano de diferença você ainda parece que deveria estar pensando em casamento, e eu como se devesse estar me preparando para ter um neto em cima do meu joelho. Agora que voltei, vou envelhecer com o tempo do Palácio novamente, mas o que foi perdido não pode ser recuperado.

Warren desviou os olhos. — Acho que você enxerga mais rugas do que realmente tem, Irmã Verna.

Apesar de tudo, ela sorriu. — Você sabia, Warren, que uma vez tive uma queda por você?

Ele ficou tão espantado que tropeçou, dando um passo para trás. — Por mim? Não pode estar falando sério. Quando?

— Oh, faz muito tempo. Aproximadamente mais de cem anos, eu diria. Você era tão culto e inteligente, com todo aquele cabelo louro ondulado. E aqueles olhos azuis faziam meu coração disparar.

— Irmã Verna!

Ela não conseguiu evitar e deu uma risada quando o rosto dele ficou vermelho. — Faz muito tempo, Warren, e eu era jovem, assim como você era. Foi uma paixão passageira. — O sorriso dela desapareceu. — Agora você parece uma criança para mim, e eu pareço velha o bastante para ser a sua mãe. Ficar longe do Palácio me fez envelhecer em mais de uma maneira.

— Lá fora, você teria umas poucas décadas para aprender o que pudesse antes de envelhecer e morrer. Aqui, você teria o tempo para aprender e talvez tornar-se um Profeta. Livros daqueles lugares sempre poderiam ser emprestados, e trazidos aqui para estudo.

— Você é o mais próximo que temos de um Profeta. Com a Prelada e Nathan mortos, agora você deve saber mais sobre as profecias do que qualquer um vivo. Precisamos de você, Warren.

Ele virou para os raios de sol refletindo dos pináculos e telhados do Palácio. — Vou pensar nisso, Irmã.

— É tudo que peço, Warren.

Com um suspiro, ele virou de volta. — E agora? Quem você acha que vai ser escolhida como a nova Prelada?

Eles aprenderam em sua pesquisa sobre a cerimônia do funeral que o processo de selecionar uma nova Prelada estava envolvido. Warren saberia disso; poucos conheciam os livros nas câmaras tão bem quanto ele.

Ela encolheu os ombros. — O posto requer vasta experiência e conhecimento. Isso significa que teria que ser uma das Irmãs mais velhas. Leoma Marsick seria uma boa candidata, ou Philippa, ou Dulcinia. Irmã Maren, é claro, estaria no topo das candidatas. Existe um bom número de Irmãs qualificadas; poderia citar o nome de pelo menos trinta, embora eu duvide que mais do que uma dúzia delas realmente tenha uma forte chance de se tornar Prelada.

Ele coçou distraidamente o lado do nariz com um dedo. — Suponho que você esteja certa.

Irmã Verna não tinha dúvidas de que as Irmãs já estavam manobrando para se colocarem na disputa. Se não fosse no topo da lista, com as menos consideradas escolhendo sua campeã, formariam um grupo para apoiá-la, fazendo o melhor que pudessem para garantir que ela fosse escolhida. Esperavam ser recompensadas com uma posição de influência se a sua favorita se tornasse a nova Prelada. Enquanto o leque de candidatas ficasse mais reduzido, as Irmãs mais influentes que ainda não tinham escolhido lados seriam convidadas até que se juntassem a uma ou outra das Irmãs dominantes. Era um momento de decisão, que afetaria o Palácio durante as centenas de anos que viriam. Seria uma batalha amarga.

Irmã Verna suspirou. — Não estou ansiosa pela briga, mas acho que o processo de seleção deve ser rigoroso, para que a mais forte seja a Prelada. Isso poderia se arrastar por um longo tempo; poderíamos ficar sem uma Prelada durante meses, talvez um ano.

— Quem você vai apoiar, Irmã?

Ela soltou uma risada. — Eu! Você está enxergando apenas as rugas de novo. Warren. Elas não mudam o fato de que eu sou uma das Irmãs mais jovens. Não tenho influência alguma entre aquelas que contariam.

— Bem, acho que seria melhor você tentar ganhar alguma influência. — Ele se inclinou, chegando mais perto, baixando a voz ainda mais mesmo que não houvesse ninguém por perto. — As seis Irmãs do Escuro escaparam naquele barco, lembra?

Ela olhou dentro dos olhos azuis dele e franziu a testa. — O que isso tem a ver com quem vai se tornar Prelada?

Warren contorceu o manto em seu estômago formando um nó violeta. — Quem pode dizer que só tinha seis. E se houver outra no Palácio? Ou mais doze? Ou cem? Irmã Verna, você é a única Irmã em quem eu confio ser uma verdadeira Irmã da Luz. Deve fazer alguma coisa para garantir que uma Irmã do Escuro não se torne Prelada.

Ela olhou para o Palácio ao longe. — Eu falei, sou uma das Irmãs mais jovens. Minha palavra não tem peso algum, e as outras sabem que todas as Irmãs do Escuro escaparam.

Warren olhou para longe, tentando alisar as dobras em seu manto. De repente, ele virou novamente, a suspeita enrugando sua testa.

— Acha que eu tenho razão, não acha? Você acha que ainda existe Irmãs do Escuro no Palácio.

Ela encarou os olhos intensos dele com uma expressão calma. — Mesmo que eu não considere isso totalmente fora do reino da possibilidade, não há razão para acreditar que seja assim, e além disso, essa é apenas uma das muitas questões que devem ser levadas em consideração quando...

— Não comece com aquela conversa em duplo sentido que as Irmãs usam com tanta facilidade. Isso é importante.

Irmã Verna endureceu. — Você é um aluno, Warren, falando com uma Irmã da Luz; mostre o respeito adequado.

— Não estou sendo desrespeitoso, Irmã. Richard me ajudou a enxergar que eu devo defender aquilo em que acredito. Além disso, foi você quem tirou minha coleira, e como disse, somos da mesma idade; você não é mais velha do que eu.

— Você ainda é um aluno que...

Que, como você mesma disse, provavelmente sei mais sobre profecias do que qualquer outro. Nisso, Irmã, você é minha aluna. Admito que você sabe mais do que eu sobre muitas coisas, como o uso do Han, mas eu sei mais do que você sobre algumas coisas. Uma parte da razão pela qual você tirou o Rada'Han do meu pescoço é que sabe que é errado manter alguém prisioneiro. Eu a respeito como uma Irmã, pelo bem que faz, e pelo

conhecimento que tem, mas não sou mais um prisioneiro das Irmãs. Você conquistou meu respeito, Irmã, não minha submissão.

Ela estudou os olhos azuis dele por algum tempo. — Quem saberia o que estava debaixo daquela coleira. — Finalmente, ela assentiu. — Você está certo, Warren; eu suspeito que exista outros no Palácio que fizeram um juramento de alma para o próprio Guardião.

— Outros. — Warren observou os olhos dela. — Você não disse Irmãs, disse *outros*. Quer dizer jovens magos também, não é?

— Você esqueceu de Jedidiah tão rápido?

Ele ficou um pouco pálido. — Não, eu não esqueci de Jedidiah.

— Como você disse, onde tem um, poderia haver outros. Alguns dos homens jovens no Palácio também poderiam ter feito juramento ao Guardião.

Ele chegou mais perto dela e fez um nó em seu manto outra vez. — Irmã Verna, o que vamos fazer a respeito disso? Não podemos permitir que uma Irmã do Escuro seja Prelada; seria um desastre. Devemos ter certeza que uma delas não vire prelada.

— E como poderíamos saber se ela fez juramento para o Guardião? Pior, o que poderíamos fazer? Elas comandam a Magia Subtrativa; nós não. Mesmo se conseguíssemos descobrir quem são, não poderíamos fazer nada. Seria como enfiar a mão em um saco e segurar uma víbora pela cauda.

Warren ficou pálido. — Nunca pensei nisso.

Irmã Verna juntou as mãos. — Vamos pensar em alguma coisa. Talvez o Criador nos guie.

— Talvez pudéssemos pedir a Richard para voltar e nos ajudar, como fez com aquelas seis Irmãs do Escuro. Pelo menos vimos aquelas seis pela última vez. Elas nunca vão mostrar os rostos de novo. Richard colocou o medo do Criador nelas, e fez elas correrem.

— E no processo, a Prelada foi ferida, e mais tarde morreu, junto com Nathan. — ela fez ele lembrar — A morte caminha com aquele

homem.

— Não porque ele traz. — Warren protestou. — Richard é um mago guerreiro; ele luta pelo que é certo, para ajudar pessoas. Se ele não tivesse feito o que fez, a Prelada e Nathan teriam sido apenas o início de toda a morte e destruição.

Ela apertou o braço dele; o tom dela suavizou. — É claro que você tem razão; todos nós temos uma grande dívida com Richard. Mas precisar dele e encontrá-lo são duas coisas diferentes. Minhas rugas atestam isso. — Irmã Verna deixou a mão cair. — Não acho que podemos contar com mais ninguém a não ser um com o outro. Vamos pensar em alguma coisa.

Warren olhou para ela fixamente com uma expressão sombria. — Teremos que pensar mesmo; as profecias guardam presságios terríveis sobre o domínio da próxima Prelada.

De volta à cidade de Tanimura, mais uma vez eles estavam cercados pelo som incessante de tambores vindos de várias direções; uma cadência alta constante, com tom grave, que parecia vibrar bem fundo no peito dela. Era inquietante e, ela imaginou, deveria ser.

Os bateristas e seus guardas chegaram três dias antes da morte da Prelada, e rapidamente prepararam seus enormes tambores em várias locais ao redor da cidade. Assim que eles começaram o lento e constante batuque, ele não tinha parado, dia ou noite. Homens faziam turnos nos tambores para que eles nunca parassem, mesmo que por um momento.

O som penetrante lentamente havia colocado os nervos das pessoas no limite, deixando todos irritados e com mau humor, como se a própria perdição estivesse espreitando nas sombras, fora de vista, esperando para atacar. Ao invés dos gritos, conversas, risos e músicas de costume um fundo de assustadora quietude somava-se ao clima pesado.

Nas periferias da cidade, as pessoas pobres que tinham erguido pequenos abrigos espremiavam-se neles, ao invés de se envolverem em conversas, vendendo pequenos itens, lavando roupas em baldes, ou cozinhando em pequenas fogueiras como geralmente faziam. Donos de lojas ficavam nas portas em simples pranchas de madeira montadas para exibir suas mercadorias, seus braços cruzados e expressões de mau humor

nos rostos. Homens puxando carrinhos concentravam-se em suas tarefas de modo depressivo. Pessoas que precisavam de mercadorias faziam suas compras rapidamente, efetuando não mais do que um exame superficial dos itens. Crianças mantinham uma das mãos agarradas nas saias de suas mães enquanto seus olhos dardejavam de um lado para outro. Homens que no passado ela viu jogando dados ou outros jogos encostavam em muros.

Ao longe, no Palácio dos Profetas, um sino tocava de vez em quando, como tinha feito durante toda a noite anterior e continuariam até que o sol baixasse, anunciando para todos que a Prelada estava morta. Os tambores, entretanto, não tinham nada a ver com a morte da Prelada; manuseados por soldados, eles anunciavam a iminente chegada do Imperador.

Irmã Verna observou os olhos preocupados e pessoas pelas quais ela passava. Ela tocou as cabeças dos grupos que se aproximavam, buscando consolo, e oferecia a bênção do Criador. — Eu só lembro de Reis, — ela falou para Warren, — não dessa Ordem Imperial. Quem é esse Imperador?

— Seu nome é Jagang. Dez, talvez quinze anos atrás, a Ordem Imperial começou a engolir os reinos, unindo eles sob o seu controle. — Com um dedo, ele esfregou sua têmpora, pensativo. — Passei a maior parte do meu tempo nas câmaras, estudando, você sabe, então eu não tenho certeza de todos os detalhes, mas pelo que eu pude reunir, eles rapidamente passaram a dominar o Mundo Antigo, juntando tudo sob o seu governo. Entretanto, o Imperador nunca tinha causado qualquer problema. Pelo não até aqui em cima, em Tanimura. Ele fica fora dos assuntos do Palácio, e espera que fiquemos fora dos assuntos dele.

— Porque ele está vindo aqui?

Warren encolheu os ombros. — Não sei. Talvez apenas para visitar essa parte do seu império.

Depois de conferir a bênção do Criador a uma frágil mulher, Irmã Verna desviou de um monte de estrume de cavalo quando voltou a caminhar. — Bem, gostaria que ele se apressasse e chegasse logo aqui para

que esse tambor infernal pare. Eles já estão nisso por quatro dias; a chegada dele deve ser iminente.

Warren olhou ao redor antes de falar. — Os guardas do Palácio são tropas da Ordem Imperial. Como uma cortesia, o Imperador forneceu eles, já que ele não permite a presença de nenhum soldado a não ser os dele. De qualquer modo, conversei com um dos guardas, e ele me falou que os tambores são apenas para anunciar que o Imperador está vindo, não que ele estará aqui em breve. Ele disse que quando o Imperador visitou Breaston, os tambores tocaram por quase seis meses antes.

— Seis meses! Quer dizer que poderemos aguentar essa barulheira durante meses!

Warren levantou seu manto e passou por cima de uma poça. — Não necessariamente. Ele poderia chegar em meses, ou amanhã. Ele não quer anunciar quando vai chegar, apenas que chegará.

Irmã Verna fez uma careta. — Bem, se ele não chegar logo, as Irmãs vão providenciar para que esses tambores infernais parem.

— Por mim, seria muito bom. Mas esse Imperador parece alguém que não deve ser tratado despreocupadamente. Ouvi dizer que ele tem um exército maior do que qualquer um já criado. — Ele lançou um olhar sério para ela. — E isso inclui a grande guerra que separou o Mundo Antigo do Novo.

Os olhos dela estreitaram. — Porque ele precisaria de tal exército, se ele já conquistou todos os antigos reinos?

— Para mim, parece apenas conversa fiada dos soldados. Soldados sempre gostam de aumentar as coisas.

Warren encolheu os ombros. — Os guardas disseram que viram com os próprios olhos. Disseram que quando a Ordem se concentra, eles cobrem o chão em todas as direções tão longe quanto os olhos podem ver. O que você acha que o Palácio fará quando ele vier aqui?

— Bah. O Palácio não tem interesse em política.

Warren sorriu. — Você nunca foi alguém para ser intimidada.

— Nosso assunto é com os desejos do Criador, não com os de um Imperador, só isso. O Palácio permanecerá muito mais tempo depois que ele se for.

Depois de caminhar em silêncio por algum tempo, Warren limpou sua garganta. — Sabe, lá atrás, quando não estávamos aqui por muito tempo, e você ainda era uma noviça... bem, eu estava apaixonado por você.

Irmã Verna olhou fixamente para ele, incrédula. — Agora você está zombando de mim.

— Não, é verdade. — O rosto dele ficou vermelho. — Achava que o seu cabelo castanho ondulado era o mais bonito que já tinha visto. Você era mais esperta do que as outras, e comandava seu Han com muita confiança. Pensava que não havia ninguém que se igualasse a você. Queria convidar você para estudar comigo.

— Porque não convidou?

Ele balançou os ombros. — Você era sempre tão confiante. Eu nunca fui. — Ele afastou o cabelo para trás de modo semiconsciente. — Além disso, você estava interessada em Jedidiah. Eu não era nada comparado com ele. Sempre pensei que você poderia apenas rir de mim.

Ela percebeu que estava mexendo no cabelo, e baixou a mão. — Bem, talvez eu tivesse feito isso.

Ela pensou em aliviar aquele desprezo. — As pessoas podem ser tolas quando estão jovens. — Uma mulher com uma criança pequena se aproximou e caiu de joelhos diante deles. Verna parou para conceder as bênçãos do Criador para eles. Quando a mulher agradeceu e se afastou apressada, Irmã Verna virou para Warren. — Você poderia sair por vinte anos, para estudar aqueles livros nos quais está tão interessado, e alcançar a minha idade. Nós ficaríamos no mesmo nível outra vez. Então você poderia pedir para segurar minha mão... como eu queria que fizesse, naquela época.

Os dois levantaram os olhos quando ouviram alguém chamando por eles. Através da multidão de pessoas que se espremiavam, ela viu um dos Guardas do Palácio balançando um braço para chamar a atenção deles.

— Aquele não é Kevin Andellmere? — ela perguntou.

Warren assentiu. — Fico imaginando porque ele estaria tão agitado?

O Espadachim Andellmere pulou por cima de um garoto e parou na frente deles. — Irmã Verna! Bom! Finalmente encontrei você. Querem você. No Palácio. Agora mesmo.

— Quem quer? Qual é o assunto?

Ele engoliu ar e tentou falar ao mesmo tempo. — As Irmãs querem você. Irmã Leoma me agarrou pela orelha e disse para encontrar você e trazê-lo de volta. Ela falou que se eu fosse lento, eu me arrependeria do dia em que minha mãe deu à luz. Deve ser problema.

— Que tipo de problema?

Ele jogou as mãos para cima. — Quando eu perguntei, ela lançou aquele olhar que as Irmãs usam que pode derreter os ossos de um homem, e disse que era assunto de Irmãs e não meu.

Irmã Verna soltou um suspiro cansado. — Então acho que é melhor voltar com você, ou elas vão arrancar sua pele e usar ela como uma bandeira.

O jovem soldado ficou pálido, como se estivesse acreditando nela.

CAPÍTULO 6

Na ponte de pedra arqueada sobre o Rio Kern que levava até a Ilha Halsband e ao Palácio dos Profetas, as Irmãs Philippa, Dulcinia, e Maren formavam uma fila, ombro com ombro, como três falcões observando seu jantar se aproximar. Elas apertavam as mãos nas cinturas, impacientes. O sol nas costas delas deixava seus rostos na sombra, mas Irmã Verna ainda podia perceber as expressões de raiva. Warren caminhou sobre a ponte com ela enquanto o Espadachim Andellmere, com sua obrigação cumprida, seguia apressado em outra direção.

A Irmã Dulcinia com o cabelo cinza, sua mandíbula tensa, se inclinou chegando mais perto quando Irmã Verna parou diante dela. — Onde você estava! Deixou todo mundo esperando.

Os tambores na cidade continuavam suas batidas no fundo, como a lenta queda da chuva. Irmã Verna afastou-os de sua mente.

— Fui dar uma caminhada, pensando no futuro do Palácio, e no trabalho do Criador. Pois com as cinzas da Prelada Annalina ainda quentes, não suspeitava que a fofoca começaria tão cedo.

Irmã Dulcinia chegou ainda mais perto, seus penetrantes olhos azuis exibindo um brilho perigoso. — Não ouse ser insolente conosco, Irmã Verna, ou rapidamente vai se tornar uma noviça outra vez. Agora que voltou para a vida no Palácio, seria melhor começar a considerar seus costumes, e mostrar o devido respeito para suas superiores.

Irmã Dulcinia voltou a manter a costa ereta, como se estivesse recolhendo as garras, agora que a ameaça havia sido lançada.

Ela não esperava nenhuma discussão. Irmã Maren, uma mulher corpulenta com músculos parecidos com os de um lenhador, e uma língua que combinava, sorriu de satisfação. Alta, escura, Irmã Philippa, com seus ossos das bochechas salientes e mandíbula estreita que lhe conferiam uma aparência exótica, manteve os olhos escuros sobre Irmã Verna, observando por trás de uma máscara sem expressão.

— Superiores? — Irmã Verna disse. — Somos todas iguais sob os olhos do Criador.

— Iguais! — Irmã Maren fungou, irritada. — Um conceito interessante. Se decidíssemos chamar uma assembléia de revisão para considerar a questão de sua atitude controversa, você descobriria o quanto somos iguais, e acabaria mais uma vez fazendo as tarefas com o resto das minhas noviças, só que desta vez não teria Richard aqui para interceder e tirar você dessa!

— Verdade, Irmã Maren? — Irmã Verna levantou uma sobrancelha. — É isso mesmo. — Warren aproximou-se por trás dela, dentro da sombra dela. — Parece que me lembro, e corrijam se estiver enganada, pois da última vez em que *sai dessa*, você disse que foi porque tinha rezado ao Criador... E lhe ocorreu que eu serviria melhor a Ele se voltasse a ser uma Irmã. Agora você diz que foi um feito de Richard. Estou enganada?

— Você me questionaria? — Irmã Maren juntou as mãos apertando com tanta força que as articulações dos dedos ficaram brancas. — Eu punia noviças insolentes duzentos anos antes de você nascer! Como ousa...

— Agora você contou duas versões do mesmo evento. Uma vez que os dois não podem ser verdade, isso significa que um teria que ser falso. Sim? Pareceria que você foi pega em uma mentira, Irmã Maren. Eu pensaria que você, entre todas, trabalharia para evitar cair no costume de mentir. As Irmãs da Luz consideram a honestidade com grande estima, e abominam a mentira, mais ainda do que abominam a irreverência. E que penitência a minha superior, a supervisora das noviças, tem para prescrever a si mesma para corrigir a mentira?

— Ora, ora. — Irmã Dulcinia disse com um sorriso falso. — Quanta audácia. Se eu fosse você, Irmã Verna, e estivesse pensando em me colocar na disputa para Prelada, como você parece estar fazendo, eu removeria essa noção arrogante da minha cabeça. Quando Irmã Leoma acabasse com você, não sobraria o bastante para ela enfiar os dentes.

Irmã Verna devolveu o sorriso falso. — Então, Irmã Dulcinia, você pretende apoiar Irmã Leoma, não é? Ou está apenas tentando arrumar uma tarefa para tirá-la do seu caminho enquanto tenta alcançar o posto?

Irmã Philippa falou com uma voz autoritária calma. — Chega. Temos questões mais importantes para cuidar.

— Vamos acabar com esse fingimento para que possamos continuar com o processo de seleção.

Irmã Verna plantou os punhos nos quadris. — E exatamente que fingimento seria esse?

Irmã Philippa virou graciosamente na direção do Palácio, seu manto amarelo simples, mas elegante, ondulando atrás dela.

— Siga-nos, Irmã Verna. Já nos atrasou o bastante. Você é a última, e então podemos continuar com nossos assuntos. Vamos considerar a questão de sua insolência outra hora.

As outras duas Irmãs afastaram para os lados enquanto ela deslizava sobre ponte. Irmã Verna e Warren trocaram um olhar questionador, e então seguiram atrás delas.

Warren reduziu o passo, deixando as três Irmãs aumentarem sua vantagem cerca de doze passos. Com a testa franzida, ele se inclinou chegando mais perto, para que pudesse sussurrar sem que elas escutassem.

— Irmã Verna, às vezes acho que você poderia fazer um dia ensolarado ficar zangado com você! Tem sido tão pacífico por aqui durante os últimos vinte anos que eu esqueci quanto problema sua língua poderia causar. Porque faz isso? Simplesmente gosta de criar problemas sem uma boa finalidade?

Ele girou os olhos ao ver a expressão no rosto dela e mudou de assunto. — O que você acha que aquelas três estão fazendo juntas? Pensei que elas seriam adversárias.

Irmã Verna olhou para as três Irmãs, para ter certeza de que elas não conseguiam escutar. — Se você quer colocar uma faca na costa de seu oponente, por assim dizer, primeiro você deve chegar perto o bastante.

No coração do Palácio, diante das grossas portas de nogueira que conduziam ao grande salão, as três Irmãs pararam de forma tão repentina que Irmã Verna e Warren quase pisaram nos calcanhares delas. As três

viraram. Irmã Philippa colocou as pontas dos dedos de uma das mãos no peito de Warren e empurrou ele um passo para trás.

Ela levantou um dedo longo até o rosto dele, deixando ele cerca de uma polegada de distância do seu nariz enquanto lançava um olhar gelado. — Isso é assunto de Irmãs. — Olhou para o pescoço nu dele. — E depois que a nova Prelada, quem quer que ela seja, estiver instalada, você precisará ter um Rada'Han de volta no seu pescoço se quiser permanecer no Palácio dos Profetas.

— Não vamos tolerar garotos que não puderem ser controlados adequadamente.

Irmã Verna colocou uma das mãos na costa de Warren para impedir que ele recuasse. — Eu removi a coleira dele com minha autoridade como uma Irmã da Luz. O compromisso foi assumido em benefício do Palácio; isso não será desfeito.

O olhar sombrio de Irmã Philippa desviou para ela. — Vamos discutir esse assunto mais tarde, em um momento apropriado.

— Vamos acabar com isso, — Irmã Dulcinia falou. — precisamos continuar a tratar assuntos mais importantes.

Irmã Philippa assentiu. — Venha conosco, Irmã Verna.

Warren ficou encolhido, parecendo perdido, quando uma das Irmãs usou o Han para abrir as pesadas portas, permitindo que as três marchassem através delas. Não querendo parecer um filhote que levou uma bronca seguindo atrás, ao invés disso, Irmã Verna apressou o passo para caminhar ao lado delas. Irmã Dulcinia soltou um suspiro forte. Irmã Maren exibiu uma de suas famosas expressões, com as quais as noviças desafortunadas estavam tão familiarizadas, mas não vocalizou nenhum protesto.

Irmã Philippa mostrou o mais leve esboço de sorriso. Qualquer um que estivesse olhando teria pensado que era na direção dela que Irmã Verna caminhava.

Sob o teto baixo, entre colunas brancas com letras capitais douradas entalhadas para retratar folhas de carvalho enroladas, fizeram uma parada onde Irmã Leoma esperava com as costas viradas para elas. Ela era

aproximadamente da altura da Irmã Verna; seu cabelo branco liso, amarrado com uma fita dourada, estava pendurado até o meio das costas dela.

Ela vestia um modesto vestido marrom que não tocava o chão apenas por uma polegada.

Adiante, o grande salão abria em uma vasta câmara coberta por um teto enorme em forma de abóbada. Janelas com vitrais por trás das sacadas superiores lançavam luzes coloridas pelo domo pintado com imagens de Irmãs, usando os mantos no estilo antigo, ao redor de uma figura cintilante que representava o Criador. Com seus braços esticados, ele parecia estar espalhando sua afeição para as Irmãs, as quais, em retorno, estavam com os braços esticados na direção dele.

Nas grades de pedra das duas sacadas em camadas que circulavam a sala, Irmãs e noviças estavam olhando para baixo silenciosamente. Pelo chão polido com padrão em ziguezague havia Irmãs: essas, Irmã Verna notou, mais velhas e com maior status. Tossidas esporádicas ecoavam pela sala enorme, mas ninguém falava.

No centro da sala, debaixo da figura que representava o Criador, havia uma coluna branca que chegava até a altura da cintura banhada em uma luz suave. A luz não tinha nenhuma origem aparente. O anel de Irmãs ficava recuado, afastado da coluna e sua obscura mortalha de iluminação, deixando o maior espaço possível, tanto quanto deveriam, se o brilho fosse o que Irmã Verna suspeitava. Um pequeno objeto, ela não conseguia dizer o que era, estava em cima da coluna.

Irmã Leoma virou. — Ah. Fico feliz que você se juntou a nós, Irmã.

— Aquilo é o que eu penso que é? — Irmã Verna perguntou.

Um leve sorriso curvaram as rugas que marcavam o rosto da Irmã Leoma. — Se está pensando que é uma teia de luz, então é.

— Nem a metade de nós, arriscaria, teria o talento, ou poder, para tecer uma. Realmente notável, você não acha?

Irmã Verna girou os olhos, tentando dizer o que estava em cima da coluna. — Nunca vi aquele pedestal, não aqui dentro, pelo menos. O que é?

De onde veio?

Irmã Philippa olhou fixamente para o pilar no centro da sala. O seu comportamento arrogante havia desaparecido.

— Quando voltamos do funeral, isso estava aqui, esperando.

Irmã Verna olhou novamente para o pedestal. — O que é aquilo em cima dele?

Irmã Leoma juntou as mãos. — É o anel da prelada, seu anel do cargo.

— O anel da Prelada! Pelo amor da Criação, o que ele está fazendo aqui?

Irmã Philippa levantou uma sobrancelha. — Eu realmente gostaria de saber.

Irmã Verna só conseguiu detectar um leve sinal de inquietação naqueles olhos escuros. — Bem, o que...

— Apenas vá até lá e tente pegar ele. — Falou Irmã Dulcinia. — Não que você consiga, é claro. — Ela adicionou suavemente.

— Não sabemos o que ele está fazendo aqui. — Irmã Leoma disse, sua assumindo uma entonação mais familiar, de Irmã para Irmã. — Quando voltamos, ele estava aqui. Tentamos examiná-lo, mas não conseguimos chegar perto. Em vista da natureza peculiar do escudo, concluímos que antes de prosseguirmos, seria sábio ver se tem alguma de nós que consiga se aproximar, e talvez entender o propósito disso. Nós todas tentamos nos aproximar, mas nenhuma conseguiu. Você é a última para tentar chegar até ele.

Irmã Verna levantou seu xale. — O que acontece quando tentam se aproximar?

As Irmãs Dulcinia e Maren olharam para longe. Irmã Philippa encarou o olhar de Irmã Verna. — Não é agradável. Nem um pouco agradável.

Irmã Verna não estava surpresa com isso. Só estava surpresa que nenhuma delas estivesse ferida. — É praticamente um comportamento criminoso criar um escudo de luz e deixá-lo onde algum inocente poderia esbarrar nele acidentalmente.

— Não exatamente. — Irmã Leoma disse. — Não considerando onde ele está, pelo menos. A equipe de limpeza encontrou. Foram inteligentes o bastante para ficar longe.

Era extremamente assustador que nenhuma das Irmãs tivesse sido capaz de quebrar o escudo e chegar até o anel, pois Irmã Verna tinha certeza de que elas tentaram. Seria um feito significativo se uma delas demonstrasse que tinha o poder para recuperar o anel da Prelada, sozinha.

Ela olhou para Irmã Leoma. — Vocês tentaram mesclar teias, para drenar o escudo?

Irmã Leoma balançou a cabeça. — Nós decidimos que primeiro, cada uma teria uma chance, com a teoria que esse poderia ser um escudo adaptado para uma Irmã específica. Não sabemos qual poderia ser o propósito disso, mas se for verdade, e esse for um escudo defensivo, então mesclar teias e tentar drenar o poder dele poderia muito bem destruir o que está sendo protegido. Você é a única que não tentou. — Ela soltou um suspiro cansado. — Trouxemos até a Irmã Simona aqui em cima.

Irmã Verna baixou a voz no repentino silêncio. — Ela está melhor?

Irmã Leoma olhou para cima, para a pintura do Criador. — Ela ainda escuta vozes, e noite passada, enquanto estávamos lá em cima na colina, teve outro dos seus sonhos malucos.

— Vá e tente pegar o anel para que voltemos ao processo de seleção. — Irmã Dulcinia falou.

Ela lançou um olhar ameaçador para as Irmãs Philippa e Leoma, como se estivesse dizendo que já houve conversa demais. Irmã Philippa recebeu o olhar sem mostrar expressão ou fazer comentário. Irmã Maren olhava com impaciência para o suave brilho sob o qual estava o objeto de desejo delas.

Irmã Leoma gesticulou com uma mão enrugada na direção da coluna branca. — Verna, querida, traga o anel para nós, se você for capaz. Temos assuntos do Palácio para voltar a cuidar. Se você não for capaz, bem, então seremos forçadas a usar uma teia mesclada para drenar o escudo e tentar recuperar o anel da Prelada. Vá agora, criança.

Irmã Verna deu um suspiro profundo, decidindo não criar caso por ser chamada de *criança* por outra Irmã, uma colega, e saiu caminhando pelo chão polido, seus passos ecoando pela vasta sala, o único som a não ser a batida abafada, distante, de tambores. Irmã Leoma era uma anciã, ela pensou, e merecia uma certa consideração. Olhou para cima, na direção das sacadas e viu suas amigas, Irmãs Amelia, Phoebe, e Janet, oferecendo seus leves sorrisos. Irmã Verna ficou com a mandíbula tensa e continuou avançando.

Ela não poderia imaginar o que o anel da Prelada estaria fazendo debaixo de um escudo tão perigoso, um escudo de luz.

Alguma coisa estava errada. A respiração dela acelerou com o pensamento de que isso poderia ter sido feito por uma Irmã do Escuro.

Uma delas poderia ter adaptado o escudo para ela, suspeitando que ela sabia demais. O passo dela reduziu um pouco. Se isso fosse verdade, e fosse um truque para eliminá-la, ela poderia muito bem ser incinerada sem aviso algum.

Apenas o som dos passos dela ecoava em seus ouvidos quando ela sentiu os limites exteriores da teia. Podia ver o cintilar do anel de ouro. Com os músculos tensos, ela esperava algo desagradável, como as outras obviamente tinham experimentado, mas sentiu apenas calor, como de um sol de verão. Lentamente, passo a passo, ela prosseguiu, mas o calor não aumentou.

Pelos suspiros que ouviu, ela soube que nenhuma das outras havia chegado tão longe. Também sabia que isso não significava que conseguiria fazer todo o caminho, ou escapar. Através do suave brilho branco, podia enxergar as Irmãs além, com os olhos arregalados enquanto observavam.

E então, como se estivesse na luz turva de um sonho, ela estava diante do pedestal. A luz no centro do escudo estava tão brilhante que não

conseguia distinguir os rostos daquelas que estavam além.

O anel de ouro da Prelada estava sobre um pedaço de pergaminho dobrado, selado com cera vermelha estampada com o símbolo do raio de sol do anel. A escrita estava parcialmente visível debaixo do anel. Empurrando o anel para o lado, ela virou o pergaminho com um dedo para conseguir ler.

Se deseja sair dessa teia com vida, coloque o anel no terceiro dedo da sua mão esquerda, beije-o, então quebre o selo e leia minhas palavras que estão aqui dentro para as outras Irmãs. Prelada Annalina Aldurren.

Irmã Verna ficou olhando para as palavras. Elas pareciam olhar de volta para ela, esperando. Não sabia o que fazer. Reconheceu a escrita da Prelada bem demais, mas percebeu que poderia ser uma falsificação. Se fosse um truque de uma das Irmãs do Escuro, especialmente de uma com uma queda para um ato dramático, seguir as instruções poderia matá-la. Se não fosse, então não seguir mataria. Ficou congelada por um momento, tentando encontrar alternativas. Nenhuma surgiu em sua mente.

Irmã Verna pegou o anel. Sons de surpresa surgiram da escuridão ao redor. Ela girou o anel nos dedos, inspecionando o símbolo do raio de sol e as marcas do tempo. Ele estava quente ao toque, como se estivesse aquecido por uma fonte em seu interior. Parecia o anel da Prelada, e uma sensação dentro dela dizia que era. Olhou para as palavras no pergaminho outra vez.

Se deseja sair dessa teia com vida, coloque o anel no terceiro dedo da sua mão esquerda, beije-o, então quebre o selo e leia minhas palavras que estão aqui dentro para as outras Irmãs. Prelada Annalina Aldurren.

Irmã Verna, com sua respiração ficando fraca e difícil, enfiou o anel no terceiro dedo da mão esquerda.

Levou a mão até os lábios e beijou o anel enquanto fazia uma prece silenciosa para o Criador pedindo orientação e força. Ela se encolheu quando um feixe de luz desceu da figura do Criador acima dela, mergulhando-a em um uma coluna brilhante de luz. O ar ao redor dela zuniu. Houve breves gritos e gemidos das Irmãs na sala, mas dentro da luz que ela estava, não podia ver elas.

Irmã Verna levantou o pergaminho nos dedos trêmulos. O ar zuniu com mais intensidade. Ela queria correr, mas ao invés disso quebrou o selo de cera. A coluna de luz que vinha da imagem do Criador acima intensificou tornando-se um brilho cegante.

Irmã Verna desenrolou o pergaminho e levantou os olhos, embora não pudesse ver os rostos em volta dela. — Sob a penalidade da morte, recebi a ordem de ler essa carta.

Ninguém falou nada, então ela baixou os olhos para as palavras escritas. — Ela diz, *Conheçam todas aquelas reunidas, e aquelas que não estão aqui, meu último comando.*

Irmã Verna fez uma pausa e engoliu em seco enquanto Irmãs arfavam.

Estes são tempos de julgamento, e o Palácio dificilmente pode suportar uma longa batalha para me substituir. Não vou permitir isso. Estou exercendo minha prerrogativa como Prelada, como definido nas escrituras sagradas do Palácio, de nomear minha sucessora. Ela está diante de vocês, usando o anel do cargo dela. A Irmã que está lendo isso agora é a Prelada. As Irmãs da Luz obedecerão a ela. Todas vão obedecer a ela.

O feitiço que eu deixei sobre o anel foi criado com ajuda e orientação do próprio Criador. Desafiem minha ordem por seu próprio risco.

Para a nova Prelada, vocês estão encarregadas de servir e proteger o Palácio dos Profetas e tudo que ele representa.

Que a Luz proteja e guie vocês sempre.

De minha própria mão, antes que eu passe dessa vida para as mãos gentis do Criador. Prelada Annalina Aldurren.

Com um som que fez tremer o chão debaixo dos pés dela, a coluna de luz, e o brilho ao redor dela desapareceram.

Verna Sauventreen deixou a mão que segurava a carta cair enquanto olhava para o círculo de rostos assustados. A vasta sala ficou cheia de um

leve farfalhar quando as Irmãs da Luz começaram a ajoelhar e baixar as cabeças para sua nova Prelada.

— Não pode ser. — Ela sussurrou para si mesma.

Enquanto arrastava os pés pelo chão polido, ela deixou a carta escorregar de seus dedos. Irmãs correram atrás dela cuidadosamente para pegá-la, para lerem elas mesmas as últimas palavras da Prelada Annalina Aldurren.

As quatro Irmãs levantaram quando ela se aproximou. O belo cabelo cor de areia da Irmã Maren emoldurou seu rosto pálido. Os olhos azuis da Irmã Dulcinia estavam arregalados, e seu rosto vermelho. A expressão geralmente calma da Irmã Philippa agora estava uma imagem de consternação.

As bochechas enrugadas da Irmã Leoma esticaram em um sorriso gentil. — Você vai precisar de conselho e orientação, Irm...

— Prelada. — O sorriso dela foi desfeito pelo modo como engoliu involuntariamente. — Estaremos disponíveis para ajudar de qualquer maneira que pudermos. Por favor, considere-nos ao seu serviço. Estamos aqui para servir...

— Obrigada. — Verna falou com uma voz fraca quando começava a caminhar outra vez, seus pés pareciam se mover por vontade própria.

Warren esperava do lado de fora. Ela fechou as portas e ficou parada diante do jovem mago louro. Warren abaixou sobre um joelho fazendo uma grande reverência.

— Prelada. — Levantou os olhos com um sorriso. — Estava escutando na porta. — Ele explicou.

— Não me chame assim. — Sua própria voz soava estranha para ela.

— Porque não? É quem você é agora. — O sorriso dele aumentou. — Isso é...

Ela virou e olhou para longe, sua mente finalmente começando a funcionar outra vez. — Venha comigo.

— Onde você vai?

Verna colocou um dedo sobre os lábios e lançou um olhar sério para ele por cima do ombro que fez ele fechar rapidamente a boca.

Warren acelerou para alcançá-la enquanto ela se afastava. Assim que estava ao lado dela, mediu seu passo para acompanhá-la para fora do Palácio dos Profetas. Sempre que ele parecia querer abrir a boca novamente, ela colocava o dedo nos lábios. Finalmente ele soltou um suspiro, enfiou as mãos nas mangas opostas do manto, e manteve seu olhar para frente enquanto caminhava ao lado dela.

Noviças e homens jovens do lado de fora do Palácio, que ouviram o toque dos sinos proclamando que a nova Prelada tinha sido nomeada, viram o anel e faziam reverência. Verna manteve os olhos para frente enquanto passava por eles. Os guardas na ponte sobre o Rio Kern fizeram reverência quando ela passava.

Assim que estava do outro lado do rio, ela desceu até a margem e andou pela trilha através dos juncos. Warren se apressou para acompanhá-la quando ela passava pelas pequenas docas, agora todas vazias, os barcos estavam no rio com seus pescadores lançando redes ou arrastando linhas enquanto deslizavam subindo lentamente o rio. Logo eles retornariam para vender seus peixes nos mercados da cidade.

A uma certa distância subindo o rio a partir do Palácio dos Profetas, em uma área plana deserta perto de uma rocha em volta da qual a água batia e espumava, ela parou. Observando as águas que rodopiavam, colocou os punhos nos quadris.

— Eu juro, se aquela mulher não estivesse morta, estrangularia ela com minhas próprias mãos.

— Do que você está falando? — Warren perguntou.

— A Prelada. Se ela não estivesse nas mãos do Criador agora mesmo, colocaria as minhas na garganta dela.

Warren riu. — Essa seria uma bela visão, Prelada.

— Não me chame assim!

Warren fez uma careta. — Mas é quem você é agora: a Prelada.

Ela segurou no manto dele, bem nos ombros. — Warren, tem que me ajudar. Tem que me tirar dessa.

— O quê! Mas isso é maravilhoso! Verna, agora você é a Prelada.

— Não. Não posso ser. Warren, você conhece todos os livros lá embaixo, nas câmaras, estudou as leis do Palácio, tem que encontrar alguma coisa para me tirar dessa. Tem que haver um jeito. Você pode encontrar alguma coisa nos livros que impeça isso.

— Impedir? Está feito. E além disso, essa é a melhor coisa que poderia acontecer. Ele inclinou a cabeça para um lado.

— Porque me trouxe aqui embaixo?

Ela soltou o manto dele. — Warren, pense. Porque a Prelada foi morta?

— Ela foi morta por Irmã Ulicia, uma das Irmãs do Escuro. Foi morta porque lutava contra o mal delas.

— Não, Warren, eu disse pense. Ela foi morta porque um dia, no escritório dela, ela me falou que sabia sobre as Irmãs do Escuro. Irmã Ulicia era uma das administradoras dela, e ela ouviu a Prelada falar do seu conhecimento. — Ela se inclinou na direção dele. — A sala estava protegida, me certifiquei disso, mas o que eu não percebi naquele momento é que as Irmãs do Escuro poderiam ser capazes de usar Magia Subtrativa. Irmã Ulicia ouviu através do escudo, e voltou para matar a Prelada. Aqui fora, nós poderíamos ver se alguém estiver perto o bastante para ouvir nossa conversa, não tem canto algum para que elas possam se esconder. — Ela balançou a cabeça apontando na direção da água espumante. — E a água mascara o som de nossas vozes.

Warren olhou ao redor nervosamente. — Entendo o que você diz. Mas Prelada, às vezes a água pode transportar sons por uma boa distância.

— Falei para você parar de me chamar assim. Com os sons do dia ao nosso redor, e se falarmos baixo, a água vai mascarar nossas vozes. Não podemos arriscar falar nada sobre isso dentro do Palácio. Se precisarmos discutir alguma coisa a respeito disso, devemos sair e seguir até o campo, onde podemos ver se tem alguém perto. Agora, preciso que você encontre uma maneira para que eu seja removida do posto de Prelada.

Warren suspirou exasperado. — Pare de falar isso. Você está qualificada para ser Prelada, talvez mais do que qualquer uma das outras Irmãs; além da experiência, a Prelada deve ser alguém com excepcional poder. — ele afastou os olhos quando ela levantou uma sobrancelha. — Tenho acesso ilimitado para qualquer coisa nas câmaras. Eu li os relatórios. — O olhar dele brilhou. — Quando você capturou Richard, as outras duas Irmãs morreram, e assim passaram seu poder para você. Você tem o poder, o Han, de três Irmãs.

— Isso dificilmente é o único requisito, Warren.

Ele chegou mais perto. — Como eu disse, tenho acesso ilimitado aos livros. Conheço os requisitos. Não há nada que desqualificaria você; você atende todos os requisitos. Deveria estar feliz por ser Prelada. Essa é a melhor coisa que poderia acontecer.

Irmã Verna suspirou. — Você perdeu o cérebro junto com a coleira? Que possível razão eu poderia ter para querer ser Prelada?

— Agora nós podemos desmascarar as Irmãs do Escuro. — Warren sorriu de modo confidencial. — Você terá autoridade para fazer o que deve ser feito. — os olhos azuis dele brilharam. — Como eu disse, essa é possivelmente a melhor coisa que poderia acontecer.

Ela jogou as mãos para cima. — Warren, ser a Prelada é possivelmente a pior coisa que poderia acontecer. O manto da autoridade é tão limitante quanto a coleira da qual você está tão feliz em ter se livrado.

Warren fez uma careta. — O que você quer dizer?

Ela alisou para trás o cabelo castanho. — Warren, a Prelada é uma prisioneira da autoridade dela. Você via a Prelada Annalina com frequência? Não. E porque não? Porque ela estava no escritório dela, fiscalizando a

administração do Palácio dos Profetas. Tinha mil coisas para cuidar, mil questões que exigiam sua atenção, centenas de Irmãs e homens jovens que precisavam ser administrados, incluindo o constante dilema de Nathan. Você não imagina o tipo de problema que aquele homem poderia causar. Ele precisava ficar sob guarda constante.

— A Prelada nunca pode aparecer para visitar uma Irmã, ou um dos jovens em treinamento; ficariam em pânico, imaginando o que teriam feito de errado, o que a Prelada ouviu falar sobre eles. As conversas da Prelada jamais podem ser casuais, elas estão sempre com o fardo da percepção de sentidos ocultos. Não é que ela queira as coisas assim, simplesmente ela mantém uma posição de grande autoridade e ninguém jamais pode esquecer disso.

— Quando ela se aventura fora de seu complexo imediatamente ela fica cercada pela pompa e formalidade do seu posto. Se ela for até a sala de jantar para comer, ninguém tem coragem de continuar com suas conversas; todos ficam sentados em silêncio e observam ela, esperando que ela não olhe na direção deles ou, pior ainda, convide eles para a mesa dela.

Warren murchou um pouco. — Nunca pensei nisso desse jeito.

— Se as suas suspeitas sobre as Irmãs do Escuro forem verdadeiras, e não estou dizendo que são, então ser a Prelada atrapalharia que eu descobrisse quem são elas.

— Não atrapalhou a Prelada Annalina.

— Tem certeza disso? Talvez se ela não fosse Prelada tivesse descoberto elas eras atrás, quando poderia fazer alguma coisa a respeito. Ela poderia ter conseguido erradicar elas antes que tivessem começado a matar nossos garotos e roubar o Han deles, e se tornassem tão poderosas. Como aconteceu, sua descoberta veio tarde demais, e só resultou na morte dela.

— Mas elas podem temer o seu conhecimento e acabar revelando a si mesmas de algum modo.

— Se houver Irmãs do Escuro no Palácio, então elas sabem do meu envolvimento na descoberta das seis que fugiram, e até mesmo, ficarão

felizes que eu seja a Prelada para amarrar minhas mãos e me manter fora do caminho.

Warren encostou um dedo nos lábios. — Mas, ter você como Prelada deve ajudar em alguma coisa.

— Vai ser apenas um obstáculo na tentativa de deter as Irmãs do Escuro. Warren, você tem que me ajudar. Conhece os livros; deve ter alguma coisa que possa me tirar dessa.

— Prelada...

— Pare de me chamar assim!

Warren encolheu de frustração. — Mas é quem você é. Não posso chamar de algo menor.

Ela suspirou. — A Prelada, Prelada Annalina, pedia aos amigos dela para chamá-la de Ann. Se agora eu sou a Prelada, então peço que me chame de Verna.

Warren refletiu um pouco. — Bem... Acho que somos amigos.

— Warren, somos mais do que amigos; você é o único em quem posso confiar. Agora não tem ninguém mais.

Ele assentiu. — Verna, então. — ele entortou a boca enquanto pensava. — Verna, você está certa: conheço os livros. Conheço os requisitos, e você satisfaz todos. É jovem, para uma Prelada, mas apenas pelo precedente; não há proibição na lei sobre a idade. Mais do que isso, você tem o Han de três Irmãs. Não há nenhuma Irmã, nenhuma Irmã da Luz, pelo menos, que se iguale a você. Apenas isso já torna você mais do que qualificada; poder, o comando do Han, é o requisito mais importante para ser Prelada.

— Warren, deve ter alguma coisa. Pense.

Os olhos azuis dele refletiram a profundidade de seu conhecimento, e pesar. — Verna, conheço os livros. Eles são explícitos.

— Uma vez nomeada de acordo com a lei, eles proíbem especificamente a Prelada de abandonar sua obrigação. Apenas com a morte

ela pode abrir mão de uma convocação. A não ser que Annalina Aldurren voltasse à vida, e reclamasse seu cargo, não tem jeito de você acabar com sua qualificação, ou renunciar. Você é a Prelada.

Verna não conseguia pensar em solução alguma. Ela estava encurralada. — Aquela mulher esteve revirando minha vida tanto tempo quanto consigo lembrar. Ela adaptou aquele feitiço para mim, sei que ela fez isso. Ela me prendeu nessa armadilha. Queria poder estrangular ela!

Warren colocou uma das mãos suavemente no braço dela. — Verna, você permitira que uma Irmã do Escuro fosse Prelada?

— Claro que não.

— Acha que Ann faria isso?

— Não, mas não vejo...

— Verna, você disse que não pode confiar em mais ninguém a não ser em mim. Pense em Ann. Ela também estava encurralada. Não poderia arriscar que uma delas se tornasse Prelada. Estava morrendo. Ela fez a única coisa que poderia. Não podia confiar em mais ninguém a não ser você.

Verna olhou dentro dos olhos dele enquanto suas palavras ecoavam na mente dela, e então ela sentou em uma pedra lisa escura perto da água. O rosto dela mergulhou nas mãos. — Querido Criador, — ela sussurrou, — sou assim tão egoísta?

Warren sentou ao lado dela. — Egoísta? Teimosa, às vezes, mas nunca egoísta.

— Oh, Warren, ela deveria estar tão solitária. Pelo menos teve Nathan ali com ela... no final.

Warren assentiu. Após um momento, ele olhou para ela. — Temos um monte de problemas, não temos, Verna?

— Um Palácio todo cheio deles, Warren. Todos muito bem embrulhados com uma fita dourada.

CAPÍTULO 7

Richard cobriu a boca enquanto bocejava. Estava tão cansado por não ter dormido na noite anterior, ou na verdade, por não ter dormido muito nas últimas duas semanas, para não falar da luta com os Mriswith, que era um esforço colocar um pé na frente do outro. Os cheiros mudavam do fedor para perfume e de volta ao fedor praticamente a cada passo enquanto ele avançava através do labirinto de ruas, ficando perto das casas e fora da agitação enquanto tentava o melhor que podia seguir as direções que a Senhora Sanderholt deu para ele. Esperava que não estivesse perdido.

Sempre saber onde estava, e como conseguiria chegar aonde estava indo, era uma questão de honra para um guia, mas já que Richard foi um guia florestal, achava que poderia ser perdoado se ficasse perdido em uma grande cidade. Além disso, ele não era mais um guia florestal, nem esperava que pudesse voltar a ser.

Porém, sabia onde o sol estava, e não importava o que as ruas e casas fizessem em seu esforço para confundir ele com sua abundância, becos escuros, e sua variedade de ruas laterais estreitas e ondulantes no meio de antigas construções sem janelas, dispostas sem design algum, sudeste ainda era sudeste. Simplesmente ele usou construções mais altas como pontos de referência, ao invés de grandes árvores ou terreno elevado, e tentou não se preocupar com as ruas exatas que deveria seguir.

Richard estava seguindo seu caminho através das multidões de pessoas, passando por vendedores ambulantes vestidos em farrapos com potes de raízes secas, cestas com pombos, peixes, e enguias, fazedores de carvão empurrando carrinhos e gritando o preço em forma de canção, passando por vendedores de queijo usando uniformes vermelho e amarelo, açougues com porcos, ovelhas, e carcaças de veado em estacas, vendedores de sal oferecendo diferentes granulações e texturas, mercadores vendendo pães, tortas e bolos, galinhas, temperos, sacos de grãos, barris de vinho e cerveja, e uma centena de outros itens exibidos em janelas ou sobre mesas do lado de fora de lojas, e passando por pessoas examinando as mercadorias, conversando e reclamando sobre os preços, quando ele

percebeu a agitação em suas entranhas que era um aviso, ele estava sendo seguido.

Repentinamente bem acordado, virou e viu um grupo de rostos, mas nenhum que ele reconhecia. Manteve sua capa negra por cima da espada para não chamar atenção. Pelo menos os sempre presentes soldados não pareceram particularmente interessados nele, embora alguns dos D'Harans observassem quando ele passava perto, como se pudessem sentir alguma coisa, mas não conseguissem definir a origem. Richard apressou os passos.

O barulho era tão leve e ele pensou que talvez aqueles que o estavam seguindo não estivessem perto o bastante para que ele os visse.

Mas então, como ele saberia quem era? Poderia ser qualquer um dos rostos que via. Olhou para cima dos telhados, mas não viu aquele que sabia estar seguindo ele, e ao invés disso verificou a direção da luz do sol para evitar se perder.

Fez uma pausa perto de uma construção em uma esquina para olhar as pessoas subindo e descendo a rua, procurando por alguém que estivesse observando ele, qualquer um que parecesse fora de lugar, ou incomum, mas não viu nada alarmante.

— Bolo de mel, meu Lorde?

Richard virou para uma pequena garota em um casaco grande demais em pé atrás de uma pequena mesa frágil. Imaginou que ela deveria ter dez ou doze anos, mas ele não era bom em deduzir a idade de garotas jovens. — O que é isso?

Ela passou uma das mãos sobre a mercadoria na mesa dela. — Bolo de mel? Minha avó faz eles. São muito bons, posso garantir, é custa só uma moeda. Será que você compraria um, por favor, meu Lorde? Não vai se arrepender.

No chão, atrás da garota, uma mulher gorducha em um cobertor marrom esfarrapado estava sentada numa tábua colocada em cima da neve. Ela sorriu para ele. Richard sorriu de volta levemente enquanto sondava em seu interior, tentando determinar o que estava sentindo, tentando determinar

a natureza do mau pressentimento. A garota e a velha sorriam esperançosamente, e esperavam.

Richard olhou subindo a estrada novamente e então, soltando um longo jato de fumaça com sua respiração na brisa suave, procurou em seu bolso. Ele comeu pouco coisa em sua fuga de duas semanas para Aydindril, e ainda estava fraco. Tudo que ele tinha era prata e ouro do Palácio dos Profetas. Duvidou que sua bolsa, lá no Palácio das Confessoras, tivesse alguma moeda também.

— Não sou um Lorde. — ele falou enquanto colocava tudo de volta no bolso a não ser uma moeda de prata.

A garota apontou para a espada dele. — Qualquer um que tem uma bela espada parecida com essa deve ser um Lorde, com certeza.

A velha tinha parado de sorrir. Com os olhos fixos na espada dele, ela levantou.

Richard cobriu a cabo e a bainha trabalhada em prata e ouro rapidamente, e entregou a moeda para a garota. Ela ficou olhando para a moeda em sua palma.

— Não tenho dinheiro suficiente para dar troco de tudo isso, meu Lorde. Minha nossa, nem sei quanto dinheiro seria preciso. Nunca segurei uma moeda de prata.

— Eu disse, não sou um Lorde. — Ele sorriu quando ela levantou os olhos. — Meu nome é Richard. Vamos fazer o seguinte, porque não fica com a moeda e considera o valor extra como pagamento adiantado, então sempre que eu passar por esse caminho de novo, bem, você pode me dar outro de seus bolos de mel pela barganha, até que a prata acabe.

— Oh, meu Lorde... Quer dizer, Richard, obrigada.

Sorrindo, a garota deu a moeda para a avó dela. A velha inspecionou a moeda de prata com um olho crítico enquanto girava ela nos dedos. — Nunca vi marcas como essas. Você deve ter viajado um longo caminho.

A mulher não teria como saber de onde a moeda era; os mundos Antigo e o Novo estiveram separados durante os últimos três mil anos. — Eu viajei. Entretanto, a prata é bastante verdadeira.

Ela observou com olhos azuis que pareciam como se os anos tivessem retirado quase toda a cor. — Você pegou ou ganhou, meu Lorde? — Quando a testa de Richard franziu, ela gesticulou. — Essa sua espada, meu Lorde. Você pegou ela, ou ela foi dada a você?

Richard encarou o olhar dela, finalmente entendendo. O Seeker deveria ser escolhido por um mago, mas desde que Zedd fugiu de Midlands muitos anos, a espada havia se tornado um prêmio entre aqueles que podiam pagar, ou aqueles que conseguiam roubá-la. Falsos Seekers deram uma reputação terrível para a Espada da Verdade, e não eram de confiança; eles usavam a magia da espada por razões egoístas, e não como aqueles que investiram sua magia na lâmina pretendiam. Richard era o primeiro em décadas a ser nomeado Seeker da Verdade por um mago. Richard entendeu a magia, seu terrível poder e responsabilidade. Ele era o verdadeiro Seeker.

— Ela me foi entregue por alguém da Primeira Ordem. Eu fui nomeado. — Ele falou de modo sério.

Ela apertou o cobertor no peito. — Um Seeker. — ela falou entre as aberturas dos dentes que faltavam. — Que os espíritos sejam louvados. Um verdadeiro Seeker.

A garotinha, sem entender a conversa, olhou para a moeda na mão da sua avó, e então entregou a Richard o maior bolo que estava na mesa. Ela o recebeu com um sorriso.

A velha inclinou um pouco sobre a mesa e baixou a voz. — Você veio para nos livrar dos vermes?

— Alguma coisa assim. — Ele deu uma mordida no bolo de mel. Sorriu para a garota outra vez. — É tão bom quanto você prometeu.

Ela sorriu. — Eu disse. Vovó faz os melhores bolos de mel da Rua Stentor.

Rua Stentor. Pelo menos ele conseguiu descobrir a rua certa. Passando o mercado na Rua Stentor, a Senhora Sanderholt falou. Piscou

para a garota enquanto mastigava. — Que vermes? — ele perguntou para a velha.

— Meu filho, — a velha disse enquanto baixava os olhos, indicando a garota, — e a mãe dela, eles nos abandonaram para ficar perto do Palácio, esperando pelo ouro prometido. Falei para eles trabalharem, mas disseram que sou velha e tola nos meus costumes, e podem receber mais se ficarem simplesmente esperando lá pelo que é deles.

— Porque elas acham que isso *é* deles?

Ela encolheu os ombros. — Porque alguém no Palácio falou. Falou que eles teriam esse direito. Falou que todo povo tinha. Alguns, como aquelas dois, acreditaram; isso foi uma tentação para os costumes preguiçosos do meu filho. Hoje em dia os jovens são preguiçosos. Então eles sentam e esperam, para ganhar, que tomem conta deles, ao invés de cuidarem de suas próprias necessidades. Eles brigam por causa de quem deverá receber o ouro primeiro. Alguns dos fracos e velhos morreram nessas brigas.

— Enquanto isso, poucos trabalham, e então os preços continuam subindo. Agora mal podemos comprar pão suficiente. — o rosto dela mostrou uma expressão triste. — Tudo por causa de uma tola cobiça pelo ouro. Meu filho trabalhava, para Chalmer, o padeiro, mas agora ele fica esperando para receber ouro, ao invés de trabalhar, e fica cada vez mais faminto. — ela olhou com o canto dos olhos para a garota, e sorriu com ternura. — Porém, ela trabalha. Me ajuda a fazer os meus bolos, e assim podemos nos alimentar. Não vou deixar ela vagar pelas ruas, como muitos do jovens fazem agora.

Ela levantou os olhos novamente com uma expressão sombria. — Eles são os vermes: eles que tiram o pouco que conseguimos obter ou fazer com nossas mãos prometendo devolver mais para nós, esperando que fiquemos agradecidos com seus corações bondosos; eles que seduzem pessoas boas fazendo com que fiquem preguiçosas para que possam nos controlar como fazem com ovelhas; eles que tiram nossa liberdade e nossos costumes. Até mesmo uma velha tola como eu sabe que pessoas preguiçosas não pensam por si mesmas; se preocupam apenas consigo mesmas. Não sei o que vai ser do mundo.

Quando finalmente ela pareceu ficar sem fôlego, ele gesticulou para a moeda na mão dela enquanto engolia um pouco do bolo de mel. Richard lançou um olhar sério para ela. — Eu ficaria muito agradecido, por enquanto, se vocês esquecessem da aparência de minha espada.

Ela balançou a cabeça concordando. — Qualquer coisa. Qualquer coisa para você, meu Lorde. Que os bons espíritos estejam com você. E espero que ensine a esses vermes uma boa lição por mim.

Richard subiu a rua por uma certa distância, e sentou por um momento em um barril ao lado de um beco para comer um pouco do seu bolo de mel. Estava bom, mas não estava realmente prestando muita atenção no gosto, e isso não fez nada para acalmar a sensação de preocupação em seu estômago. Não era a mesma sensação de quando ele sentia o Mriswith, ele percebeu; era mais a sensação que sempre tinha quando os olhos de alguém estavam em cima dele, e os cabelos na nuca dele ficavam eriçados. Era isso que estava sentindo, alguém estava observando ele, alguém observando e seguindo. Ele estudou os rostos, mas não viu ninguém que parecesse estar interessado nele.

Lambendo o mel dos dedos, ele seguiu caminho pela rua, desviando de cavalos puxando carrinho e carroças, e entre uma multidão de pessoas cuidando de seus negócios. Às vezes, era como tentar nadar subindo um rio. O barulho, o som de metal, o bater de cascos, o arrastar de cargas em carroças, o chiado de eixos, o som de neve compactada sendo pisada, a gritaria dos vendedores ambulantes e o murmúrio de conversas, algumas suaves ou um emaranhado de línguas que ele não entendia, era inquietante. Richard estava acostumado ao silêncio das florestas dele, onde o vento nas árvores ou a água correndo sobre pedras era a maioria dos sons que ele escutava. Embora ele tivesse entrado em Hartland, dificilmente ela era algo mais do que uma cidade pequena, e nada comparado com as cidades, como essa, que ele tinha visto desde que deixou seu lar.

Richard sentia saudade das florestas. Kahlan tinha prometido que voltaria lá com ele um dia para fazer uma visita. Ele sorriu para si mesmo enquanto pensava nos belos lugares em que a levaria, as vistas, as cachoeiras, as passagens escondidas nas montanhas. Sorriu mais ainda ao pensar como ela ficaria maravilhada, e como eles seriam felizes juntos.

Sorriu ao lembrar do sorriso especial dela, aquele que ela não dava para mais ninguém a não ser para ele.

Sentia saudade de Kahlan mais do que poderia sentir de suas florestas. Queria encontrar com ela o mais rápido que pudesse.

Em breve, ele encontraria, mas primeiro tinha algumas coisas para fazer em Aydindril.

Com o som de gritos ele levantou os olhos e percebeu que ao sonhar acordado não estava prestando atenção para onde estava indo, e uma coluna de soldados estava prestes a atropelar ele. O Comandante praguejou quando fez os seus homens pararem subitamente.

— Você estar cego! Que tipo de idiota caminha para baixo de uma coluna de cavaleiros!

Richard olhou ao redor. Todas as pessoas estavam afastadas dos soldados, e pareciam estar tentando mostrar que nunca tiveram intenção de se aventurarem no meio da rua. Eles se esforçavam para fingir que os soldados não existiam. A maioria parecia querer ficar invisível.

Richard levantou os olhos na direção do homem que gritou com ele, e por um momento ele mesmo pensou em se tornar invisível antes que houvesse problema e alguém ficasse ferido, mas a Segunda Regra do Mago surgiu em sua mente: *a pior coisa pode resultar das melhores intenções*. Ele aprendeu que quando você mexia com magia, os resultados poderiam ser desastrosos. Magia era perigosa e tinha que ser usada cuidadosamente. Rapidamente ele decidiu que um simples pedido de desculpas seria prudente, e funcionaria melhor.

— Sinto muito. Acho que não estava olhando para onde estava indo. Me perdoe.

Ele não lembrava de ter visto soldados como esses, todos sobre montarias em colunas bem organizadas. Cada uma das armaduras dos soldados de rostos amargos era cegante na luz do sol. Ao lado de suas armaduras impecavelmente polidas, as espadas deles, facas, e lanças cintilavam na luz do sol. Cada homem usava uma capa vermelha posicionada de uma forma exata sobre o flanco de seu cavalo branco. Para

Richard, eles pareciam homens prestes a passar por uma revista perante um grande Rei.

O homem que gritou olhou para baixo, sob a borda do elmo cintilante com uma crista de pelo de cavalo em cima. Ele segurava as rédeas de seu poderoso cavalo cinzento em uma das mãos com manopla enquanto inclinava.

— Saia do nosso caminho, seu estúpido, ou vamos passar por cima de você e acabar com isso.

Richard reconheceu o sotaque do homem; era o mesmo de Adie. Não sabia a qual terra Adie pertencia, mas esses homens deveriam ser do mesmo lugar.

Richard encolheu os ombros enquanto dava um passo para trás. — Falei que sinto muito. Não sabia que havia um assunto tão urgente.

— Lutar contra o Guardião sempre ser assunto urgente.

Richard deu outro passo para trás. — Não posso discutir com você sobre isso. Tenho certeza que ele está tremendo em um canto agora mesmo, esperando que você apareça para acabar com ele, então é melhor seguir em frente.

Os olhos escuros do homem brilharam como gelo. Richard tentou não mostrar fraqueza. Ele gostaria de conseguir aprender a não ser insolente. Imaginou que isso fosse resultado de seu tamanho.

Richard nunca gostou de lutar. Enquanto crescia, tinha se transformado no alvo de outros que queriam mostrar sua força. Antes de receber a Espada da Verdade, e ela ensinado a ele a necessidade de algumas vezes liberar a raiva que sempre manteve sob forte controle, tinha aprendido usar um sorriso ou humor para aliviar os sentimentos de adversários agitados, e desarmar aqueles que apenas estavam querendo começar uma briga. Richard conhecia sua própria força, mas essa confiança havia criado em seu humor uma tendência de se tornar petulante.

Às vezes parecia que ele não conseguia se conter; sua boca simplesmente se movia antes de seu pensamento.

— Você tem uma língua audaciosa. Talvez você seja alguém seduzido pelo Guardião.

— Eu lhe asseguro, senhor, você e eu lutamos contra o mesmo inimigo.

— Os servos do Guardião espreitam por trás da arrogância.

Justamente quando Richard estava pensando que não precisava de problemas, e era hora de efetuar um rápido recuo, o homem começou a desmontar. No mesmo instante, mãos poderosas agarraram ele. Dois homens enormes, um de cada lado, levantaram ele do chão. — Siga em frente, senhor. — aquele que estava no ombro direito dele falou para o cavaleiro. — Esse aqui não é preocupação sua. — Richard tentou virar a cabeça, mas só conseguiu ver o couro marrom de uniformes D'Haran nos homens que o seguravam por trás.

O soldado congelou com seu pé fora do estribo. — Nós estar do mesmo lado, irmão. Esse aqui precisa ser interrogado, por nós, e então aprender um pouco de humildade. Nós vamos...

— Eu disse, siga em frente!

Richard abriu a boca para falar alguma coisa. Imediatamente, o pesado braço musculoso do D'Haran que estava na direita saiu debaixo de uma grossa capa de lã marrom escura. Quando uma grande mão cobriu sua boca, Richard viu uma faixa de metal de cor dourada logo acima do cotovelo, suas projeções afiadas cintilando sob a luz do sol. As faixas eram armas mortais usadas para rasgar um oponente em combate corpo a corpo. Richard quase sufocou com a própria língua.

A maioria dos soldados D'Haran eram grandes, mas esses dois eram muito além do meramente grande. Pior, não eram apenas soldados D'Haran comuns; Richard tinha visto homens como esses antes, com faixas logo acima dos cotovelos. Eram da guarda pessoal de Darken Rahl. Darken Rahl quase sempre tinha dois homens como esses com ele.

Os dois homens ergueram Richard com facilidade; ele estava tão indefeso quanto uma boneca de pano. Em sua corrida de duas semanas até Aydindril, para encontrar Kahlan, não tinha apenas comido pouco, mas

dormido pouco também. A luta com os Mriswith, poucas horas antes, havia drenado quase toda a energia que lhe restava, mas o medo forneceu uma reserva de força para seus músculos. Contra esses dois, não era o bastante.

O homem no cavalo começou a passar a perna por cima do cavalo novamente, para desmontar. — Eu falei, esse aqui é nosso. Nós queremos interrogá-lo. Se ele servir ao Guardião, ele vai confessar.

O D'Haran no lado esquerdo de Richard rosnou falando com uma voz ameaçadora. — Desça aqui, e eu arrancarei sua cabeça e usarei ela para fazer um jogo com tigelas. Estivemos procurando por esse aqui, e agora ele é nosso. Quando acabarmos com ele, você poderá interrogar o cadáver dele o quanto quiser.

Congelado parcialmente fora de seu cavalo, o olhou com raiva para os D'Harans. — Eu disse, irmão, nós estar do mesmo lado.

— Nós dois lutamos contra a maldade do Guardião. Não tem necessidade de lutar entre nós.

— Se quer discutir, então faça isso com sua espada. Se não, vá embora!

Os quase duzentos cavaleiros observaram os dois D'Harans, sem mostrar emoção, especialmente nenhum medo.

Afinal de contas havia apenas dois D'Harans, não era um grande desafio, independente do tamanho dos homens. Pelo menos um tolo poderia pensar assim. Richard tinha visto tropas D'Haran por toda parte na cidade. Era possível que no primeiro sinal de problemas, eles pudessem aparecer em pouco tempo.

Porém, os cavaleiros não pareciam preocupados com outros D'Harans. — Só tem dois de vocês, irmão.

— Não são boas chances.

Aquele que estava do lado esquerdo de Richard olhou casualmente para a fila de cavaleiros, virou a cabeça, e cuspiu. — Você tem razão, senhor. O Egan aqui, vai ficar de lado para deixar as chances mais equilibradas enquanto eu cuido de você e seus belos homens. Mas tenha

certeza, *irmão*, pois se o seu pé tocar o chão, dou minha palavra, você morre primeiro.

— Olhos de gelo, imóveis e frios, avaliaram os dois por um momento, e então o homem na armadura polida e capa vermelha, resmungando uma praga em uma língua estrangeira, deixou seu peso cair de volta em sua sela. — Nós temos assuntos importantes que exigem nossa atenção. Esse aqui ser um desperdício de nosso tempo. Ele ser de vocês.

Com um sinal do braço dele, a coluna de cavaleiros avançou pela rua, por pouco não atropelando Richard e seus dois captores. Richard tentou, mas os dois que o seguravam eram fortes demais, e não conseguia levar sua mão até a espada enquanto eles o carregavam. Ele observou em cima dos telhados, mas não viu nada.

Todas as pessoas ao redor desviavam os olhos, não querendo se envolver com aquele problema. Enquanto os dois enormes D'Harans arrastavam Richard do meio da rua, as pessoas saíam do caminho como se tivessem olhos atrás das cabeças. No meio do barulho da cidade, os gritos raivosos dele ficavam abafados e se perdiam. Não importava o quanto tentasse, não conseguia colocar uma das mãos perto de uma arma. Sua botas deslizavam pela neve, seus pés tentando procurar apoio em vão.

Richard se esforçou, ma antes que tivesse tempo para pensar no que fazer em seguida, eles o arrastaram para dentro de uma escura passagem estreita entre uma hospedaria e outra construção fechada.

Bem fundo na passagem, nas sombras, quatro figuras escuras com capas aguardavam.

CAPÍTULO 8

Gentilmente, os dois enormes D'Harans baixaram Richard. Quando seus pés encontraram o chão, suas mãos encontraram o cabo da espada. Os dois homens afastaram os pés de um modo relaxado e cruzaram as mãos nas costas. Do fundo sombrio da passagem as quatro figuras encapuzadas caminharam na direção dele.

Decidindo que escapar era melhor do que lutar, Richard não sacou sua espada, mas ao invés disso mergulhou para o lado. Rolou pela neve e levantou rapidamente. Sua costa bateu contra o muro frio. Ofegando, ele se enrolou em sua capa de Mriswith. Num piscar de olhos a capa mudou de cor para combinar com o muro, e ele desapareceu.

Seria apenas uma questão de escapulir enquanto estava escondido pela capa. Melhor escapar do que lutar. Logo que ele recuperasse o fôlego.

Os quatro continuaram marchando, suas capas escuras esvoaçando enquanto entravam na luz. Couro marrom escuro da mesma cor dos uniformes dos D'Harans cobria suas formas esguias dos pés até o pescoço. Uma estrela amarela entre as pontas de uma lua crescente enfeitava a roupa de couro no estômago de cada uma das mulheres.

O reconhecimento daquela estrela amarela e a lua crescente foi como um raio na mente de Richard. Vezes demais para contar, seu rosto, molhado com seu próprio sangue, encostou naquele símbolo. Sem reação ele congelou, não sacando a espada, nem respirando. Por um instante cheio de pânico ele viu apenas o símbolo que conhecia bem demais.

Mord-Sith.

A mulher na frente puxou o capuz para trás, deixando livre seu longo cabelo louro, preso em uma trança grossa. Os olhos azuis dela vasculharam a parede onde ele estava.

— Lorde Rahl? Lorde Rahl, onde...

Richard piscou. — Cara?

Exatamente quando ele diminuiu sua concentração, permitindo que sua capa voltasse a ser negra, e os olhos dela o encontraram, o céu desabou.

Com um rugido, um bater de asas, e o brilho de garras, Gratch pousou pesadamente. Os dois homens estavam com as espadas nas mãos quase instantaneamente, mas eles não eram tão rápidos quanto as Mord-Sith. Antes que as lâminas dos homens tivessem deixado suas bainhas, as mulheres estavam com seu Agiel nos punhos. Embora um Agiel aparentasse não ser nada além de um fino bastão de couro vermelho, Richard sabia que eram armas de incrível poder. Richard havia sido *treinado* com um Agiel.

Richard atirou-se contra o Gar, batendo com ele no muro antes que os dois homens e as quatro mulheres pudessem alcançá-lo. Gratch empurrou ele para o lado em seu desejo de enfrentar a ameaça.

— Parem! Todos vocês, parem! — As seis pessoas e o Gar congelaram com o som do grito dele. Richard não sabia quem venceria a luta, mas não queria descobrir. Ele aproveitou o momento antes que eles pudessem decidir se mover novamente e saltou na frente de Gratch.

Com as costas para o gar, ele esticou os braços, cada um para um lado. — Gratch é meu amigo. Ele só quer me proteger. Fiquem onde estão, e ele não machucará vocês.

O braço peludo de Gratch passou em volta da cintura de Richard e arrastou ele, segurando-o contra a pele rosada do seu peito e estômago. A passagem vibrou com um rugido que, enquanto mostrava afeição, ao mesmo tempo carregava um tom de ameaça para os outros.

— Lorde Rahl, — Cara falou com uma voz suave enquanto os dois homens embainhavam suas espadas, — também estamos aqui para protegê-lo.

Richard afastou o braço. — Está tudo bem, Gratch. Conheço eles. Você fez muito bem, exatamente como eu pedi, mas está tudo bem agora. Apenas fique calmo.

Gratch soltou um rosnado que ecoou nos muros aumentando como se estivesse em um estreito canyon escuro. Richard sabia que esse era um som de satisfação. Pediu para Gratch seguir ele, bem alto no ar, ou voando

de telhado em telhado, mas para ficar fora de vista a não ser que houvesse problema. Gratch realmente tinha feito um bom trabalho; Richard não tinha visto sinal algum dele até que ele mergulhasse em cima deles.

— Cara, o que você está fazendo aqui?

Cara tocou no braço dele com admiração, parecendo surpresa ao ver que ele estava sólido. Ela enfiou um dedo no ombro dele, e então abriu um sorriso.

— Nem mesmo o próprio Darken Rahl podia ficar invisível. Podia comandar feras, mas não ficar invisível.

— Eu não comando Gratch; ele é meu amigo. E na verdade eu não fiquei... Cara, o que está fazendo aqui?

Ela pareceu perplexa com a pergunta. — Protegendo você.

Richard apontou para os dois homens. — E eles? Eles disseram que pretendiam me matar.

Os dois homens continuaram imóveis, enraizados como carvalhos gêmeos. — Lorde Rahl, — um deles falou, — nós morreríamos antes que deixássemos algum mal tocá-lo.

— Estávamos quase alcançando você quando você esbarrou com aqueles cavaleiros. — Cara falou. — Pedi a Egan e Ulic que tirassem você de lá sem luta, ou você poderia se machucar. Se aqueles homens pensassem que estávamos tentando resgatar você, poderiam tentar matá-lo. Não queríamos arriscar sua vida.

Richard olhou para os dois homens de cabeça loura. As tiras de couro escuro, placas e cintos de seus uniformes eram moldados para encaixar como uma segunda pele sobre os contornos salientes dos músculos deles. Gravada no couro no meio do peito deles havia uma letra R, e abaixo dela, duas espadas cruzadas. Um deles, Richard não tinha certeza se era Egan ou Ulic, confirmou a verdade daquilo que Cara disse. Uma vez que Cara e as outras Mord-Sith ajudaram ele em D'Hara duas semanas antes, tornando possível que ele derrotasse Darken Rahl, ele estava inclinado a acreditar nela.

Richard não antecipou a escolha delas quando ele declarou que as Mord-Sith estavam livres dos grilhões de sua disciplina; ao ganhar sua liberdade, elas escolheram ser guardiãs dele, e tornaram-se bastante protetoras. Parecia não haver nada que ele pudesse fazer para mudar a ideia delas.

Uma das outras mulheres falou o nome de Cara, como um aviso para ter cautela, e balançou a cabeça na direção da abertura que mostrava a rua.

Pessoas reduziam a velocidade ao passar, olhando para elas. Um olhar furioso dos dois homens quando eles viraram colocou velocidade nos passos dos curiosos, e fez com que eles afastassem os olhos.

Cara agarrou o braço de Richard, logo acima do cotovelo. — Aqui ainda não é seguro. Venha conosco, Lorde Rahl.

Sem esperar a resposta dele, ou cooperação, ela empurrou ele para dentro das sombras no fundo da passagem.

Richard fez um sinal silenciosamente para acalmar Gratch. Levantando a parte inferior de uma veneziana solta, Cara empurrou ele na frente dela através da abertura. A janela pela qual eles entraram era a única em uma sala mobiliada por uma mesa empoeirada com três velas em cima, vários bancos, e uma cadeira. De um lado, estava uma pilha das coisas deles.

Gratch conseguiu dobrar as asas e entrou também. Ele ficou perto de Richard, observando os outros. Eles, em contra partida, sabendo que ele era amigo de Richard, não pareciam estar preocupados em ter um Gar olhando para eles a alguns pés de distância.

— Cara, o que está fazendo aqui?

Ela franziu a testa como se ele tivesse falado alguma coisa estúpida. — Eu disse, viemos para proteger você. — Um sorriso travesso surgiu nos lábios dela. — Parece que chegamos bem na hora. Mestre Rahl deve se concentrar em ser a magia contra a magia, uma tarefa para a qual você é mais adequado, e deixar que sejamos o aço contra o aço. — Ela inclinou a cabeça na direção das outras três mulheres. — Não tivemos tempo para

apresentações no Palácio. Essas são minhas irmãs de Agiel: Hally, Berdine, e Raina.

Na luz de vela bruxuleante, Richard estudou os três rostos. Ele estivera com terrível pressa naquele momento e só lembrava de Cara; foi ela quem falou por elas, e ele tinha segurado uma faca na garganta dela até que ela o convenceu. Como Cara, Hally era loura, com olhos azuis, e alta. Berdine e Raina eram um pouco menores, com olhos azuis. Berdine tinha uma trança de cabelo castanho, e Raina de cabelo preto, e olhos que pareciam estar examinando a alma dele procurando cada nuance de força, fraqueza, e caráter, um olhar examinador penetrante característico das Mord-Sith. De algum modo, os olhos escuros de Raina faziam o julgamento penetrante ser mais incisivo.

Richard não mostrou fraqueza diante dos olhares delas. — Estavam entre aquelas que me conduziram em segurança ? — Elas assentiram. — Então vocês ganharam minha eterna gratidão. E quanto aos outras?

— As outras permaneceram no Palácio, caso você retornasse antes que o encontrássemos. — Cara falou. — O Comandante General Trimack insistiu que Ulic e Egan viessem também, já que eles fazem parte da guarda pessoal do Mestre Rahl. Nós partimos uma hora depois de você, tentando alcançá-lo. — Ela balançou a cabeça, surpresa.

— Não perdemos tempo algum, e você ganhou quase um dia na nossa frente.

Richard arrumou o boldrié que segurava sua espada. — Eu estava com pressa.

Cara encolheu os ombros. — Você é o Mestre Rahl. Nada que faça poderia nos surpreender.

Richard pensou que ela pareceu ter ficado bastante surpresa quando viu ele ficar invisível, mas não falou isso, em vista de sua recém descoberta moderação com sua língua.

Olhou ao redor pela sala empoeirada pouco iluminada. — O que vocês estão fazendo nesse lugar?

Cara tirou as luvas e jogou-as sobre a mesa. — Pretendíamos usar como base enquanto procurávamos por você. Estivemos aqui durante pouco tempo. Escolhemos este local porque é perto do quartel general D'Haran.

— Ouvi falar que eles estão em uma grande construção depois do mercado.

— Estão. — Hally disse. — Nós checamos.

Richard observou os olhos azuis dela. — Eu estava a caminho de lá quando me encontraram. Acho que não faria mal algum ter vocês por perto. — Ele afrouxou a capa de Mriswith no pescoço e coçou atrás do pescoço.

— Como vocês conseguiram me encontrar em uma cidade desse tamanho?

Os dois homens continuaram imóveis sem mostrar emoção, mas as sobrancelhas das mulheres levantaram.

— Você é o Mestre Rahl. Cara falou, parecendo achar que isso seria explicação suficiente.

Richard colocou os punhos nos quadris. — Então?

— A ligação. Berdine disse. Ela parecia perplexa com a expressão vazia no rosto dele. — Nós temos uma ligação com o Mestre Rahl.

— Não entendo o que isso significa. O que isso tem a ver com me encontrar?

As mulheres trocaram olhares. Cara inclinou a cabeça para o lado. — Você é o Lorde Rahl, o Mestre de D'Hara. Nós somos D'Harans. Como você pode não entender?

Richard afastou o cabelo da testa quando soltou um suspiro exasperado. — Fui criado em Westland, a duas fronteiras de distância de D'Hara. Nunca soube nada sobre D'Hara, muito menos sobre Darken Rahl, até que as fronteiras caíram. Nem mesmo sabia que Darken Rahl era meu pai até poucos meses. — Ele afastou os olhos das expressões confusas delas. — Ele estuprou minha mãe, e fugiu para Westland antes do meu nascimento, antes que as fronteiras fossem erguidas. Darken Rahl nunca

soube que eu existia, ou que eu era seu filho, até que ele morreu. Não sei nada sobre ser o Mestre Rahl.

Os dois homens continuavam imóveis, sem mostrar emoção alguma. As quatro Mord-Sith olharam para ele durante algum tempo, a chama da vela adicionando um ponto de luz no canto dos olhos delas enquanto elas pareciam estudar a alma dele novamente. Imaginou se elas estavam arrependidas de seu juramento de lealdade para ele.

Richard sentiu-se desconfortável ao falar sobre os seus ancestrais para pessoas que ele não conhecia realmente. — Vocês ainda não explicaram como conseguiram me encontrar.

Quando Berdine tirou sua capa e jogou sobre as coisas deles, Cara colocou uma das mãos no ombro dele, fazendo ele sentar na cadeira. Pelo modo como ela balançou com o seu peso, ele não tinha certeza se aguentaria ele, mas aguentou.

Ela olhou para os dois homens. — Talvez vocês pudessem explicar melhor a ligação para ele, já que vocês sentem isso com mais força. Ulic?

Ulic moveu o corpo, inquieto. — Por onde eu deveria começar?

Cara começou a dizer algo, mas Richard interrompeu. — Tenho coisas importantes para fazer, e não tenho muito tempo. Apenas fale as partes importantes. Fale sobre essa ligação.

Ulic assentiu. — Vou falar como nos ensinaram.

Richard gesticulou na direção de um banco, indicando que ele queria que Ulic sentasse. Era desconfortável ter o homem em pé, parecendo uma montanha com braços diante dele. Olhando por cima do ombro, Richard viu que Gratch estava satisfeito lambendo seu pelo, mas continuava com seus olhos verdes brilhantes nas pessoas. Richard sorriu de modo tranquilizador. Gratch nunca esteve perto de toda essa quantidade de pessoas, e Richard queria que ele ficasse confortável, em vista do que planejava. O rosto do Gar enrugou mostrando um sorriso, mas suas orelhas estavam alertas enquanto ele escutava. Richard gostaria de saber com certeza o quanto Gratch podia entender. Ulic puxou um banco e sentou. — Muito tempo atrás...

— Quanto tempo. — Richard interrompeu.

Ulic esfregou um dedão no cabo de osso da faca em seu cinto enquanto estudava a pergunta. Sua voz grossa parecia estar prestes a abafar a chama da vela. — Muito tempo atrás... no princípio dos tempos de D'Hara. Acredito que muitos milhares de anos.

— Então, o que aconteceu nesse princípio dos tempos?

— Bem, foi quando a ligação teve origem. No princípio dos tempos, o primeiro Mestre Rahl lançou seu poder, sua magia, sobre o povo D'Haran, para nos proteger.

Richard levantou uma sobrancelha. — Você quer dizer, para governar vocês.

Ulic balançou a cabeça. — Isso foi um pacto. A Casa de Rahl, — ele tocou na letra R gravada no couro sobre o peito — seria a magia, e o povo D'Haran seria o aço. Nós protegemos ele e ele, em troca, nos protege. Nós ficamos ligados.

— Porque um mago precisaria da proteção do aço? Magos possuem magia.

O uniforme de couro de Ulic chiou quando ele colocou um cotovelo no joelho e inclinou com uma expressão sóbria.

— Você tem magia. Isso sempre protegeu você? Você não pode ficar o tempo todo acordado, ou sempre enxergar quem está atrás de você, ou conjurar magia rápido o bastante se o número de inimigos for grande. Até mesmo aqueles que possuem magia morrem se alguém cortar a garganta deles. Você precisa de nós.

Nesse ponto, Richard concordava. — Então, o que essa ligação tem a ver comigo?

— Bem, o pacto, a magia, conecta o povo de D'Hara ao Mestre Rahl. Quando o Mestre Rahl morre, a ligação é passada adiante para o seu herdeiro dotado. — Ulic encolheu os ombros. — A ligação é a magia dessa conexão. Todos os D'Harans sentem ela. Nós entendemos isso desde o nascimento. Nós reconhecemos o Mestre Rahl pela ligação. Quando o

Mestre Rahl está perto, podemos sentir sua presença. Foi assim que encontramos você. Quando estamos perto o bastante podemos sentir.

Richard agarrou os braços da cadeira enquanto se inclinava para frente. — Você está querendo dizer que todos os D'Harans podem sentir minha presença e saber onde eu estou?

— Não. Tem mais. — Ulic enfiou um dedo debaixo de uma placa de couro para coçar o ombro enquanto tentava pensar como explicar.

Berdine colocou um pé sobre o banco ao lado de Ulic e se apoiou em um cotovelo, vindo em seu auxílio. A trança marrom grossa caiu por cima do ombro dela. — Veja, para começar, nós devemos reconhecer o novo Mestre Rahl. Com isso eu quero dizer que devemos reconhecer e aceitar o governo dele de uma maneira formal. Esse reconhecimento não é formal no sentido de cerimônia, é mais no sentido de um entendimento e aceitação dentro de nossos corações. Não precisa ser uma aceitação que desejamos, e no passado, conosco, de qualquer modo, não era, mas a aceitação fica implícita, apesar de tudo.

— Quer dizer que vocês devem acreditar.

All the faces staring at him brightened.

— Sim. Essa é uma boa maneira de expressar isso. — Egan colocou. — Logo que nós concordamos com o domínio dele, e enquanto o Mestre Rahl viver, nós estamos ligados a ele. Quando ele morre, o novo Mestre Rahl toma seu lugar, e então nós ficamos ligados a ele. Pelo menos esse é o jeito que deve funcionar. Dessa vez, alguma coisa deu errado, e Darken Rahl, ou seu espírito, de alguma forma manteve uma parte de si mesmo neste mundo.

Richard se endireitou na cadeira. — O portal. As caixas no Jardim da Vida são um portal para o submundo, e uma foi deixada aberta. Quando eu voltei, duas semanas atrás, eu a fechei, enviando Darken Rahl de volta para o submundo para sempre.

Os músculos de Ulic tufaram quando ele esfregou as mãos. — Quando Darken Rahl morreu no começo do inverno, e você falou do lado de fora do Palácio, muitos dos D'Harans ali acreditaram que você era o

novo Lorde Rahl. Alguns não. Alguns ainda se agarram em sua lealdade, sua ligação, com Darken Rahl. Deve ter sido por causa desse portal que você disse que foi aberto. Isso nunca aconteceu desse jeito, pelo menos, não que eu tenha ouvido falar.

— Quando você retornou ao Palácio, e derrotou o espírito de Darken Rahl usando o seu dom, também derrotou os oficiais rebeldes que denunciaram você. Ao banir o espírito de Darken Rahl, quebrou a ligação que ele ainda mantinha sobre alguns deles, e convenceu o restante do Palácio de sua autoridade como Mestre Rahl. Agora eles estão leais a você. Todo o Palácio está. Todos estão ligados você.

— Como deveria ser. — Raina falou para concluir. — Você tem o dom; é um mago. Você é a magia contra a magia, e os D'Harans, o seu povo, são o aço contra o aço.

Richard olhou dentro dos olhos escuros dela. — Sei menos dessa ligação, dessa coisa de aço contra o aço e magia contra a magia, do que sei a respeito de ser um mago, e não sei quase nada sobre ser um mago.

— Não sei como usar magia.

As mulheres ficaram olhando fixamente para ele durante um momento, e então riram como se ele tivesse feito uma piada e elas quisessem que ele pensasse que acharam boa.

— Não estou brincando, não sei como usar o meu dom.

Hally tocou atrás do ombro dele e apontou para Gratch. — Você comanda as feras, assim como Darken Rahl fazia. Nós não conseguimos comandar feras. Você até fala com ele. Um gar!

— Vocês não entendem. Salvei ele quando era um filhote. Criei ele, só isso. Nos tornamos amigos. Não é magia.

Hally tocou no ombro dele outra vez. — Pode não parecer magia para você, Lorde Rahl, mas nenhum de nós poderia fazer isso.

— Mas...

— Nós vimos você ficar invisível hoje. — Cara disse. Ela não estava mais rindo. — Vai nos dizer que aquilo não foi magia?

— Bem, sim, acho que foi magia, mas não do jeito que vocês pensam. Vocês simplesmente não entendem...

A sobrancelha de Cara levantou. — Lorde Rahl, para você isso é compreensível, porque tem o dom. Para nós, é magia.

— Certamente, você não poderia sugerir que qualquer um de nós poderia fazer isso?

Richard passou uma das mãos no rosto. — Não, você não poderiam. Mas ainda assim, não é como vocês pensam.

Os olhos escuros de Raina fixaram nos dele com aquele jeito que as Mord-Sith exibiam quando esperavam obediência, e nenhuma discussão; um olhar firme como aço que parecia pareceu paralisar a língua dele. Embora ele não fosse mais um prisioneiro de uma Mord-Sith, e essas mulheres estivessem tentando ajudá-lo, o olhar ainda incomodava.

— Lorde Rahl, — ela falou com uma voz suave que ecoou na sala silenciosa, — no Palácio do Povo, você lutou com o espírito de Darken Rahl. Você, um simples homem, lutou com o espírito de um mago poderoso vindo do submundo, do mundo dos mortos, para destruir todos nós. Ele não tinha existência corpórea; era um espírito, animado apenas através da magia. Você só conseguiria lutar contra um demônio assim com sua própria magia.

— Durante a batalha, você lançou raios, conduzidos pela magia, através do Palácio para destruir os líderes rebeldes que estavam se opondo a você e queriam que Darken Rahl triunfasse. Todos no Palácio que ainda não estavam ligados a você ficaram ligados naquele dia. Nenhum de nós, em todas as nossas vidas, tinha visto o tipo de magia que estava se espalhando através do Palácio naquele dia.

Ela inclinou na direção dele, ainda mantendo ele sob o seu olhar sombrio, a paixão em sua voz cortando a calmaria. — Aquilo foi magia, Lorde Rahl. Todos nós estávamos prestes a sermos destruídos, engolidos dentro do mundo dos mortos. Você nos salvou. Manteve sua parte do pacto;

— Você foi a magia contra a magia. Você é o Mestre Rahl. Entregaríamos nossas vidas por você.

Richard percebeu que sua mão esquerda estava segurando o cabo da espada bem apertado. Podia sentir as letras douradas em alto relevo da palavra VERDADE marcando sua carne.

Ele conseguiu desviar do olhar de Raina para observar o resto deles. — Tudo que você diz é verdade, mas não é tão simples como acredita. Tem mais coisa. Não quero que vocês pensem que eu consegui fazer as coisas que fiz porque sabia como. Apenas aconteceu. Darken Rahl estudou durante toda sua vida para ser um mago, para usar magia. Não sei quase nada sobre isso. Vocês depositam fé demais em mim.

Cara encolheu os ombros. — Nós entendemos; você tem mais para aprender sobre magia. Isso é bom. Sempre é bom aprender mais. Você nos servirá melhor enquanto aprende mais.

— Não, você não entendem...

Ela colocou uma das mãos no ombro dele para confortá-lo. — Não importa o quanto você sabe, sempre haverá mais; ninguém sabe tudo. Isso não muda nada. Você é o Mestre Rahl. Nós estamos ligados a você.

Ela apertou o ombro dele. — Mesmo se algum de nós desejasse mudar isso, não poderíamos.

De repente, Richard sentiu-se calmo. Realmente não queria dizer a eles para ficarem fora disso; a ajuda deles poderia ser útil, sua lealdade. — Você me ajudaram antes, talvez até mesmo tenham salvo meu pescoço lá na rua, mas simplesmente não quero que vocês tenham mais fé em mim do que deveriam. Não quero enganar vocês. Quero que me sigam porque aquilo que fazemos é o certo, não por causa de uma ligação forjada com magia. Isso é escravidão.

— Lorde Rahl, Raina disse, com sua voz hesitante pela primeira vez, — nós estávamos ligadas a Darken Rahl. Não tivemos mais escolha daquela vez do que temos agora. Ele nos tirou de nossas casas quando éramos jovens, nos treinou, e nos usou para...

Richard levantou, colocando as pontas dos dedos nos lábios dela. — Eu sei. Está tudo bem. Agora vocês estão livres.

Cara agarrou a camisa dele e aproximou o rosto dele do dela. — Não está vendo? Mesmo que muitas de nós odiássemos Darken Rahl, éramos compelidas a servir; estávamos ligadas. Aquilo era escravidão.

— Se você não sabe tudo, isso não é importante para nós. Independente de tudo, estamos ligadas a você como o Mestre Rahl. Pela primeira vez em qualquer uma de nossas vidas, isso não é um fardo. Se a ligação não existisse, teríamos feito a mesma escolha; isso não é escravidão.

— Não sabemos nada sobre a sua magia, — Hally falou, — mas podemos ajudar você a aprender o que significa ser Lorde Rahl. — A ironia do sorriso dela suavizou seus olhos azuis, deixando transparecer a mulher por trás da Mord-Sith. — Afinal de contas, o propósito da Mord-Sith é treinar, ensinar. — O sorriso desapareceu quando a expressão dela ficou séria. — Para nós não importa se você tem mais passos na jornada; não vamos abandoná-lo por causa disso.

Richard passou os dedos pelos cabelos. Estava comovido pelas coisas que eles disseram, ma sua devoção cega de algum modo o preocupava. — Enquanto vocês entenderem que eu não sou o mago que pensaram. Sei um pouco sobre alguma magia, como minha espada, mas não sei muito sobre usar o meu dom. Usei o que surgiu de dentro de mim sem entender ou ser capaz de controlar, e os bons espíritos me ajudaram. — Ele fez uma pausa durante um momento enquanto olhava nas profundezas dos olhos delas, — Denna está com eles.

As quatro mulheres sorriram, cada uma delas da sua própria maneira. Elas conheceram Denna, sabiam que ela o treinou, e que ele a matou para conseguir fugir. Ao fazer isso, libertou-a de sua ligação com Darken Rahl, e do que ela havia se tornado, mas a um custo que sempre o assombraria, mesmo se o espírito dela agora estivesse em paz; ele teve que fazer a Espada da Verdade ficar branca, e acabar com a vida dela com aquele lado da magia, através do seu amor e perdão.

— O que poderia ser melhor do que ter os bons espíritos do nosso lado. — Cara disse com um tom suave que pareceu falar por todos eles. —

É bom saber que Denna está com eles.

Richard desviou dos olhos delas em uma tentativa de também se afastar das suas lembranças assustadoras. Ele esfregou a poeira das calças e mudou de assunto.

— Bem, como o Seeker da Verdade, eu estava a caminho para falar com quem estiver no comando dos D'Harans aqui em Aydindril. Tenho algo importante para fazer, e preciso me apressar. Não sabia nada sobre essa ligação, mas sei a respeito de ser o Seeker. Acho que não pode ser tão ruim ter vocês todos comigo.

Berdine balançou a cabeça de cabelo castanho ondulado. — É muita sorte que nós conseguimos encontrar ele a tempo. — As outras três concordaram.

Richard olhou de um rosto para outro. — Porque é muita sorte?

— Porque, — Cara disse, — eles ainda não o conhecem como o Mestre Rahl.

— Eu disse, sou o Seeker. Isso é mais importante do que ser o Mestre Rahl. Não esqueçam, como o Seeker, eu matei o último Mestre Rahl. Mas agora que me falaram dessa ligação, pretendo dizer ao comando D'Haran que também sou o novo Lorde Rahl, e pedir a lealdade deles. Certamente isso vai deixar mais fácil o que eu planejei.

Berdine soltou uma risada. — Não tínhamos ideia do quanto tivemos sorte ao encontrá-lo em tempo.

Raina empurrou suas franjas escuras para trás quando olhou para sua irmã de Agiel. — Tremo só de pensar como estivemos perto de perdê-lo.

— Do que você está falando? Eles são D'Harans. Pensei que eles conseguiriam sentir minha presença, com essa coisa de ligação.

— Nós falamos, — Ulic disse, — primeiro devemos reconhecer e aceitar o governo do Mestre Rahl de uma maneira formal. Você ainda não fez isso com esses homens. Além disso, a ligação não é a mesma com todos nós.

Richard jogou as mãos para cima. — Primeiro vocês falam que eles vão me seguir, e agora que não vão?

— Você tem que fazer a ligação com eles, Lorde Rahl. — Cara falou. Ela suspirou. — Se puder. O sangue do General Reibisch não é puro.

Richard franziu a testa. — O que isso significa?

— Lorde Rahl, — Egan falou enquanto dava um passo adiante, — no início dos tempos, quando o primeiro Mestre Rahl lançou a teia, nos ligando, D'Hara não era como é hoje. D'Hara era uma terra, dentro de uma terra maior e, de maneira muito parecida como Midlands é formada por diferentes terras.

De repente Richard lembrou da história que Kahlan contou na noite em que encontrou com ela. Enquanto estavam sentados tremendo perto de uma fogueira no abrigo de um pinheiro caprichoso, depois que eles quase morreram de terror no encontro com um gar, ela contou para ele uma parte da história do mundo além do seu lar em Westland.

Richard olhou fixamente para um canto escuro enquanto relembrava da história. — O avô de Darken Rahl, Panis, o Mestre de D'Hara, começou a reunir todas as terras sob o seu governo. Ele engoliu todas as terras, todos os reinos, transformando tudo em uma coisa só, transformando tudo em D'Hara.

— Está certo. — Egan disse. — Nem todas as pessoas que chamam a si mesmas de D'Haran são descendentes dos primeiros D'Harans, aqueles que estavam ligados. Alguns tem um pouco de sangue D'Haran verdadeiro, alguns tem mais, e em alguns, como em Ulic e em mim, ele é puro. Alguns não tem nenhum sangue D'Haran; eles não sentem a ligação.

— Darken Rahl, e seu pai antes dele, reuniram esses homens que possuíam mente parecida, aqueles que desejavam poder. Muitos daqueles D'Harans não eram de sangue puro, mas pura ambição.

— O Comandante General Trimack, no Palácio, e os homens da Primeira Fileira, — Richard fez um gesto para Ulic e Egan. — e os guardas pessoais do Mestre Rahl, devem ser D'Haran puros?

Ulic assentiu. — Darken Rahl, como seu pai antes dele, não confiaria em ninguém para sua guarda a não ser aqueles com sangue puro.

— Ele usou aqueles com sangue misturado, ou aqueles ligação alguma, para lutar nas guerras longe do coração de D'Hara, e para conquistar outras terras.

Richard colocou um dedo no lábio inferior enquanto pensava. — E quanto ao homem no comando das tropas D'Haran, aqui, em Aydindril. Qual é o nome dele?

— General Reibisch. — Berdine falou. — Ele tem sangue misturado, e então não será tão fácil, mas se conseguir fazer ele reconhecê-lo como o Mestre Rahl, ele tem sangue D'Haran suficiente para ficar ligado. Quando um comandante está ligado, muitos dos seus homens também ficam ao mesmo tempo, porque confiam em seus comandantes; acreditarão como ele. Se você conseguir a ligação com General Reibisch, então você terá o controle das forças em Aydindril. Mesmo que alguns dos homens não tenham verdadeiro sangue D'Haran, eles são leais a seus líderes, e ainda estarão ligados, por assim dizer.

— Então eu tenho que fazer alguma coisa para convencer esse General Reibisch que eu sou o novo Mestre Rahl.

Cara sorriu maliciosamente. — É por isso que precisa de nós. Nós trouxemos algo para você, do Comandante General Trimack. — Ela fez um gesto para Hally. — Mostre a ele.

Hally desabotoou os botões superiores da sua roupa de couro e tirou um cilindro que estava entre os seios dela.

Com um sorriso de orgulho, ela entregou para Richard. Ele retirou o pergaminho que estava dentro, inspecionando o símbolo de um crânio com espadas cruzadas embaixo dele impresso na cera de cor dourada.

— O que é isso?

— O Comandante General Trimack queria ajudá-lo, — Hally disse. Com um leve expressão de alegria ainda em seus olhos ela colocou um dedo na cera. — Esse é o selo pessoal do Comandante General da Primeira Fileira. O documento foi escrito pela própria mão dele. Ele escreveu

enquanto eu esperava, e então falou para entregar a você. Ele declara que você é o novo Mestre Rahl, e diz que a Primeira Fileira e todas as tropas e generais de campo em D'Hara reconhecem você assim, estão ligadas, e estão prontos para defender sua ascensão para o poder com suas vidas. Ele ameaça vingança mortal contra qualquer um que ficar contra você.

O olhar de Richard levantou até encontrar os olhos azuis dela. — Hally, eu poderia beijar você.

O sorriso dela desapareceu em um instante. — Lorde Rahl, você nos declarou livres. Não temos mais que nos submeter...

Ela fechou a boca rapidamente quando o rosto dela ficou vermelho, como os das outras mulheres. Hally baixou a cabeça e fixou seu olhar no chão. A voz dela surgiu em um sussurro submisso. — Me perdoe, Lorde Rahl. Se quiser isso de nós, é claro que nos oferecemos de bom grado.

Com as pontas dos dedos, Richard levantou o queixo dela. — Hally, falei isso apenas no sentido figurado. Como você disse, embora estejam nessa ligação, dessa vez não são escravas. Não sou apenas o Mestre Rahl, também sou o Seeker da Verdade. Espero que vocês me sigam porque a causa é justa. É com isso que eu quero que vocês estejam ligadas, não a mim.

— Nunca precisará temer que eu anule sua liberdade.

Hally engoliu em seco. — Obrigada, Lorde Rahl.

Richard balançou o pergaminho. — Agora, vamos fazer esse General Reibisch conhecer o novo Mestre Rahl, para que eu possa continuar com aquilo que preciso fazer.

Berdine colocou uma das mãos no braço dele. — Lorde Rahl, as palavras do Comandante General devem servir como ajuda. Apenas elas não farão com que essas tropas fiquem ligadas a você.

Richard colocou os punhos nos quadris. — Vocês quatro possuem o péssimo hábito de colocar alguma coisa na minha frente e depois levar para longe. O que mais eu preciso fazer? Alguma magia bonita?

As quatro assentiram como se ele finalmente tivesse adivinhado o plano delas.

— O quê! — Richard inclinou na direção delas. — Estão querendo dizer que esse General vai querer que eu faça algum truque mágico para provar?

Pouco à vontade, Cara encolheu os ombros. — Lorde Rahl, essas são apenas palavras em um papel. Elas devem apoiar você, servir como ajuda, não realizar a tarefa por você. No Palácio em D'Hara a palavra do Comandante Geral é lei, só você está acima dele, mas no campo não é assim. Aqui, o General Reibisch é a lei. Você deve convencê-lo de que possui nível superior.

— Esses homens não serão conquistados facilmente. O Mestre Rahl deve ser visto como uma figura de incrível poder e força. Eles devem ser superados para invocar a ligação, assim como as tropas no Palácio quando você deixou as paredes vivas com o raio. Como você disse, eles devem acreditar. Para acreditarem, será preciso mais do que palavras em um papel. A carta do General Trimack deve ser parte disso, mas não pode fazer tudo.

— Magia. — Richard murmurou quando desabou na cadeira bamba. Passou a mão no rosto, tentando pensar no meio do nevoeiro da fadiga. Ele era o Seeker, nomeado por um mago, uma posição de poder e responsabilidade; o Seeker era lei em si mesmo. Ele tinha planejado fazer isso como o Seeker. Ainda poderia fazer como Seeker. Sabia sobre ser o Seeker.

Ainda assim, se os D'Harans em Aydindril fossem leais a ele...

No meio de todo esse desgaste, um pensamento era claro: precisava ter certeza de que Kahlan estava segura. Tinha que usar sua cabeça, não apenas seu coração. Não poderia simplesmente sair correndo atrás dela, ignorando o que estava acontecendo, não se realmente desejasse ter certeza de que ela estava segura. Precisava fazer isso. Precisava conquistar os D'Harans.

Richard levantou rapidamente. — Você trouxeram seus uniformes vermelhos de couro? — A roupa de couro vermelho sangue de uma Mord-Sith era usada quando elas pretendiam fornecer disciplina; vermelho não

mostrava o sangue. Quando uma Mord-Sith usava seu couro vermelho, era uma declaração de que ela esperava que houvesse muito sangue, e todos sabiam que não seria o dela.

Hally mostrou um leve sorriso quando cruzou seus braços sobre os seios. — Uma Mord-Sith não vai a lugar algum sem o seu uniforme de couro.

Cara piscou os olhos, ansiosa. — Você pensou em alguma coisa, Lorde Rahl?'

— Sim. — Richard lançou um sorriso para ela. — Eles precisam ver poder e força? Eles querem um show espantoso de magia? Daremos magia para eles. Vamos conquistar eles. — Ele levantou um dedo pedindo cautela. — Mas vocês devem fazer o que eu disser. Não quero que ninguém se machuque. Não libertei vocês apenas para que sejam mortas.

Hally fixou um olhar de ferro nele. — Mord-Sith não morre na cama, velha ou sem dentes.

Naqueles olhos azuis, Richard viu uma sombra da loucura que transformou essas mulheres em armas sem remorso. Ele sofreu um pouco do que tinha sido feito com elas; ela sabia como era viver com aquela loucura. Ele encarou o olhar dela, com uma voz suave, tentou suavizar o olhar de ferro que enxergava. — Se você morrerem, Hally, então quem vai me proteger?

— Se tivermos que entregar nossas vidas, então faremos; caso contrário não haverá nenhum Lorde Rahl para proteger. — Um sorriso inesperado suavizou a expressão se Hally, lançando um pouco de luz nas sombras. — Nós queremos que Lorde Rahl morra na cama, velho e sem dentes. O que devemos fazer?

Uma sombra de dúvida passou através de seus pensamentos. Sua ambição teria sido distorcida por aquela mesma loucura? Não. Ele não tinha escolha. Isso salvaria vidas, não tiraria elas.

— Vocês quatro vistam suas roupas vermelhas de couro. Vamos esperar do lado de fora enquanto vocês trocam de roupa. Quando terminarem, vou explicar.

Hally segurou a camisa dele quando ele virou para sair. — Agora que encontramos você, não vamos deixar que fique fora de nossa vista. Vai ficar aqui enquanto nos trocamos. Pode virar de costas, se quiser.

Com um suspiro, Richard virou de costas e cruzou os braços. Os dois homens ficaram observando. Richard franziu o rosto e fez sinal para que eles virassem também. Gratch inclinou a cabeça com um olhar confuso. Encolhendo os ombros, ele virou de costas, imitando Richard.

— Estamos felizes que tenha decidido ligar esses homens a você, Lorde Rahl. — Cara disse. Ele podia escutar elas tirando coisas das mochilas. — Você vai ficar muito mais seguro com todo um exército protegendo você. Depois que tiver feito a ligação deles, nós todos partiremos imediatamente para D'Hara, onde você ficará em segurança.

— Não vamos para D'Hara. — Richard falou por cima do ombro. — Tenho assuntos importantes para cuidar. Tenho planos.

— Planos, Lorde Rahl? — Ele quase podia sentir a respiração de Raina atrás do pescoço dele enquanto ela tirava a roupa de couro marrom. — Que planos?

— Que tipo de planos o Mestre Rahl teria? Eu planejo conquistar o mundo.

CAPÍTULO 9

Não houve necessidade de abrir caminho através das multidões; elas espalhavam uma onda de pânico diante delas do mesmo jeito que a visão de lobos assustava um rebanho de ovelhas. Pessoas gritavam enquanto se espalhavam. Mães carregavam crianças nos braços enquanto corriam, homens caíam de cara na neve enquanto tentavam se afastar, vendedores ambulantes abandonavam suas mercadorias em uma fuga louca para salvar suas vidas, e portas de lojas fechavam de cada lado da rua.

O pânico, Richard pensou, era um bom sinal. Pelo menos eles não seriam ignorados. É claro, era difícil ignorar um Gar de sete pés de altura caminhando através de uma cidade em plena luz do dia. Richard suspeitou que Gratch estava aproveitando o momento de sua vida. Não compartilhando de sua visão inocentes da tarefa adiante, o resto deles exibiam expressões amargas enquanto marchavam pelo meio da rua.

Gratch andava atrás de Richard, Ulic e Egan na frente, Cara e Berdine do lado esquerdo dele, e Hally e Raina do direito. Isso não era feito por acaso. Ulic e Egan insistiram que deveriam seguir cada um de um lado, uma vez que eram guardas pessoais de Lorde Rahl. As mulheres não gostaram muito dessa ideia, e argumentaram que seriam a última linha de defesa ao redor de Lorde Rahl. Gratch não se importava aonde caminhava enquanto estivesse perto de Richard.

Richard teve que levantar a voz para acabar com a discussão. Ele disse que Ulic e Egan seguiriam na frente para abrir caminho se fosse necessário, as Mord-Sith protegeriam cada um dos lados, e Gratch ficaria nas costas dele, já que o Gar poderia enxergar por cima e todos eles. Todos pareciam estar satisfeitos, pensando que receberam as melhores posições que forneceria a melhor proteção para Lorde Rahl.

As capas de Ulic e Egan estavam para trás, por cima dos ombros deles, expondo as faixas com pontas afiadas acima dos cotovelos deles, mas eles carregavam suas espadas enfiadas nos cintos. As quatro mulheres, cobertas do pescoço até os pés em roupa de couro vermelho sangue exibindo a estrela amarela e a lua crescente das Mord-Sith em seus

estômagos, carregavam o Agiel delas nos punhos cobertos por luvas de couro vermelho.

Richard conhecia bem demais a dor que segurar um Agiel causava. Assim como o Agiel com o qual Denna o havia treinado, e que deu para ele, machucava quando ele o segurava, não era possível para essas mulheres segurar seu próprio Agiel sem que sua magia lhes causasse dor. A dor, Richard sabia, era excruciante, mas as Mord-Sith eram treinadas para suportar a dor, e elas se orgulhavam obstinadamente de sua habilidade em tolerá-la.

Richard tinha tentado convencê-las a desistir do Agiel, mas elas não fariam isso. Poderia ordenar, ela imaginou, mas fazer isso seria retirar a liberdade que deu para elas, e ele não queria fazer isso. Se elas desistissem do Agiel, deveria ser decisão delas. De alguma forma, ele não acreditava que elas fariam isso. Tendo carregado a Espada da Verdade por tanto tempo, Richard podia entender como os desejos poderiam se opor aos princípios; ele odiava a espada, e queria ficar livre dela, das coisas que fez com ela, do que ela fez com ele; mas a cada momento, havia lutado para continuar com ela.

Cerca de cinquenta ou sessenta tropas caminhavam do lado de fora da construção de dois andares ocupada pelo comando D'Haran. Apenas seis, subindo pela plataforma de entrada, pareciam designadas formalmente. Sem reduzir o passo, Richard e sua pequena companhia seguiram em linha reta cortando através do aglomerado de homens e na direção dos degraus. Todos os homens se afastaram do caminho, o choque evidente em seus rostos quando enxergavam aquela coisa estranha.

Eles não entraram em pânico como o povo no mercado, mas a maioria recuou para abrir caminho. Olhares das quatro mulheres afastaram os outros de modo tão eficiente quanto aço. Alguns dos homens agarraram o cabo de suas espadas quando deram alguns passos para trás.

— Abram caminho para Lorde Rahl! — Ulic gritou. Em desordem, os soldados recuaram mais ainda. Confusos, mas sem estarem dispostos a correr o risco, alguns fizeram reverência.

Em um casulo particular de concentração, Richard observava tudo debaixo do capuz da capa de Mriswith.

Antes que alguém tivesse a presença de espírito de parar eles ou questioná-los, eles tinham passado pela multidão de soldados e estavam subindo os doze degraus até a porta reforçada com ferro. Lá em cima, um dos guardas, um homem aproximadamente da altura de Richard, decidiu que não tinha certeza se deveria deixar eles entrarem. Ele ficou na frente da porta.

— Vocês vão esperar...

— Abra caminho para Lorde Rahl, seu idiota! — Egan rosnou sem diminuir a velocidade.

Os olhos do guarda estavam fixos nas faixas nos braços dele. — O que...?

Ainda sem reduzir o passo, Egan empurrou o homem, jogando ele para o lado. O guarda caiu da plataforma. Dois outros pularam para sair do caminho, e os outros três abriram a porta, recuando através dela.

Richard se encolheu. Tinha falado para todos, até mesmo Gratch, que não queria ninguém ferido a não ser que fosse necessário.

Estava preocupado com o que cada um deles poderia imaginar como necessário.

Lá dentro, soldados, que ouviram a agitação do lado de fora, correram na direção deles de corredores fracamente iluminados com algumas lamparinas. Vendo Ulic e Egan, e as faixas douradas acima dos cotovelos deles, eles não sacaram armas, mas não pareciam estar longe de fazer isso. Um rosnado ameaçador de Gratch fez eles reduzirem a velocidade. A visão das Mord-Sith em suas roupas de couro fez eles pararem.

— General Reibisch — foi tudo que Ulic disse.

Alguns dos homens se adiantaram.

— Lorde Rahl para falar com General Reibisch. — Egan falou com tranquila autoridade. — Onde ele está?

Com suspeita, os homens ficaram olhando fixamente, mas não falaram. Um oficial rouco no lado direito, com os punhos nos quadris e um olhar furioso em seu rosto cheio de marcas, saiu do meio dos homens dele.

— O que está acontecendo?

Deu um passo agressivo adiante, um a mais, e levantou um dedo ameaçador na direção deles. Num piscar de olhos, Raina estava com seu Agiel no ombro dele, fazendo ele cair de joelhos. Ela o inclinou para cima, pressionando a ponta em um nervo no lado do pescoço dele. Seu grito ecoou através dos corredores. O resto dos homens se encolheram, recuando.

— Você responde as perguntas, — Raina falou com o tom inconfundível de uma Mord-Sith no controle total — não as faz — O corpo todo do homem convulsionou enquanto ele gritava. Raina inclinou aproximando-se dele, sua roupa de couro vermelho rangendo. — Eu dou a você mais uma chance. Onde está o General Reibisch?

O braço dele levantou, tremendo incontrolavelmente, mas ainda conseguindo apontar na direção do corredor central entre os três, — Porta... fim... corredor.

Raina afastou seu Agiel. — Obrigada. — O homem desabou como uma marionete cujas cordas tivessem sido cortadas.

Richard não desperdiçou nem um pouco de sua concentração sentindo compaixão. Não importa quanta dor um Agiel pudesse causar, Raina não tinha usado ele para matar; ele iria se recuperar, mas os outros homens ficaram e olhos arregalados enquanto ele se contorcia em agonia. — Façam reverência ao Mestre Rahl. — ela sibilou. — Todos vocês.

— Mestre Rahl? — uma voz em pânico perguntou.

Hally levantou uma das mãos na direção de Richard. — Mestre Rahl.

Os homens ficaram olhando fixamente, confusos. Raina estalou os dedos e apontou para o chão. Eles caíram de joelhos. Antes que tivessem

tempo para pensar, Richard e sua companhia estavam descendo o corredor, o som de suas botas no chão com largas tábuas reverberando nas paredes. Alguns dos homens, sacando espadas, seguiram.

No final do corredor, Ulic abriu a porta que conduzia a uma grande sala com teto alto desprovida de decoração. Aqui e ali, pedaços do esquema de cor azul anterior estavam visíveis através do cal.

Gratch, que vinha atrás, teve que se curvar para atravessar o portal. Richard ignorou a sensação em suas entranhas de que estavam entrando em um poço de víboras.

Dentro da sala eles foram recebidos por três fileiras formidáveis de soldados D'Haran, todos com machados de batalha ou espadas nas mãos. Era uma sólida parede de rostos ferozes, músculos e aço. Atrás dos soldados estava uma mesa comprida diante de uma parede de janelas sem adornos que exibiam um pátio cheio de neve. Acima da parede mais distante do pátio, Richard podia ver os pináculos do Palácio das Confessoras, e acima dele, sobre a montanha, a Fortaleza do Mago.

Uma fila de homens com aparência severa estavam sentados por trás da mesa observando os intrusos. Na parte de cima dos braços deles parcialmente cobertos por mangas de cota de malha havia cicatrizes que, Richard presumiu, deveriam indicar graduação. Os homens na fila certamente mostravam a conduta de oficiais; seus olhos brilhavam com confiança e indignação.

O homem no centro empurrou sua cadeira para trás e cruzou os braços musculosos, braços com mais cicatrizes que os outros. Sua barba cor de ferrugem cobria parte de uma antiga cicatriz branca que corria desde a sua têmpora esquerda até a mandíbula.

Sua sobrancelhas grossas curvaram com desgosto.

Hally olhou para os soldados. — Estamos aqui para falar com o General Reibisch. Saiam do nosso caminho, ou serão forçados a sair.

O Capitão dos guardas se aproximou dela. — Você vai...

Hally bateu no lado do crânio dele com uma das mãos. Egan moveu o cotovelo para cima para cortar o ombro do Capitão. Na metade do recuo,

Egan agarrou o Capitão pelo cabelo, dobrou o pescoço dele sobre um joelho, e segurou sua traqueia.

— Se você quiser morrer, fale.

O Capitão pressionou os lábios com tanta força que eles ficaram brancos. Os outros homens soltaram pragas furiosas quando começaram a se aproximar. Um Agiel levantou como aviso.

— Deixem eles passarem. — o homem barbado atrás da mesa falou.

Os homens recuaram, deixando apenas espaço suficiente para que eles seguissem adiante. As mulheres de cada um dos lados agitaram o Agiel, e os soldados abriram mais espaço. Egan largou o Capitão. Ele caiu de joelhos apoiado no braço bom enquanto tossia e tentava respirar. Atrás, o portal e o corredor estavam cheios com mais homens, todos armados.

The man with the rust-colored beard let the front legs of his chair thump down. He folded his hands atop a scattering of papers between stacks laid out neatly to each side.

— Qual é o assunto?

Hally deu um passo em frente, entre Ulic e Egan. — Você é o General Reibisch? — o homem barbado assentiu. Hally inclinou a cabeça na direção dele. Foi uma leve reverência; Richard nunca tinha visto uma Mord-Sith fazer mais do que isso, até mesmo para uma Rainha. — Trazemos uma mensagem do Comandante General Trimack da Primeira Fileira. Darken Rahl está morto, e seu espírito foi banido para o submundo pelo novo Mestre Rahl.

Ele levantou uma sobrancelha. — É mesmo?

Ela tirou o pergaminho do cilindro e entregou a ele. Ele inspecionou o selo rapidamente antes de quebrá-lo com um dedão. Empurrou sua cadeira para trás mais uma vez enquanto desenrolava a carta, e seus olhos verde acinzentados moveram-se de um lado para outro enquanto lia. Finalmente ele deixou a cadeira descer novamente.

— E foi preciso todos vocês para trazer uma mensagem?

Hally plantou os punhos na mesa e se aproximou dele. — Não trazemos apenas a mensagem, General Reibisch, também trazemos o Lorde Rahl.

— É mesmo? E onde está esse Lorde Rahl de vocês?

Hally exibiu sua melhor expressão de Mord-Sith, parecendo que não esperava ser questionada outra vez. — Está bem na sua frente.

Reibisch olhou atrás dela, para a companhia de estranhos, seus olhos momentaneamente avistando o gar. Hally endireitou o corpo, esticando o braço na direção de Richard.

— Gostaria de apresentar Lorde Rahl, o Mestre de D'Hara e todo o seu povo.

Homem sussurraram, espalhando as palavras dela para os que estavam no corredor. Surpreso, o General Reibisch fez um gesto na direção das mulheres.

— Uma de vocês está afirmando ser Lorde Rahl?

— Não seja idiota. — Cara disse. Levantou uma das mãos na direção de Richard — Esse é o Lorde Rahl.

As sobrancelhas do General curvaram, mostrando raiva. — Não sei que tipo de jogo é esse, mas a minha paciência está prestes a...

Richard puxou o capuz da capa de Mriswith e deixou sua concentração relaxar. Diante dos olhos do General e de todos os seus homens, Richard pareceu materializar-se do ar.

Os soldados ao redor engoliram em seco. Alguns recuaram. Alguns caíram de joelhos fazendo grandes reverências.

— Eu, — Richard falou com uma voz tranquila — sou Lorde Rahl.

Houve um momento de profundo silêncio, e então o General Reibisch começou a rir quando bateu com uma das mãos na mesa. Jogou a cabeça para trás e deu uma gargalhada. Alguns dos homens riram também, mas pelo jeito como os olhos deles se moviam, estava claro que não sabiam

por que estavam acompanhando ele, apenas pensavam que era melhor fazer isso.

A risada dele morreu, o General Reibisch levantou. — Que belo truque, meu jovem. Mas já vi muitos truques desde que vim para Aydindril. Ora, um dia um homem me distraiu tirando pássaros das calças dele. — A expressão de raiva retornou. — Por um momento, eu quase acreditei em você, mas um truque não transforma você em Lorde Rahl. Talvez diante dos olhos de Trimack, mas não dos meus. Não faço reverência para mágicos de rua.

Richard ficou petrificado, era o foco de todos os olhos, enquanto tentava pensar no que fazer em seguida. Não esperava risadas. Não conseguia pensar em nenhuma outra magia que pudesse usar, e de qualquer modo, esse homem parecia não saber diferenciar magia verdadeira de um truque. Incapaz de conseguir uma ideia melhor no momento, Richard tentou pelo menos fazer sua voz soar confiante.

— Eu sou Richard Rahl, filho de Darken Rahl. Ele está morto. Agora eu sou Lorde Rahl. Se deseja continuar a servir no seu posto, vai baixar a cabeça e me reconhecer. Se não, então vou substituir você.

Rindo outra vez, o General Reibisch enfiou um dedão no cinto. — Faça outro truque, e se eu julgar que merece, darei para você e sua trupe uma moeda antes de mandar seguirem seu caminho. No mínimo, estou inclinado a dar uma pela sua ousadia.

Os soldados chegaram mais perto, o humor deles mudando para um tom de ameaça.

— Lorde Rahl não faz *truques* — Rally disparou.

Reibisch colocou sua mãos carnudas em cima da mesa enquanto se inclinava na direção dela. — Seus uniformes são bem convincentes, mas não deveria brincar de ser uma Mord-Sith, minha jovem. Se uma delas colocar as mãos em você, não veria com bons olhos sua pretensão; elas tratam sua profissão com seriedade.

Rally encostou o Agiel na mão dele. Com um grito, o General Reibisch deu um pulo para trás, seu rosto era a imagem do choque. Ele

sacou uma faca.

O rugido de Gratch balançou os vidros das janelas. Seus olhos verdes brilharam enquanto ele mostrava suas presas. Suas asas abriram repentinamente, como velas em uma ventania. Homens se afastaram, levantando braços com armas.

Por dentro, Richard praguejou. As coisas estavam fugindo do controle rapidamente. Ele desejou ter feito um trabalho melhor ao pensar nisso, mas tinha certeza de que parecer estar invisível deixaria surpresos os D'Harans e faria com que acreditassem. Pelo menos ele deveria ter pensado em uma rota de fuga. Não sabia como sairiam vivos dali. Mesmo se conseguissem, seria com grande custo; poderia ser um banho de sangue. Não queria isso. Tinha apenas começado com essa coisa de ser o Mestre Rahl para evitar que pessoas fossem feridas, não o contrário. Gritos surgiram ao redor dele.

Quase antes de perceber o que estava fazendo, Richard sacou sua espada. O som inconfundível do aço encheu a sala. A magia da espada fluiu através dele, crescendo em sua defesa, inundando ele com sua fúria. Foi como ser atingido por um jato de uma fornalha que queimasse até os ossos. Conhecia bem a sensação, e estimulou ela; não havia escolha. Tempestades de fúria irromperam de seu interior. Deixou que os espíritos daqueles que usaram a magia antes dele emergirem nas asas da ira.

Reibisch acertou o ar com sua faca. — Matem os impostores!

Quando o General saltou por cima da mesa na direção de Richard, a sala subitamente retumbou com o barulho de trovão. Fragmentos de vidro espalharam-se no ar, refletindo luz em flashes cintilantes.

Richard agachou enquanto Gratch pulava por cima dele. Pedacos de madeira das janelas espiralaram por cima das cabeças deles. Oficiais por trás da mesa se jogaram para frente, muitos cortados pelo vidro. Assustado, Richard percebeu que as janelas estavam explodindo para o lado de dentro.

Manchas de cores dançaram através da chuva de vidro. Sombras e luz no meio do ar caíram ao chão. Surpreso, através da fúria da espada, Richard sentiu a presença deles.

Mriswith.

Ficaram sólidos quando atingiram o chão.

A sala explodiu na batalha. Richard viu brilhos vermelhos, faixas de pelo, e arcos deslizantes de aço. Um oficial bateu com o rosto em cima da mesa, sangue espirrou sobre papéis. Ulic empurrou dois homens para trás. Egan jogou outros dois por cima da mesa. Richard ignorou o tumulto ao redor dele enquanto buscava o centro de calma em seu interior. A cacofonia desapareceu quando ele tocou o aço frio na testa, pedindo silenciosamente para sua espada que fosse verdadeira neste dia.

Ele viu apenas os Mriswith, sentiu apenas ele. Com cada fibra do seu ser, ele não queria mais nada.

O que estava mais perto saltou, suas costas para ele. Com um grito de fúria, Richard liberou a ira da Espada da Verdade. A ponta assobiou quando girou, a lâmina encontrou seu alvo: a magia teve sua prova de sangue.

Sem cabeça, o Mriswith desabou, suas facas de três lâminas fazendo barulho no chão.

Richard virou para a criatura parecida com lagarto do outro lado. Hally saltou entre eles, no meio do seu caminho. Ainda girando ele usou o impulso para empurrá-la com o ombro para o lado, enquanto girava sua espada, cortando o segundo Mriswith antes que a cabeça do primeiro tivesse atingido o chão. Sangue fedorento espalhou no ar.

Richard girou avançando. Envolvido pela fúria, ele era um só com a lâmina, com os espíritos dela, com sua magia. Ele era, como as antigas profecias em Alto D'Haran o chamavam, como ele chamava a si mesmo, *fuer grissa ost drauka*: aquele que traz a morte. Qualquer coisa menos do que isso significaria as mortes de seus amigos, mas ele estava além do pensamento equilibrado. Estava perdido na necessidade.

Embora o terceiro Mriswith fosse marrom escuro, da cor do couro, Richard ainda conseguiu ver quando ele correu entre os homens. Com um golpe poderoso, enfiou a espada entre as omoplatas dele. O uivo de morte do Mriswith estremeceu o ar.

Homens congelaram com o som, e a sala ficou silenciosa.

Grunhindo por causa do esforço, e de fúria, Richard empurrou o Mriswith para o lado. A carcaça sem vida escorregou da lâmina e caiu no chão, batendo em uma das pernas da mesa. A perna dela estalou, e o canto da mesa desabou no meio de uma chuva de papéis.

Com o dentes cerrados, Richard virou sua espada de volta para o homem parado perto de onde o Mriswith estivera um momento antes. A ponta parou na garganta dele, firme como rocha e pingando sangue. A magia estava alucinada fora de controle, pedindo por mais em seu desejo de eliminar a ameaça.

O olhar mortal do Seeker encontrou com os olhos do General Reibisch. Aqueles olhos viram pela primeira vez quem estava diante dele. A magia dançando nos olhos de Richard era inconfundível; enxergar ela era enxergar o sol, sentir seu calor, reconhecê-la sem dúvida.

Ninguém emitiu som algum, mas mesmo se tivessem feito isso, Richard não teria escutado; toda a sua concentração estava no homem na ponta da espada, na ponta de sua vingança. Richard tinha pulado além do limite do compromisso letal com dentro de um caldeirão efervescente de magia, e retornar era um esforço agonizante.

General Reibisch caiu de joelhos e olhou para cima, pela lâmina, dentro dos olhos como de falcão de Richard. Sua voz preencheu o silêncio.

— Mestre Rahl seja nosso guia. Mestre Rahl nos ensine. Mestre Rahl nos proteja. Em sua luz, prosperamos. Na sua misericórdia, nos abrigamos. Em sua sabedoria, nos humilhamos. Vivemos só para servir. Nossas vidas são suas.

Elas não eram palavras falsas para salvar sua própria vida, eram as palavras respeitadas de um homem que tinha visto algo que realmente não esperava.

Richard havia recitado aquelas mesmas palavras incontáveis vezes nas devoções. Durante duas horas a cada manhã e tarde todos no Palácio do Povo em D'Hara seguiam para uma praça de devoção quando o sino tocava e, fazendo reverência, encostando as testas no chão, recitavam aquelas

mesmas palavras. Richard, como ordenado, havia dito aquelas mesmas palavras na primeira vez que encontrou com Darken Rahl.

Agora, baixando os olhos para olhar o General, e ouvindo aquelas mesmas palavras, Richard sentiu repulsa, e mesmo assim outra parte dele estava aliviada ao mesmo tempo.

— Lorde Rahl, — Reibisch sussurrou — você salvou minha vida. Salvou todas as nossas vidas. Obrigado.

Richard sabia que se tentasse usar a Espada da Verdade contra ele agora, ela não tocaria em sua carne. Em seu coração, Richard sabia que esse homem não era mais uma ameaça, ou seu inimigo. A espada, a não ser que fosse transformada e ficasse branca, e utilizasse o amor e o perdão da magia, não poderia ferir ninguém que não fosse uma ameaça. A ira, porém, não respondia a razão, e a tentativa de negar sua vontade era uma agonia. Richard finalmente manifestou seu domínio sobre a fúria e enfiou a Espada da Verdade em sua bainha, fazendo a magia recuar, e a raiva, ao mesmo tempo.

Tinha acabado tão rapidamente quanto havia começado. Para Richard, quase pareceu um sonho inesperado, uma convulsão de violência, e terminou.

Em cima da mesa inclinada estava esparramado um oficial morto, seu sangue escorrendo pela madeira polida. Vidro cobria o chão, junto com papéis espalhados e sangue fedorento de Mriswith. Os soldados na sala, e aqueles que estavam no corredor, estavam de joelhos. Seus olhos também tinham visto o inequívoco.

— Todos os outros estão bem? — Richard percebeu que sua voz estava rouca de tanto gritar. — Tem mais alguém ferido?

O silêncio ecoou na sala. Alguns homens estavam cuidando de ferimentos que pareciam dolorosos, mas que não ameaçavam suas vidas. Ulic e Egan, ambos arfando, ambos com suas espadas ainda nas bainhas, ambos com as mãos sujas de sangue, estavam no entre os homens de joelhos. Estiveram no Palácio do Povo; seus olhos já tinham visto.

Gratch fechou as asas e sorriu. Pelo menos havia um, Richard pensou, que estava ligado a ele através da amizade. Quatro Mriswith mortos estavam no chão; Gratch matou um, e Richard três, felizmente antes que eles conseguissem matar mais alguém. Facilmente poderia ter sido muito pior. Cara afastou um pouco de cabelo do rosto, enquanto Berdine retirava fragmentos de vidro da cabeça, e Raina soltava o braço de um soldado, deixando ele cair para frente para recuperar seu fôlego.

Richard olhou além do corpo partido de um Mriswith no chão. Hally, com sua roupa de couro vermelho destacada em alto contraste com seu cabelo louro, estava curvada com os braços cruzados sobre o abdômen. Seu Agiel balançava em sua corrente no pulso dela. Seu rosto estava pálido.

Quando Richard baixou os olhos, um formigamento gelado de temor percorreu sua carne. O couro vermelho havia escondido o que ele via agora; ela estava sobre uma poça de sangue. O sangue dela.

Ele pulou o Mriswith e segurou-as nos braços.

— Hally! — Richard aliviou o peso dela e colocou-a deitada no chão. — Queridos espíritos, o que aconteceu? — Antes que as palavras saíssem de sua boca, ele soube; aquele era o modo como os Mriswith matavam. As outras três mulheres estavam lá, ajoelhadas atrás dele enquanto ele colocava a cabeça dela em seu colo. Gratch agachou ao lado dele.

Os olhos azuis dela estavam fixos nos dele. — Lorde Rahl...

— Oh, Hally, sinto muito. Nunca deveria ter permitido que você...

— Não... escute. Eu fiquei distraída tolamente... e ele era rápido... mas assim mesmo... quando ele me cortou... capturei a magia dele. Por um instante... antes que você o matasse... ele foi meu...

Se magia fosse usada contra elas, as Mord-Sith podiam assumir o controle dela, deixando um oponente indefeso. Foi assim que Denna o capturou.

— Ah, Hally, sinto muito não ter sido rápido o bastante.

— Era o dom.

— O quê?

— A magia dele era como a sua... o dom.

A mão dele tocou a testa gelada dela, forçando ele a manter os olhos nos dela, e não baixar os olhos. — O dom? Obrigado pelo aviso, Hally. Estou em dívida com você.

Ela agarrou a camisa dele com uma das mãos suja de sangue. — Obrigada, Lorde Rahl... por minha liberdade. — Ela fez um esforço para dar um leve suspiro. — Tão curta quanto tenha sido... valeu a pena... o preço. — Ela olhou para as suas irmãs de Agiel.

— Protejam ele...

Com uma respiração forçada, o ar deixou os pulmões dela pela última vez. Os olhos vidrados dela continuaram fixos nele.

Richard apertou o corpo flácido dela contra o corpo dele enquanto gemia, uma resposta desesperada por ser incapaz de desfazer o que tinha acontecido. Gratch colocou uma pata na costa dela suavemente, e Cara uma das mãos sobre a mão de Richard.

— Não queria que nenhum de vocês morresse. Queridos espíritos, não queria.

Raina apertou os ombros dele.— Nós sabemos, Lorde Rahl. É por isso que devemos protegê-lo.

Richard colocou Hally no chão gentilmente, curvando-se sobre ela, não querendo que os outros vissem o ferimento medonho que ela sofrera. Uma rápida busca com os olhos revelou uma capa de Mriswith ali perto. Ao invés disso ele virou para um dos soldados.

— Me dê a sua capa.

O homem tirou a capa como se ela estivesse pegando fogo. Richard fechou os olhos de Hally e então cobriu-a com a capa enquanto lutava contra a vontade de vomitar.

— Daremos a ela um funeral D'Haran adequado, Lorde Rahl. — General Reibisch, parado ao lado dele, gesticulou na direção da mesa. —

Junto com Edwards.

Richard fechou os olhos e fez uma oração aos bons espíritos para que eles tomassem conta do espírito de Hally, e então levantou.

— Depois da devoção.

O General fechou um dos olhos. — Lorde Rahl?

— Ela lutou por mim. Morreu tentando me proteger. Antes que seja colocada para descansar, quero que seu espírito veja que isso teve algum propósito. Esta tarde, depois da devoção, Hally e seu homem serão colocados para descansar.

Cara inclinou chegando mais perto e sussurrou. — Lorde Rahl, devoções completas são feitas em D'Hara, mas não em campo. Em campo, uma reflexão, como o General Reibisch fez, é o costume.

O General Reibisch assentiu. O olhar de Richard varreu a sala. Todos os olhos estavam sobre ele. Depois dos rostos, jatos de sangue de Mrsith manchavam o cal. Ele voltou seu olhar de aço para o General.

— Não me importo com o que vocês fizeram no passado. Hoje haverá uma devoção completa, aqui, em Aydindril.

Amanhã, vocês podem retornar ao costume. Hoje, todos os D'Harans dentro e ao redor da cidade farão uma devoção completa.

Os dedos do general deslizaram em sua barba. — Lorde Rahl, tem um grande número de tropas na área. Todos eles devem ser notificados e...

— Não estou interessado em desculpas, General Reibisch. Um caminho difícil nos espera adiante. Se não conseguir realizar essa tarefa, então não espere que eu tenha fé que pode realizar o resto.

O General Reibisch lançou um rápido olhar para os oficiais, por cima do ombro, como se estivesse prestes a dar sua palavra, e comprometer eles com isso também. Virou novamente para Richard e bateu com um punho sobre o coração. — Por minha palavra como um soldado a serviço de D'Hara, o aço contra o aço, será como Lorde Rahl ordena. Esta tarde, todos

os D'Harans ficarão honrados em fazer uma devoção completa para o novo Mestre Rahl.

O General olhou para o Mriswith debaixo da ponta da mesa. — Nunca ouvi falar de um Mestre Rahl que lutasse usando aço contra o aço ao lado de seus homens. Foi como se os próprios espíritos guiassem sua mão. — Ele limpou a garganta. — Se permitir, Lorde Rahl, posso perguntar que caminho difícil é esse que nos espera adiante?

Richard estudou o rosto marcado por cicatrizes do homem. — Eu sou um mago guerreiro. Luto com tudo que tenho. Magia, e aço.

— E minha pergunta, Lorde Rahl?

— Acabei de responder sua pergunta, General Reibisch.

Um leve sorriso começou a surgir no canto da boca do General.

Involuntariamente, Richard olhou para Hally. A capa não conseguia cobrir tudo que foi arrancado dela. Kahlan teria muito menos chance contra um Mriswith. Novamente, ele pensou que poderia vomitar.

— Saiba que ela morreu do jeito que desejava, Lorde Rahl. — Cara falou com suave condolência. — Como uma Mord-Sith.

Em sua mente ele tentou formar a imagem do sorriso que conhecera fazia poucas horas. Não conseguiu. Sua mente mostrava apenas o terrível ferimento que tinha visto apenas por alguns segundos.

Richard cerrou os punhos combatendo a náusea e virou mostrando um olhar sério para as três Mord-Sith restantes. — Pelos espíritos, eu pretendo ver todas vocês morrerem na cama, sem dentes e velhas. Acostumem-se com essa ideia!

CAPÍTULO 10

Tobias Brogan alisou o seu bigode enquanto olhava com o canto dos olhos para Lunetta. Quando ela assentiu respondendo com o mais leve movimento da cabeça, a boca dele se contorceu com a mais amarga das expressões. Seu raro bom humor tinha evaporado. O homem estava dizendo a verdade, Lunetta não cometia enganos sobre esse tipo de coisa, mesmo assim Brogan sabia que não era verdade. Sabia muito bem.

Redirecionou o olhar para o homem parado diante dele do outro lado de uma mesa longa o bastante para um banquete com setenta pessoas, e colocou um sorriso educado nos lábios.

— Obrigado. Você foi de grande ajuda.

O homem olhou desconfiado para os soldados de armadura polida de cada um dos lados dele. — Isso é tudo que quer saber? Fez com que me arrastassem até aqui, só para perguntar o que todo mundo sabe? Eu poderia ter falado para seus homens se eles tivessem perguntado.

Brogan se esforçou para manter o sorriso. — Peço desculpas pela inconveniência. Você esteve a serviço do Criador, e de mim. — O sorriso escapou de seu controle. — Você pode ir.

O homem não deixou de notar a aparência dos olhos de Brogan. Fez uma reverência e saiu apressado em direção à porta.

Brogan bateu com o lado do dedão no estojo em seu cinto e olhou impaciente para Lunetta. — Tem certeza?

Lunetta, em seu elemento, devolveu um olhar sereno. — Ele estar dizendo a verdade, Lorde General, assim como os outros.

Ela conhecia sua arte, desprezível quanto fosse, e quando a praticava ficava envolvida com um ar confiante. Isso o deixava irritado.

Bateu com um punho na mesa. — Isso não ser verdade!

Ele quase podia ver o Guardião nos olhos tranquilos dela enquanto ela o observava. — Eu não dizer que isso ser verdade, Lorde General, apenas que ele estar dizendo o que acreditar ser a verdade.

Tobias pigarreou. Conhecia a verdade daquilo. Não tinha passado sua vida caçando o mal sem aprender alguns de seus truques. Conhecia magia. A presa estava tão próxima que ele quase podia sentir o cheiro.

O sol do fim de tarde derramou seus raios através de um fenda nas pesadas cortinas douradas, traçando uma linha cintilante de luz por uma perna dourada de cadeira, pelo tapete real azul florido, e subindo pelo canto do comprido e lustroso tampo da mesa. A refeição do meio dia havia sido adiada fazia tanto tempo enquanto ele continuava, e mesmo assim ele ainda não estava muito mais distante no caminho do que estivera quando começou. A frustração consumia suas tripas.

Galtero geralmente mostrava um talento para apresentar testemunhas que poderiam fornecer informação adequada, mas até agora esse grupo havia se mostrado inútil. Ele ficou imaginando o que Galtero teria descoberto; a cidade estava em tumulto por causa de alguma coisa, e Tobias Brogan não gostava quando as pessoas estavam agitadas, a não ser quando ele e seus homens eram a causa. Agitação poderia ser uma arma poderosa, mas não gostava das que ele desconhecia. Certamente, Galtero deveria ter retornado fazia tempo.

Tobias recostou-se em sua cadeira de couro estofada e falou com um dos soldados de capa vermelha que guardavam as portas. — Ettore, Galtero já voltou?

— Não, Lorde General.

Ettore era jovem, e ansioso para deixar sua marca contra mal, mas era um homem bom: sagaz, leal, e não tinha medo de ser brutal quando lidava com aqueles que serviam ao Guardião. Um dia ele estaria entre os melhores dos caçadores de *Baneling*. Tobias colocou os dedos nas costas doloridas. — Quantas testemunhas nós ainda temos?

— Duas, Lorde General.

Ele balançou a mão, impaciente. — Então traga a próxima.

Enquanto Ettore passava pela porta, Tobias deu uma olhada através do feixe de luz do sol, para sua irmã parada encostada na parede. — Você tinha certeza, Lunetta, não tinha?

Ela ficou olhando fixamente enquanto apertava os seus trapos esfarrapados. — Sim, Lorde General.

Ele suspirou quando a porta abriu e o guarda fez entrar uma mulher que não parecia estar muito feliz.

Tobias abriu seu sorriso mais educado; um caçador sábio jamais deixa sua caça ver as suas presas.

A mulher soltou o seu cotovelo da mão de Ettore. — O que está acontecendo? Fui trazida contra minha vontade e fiquei trancada em uma sala o dia todo. Que direito vocês tem para trazer uma pessoa contra sua vontade!

Tobias sorriu como se pedisse desculpas. — Deve ter acontecido algum mal-entendido. Sinto muito. Você entende, nós só queremos fazer algumas perguntas para pessoas que julgamos confiáveis. Ora, a maioria das pessoas na rua não saberia diferenciar em cima de embaixo. Você parecia uma mulher inteligente, só isso, e...

Ela inclinou sobre a mesa na direção dele. — E então me trancou em uma sala? É isso que o Sangue da Congregação faz com pessoas que considera confiáveis? Pelo que ouvi, o Sangue não se importa com perguntas, simplesmente agem baseados em rumores, enquanto isso resultar em túmulos frescos.

Brogan conseguiu sentir suas bochechas tremendo, mas continuou com o sorriso. — Ouviu errado, madame. O Sangue da Congregação só estar interessado na verdade. Nós servimos ao Criador e seu desejo, não menos do que uma mulher do seu caráter.

Agora, você se importaria em responder algumas perguntas? E então vamos garantir que chegue em casa em segurança.

— Garanta que eu chegue em casa agora. Essa é uma cidade livre. Nenhum Palácio tem o direito de arrastar pessoas para questioná-las, nem

em Aydindril. Não tenho obrigação de responder qualquer uma das suas perguntas!

Brogan alargou o sorriso quando forçou um leve encolher dos ombros. — Tem razão, madame. Não temos direito algum, e não queríamos dizer que temos. Estamos somente buscando ajuda das pessoas honestas, humildes. Se você apenas conseguir nos ajudar a chegar ao fundo de questões simples, você poderia seguir seu caminho com nossa mais profunda gratidão.

Ela fez uma careta por um momento e então balançou os ombros magros para arrumar seu xale de lã — Se isso vai me levar de volta para casa, então vamos lá. O que você quer saber?

Tobias se ajeitou em sua cadeira para disfarçar uma rápida olhada para Lunetta, para ter certeza que ela estava prestando atenção. — Você entende, madame, que Midlands esteve sendo dividida pela guerra desde a última primavera, e procuramos saber se os servos do Guardiã estão com uma das mãos no conflito que agora lança suas sombras sobre as terras. Algum dos membros do Conselho tem falado contra o Criador?

— Eles estão mortos.

— Sim, ouvi falar disso, mas o Sangue da Congregação não confia em rumores. Devemos ter evidência sólida, assim como a palavra de uma testemunha.

— Noite passada eu vi os corpos deles nas câmaras do Conselho.

— É mesmo? Bem, isso é uma evidência poderosa. Pelo menos ouvimos a verdade de uma pessoa honrada que foi testemunha. Você entende, já está sendo de grande ajuda. Quem os matou?

— Não vi a matança sendo feita.

— Alguma vez ouviu algum dos conselheiros rezar contra a paz do Criador?

— Eles conspiram contra a paz da aliança de Midlands, e para mim isso é a mesma coisa, ainda que eles não colocassem isso nesses termos. Tentaram fazer parecer como se preto fosse branco, e branco fosse preto.

Tobias levantou uma sobrancelha, tentando parecer interessado. — Aqueles que servem ao Guardiãõ usam a mesma tática: tentar fazer vocẽ pensar que fazer o mal ser o certo. — Ele levantou a mãõ num gesto vago. — Havia alguma terra em particular que desejasse quebrar a paz da aliança?

A mulher ficou parada com sua costa ereta quando levantou o nariz olhando para ele. — Todas, inclusivã a sua, pareciam igualmente prontas para lançar o mundo dentro da escravidãõ sob a Ordem Imperial.

— Escravidãõ? Ouvi que a Ordem Imperial busca apenas unir as terras e colocar o homem em seu lugar de direito no mundo, sob o governo do Criador.

— Entãõ vocẽ ouviu errado. Eles procuram apenas escutar qualquer mentira que se encaixe em seus objetivos, e os objetivos deles sãõ conquista e dominaçãõ.

— Nãõ ouvi esse lado. Essas sãõ novidades valiosas. — Ele recostou na cadeira, cruzou uma perna sobre a outra, e juntou as mãõs sobre o colo. — E enquanto toda essa conspiraçãõ e insurreiçãõ estava tomando lugar nas câmaras do Conselho, onde estava a Madre Confessora?

Por um instante ela hesitou. — Estava longe cuidando de assuntos de Confessora.

— Entendo. Mas ela voltou?

— Sim.—

— E quando voltou, ela tentou impedir essa insurreiçãõ? Tentou manter Midlands unida?

Os olhos da mulher estreitaram. — Claro que tentou, e vocẽ sabe o que fizeram com ela por causa disso. Nãõ finja que nãõ sabe.

Um olhar casual na direçãõ da janela mostrou os olhos de Lunetta concentrados na mulher. — Bem, ouvi todo tipo de rumor. Se vocẽ viu os eventos com seus prõprios olhos, entãõ seria uma evidẽncia poderosa. Vocẽ testemunhou algum desses eventos, madame?

— Vi a execução da Madre Confessora, se é isso que você quer dizer.

Tobias inclinou para frente sobre os cotovelos e estalou os dedos.
— Sim, era isso que eu temia. E então ela está morta?

As narinas dela pegaram fogo. — Porque está tão interessado nos detalhes?

Tobias arregalou os olhos. — Madame, Midlands esteve unida sob as Confessoras, e a Madre Confessora, durante três mil anos. Todos nós prosperamos e tivemos uma boa quantidade de paz com o governo de Aydindril. Quando a guerra com D'Hara começou depois que a fronteira caiu, eu temi que Midlands...

— Então porque não veio nos ajudar?

— Embora que desejasse fornecer minha ajuda, o Rei proibiu que o Sangue da Congregação interferisse. Eu fui contra, é claro, mas ele era, afinal de contas, nosso Rei. Nicobarese sofreu sob o governo dele. Como acabou ficando claro, ele tinha intenções sombrias para nosso povo, e aparentemente, como você disse, os Conselheiros dele estavam prontos para nos lançar dentro da escravidão.

— Uma vez que o Rei foi exposto pelo que ele realmente era, um *Baneling*, e pagou o preço, eu imediatamente trouxe nossos homens pelas montanhas, até Aydindril, para colocá-los a disposição de Midlands, do Conselho, e da Madre Confessora.

— Quando chego, não encontrei nada além de tropas D'Haran por toda parte, e ainda assim diziam que eles não estavam mais em guerra conosco. Ouvi que a Ordem Imperial tinha vindo para resgatar Midlands. Em minha jornada, e desde a minha chegada, escutei todo tipo de rumores. Que Midlands tinha caído e está em ruínas, que os Conselheiros estão mortos, ou estão vivos e escondidos, que os Kelteanos assumiram o controle de Midlands; que os D'Harans assumiram, a Ordem Imperial assumiu, e todas as Confessoras estão mortas; que todos os magos estão mortos, e a Madre Confessora está morta, e todos eles estão vivos. No que eu devo acreditar?

— Se a Madre Confessora estivesse viva, poderíamos ajudá-la, proteger ela. Somos uma terra pobre, mas desejamos ajudar Midlands, se pudermos.

Os ombros dela relaxaram um pouco. — Algumas das coisas que você escutou são verdade. Na guerra com D'Hara todas as Confessoras, a não ser Madre Confessora, foram mortas. Os magos morreram também. Desde então, Darken Rahl morreu, e os D'Harans dividiram sua pilhagem com a Ordem Imperial, assim como Kelton, entre outros. A Madre Confessora voltou e tentou manter Midlands unida. Por causa do problema que ela representava os impostores incitadores no Conselho fizeram ela ser executada.

Ele balançou a cabeça. — Essa é uma notícia triste. Tinha esperança de que os rumores fossem falsos. Precisamos dela. — Brogan umedeceu a língua.

— Tem certeza que ela foi morta na execução? Talvez você esteja enganado. Afinal de contas, ela é uma criatura da magia. Poderia ter escapado em uma confusão com fumaça, ou alguma coisa assim. Talvez ela ainda viva.

A mulher fixou um olhar sério nele. — A Madre Confessora está morta.

— Mas ouvi rumores de que ela foi avistada com vida... do outro lado do Rio Kern.

— Fofoca de pessoas tolas. Ela está morta. Eu mesma vi ela ser decapitada.

Brogan passou um dedo pela cicatriz lisa no lado de sua boca enquanto observava a mulher. — Também ouvi um relatório de que ela fugiu na outra direção: para sudoeste. Certamente há esperança?

— Não é verdade. Vou dizer pela última vez, eu vi ela ser decapitada. Ela não fugiu. A Madre Confessora está morta. Se deseja ajudar Midlands, então fará o que puder para unir Midlands mais uma vez.

Tobias estudou o rosto amargo dela por um momento. — Sim, sim, você está certa. Essas são notícias muito perturbadoras, mas ser bom

finalmente ter uma testemunha confiável para lançar luz sobre a verdade. Obrigado, madame, você ajudou mais do que pode imaginar. Verei o que posso fazer para que minhas tropas façam o melhor que puderem.

— A melhor coisa seria ajudar a retirar a Ordem Imperial de Aydindril e então de Midlands.

— Acha que eles são tão maus?

Ela levantou suas mãos enfaixadas na direção dele. — Eles arrancaram minhas unhas para me obrigar a falar mentiras.

— Que coisa horrível. E que mentiras eles queriam que você falasse?

— Que preto era branco, e branco era preto. Como o Sangue da Congregação faz.

Brogan sorriu, fingindo ficar surpreso com a sagacidade dela.

— Foi de grande ajuda, madame. Você é leal a Midlands, e por isso tem minha gratidão, mas sinto muito que você considere o Sangue da Congregação desse jeito. Talvez você também não devesse escutar rumores.

— Eles são apenas isso.

— Não quero mais incomodá-la. Bom dia.

Ela lançou um olhar furioso para ele antes de sair apressada. Sob outras circunstâncias sua relutância em ser franca teria custado muito mais do que as unhas, mas Brogan tinha perseguido presas perigosas antes, e sabia que sua discrição agora o recompensaria mais tarde. Suportar o tom zombeteiro dela valia o prêmio. Mesmo sem a cooperação dela, tinha conseguido algo muito valioso hoje, algo que ela não sabia ter entregue, e esse era o plano dele: que a caça não soubesse que ele pegou o cheiro dela. Finalmente Tobias permitiu a si mesmo encarar o olhar brilhante de Lunetta.

— Ela falar mentiras, meu lorde general. Ela falar a maior parte verdade, para mascarar, mas ela falar mentiras.

Galtero realmente trouxe um tesouro para ele.

Tobias se inclinou para frente. Queria escutar Lunetta falar, escutar ela falar as suspeitas dele bem alto, colocar a confirmação do talento dela nisso. — O que ser mentiras?

— Duas ser mentiras que ela guarda como o tesouro real.

Ele lambeu os lábios. — Quais duas?

Lunetta mostrou um sorriso manhoso. — Primeiro, ela estar mentindo quando disse que a Madre Confessora estar morta.

Tobias bateu com uma das mãos na mesa. — Eu sabia! Quando ela falou isso, eu sabia que era Ele! — Ele fechou os olhos e engoliu em seco enquanto oferecia uma oração ao Criador. — E a outra?

— Ela estar mentindo quando falou que a Madre Confessora não fugiu. Ela sabe que a Madre Confessora estar viva, e que ela fugiu para sudoeste. Todo o resto que ela falou ser verdade.

O bom humor de Tobias estava de volta. Ele esfregou as mãos, sentindo o calor que isso gerava. A sorte do caçador estava com ele. Ele tinha conseguido pegar o cheiro da caça.

— Você ouviu o que eu falei, Lorde General?

— O quê? Sim, eu ouvi. Ela está viva, e no sudoeste. Você fez muito bem, Lunetta. O Criador ficará contente com você quando eu contar para ele sobre a sua ajuda.

— Eu queria dizer sobre todo o resto ser verdade.

Ele franziu a testa. — Do que você está falando?

Lunetta apertou bem seus pedaços de pano. — Ela disse que o Conselho dos homens mortos ser formado por impostores incitadores. Verdade. Que a Ordem Imperial procura ouvir apenas qualquer mentira que se encaixe nos seus objetivos, e seus objetivos ser conquista e dominação. Verdade. Que eles arrancaram suas unhas para obrigar ela a falar mentiras. Verdade. Que a Congregação age baseada em rumores, enquanto o resultado for uma cova fresca. Verdade.

Brogan levantou rapidamente. — O Sangue da Congregação combate o mal! Como ousa sugerir o contrário, sua Streganicha desprezível!

Ela se encolheu enquanto mordida o lábio inferior. — Não digo que isso ser verdade, Lorde General, apenas que ser verdade como ela vê.

Ele arrumou o cinto. Não queria estragar seu triunfo com a tagarelice de Lunetta. — Ela enxerga da maneira errada, e você sabe disso. Ele encostou um dedo nela. — Passei mais tempo do que você tem direito, mais tempo do que valer a pena, para garantir que você entendesse a natureza do bem e do mal.

Lunetta ficou olhando para o chão. — Sim, meu Lorde General, você passou mais tempo do que valer a pena. Me perdoe.

— Elas ser palavras dela, não minhas.

Brogan finalmente afastou seu olhar e tirou o estojo do cinto. Ele o colocou sobre a mesa, cutucando com um dedão para fazer ele ficar alinhado com a beira da mesa quando sentava mais uma vez. Tirou a insolência de Lunetta de sua mente enquanto contemplava seu próximo movimento.

Ele estava prestes a pedir o jantar quando lembrou que havia mais uma testemunha esperando. Havia encontrado o que procurava, não havia necessidades de mais questionamentos... mas sempre era sábio fazer o serviço completo.

— Ettore, traga a próxima testemunha.

Brogan olhou para Lunetta enquanto ela desaparecia contra a parede. Ela fez muito bem, mas então estragou isso provocando ele. Embora ele soubesse que era o mal nela emergia sempre que ela fazia o certo, o fato de que ela não se esforçava mais para suprimir essa influência o irritava. Talvez ele tivesse sido gentil demais com ela ultimamente; em um momento de fraqueza, querendo compartilhar sua alegria, tinha dado uma *bonitinha* para ela. Talvez ela tivesse pensado que isso significava que ele a permitiria escapar com sua insolência. Não permitiria.

Tobias se endireitou em sua cadeira e cruzou as mãos sobre a mesa, pensando novamente em seu triunfo, pensando no prêmio dos prêmios. Não havia necessidade de forçar um sorriso dessa vez.

Ficou um pouco surpreso ao levantar os olhos e ver uma jovem garota deslizar pela sala na frente dos dois guardas. O casaco velho que ela usava arrastava no chão. Atrás da garota, entre os guardas, uma velha curvada com um cobertor marrom esfarrapado mancava ao caminhar.

Quando o grupo parou diante da mesa, a garota sorriu para ele. — Você tem uma casa muito bonita, meu Lorde. Nós aproveitamos bastante o dia aqui. Podemos retribuir sua hospitalidade?

A velha adicionou o sorriso dela.

— Estou feliz que tiveram chance de se aquecerem, e ficaria agradecido se você e sua... — Ele levantou uma sobrancelha.

— Avó.— a garota disse.

— Sim, avó. Ficaria agradecido se você e sua avó respondessem algumas perguntas, só isso.

— Ann.— a velha falou. — Perguntas, não é? Perguntas podem ser perigosas, meu Lorde.

— Perigosas? — Tobias esfregou dois dedos nas dobras de sua testa. — Procuo apenas a verdade, madame. Se responder honestamente, nada ruim vai acontecer com você. Você tem minha palavra.

Ela sorriu, mostrando as aberturas onde faltavam dentes. — Eu queria dizer para você, meu Lorde. — Ela riu suavemente para si mesma, então inclinou na direção dele com uma expressão sombria. — Você pode não gostar das respostas, ou pode não prestar atenção nelas.

Tobias colocou de lado a preocupação dela. — Deixe que eu me preocupe com isso.

Ela endireitou o corpo, sorrindo outra vez. — Se deseja assim, meu Lorde. — Ela coçou o lado do nariz. — Então, quais são as perguntas?

Tobias recostou-se na cadeira, estudando os olhos da mulher. — Midlands esteve tumultuada, ultimamente, e queremos saber se os servos do Guardiãõ tem uma das mãos no conflita que lança as sombras nas terras. Ouviu algum dos membros do Conselho falar contra o Criador?

— Conselheiros raramente descem até o mercado para discutir teologia com velhas senhoras, meu Lorde, nem eu poderia supor que qualquer um deles seria tão tolo para revelar publicamente qualquer uma das conexões com o submundo, se eles tinham alguma.

— Bem, o que você ouviu falar sobre o que eles tinham para dizer?

Ela levantou uma sobrancelha. — Você quer ouvir as fofocas da Rua Stentor, meu Lorde? Diga que tipo de fofoca você gostaria de ouvir, e eu posso contar uma que esteja adequada com sua necessidade.

Tobias tamborilou os dedos na mesa. — Não estou interessado em fofocas, madame, simplesmente na verdade.

Ela assentiu. — É claro que está, meu Lorde, e você a terá. Às vezes, as pessoas podem estar interessadas nas coisas mais tolas.

Ele limpou sua garganta, aborrecido. — Já ouvi muitos rumores, e não preciso de mais. Preciso saber a verdade sobre o que esteve acontecendo em Aydindril. Ora, ouvi que o Conselho foi executado, assim como a Madre Confessora.

O sorriso dela retornou enquanto ela estreitava os olhos. — Então porque um homem do sua alta posição simplesmente não parou no Palácio enquanto entrava, e pediu para falar com o conselho? Isso faria mais sentido do que arrastar para cá todo tipo de pessoas que não teriam nenhum conhecimento direto, e perguntar para elas. A verdade seria enxergada melhor com seus próprios olhos, meu Lorde.

Brogan pressionou os lábios. — Eu não estava aqui quando os rumores diziam que a Madre Confessora foi executada.

— Ahh, então é na Madre Confessora que você está interessado. Porque simplesmente não diz isso, ao invés de fazer rodeios? Ouvi dizer que ela foi decapitada, mas não vi isso. Porém, minha neta viu, não viu minha querida?

A garotinha assentiu. — Sim, meu Lorde, eu mesma vi, eu vi. Eles cortaram fora a cabeça dela.

Brogan fez uma encenação, suspirando. — Era isso que eu temia. Então, ela está morta.

A garota balançou a cabeça. — Eu não disse isso, meu Lorde. Eu disse que vi eles cortarem a cabeça dela. — Ela olhou diretamente nos olhos dele e sorriu.

— O que você quer dizer com isso? — Brogan lançou um olhar sério para a velha. — O que ela quis dizer com isso?

— O que ela diz, meu Lorde. Aydindril sempre foi uma cidade com uma forte influência oculta da magia, mas ultimamente ela esteve crepitando com a presença dela. Onde a magia está envolvida, você não pode confiar apenas nos seus olhos. Embora ela seja jovem, essa aqui é bastante esperta para saber tanto. Um homem com sua profissão saberia também.

— Crepitando com magia? Isso anuncia o mal. O que você sabe sobre os servos do Guardião?

— Terrível, eles são, meu Lorde. Mas a magia, propriamente dita, não é maligna; ela existe sem vontade própria.

Os punhos de Brogan apertaram. — Magia é a marca do Guardião.

Ela riu de novo. — Isso seria como dizer que a faca prateada brilhante em seu cinto é a marca do Guardião. Se for usada para ameaçar ou ferir um inocente, então aquele que segura a faca é mau. Mas se, por exemplo, ela for usada para defender a vida contra um lunático fanático, não importa qual seja sua alta posição, então aquele que segura a faca é bom. A faca não é nenhuma das duas coisas, porque os dois podem usá-la.

Os olhos dela pareceram ficar fora de foco, e sua voz baixou virando um sibilar. — Mas se for usada para retaliação, a magia é a encarnação da vingança.

— Bem, então, no seu ponto de vista, essa magia que você diz estar presente na cidade está sendo usada para o bem, ou para o mal?

— Para os dois, meu Lorde. Afinal de contas, esse é o lar da Fortaleza do Mago, e um local de poder. Confessoras governaram aqui durante milhares de anos, assim como magos. Poder atrai poder. O conflito está em ação. Criaturas escamosas, chamadas Mriswith, começaram a aparecer do ar, e destripar qualquer inocente em seu caminho. Um presságio nefasto, se alguma vez houve algum. Outras magias espreitam para agarrar os imprudentes, ou desavisados. Ora, a própria noite está viva com magia carregada nas asas delgadas dos sonhos.

Ela olhou para ele com um olho azul desbotado enquanto continuava. — Uma criança fascinada com fogo poderia facilmente ser incinerada aqui. Tal criança seria bem advertida para ser muito cuidadosa, e partir na primeira oportunidade, antes de colocar inadvertidamente a mão dentro do fogo.

— Ora, pessoas são até mesmo retiradas da rua, para terem suas palavras filtradas através de uma peneira de magia.

Brogan inclinou para frente com uma expressão ardente. — E o que você sabe sobre magia, madame?

— Uma pergunta duvidosa, meu Lorde. Poderia ser mais explícito?

Tobias fez uma pausa durante um momento, tentando encontrar sentido nas palavras dela. Havia falado com pessoas do tipo dela antes, e percebeu que ela estava desviando ele do objetivo, do rastro.

Trouxe de volta seu sorriso educado. — Bem, por exemplo, sua neta diz que viu a Madre Confessora decapitada, mas que isso não significa que ela estar morta. Você diz que a magia por fazer isso. Estou intrigado com esse tipo de declaração. Enquanto é verdade que eu sei que a magia pode ocasionalmente enganar as pessoas, só ouvi falar dela criando pequenas ilusões. Conseguiria explicar como a morte poderia ser anulada?

— Anular a morte? O Guardião tem esse tipo de poder.

Brogan se encostou na mesa. — Está dizendo que o próprio Guardião trouxe ela de volta à vida?

Ela riu. — Não, meu Lorde. Você é tão persistente naquilo que deseja que não presta atenção, e escuta apenas o que quer ouvir. Você

perguntou especificamente como a morte pode ser anulada. O Guardião pode anular a morte. Pelo menos, estou assumindo que ele pode porque ele é o governante dos mortos, possui poder sobre a vida e a morte, então é natural acreditar que...

— Ela está viva ou não!

A velha piscou para ele. — Como eu poderia saber isso, meu Lorde?

Brogan cerrou os dentes. — Você disse que só porque as pessoas viram ela ser decapitada, isso não significava que ela estar morta.

— Oh, de volta nesse assunto, não é? Bem, a magia pode fazer um truque assim, mas isso não significa que fez. Eu só falei que poderia. Então você começou a perguntar se a morte pode ser anulada. Um assunto bem diferente, meu Lorde.

—Como, mulher! Como a magia pode conseguir uma ilusão tão grande!

Ela apertou o cobertor esfarrapado em volta dos ombros.

— Um feitiço da morte, meu Lorde.

Brogan olhou para Lunetta. Os olhos brilhantes dela estavam fixos na velha, e ela estava coçando os braços.

— Um feitiço da morte. E o quê, exatamente, é um feitiço da morte?

— Bem, nunca vi um sendo executado, para afirmar... — ela riu com a própria piada. — então não posso dar um testemunho adequado, mas posso dizer o que ouvi falar, se desejar escutar conhecimento de segunda-mão.

Brogan falou através dos dentes cerrados. — Diga.

— Ver uma morte, compreendê-la, é algo que todos nós reconhecemos em um nível espiritual. É o ato de ver um corpo separado de sua alma, ou espírito, que reconhecemos como morte. Um feitiço da morte pode imitar uma morte real fazendo as pessoas acreditarem que viram uma

morte, que viram o corpo sem a sua alma, e assim fazer eles aceitarem visceralmente o evento como verdadeiro.

Ela balançou a cabeça como se considerasse a questão maravilhosa e ao mesmo tempo escandalizante — Isso é muito perigoso. Exige invocar o auxílio dos espíritos para manter o espírito da pessoa enquanto a teia é lançada. Se alguma coisa der errado, o espírito da pessoa seria atirado dentro do submundo. Um modo muito desagradável de morrer. Se tudo der certo, e se os espíritos devolverem aquilo que preservaram, ouvi dizer que vai funcionar; e a pessoa viverá, mas aqueles que estiverem vendo pensarão que ela está morta. Porém, muito arriscado. Enquanto ouvi falar disso, nunca fiquei sabendo que alguém tivesse tentado, então pode não ser mais do que boato.

Brogan ficou quieto revirando os pedaços de informação em sua mente, juntando coisas que tinha aprendido hoje, e coisas que aprendeu no passado, procurando a combinação certa. Dever ter sido um truque feito para escapar da justiça, mas não um que ela pudesse ter realizado sem cúmplices.

A velha colocou uma das mãos no ombro da garota e começou a se afastar arrastando os pés. — Obrigada pelo calor, meu Lorde, mas fiquei cansada das perguntas aleatórias, e tenho coisas melhores para fazer.

— Quem poderia realizar um feitiço da morte?

A velha parou. Os olhos azuis dela acesos com um perigoso brilho. — Apenas um mago, meu Lorde. Apenas um mago de imenso poder e grande conhecimento.

Brogan observou-a de sua própria forma ameaçadora. — E tem algum mago aqui, em Aydindril?

O leve sorriso dela fez os seus olhos desbotados cintilarem. Ela enfiou a mão em uma bolsa debaixo do cobertor e jogou uma moeda em cima da mesa, onde ela girou lentamente antes de finalmente cair diante dele. Brogan pegou a moeda de prata, entortando os olhos.

— Eu fiz uma pergunta, velha. Espero uma resposta.

— Está segurando ela, meu Lorde.

— Nunca vi uma moeda como essa. Que imagem é essa? Parece algum tipo de grande estrutura.

— Oh, é sim, meu Lorde, — ela sibilou — É a semente da salvação e da perdição, de magos e magia: o Palácio dos Profetas.

— Nunca ouvi falar. O que é esse Palácio dos Profetas?

A velha sorriu.— Pergunte para sua feiticeira, meu Lorde.— Ela virou novamente para ir embora.

Brogan levantou rapidamente. — Ninguém deu permissão para partir, sua bruxa velha sem dentes!

Ela olhou para trás, por cima do ombro. — É o fígado, meu Lorde.

Brogan inclinou para frente apoiado nas mãos sobre a mesa. — O quê?

— Eu provei um pouco de fígado cru, meu Lorde. Acredito que é isso que faz os dentes caírem, com o tempo.

Naquele momento, Galtero apareceu, passando entre a mulher e a garota enquanto elas seguiam na direção da porta. Fez uma saudação com as pontas dos dedos na testa abaixada. — Lorde General, tenho um relatório.

— Sim, sim, daqui a pouco.

— Mas...

Brogan levantou um dedo para Galtero pedindo silêncio quando virou para Lunetta. — Bem?...

— Cada palavra verdadeira. Lorde General. Ela ser como um besouro da água, deslizando na superfície da água, tocando apenas com as pontas das patas nela, mas tudo que ela falou ser verdade. Ela sabe muito mais do que diz, mas o que ela diz ser verdade.

Brogan balançou a mão impaciente para que Ettore se aproximasse. O homem ficou em posição de sentido diante da mesa enquanto sua capa vermelha balançava em volta das pernas. — Lorde General?

Os olhos de Brogan estreitaram. — Acho que podemos ter um *Baneling* em nossas mãos. Você gostaria de provar que é merecedor da capa que você usa?

— Sim, Lorde General, muito.

— Antes que ela saia, prenda ela. Ela está sob suspeita de ser *Baneling*.

— E quanto a garota, Lorde General?

— Não estava observando, Ettore? Sem dúvida ela vai provar ser íntima da *Baneling*. Além disso, não vamos querer ela lá fora na rua gritando que sua avó está sendo presa pelo Sangue da Congregação. Perceberiam a falta da outra, a cozinheira, e isso poderia nos trazer criadores de caso, mas não sentirão a falta dessas duas na rua. Agora, elas são nossas.

— Sim, Lorde General. Vou cuidar disso imediatamente.

— Farei algumas perguntas a ela tão logo seja possível. Para a garota também. — Brogan levantou um dedo como aviso. — É melhor que elas estejam preparadas para responder com a verdade qualquer pergunta que eu fizer.

O rosto jovem de Ettore mostrou um sorriso horrível. — Elas vão confessar quando falar com elas, Lorde General.

Pelo Criador, elas estarão prontas para confessar.

— Muito bom, garoto, agora vá, antes que elas cheguem até a rua.

Quando Ettore correu através do portal, Galtero caminhou de um lado para outro de modo impaciente, mas parou silenciosamente diante da mesa.

Brogan mergulhou na cadeira, sua voz estava distante. — Galtero, você fez o seu bom trabalho completo de costume; as testemunhas que trouxe provaram estar acima das minhas expectativas.

Tobias Brogan colocou a moeda de prata de lado, desatou as tiras de couro no estojo, e colocou seus troféus em uma pilha sobre a mesa. Com

muito cuidado ele os espalhou, tocando a carne que uma vez esteve viva. Cada um era um mamilo ressecado, o mamilo esquerdo, aquele que ficava mais próximo do coração maligno do *Baneling*, com pele suficiente para incluir o nome tatuado. Eles representavam apenas uma fração dos *Banelings* que ele tinha descoberto: os mais importantes dos importantes; os mais desprezíveis dos amigos do Guardião.

Enquanto ele colocava de volta um de cada vez, lia o nome de cada *Baneling* que tinha colocado na fogueira. Lembrou de cada caçada, e captura, e inquisição. Chamas de raiva cresceram ao lembrar dos crimes que cada um tinha finalmente confessado. Lembrou da justiça sendo feita cada uma das vezes.

Mas ainda tinha que conseguir o prêmio dos prêmios: a Madre Confessora.

— Galtero, — ele falou com uma voz suave firme — eu tenho o rastro dela. Junte os homens. Vamos partir imediatamente.

— Acho que seria melhor primeiro escutar o que tenho para dizer, Lorde General.

CAPÍTULO 11

Ser os D'Harans, Lorde General. — Depois de recolocar o último de seus troféus, Brogan fechou a tampa do estojo dele e olhou dentro dos olhos escuros de Galtero. — O que tem os D'Harans?

— Hoje cedo, eu soube que algo estar acontecendo quando eles começaram a se reunir. Isso ser o que deixou as pessoas tão agitadas.

— Reunir?

Galtero assentiu. — Em volta do Palácio das Confessoras, Lorde General. No meio da tarde todos eles começaram a cantar.

Surpreso, Tobias inclinou na direção do seu Coronel. — Cantar? Você lembra das palavras?

Galtero enfiou um dedão no cinto de armas. — Continuou durante duas horas; seria difícil esquecer depois de ouvir tantas vezes. Os D'Harans se abaixaram, com as testas no chão, e todos cantaram as mesmas palavras: Mestre Rahl seja nosso guia. Mestre Rahl nos ensine. Mestre Rahl nos proteja. Em sua luz, prosperamos. Na sua misericórdia, nos abrigamos. Em sua sabedoria, nos humilhamos. Vivemos só para servir. Nossas vidas são suas.

Brogan bateu com um dedo na mesa. — E todos os D'Harans fizeram isso? Quantos estavam lá?

— Cada um deles, Lorde General, e tem mais do que pensamos. Eles encheram a praça do lado de fora do Palácio, inundaram os parques e praças públicas, e então as ruas ao redor. Você não podia caminhar entre eles, eles estar tão próximos, como todos querendo ficar tão perto do Palácio das Confessoras quanto pudessem.

Pelas minhas contas, tem quase duzentos mil na cidade, com a maioria reunida em volta do Palácio.

Enquanto aquilo continuava, com o povo quase em pânico, sem saber o que estar acontecendo.

— Eu cavalei pelo campo, e tinha muitos mais que não entraram na cidade. Eles também, onde estivessem, encostaram as testas no chão e cantaram junto com seus irmãos na cidade. Cavalei bastante, para cobrir a maior quantidade de terreno quanto possível e ver todos que eu pudesse, e não vi um D'Harán que não cantasse. Poderia escutar as vozes deles das colinas e passagens ao redor da cidade. Nenhum deles prestou atenção enquanto nós patrulhamos.

Brogan fechou a boca. — Então ele deve estar aqui, esse Mestre Rahl.

Galtero trocou a posição do peso de seu corpo para o outro pé. — Ele estar aqui, Lorde General. Enquanto os D'Haráns cantavam, o tempo todo em que eles cantavam, ele permaneceu sobre os degraus da grande entrada e observou. Cada um dos homens fazia reverência para ele, como se fosse o próprio Criador.

A boca de Brogan contorceu de desgosto. — Sempre suspeitei que os D'Haráns fossem pagãos. Imagine, rezar para um simples homem. O que aconteceu depois?

Galtero parecia cansado; esteve cavaleando o dia todo — Quando isso terminou, todos pularam, comemorando e gritando por um bom tempo, como se acabassem de escapar das garras do Guardião. Consegui cavalgar duas milhas em volta da multidão enquanto a gritaria e aclamação continuou. Finalmente, os homens abriram caminho enquanto dois corpos eram carregados para dentro da praça, e todos ficaram em silêncio. Uma pira foi acesa.

O tempo todo, até que os corpos virassem cinzas e as cinzas fossem levadas para enterrar, esse Mestre Rahl ficou sobre os degraus e observou.

— Você deu uma boa olhada nele?

Galtero balançou a cabeça. — Os homens estavam muito próximos, e eu temi forçar caminho chegando mais perto, para evitar que eles pulassem em mim por interromper a cerimônia.

Brogan esfregou o estojo com o lado de um dedão enquanto olhava para o vazio, pensando. — É claro. Eu não poderia esperar que você jogasse sua vida fora só para tentar ver qual a aparência do homem.

Galtero hesitou durante um momento. — Você o verá em breve, Lorde General. Foi convidado para ir até o Palácio.

Brogan levantou os olhos. — Não tenho tempo para brincadeiras. Devemos partir atrás da Madre Confessora.

Galtero tirou um papel do bolso e o entregou. — Voltei justamente quando um grande grupo de soldados D'Haran estavam prestes a entrar em nosso Palácio. Fiz eles pararem e perguntei o que eles queriam, e eles me entregaram isso.

Brogan abriu o papel, e leu os rabiscos apressados. Lorde Rahl convida todos os dignitários, diplomatas, e oficiais de todas as terras até o Palácio das Confessoras, imediatamente. Ele amassou o papel. — Eu não atendo audiências, Eu as faço. E, como eu falei, não tenho tempo para brincadeiras.

Galtero levantou um dedo na direção da rua. — Eu pensei nisso, e falei para os soldados ao me entregarem isso que entregaria o convite. Mas estamos ocupados com outros assuntos, e que eu não sabia se alguém do Palácio de Nicobarese teria tempo para atender.

— Ele falou que Lorde Rahl queria todos lá, e que seria melhor nós encontrarmos tempo.

Brogan colocou a ameaça de lado. — Ninguém vai causar problema, aqui em Aydindril, porque não atendemos um convite para conhecer um novo líder tribal.

— Lorde General, Kings Row estar ombro a ombro com os soldados D'Haran. Cada Palácio em Row estar cercado, junto com os prédios de administração da cidade. O homem que me deu o papel disse que ele estar aqui para nos *escoltar* até o Palácio das Confessoras. Ele falou que se não estivermos lá fora logo, eles entrariam e nos pegariam. Ele tinha dez mil tropas atrás dele, me observando, quando disse isso.

— Esses homens não ser donos de lojas e fazendeiros brincando de soldado por alguns meses; ser guerreiros profissionais, e eles parecem bastante determinados.

— Tenho fé no Sangue da Congregação para enfrentar esses homens, se pudéssemos chegar até nossa força principal, mas trouxemos apenas um destacamento da Congregação para dentro da cidade. Quinhentos não são homens suficientes para abrir caminho lutando. Não conseguiríamos avançar vinte jardas antes que cada um de nós fosse derrubado.

Brogan olhou para Lunetta, encostada na parede. Ela estava acariciando suas fitas coloridas, sem prestar atenção na discussão. Poderiam ter apenas quinhentos homens na cidade, mas eles também tinham Lunetta.

Ele não sabia qual era o jogo desse Lorde Rahl, mas isso realmente não importava; D'Hara estava alinhada com a Ordem Imperial, e recebia ordens da Ordem Imperial. Provavelmente isso era apenas uma tentativa dele de se colocar em uma posição superior dentro da Ordem. Sempre havia aqueles que queriam poder, mas não queriam se preocupar com a imperativa moral que vinha junto com ele.

— Muito bem. De qualquer modo, vai escurecer em breve. Nós iremos para essa cerimônia, sorrir para o novo Mestre Rahl, beber o vinho dele, comer sua comida, e deixar ele feliz. Ao amanhecer deixamos Aydindril com a Ordem Imperial e partimos atrás da Madre Confessora. — Ele gesticulou para sua irmã. — Lunetta, venha conosco.

— E como vai encontrar ela? — Lunetta coçou o braço. — A Madre Confessora, Lorde General, como vai encontrar ela?

Tobias empurrou sua cadeira para trás e levantou. — Ela está no sudoeste. Temos homens mais do que suficiente para procurar. Encontraremos ela.

— Verdade? — Lunetta ainda mostrou um pouco de insolência por ter usado seu poder. — Diga como vai reconhecer ela.

— Ela será a Madre Confessora! Como não poderíamos reconhecer ela, sua *Streganicha* estúpida!

Uma sobrancelha curvou quando o olhar feroz dela levantou para encontrar os olhos dele. — A Madre Confessora estar morta. Como você consegue ver uma pessoa morta caminhando?

— Ela não estar morta. A cozinheira sabe a verdade disso; você mesma falou. A Madre Confessora estar viva, e nós pegaremos ela.

— Se aquilo que a velha disse ser verdade, e um feitiço da morte foi lançado, então qual ser o objetivo dele? Diga Lunetta.

Tobias franziu a testa. — Fazer as pessoas pensarem que ela foi morta para que pudesse escapar.

Lunetta mostrou um sorriso manhoso. — E porque eles não viram ela fugir? Pela mesma razão que você não vai encontrá-la.

— Pare de falar suas baboseiras mágicas e diga do que está falando.

— Lorde General, se existir uma coisa como um feitiço da morte, e ele ser usado na Madre Confessora, então simplesmente faria sentido que a magia escondesse sua identidade. Isso explicaria como ela escapou; ninguém a reconheceu por causa da magia em volta dela. Pela mesma razão, você também não vai reconhecer ela.

— Pode quebrar ele, quebrar o feitiço? — Tobias gaguejou.

Lunetta riu. — Lorde General, nunca ouvi falar dessa magia. Não sei nada sobre ela.

Tobias percebeu que sua irmã estava certa. — Você sabe sobre magia. Diga como podemos reconhecer ela.

Lunetta balançou a cabeça. — Lorde General, não sei como ver os fios da teia de mago que foi lançada com a clara finalidade de esconder. Digo apenas o que faria sentido, e isso ser que se esse tipo de feitiço fosse usado para escondê-la, então nós também não a reconheceríamos.

Ele levantou um dedo na direção dela. — Você tem magia. Conhece um jeito de nos mostrar a verdade.

— Lorde General, a velha disse que apenas um mago poderia lançar um feitiço da morte. Se um mago lançar uma teia desse tipo, então

para desfazer ela nós precisamos ter a capacidade de ver os fios da teia dele. Não sei como enxergar a verdade através da farsa criada pela magia.

Tobias esfregou o queixo enquanto pensava naquilo. — Ver através da farsa. Mas como?

— Uma traça ficar presa na teia de uma aranha porque ela não consegue enxergar os fios. Nós estar presos nessa teia, do mesmo jeito que aqueles que viram a decapitação dela, porque não conseguimos ver os fios dela. Não sei como poderemos.

— Magos. — ele murmurou para si mesmo. Gesticulou para a moeda de prata na mesa. — Quando perguntei para ela se tem um mago aqui em Aydindril, ela mostrou aquela moeda com uma construção gravada nela.

— O Palácio dos Profetas.

O nome fez ele levantar a cabeça. — Sim, isso ser como ela chamou. Ela falou para perguntar a você o que ser isso. Como sabe sobre ele? Onde ouviu falar sobre esse Palácio dos Profetas?

Lunetta se encolheu e olhou para o vazio. — Logo depois que você nascer. Mamãe falou sobre ele. Ele ser um lugar onde feiticeiras...

— *Streganicha*. — ele corrigiu.

Ela fez uma pausa durante um momento. — Ele ser um lugar onde *Streganicha* treina homens para serem magos.

— Então ele ser um lar do mal.— Ela ficou curvada e imóvel enquanto ele olhava para a moeda. — O que mamãe saberia sobre um lugar maligno assim?

— Mamãe estar morta, Tobias, deixe ela em paz. — ela sussurrou.

Ele lançou um olhar raivoso para ela. — amos falar sobre isso mais tarde. — Ele arrumou o cinturão e seu casaco cinzento com bordado prateado antes de colocar sua capa vermelha. — A velha deveria querer dizer que tem um mago em Aydindril que foi treinado nesse lar do mal. — Redirecionou sua atenção para Galtero. — Felizmente, Ettore está

mantendo ela presa para interrogatório posterior. Aquela velha tem muito mais coisa para nos contar; posso sentir isso nos meus ossos.

Galtero assentiu. — É melhor seguirmos para o Palácio das Confessoras, Lorde General.

Brogan jogou sua capa por cima dos ombros. — Vamos parar para ver Ettore em nosso caminho de saída.

Uma fogueira tinha sido bem alimentada e estava rugindo quando os três entraram na pequena sala para encontrar Ettore e suas duas cativas. Ettore estava nu da cintura para cima, seus músculos firmes cobertos com o brilho de suor.

Várias lâminas brilhavam em seu lugar em cima do pano, junto com um punhado de estacas afiadas.

As extremidades metálicas de varas estavam na lareira. As outras pontas exibiam um brilho laranja dentro das chamas.

A velha estava encolhida num canto do outro lado da sala, e colocava um braço protetor em volta da garota, que escondia o rosto no cobertor marrom.

— Ela deu algum trabalho para você? — Brogan perguntou.

Ettore mostrou seu sorriso costumeiro. — A atitude arrogante dela desapareceu logo que ela descobriu que não aceitamos insolência. Esse ser o jeito com Banelings; eles se entregam quando encaram o poder do Criador.

— Nós três temos que sair por um tempo. O resto do destacamento vai permanecer aqui no Palácio, caso você precise de assistência. — Brogan olhou para as varas de ferro cintilando no fogo. — Quando eu voltar quero a confissão dela. Não me importo com a garota, mas é melhor que a velha continue viva e pronta ansiosa para confessar.

Ettore encostou os dedos na testa quando fez uma reverência. — Pelo Criador, será como você ordena, Lorde General. Ela vai confessar

todos os crimes que cometeu pelo Guardião.

— Bom. Tenho mais perguntas, e vou conseguir as respostas.

— Não vou responder mais nenhuma de suas perguntas. — a velha disse.

Ettore entortou os lábios enquanto olhava por cima dos ombros. A velha se encolheu mais ainda no canto escuro. — Vai quebrar esse juramento antes que essa noite termine, sua bruxa velha. Vai implorar para responder mais perguntas quando enxergar o que eu faço com sua pequena. Vai observar ela ser a primeira, assim poderá pensar no que vai acontecer quando chegar sua vez.

A garotinha gritou e se enterrou mais fundo dentro do cobertor da velha.

Lunetta olhou fixamente para a dupla no canto enquanto coçava o braço lentamente. — Quer que eu fique e ajude Ettore, Lorde General? Acho que ser melhor se eu fizesse isso.

— Não. Quero que venha comigo esta noite. — Olhou para Galtero. — Fez muito bem, trazendo essa aqui.

Galtero balançou a cabeça. — Jamais teria percebido ela, se não tivesse tentado me vender bolos de mel.

Alguma coisa nela me deixou desconfiado.

Brogan encolheu os ombros. — Ser assim com os Banelings; são atraídos pelo Sangue da Congregação como mariposas pela luz. São audaciosos porque tem fé em seu mestre maligno. — Ele olhou novamente para a mulher espremida no canto. — Mas todos perdem a coragem quando encaram a justiça do Sangue da Congregação. Essa aqui vai ser um pequeno troféu, mas o Criador vai ficar satisfeito.

CAPÍTULO 12

Pare com isso. — Tobias rosnou — As pessoas vão pensar que você tem pulgas.

Em uma rua larga com linhas de árvores majestosas de cada lado, com seus galhos entrelaçados lá em cima, dignitários e oficiais de diferentes terras desciam de carruagens pomposas para caminhar a distância restante até o Palácio das Confessoras. Tropas D'Haran pareciam bancos de terra na margem do rio de convidados que chegava.

— Não consigo evitar, Lorde General. — Lunetta reclamou enquanto coçava. — Desde que chegamos em Aydindril meus braços estar coçando. Nunca senti isso desse jeito.

As pessoas que entravam na corrente olhavam abertamente para Lunetta. Seus panos esfarrapados faziam ela se destacar como uma leprosa no meio de uma coroação. Ela parecia não perceber os olhares zombeteiros. Parecia mais que ela os considerava como olhares de admiração.

Ela havia, em diversas ocasiões, implorado para não vestir nenhum dos belos vestidos que Tobias lhe oferecia, dizendo que nenhum poderia ser comparado com as suas *bonitinhas*. ele nunca foi muito longe insistindo que ela deveria usar alguma outra coisa, e além disso, ele considerava blasfêmia fazer alguém tocado pelo mal ter aparência atraente.

Os homens que chegavam estavam usando seus mantos, casacos, ou peles mais refinados. Embora alguns estivessem com espadas enfeitadas, Tobias tinha certeza que elas eram apenas decorativas e duvidava que uma delas alguma vez tivesse sido desembainhada por medo, muito menos raiva. Quando surgia uma abertura ocasional, ele podia ver que mulheres estavam usando vestidos elegantes com várias camadas, o sol poente cintilando nas joias em seus pescoços, pulsos, e dedos. Poderia parecer que todos estavam tão excitados por terem sido convidados para o Palácio das Confessoras e por conhecerem o novo Lorde Rahl que eles não causaram nenhuma demonstração de ameaça por parte dos soldados D'Haran. Pelos sorrisos e conversas, todos pareciam ansiosos em agradecer o novo Lorde Rahl.

Tobias cerrou os dentes. — Se você não parar de se coçar, vou amarrar suas mãos atrás das costas.

Lunetta baixou as mãos para os lados do corpo e parou suspirando. Tobias e Galtero olharam para cima para ver corpos empalados em postes de cada um dos lados do passeio adiante. Quando os três se aproximaram, ele percebeu que não eram homens, mas criaturas com escamas que somente o Guardião poderia ter concebido. Enquanto eles seguiam em frente, um fedor os envolveu, tão espesso quanto um nevoeiro de um pântano, fazendo com que eles temessem respirar para não enegrecer seus pulmões.

Alguns dos postes estavam apenas com cabeças, alguns com corpos inteiros, e outros com partes de corpos. Todos pareciam mortos em uma batalha brutal. Algumas das bestas foram abertas, e várias estavam cortadas em duas partes, suas vísceras pendiam congeladas naquilo que restara delas.

Era como caminhar através de um monumento ao mal, através dos portões do submundo.

Os outros convidados cobriam os narizes o melhor que podiam com qualquer coisa que tivessem nas mãos. Algumas das mulheres elegantemente vestidas desabaram no chão desmaiando; criados correram para ajudá-las, abanando-as com lenços ou esfregando um pouco de neve nas testas delas. Algumas das pessoas observavam assustadas enquanto outras tremiam tão violentamente que Tobias podia escutar o barulho dos pés deles. Depois que conseguiram superar aquela imagem e o fedor, todos ao redor ficaram em um estado de alta ansiedade ou de pavor.

Tobias, tendo caminhado diversas vezes no meio do mal, olhou para seus companheiros convidados com desgosto.

Quando um diplomata trêmulo perguntou, um dos D'Harans perto dele explicou que as criaturas atacaram a cidade, e Lorde Rahl matou eles. O humor dos convidados se iluminou. Enquanto seguiam adiante, suas vozes ficavam cheias de energia enquanto falavam sobre a honra de conhecer um homem como o novo Lorde Rahl, o Mestre de toda D'Hara. Risadas efervescentes espalhavam-se no ar frio.

Galtero chegou mais perto. — Quando eu estava fora mais cedo, antes de toda a cantoria, e quando os soldados em volta da cidade ainda estavam dispostos a conversar, eles disseram para ser cuidadoso, que estavam acontecendo ataques de criaturas invisíveis, e um certo número dos homens deles, assim como de pessoas do povo nas ruas, foi morta.

Tobias lembrou da mulher dizendo para ele que criaturas escamosas, não conseguia lembrar com ela os chamou, começaram a aparecer do ar para destripar qualquer um no caminho delas. Lunetta tinha falado que as palavras da mulher eram verdadeiras. Essas deveriam ser as criaturas.

— Que conveniente para Lorde Rahl chegar bem na hora de matar as criaturas e salvar a cidade.

— *Mriswith*. — Lunetta disse. — O quê?

— A mulher disse que as criaturas ser chamadas de *Mriswith*.

Tobias assentiu. — Sim, acho que você tem razão: *Mriswith*.

Colunas brancas erguiam-se do lado de fora da entrada para o Palácio. As fileiras de soldados de cada lado afunilava conduzindo eles através de grandes portas brancas abertas, e dentro de um grande salão iluminado por janelas de vidro azul claro, posicionadas entre polidas colunas brancas de mármore com letras capitais douradas em sua parte superior. Tobias Brogan podia sentir como se estivesse sendo sugado para dentro do estômago da besta. Os outros convidados, se algum deles tivesse consciência, estariam tremendo diante do monumento vivo da profanação que os cercava, ao invés de se preocuparem com carcaças mortas.

Depois de uma jornada por corredores elegantes e câmaras com granito e mármore suficientes para construir uma montanha, finalmente eles passaram através de altas portas de mogno para entrar em uma câmara enorme coberta por um domo enorme. Afrescos de homens e mulheres estavam espalhados pelo teto. Janelas arredondadas em volta da parte inferior do domo deixavam entrar uma fraca luz e revelava nuvens se reunindo em um céu que escurecia. Do outro lado da sala, em um balcão semicircular, as cadeiras por trás da mesa resplandecente entalhada estavam vazias.

Aberturas arqueadas ao redor da sala cobriam escadarias subindo até sacadas com colunata margeadas por sinuosos corrimões polidos de mogno. As sacadas estavam cheias de pessoas, ele notou, que não se vestiam elegantemente como aquelas no piso principal, mas pessoas trabalhadoras comuns. Os outros convidados também notaram, e lançavam olhares desaprovadores para as pessoas lá em cima, nas sombras por trás dos corrimões.

As pessoas amontoadas ali se afastavam dos corrimões, como se procurassem a escuridão nas trevas, para evitar que algum deles fosse reconhecido e chamado para prestar contas por ter ousado estar presente em uma reunião tão importante. Era costumeiro que um grande homem fosse apresentado primeiro ao povo com autoridade, antes de permitir ser conhecido por pessoas comuns.

Ignorando a plateia nas sacadas, os convidados espalhavam-se pelo chão de mármore, mantendo distância entre eles mesmos e os dois do Sangue da Congregação, e tentando fazer parecer apenas acidental, ao invés de algo intencional, o fato deles evitarem os dois. Eles olhavam de um lado para outro procurando ansiosamente por seu anfitrião enquanto se curvavam para sussurrar entre si. Vestidos de modo tão elegante como estavam quase pareciam fazer parte dos ornamentos entalhados e da decoração; nenhum deles deixava transparecer que estava espantado pela grandiosidade do Palácio das Confessoras. Tobias concluiu que a maioria eram visitantes frequentes Ainda que nunca tenha vindo a Aydindril, conhecia bajuladores quando os via; seu próprio rei estivera cercado por bastantes deles.

Lunetta ficava perto, ao lado dele, apenas levemente interessada na arquitetura imponente em volta dela. Não prestava atenção nas pessoas que olhavam para ela, embora agora houvesse menos dessas; estavam mais interessadas umas nas outras e na chance de finalmente conhecer Lorde Rahl do que em se preocupar com uma mulher estranha entre os dois homens de capa vermelha do Sangue da Congregação. O olhar de Galtero deslizou pela sala expansiva, ignorando a opulência e, ao invés disso, fazendo uma constante avaliação das pessoas, dos soldados, e das saídas. As espadas que ele e Tobias carregavam não eram para decoração.

Independente de sua repulsa, Tobias não podia evitar ficar maravilhado com o local onde estava. Esse era o lugar de onde as Madres

Confessoras e magos tinham puxados as cordas de Midlands. Aqui era onde o Conselho, durante milhares de anos, havia defendido a união enquanto preservava e protegia a magia. Esse era o lugar a partir do qual os tentáculos do Guardião se espalhavam.

Agora aquela união estava despedaçada. A magia perdeu seu poder sobre o homem, perdeu sua proteção. A era da magia estava acabada. Midlands estava acabada. Em breve, o Palácio estaria cheio de capas vermelhas, e apenas o Sangue da Congregação estaria sentado naquelas plataformas. Tobias sorriu; os eventos estavam se movendo inexoravelmente na direção de um final providencial.

Um homem e uma mulher se aproximaram, intencionalmente, Tobias pensou. A mulher, com um amontoado de cabelo negro e mechas encaracoladas penduradas em volta de seu rosto maquiado, inclinou-se na direção dele de forma casual. — Imagine, nós somos convidados aqui, e eles não tem nada para comer. — Ela alisou o laço perto do peito do vestido amarelo, um sorriso educado surgindo em seus lábios impossivelmente vermelhos enquanto esperava que ele falasse. Ele não falou, e ela continuou. — Parece muito vulgar não oferecer nem ao menos um pouco de vinho, você não acha, considerando que viemos com um aviso em tão curto espaço de tempo? Espero que ele não espere que aceitemos seu convite novamente depois de nos tratar de forma tão rude.

Tobias cruzou as mãos atrás das costas. — Você conhece Lorde Rahl?

— Posso ter encontrado com ele antes; eu não lembro. — Ela esfregou uma mancha, que ele não conseguiu ver, do ombro dela, exibindo as joias em seus dedos, que até mesmo alguém do outro lado da sala podia enxergar, criando a oportunidade para que elas brilhassem diante dos olhos dele. — Sou convidada para tantas festas aqui no Palácio que tenho dificuldade em lembrar de todas as pessoas que tentam me conhecer. Afinal de contas, o Duque Lumholtz e eu poderíamos parecer em uma posição de liderança, com o Príncipe Fyren tendo sido assassinado.

Os lábios vermelhos dela contorceram em um sorriso. — Sei que nunca encontrei aqui qualquer um do Sangue da Congregação.

— Afinal de contas, o Conselho sempre viu o Sangue da Congregação como algo não oficial, não que eu esteja dizendo que concordo, preste atenção, mas eles proibiram que eles praticassem seus... estratégias em qualquer parte do lado de fora de sua terra natal. É claro que agora parecemos estar sem um Conselho. Bastante terrível, eles serem mortos como foram, bem aqui, e enquanto estavam decidindo o futuro caminho de Midlands. O que traz você aqui, senhor?

Tobias desviou os olhos dela para ver soldados fechando as portas. Passou os dedos no bigode quando começou a andar na direção da plataforma. — Fui *convidado*, do mesmo jeito que você.

A Duquesa Lumholtz caminhou com ele. — Ouvei dizer que o Sangue da Congregação é considerado com alta estima pela Ordem Imperial.

O homem que estava junto com ela, vestindo um casaco azul com faixas douradas e exibindo autoridade, escutava com grande indiferença enquanto se esforçava em parecer manter sua atenção em outro lugar. Pelo seu cabelo negro e sobrancelhas grossas Tobias já imaginava que ele fosse Kelteano. Os Kelteanos foram rápidos em se unir com a Ordem, e protegiam possessivamente seu alto status entre eles. Eles também sabiam que a Ordem Imperial respeitava a opinião do Sangue da Congregação.

— Estou surpreso, madame, de que você escute qualquer coisa, já que fala tanto.

O rosto dela ficou tão vermelho quanto os lábios. Tobias foi poupado de sua previsível resposta indignada quando a multidão notou uma agitação pela sala. Ele não era alto o bastante para enxergar por cima das cabeças viradas, então esperou pacientemente, sabendo que Lorde Rahl provavelmente ocuparia a plataforma mais alta. Tinha se posicionado cuidadosamente para essa possibilidade: perto o bastante para ser capaz de fazer uma avaliação, mas não tão perto para se destacar.

Diferente dos outros convidados, ele sabia que essa não era uma função social. Parecia que essa seria uma noite tempestuosa, e se houvesse raios, ele não queria ser a árvore mais alta. Tobias Brogan, ao contrário dos tolos agitados em volta dele, sabia quando a prudência era justificada.

Do outro lado da sala, pessoas tentavam apressadamente abrir caminho para um grupo de soldados D'Haran que os empurrava para limpar o caminho. Uma fileira massiva de piqueiros seguia, espalhando-se em pares para formar um corredor livre de convidados. O grupo parou diante da plataforma, uma cunha protetora de músculo e aço D'Haran. A ligeira precisão foi impressionante. Oficiais D'Haran de alta posição marcharam subindo o corredor para assumirem posição ao lado da plataforma. Acima da cabeça de Lunetta, Tobias encontrou o olhar gelado de Galtero. Nenhuma função social com certeza.

A multidão murmurava com grande ansiedade enquanto esperavam para ver o que aconteceria a seguir. Pelos sussurros que Tobias podia escutar, isso estava além dos precedentes no Palácio das Confessoras. Dignitários com rosto vermelho mostravam sua indignação uns para os outros discutindo sobre o que eles consideravam um uso intolerável de força armada na câmara do Conselho, onde a negociação diplomática era a regra.

Brogan não tinha tolerância alguma com diplomacia; o sangue trabalhava melhor, e deixava uma impressão mais duradoura. Ele estava começando a ter uma sensação de que Lorde Rahl também entendia isso, ao contrário do mar de rostos obsequiosos que enchiam a sala.

Tobias sabia o que esse Lorde Rahl queria. Era de se esperar; afinal de contas, que os D'Harans haviam suportado a maior parte da carga para a Ordem Imperial. Nas montanhas ele tinha encontrado uma força que era formada em sua maior parte por D'Haran, seguindo para Ebinissia. Os D'Harans haviam tomado Aydindril, pareciam ter mantido a ordem, e então deixaram a Ordem Imperial ter o domínio sobre ela. Em nome da Ordem eles colocaram sua carne contra o aço dos rebeldes, outros ainda, como Kelteanos, como o Duque Lumholtz, haviam mantido suas posições de poder e passaram as ordens, esperando que os D'Harans caíssem nas pontas das lâminas inimigas.

Lorde Rahl sem dúvida pretendia reivindicar um lugar de alta posição entre a Ordem Imperial, e iria coagir os representantes reunidos para que aceitassem. Tobias quase desejou que a comida tivesse sido oferecida, para que pudesse observar todos os oficiais engasgarem com ela quando o novo Lorde Rahl fizesse suas exigências.

Os dois D'Harans que entraram em seguida eram tão grandes que Tobias conseguiu ver eles se aproximando por cima das cabeças da multidão. Quando eles entraram completamente no campo de visão, e ele conseguiu ver suas armaduras, cotas de malha, e faixas afiadas sobre os cotovelos, Galtero sussurrou para ele por cima da cabeça de Lunetta. — Já vi esses dois.

— Onde? — Tobias sussurrou de volta.

Galtero balançou a cabeça enquanto observava os homens. — Lá fora nas ruas em algum lugar.

Tobias virou a cabeça de volta, e para sua surpresa viu três mulheres vestidas em couro vermelho seguindo os dois D'Harans enormes. De acordo com os relatórios que Tobias ouviu, elas não poderiam ser outra coisa a não ser Mord-Sith. Mord-Sith tinham uma reputação de ser completamente prejudiciais para aqueles com magia que eram contra elas. Uma vez Tobias procurou contratar os serviços de umas dessas mulheres, mas recebeu a informação de que elas serviam apenas ao Mestre de D'Hara, e não eram indulgentes com qualquer um que fizesse ofertas de qualquer tipo. Como tinha ouvido falar, elas não poderiam ser compradas por preço algum.

Se as Mord-Sith fizeram a multidão ficar assustada, o que veio depois deixou eles apavorados. Bocas ficaram abertas com a visão de uma besta monstruosa, uma que tinha garras, presas, e asas. Até mesmo Tobias ficou tenso com a visão do gar. Gars de cauda curta eram bastante agressivos, feras sedentas por sangue que comeriam qualquer coisa viva. Desde que a fronteira tinha caído na última primavera, Gars tinham causado muitos problemas para o Sangue da Congregação. Por um momento, essa besta caminhou tranquilamente atrás das três mulheres. Quando Tobias verificou que sua espada estava livre em sua bainha, ele notou Galtero fazendo o mesmo.

— Por favor, Lorde General, — Lunetta choramingou — quero ir embora agora. — Ela estava coçando os braços furiosamente.

Brogan agarrou-a e puxou para mais perto, sussurrando através de dentes cerrados. — Preste atenção nesse Lorde Rahl, ou vou considerar que

— você não terá mais utilidade. Você entendeu? E pare de coçar!

Os olhos dela encheram de lágrimas quando ele torceu o braço dela.
— Sim, Lorde General.

— Preste atenção naquilo que ele diz.

Ela assentiu enquanto os dois D'Harans enormes assumiam suas posições de cada um dos lados da plataforma. As três mulheres com roupas de couro vermelho ficaram entre eles, deixando um lugar no centro vazio, provavelmente para Lorde Rahl quando ele finalmente chegasse. O Gar ficou por trás das cadeiras.

A Mord-Sith loira no centro da plataforma olhou ao redor da sala com olhos azuis penetrantes que ordenavam silêncio.

— Povo de Midlands, — ela disse, levantando um braço para apontar o espaço vazio acima da mesa — eu lhes apresento o Lorde Rahl.

Uma sombra formou-se no ar. Uma capa negra apareceu de repente, e quando ela foi aberta, ali, parado em cima da plataforma, estava um homem.

Aqueles que estavam na parte da frente caíram para trás assustados. Um grupo de pessoas gritou de terror. Alguns pediram a proteção do Criador, outros suplicaram aos espíritos para que intercedessem em nome deles, e alguns caíram de joelhos.

Enquanto muitos ficaram mudos por causa do choque, algumas das espadas decorativas foram sacadas pela primeira vez por causa do medo. Quando um D'Haran na frente do grupo avisou com uma voz fria para que todos guardassem suas armas, elas foram devolvidas para suas bainhas de modo relutante.

Lunetta estava se coçando freneticamente enquanto olhava para o homem ali em cima, mas dessa vez Brogan não fez ela parar; até mesmo ele sentia sua pele formigar com a malevolência da magia.

O homem em cima da mesa esperou pacientemente que a multidão ficasse em silêncio, e então falou com uma voz calma.

— Eu sou Richard Rahl, chamado pelos D'Harans de Lorde Rahl. Outras pessoas possuem outros títulos pelos quais sou conhecido.

— Profecias feitas no passado, antes que Midlands tivesse nascido, colocaram um nome em mim. — Ele desceu da mesa ficando entre as Mord-Sith. — Mas é sobre o futuro que venho falar a vocês.

Embora não tanto quanto os dois D'Harans parados em cada extremidade da mesa curvada, ele era um homem grande, alto e musculoso, e surpreendentemente jovem. Suas roupas, capa negra e botas altas, calças escuras, e camisa lisa, eram modestas, muito mais ainda para alguém chamado *Lorde*. Ainda que fosse difícil deixar de perceber o brilho de uma bainha prateada e dourada em sua cintura, ele não parecia ser nada mais do que um simples homem da floresta. Tobias também pensou que o homem parecia cansado, como se carregasse uma montanha de responsabilidades sobre os ombros.

Para Tobias o combate não era estranho, e ele sabia pela graça com que esse jovem se movia, pelo equilíbrio suave dos ombros e pelo modo como a espada balançava em sua cintura junto com ele, que ele não era um homem para ser considerado de modo descuidado. A espada não estava ali para decoração; era uma arma. Ele parecia ser um homem que tinha tomado muitas decisões desesperadas recentemente, e tinha convivido com elas. Com toda sua aparência exterior humilde, ele possuía um inexplicável ar de autoridade, e uma atitude que exigia atenção.

Muitas das mulheres na sala já tinham recuperado sua compostura e estavam começando a lançar sorrisos para ele enquanto piscavam os olhos, entregando-se aos seus hábitos muito bem praticados de insinuação com aqueles que possuem poder. Mesmo que o homem não fosse bonito, elas teriam feito a mesma coisa, mas talvez com menos sinceridade. Lorde Rahl não notou o comportamento delas, ou preferiu não notar.

Mas eram os olhos dele que interessavam para Tobias Brogan; os olhos eram a marca da natureza de um homem, e a única coisa que raramente o enganava. Quando o olhar de ferro desse homem pousava sobre as pessoas, algumas recuavam sem perceber, alguns congelavam, e outros ficavam inquietos. Quando aqueles olhos viraram na direção dele, e o olhar

caiu sobre ele pela primeira vez, Tobias fez uma avaliação do coração e da alma de Lorde Rahl.

Aquele breve olhar era tudo que ele precisava: esse era um homem muito perigoso.

Ainda que fosse jovem e pouco à vontade em ser o centro das atenções, esse era um homem que lutaria com fervor. Tobias tinha visto olhos assim antes. Esse era um homem que pularia sobre um penhasco para ir atrás de você.

— Conheço ele. — Galtero sussurrou.

— O quê? Como?

— Hoje mais cedo, quando eu estava recolhendo testemunhas, cruzei com esse homem. Pretendia trazer ele até você para interrogatório, mas aqueles dois guardas enormes apareceram e o levaram.

— Infelizmente. Isso teria sido...

A agitação na sala fez Tobias olhar para cima. Lorde Rahl estava olhando fixamente para ele. Era como olhar dentro dos olhos cinzentos penetrantes de uma ave de rapina.

Os olhos do Lorde Rahl desviaram para Lunetta. Ela ficou congelada na luz do olhar dele. Surpreendentemente, um leve sorriso apareceu nos lábios dele.

— De todas as mulheres no baile, — Lorde Rahl falou para ela — o seu vestido é o mais bonito.

Lunetta sorriu. Tobias quase soltou uma gargalhada; Lorde Rahl acabou de enviar uma mensagem contundente para os outros na sala: o status social deles não significavam nada para ele. De repente Tobias estava começando a ficar animado. Talvez a Ordem não estivesse tão pobremente servida com um homem como esse entre seus líderes.

— A Ordem Imperial, — Lorde Rahl começou — acredita que chegou a hora para que o mundo esteja unido sob um cânone comum: o

deles. Eles dizem que a magia é responsável por todas as falhas do homem, desgraças, e problemas.

Dizem que todo mal é uma influência externa da magia. Dizem que chegou a hora da magia desaparecer do mundo.

Alguns na sala murmuraram sua aprovação, alguns resmungaram seu cepticismo, mas a maioria ficou muda.

Lorde Rahl colocou um dos braços na parte superior da cadeira maior, a que ficava no centro. — Para que a visão deles esteja completa, e sob a luz de sua autoproclamada causa divina, eles não aceitarão a soberania de terra alguma.

Eles querem que todos fiquem sob a sua influência, e que sigam para o futuro como um povo: escravos da Ordem Imperial.

Fez uma pausa enquanto observava os olhares de muitos na multidão. — A magia não é uma fonte do mal. Isso é meramente uma desculpa para suas ações enquanto eles buscam a supremacia.

Sussurros se espalharam pela sala, e leves sons de discussões ferveram. A Duquesa Lumholtz caminhou adiante, pedindo atenção. Ela sorriu para o Lorde Rahl antes de baixar a cabeça fazendo reverência.

— Lorde Rahl, tudo que você diz é muito interessante, mas o Sangue da Congregação aqui... — ela balançou uma das mãos na direção de Tobias e ao mesmo tempo lançou um olhar gelado para ele. — diz que toda magia é espalhada pelo Guardião.

Brogan não falou nada, nem se moveu. Lorde Rahl não olhou na direção dele, mas ao invés disso, manteve seu olhar na Duquesa.

— Uma criança, que nasce no mundo, é magia. Você chamaria isso de algo maligno?

Levantando uma das mãos de forma imperiosa, ela fez a multidão atrás dela ficar quieta. — O Sangue da Congregação prega que a magia é criada pelo próprio Guardião, e desse modo só pode ser o mal encarnado.

De vários lugares pelo chão e lá em cima na sacada, pessoas gritaram mostrando que concordavam. Dessa vez foi Lorde Rahl quem levantou uma das mãos, silenciando eles.

— O Guardiã é o destruidor, o destruidor da luz e da vida, o sopro da morte. Como ouvi dizer, é o Criador, através de seu poder e glória, que faz todas as coisas que existem. — Toda a multidão gritou que era verdade.

— Nesse caso, — Lorde Rahl falou — acreditar que a magia vem do Guardiã é blasfêmia. O Guardiã poderia criar uma criança recém nascida? Associar o poder de criar, que é o domínio do Criador, ao Guardiã, é conceder ao Guardiã aquilo que é casto, e apenas obra do Criador. O Guardiã não pode criar. Sustentar uma crença profana desse tipo só poderia ser heresia.

O silêncio desceu como uma mortalha sobre a sala. Lorde Rahl inclinou a cabeça para a Duquesa. — Você deu passos adiante, minha senhora, para confessar que é uma herege? Ou simplesmente para acusar outra pessoa de heresia para obter ganho pessoal?

Com o rosto tão vermelho quando os lábios novamente, ela deu vários passos recuando até o lado de seu marido. O Duque, o seu próprio rosto não estava mais calmo, balançou um dedo na direção do Lorde Rahl.

— Truques com palavras não mudarão o fato de que a Ordem Imperial combate o mal do Guardiã, e veio para nos unir contra ele. Eles só querem que todos os povos prosperem unidos. A magia negará esse direito para a humanidade.

Eu sou Kelteano, e tenho orgulho disso, mas está na hora de seguir além das terras fragmentadas e frágeis que ficam sozinhas. Tivemos extensivas conversas com a Ordem, e eles provaram ser um grupo civilizado e decente, interessado em juntar todas as terras em paz.

— Um nobre ideal, — Lorde Rahl respondeu com um tom suave — um que vocês já tinham na união de Midlands, e mesmo assim jogaram fora por causa da avareza.

— A Ordem Imperial é diferente. Ela oferece verdadeira força, e verdadeira paz duradoura.

Lorde Rahl fixou os olhos no Duque. — A paz dos cemitérios raramente é quebrada. — Ele desviou seu olhar para a multidão.

— Não faz muito tempo, um exército da Ordem espalhou-se pelo coração de Midlands, procurando reunir outros em sua causa. Muitos aceitaram e aumentaram a força deles. Um General D'Haran chamado Riggs conduziu eles, junto com oficiais de muitas terras, e foi auxiliado por um mago Slagle, de sangue Kelteano.

— Mais de cem mil, eles seguiram para Ebinissia, a cidade da Coroa de Galea. A Ordem Imperial convidou o povo de Ebinissia para que se juntassem a eles e se transformassem em escravos da Ordem. Quando foi convocado para combater a agressão contra Midlands, o povo Ebinissia o fez com bravura; eles se recusaram a abandonar seu compromisso com a unidade e a defesa em comum que Midlands representava.

O Duque abriu sua boca para falar mas, pela primeira vez, a voz do Lorde Rahl mostrou um tom ameaçador e cortou as palavras dele.

— O exército Galeano defendeu a cidade até o último homem. O mago usou seu poder para abrir um buraco nos muros da cidade e a Ordem Imperial entrou. Logo que os defensores Galeanos que estavam em menor número haviam sido eliminados, e Ordem Imperial não ocupou a cidade, mas ao invés disso cruzou através dela como um grupo de animais uivantes, estuprando, torturando, e assassinando pessoas indefesas.

Lorde Rahl, com sua mandíbula tensa, inclinou-se na mesa, e apontou um dedo para o Duque Lumholtz. — A Ordem assassinou cada uma das pessoas em Ebinissia: os velhos, os jovens, os recém nascidos. Eles empalaram mulheres grávidas indefesas para matar tanto as mães quanto suas crianças.

O rosto dele estava vermelho de fúria, bateu com o punho na mesa. Todos pularam. — Com esse ato, a Ordem Imperial transformou em mentira tudo que falou! Perderam o direito de dizer a todos qualquer coisa sobre o que é certo, e o que é maligno. Eles não possuem virtude. Vieram apenas por uma razão: derrotar e subjugar. Assassinaram o povo de Ebinissia para mostrar aos outros o que tinham para oferecer a qualquer um que falhasse em submeter-se.

— Eles não serão impedidos por fronteiras ou pela razão. Homens com sangue de bebês em suas espadas não possuem ética alguma. Não ouse ficar tentando dizer o contrário; a Ordem Imperial está além da defesa. Eles mostraram as presas por trás do sorriso deles, e pelos espíritos, eles perderam o direito de suas palavras serem aceitas como verdadeiras!

Soltando um leve suspiro para recuperar a calma, Lorde Rahl endireitou o corpo. — Tanto aqueles inocentes nas pontas das lâminas quanto aqueles que seguravam os cabos delas perderam muito naquele dia. Aqueles nas pontas das lâminas perderam suas vidas. Aqueles que as empunhavam perderam sua humanidade e seu direito de serem ouvidos, e mais ainda o direito de que acreditemos neles. Eles transformaram a si mesmos e aqueles que se uniram a eles em meus inimigos.

— E quais eram essas tropas? — Alguém perguntou. — Muitos eram D'Haran, de sua própria admissão. Você conduz os D'Harans, de sua própria admissão. Quando a fronteira caiu na última primavera, os D'Harans entraram e cometeram atrocidades do mesmo jeito que você relata. Embora Aydindril fosse poupada dessa crueldade, muitas outras cidades sofreram o mesmo destino de Ebinissia, mas pelas mãos de D'Hara. Agora você nos pede para acreditar em você? Você não é nem um pouco melhor.

Lorde Rahl assentiu. — O que você diz sobre D'Hara é verdade. D'Hara foi conduzida por meu pai, Darken Rahl, que era um estranho para mim. Ele não me criou, ou ensinou seus costumes. O que ele queria era muito parecido com aquilo que a Ordem Imperial quer: conquistar todas as terras, e governar todos os povos. Onde a Ordem está em uma causa monolítica, a dele era uma pessoal. Além de usar força bruta para alcançar seus objetivos, ele também usou magia, de forma parecida com a Ordem.

— Eu me oponho a tudo que Darken Rahl defende. Ele não deixaria de cometer nenhum ato maligno para que as coisas fossem do seu jeito. Ele torturou e matou incontáveis pessoas inocentes, e reprimiu a magia, para que ela não pudesse ser usada contra ele, do mesmo modo como a Ordem faria.

— Então você representa a mesma coisa que ele.

Lorde Rahl balançou a cabeça. — Não, eu não represento. Eu não desejo governar. Eu sago a espada apenas porque eu tenho a habilidade para ajudar a enfrentar a opressão. Eu lutei ao lado de Midlands contra o meu pai. No final, matei ele por seus crimes. Quando ele usou sua magia vil para retornar do submundo, eu usei magia para impedir ele e enviar seu espírito de volta para o Guardião. Usei magia novamente para fechar um portal que o Guardião estava usando para enviar os servos dele para este mundo.

Brogan cerrou os dentes. Ele sabia pela experiência que *Banelings* geralmente tentavam esconder sua verdadeira natureza confundindo você com histórias do quanto eles tinham lutado contra o Guardião e seus servos. Ele tinha escutado bastante dessas conversas falsas para reconhecê-las como distrações do verdadeiro mal no coração da pessoa. Os seguidores do Guardião geralmente eram covardes demais para mostrar sua verdadeira natureza, e então se escondiam por trás desses tipos de contos planejados.

De fato, ele teria chegado até Aydindril mais cedo se não tivesse cruzado com tantos focos de perversão depois que deixou Nicobarese. Vilas e cidades, onde todos pareciam estar vivendo vidas devotas, acabaram mostrando estar contaminados pela perversidade. Quando alguns dos defensores mais ardentes da virtude deles foram colocados sob um interrogatório adequado eles finalmente confessaram sua blasfêmia. Quando enfrentaram um interrogatório adequado, os nomes de Streganichas e Banelings que viviam na vizinhança, e haviam seduzido eles para o lado do mal com o uso da magia, saltaram de suas línguas.

A única solução foi a purificação. Vilas e cidades inteiras precisaram ser queimadas nas tochas. Não restou nenhum sinal dos covis do Guardião. O Sangue da Congregação tinha feito o trabalho do Criador, mas isso levou tempo e esforço.

Fervendo, Brogan voltou novamente sua atenção para as palavras do Lorde Rahl.

— Aceitei esse desafio somente porque a espada foi colocada na minha mão. Peço a vocês que não me julguem por quem era meu pai, mas pelo que eu faço. Eu não mato pessoas inocentes, indefesas. A Ordem Imperial mata. Até que eu viole a confiança das pessoas honestas, tenho o direito de um julgamento honesto.

— Não posso ficar de lado e observar homens cruéis triunfarem; vou lutar com tudo que eu tenho, incluindo a magia. Se vocês ficaram do lado desses assassinos, não encontrarão misericórdia na minha espada.

— Tudo que queremos é paz. — alguém gritou.

Lorde Rahl assentiu. — Eu também não desejo nada além do que a paz, e que eu pudesse ir para casa até a minha querida floresta e levar uma vida simples, mas não posso, do mesmo jeito que não podemos voltar para a simplicidade inocente de nossa infância. A responsabilidade foi lançada sobre mim. Virara suas costas para os inocentes que precisam de ajuda transforma vocês nos cúmplices dos atacantes. É em nome dos inocentes e indefesos que eu empunho a espada, e luto nessa batalha.

Lorde Rahl colocou seu braço de volta na cadeira central. — Essa é a cadeira da Madre Confessora. Durante milhares de anos as Madres Confessoras governaram Midlands com mão benevolente, lutando para manter as terras unidas, para que todos os povos de Midlands vivam como vizinhos em paz, e para deixar que eles cuidem de seus próprios assuntos sem temer forças externas. — Ele deslizou seu olhar pelos olhos que observavam. — O Conselho tentou quebrar a unidade e a paz pelas quais esta sala, esse Palácio, e essa cidade lutam, e que vocês falam querer com tanta ansiedade. Eles a condenaram unanimemente e providenciaram para que ela fosse executada.

Lorde Rahl lentamente sacou a espada e colocou a arma na parte da frente da mesa, onde todos poderiam enxergar. — Falei que sou conhecido por diferentes títulos. Também sou conhecido como o Seeker da Verdade, nomeado pelo Primeiro Mago. Carrego a Espada da Verdade por mérito. Noite passada eu executei o Conselho por sua traição.

— Vocês são os representantes das terras de Midlands. A Madre Confessora ofereceu a você a chance de permanecerem juntos, e vocês viraram as costas para essa oferta, e para ela.

Um homem que estava além do campo de visão de Tobias quebrou o silêncio gelado. — Nem todos de nós aprovaram a ação que o Conselho tomou.

— Muitos de nós desejam que Midlands continue unida. Midlands será unida novamente e ficará mais forte para a luta.

Muitos no meio da multidão gritaram que concordavam, jurando que fariam o melhor para criar a união outra vez. Outros permaneceram em silêncio.

— É tarde demais para isso. Vocês tiveram sua chance. A Madre Confessora sofreu por causa de suas brigas e teimosia.— Lorde Rahl enfiou a espada de volta em sua bainha. — Eu não sofrerei.

— Do que você está falando? — O Duque Lumholtz perguntou, a irritação deixando seu tom suave. — Você é de D'Hara.

— Não tem direito algum de nos dizer como Midlands vai funcionar. Midlands é assunto nosso.

Lorde Rahl continuou imóvel como uma estátua enquanto direcionava sua voz suave, mas imponente para a multidão. — Não há Midlands. Eu estou dissolvendo ela, aqui e agora. De agora em diante, cada uma das terras está por sua conta.

— Midlands não é seu brinquedo!

— Nem o de Kelton. — Lorde Rahl disse. — Governar Midlands era o plano de Kelton.

— Como você ousa nos acusar de...

Lorde Rahl levantou a mão, pedindo silêncio. — Você não é menos explorador do que alguns dos outros. Muitos de vocês estavam ansiosos para ter as Madres Confessoras e os magos fora de seus calcanhares para que pudessem enfiar as mãos na pilhagem.

Lunetta tocou no braço dele. — Verdade. — ela sussurrou, Brogan silenciou ela com um olhar frio.

— Midlands não vai tolerar essa interferência em nossos assuntos. — outra voz gritou.

— Não estou aqui para discutir o governo de Midlands. Acabei de falar, Midlands está dissolvida. — Lorde Rahl observou a multidão

mostrando um compromisso tão mortal que Tobias teve que lembrar a si mesmo de respirar. — Estou aqui para ditar os termos de sua rendição.

A multidão ficou agitada. Gritos furiosos irromperam e cresceram até que a sala rugiu. Homens com rosto vermelho faziam juramentos enquanto balançavam os punhos.

O Duque Lumholtz gritou para que todos ficassem em silêncio e então virou de volta para a plataforma. — Não sei que ideias tolas você tem na cabeça, meu jovem, mas a Ordem Imperial está no comando desta cidade. Muitos fizeram acordos razoáveis com eles. Midlands será preservada, continuará unida através da Ordem, e nunca vai se render aos desejos de D'Hara!

Quando a multidão agitou-se na direção do Lorde Rahl, bastões vermelhos apareceram nas mãos das Mord-Sith, o grupo de soldados exibiu o aço, piques baixaram, e as asas do Gar abriram. A besta rosnou, suas presas gotejando e seus olhos verdes brilhando. Lorde Rahl continuou parado como um muro de granito. A multidão parou e então recuou.

Todo o corpo do Lorde Rahl assumiu o mesmo comportamento ameaçador dos olhos dele. — Vocês tiveram uma chance de preservar Midlands, e recusaram. D'Hara foi liberada do punho da Ordem Imperial e guarda Aydindril.

— Você apenas pensa que guarda Aydindril. — o Duque falou — Nós temos tropas aqui, assim como muitas das terras, e não vamos deixar a cidade cair.

— Um pouco tarde para isso também. — Lorde Rahl levantou uma das mãos. — Gostaria de apresenta o General Reibisch, o comandante de todas as forças D'Haran neste setor.

O General, um homem musculoso com uma barba cor de ferrugem e cicatrizes de combate, subiu até a plataforma, batendo com um puno sobre o coração em saudação a Lorde Rahl ante de virar para o povo. — Minhas tropas comandam e cercam Aydindril. Meus homens estiveram nessa cidade durante meses. Finalmente estamos livres das garras da Ordem, e mais uma vez somos D'Harans, guiados por Mestre Rahl.

— Tropas D'Haran não gostam de ficar sentadas em um canto. Se algum de vocês gostar de uma luta, eu, pessoalmente, a receberia muito bem, embora Lorde Rahl tenha ordenado que nós não seremos aqueles a dar início na matança, mas se tivermos que nos defender, os espíritos sabem que nós acabaremos com ela. Estou bastante desgostoso com o tédio da ocupação, e eu preferia ter alguma coisa mais interessante para fazer, algo no qual sou muito bom.

— Cada uma das terras tem destacamentos de tropas posicionadas para guardar seus Palácios. No meu julgamento profissional, se todos vocês decidirem disputar a cidade com as tropas que possuem em mãos, e fizerem isso de modo organizado, levaria um dia, talvez dois, para que nós os derrotássemos. Quando isso estivesse feito, não teríamos mais problemas. Uma vez que a batalha começa, os D'Harans não fazem prisioneiros.

O General recuou fazendo uma reverência para Lorde Rahl.

Todos começaram a falar ao mesmo tempo, alguns com raiva balançando os punhos e gritando para serem ouvidos. Lorde Rahl levantou a mão.

— Silêncio! — Foi atendido quase instantaneamente, e ele continuou. — Convidei vocês até aqui para escutarem o que tenho a dizer. Depois que tiverem decidido se render a D'Hara, então estarei interessado no que vocês querem falar. Não antes!

— A Ordem Imperial quer governar toda D'Hara e toda Midlands. Eles perderam D'Hara; eu governo D'Hara.

— Perderam Aydindril; D'Hara controla Aydindril.

— Vocês tiveram uma chance de união, e jogaram fora. Aquela chance virou história. Agora vocês possuem duas escolhas. A primeira é escolher ficar do lado da Ordem Imperial. Eles governarão com punho de ferro. Não terão voz, e direito algum. Toda magia vai ser exterminada, exceto a magia com a qual eles dominam vocês.

Se viverem, suas vidas serão pálidos esforços sem a centelha da esperança pela liberdade. Serão escravos deles.

— Sua outra escolha é a rendição para D'Hara. Seguirão as leis de D'Hara. Uma vez que se juntarem a nós, terão voz nessas leis. Não temos desejo algum de acabar com a diversidade de Midlands. Terão direito aos frutos de seu trabalho e direito de fazer comércio e prosperar, enquanto trabalharem dentro do contexto maior da lei e dos direitos dos outros. A magia será protegida, e suas crianças nascerão em um mundo de liberdade, onde qualquer coisa é possível.

— E logo que a Ordem Imperial estiver exterminada, haverá paz. Verdadeira paz.

— Haverá um preço: sua soberania. Ao mesmo tempo em que receberão permissão para manter suas próprias terras e culturas, não poderão ter exércitos. Os únicos soldados serão aqueles comuns para todos, sob a bandeira de D'Hara. Esse não será um Conselho de terras independentes; sua rendição é mandatária.

— Rendição é o preço que cada terra pagará pela paz, e a prova do seu compromisso com ela.

— Do mesmo jeito que todos vocês pagaram tributo para Aydindril, nenhuma terra, nenhum povo, carregará todo o fardo da liberdade; todas as terras, todos os povos, pagarão uma taxa suficiente para garantir a defesa em comum, e nada mais. Todos pagarão de forma igual; ninguém será favorecido.

A sala explodiu em protestos, com a maioria alegando que seria um roubo daquilo que era deles. Lorde Rahl silenciou eles com nada mais do que seu olhar.

— Nada ganho sem custo é valorizado. Fui lembrado desse fato hoje mesmo. Ela foi a pessoa que enterramos.

— Liberdade tem um custo, e todos pagarão por isso, para que todos a valorizem e preservem.

As pessoas lá em cima, na sacada, quase fizeram um tumulto, protestando, dizendo da promessa de que ganhariam ouro, que era deles, e não poderiam sustentar o pagamento de qualquer taxa. A cantoria começou,

exigindo que o ouro fosse entregue para eles. Mais uma vez, Lorde Rahl levantou a mão, pedindo silêncio.

— O homem que prometeu ouro para vocês em troca de nada está morto. Retirem ele da cova e reclamem com ele, se desejarem. Os homens que lutarão pela liberdade de vocês precisará e provisões, e nossas tropas não irão roubá-las. Aqueles de vocês que podem fornecer comida e serviços receberão um pagamento justo pelo seu trabalho e mercadorias. Todos participarão na conquista da liberdade e paz, se não for com serviço militar, então pelo menos com uma taxa para suportar nossas tropas.

— Todos, não importa de que forma, devem fazer um investimento em sua liberdade, e pagarão sua parte. Este princípio é lei, e inviolável.

— Se não quiserem obedecer, então partam de Aydindril e vão para a Ordem Imperial. Vocês estão livres para pedir ouro para eles, já que foram eles que fizeram a promessa; não mantereí ela no lugar deles.

— São livres para escolher: conosco, ou contra nós. Se estiverem conosco, então nos ajudarão. Pensem com muito cuidado antes de decidirem partir, pois se partirem, e depois decidirem que seria melhor não sofrer mais com a Ordem, então pagarão sua taxa em dobro durante um período de dez anos para merecer o direito de voltar.

A multidão nas sacadas ficou atônita. Uma mulher no chão, logo na frente, falou com uma voz confusa.

— E se não escolhermos nenhuma das duas opções? É contra nossos princípios lutar. Queremos ser deixados em paz para cuidar das nossas vidas. E se escolhermos não lutar, para simplesmente continuar tratando de nossos assuntos?

— De modo arrogante você acredita que queremos lutar porque acabaríamos com o massacre, e de alguma forma você é melhor porque você não quer? Ou que carregaremos o fardo para que você também possa aproveitar a liberdade de viver de acordo com seus princípios?

— Você pode contribuir de outras maneiras sem levantar uma espada, mas deve contribuir. Pode ajudar cuidando dos feridos, pode ajudar as famílias dos homens que foram lutar, pode ajudar construindo e

mantendo estradas para levar suprimentos para eles; tem muitas maneiras pelas quais você pode ajudar, mas vai ajudar. Vai pagar a taxa, do mesmo jeito que todos os outros. Não haverá espectadores.

— Se escolher não se render, vai ficar sozinha. A Ordem pretende conquistar todos os povos e terras.

Porque não tem outro jeito de impedir eles, não posso ter um objetivo menor do que esse. Cedo ou tarde, você será governada por um de nós. Reze para que não seja pela Ordem.

— Aquelas terras que escolherem não se render a nós serão colocadas sob bloqueio e ficarão isoladas até que tenhamos tempo para invadir e conquistá-las, ou que a Ordem o faça. Nenhum dos nossos cidadãos terá permissão para negociar com você, sob a penalidade de condenação por traição, e não terão permissão para transportar mercadorias ou viajar por nossa terra.

— A oportunidade de rendição que eu dou agora carrega incentivos: você poderá se juntar a nós sem preconceito ou sanções. Uma vez que essa oferta pacífica de rendição tenha expirado, e for necessário conquistar você, você será conquistada, e vai se render, mas os termos serão duros. Cada um do seu povo pagará três vezes o preço da taxa por um período de trinta anos. Não seria justo punir futuras gerações por essas ações.

Terras vizinhas irão prosperar e crescer, enquanto você não, sobrecarregada com os altos custos de sua rendição. Eventualmente sua terra irá se recuperar, mas provavelmente você não viverá o bastante para ver isso.

— Estejam avisados: eu pretendo acabar com os carniceiros chamados de Ordem Imperial da face da terra. Se você não fizer nada além do que tentar ficar de fora, e for tolo o bastante para se unir a eles, então selará seu destino ao deles; nenhuma piedade será fornecida.

— Você não pode continuar com isso. — uma voz anônima gritou na multidão. — Vamos impedir.

— Midlands está fragmentada, e não pode ser reunida novamente, ou eu me uniria a vocês. O que é passado, é passado, e não pode voltar.

— O espírito de Midlands continuará vivo com aqueles de nós que honram seu objetivo. A Madre Confessora convocou Midlands para guerra sem misericórdia contra a tirania da Ordem Imperial. Honrem a ordem dela e os ideias de Midlands do único jeito que poderá ter sucesso: rendam-se a D'Hara. Se vocês se juntarem com a Ordem Imperial, então estarão contra tudo que Midlands representava.

— Uma força de soldados Galeanos, liderada pela Rainha de Galea em pessoa, caçou os carniceiros de Ebinissia, e matou eles até último homem. Ela mostrou para todos nós que a Ordem Imperial pode ser vencida.

— Estou decidido a casar com a Rainha de Galea, Kahlan Anel, e juntar o povo dela ao meu, e desse modo mostrar a todos que não vou tolerar os crimes cometidos, até mesmo se eles forem cometidos por tropas D'Haran. Galea e D'Hara serão os primeiros a se juntar nessa nova união, através da rendição de Galea para D'Hara. Meu casamento com ela mostrará para todos que essa será uma união feita com respeito mútuo, demonstrando que isso pode ser feito sem conquistas sangrentas ou desejo de poder, e ao invés disso para ganhar força e a esperança de uma vida nova e melhor. Ela, não menos do que eu, pretende aniquilar a Ordem Imperial. Ela provou isso com aço frio.

A multidão, tanto aquela no andar principal, quanto aquela nas sacadas, começou a gritar fazendo perguntas e exigências.

Lorde Rahl fez eles se calarem. — Chega! — O povo ficou em silêncio rancorosamente mais uma vez. — Já ouvi tudo que queria. Falei para vocês como vai ser. Não pensem de forma errada que vou tolerar o modo como vocês se comportaram como nações de Midlands. Não vou. Até que vocês se rendam, todos são inimigos em potencial, e serão tratados dessa forma. Suas tropas entregarão suas armas imediatamente, de um jeito ou de outro, e não terão permissão de sair da custódia das tropas D'Haran que agora cercam seus Palácios.

— Cada um de vocês enviará uma pequena delegação até a sua terra natal para levar minha mensagem da maneira como falei para vocês. Não pensem em testar minha paciência; a demora poderia custar tudo a vocês. E não pensem em pedir condições especiais. Não haverá nenhuma. Cada terra, seja grande ou pequena, será tratada da mesma forma, e deve se render. Se escolherem se render, nós os recebemos de braços abertos, e esperamos que contribuam com o todo. — Ele olhou para as sacadas. — Vocês também receberam uma responsabilidade: contribuir para nossa sobrevivência, ou deixar a cidade.

— Não estou fingindo que será fácil; nós lutamos contra um inimigo sem consciência. As criaturas nos postes do lado de fora foram enviadas contra nós. Considerem o destino delas, enquanto pensam nas minhas palavras.

— Se escolherem se juntar com a Ordem Imperial, então rezo para que os espíritos sejam mais gentis com vocês na outra vida do que eu serei nessa.

— Podem ir.

CAPÍTULO 13

Os guardas cruzaram seus piques na frente da porta. — Lorde Rahl quer falar com você.

Nenhum dos outros convidados ficou na sala; Brogan tinha ficado para trás para ver se algum deles tentaria obter uma audiência particular com Lorde Rahl. A maioria partiu com muita pressa, mas alguns demoraram, como Brogan pensou que eles fariam. Seus pedidos educados foram barrados por guardas. As sacadas também ficaram vazias.

Brogan e Galtero, com Lunetta entre eles, atravessaram a extensão de mármore até a plataforma, acompanhados pelo som de seus passos ecoando pelo domo, junto com o barulho metálico das armaduras dos guardas atrás deles. Luz de lampiões lançavam um brilho caloroso na imensa sala de pedra ornamentada. Lorde Rahl recostou-se na cadeira do lado da cadeira da Madre Confessora e observou eles se aproximarem.

A maioria dos soldados D'Haran havia sido dispensada, junto com os convidados. O General Reibisch permanecia ao lado da plataforma, seu rosto estava sombrio. Os dois guardas enormes nas duas pontas, e as três Mord-Sith ao lado de Lorde Rahl também observavam, com a silenciosa intensidade de víboras prontas para dar o bote. O Gar estava gigante atrás das cadeiras, atento com olhos verdes brilhantes quando eles pararam diante da mesa.

— Vocês podem ir — General Reibisch falou para os soldados restantes. Depois de bater com os punhos nos corações, eles partiram. Depois que Lorde Rahl observou as altas portas duplas serem fechadas, olhou para Galtero, Brogan, e então seu olhar pousou em Lunetta.

— Bem vinda. Eu sou Richard. Qual é o seu nome?

— Lunetta, Lorde Rahl. — Ela riu enquanto fazia uma reverência desajeitada.

O olhar de Lorde Rahl desviou para Galtero, e Galtero jogou o peso do corpo para o outro pé. — Peço desculpas, Lorde Rahl, por quase

atropelar você hoje.

— Desculpas aceitas. — Lorde Rahl sorriu para si mesmo. — Está vendo como foi tão fácil?

Galtero não falou nada. Lorde Rahl finalmente olhou para Brogan, sua expressão ficando séria.

— Lorde General Brogan, quero saber por que você estava sequestrando pessoas.

Tobias afastou as mãos. — Sequestrando pessoas? Lorde Rahl, não fizemos esse tipo de coisa, nem faríamos.

— Duvido que você seja um homem que tolera respostas evasivas, General Brogan. Temos isso em comum.

Tobias limpou a garganta. — Lorde Rahl, deve estar acontecendo algum mal-entendido. Quando chegamos aqui em Aydindril para oferecer nossa assistência na causa da paz, descobrimos que a cidade está uma bagunça e as questões de autoridade em estado de confusão. Convidamos algumas pessoas até nosso Palácio para ajudar a determinar que perigos estão nas redondezas, nada mais.

Lorde Rahl inclinou para frente. — A única coisa sobre a qual você estava interessado era na execução da Madre Confessora. Qual seria o motivo?

Tobias encolheu os ombros. — Lorde Rahl, deve perceber que durante toda minha vida a Madre Confessor ser a figura de autoridade em Midlands. Descobrir que ela poderia ter sido executada me incomoda muito.

— Quase metade da cidade testemunhou a execução, e poderia ter falado isso. Porque achou necessário sequestrar das ruas para questioná-las sobre isso?

— Bem, às vezes as pessoas tem versões diferentes dos eventos quando falamos com elas separadamente. Eles lembram dos eventos de formas diferentes.

— Uma execução é uma execução. O que tem para lembrar de modo diferente nisso?

— Bem, do outro lado de uma praça, como você poderia afirmar quem estava sendo levado até o bloco? Somente algumas pessoas perto da frente da multidão poderia ter visto o rosto dela, e muitos desses não reconheceriam o rosto dela mesmo se o vissem realmente. — Os olhos do Lorde Rahl não perdiam sua expressão ameaçadora, então ele continuou rapidamente. — Entenda, Lorde Rahl, eu estava esperando que a coisa toda pudesse ter sido um truque.

— Truque? O povo reunido viu a Madre Confessora ser decapitada. — Lorde Rahl declarou de modo direto.

— Às vezes as pessoas enxergam o que elas acham que vão enxergar. Ser minha esperança que eles não tenham visto realmente a Madre Confessora sendo executada, mas talvez apenas uma encenação para que ela pudesse escapar. Pelo menos essa ser minha esperança. A Madre Confessora luta pela paz. Seria um grande símbolo de esperança para o povo se a Madre Confessora ainda estivesse viva. Precisamos dela. Eu ofereceria minha proteção, se ela estar viva.

— Tire essa esperança de sua mente, e dedique-se ao futuro.

— Mas certamente, Lorde Rahl, você deve ter ouvido os rumores da fuga dela?

— Não ouvi tais rumores. E você conhecia a Madre Confessora?

Brogan deixou um sorriso agradável surgir em seus lábios. — Oh, sim, Lorde Rahl. Muito bem, na verdade, ela visitou Nicobarese em várias ocasiões, já que nós ser valiosos membros da união de Midlands.

— Verdade? — O rosto do Lorde Rahl estava ilegível quando ele olhou para baixo de trás da mesa. — Qual era a aparência dela?

— Ela era... bem, tinha... — Tobias franziu a testa. Tinha encontrado com ela mas, estranhamente, de repente ele percebeu que não conseguia lembrar da aparência dela. — Bem, é difícil descrever, e eu não sou muito bom com esse tipo de coisa.

— Qual era o nome dela?

— O nome dela?

— Sim, o nome dela. Você disse que a conhecia bem. Qual era o nome dela?

— Bem, era...

Tobias franziu o rosto novamente. Como poderia ser? Ele estava perseguindo uma mulher que era o flagelo dos devotos, o símbolo da opressão da magia, uma mulher que ele desejava julgar e punir mais do que qualquer um dos outros discípulos do Guardiã, e de repente ele não conseguia lembrar da aparência dela, ou o nome dela.

A confusão espalhou-se através dos pensamentos dele enquanto forçava sua mente.

De repente ele lembrou: o feitiço da morte. Lunetta disse que para que ele funcionasse provavelmente ele não a reconheceria. Ocorreu-lhe que o feitiço poderia apagar até mesmo o nome dela, mas essa tinha que ser a explicação.

Tobias encolheu os ombros enquanto sorria. — Sinto muito, Lorde Rahl, mas com as coisas que você falou esta noite minha mente parece estar uma bagunça. — Ele deu uma risada quando bateu no lado de sua testa. — Acho que estou ficando velho e confuso. Me perdoe.

— Você sequestra pessoas das ruas para questioná-las sobre a Madre Confessora porque tem esperança de encontrá-la viva para que possa proteger ela, e ainda assim não consegue lembrar qual a aparência dela, ou ao menos o nome? Espero que você possa considerar, General, que do meu lado da mesa, *confuso* seria uma definição fraca, devo insistir que, assim como esqueceu o nome dela, esqueça essa busca inútil e concentre sua mente na questão do futuro do seu povo.

Brogan podia sentir sua bochecha tremer quando afastou as mãos novamente. — Mas Lorde Rahl, você não entende? Se a Madre Confessora estivesse viva, então seria de grande ajuda nos seus esforços. Se ela viver, e você poderia convencê-la de sua sinceridade e da necessidade de seu plano, ela seria uma ajuda inestimável para você. Se ela apoiasse suas exigências,

então isso pesaria muito para o povo de Midlands. Independente do que poderia parecer por causa das ações infelizes do Conselho, que com toda honestidade fizeram meu sangue ferver, muitos em Midlands possuem grande respeito por ela, e seriam influenciados pelo endosso dela. Poderia até ser possível, é uma grande jogada, que conseguisse convencê-la a casar com você.

— Estou comprometido em casar com a Rainha de Galea.

— Mesmo assim, se ela estivesse viva, poderia ajudar você. — Brogan tocou na cicatriz no lado da boca enquanto fixava os olhos no homem atrás da mesa. — Você acha possível, Lorde Rahl, ela estar viva?

— Eu não estava aqui na hora, mas ouvi dizer que talvez mil pessoas viram ela ser decapitada. Eles pensam que ela está morta. Mesmo que eu admita que se ela estivesse viva ela seria de grande ajuda como minha aliada, essa não é a questão. A questão é, você consegue me oferecer uma boa razão para que todas aquelas pessoas estejam erradas?

— Bem, não, mas eu acho...

Lorde Rahl bateu com o punho na mesa. Até mesmo os dois guardas enormes pularam. — Já escutei o bastante! Você acha que eu sou suficientemente estúpido para ser desviado da causa da paz por essa especulação? Acha que vou dar a você algum privilégio especial porque pensaria em oferecer sugestão sobre como conquistar o povo de Midlands? Eu falei, não há favores especiais! Você será tratado do mesmo jeito que os outros!

Tobias lambeu os lábios. — É claro, Lorde Rahl. Essa não era minha intenção...

— Se continuar com essa busca para encontrar uma mulher que várias pessoas viram ser decapitada, em detrimento de sua tarefa de tratar do futuro curso de sua terra, então vai acabar na ponta da minha espada.

Tobias fez uma reverência. — É claro, Lorde Rahl. Partiremos imediatamente para nossa terra natal com sua mensagem.

— Você não vai fazer isso. Vai permanecer aqui mesmo.

— Mas, eu devo entregar sua mensagem para o Rei.

— Seu Rei está morto. — Lorde Rahl levantou uma sobrancelha. — Ou você queria dizer que pretendia perseguir a sombra dele também, acreditando que ele poderia estar se escondendo junto com a Madre Confessora?

Lunetta riu. Brogan lançou um olhar e a risada morreu repentinamente. Brogan percebeu que seu sorriso tinha desaparecido. Tentou trazer um pouco dele de volta.

— Sem dúvida um novo Rei será nomeado. Esse é o costume em nossa terra: ser conduzida por um Rei. Era para ele, o novo Rei, que eu entregaria a mensagem, Lorde Rahl.

— Uma vez que qualquer Rei que fosse nomeado seria seu fantoche, a jornada é desnecessária. Vai permanecer em seu Palácio até que decida aceitar meus termos, e se render.

O sorriso de Brogan cresceu. — Como queira, Lorde Rahl.

Ele começou a sacar sua faca do cinto. Instantaneamente, uma das Mord-Sith estava com um bastão vermelho a uma polegada do rosto dele. Ele congelou.

Olhando dentro dos olhos azuis dela, ele teve medo de se mover. — Um costume de minha terra, Lorde Rahl. Não queria ameaçá-lo. Pretendia entregar minha faca para você, para mostrar minha intenção de obedecer sua vontade e ficar no Palácio.

— Esse ser um jeito de dar a você minha palavra, um símbolo de minha sinceridade. Você aceitaria?

A mulher não desviou os olhos azuis dos dele. — Está tudo bem, Berdine. — Lorde Rahl disse para a mulher.

Ela recuou, mas apenas com grande relutância, e um olhar ameaçador. Brogan tirou a faca lentamente e colocou-a gentilmente na ponta da mesa. Lorde Rahl pegou a faca e colocou-a de lado.

— Obrigado, General. — Brogan estendeu as mãos, com as palmas para cima. — O que é isso?

— O costume, Lorde Rahl. Em minha terra, o costume é que quando você entrega sua faca, para evitar desonra, a pessoa para quem você a entrega dê uma moeda em troca, prata por prata, como um ato simbólico de boa vontade e paz.

Lorde Rahl, jamais afastando os olhos de Brogan, considerou aquilo por um momento, e finalmente inclinou para trás e tirou uma moeda de prata do bolso. Empurrou ela pela mesa. Brogan se esticou, pegou a moeda, e então enfiou-a no bolso do casaco, mas não antes de ver o desenho nela: o Palácio dos Profetas.

Tobias fez uma reverência. — Obrigado por honrar meus costumes, Lorde Rahl. Se não tiver mais nada, então vou me retirar para considerar suas palavras.

— Na verdade, tem mais uma coisa. Ouvi dizer que o Sangue da Congregação não gosta nem um pouco de magia.

Ele se inclinou chegando um pouco mais perto. — Então porque você tem uma feiticeira com você?

Brogan olhou para a figura encolhida ao lado dele. — Lunetta? Ora, ela ser minha irmã, Lorde Rahl. Ela viaja comigo para todos os lugares. Gosto muito dela, mesmo com o dom. Se eu fosse você, não daria muito valor para as palavras da Duquesa Lumholtz. Ela ser Kelteana, e ouvi dizer que eles estão muito próximos da Ordem.

— Também ouvi isso em algum lugar, daqueles que não são Kelteanos.

Brogan encolheu os ombros. Ele gostaria de poder colocar as mãos naquela cozinheira para cortar a língua frouxa dela.

— Você pediu para ser julgado por suas ações, e não pelo que os outros falam de você. Você negaria o mesmo direito para mim? Aquilo que você escuta está além do meu controle, mas minha irmã tem o dom, e de outro modo eu não saberia disso.

Lorde Rahl recostou em sua cadeira, seus olhos estavam tão penetrantes como sempre. — Havia pessoas do Sangue da Congregação no meio do exército da Ordem Imperial que assassinou aqueles em Ebinissia.

— Assim como D'Harans. — Brogan levantou uma sobrancelha. — Aqueles que atacaram Ebinissia estão todos mortos. A oferta que você fez esta noite dever ser um novo começo, não é? Todos receberam a oportunidade de assumir o compromisso com sua oferta de paz?

Lorde Rahl assentiu lentamente. — Isso mesmo. Uma última coisa, General. Lutei contra os servos do Guardiã, e continuarei a fazer isso. Na batalha contra eles, descobri que eles não precisam de sombras para se esconder. Podem ser a última pessoa que você poderia esperar, e pior, podem executar a ordem do Guardiã sem perceber o que estão fazendo.

Brogan baixou a cabeça. — Eu também ouvi falar disso.

— Tenha certeza de que a sombra que persegue não seja aquela que você projeta.

Brogan franziu a testa. Escutou muitas coisas de Lorde Rahl que não tinha gostado, mas essa foi a primeira que não entendeu. — Tenho bastante certeza sobre o mal que persigo, Lorde Rahl. Não tema por minha segurança.

Brogan começou a virar para ir embora, mas então parou e olhou por cima do ombro. — Gostaria de oferecer meus parabéns a você por seu noivado com a Rainha Galeana... Acredito que estou começando a ficar com a mente fraca. Parece que não estou conseguindo guardar nomes em minha cabeça. Me perdoe. Qual era o nome dela?

— Rainha Kahlan Amnell.

Brogan fez uma reverência. — É claro. Kahlan Amnell. Não vou esquecer novamente.

CAPÍTULO 14

Richard olhou fixamente para as portas altas de mogno depois que elas fecharam. Foi revigorante ver uma pessoa com uma natureza tão sincera para vir até o Palácio das Confessoras, no meio de tantas pessoas importantes vestidas refinadamente, usando uma roupa feita de tiras de pano com diferentes cores. Todos devem ter pensado que ela era louca. Richard olhou para as roupas simples dele. Imaginou se eles pensavam que ele também era louco.

Talvez ele fosse.

— Lorde Rahl, — Cara perguntou — como sabia que ela era uma feiticeira?

— Ela estava coberta pelo Han dela. Não consegui ver nos olhos dela?

O couro vermelho dela rangeu quando ela encostou uma coxa na mesa ao lado dele. — Saberíamos que uma mulher é uma feiticeira se ela tentasse usar o poder dela em nós, mas não antes disso. O que é Han?

Richard passou uma das mãos pelo rosto enquanto bocejava. — O poder interior dela, a força da vida. Sua magia.

Cara encolheu os ombros. — Você tem magia, então você conseguiu ver. Nós não conseguimos.

O dedão dele tocou no cabo da espada quando ele respondeu com um grunhido distraído.

Com o tempo, sem perceber, ele havia desenvolvido uma consciência sobre o aspecto da magia em uma pessoa. Se ela estivesse usando sua magia, geralmente ele podia enxergar isso nos olhos dela. Embora fosse algo particular de cada pessoa, ou talvez a natureza específica de sua magia, havia algo em comum que Richard conseguia reconhecer. Talvez, como Cara falou, fosse porque ele tinha o dom, ou talvez fosse apenas a experiência de ter visto o olhar característico nos olhos de tantas

pessoas com magia: Kahlan, Adie, a mulher do osso, Shota, a feiticeira, Du Chaillu, a mulher espírito dos Baka Ban Mana, Darken Rahl, Irmã Verna, Prelada Annalina e incontáveis outras Irmãs da Luz.

As Irmãs da Luz eram feiticeiras, e ele viu com bastante frequência o olhar único com aquela intensidade distante nos olhos delas quando estavam tocando os seus Han. Às vezes, quando estavam envolvidas pela magia, ele quase podia ver o ar ao redor delas soltar fagulhas. Havia Irmãs que pareciam irradiar uma aura com tanto poder que quando elas caminhavam passando por ele cabelos da nuca dele ficavam eriçados.

Richard tinha visto aquele mesmo tipo de olhar nos olhos de Lunetta; ela estava coberta pelo seu Han. O que ele não sabia era por que. Porque ela estaria parada ali, sem fazer nada, e mesmo assim tocando o Han dela. Feiticeiras geralmente não deixam seu Han envolvê-las a não ser que seja com algum objetivo, do mesmo jeito que ele geralmente não sacava sua espada e sua magia sem uma razão. Talvez isso simplesmente alegrasse o temperamento infantil dela, do mesmo jeito que aquelas tiras de pano coloridas faziam. Richard não acreditava muito nisso.

O que o preocupava era que aquilo poderia significar que Lunetta estava tentando verificar se ele estava dizendo a verdade. Não sabia o bastante sobre a magia para ter certeza se isso era possível, mas feiticeiras geralmente pareciam saber de alguma forma se ele estava sendo verdadeiro, fazendo parecer que toda vez que ele dizia uma mentira, isso não poderia ser mais óbvio para elas do que se o cabelo dele de repente pegasse fogo. Ele não queria arriscar, e foi cuidadoso para não ser pego em uma mentira na frente de Lunetta, especialmente sobre Kahlan estar morta.

Brogan certamente estava interessado na Madre Confessora. Richard queria poder acreditar que ele estava dizendo a verdade; que aquilo que ele falou fazia bastante sentido. Talvez fosse apenas a sua preocupação com a segurança de Kahlan que fazia ele suspeitar de tudo.

— Aquele homem parece ser um problema esperando para encontrar um poleiro. — ele falou em voz alta sem querer.

— Gostaria que nós cortássemos as asas dele. Lorde Rahl? — Berdine balançou o Agiel na ponta da corrente no pulso dela e agarrou ele.

Ele levantou uma sobrancelha. — Talvez alguma coisa um pouco menor? — As outras duas Mord-Sith riram.

— Não. — Richard falou com uma voz cansada. — Eu dei minha palavra. Pedi a todos eles para fazerem algo sem precedentes, algo que mudará as vidas deles para sempre. Tenho de fazer como disse que faria, e dar a eles toda chance para ver se isso é o certo, que é para o bem comum, a melhor chance para a paz.

Gratch bocejou, mostrando suas presas, e sentou no chão atrás da cadeira de Richard. Richard esperava que o Gar não estivesse tão cansado quanto ele estava. Ulic e Egan pareceram ignorar a conversa; eles estavam imóveis, relaxados, com as mãos cruzadas atrás das costas. Pareciam combinar com algumas das colunas espalhadas pela sala.

Porém, os olhos deles não estavam relaxados; eles inspecionavam constantemente as colunas, os cantos, e alcovas, observando, mesmo que a enorme sala estivesse vazia, a não ser pela presença deles em volta da plataforma ornamentada.

Com um dedão carnudo, o General Reibisch esfregou distraidamente a base dourada de uma lamparina na beira da plataforma. — Lorde Rahl, você falou sério sobre os homens não pegarem o que conquistarem?

Richard observou os olhos preocupados do General. — Sim. Esse é o costume de nossos inimigos, e não o nosso. Nós lutamos por liberdade, não pilhagem.

O General evitou os olhos dele quando assentiu.

— Tem alguma coisa para dizer sobre isso, General?

— Não, Lorde Rahl.

Richard recostou em sua cadeira. — General Reibisch, eu fui um guia florestal desde que tinha idade suficiente para que confiassem em mim; nunca tive que comandar um exército. Serei o primeiro a admitir que não sei muito sobre a posição na qual eu me encontro. Sua ajuda seria bem-vinda.

— Minha ajuda? Que tipo de ajuda, Lorde Rahl?

— Sua experiência poderia ser útil. Gostaria muito se você expressasse a sua opinião ao invés de guardá-la e dizer *sim*, *Lorde Rahl*. Posso não concordar com você, e posso ficar zangado, mas nunca vou punir você por dizer o que pensa. Se desobedecer minhas ordens, vou substituir você, mas você está livre para dizer o que pensa delas. Essa é uma das coisas pelas quais nós estamos lutando.

O General cruzou as mãos atrás das costas. Os músculos dos braços dele brilharam debaixo da cota de malha, e Richard também conseguiu ver por baixo dos anéis de metal, as cicatrizes brancas de seu posto. — As tropas D'Haran tem um costume de pilhar aqueles que derrotamos. Os homens esperam por isso.

— Líderes do passado podem ter tolerado, ou até mesmo encorajado isso, mas eu não vou.

O suspiro dele foi o bastante para entender sua posição. — Como quiser, Lorde Rahl.

Richard esfregou as têmporas. Estava com dor de cabeça pela falta de sono. — Você não entende? Não se trata da conquista de terras e tomar coisas dos outros; trata-se de combater a opressão.

O General descansou uma das botas no apoio dourado de uma cadeira e enfiou um dedão no cinto largo. — Não vejo muita diferença. Por minha experiência, o Mestre Rahl sempre considera que sabe o que é melhor, e sempre quer governar o mundo. Você é filho do seu pai. Guerra é guerra. As razões não fazem diferença alguma para nós; nós lutamos porque nos mandam fazer isso, do mesmo jeito que aqueles do outro lado. As razões significam pouco para um homem balançando uma espada, tentando manter sua cabeça no lugar. —

Richard bateu com um punho na mesa. Os olhos verdes brilhantes de Gratch ficaram alertas. Em sua visão periférica, Richard conseguiu ver o couro vermelho chegar mais perto de forma protetora.

— Os homens que seguiram atrás dos assassinos de Ebinissia tinham uma razão! Essa razão, e não a pilhagem, foi o que os sustentou e

lhes deu a força que precisavam para vencer. Eles formavam um destacamento de cinco mil recrutas Galeanos que nunca estiveram em uma batalha, e mesmo assim derrotaram o General Riggs e seu exército com mais de cinquenta mil homens.

As sobrancelhas grossas do General Reibisch levantaram. — Recrutas? Com certeza você está enganado, Lorde Rahl. Conheci Riggs; era um soldado experiente. Aquelas eram tropas endurecidas pela batalha. Recebi relatórios sobre o que foi avistado daquelas batalhas; eles possuem detalhes assustadores do que aconteceu com aqueles homens quando tentaram abrir caminho para fora das montanhas. Eles só poderiam ter sido aniquilados desse jeito por uma força superior.

— Então acho que Riggs não era um soldado tão experiente quanto precisava ser. Enquanto você recebia relatórios de terceiros, ouvi a história de uma fonte incontestável que estava lá para ver isso ser feito. Cinco mil homens, garotos, na verdade, seguiram até Ebinissia depois que Riggs e seus homens terminaram de assassinar as mulheres e as crianças.

Aqueles recrutas perseguiram Riggs, e derrubaram o exército dele. Quando acabou, menos de mil daqueles jovens estavam de pé, mas nem Riggs nem alguém das suas forças havia sobrado vivo.

Richard não falou que sem Kahlan ali para ensinar a eles o que era necessário ser feito, e conduzi-los nas primeiras batalhas, direcionando-os no calor do combate, aqueles recrutas provavelmente teriam sido transformados em cadáveres dentro de um dia. Ao mesmo tempo sabia que foi o compromisso deles em ver o trabalho feito que lhes deu coragem para escutar ela, e para seguir em frente encarando chances impossíveis.

— Isso é o poder da motivação, General. Isso é o que os homens conseguem fazer quando possuem uma razão poderosa, uma causa justa.

Uma expressão amarga enrugou o rosto mercado dele. — D'Harans lutaram durante a maior parte das suas vidas, e sabem do que são capazes. A guerra é sobre matança; você os mata antes que eles consigam matá-lo, isso é tudo. Aquele que ganhar é aquele que estava certo.

— As razões são a pilhagem da vitória. Quando tiver destruído o inimigo, então seus líderes escrevem as razões em livros, e fornecem relatos

sobre elas. Se tiver feito seu trabalho, então não terá sobrado nenhum dos inimigos para disputar as razões com seu líder. Pelo menos não até a próxima guerra.

Richard passou os dedos pelos cabelos. O que ele estava fazendo? O que ele pensava em conseguir se aqueles que lutavam ao lado dele não acreditavam naquilo que estava tentando fazer?

Lá em cima, através do teto do domo, a figura pintada de Magda Searus, a primeira Madre Confessora, Kahlan tinha falado para ele, e o mago dela, Merritt, olhavam para baixo na direção dele. Desaprovando, parecia.

— General, o que eu estava tentando fazer esta noite, falando com aquelas pessoas, era sobre tentar parar com a matança. Estou tentando tornar possível que a paz e a liberdade tenham uma chance de criarem raízes para o bem.

— Sei que isso parece um paradoxo, mas você não entende? Se nos comportarmos com honra, então todas aquelas terras com integridade, que desejam a paz e a felicidade, irão se juntar a nós. Quando eles enxergarem que nós lutamos para acabar com a luta, e não simplesmente para conquistar e dominar, ou por pilhagem, eles ficarão do nosso lado, e as forças da paz serão invencíveis.

— Por enquanto, o agressor faz as regras, e nossa única opção é lutar ou nos submeter, mas...

Ele suspirou de frustração quando recostou batendo a cabeça contra a cadeira. Fechou os olhos; não conseguia suportar encarar o olhar do mago Merritt lá em cima. Merritt parecia estar prestes a começar um sermão sobre a tolice da presunção.

Ele tinha acabado de declarar sua intenção de governar o mundo, e por razões que seus próprios seguidores consideravam conversa vazia. De repente ele estava começando a sentir-se um tolo. Era apenas um guia florestal transformado em Seeker, não um governante. Só porque tinha o dom ele estava começando a pensar que poderia fazer diferença. Dom. Ele nem sabia como usar o seu dom.

Como ele poderia ser tão arrogante em pensar que isso funcionaria? Estava tão cansado que não conseguia pensar direito. Não conseguia lembrar da última vez que dormiu.

Não queria governar ninguém, só queria que isso tudo acabasse para que pudesse ficar com Kahlan e viver sua vida sem lutar. A noite anterior com ela foi maravilhosa. Isso era tudo que ele queria.

General Reibisch limpou a garganta. — Nunca lutei por nada, por qualquer razão, quero dizer, que não fosse ganhar minha parte. Talvez seja hora de tentar fazer do seu jeito.

Richard desencostou da cadeira e fez uma careta para o homem. — Está dizendo isso porque acha que é o que eu quero ouvir?

— Bem, — o General falou enquanto passava um dedão nos entalhes pela borda da mesa — os espíritos sabem que ninguém acreditaria nisso, mas soldados desejam a paz mais do que a maioria das pessoas, eu acredito. Apenas não ousamos sonhar com isso porque vemos tanta matança que começamos a acreditar que ela não pode ter fim, e se você ficar mergulhado nesse pensamento, vai amolecer, e ficar mole acaba resultando na sua morte. Se agir como se estivesse louco por uma luta, isso faz os seus inimigos hesitarem, para que eles não lhe forneçam uma razão para luta. É como o paradoxo que você falou.

— Ver toda essa batalha e matança faz pensar se não tem mais nada para você além de cumprir as ordens que lhe são dadas, e matar pessoas. Faz imaginar se você não é apenas algum tipo de monstro, que não é bom em mais nada. Talvez isso tenha acontecido com aqueles homens que atacam Ebinissia; talvez eles finalmente tenham se rendido para a voz dentro das cabeças deles.

— Talvez, como você diz, se conseguirmos fazer isso, a matança finalmente acabasse. — Ele ficou apertando uma lasca comprida que tinha soltado. — Acho que todo soldado sempre espera que ao matar todas as pessoas que querem matá-lo, consiga tentar abaixar sua espada. Os espíritos sabem que ninguém odeia mais lutar do que muitos daqueles homens que precisam fazer isso. — Ele soltou um longo suspiro. — Ahh, mas ninguém acreditaria nisso. —

Richard sorriu. — Eu acredito.

O General levantou os olhos. — É raro encontrar alguém que entenda o verdadeiro custo de matar. A maioria glorifica ou se afasta disso, nunca sentindo a dor do castigo e a agonia da responsabilidade. Você é bom em matar. Fico feliz que você não saboreia isso.

O olhar de Richard deixou o General, e buscou a consoladora escuridão das sombras no meio dos arcos entre as colunas de mármore. Como disse para os representantes reunidos, ele foi citado na profecia; em uma das profecias mais antigas, em Alto D'Haran, ele foi chamado de *fuergri* *grissa ost drauka*: aquele que traz a morte. Foi citado duas vezes: aquele que poderia juntar o lugar dos mortos e o mundo dos vivos rasgando o véu para o submundo; aquele que invocava os espíritos dos mortos, coisa que ele fez quando usou a magia da espada e dançou com a morte; e no seu significado mais básico, aquele que mata.

Berdine tocou nas costas de Richard, fazendo ele tremer os dentes e quebrando o silêncio desconfortável. — Você não falou para nós que encontrou uma noiva. Espero que planeje tomar um banho antes da noite do casamento, ou ela vai desistir — As três mulheres começaram a rir.

Richard ficou surpreso ao descobrir que tinha energia para sorrir. — Não sou o único que está com cheiro de cavalo.

— Se não tiver mais nada, Lorde Rahl, seria melhor eu cuidar de alguns assuntos. — General Reibisch ficou ereto e coçou a sua barba cor de ferrugem. — Quantas pessoas você imagina que teremos que matar para ter essa paz da qual você fala? — Ele deu um sorriso torto. — Para que eu possa saber quanto falta antes que eu não precise ter guardas para vigiar minhas costas quando deito para tirar uma soneca.

Richard trocou um longo olhar com o homem. — Talvez eles recuperem o bom senso e se rendam, e não teremos que lutar.

O General Reibisch grunhiu soltando uma risada cínica. — Se você não se importar. Acho que vou providenciar para que todos os homens afiem suas espadas, só para garantir. — Ele levantou os olhos. — Sabe quantas terras tem em Midlands?

Richard pensou durante um momento. — Pra dizer a verdade, não sei. Não são todas as terras que são grandes o bastante para serem representadas em Aydindril, mas muitas delas ainda são grandes o bastante para ter soldados. A Rainha saberá.

Ela vai se juntar a nós em breve, e poderá ajudar.

Pequenos reflexos da luz de lamparina dançaram em sua cota de malha. — Vou começar a varrer as forças da Guarda do Palácio imediatamente, esta noite, antes que eles tenham chance de se organizar. Talvez desse jeito seja tranquilo e pacífico. Porém, acredito que antes da noite acabar, pelo menos uma das forças dos guardas tente fugir.

— Certifique-se de que tem homens o bastante ao redor do Palácio de Nicobarese. Não quero que o Lorde General Brogan saia da cidade. Não confio naquele homem, mas dei minha palavra que ele terá a mesma chance que os outros.

— Vou cuidar disso.

— E General, avise para que os homens tenham cuidado com a irmã dele, Lunetta. — Richard sentiu uma estranha simpatia pela irmã de Tobias Brogan, pelo coração aparentemente inocente dela. Gostou dos olhos dela. Se esforçou para ser firme. — Se eles saírem do Palácio, tentando partir, coloque vários arqueiros em locais estratégicos e dentro do alcance. Se ela usar magia, não arrisquem a sorte.

Richard quase odiou isso. Nunca teve que comprometer alguns homens em uma batalha na qual pessoas facilmente poderiam ser feridas, ou mortas. Lembrou daquilo que a Prelada falou para ele uma vez: magos tinham que usar pessoas para fazer o que precisava ser feito.

O General Reibisch observou os silenciosos Ulic e Egan, o gar, e as três mulheres. Falou diretamente para eles. — Mil homens estarão bem acordados e a um grito de distância, se precisarem deles.

A expressão de Cara ficou sóbria depois que o General saiu. — Você precisa dormir, Lorde Rahl. Sendo uma Mord-Sith, eu sei quando um homem está exausto e quase para desabar. Pode fazer os seus planos para conquistar o mundo amanhã, depois que tiver descansado.

Richard balançou a cabeça. — Ainda não. Tenho que escrever uma carta para ela primeiro.

Berdine inclinou encostando na mesa ao lado de Cara e cruzou os braços. — Uma carta de amor para sua noiva?

Richard abriu uma gaveta. — Alguma coisa assim.

Berdine exibiu um leve sorriso. — Talvez nós pudéssemos ajudar. Vamos dizer as coisas certas a dizer para manter o coração dela batendo forte e esquecer que você precisa de um banho.

Raina juntou-se às suas irmãs de Agiel perto da mesa, adicionando uma risada travessa que fez os olhos escuros dela brilharem.

— Vamos dar a você aulas para ser um bom marido. Você e sua Rainha ficarão felizes em ter o nosso conselho por perto.

— E seria melhor você escutar o que dissermos, — Berdine avisou — ou vamos ensinar a ela como fazer você dançar de acordo com a melodia dela.

Richard deu um tapa na perna de Berdine, pedindo que ela se afastasse para que ele pudesse alcançar a gaveta atrás dela. Achou um papel na gaveta debaixo. — Porque você não vão dormir um pouco. — ele falou distraidamente enquanto procurava uma pena e tinta. — Também cavalgaram bastante, tentando me alcançar, e não poderiam ter dormido mais do que eu.

Cara levantou o nariz mostrando indignação. — Montaremos guarda enquanto você dorme. Mulheres são mais fortes do que os homens.

Richard lembrou de Denna falando aquela mesma coisa, só que ela não estava brincando quando disse aquilo. Essas três nunca baixavam a guarda quando alguém estava por perto; ele era o único em quem elas confiavam quando queriam praticar seus gracejos sociais. Ele pensou que elas ainda precisavam praticar muito. Talvez fosse por isso que nunca desistiriam do Agiel; elas nunca foram outra coisa além de Mord-Sith, e estavam com medo de não serem capazes de fazer isso.

Cara se aproximou, olhando dentro da gaveta vazia antes que ele a fechasse. Ela jogou a trança loura para trás, por cima do ombro. — Ela deve se importar muito com você, Lorde Rahl, se ela está disposta a lhe entregar a terra dela. Não sei se eu faria tal coisa por um homem, mesmo se ele fosse alguém como você. Ele teria que se entregar a mim.

Richard fez ela afastar para o lado, e finalmente encontrou penas e tinta em uma gaveta que ele teria aberto primeiro se ela não estivesse no caminho. — Você está certa, ela se importa muito comigo. Mas sobre ela entregar a terra dela, bem, ainda não falei essa parte para ela.

Os braços de Cara descruzaram. — Está querendo dizer que ainda tem que exigir a rendição dela, como fez esta noite com os outros?

Richard retirou a tampa da garrafa de tina. — Essa é uma das razões para que eu deva escrever essa carta imediatamente, para explicar a ela meu plano. Porque vocês três não ficam quietas e me deixam escrever?

Raina, com uma expressão de verdadeira preocupação em seus olhos escuros, agachou ao lado da cadeira dele. — E se ela cancelar o casamento?

— Rainhas são orgulhosas; ela pode não querer fazer tal coisa.

Uma onda de preocupação espalhou-se nas entranhas dele. Era pior do que isso. Essas mulheres realmente não entenderam o que ele estava pedindo a Kahlan. Não estava pedindo que uma Rainha entregasse sua terra; ele estava pedindo que a Madre Confessora entregasse toda Midlands.

— Ela está comprometida em derrotar a Ordem Imperial assim como eu. Ela tem lutado com uma determinação que faria uma Mord-Sith ficar pálida. Ela quer que a matança pare tanto quanto eu. Ela me ama, e vai entender a benevolência daquilo que estou pedindo.

Raina suspirou. — Bem, se ela não entender, nós protegeremos você.

Richard lançou um olhar furioso que fez ela recuar como se ele tivesse acertado um golpe nela. — Nunca, nunca, nem ao menos pense em ferir Kahlan. Você vai protegê-la do mesmo jeito que me protegeria, ou pode partir agora mesmo e se juntar às fileiras dos meus inimigos. Deve

proteger a vida dela tanto quanto protege a minha. Jure isso pela sua ligação comigo. Jure!

Raina engoliu em seco. — Eu juro, Lorde Rahl.

Olhou para as duas outras mulheres. — Jurem.

— Eu juro. Lorde Rahl. — elas disseram juntas.

Olhou para Ulic e Egan.

— Eu juro, Lorde Rahl. — eles falaram como se fossem um.

Ele deixou o tom beligerante relaxar. — Muito bem, homens.

Richard colocou o papel sobre a mesa diante dele e tentou pensar. Todos pensavam que ela estava morta; esse era o único jeito. Eles não poderiam deixar as pessoas saberem que ela estava viva, ou alguém poderia tentar acabar com o aquilo que o Conselho pensou ter realizado. Ela entenderia se ele conseguisse explicar do jeito certo.

Richard podia sentir a imagem de Magda Searus, lá em cima, olhando para ele. Teve medo de olhar para cima, ou o mago dela, Merritt, poderia mandar um raio para puni-lo por aquilo que ele estava fazendo.

Kahlan tinha que acreditar nele. Uma vez ela falou que morreria para proteger ele, se fosse necessário, para salvar Midlands, que ela faria qualquer coisa. Qualquer coisa.

Cara sentou sobre as mãos. — Essa Rainha é bonita? — O sorriso dela voltou. — Como ela é? Ela não vai tentar nos obrigar a usar vestidos logo que vocês estiverem casados, vai? Vamos obedecer, mas as Mord-Sith não usam vestidos.

Richard suspirou. Elas só estavam agindo daquela maneira tentando aliviar o clima. Ele imaginou quantas pessoas essas mulheres, *engraçadinhas*, mataram. Ele censurou a si mesmo; isso não era justo, especialmente vindo daquele que traz a morte. Uma delas morreu nesse mesmo dia tentando protegê-lo. A pobre Hally não teve chance contra um Mriswith.

Nem Kahlan teria.

Tinha que ajudá-la. Essa foi a única coisa na qual conseguiu pensar, e cada minuto que passava poderia ser um minuto tarde demais. Tinha que se apressar. Tentou pensar no que dizer. Não poderia deixar claro que a Rainha Kahlan na verdade era a Madre Confessora. Se a carta caísse nas mãos erradas...

Richard levantou os olhos quando ouviu o barulho da porta abrindo. — Berdine, aonde você pensa que vai?

— Encontrar uma cama. Vamos fazer turnos para montar guarda vigiando você. — Ela colocou uma das mãos na cintura, e com a outra girou o Agiel na corrente em seu pulso. — Controle-se, Lorde Rahl. Vai ter uma noiva em sua cama em breve. Pode esperar até lá.

Richard não conseguiu evitar mostrar um sorriso. Gostava do senso de humor distorcido de Berdine. — O General Reibisch disse que havia mil homens montando guarda, não há necessidade...

Berdine piscou. — Lorde Rahl, eu sei que gosta muito de mim, mas pare de me observar por trás enquanto caminho, e escreva sua carta.

Richard ficou batendo a pena com cabo de vidro em um dente quando a porta fechou.

A testa de Cara franziu. — Lorde Rahl, você acha que a Rainha vai ficar com ciúme de nós?

— Porque ela deveria ficar com ciúmes? — ele resmungou enquanto coçava atrás do pescoço. — Ela não tem razão alguma.

— Bem, não acha que somos atraentes?

Richard piscou para ela. Ele apontou para a porta. — Vocês duas, fiquem perto da porta e certifiquem-se que ninguém entre aqui para matar seu Lorde Rahl. Se ficarem quietas, como Egan e Ulic aqui, e deixarem que eu escreva essa carta, podem ficar desse lado da porta, se não, então montarão guarda do outro lado.

Elas giraram os olhos, ambas com sorrisos enquanto cruzavam a sala, aparentemente alegres com o fato de que a insistência delas finalmente tivesse arrancado uma reação dele. Ele imaginou que as Mord-Sith

deveriam ficar ansiosas para ter um momento de descontração, isso era algo precioso do qual elas tinham pouco, mas ele estava com coisas mais importantes em sua mente.

Richard olhou fixamente para o pedaço de papel em branco e tentou pensar no meio do nevoeiro causado pelo cansaço. Gratch colocou uma pata peluda na perna dele e ficou ao lado dele quando Richard mergulhou a pena na garrafa de tinta.

Minha querida Rainha, ele começou a escrever com uma das mãos, enquanto dava tapinhas com a outra na pata em seu colo.

CAPÍTULO 15

Tobias vasculhou a escuridão cheia de neve enquanto eles avançavam pesadamente pelos montes que ficavam mais fundos. — Tem certeza que fez como eu mandei?

— Sim, meu Lorde General. Eu sei, eles estar enfeitiçados.

Lá atrás, as luzes do Palácio das Confessoras e as construções nas redondezas do centro da cidade tinham desaparecido fazia muito tempo no meio da tempestade de neve que descia das montanhas enquanto eles estiveram lá dentro escutando o Lorde Rahl fazer suas exigências absurdas para os representantes de Midlands.

— Então onde estão eles? Se você os perder e eles congelarem até a morte aqui fora, vou ficar mais do que descontente com você, Lunetta.

— Eu sei onde eles estar, Lorde General. — ela insistiu — Não vou perder eles. — Ela parou e levantou o nariz, farejando o ar. — Por aqui.

Tobias e Galtero olharam um para o outro e fizeram caretas, então viraram para segui-la enquanto ela se movia depressa dentro da escuridão atrás de Kings Row. Ocasionalmente ele só conseguia perceber as formas escuras dos lugares dentro da tempestade. Elas forneciam fantasmas de luzes e direções no vazio desorientador da neve que caía.

Ao longe, ele podia ouvir o barulho de armaduras que passavam. Parecia o som de mais homens do que uma simples patrulha.

Antes que a noite acabasse, provavelmente os D'Harans fariam um movimento para consolidar seu controle sobre Aydindril.

Era isso que ele faria se estivesse no lugar deles: atacar antes que seu oponentes tivessem tempo para digerir suas opções. Bem, não importa, ele não estava planejando ficar.

Tobias soprou a neve de seu bigode. — Você estava escutando ele, não estava?

— Sim, Lorde General, mas eu disse, não conseguiria ter certeza.

— Ele não ser diferente de qualquer outro. Você não devia estar prestando atenção. Sei que você não estava prestando atenção. Estava coçando os braços e não estava prestando atenção.

Lunetta lançou um olhar para ele por cima do ombro. — Ele ser diferente. Não sei por que, mas ele ser diferente. Nunca senti magia como essa. Não poderia dizer se ele estar falando cada uma das palavras verdade, ou cada uma mentira, mas acho que ele estar dizendo verdade. — Ela balançou a cabeça surpresa. — Consegui atravessar bloqueios. Sempre consigo atravessar bloqueios. De qualquer tipo: ar, água, terra, fogo, gelo, de qualquer tipo. Até mesmo de espírito. Mas o dele...?

Tobias sorriu distraidamente. Não importava. Não precisava da habilidade desprezível dela para confirmar. Ele sabia.

Ela continuou resmungando sobre os estranhos aspectos da magia de Lorde Rahl, e como queria ficar longe daquilo, longe desse lugar, e como aquilo fazia a pele dela coçar como nunca aconteceu. Ele só escutava parcialmente. Ela teria seu desejo de ficar longe de Aydindril atendido depois que ele cuidasse de alguns assuntos.

— O que você está farejando?— ele grunhiu.

— Lixo, meu Lorde General. Lixo de cozinha.

Tobias agarrou os trapos coloridos dela. — Lixo? Você deixou eles em um monte de lixo?

Ela sorriu enquanto mancava. — Sim, Lorde General. Você disse que não queria pessoas por perto. Eu não estar familiar com a cidade, e não conhecia um lugar seguro para onde podia mandar eles, mas vi o monte de lixo em nosso caminho até o Palácio das Confessoras. Ninguém ficará ali durante a noite.

— Monte de lixo. — Tobias falou com desgosto. — Louca Lunetta. — ele resmungou.

Ela perdeu um passo. — Por favor Tobias, não me chame...

— Então onde eles estão?

Ela levantou o braço, apontando, e apressou o passo. — Por aqui, Lorde General. Você verá. Por aqui. Não está longe.

Ele pensou naquilo enquanto andava pesadamente pelos montes. Fazia sentido. Realmente fazia sentido; um monte de lixo era um lugar perfeito.

— Lunetta, você estar dizendo a verdade sobre Lorde Rahl, não é mesmo? Se mentir para mim a respeito disso, nunca vou te perdoar.

Ela parou e olhou para ele. Lágrimas desciam dos olhos dela enquanto ela agarrava seus trapos coloridos. — Sim, meu Lorde General. Por favor. Eu estar dizendo a verdade. Tentei tudo. Tentei fazer o melhor.

Tobias ficou olhando para ela por um momento enquanto uma lágrima rolava pela bochecha dela. Não importava; ela sabia.

Ele balançou a mão de modo impaciente. — Então está bem, continue. É melhor não ter perdido eles.

Sorrindo de repente, ela enxugou a bochecha, virou novamente para o caminho que estava seguindo, e disparou. — Por aqui, Lorde General. Você vai ver. Sei onde eles estar.

Suspirando, Tobias seguiu atrás dela novamente. A tempestade estava aumentando, e na velocidade que estava descendo parecia que seria uma muito ruim. Não importa, as coisas estavam acompanhando o caminho dele. Lorde Rahl foi um tolo se achou que o Lorde General Tobias Brogan, do Sangue da Congregação, se renderia como um Baneling sob o ferro quente.

Lunetta estava apontando. — Bem ali, Lorde General. Eles estar aqui.

Mesmo com o vento uivando nas costas deles, Tobias podia sentir o cheiro do monte de lixo antes de enxergar. Balançou a neve da sua capa vermelha quando alcançaram o monte escuro iluminado pelas luzes fracas dos Palácios além do muro ao longe. A neve derretia em alguns lugares

enquanto caía sobre o monte fumegante, deixando grande parte de sua forma escura desprovida até mesmo da aparência de pureza.

Ele colocou os punhos nos quadris. — Então? Onde eles estão?

Lunetta chegou mais perto, do lado dele, escondendo-se atrás dele para se proteger da neve lançada pelo vento. — Fique aqui, Lorde General. Eles virão até você.

Ele olhou para baixo e viu um caminho que foi bastante pisoteado. — Um feitiço circular?

Ela riu suavemente enquanto puxava algumas tiras de pano encostando nas bochechas para se proteger do frio. — Sim, Lorde General. Você falou que não queria que eles fossem embora, ou ficaria zangado comigo. Eu não queria que ficasse zangado com Lunetta, então lancei um feitiço circular. Agora eles não podem fugir, não importa como eles sejam rápidos.

Tobias sorriu. Sim, depois de tudo, o dia estava terminando bem. Surgiram obstáculos, mas com a orientação do Criador ele os venceria. Agora as coisas estavam ao seu comando. Lorde Rahl descobriria que ninguém dava ordens ao Sangue da Congregação.

Emergindo das sombras, primeiro ele viu o balançar da saia amarela dela quando o agasalho dela foi aberto por uma rajada de vento. A Duquesa Lumholtz, o Duke meio passo atrás e ao lado dela, caminhavam na direção dele. Quando ela viu quem estava ao lado do caminho, um olhar furioso escureceu o rosto pintado dela. Ela apertou mais o agasalho cheio de neve.

Tobias recebeu-a com um largo sorriso. — Nos encontramos novamente. Boa noite para você, madame. — Ele baixou a cabeça fazendo uma leve reverência. — E para você também, Duque Lumholtz.

A Duquesa fungou, mostrando sua desaprovação e levantou o nariz. O Duque encarou ele com um olhar severo, como se colocasse uma barreira que ele os desafiava a atravessar. Os dois marcharam sem dizer uma palavra, e mergulharam na escuridão.

Tobias riu.

— Está vendo, meu Lorde General? Como eu prometi, eles esperam por você.

Tobias enfiou os dois dedões no cinto e endireitou os ombros, deixando sua capa esvoaçar ao vento. Não havia necessidade de perseguir o os dois.

— Você fez bem, Lunetta. — ele murmurou.

Em pouco tempo, o amarelo da saia dela apareceu outra vez. Dessa vez, quando ela viu Tobias, Galtero, e Lunetta parado ao lado da trilha bastante pisoteada, uma expressão de choque a fez levantar as sobrancelhas. Ela realmente era uma mulher atraente, independente da pintura supérflua: não parecia uma moça de modo algum, embora ainda fosse jovem, mas tinha o rosto e corpo maduros, maduros com o equilíbrio orgulhoso de uma completa mulher.

Com um gesto deliberado de ameaça o Duke descansava uma mão firme no cabo da espada enquanto os dois se aproximavam.

Embora fosse enfeitada, a espada do Duke, Tobias sabia, era como a de Lorde Rahl, não era apenas uma peça decorativa. Kelton fazia um dos melhores aços em Midlands, e todos os Kelteanos, especialmente a nobreza, se orgulhavam de conhecer bem o seu uso.

— General Bro...

— Lorde General, madame.

Ela lançou um rápido olhar para ele. — Lorde General Brogan, estamos a caminho de casa, para o nosso Palácio. Sugiro que pare de nos seguir, e retorne para o seu Palácio. É uma noite ruim para ficar do lado de fora.

Do lado dele, Galtero observou o laço sobre o peito dela subir e descer de irritação. Quando ela percebeu, fechou bem o agasalho. O Duque também percebeu, e aproximou-se de Galtero.

— Mantenha seus olhos longe de minha esposa, senhor, ou cortarei você em pedaços e alimentarei meus cães de caça.

Galtero, com um sorriso traiçoeiro nos lábios, olhou para o homem alto, mas não falou nada.

A Duquesa bufou de raiva. — Boa noite, General.

O casal marchou novamente para dar outra volta no monte de lixo, perfeitamente convencidos de que seguiam na direção de seu destino, em linha reta como uma flecha, mas no meio do nevoeiro de um feitiço circular eles não andavam para lugar algum a não ser em círculos. Ele poderia ter feito com que eles parassem na primeira vez, mas ele saboreou a confusão nos olhos deles enquanto tentavam compreender como ele poderia aparecer repetidas vezes na frente deles. Sua mentes enfeitiçadas não seriam capazes de entender aquilo.

Na vez seguinte, os rostos deles ficaram tão brancos quanto a neve, antes de ficarem vermelhos.

A Duquesa parou bruscamente e, com os punhos nos quadris, olhou para ele zangada. Tobias observou o laço branco bem na frente do rosto dele subir e descer com o calor da indignação dela.

— Olhe aqui, sua coisinha suja insignificante, como ousa...

A mandíbula de Brogan ficou rígida. Com um grunhido de raiva, ele agarrou o laço branco com as duas mãos e rasgou a frente do vestido dela até a cintura.

A mão de Lunetta levantou, acompanhada por um rápido encantamento, e o Duque, com a metade de sua espada para fora da bainha, parou, rígido, como se tivesse sido transformado em pedra. Apenas os seus olhos se moviam, para ver a Duquesa gritar enquanto Galtero dobrava os dois braços dela atrás da sua costa, deixando ela tão imóvel e indefeso quanto ele, embora que sem o uso de magia. A costa dela arqueou enquanto Galtero dobrava os braços dela em seu punho poderoso. Os mamilos dela ficaram expostos ao vento frio.

Uma vez que havia entregue sua faca, Brogan sacou sua espada. — Do que você me chamou, sua prostitutazinha suja?

— Nada. — Nas garras do pânico, ela balançava a cabeça de um lado para outro, seu cabelo negro espalhando em seu rosto. — Nada!

— Ora, ora, perdeu a coragem tão facilmente?

— O que você quer? — ela falou, ofegante. — Eu não sou *Baneling*! Me solte! Eu não sou *Baneling*!

— Claro que você não é *Baneling*. É pomposa demais para ser *Baneling*, mas isso não a torna menos desprezível. Ou útil.

— Então é ele que você quer? Sim, o Duke. Ele é o *Baneling*. Me solte, e vou declarar os crimes dele.

Brogan falou através dos dentes cerrados. — O Criador não ser servido através de falsas confissões para ganho próprio. Mas você vai servir a ele, apesar de tudo. — A bochecha dele enrugou com um sorriso sinistro. — Vai servir ao Criador através de mim; vai obedecer meu comando.

— Não vou fazer... — ela gritou quando Galtero apertou com mais força. — Sim, está bem. — ela arfou. — Qualquer coisa. Apenas não me machuque. Diga o que você quer, e eu farei.

Ela tentou recuar sem sucesso quando ele colocou o rosto bem perto do dela. — Vai fazer o que eu disser. — ele falou com os dentes cerrados.

A voz dela estava trêmula de terror. — Sim. Está bem. Tem a minha palavra.

Ele lançou para ela um olhar de desprezo. — Eu não aceitaria a palavra de uma vadia como você: uma que venderia qualquer coisa, trairia qualquer princípio. Vai obedecer meu comando porque não tem escolha.

Ele se afastou, apertou o mamilo dela entre o dedão e o dedo indicador, e puxou. Enquanto ela gemia, os olhos dela arregalaram. Brogan levantou a espada e, com um movimento parecido com o de um serrote, cortou fora o mamilo. O grito dela abafou o rugido do vento.

Brogan colocou o mamilo cortado na palma de Lunetta. Os dedos curtos dela se fecharam em volta dele enquanto seus olhos fecharam em uma mortalha de magia. Leves sons e um antigo encantamento mesclaram-se com o barulho do vento e o som dos gritos da Duquesa. Galtero suportou o peso dela enquanto o vento girava em volta deles.

O canto de Lunetta aumentou enquanto ela jogava a cabeça para cima, na direção do céu escuro. Com os olhos bem fechados, ela invocou o feitiço em volta de si mesma e da mulher diante dela. O vento pareceu espalhar as palavras enquanto Lunetta conjurava em sua linguagem de Streganicha.

— Da terra para o céu, das folhas até as raízes.

— Do fogo ao gelo, e dos próprios frutos da alma.

— Da luz para a escuridão, do vento até a água.

— Eu reivindico esse espírito e filha do Criador.

— Até que o sangue do coração ferva ou os ossos virem cinza.

— Até que a gordura ser poeira e os dentes dos mortos rangerem, essa ser minha.

— Lanço ela dentro de um vale sem sol, e puxo esta alma além do alcance de sua sombra.

— Até que as tarefas dela ser feitas e os vermes ser alimentados.

— Até que a carne ser poeira e a alma tenha partido, essa ser minha.

A voz de Lunetta baixou até um canto rouco. — Com fêmea de galo, aranhas dez, e intestinos, eu a transformo em escrava. Bile de boi, castor e placenta, eu faço um caldo com ela...

As palavras dela flutuaram para longe e se perderam no vento, mas o corpo encolhido dela saltou enquanto ela continuava, balançando sua mão vazia sobre a cabeça da mulher, e a outra, com o pedaço de carne, sobre o próprio coração.

A Duquesa estremeceu quando tentáculos de magia enrolaram-se em volta dela, penetrando em sua carne. Convulsionou quando as presas deles mergulharam na próprio alma dela.

Galtero tinha feito tudo que podia para segurá-la, até que finalmente, ela ficou mole em suas mãos. Independente do vento, pareceu haver um repentino silêncio.

Lunetta abriu a mão. — Ela ser minha para ordenar. Passo meu direito para você. — Ela colocou o, agora ressecado, pedaço de carne na palma de Brogan. — Agora ela ser sua, meu Lorde General.

Brogan apertou o pedaço de carne enrugada no punho. A Duquesa pendia com olhos vidrados pendurada pelos braços atrás da costa. Suas pernas aguentavam seu peso, mas ela tremia com dor e frio. Sangue escorria do seu ferimento.

Brogan apertou o punho. — Pare com essa tremedeira!

Ela olhou dentro dos olhos dele, e sua expressão vidrada desapareceu. Ficou imóvel. — Sim, meu Lorde General.

Brogan fez um gesto para a irmã dele. — Cure ela.

Galtero observou com uma pontada de prazer em seus olhos escuros enquanto Lunetta colocou as duas mãos sobre o seio ferido da mulher. O Duke Lumholtz também observava com os olhos quase saltando das órbitas. Os olhos de Lunetta fecharam novamente enquanto ela usava mais magia, lançando um leve feitiço. Sangue escorreu entre os dedos de Lunetta até que a carne da mulher começou a se unir no processo de cura.

A mente de Brogan divagou enquanto ele esperava. O Criador realmente tomava conta dos seus. Um dia que havia começado com ele próximo do maior dos triunfos quase foi levado até a ruína, mas no final ele provou que aqueles que mantinham a causa do Criador em seus corações poderiam prevalecer. Lorde Rahl descobriria o que acontecia com aqueles que adoravam o Guardião, e a Ordem Imperial descobriria como o Lorde General do Sangue da Congregação era valioso. Galtero também tinha provado seu valor neste dia; o homem merecia uma recompensa por seus esforços.

Lunetta usou o agasalho da Duquesa para limpar o sangue, e então se afastou-se para revelar um seio perfeitamente reconstruído, tão bem quanto o outro, exceto por não ter mamilo. Agora ele pertencia a Brogan.

Lunetta fez um gesto na direção do Duque. — Devo fazer o mesmo com ele também, Lorde General? Você quer ter os dois?

— Não. — Brogan levantou a mão fazendo um leve movimento. — Não. Eu só preciso dela. Mas ele vai executar sua parte no meu plano.

Brogan fixou seu olhar nos olhos apavorados do Duke. — Essa ser uma cidade perigosa. Como Lorde Rahl nos falou hoje, tem criaturas perigosas espreitando, atacando cidadãos inocentes que não tem chance alguma contra eles. Chocante. Se pelo menos o Lorde Rahl estivesse aqui para proteger o Duque de um ataque desses.

— Vou cuidar disso imediatamente, Lorde General. — Galtero falou.

— Não, eu posso cuidar disso. Pensei que você poderia querer entreter a Duquesa aqui, enquanto eu cuido do Duque.

Galtero passou os dentes sobre o lábio inferior enquanto olhava para a Duquesa. — Sim, Lorde General, muito. Obrigado. — Ele entregou sua faca para Brogan. — Vai precisar disso. Os soldados disseram que as criaturas estripavam suas vítimas com uma faca de três lâminas. Vai precisar fazer três cortes para reproduzir o efeito.

Brogan agradeceu a seu Coronel. Sempre podia contar com a eficiência de Galtero. Os olhos da mulher se moveram de um lado para outro entre os três, mas ela não disse nada.

— Gostaria que eu force ela a cooperar?

Um sorriso terrível surgiu no rosto que geralmente era firme como pedra de Galtero. — E qual seria o propósito disso, Lorde General? Seria melhor se ela aprendesse outra lição esta noite.

Brogan assentiu. — Como desejar. — Olhou para a Duquesa. — Minha querida, não ordeno que faça isso. Está livre para expressar seus próprios sentimentos verdadeiros sobre isso para o Galtero aqui.

Ela gritou quando Galtero passou um braço pela cintura dela. — Porque não vamos bem ali, no escurinho, não gostaria de ofender sua

delicada sensibilidade, Duquesa, permitindo que veja o que estar acontecendo com seu marido.

— Não pode fazer isso! — ela gritou. — Vou congelar na neve! Preciso atender as ordens de meu Lorde General. Vou congelar!

Galtero bateu no traseiro dela. — Oh, você não vai congelar. O lixo ficará quente debaixo de você.

Ela gritou e tentou se afastar, mas Galtero já estava segurando ela bem firme. Agarrou o cabelo dela com a outra mão.

— Ela ser uma criatura adorável, Galtero; tome cuidado para não estragar essa beleza. E não demore muito; ela ainda tem coisas para fazer. Ela terá que usar menos pintura, — ele disse com um sorriso afetado — mas já que ela tem muito talento nisso, pelo menos ela pode pintar um mamilo onde está faltando o verdadeiro.

— Quando eu terminar com o Duque, e você terminar com ela, então Lunetta tem outro feitiço para lançar sobre ela. Um feitiço muito especial. Um feitiço muito raro e poderoso.

Lunetta alisou suas *bonitinhas* enquanto observava os olhos dele. Sabia o que ele queria. — Então vou precisar alguma coisa dele, alguma coisa que ele tocou.

Brogan enfiou a mão no bolso. — Ele nos ajudou com uma moeda.

Lunetta assentiu. — Isso vai servir.

A Duquesa gritou e balançou os braços enquanto Galtero começava a arrastá-la para dentro da escuridão.

Brogan virou e balançou a faca na frente dos olhos assustados do alto Kelteano. — E agora. Duke Lumholtz, vamos tratar da sua parte no plano do Criador.

CAPÍTULO 16

Com Gratch erguendo-se como um gigante sobre o ombro dele, observando, Richard gotejou a cera vermelha formando uma larga poça sobre o papel dobrado. Rapidamente ele colocou a vela e a cera de lado e pegou sua espada, passando o cabo na cera, fazendo uma impressão do punho com seus fios de ouro trançados que formavam a palavra *Verdade*. Ele estava satisfeito com os resultados; Kahlan e Zedd saberiam que a carta realmente era dele.

Egan e Ulic estavam sentados nas pontas da longa mesa curvada, observando a sala vazia como se um exército estivesse prestes a invadir a plataforma. Seus dois guardas enormes preferiam ficar em pé. Ele imaginou que eles deveriam estar cansados e insistiu que sentassem. Eles disseram que ficar em pé os deixava mais preparados para reagir se acontecesse algum problema. Richard disse a eles que achava que os mil homens do lado de fora, montando guarda, provavelmente causariam tumulto suficiente se houvesse um ataque que os dois pudessem notar, mesmo de uma posição sentada, e eles ainda teriam tempo para levantar da cadeiras e sacar as espadas. Foi então que eles sentaram com relutância.

Cara e Raina estavam em pé ao lado das portas. Quando ele falou para elas que elas também poderiam sentar, elas rebateram a sugestão torcendo o nariz de forma arrogante, e disseram que eram mais fortes que Egan e Ulic, e ficariam em pé. Richard estava no meio da carta e não quis discutir com elas, então ele disse que uma vez que elas pareciam cansadas e lentas, estava ordenando que elas ficassem em pé para que tivessem tempo suficiente para interceder na defesa dele caso houvesse um ataque. Agora elas estavam em pé, olhando para ele de cara feia, mas ele tinha percebido leves sorrisos entre elas, aparentemente felizes com a maneira que conseguiram envolvê-lo em seu jogo.

Darken Rahl tinha delineado fronteiras para as Mord-Sith: mestre e escravo. Richard ficou imaginando se elas testariam seus limites com ele, tentando descobrir onde sua fraqueza terminava. Talvez elas estivessem

simplesmente alegres em conseguir, pela primeira vez, agir como queriam, obedecendo sua própria vontade.

Richard também considerou a possibilidade de que o jogo delas fosse um teste para tentar verificar se ele estava louco. As Mord-Sith não eram nada além de especialistas em fazer testes. Ficava incomodado que elas pudessem estar pensando que ele estava fora de si. Esse era o único jeito; elas precisavam enxergar isso.

Richard esperava que Gratch não estivesse tão cansado quanto o resto deles. O Gar só tinha se juntado a ele naquela manhã, então Richard não sabia o quanto ele dormiu, mas os olhos verdes brilhantes dele pareciam alertas. Gars geralmente caçavam durante a noite, então talvez isso explicasse toda sua vivacidade. Qualquer que fosse o motivo, Richard gostaria que fosse verdade que Gratch não estivesse cansado, e não simplesmente sua esperança.

Richard deu um tapinha no braço peludo. — Gratch, venha comigo.

O Gar levantou, esticou suas asas junto com uma das pernas, e seguiu Richard através da extensão de chão até uma das escadarias cobertas que subia para a plataforma.

Seus quatro guardas instantaneamente ficaram alertas quando Richard começou a andar. Ele fez um gesto para que ficassem onde estavam. Egan e Ulic obedeceram; as duas mulheres não, mas ao invés disso seguiram atrás dele a uma certa distância.

Apenas as duas lamparinas no fundo da escadaria coberta estavam acesas, deixando todo o resto um túnel sombrio. Na parte superior, ela abria em uma larga sacada, um dos lados margeado por um sinuoso corrimão de mogno com vista geral para o piso principal, e o outro margeado pela parte inferior do domo. Acima de uma pequena base branca de mármore, janelas arredondadas um pouco mais altas do que ele estavam igualmente espaçadas ao redor da sala enorme, Richard olhou para fora através de uma das janelas para uma noite cheia de neve. Neve. Isso poderia ser problema.

Na parte debaixo a janela estava trancada com um trinco de latão, e no centro de cada lado ela estava presa por pinos massivos. Ele testou o trinco e verificou que ele girava suavemente.

Richard virou para seu amigo. — Gratch, quero que escute com muita atenção. Isso é importante.

Gratch assentiu com grande concentração. As duas Mord-Sith observavam das sombras perto do topo da escadaria.

Richard esticou o braço e tocou no longo tufo de cabelo pendurado em uma tira de couro no pescoço de Gratch junto ao dente de dragão. — Esse é um tufo de cabelo de Kahlan. — Gratch balançou a cabeça confirmando que entendeu. — Gratch, ela está em perigo. — Gratch franziu o rosto. — Você e eu somos os únicos que conseguimos ver os Mriswith chegando. — Gratch rosnou e cobriu os olhos com as patas, espiando através delas — seu sinal para os Mriswith.

Richard assentiu. — Isso mesmo, Gratch, ela não tem como ver eles chegando, como você e eu. Se forem atrás dela, ela não verá eles chegando. Eles vão matá-la.

Um gemido inquieto saiu da garganta de Gratch. O rosto dele se iluminou. Levantou o tufo de cabelo de Kahlan, e então bateu no peito.

Richard não conseguiu evitar de rir, surpreso com a habilidade do Gar de entender o que ele queria. — Você adivinhou o que eu estava pensando, Gratch. Eu mesmo iria até ela, para protegê-la, mas isso levaria tempo demais e ela pode estar em perigo agora mesmo. Você é grande, mas não é grande o bastante para me carregar. A única coisa que posso fazer e enviar você, para protegê-la.

Gratch assentiu mostrando sua aceitação com um sorriso que mostrou suas presas. De repente ele pareceu perceber o que aquilo significava, e jogou os braços em volta de Richard.

— Gratch luuug Raaaach aaarg.

Richard deu tapinhas nas costas do Gar. — Amo você também, Gratch. — Uma vez ele mandou Gratch embora para salvar a vida do Gar, mas Gratch não havia entendido. Ele tinha falado para Gratch que jamais faria aquilo de novo.

Ele deu um forte abraço no Gar antes de afastá-lo. — Gratch, me escute. — Os olhos verdes brilhantes estavam ficando úmidos. — Gratch,

Kahlan ama você como eu. Ela quer você conosco do mesmo jeito que eu, do mesmo jeito que você me quer junto à você. Quero que todos nós fiquemos juntos. Vou esperar aqui e quero que vá protegê-la e traga ela de volta. — Ele sorriu e deu um tapinha no ombro de Gratch. — Então todos ficaremos juntos.

As sobrancelhas salientes de Gratch curvaram mostrando uma expressão de dúvida.

— Então quando estivermos todos juntos, você não terá apenas um amigo, vai ter nós dois. E meu avô Zedd também. Ele vai adorar ter você por perto. Você também vai gostar dele. — Gratch estava parecendo um pouco mais animado. — Vai ter vários amigos para lutar com você.

Antes que o Gar pudesse atacar ele, Richard manteve ele afastado esticando um braço. Havia pouca coisa na vida que Gratch amava tanto quanto lutar. — Gratch, não posso me divertir lutando com você agora, quando estou preocupado com pessoas que amo. Você entende, não é? Você gostaria de se divertir lutando com alguma outra pessoa se eu estivesse em perigo e precisasse de você?

Gratch considerou por um momento, e então balançou a cabeça. Richard abraçou ele outra vez. Quando eles se afastaram, Gratch abriu as asas com uma batida forte.

— Gratch, consegue voar na neve? — Gratch assentiu. — Durante a noite? — O Gar assentiu novamente, mostrando as presas por trás do sorriso.

— Está certo, agora, escute, para conseguir encontrar ela. Ensinei para você direções: norte, sul e coisas assim. Você conhece as direções. Bom. Kahlan está no sudeste. — Richard apontaria para sudeste, mas Gratch fez isso antes dele. Richard riu. — Bom. Ela está no sudeste. Está se afastando de nós, seguindo seu caminho até a cidade.

— Ela pensava que eu a encontraria e seguiria junto com ela até a cidade, mas não posso. Devo esperar aqui. Ela tem que voltar aqui.

— Ela está com outras pessoas. Tem um velho de cabelo branco com ela; ele é meu amigo, meu avô, Zedd.

— Também tem outras pessoas com ela, muitos são soldados. Muitas pessoas. Você entende?

Gratch fez uma careta triste.

Richard esfregou a testa, tentando pensar em uma maneira de explicar no meio do cansaço.

— Como esta noite. — Cara falou do outro lado da sacada. — Como naquele momento em que estava falando com todas aquelas pessoas esta noite.

— Sim! Desse jeito, Gratch. — Ele apontou para o piso principal, girando o dedo, formando um círculo. — Todas as pessoas aqui esta noite, quando eu estava falando com elas? Mais ou menos essa quantidade de pessoas estará com ela.

Gratch finalmente grunhiu indicando que entendia. Richard deu tapinha no peito do amigo, aliviado. Mostrou para ele a carta.

— Tem que levar essa carta para que ela entenda porque tem que voltar aqui. Ela explica tudo. É muito importante que ela receba essa carta. Você entende? — Gratch segurou a carta nas garras.

Richard empurrou o cabelo para trás. — Não, assim não vai dar. Não pode carregar ela desse jeito. Pode precisar das suas garras, ou pode deixar ela cair e perdê-la. Além disso, ela vai ficar toda molhada na neve e ela não vai conseguir ler. — A voz dele foi desaparecendo enquanto tentava pensar num jeito de Gratch carregar a carta.

— Lorde Rahl.

Ele virou e Raina jogou alguma coisa através da luz fraca. Quando ele agarrou, percebeu que era a bolsa de couro que carregou a carta do General Trimack o caminho todo desde o Palácio do Povo em D'Hara.

Richard sorriu. — Obrigado, Raina.

Sorrindo, ela balançou a cabeça. Richard colocou a carta, suas esperanças, as esperanças de todos, na bolsa de couro e pendurou sua alça em volta do pescoço de Gratch. Gratch emitiu um som de prazer com a

nova adição para sua coleção antes de estudar o tufo de cabelo de Kahlan mais uma vez.

— Gratch, é possível que por alguma razão ela não esteja com todas essas pessoas. Não tenho como dizer o que pode acontecer entre agora e quando você chegar até ela. Pode ser difícil encontrá-la.

Ele observou Gratch acariciando o tufo de cabelo. Richard tinha visto Gratch pegar um rato saltitante no meio do ar m uma noite sem lua. Ele conseguiria encontrar pessoas no chão, mas ele ainda precisava ter um jeito de saber quais eram as pessoas certas.

— Gratch, você nunca viu ela, mas ela tem cabelos longos como esse, não tem muitas mulheres assim, e falei para ela tudo sobre você. Não vai ficar com medo quando ver você, e vai chamar o seu nome. É assim que poderá saber que realmente é ela: ela saberá o seu nome.

Finalmente satisfeito com todas as suas instruções, Gratch bateu as asas e começou a saltar, ansioso para partir e trazer Kahlan de volta para Richard. Richard abriu a janela. A neve entrou rugindo.

Uma última vez, os dois amigos se abraçaram.

— Ela esteve fugindo daqui faz duas semanas, e vai continuar até que você a encontre. Pode levar algum tempo até que você alcance ela, muitos dias, então não fique desencorajado. E tenha cuidado, Gratch; não quero que você se machuque. Quero você de volta aqui para poder lutar com você, sua grande fera peluda.

Gratch riu, emitindo um som assustador, mas ainda assim alegre, então subiu no peitoril. — Gratch luuug Raaaach aaarg.

Richard acenou balançando a mão. — Amo você, Gratch. Tenha cuidado. Faça uma viagem segura.

Gratch acenou de volta, e então saltou dentro da noite. Richard ficou observando a fria escuridão, mesmo que o Gar tivesse desaparecido quase instantaneamente. Richard sentiu um vazio repentino. Mesmo que estivesse cercado por várias pessoas, não era a mesma coisa. Elas estavam ali apenas porque estavam ligadas a ele, e não porque realmente acreditavam nele ou naquilo que ele estava fazendo.

Kahlan estivera fugindo fazia duas semanas, e provavelmente o Gar levaria pelo menos outra semana, talvez duas, para finalmente encontrá-la. Richard não conseguia imaginar que levasse menos de um mês ou mais para Gratch encontrar Kahlan e Zedd, e todos voltassem até Aydindril. Poderia levar quase dois meses.

Já estava com um nó no estômago, ansioso para que seus amigos estivessem de volta junto com ele. Eles estiveram separados tempo demais.

Ele queria que esse sentimento de solidão terminasse, e somente a presença deles poderia acabar com isso.

Depois de fechar a janela, ele virou de volta para a sala. As duas Mord-Sith estavam paradas logo atrás dele.

— Gratch realmente é seu amigo. — Cara falou.

Richard apenas assentiu, não querendo testar o bolo em sua garganta.

Cara lançou um olhar para Raina antes de falar com ele. — Lorde Rahl, estivemos discutindo esse assunto, e decidimos que seria melhor se você estivesse em D'Hara, onde você estará seguro. Podemos deixar um exército aqui para proteger sua Rainha quando ela chegar e escoltá-la até D'Hara para ficar com você.

— Eu já falei, devo permanecer aqui. A Ordem Imperial quer conquistar o mundo. Eu sou um mago, e devo combater isso.

— Você disse que não sabia como usar o seu dom. Disse que não sabia nada sobre como utilizar magia.

— Não sei, mas o meu avô, Zedd, sabe. Tenho que ficar aqui até ele chegar, então poderá me ensinar o que eu preciso saber para poder lutar contra a Ordem e impedir que eles dominem o mundo.

Cara desprezou o assunto com um balanço da mão. — Alguém sempre quer governar aqueles que eles ainda não governam. Da segurança de D'Hara você pode direcionar sua guerra contra a Ordem.

— Quando os representantes dos Palácios voltarem de suas terras de origem para oferecer sua rendição, então Midlands será sua. Você governará o mundo, e sem ter que se arriscar. Logo que as terras se entregarem, então a Ordem Imperial estará acabada.

Richard seguiu na direção da escadaria. — Você não entende. Tem mais coisa do que isso. De alguma forma, a Ordem Imperial se infiltrou no Mundo Novo, e conquistou aliados.

— Mundo Novo? — Cara perguntou quando ela e Raina começaram a andar atrás dele. — O que é o Mundo Novo?

— Westland, de onde eu sou, Midlands, e D'Hara formam o Mundo Novo.

— Elas formam todo o mundo. — Cara falou com determinação.

— Falando como um peixe em um lago. — Richard disse, deslizando a mão suavemente pelo corrimão liso enquanto descia os degraus. — Você acha que isso é tudo que existe no mundo? Apenas o lago que você enxerga? Que tudo simplesmente acaba em um oceano, ou no limite de uma montanha, ou deserto, ou algo assim?

— Só os espíritos sabem. — Cara parou no final dos degraus e inclinou a cabeça. — O que você acha?

— Que tem outras terras além destas? Outros lagos? — Ela girou o Agiel formando um círculo. — Lá fora, em algum lugar?

Richard jogou as mãos para cima. — Não sei. Mas sei que ao sul está o Mundo Antigo.

Raina cruzou os braços. — AO sul fica um deserto árido.

Richard começou a atravessar o chão da sala. — Enfiado no deserto havia um lugar chamado Vale dos Perdidos, e atravessando ele, de oceano a oceano, uma barreira chamada de Torres da Perdição. As torres foram colocadas milhares de anos atrás por magos com poder inimaginável. Os feitiços daquelas torres impediram que quase todos atravessassem durante os últimos três mil anos, e então o Mundo Antigo foi esquecido no tempo.

Cara exibiu uma careta cética enquanto as botas deles faziam ecos no domo. — Como sabe disso?

— Eu estive lá, no Mundo Antigo, no Palácio dos Profetas, em uma grande cidade chamada Tanimura.

— Verdade? — Raina perguntou. Richard assentiu. Ela fez uma careta parecida com a de Cara. — E se ninguém pode atravessar, então como você conseguiu?

— É uma longa história, mas basicamente essas mulheres, as Irmãs da Luz, me levaram lá. Nós conseguimos atravessar porque temos o dom, mas não tão forte para atrair o poder destrutivo dos feitiços. Ninguém mais poderia atravessar, e então os Mundos Antigo e Novo e assim os Mundos Antigo e Novo permaneceram separados pelas torres e seus feitiços.

— Agora a barreira entre o Mundo Antigo e o Novo caiu. Ninguém está seguro. A Ordem Imperial é do Mundo Antigo. É um longo caminho, mas eles virão, e devemos nos preparar.

Cara olhou para ele com desconfiança. — E se essa barreira esteve no lugar durante três mil anos, como isso aconteceu agora?

Richard limpou a garganta enquanto elas o seguiam subindo até a plataforma. — Bem, acho que a culpa é minha. Eu destruí os feitiços das torres. Eles não formam mais uma barreira. O deserto foi transformado na terra verde que foi um dia.

As duas mulheres pensaram naquilo em silêncio. Cara se inclinou para falar com Raina. — E ele diz que não sabe usar magia.

Raina desviou o olhar para Richard. — Então, o que está dizendo é que você causou essa guerra. Tornou ela possível.

— Não. Olha, é uma longa história. — Richard empurrou o cabelo para trás. — Mesmo antes que a barreira fosse derrubada eles estavam reunindo aliados aqui e tinham começado sua guerra. Ebinissia foi destruída antes que a barreira caísse. Mas agora não tem nada para segurá-los, ou diminuir sua velocidade. Não subestimem eles. Eles usam magos e feiticeiras. Querem destruir toda magia.

— Querem destruir toda a magia, e ainda assim eles mesmos a utilizam? Lorde Rahl, isso não faz sentido. — Cara brincou.

— Vocês querem que eu seja a magia contra magia. Por quê? — Ele apontou para os homens nas duas pontas da plataforma.

— Porque eles só podem ser o aço contra o aço. Geralmente é preciso magia para destruir magia.

Richard gesticulou, seu dedo incluindo as duas mulheres. — Você possuem magia. E com que propósito? Combater magia. Como Mord-Sith, vocês conseguem usar a magia de alguém contra ela mesma. É a mesma coisa com eles. Eles usam magia para ajudá-los a destruir magia, exatamente como Darken Rahl usou vocês para torturar e matar aqueles com magia que se opuseram a ele.

— Vocês possuem magia; a Ordem vai querer destruir vocês. Eu tenho magia; eles vão querer me destruir. Todos os D'Haran tem magia, através da ligação; eventualmente a Ordem perceberá isso e decidirá exterminar a corrupção. Mais cedo ou mais tarde, eles virão para esmagar D'Hara, assim como esmagariam Midlands.

— Ao invés disso, as tropas D'Haran esmagarão eles. — Ulic falou por cima do ombro, como se declarasse com a confiança de que o sol desceria neste dia como sempre fez.

Richard lançou um olhar para as costas do homem. — Até que eu aparecesse, D'Harans se juntaram a eles, e em nome deles aniquilaram Ebinissia. Os D'Harans aqui, em Aydindril, seguiam os comandos da Ordem Imperial.

Os quatro guardas dele ficaram em silêncio. Cara ficou olhando para o chão enquanto Raina soltava um suspiro desanimado.

— Na confusão da guerra, — Cara falou finalmente, como se pensasse em voz alta — algumas de nossas tropas no campo teriam sentido a ligação ser quebrada, assim como alguns daqueles no Palácio sentiram quando você matou Darken Rahl. Eles ficariam como almas perdidas sem um novo Mestre Rahl para assumir a ligação deles. Eles podem ter simplesmente se juntado com alguém que lhes forneceria direção, que

tomasse o lugar da ligação. Agora eles estão com sua ligação de volta. Nós temos um Mestre Rahl.

Richard desabou na cadeira da Madre Confessora. — É isso que eu espero.

— Mais uma razão para voltar a D'Hara. — Raina disse. — Devemos protegê-lo para que continue a ser o Mestre Rahl e nosso povo não se junte com a Ordem Imperial. Se você for morto, e a ligação for quebrada, então o exército mais uma vez vai se virar na direção da Ordem. Melhor deixar Midlands lutar suas próprias batalhas.

— Não é nosso trabalho salvar eles de si mesmos.

— Então, todo em Midlands cairão sob a espada da Ordem Imperial. — Richard falou com uma voz suave.

— Eles serão tratados como vocês foram tratados por Darken Rahl. Ninguém será livre novamente. Não podemos permitir que isso aconteça enquanto houver uma chance de conseguirmos impedir. Isso deve ser feito agora, antes que eles ganhem mais apoio aqui em Midlands.

Cara girou os olhos. — Que os espíritos nos salvem de um homem com uma causa justa. Não é obrigação sua liderá-los.

— Se eu não fizer isso, então no final todos viverão sob um governo: o da Ordem. — Richard disse. — Todas as pessoas serão propriedade deles, para sempre; os tiranos não se cansam da tirania.

A sala foi preenchida pelo silêncio. Richard recostou a cabeça no encosto da cadeira. Estava tão cansado que não achava que conseguiria manter os olhos dele abertos por muito tempo. Ele não sabia por que estava se preocupando em tentar convencê-los; eles não pareciam entender, ou se preocupar, com aquilo que ele estava tentando fazer.

Cara encostou na mesa e passou uma das mãos sobre o rosto. — Não queremos perder você, Lorde Rahl. Não queremos que as coisas voltem a ser como eram. — Ela pareceu estar prestes a chorar. — Gostamos de poder fazer coisas simples, como uma piada, e rir. Antes não poderíamos fazer essas coisas. Sempre vivemos com medo de que se falássemos algo errado apanharíamos, ou pior. Agora que experimentamos as coisas de outra

forma, não queremos voltar para aquilo. Se jogar sua vida fora por causa de Midlands, então voltaremos.

— Cara... todos vocês... me escutem. Se eu não fizer isso, então no final é isso que vai acontecer. Não consegue ver isso? Se eu não unir as terras em um governo forte, sob uma lei justa e liderança, então a Ordem vai tomar tudo, um pedaço por vez. Se Midlands cair sob a sombra deles, então essa sombra vai se espalhar por D'Hara também, e no fim todo o mundo vai cair na escuridão. Não faço isso porque eu quero, mas porque posso ver que tenho uma chance de realizar a tarefa. Se eu não tentar, não haverá lugar para me esconder; eles vão me encontrar, e vão me matar.

— Não quero conquistar e governar as pessoas; só quero viver uma vida tranquila. Quero ter uma família e viver em paz.

— É por isso que devo mostrar para as terras de Midlands a nossa força e não permitiremos nenhum favoritismo ou disputa. Não seremos terras em uma aliança, ficando juntas apenas quando for preciso, mas que realmente somos um só. Elas devem estar confiantes de que defenderemos o que é certo. E vão se sentir seguras unindo-se a nós, e saberão que há um lugar para elas conosco. Assim serão encorajadas sabendo que não terão que lutar sozinhas se desejarem lutar por liberdade. Devemos ser uma força poderosa na qual elas confiem.

— Confiem o bastante para se juntar a nós.

A sala caiu em um silêncio frio. Richard fechou os olhos quando encostou a cabeça na cadeira. Eles pensavam que ele estava louco. Isso não adiantava. Simplesmente teria que ordenar que eles fizessem as coisas que ele precisava, e parar de preocupar se eles gostavam ou não; muito menos se eles se importavam.

Cara finalmente falou. — Lorde Rahl. — Ele abriu os olhos para ver que ela estava com os braços cruzados e uma expressão amarga no rosto. — Não vou trocar as fraldas da sua criança, nem dar banho nela, ou fazer ela arrotar, nem farei sons idiotas para ela.

Richard fechou os olhos e recostou a cabeça na cadeira outra vez enquanto ria. Lembrou da época quando estava em casa, antes de tudo isso ter começado, e a parteira tinha chamado Zedd com urgência. Elayne

Seaton, uma mulher jovem não muito mais velha do que Richard, teria sua primeira criança, e isso não estava acontecendo muito bem. A parteira tinha falado em tons apressados quando virou suas costas largas para Richard e se inclinou na direção de Zedd.

Antes que Richard soubesse que Zedd era seu avô, ele só o conhecia como seu melhor amigo. Naquele tempo Richard não sabia que Zedd era um mago, nem ninguém mais; todos o conheciam apenas como Zedd, o leitor de nuvens, um homem de considerável conhecimento sobre as mais comuns e as mais peculiares coisas — sobre ervas raras e sobre doenças humanas, cura e de onde as nuvens de chuva tinham vindo, onde cavar um poço e quando começar a cavar um túmulo — e ele sabia sobre o nascimento de crianças.

Richard conhecia Elayne. Ela o ensinou a dançar para que ele pudesse convidar uma garota no festival do solstício de verão. Richard desejava aprender, até encarar a chance de segurar uma mulher em seus braços; estava com medo de machucá-la ou algo assim, ele não tinha muita certeza, mas todos diziam que ele era forte e tinha que tomar cuidado para não ferir as pessoas. Quando ele mudou de ideia e tentou cair fora, Elayne riu, envolveu ele em seus braços, e começou a girar ele enquanto murmurava uma canção.

Richard não sabia muito sobre o nascimento de bebês, mas pelo que tinha ouvido falar ele não tinha desejo algum de chegar perto da casa de Elayne enquanto aquilo estava acontecendo. Ele seguiu até a porta, pretendendo caminhar na direção oposta ao problema.

Zedd pegou sua bolsa de ervas e poções, segurou a manga de Richard, e disse — Venha comigo, meu rapaz. Posso precisar de você. — Richard insistiu que não serviria de ajuda alguma, mas quando Zed decidia uma coisa ele poderia fazer pedra parecer maleável em comparação. Quando Zedd empurrou ele pela porta, ele falou — Nunca se sabe, Richard, você pode acabar aprendendo alguma coisa.

O marido de Elayne, Henry, estava fora com um grupo cortando gelo para as hospedarias e, por causa do clima, ainda não tinha voltado de suas entregas nas cidades próximas. Havia muitas mulheres na casa, mas

todas estavam com Elayne. Zedd falou para Richard cuidar do fogo e aquecer um pouco de água, e que ele levaria algum tempo.

Richard sentou na cozinha fria, suor descendo pelo seu escalpo, enquanto escutava os gritos mais horríveis que já tinha ouvido. havia palavras de conforto abafadas da parteira e das outras mulheres, mas a maior parte eram gritos. Ele alimentou o fogo, derretendo neve em uma grande panela para ter uma desculpa para ir lá fora. Disse a si mesmo que Elayne e Henry poderiam precisar de mais lenha, com um novo bebê e tudo, então cortou uma boa pilha.

Não adiantou muito; ainda podia escutar os gritos de Elayne. Não foi o modo como eles mostravam a dor, mas o modo como estavam cheios de pânico que fez o coração de Richard bater mais forte.

Richard sabia que Elayne morreria. Uma parteira não procuraria Zedd a não ser que houvesse um problema sério. Richard nunca tinha visto uma pessoa morta; não queria que a primeira fosse Elayne. Lembrou das risadas dela quando ela o ensinou a dançar. O rosto dele ficou vermelho o tempo todo, mas ela fingiu não notar.

E então, enquanto ele estava sentado na mesa, olhando para o vazio, pensando que o mundo realmente era um lugar muito terrível, houve um último grito, mais agonizante do que os outros, que fez descer um calafrio por sua espinha. Ele foi sumindo em um tom desesperado.

Ele fechou os olhos bem apertado, no pesado silêncio, amaldiçoando as lágrimas.

Cavar um túmulo no chão congelado seria quase impossível, mas ele prometeu a si mesmo que faria isso por Elayne. Não queria que eles guardassem o corpo congelado dela no galpão do coveiro até a primavera. Ele era forte. Faria aquilo mesmo que levasse um mês. Ela o ensinou a dançar.

A porta para o quarto abriu rangendo, e Zedd saiu carregando alguma coisa. — Richard, venha aqui. — Ele entregou uma coisa coberta de sangue com pequenos braços e pernas. — Lave ele com cuidado.

— O quê? Como faço isso? — Richard gaguejou.

— Na água morna! — Zedd falou. — Maldição, meu rapaz, você esquentou a água, não foi? — Richard apontou com o queixo. — Agora não está quente demais. Apenas morna. Então enrole ele naqueles cobertores e traga ele de volta para dentro do quarto.

— Mas Zedd... s mulheres. Elas deveriam fazer isso. Não eu! Queridos espíritos, as mulheres não podem fazer isso?

Zedd, com seu cabelo branco todo desgrenhado, observou ele com um olho. — Se eu quisesse que as mulheres fizessem, meu rapaz, não pediria para você, pediria?

Com o manto esvoaçando, ele se afastou. A porta do quarto bateu fechando. Richard estava com medo de se mexer por temer esmagar a coisinha. Era tão pequena que ele mal podia acreditar que era real. E então algo aconteceu. Richard começou a sorrir. Isso era uma pessoa, um espírito, novo mundo. Ele estava contemplando magia.

Quando ele levou a maravilha lavada e enrolada no cobertor para dentro do quarto, ele quase chorou ao ver que Elayne estava bem viva. Sua pernas trêmulas quase não conseguiam suportar o seu peso.

— Elayne, certamente você consegue dançar — foi a única coisa que ele conseguiu pensar para dizer. — Como você conseguiu fazer uma coisa tão maravilhosa? — As mulheres ao redor da cama ficaram olhando para ele como se ele fosse maluco.

Elayne sorriu no meio da exaustão. — Algum dia você poderá ensinar Bradley a dançar, olhos brilhantes. — Ela esticou as mãos. O sorriso dela cresceu quando Richard colocou a criança gentilmente em seus braços.

— Bem, meu garoto, parece que você entendeu afinal de contas. — Zedd levantou uma sobrancelha — Aprendeu alguma coisa?

Agora Bradley deve ter uns dez anos, e o chamava de Tio Richard.

Enquanto escuta o suave retorno das lembranças, Richard pensou naquilo que Cara falou.

— Sim, você vai, — Finalmente ele falou para ela com um tom suave. — Mesmo que eu tenha que ordenar, você vai. Quero que sintam a

maravilha de uma nova vida, um novo espírito, em seus braços, para que possa sentir outra magia além daquela do Agiel em seu pulso. Vai dar banho nele, e colocar fraldas nele, e fazer ele arrotar, assim saberá que os seus cuidados carinhosos são necessários nesse mundo, e que eu confiaria minha própria criança a esses cuidados. Vai fazer sons idiotas para ele, e assim poderá rir de alegria com a esperança para o futuro, e talvez esqueça que você matou pessoas no passado.

— Se não conseguir entender nenhuma das outras coisas, espero que consiga entender pelo menos essa parte das minhas razões para fazer o que devo fazer.

Ele relaxou na cadeira, deixando seus músculos frouxos pela primeira vez durante horas. A calma parecia murmurar ao redor dele. Pensou em Kahlan, e deixou sua mente flutuar.

Cara sussurrou através de lábios cerrados e lágrima: um som suave quase perdido na sala enorme e no seu silêncio parecido com o de uma tumba — Se você morrer tentando governar o mundo, eu mesma quebrarei cada osso do seu corpo.

Richard sentiu suas bochechas dobrarem com um sorriso. A escuridão por trás de suas pálpebras girou com escuras manchas coloridas.

Ele estava bem consciente da cadeira em volta dele: a cadeira da Madre Confessora, a cadeira de Kahlan. Dessa cadeira ela governou a aliança de Midlands. Ele podia sentir os olhos da primeira Madre Confessora e do mago dela olhando para ele enquanto ele ficava sentado no lugar sagrado após ter exigido a rendição de Midlands e o fim de uma aliança que eles tinham forjado para ser a fundação de uma paz eterna.

Ele entrou nessa guerra lutando pela causa de Midlands. Agora comandava seu antigo inimigo, e tinha colocado sua espada na garganta de seus aliados.

Em um dia, ele virou o mundo de cabeça para baixo.

Richard sabia que estava quebrando a aliança pelas razões certas, mas agonizava por causa daquilo que Kahlan pensaria. Ela o amava, e entenderia, disse para si mesmo. Tinha que entender.

Queridos espíritos, o que Zedd pensaria?

Os braços dele descansavam pesadamente onde os braços de Kahlan estiveram. Imaginou os braços dela em volta dele, agora, como aconteceu na noite anterior naquele lugar entre os mundos. Não pensou que alguma vez em toda sua vida tivesse ficado tão feliz assim, ou sentido que fosse tão amado.

Pensou ter ouvido alguém dizendo que ele deveria procurar uma cama, mas ele já estava dormindo.

CAPÍTULO 17

Independente do fato de ter encontrado várias milhares de tropas D'Haran cercando seu Palácio ao retornar, Tobias estava de bom humor. As coisas estavam acontecendo de maneira magnífica. Não do jeito que tinha planejado naquela manhã, mas de qualquer modo magnífica. Os D'Harans não fizeram qualquer esforço para impedir sua entrada, mas avisaram que seria melhor ele não sair novamente naquela noite.

A insolência deles era irritante, mas ele estava mais interessado na velha que Ettore estava preparando do que na ausência de protocolo dos D'Harans. Tinha perguntas e estava impaciente para obter as respostas. Agora ela já estaria pronta para fornecer elas; Ettore era bem treinado em sua arte. Muito embora essa fosse a primeira vez que ele conseguiu conquistar a confiança para cuidar dos preparativos para um interrogatório sem um irmão mais experiente controlando sua mão, aquela mão já tinha provado ser talentosa e firme na tarefa. Ettore estava mais do que pronto para a responsabilidade.

Tobias bateu a neve de sua capa sobre o tapete vermelho e dourado, não se importando em limpar as botas antes de marchar pela sala de entrada em direção aos corredores que conduziam até as escadas. Os corredores largos estavam iluminados por lamparinas penduradas diante de refletores prateados polidos que lançavam raios de luz ondulantes que dançavam sobre as obras em madeira banhadas com ouro. Guardas com capas vermelhas patrulhando o Palácio tocaram com as pontas dos dedos nas testas enquanto faziam reverência, Tobias não se preocupou em responder as saudações.

Com Galtero e Lunetta logo atrás, ele avançou dois degraus por vez. Enquanto as paredes no nível principal estavam enfeitadas com painéis adornados por quadros da realeza de Nicobarese e tapetes decorados descrevendo suas façanhas amplamente fictícias, as paredes no nível inferior eram simples blocos de pedra, frios para os olhos assim como ao toque. A sala para onde ele se dirigia, porém, estaria quente.

Enquanto alisava seu bigode, ele se encolheu com a dor em seus ossos. O frio parecia fazer suas juntas doerem mais ultimamente. Avisou a si mesmo para ficar mais preocupado com o trabalho do Criador e menos com questões mundanas. O Criador havia lhe abençoado com mais do que uma boa quantidade de ajuda esta noite; isso não deveria ser desperdiçado.

Nos níveis superiores os corredores estavam bem guardados pelos homens do destacamento, mas descendo as escadas os corredores sombrios estavam vazios; não havia caminho para dentro ou para fora do Palácio nos níveis inferiores. Galtero, sempre vigilante, observou o corredor do lado de fora da porta que levava até a sala de interrogatório. Lunetta esperou pacientemente com um sorriso. Tobias falou que ela fez muito bem, especialmente com o último feitiço, e ela era um reflexo brilhante das boas graças dele.

Tobias entrou na sala e ficou cara a cara com o largo sorriso familiar de Ettore.

Os olhos, entretanto, estavam cheios com a morte.

Tobias congelou.

Ettore estava pendurado por uma corda amarrada em cada uma das pontas de um pino de ferro enfiado através dos seus ouvidos. Os pés dele balançavam acima de uma poça escura coagulada.

Havia um corte limpo feito por uma lâmina de um lado a outro no meio do pescoço dele. Abaixo daquilo, cada polegada dele teve sua pele arrancada. Tiras pálidas dela formavam uma pilha úmida em um canto.

Uma incisão logo abaixo das costelas estava aberta. No chão, em frente ao seu corpo que balançava lentamente estava o fígado dele.

Tinha algumas pequenas mordidas em cada lado. As mordidas em um lado estavam margeadas por rasgões irregulares deixados por dentes mais largos; no outro lado estavam marcas de dentes menores.

Brogan girou com um gemido de fúria e bateu em Lunetta com a costa de uma das mãos. Ela atingiu a parede ao lado da lareira e escorregou até o chão.

— Isso ser culpa sua, *Streganicha*! Isso ser culpa sua! Deveria estar aqui e tomar conta de Ettore!

Brogan ficou parado, com os punhos abaixados, olhando com raiva para o corpo sem pele de um dos integrantes do Sangue da Congregação. Se Ettore não estivesse morto, Brogan o mataria, apenas com suas mãos se fosse necessário, por ter deixado aquela bruxa velha escapar da justiça. Deixar um *Baneling* escapar era imperdoável. Um verdadeiro caçador de *Baneling* mataria a coisa maligna antes de morrer, não importa o que fosse necessário. O sorriso zombeteiro de Ettore deixou ele irado.

Brogan golpeou o rosto frio. — Você falhou conosco, Ettore. Você está expulso da Congregação com desonra.

— Seu nome será eliminado da lista.

Lunetta se encolheu contra a parede, segurando a bochecha que sangrava. — Falei para você que deveria ficar e tomar conta dele. Eu falei.

Brogan olhou para ela zangado. — Não venha com suas desculpas sujas, *Streganicha*. Se você sabia quanto problema a velha bruxa causaria, então deveria ter ficado.

— Mas eu disse que deveria ficar. — Ela enxugou as lágrimas dos olhos. — Você me obrigou a ir com você.

Ele a ignorou e virou para seu Coronel. — Pegue os cavalos. — ele sibilou com os dentes cerrados.

Deveria matá-la. Agora mesmo. Deveria cortar a garganta dela e acabar com isso. Estava cansado da corrupção desprezível dela. Esta noite isso tinha custado a ele informação valiosa. A velha, agora ele tinha certeza, teria sido uma grande fonte de informação. Se não fosse por causa da sua irmã abominável, ele teria tudo isso.

— Quantos cavalos, Lorde General?— Galtero sussurrou.

Brogan observou sua irmã levantando, recuperando a compostura dela enquanto limpava o sangue da bochecha. Deveria matá-la. Agora mesmo.

— Três. — Brogan rosnou.

Galtero tirou uma clava do meio das ferramentas de interrogatório antes de passar pela porta, silencioso como uma sombra, e desapareceu descendo o corredor. Os guardas obviamente não tinham visto ela, embora com *Banelings* isso necessariamente não significasse nada, mas sempre era possível que a velha ainda pudesse estar por perto. Não era necessário dizer a Galtero que se ela fosse encontrada deveria ser capturada viva.

Uma vingança impetuosa com uma espada não traria nenhum benefício. Se ela fosse encontrada, seria capturada viva, e interrogada. Se fosse encontrada, pagaria o preço de sua abominação, mas contaria tudo que sabia, primeiro.

Se ela fosse encontrada. Ele olhou para sua irmã. — Você sente a presença dela em algum lugar perto?

Lunetta balançou a cabeça. Ela não estava coçando os braços. Mesmo se não houvesse cerca de duas mil tropas D'Haran ao redor do Palácio, com a tempestade forte como estava seria impossível seguir os rastros de alguém. Além disso, não importa o quanto ele desejasse pegar a velha, Brogan tinha uma presa mais profana ainda para caçar. E havia a questão do Lorde Rahl. Se Galtero encontrasse a velha, muito bom, mas se não, eles não poderiam desperdiçar tempo em uma caçada difícil e provavelmente infrutífera. *Banelings* dificilmente eram raros; sempre haveria outro. o Lorde General do Sangue da Congregação tinha trabalho mais importante para fazer: o trabalho do Criador.

Lunetta mancou até o lado de Brogan e passou um dos braços na cintura dele. Ela tocou no peito dele.

— Está tarde, Tobias. — ela falou com intimidade. — Venha para cama. Você teve um dia difícil fazendo o trabalho do Criador.

— Deixe que Lunetta faça você se sentir melhor. Você vai ficar contente, eu prometo. — Ele não falou nada. — Galtero teve o prazer dele, deixe que Lunetta forneça o seu. Vou fazer um encantamento para você. — ela ofereceu. — Por favor, Tobias?

Ele considerou aquilo apenas por um momento. — Não há tempo. Devemos partir imediatamente. Espero que tenha aprendido uma lição esta noite, Lunetta. Não vou tolerar seu mal comportamento de novo.

A cabeça dela balançou. — Sim, meu Lorde General. Vou tentar fazer melhor. Vou fazer melhor. Você vai ver.

Ele a conduziu subindo, para fora dos níveis inferiores, até a sala onde havia conversado com as testemunhas. Guardas estavam na frente da porta. Do lado de dentro, de cima da mesa comprida, ele pegou seu estojo de troféus e enfiou no cinto. Seguiu na direção da porta, mas virou. A moeda de prata que ele deixou sobre a mesa, aquela que a velha deu para ele, desapareceu. Ele olhou para um guarda.

— Suponho que ninguém entrou aqui esta noite, depois que eu saí?

— Não, Lorde General. — o guarda imóvel respondeu. — Nenhuma alma.

Brogan grunhiu para si mesmo. Ela esteve aqui. Pegou de volta sua moeda para deixar uma mensagem para ele.

Em seu caminho na saída, não se preocupou em questionar qualquer um dos outros guardas; eles também não teriam visto nada. A velha e sua pequena companheira desapareceram. Tirou-as da cabeça e concentrou-se nas coisas que precisavam ser feitas.

Brogan caminhou pelos corredores até a parte de trás do Palácio, onde havia uma pequena área de terreno aberto até os estábulos. Galtero saberia juntar as coisas que precisavam para uma jornada, e estaria com três dos melhores cavalos selados. Certamente havia D'Harans ao redor de todo o Palácio, mas com a escuridão e a neve lançada pelo vento, certamente seria possível que ele e Lunetta chegassem até os estábulos.

Brogan não falou nada para os homens; se ele fosse atrás da Madre Confessora, só os três poderiam ir. Com a tempestade, três poderiam conseguir escapular, mas todo o destacamento não. Aquela grande quantidade de homens certamente seria vista e confrontada, haveria uma batalha, e provavelmente todos eles seriam mortos. O Sangue da Congregação era formado por guerreiros ferozes, mas não eram páreo para

o número de D'Harans. Pior, pelo que ele tinha visto os D'Harans estavam acostumados com a batalha. Era melhor simplesmente deixar os homens aqui como uma distração. Eles não poderiam cometer traição contando o que não sabiam.

Brogan abriu a grossa porta de carvalho e deu uma espiada para a noite lá fora. Viu apenas neve girando iluminada pela luz fraca que vinham de algumas das janelas na parte de trás do segundo andar. Ele teria apagado as lamparinas, mas precisava da pouca luz que elas forneciam para encontrar os estábulos que não eram familiares no meio da tempestade.

— Fiquem perto de mim. Se formos confrontados por soldados eles tentarão nos impedir de partir. Não podemos permitir que isso aconteça.

Devemos seguir atrás da Madre Confessora.

— Mas, Lorde General...

— Fique quieta. — Brogan disparou. — Se eles tentarem nos deter, é melhor você conseguir abrir caminho. Entendeu?

— Se tiver muitos, eu só posso...

— Não me teste, Lunetta. Você disse que faria melhor. Estou lhe dando essa chance. Não falhe comigo de novo.

Ela apertou suas *bonitinhas* com mais força. — Sim, Lorde General.

Brogan apagou a lamparina do lado de fora do corredor e então empurrou Lunetta pela porta para fora no meio da nevasca, caminhando junto com ela com dificuldade. Agora Galtero já estaria com os cavalos selados. Eles só precisavam chegar até os cavalos. No meio dessa neve, os D'Harans não teriam tempo para enxergar eles se aproximando ou para detê-los assim que eles estivessem sobre os cavalos. A forma escura do estábulo ficou mais próxima.

Saindo da neve, formas começaram a aparecer. Soldados. Quando avistaram ele, gritaram para seus colegas e ao mesmo tempo sacaram as espadas. As vozes deles não chegavam longe no vento uivante, mas eram o bastante para indicar um grupo de homens.

Estavam ao redor deles. — Lunetta, faça alguma coisa.

Ela curvou um braço com os dedos em forma de garra quando começou a emitir um feitiço, mas os homens não hesitaram. Correram adiante com as armas erguidas. Ele se encolheu quando uma flecha passou perto de sua bochecha. O Criador havia lançado uma rajada de vento que afastou a seta, poupando ele. Lunetta agachou enquanto flechas passavam.

Vendo homens correndo na direção dele de todas as direções, Tobias sacou sua espada. Pensou em voltar para o Palácio, mas aquele caminho também estava bloqueado. Havia homens demais. Lunetta estava tão ocupada tentando desviar as flechas que não conseguia lançar um feitiço para protegê-los. Ela gemeu de medo.

Exatamente tão repentinamente quanto as flechas tinham começado, elas pararam. Tobias ouviu gritos carregados pelo vento. Agarrou o braço de Lunetta e correu através dos montes de neve, esperando conseguir chegar até os estábulos. Galtero estaria lá.

Vários homens moveram-se para bloquear o caminho dele. O que estava mais perto gritou quando uma sombra passou na frente dele. O homem caiu com o rosto na neve. Tobias observou confuso enquanto os outros homens começaram a balançar as espadas no vento.

O vento cortou eles sem misericórdia.

Tobias parou de repente, piscando com aquilo que estava vendo. D'Harans ao redor dele estavam caindo. Gritos flutuavam no meio do vento uivante. Ele viu neve manchada de vermelho. Viu homens caindo, derramando suas entranhas.

Tobias lambeu os lábios, com medo de se mover pensando que o vento poderia acertar ele também. Os olhos dele disparavam em todas as direções enquanto tentava entender o que estava acontecendo, tentava ver os atacantes.

— Querido Criador. — ele gritou — Poupe-me! Eu faço o seu trabalho!

Homens estavam convergindo para os estábulos de todas as direções, e estavam sendo derrubados tão rapidamente quanto surgiam.

Cerca de cem cadáveres já cobriam o terreno. Ele nunca tinha visto homens mortos com tanta velocidade ou brutalidade.

Tobias se agachou, e ficou assustado ao perceber que as entranhas estavam se movendo deliberadamente.

Elas estavam vivas. Começou a perceber eles. Homens com capas brancas deslizavam em volta dele, atacando os soldados D'Haran com velocidade e graça mortal. Nenhum dos D'Harans tentou fugir; todos avançavam com ferocidade, mas nenhum deles conseguia acertar o inimigo antes que fossem mortos rapidamente.

A noite ficou silenciosa a não ser o barulho do vento. Antes que houvesse tempo para correr, estava acabado. O chão estava cheio com um emaranhado de formas escuras imóveis. Tobias girou, mas não viu ninguém vivo. A neve já estava começando a se acumular sobre os corpos. Após mais uma hora eles desapareceriam sob a fúria branca.

Os homens com capas deslizavam suavemente pela neve, de forma graciosa e ondulante, movendo-se como se fossem formados pelo vento. Enquanto eles se aproximavam dele, a espada escorregou dos seus dedos dormentes. Tobias queria dizer a Lunetta para derrubá-los com um feitiço, mas quando eles entraram na luz, sua voz falhou.

Eles não eram homens.

Escamas da cor da neve ondulavam sobre músculos ondulantes. Pele lisa cobria cabeças sem cabelo e sem ouvidos com pequenos olhos brilhantes. As bestas vestiam apenas roupas de peles sob capas que esvoaçavam ao vento, e em cada uma das mãos eles seguravam facas com três lâminas manchadas de sangue.

Eram as criaturas que tinha visto empaladas nos postes do lado de fora do Palácio das Confessoras. As criaturas que Lorde Rahl matou: Mriswith. Por ter visto eles assassinar todos esses soldados experientes, Tobias não conseguia imaginar como Lorde Rahl, ou qualquer um, poderia ter vencido um deles, muito menos a quantidade que viu.

Uma das criaturas seguiu na direção dele, observando com olhos que não piscavam. Ela parou, a menos de dez pés de distância.

— Partam. — o Mriswith sibilou.

— O quê?— Tobias perguntou.

— Partam. — Ela golpeou o ar com sua faca semelhante a uma garra, um movimento rápido e gracioso com destreza mortal.

— Esssscapem.

— Por quê? Porque fariam isso? Porque querem que escapemos?

A boca sem lábios cresceu, imitando um sorriso horrível. — O Andarilho dos Sonhos quer que vocês esssscapem.

— Vão, agora, antes que mais andarilhossss de pele apareçam. Vão.

— Mas...

Com um braço cheio de escamas, o Mriswith puxou sua capa contra o vento, virou, e desapareceu dentro da neve que soprava.

Tobias observou dentro da noite, mas o vento estava vazio e sem vida.

Porque tais criaturas desprezíveis desejariam ajudá-lo? Porque matariam os inimigos dele? Porque iriam querer que ele escapasse?

A compreensão lhe ocorreu de forma súbita e calorosa. O Criador os enviou, é claro. Como ele poderia ter sido tão cego? Lorde Rahl falou que matou os Mriswith. Lorde Rahl lutava pelo Guardiã. Se os Mriswith fossem criaturas malignas Lorde Rahl lutaria ao lado deles, não contra eles.

Os Mriswith disseram que o Andarilho dos Sonhos os enviou. O Criador aparecia para Tobias em seus sonhos. Tinha que ser isso; o Criador os enviou.

— Lunetta. — Tobias virou para ela. Ela estava encolhida atrás dele. — O Criador aparece para mim nos meus sonhos.

— Era isso que eles estavam tentando dizer quando falaram que aquele dos meus sonhos os enviou. Lunetta, o Criador enviou eles para ajudar a me proteger.

Os olhos de Lunetta ficaram arregalados. — O próprio Criador interferiu em nosso benefício para frustrar os planos do Guardião.

— O próprio Criador toma conta de você. Ele deve ter grandes coisas planejadas para você, Tobias.

Tobias pegou sua espada da neve e ficou ereto com um sorriso. — Sem dúvida. Tenho mantido os desejos Dele acima de tudo, e então Ele me protege. Rápido, devemos fazer como os mensageiros Dele disseram. Devemos partir para fazer o trabalho do Criador.

Enquanto andava com dificuldade pela neve, seguindo entre os corpos, ele levantou os olhos para ver uma forma escura saltar repentinamente na frente dele, bloqueando seu caminho.

— Bem, bem, Lorde General, indo a algum lugar? — Um sorriso ameaçador surgiu naquele rosto. — Quer lançar um feitiço em mim, feiticeira?

Tobias ainda estava com sua espada na mão, mas sabia que não seria rápido o bastante.

Ele se encolheu com o som do estalar de osso. O sujeito diante dele caiu de cara na neve aos seus pés. Tobias desviou o olhar para ver Galtero parado com um porrete sobre a figura inconsciente.

— Galtero, você fez por merecer o seu posto esta noite.

O Criador acabara e dar a ele um prêmio que não tinha preço, mostrando a ele, outra vez, que nada estava fora de alcance dos devotos. Felizmente, Galtero teve a presença de espírito de usar um porrete, e não uma lâmina.

Ele viu sangue saindo do golpe, mas também viu um suspiro de vida. — Ora, ora, mas essa está se mostrando uma noite muito boa. Lunetta, você tem um trabalho a fazer em benefício do Criador antes de curar esse aqui.

Lunetta se curvou ao lado da forma imóvel, encostando os dedos no cabelo castanho ondulado manchado de sangue. — Talvez eu deva fazer uma cura primeiro. Galtero ser mais forte do que ele pensa.

— Isso, minha querida irmã, não seria prudente, pelo menos não pelo que ouvi. A cura pode esperar.

Ele olhou para seu Coronel e fez um gesto apontando para os estábulos. — Os cavalos estão prontos?

— Sim, Lorde General, tão rápido quanto você.

Tobias puxou a faca que Galtero deu para ele. — Devemos nos apressar, Lunetta. O mensageiro falou que devemos escapar. — Ele agachou e rolou a figura inconsciente. — E então partiremos atrás da Madre Confessora.

Lunetta se inclinou chegando mais perto, olhando para ele. — Mas Lorde General, eu disse, a teia do mago esconde a identidade dela de nós. Não podemos ver os fios de uma teia como essa. Não vamos reconhecê-la.

Um sorriso distorceu a cicatriz no lado da boca de Tobias Brogan.

— Oh, mas eu vi os fios da teia. O nome da Madre Confessora ser Kahlan Amnell.

CAPÍTULO 18

Como havia temido, ela era uma prisioneira. Virou outra página depois de fazer a escritura apropriada no livro. Uma prisioneira da mais alta posição, uma prisioneira por trás de uma fechadura de papel, mas uma prisioneira apesar de tudo.

Verna bocejou enquanto escaneava a página seguinte, verificando os registros dos gastos do Palácio. Cada relatório requeria sua aprovação e tinha que ser marcado com suas iniciais para mostrar que a própria Prelada havia certificado os gastos.

Porque isso era necessário por ser um mistério para si, mas depois de assumir o cargo por alguns dias ela preferia evitar declarar seria desperdício de seu tempo, apenas para que Irmã Leoma, Dulcinia, ou Philippa desviassem os olhos e explicassem com um suspiro, evitando causar embaraço para a Prelada, porque isso realmente era necessário; e continuassem a explicar em grandes detalhes as horríveis consequências de não fazer uma coisa tão simples que dificilmente iria requerer qualquer esforço da parte dela, e seria um grande benefício para outros.

Podia antecipar a reação se ela declarasse que não se preocuparia em checar as contas: Ora, Prelada, se as pessoas não temessem que a própria Prelada estivesse preocupada o bastante para observar o bom andamento do trabalho delas, ficariam encorajadas a fraudar o Palácio. As Irmãs poderiam ser consideradas como tolas esbanjadoras sem bom senso. E então, por outro lado, se os pagamentos não fossem efetuados esperando pela autorização da Prelada, as famílias dos pobres trabalhadores ficariam famintas. Não gostaria que aquelas crianças ficassem com fome, gostaria, simplesmente porque você não queria prestar a eles a cortesia de aprovar o pagamento do trabalho duro que já tinham feito? Apenas porque não quer olhar para o relatório e ter o trabalho de colocar suas iniciais nele? Realmente gostaria que eles considerassem a Prelada tão insensível?

Verna suspirou quando observava o relatório de gastos para os estábulos: feno e grama, o ferrador de cavalos, a manutenção, reposição de pregos perdidos, reparo do estábulo depois que um garanhão despedaçou

parte dele, e reparo necessário depois que vários cavalos aparentemente entraram em pânico durante a noite, derrubaram uma cerca, e saíram em disparada pelo campo.

Ela teria que conversar com o pessoal do estábulo e insistir para que eles mantivessem uma ordem melhor debaixo do teto deles. Enfiou a pena no vidro de tinta, suspirou mais uma vez, e marcou suas iniciais na parte inferior da página.

Enquanto ela colocava as contas do estábulo no topo de uma pilha de outras contas que já havia conferido, marcado, e lançado no livro, alguém bateu na porta suavemente. Ela puxou outro papel da pilha de relatórios que ainda deveriam ser verificados, uma longa conta do açougueiro, e começou a verificar as figuras. Ela não tinha ideia do quanto era caro manter o Palácio dos Profetas.

Ouviu a batida suave novamente. Provavelmente era Irmã Dulcinia ou Phoebe querendo entregar outra pilha de relatórios.

Ela não estava colocando sua marca tão rápido quanto elas traziam. Como a Prelada Annalina conseguia fazer tudo isso? Verna esperava que não fosse Irmã Leoma, aparecendo novamente para relatar notícias de alguma calamidade que a Prelada havia causado por uma ação ou comentário não considerado. Talvez pensassem que ela estava ocupada demais e fossem embora se ela não atendesse.

Juntamente com sua antiga amiga, Phoebe, Verna havia nomeado Irmã Dulcinia como sua administradora. fazia sentido ter uma Irmã com a experiência de Dulcinia por perto. Isso também permitia que Verna ficasse de olho na mulher. A própria Dulcinia pediu o trabalho, citando seu... conhecimento dos assuntos do Palácio.

Ter as Irmãs Leoma e Philippa como... confiáveis conselheiras, pelo menos era útil para manter elas ao alcance da vista também.

Não confiava nelas. Na verdade, não confiava em nenhuma delas; não poderia se dar ao luxo de confiar. Verna tinha que admitir, porém, que elas provaram ser boas conselheiras que sempre mantiveram os melhores interesses da Prelada e do Palácio de forma meticulosa em primeiro lugar.

Ela ficava irritada por não conseguir encontrar erro algum nos conselhos delas.

A batida veio novamente, educada, mas insistente.

— Sim! O que foi?

A grossa porta abriu o suficiente para deixar passar a cabeça louca de Warren. Ele sorriu quando viu a expressão de raiva no rosto dela. Verna podia ver Dulcinia esticando o pescoço para olhar por cima dele, verificando o progresso da Prelada nas pilhas de papel. Warren colocou o resto do corpo para dentro.

Olhou ao redor na sala sombria, examinando o trabalho feito nela. Depois da batalha perdida que a predecessora dela teve com as Irmãs do Escuro, o escritório foi deixado em ruínas. Uma equipe de trabalhadores havia feito reparos apressados, colocando ele de volta em ordem o mais rápido possível para que a nova Prelada não sofresse com o inconveniente por muito tempo. Verna sabia o custo; tinha visto a relação dos gastos.

Warren caminhou até o lado oposto da pesada mesa de noqueira. — Boa noite, Verna. Você parece estar trabalhando duro. Assuntos importantes do Palácio, eu presumo, para estar acordada tão tarde.

Os lábios dela apertaram. Antes que ela conseguisse responder, Dulcinia aproveitou a oportunidade para enfiar sua cabeça, antes de fechar a porta atrás do visitante.

— Acabei de arrumar os relatórios do dia, Prelada. Gostaria de receber eles agora? Você deve estar quase para terminar os outros.

Verna exibiu um sorriso terrível quando dobrou o dedo fazendo sinal para sua ajudante. Irmã Dulcinia ficou desconfiada com a expressão dela.

Seus penetrantes olhos azuis varreram a sala, pousando sobre Warren, antes que ela entrasse, alisando para trás o cabelo cinzento com um gesto de submissão.

— Posso ajudar em alguma coisa, Prelada?

Verna cruzou os braços sobre a mesa. — Ora, é claro, Irmã, você pode. Sua experiência seria valiosa nesse assunto. — Verna tirou um relatório da pilha. — Gostaria que você fosse em uma missão até os estábulos imediatamente. Parece que temos problemas lá, e um pouco de mistério.

A Irmã Dulcinia ficou radiante. — Problemas, Prelada?

— Sim. Parece que faltam alguns cavalos.

Irmã Dulcinia inclinou-se um pouco para frente, baixando a voz com aquele jeito tolerante dela. — Se lembro bem do relatório do qual você falou, Prelada, os cavalos ficaram assustados com alguma coisa durante a noite e correram. Eles apenas ainda não apareceram, só isso.

— Sei disso, Irmã. Gostaria que o Mestre Finch explicasse como os cavalos que derrubaram a cerca dele conseguiram fugir correndo, e não foram encontrados.

— Prelada?

Verna levantou as sobrancelhas com uma expressão de surpresa. — Nós vivemos em uma ilha, não é mesmo? Como os cavalos podem não estar mais na ilha? Nenhum guarda viu eles galoparem sobre uma ponte. Pelo menos eu não vi nenhum relatório sobre isso. Nessa época do ano os pescadores estão lá fora no rio dia e noite, pescando, e mesmo assim não viram nenhum cavalo atravessar nadando. Então onde eles estão?

— Bem, tenho certeza que eles simplesmente saíram correndo, Prelada. Talvez...

Verna sorriu de forma indulgente. — Talvez o Mestre Finch tenha vendido eles, e simplesmente falou que eles fugiram para cobrir a perda deles.

Irmã Dulcinia ficou ereta. — Certamente, Prelada, você não gostaria de acusar...

Verna bateu com uma das mãos na mesa e levantou rapidamente. — Também estão faltando pregos. Será que os pregos também fugiram

correndo no meio da noite? Ou os cavalos decidiram colocá-los eles mesmos e dar um passeio?

Irmã Dulcinia ficou pálida. — Eu... bem, eu... eu vou...

— Você vai até os estábulos agora mesmo e diga ao Mestre Finch que se ele não tiver encontrado os cavalos do Palácio na hora em que eu decidir questionar sobre esse assunto novamente, o valor deles vai sair do pagamento dele e os pregos de seu esconderijo!

Irmã Dulcinia fez uma rápida reverência e saiu da sala apressada. Quando a porta fechou, Warren riu.

— Parece que está fazendo o trabalho muito bem, Verna.

— Não brinque comigo, Warren!

O sorriso desapareceu do rosto dele. — Verna, se acalme. São apenas um par de cavalos. O homem vai encontrá-los. Não vale a pena você ficar tão nervosa.

Verna piscou para ele. Encostou os dedos nas bochechas e realmente sentiu que elas estavam úmidas. Soltou um grunhido de cansaço e desabou na cadeira.

— Sinto muito, Warren. Não sei o que aconteceu comigo. Acho que estou apenas cansada e frustrada.

— Verna, nunca vi você assim, deixando que um monte de papéis idiotas façam você ficar tão nervosa.

— Warren, veja isso! — Ela mostrou o relatório. — Sou uma prisioneira aqui, aprovando o custo do reboque de estrume! Tem ideia de quanto estrume aqueles cavalos produzem? Ou de quanta comida eles comem, só para fazer todo aquele estrume?

— Bem, não, acho que teria que admitir que...

Ela pegou o relatório seguinte na pilha. — Manteiga...

— Manteiga?

— Sim, manteiga. — Verna observou o relatório. — Parece que ela estragou e tivemos que comprar noventa quilos para repor. Tenho que avaliar isso e determinar se o dono da leiteria pediu um preço justo e deve ser procurado no futuro.

— Deve ser importante checar esses assuntos.

Verna pegou o papel seguinte. — Pedreiros. Pedreiros para consertar o telhado sobre o salão de jantar que está com goteiras. E telhas. Um relâmpago quebrou telhas, disseram, e tiveram que arrancar dez metros quadrados e substituir. Foi preciso dez homens durante duas semanas, diz aqui. Eu tenho que decidir se esse foi o tempo certo, e aprovar o pagamento.

— Bem, se as pessoas fazem um trabalho, elas tem o direito de receber, não tem?

Ela esfregou um dedo no anel dourado. — Pensei que se algum dia eu tivesse o poder, haveria mudanças no modo como as Irmãs fazem o trabalho do Criador. Mas isso é tudo que faço, Warren: olhar relatórios. Estive aqui dia e noite lendo as coisas mais mundanas até que meus olhos fiquem dormentes.

— Isso deve ser importante, Verna.

— Importante? — Ela escolheu outro relatório com exagerada reverência. — Vamos ver... parece que dois de nossos rapazes ficaram bêbados e colocaram fogo em uma hospedaria... o fogo foi apagado... a hospedaria reclamou de alguns danos... gostariam que o Palácio os indenize. — Ela colocou o relatório de lado. — Vou ter uma conversa longa e bem alta com aqueles dois.

— Parece a decisão certa, Verna.

Ela escolheu outro relatório. — E o que temos aqui? Uma conta de costureira. Confeção de vestidos para as noivas. — Verna pegou outro. — Sal. Três tipos.

— Mas Verna...

Pegou outro. — E esse aqui? — Ela balançou o papel com falsa cerimônia. — Escavação de sepultura.

— O quê?

— Dois escavadores de sepultura. Querem receber por seu trabalho.
— Ela escaneou a pilha. — E posso adicionar que eles consideram sua habilidade bem alta, pelo preço que estão pedindo.

— Olha, Verna, acho que ficou presa aqui tempo demais e precisa e um pouco de ar fresco. Porque não vamos dar uma caminhada.

— Uma caminhada? Warren, eu não tenho tempo...

— Prelada, você esteve sentada aqui tempo demais. Precisa de um pouco de atividade.— Ele inclinou a cabeça enquanto girava os olhos em um gesto exagerado na direção da porta. — Que tal isso?

Verna olhou para a porta. Se Irmã Dulcinia fez o que ela mandou, então apenas a Irmã Phoebe estaria no escritório externo. Phoebe era sua amiga. Ela lembrou a si mesma que não podia confiar em ninguém.

— Bem... sim, acho que eu gostaria de caminhar um pouco.

Warren marchou dando a volta na mesa e levantou-a segurando no braço dela. — Oh, bom, então. Podemos ir?

Verna afastou o braço e lançou para ele um olhar cruel. Ela cerrou os dentes quando falou com uma voz suave. — Ora, sim, porque não.

Com o som da porta, Irmã Phoebe rapidamente levantou para fazer uma reverência. — Prelada... precisa de alguma coisa? Talvez um pouco de sopa? Um pouco de chá?

— Phoebe, já falei para você uma dúzia de vezes que não precisa fazer reverência cada vez que coloca os olhos em mim.

Phoebe fez outra reverência. — Sim, Prelada. — O rosto redondo dela ficou vermelho. — Quer dizer... sinto muito, Prelada. Me perdoe.

Verna reuniu sua paciência soltando um suspiro. — Irmã Phoebe, nos conhecemos desde que éramos noviças.

Quantas vezes fomos até as cozinhas juntas para esfregar panelas para...? — Verna olhou para Warren.

— Bem, não lembro para quê, mas o fato é que somos velhas amigas. Por favor, você pode tentar lembrar disso?

As bochechas de Phoebe tufaram com um sorriso. — Claro... Verna. — Ela se encolheu ao chamar a Prelada — Verna — mesmo se fosse uma ordem. Lá fora, no corredor, Warren perguntou por que mandavam elas esfregarem panelas.

— Eu disse que não lembro. — ela disparou enquanto olhava para o corredor vazio. — Do que se trata tudo isso?

Warren encolheu os ombros. — Apenas uma caminhada. — Ele mesmo checou o corredor, e então lançou outro rápido olhar para ela. — Pensei que talvez a Prelada pudesse gostar de visitar a Irmã Simona.

Verna perdeu um passo. Irmã Simona estivera em estado de desordem durante semanas, alguma coisa sobre sonhos, e foi mantida em um quarto protegido por escudos para que não machucasse a si mesma, ou algum inocente.

Warren se aproximou e sussurrou. — Fui visitá-la mais cedo.

— Por quê?

Warren balançou o dedo para cima e para baixo, apontando para o chão. As câmaras. Ele queria se referir às câmaras. Ela fez uma careta para ele.

— E como estava a pobre Simona?

Warren verificou o corredor a esquerda e a direita quando eles chegaram a um cruzamento, então olhou para trás novamente. — Elas não deixariam que eu a visse — ele sussurrou.

Do lado de fora, a chuva rugia em um aguaceiro. Verna puxou o xale dela por cima da cabeça e mergulhou no dilúvio, dançando por cima de poças, tentando andar nas pontas dos pés sobre as pedras colocadas na grama encharcada. Luz amarela das janelas ondulavam nas poças de água. Os guardas nos portões que conduziam até a área da Prelada fizeram reverência quando ela e Warren passaram trotando, seguindo até uma passarela coberta.

Do lado de dentro, sob o teto baixo, ela balançou a água do xale e colocou ele em volta dos ombros enquanto os dois recuperavam o fôlego. Warren balançou a água da chuva do manto. Os lados arqueados da passarela estavam protegidos apenas por ripas de madeiras cruzadas com videiras, mas a chuva não estava sendo lançada pelo vento, então estava seco o bastante. Ela espiou dentro da escuridão, mas não conseguiu ver ninguém. Era uma passagem até o prédio seguinte: a pequena enfermaria.

Verna desabou sobre um banco de pedra. Warren estava pronto para continuar, mas quando ela sentou, ele também o fez. Estava frio e o calor dele perto dela parecia agradável. O forte cheiro de chuva e terra molhada era refrescante depois de estar lá dentro tanto tempo. Verna não estava acostumada a ficar tanto ali dentro. Gostava de ambientes externos, pensava que o chão podia ser uma boa cama, as árvores e campos um belo escritório, mas agora essa parte da vida dela tinha acabado. Havia um jardim do lado de fora do escritório da Prelada, mas ela não tinha tempo para colocar a cabeça para o lado de fora para ver ele.

Ao longe, as batidas incessantes dos tambores continuavam, como a batida que anunciava a desgraça.

— Usei o meu Han. — finalmente ele falou. — Não sinto a presença de ninguém mais por perto.

— E você consegue sentir a presença de alguém com Magia Subtrativa, não é? — ela sussurrou.

Ele levantou os olhos no escuro. — Nunca pensei nisso.

— Do que se trata tudo isso, Warren?

— Acha que estamos sozinhos?

— Como eu poderia saber? — ela disparou.

Ele olhou ao redor novamente e engoliu em seco. — Bem, estive lendo bastante ultimamente. — Ele apontou na direção das câmaras outra vez. — Só pensei que deveríamos ver a Irmã Simona.

— Você já falou isso. Ainda não disse por quê.

— Algumas das coisas sobre as quais estive lendo foram sobre sonhos. — ela disse de forma sombria.

Ela tentou olhar dentro dos seus olhos, mas só conseguiu ver a forma escura dele. — Simona teve sonhos.

A coxa dele estava encostando na dela. Ele estava tremendo de frio. Pelo menos ela pensou que fosse por causa do frio.

Antes de perceber o que estava fazendo, ela colocou o braço em volta dele e encostou a cabeça dele no ombro.

— Verna. — ele gaguejou. — Me sinto tão sozinho. Tenho medo de conversar com qualquer pessoa. Sinto como se todos estivessem me observando. Tenho medo que todos perguntem o que estou estudando, e porque, e sob as ordens de quem. Só consegui ver você uma vez em três dias, e não tem mais ninguém com quem posso conversar.

Ela deu tapinhas nas costas dele. — Eu sei. Warren. Também queria conversar com você, mas estive tão ocupada. Tenho tanto trabalho para fazer.

— Talvez elas estejam dando trabalho a você para mantê-la ocupada e fora do caminho enquanto cuidam de seus... negócios.

Verna balançou a cabeça na escuridão. — Talvez. Também estou com medo, Warren. Não sei como ser Prelada. Tenho medo de levar o Palácio dos Profetas à ruína se não fizer coisas que precisam ser feitas. Tenho medo de dizer não para Leoma, Philippa, Dulcinia, e Maren. Elas estão tentando me aconselhar sobre como ser Prelada, e se realmente estiverem do nosso lado, então seus conselhos são verdadeiros. Se eu não aceitar, poderia estar cometendo um grande erro. Se a Prelada cometer um erro todos pagam por isso. Se não estiverem do nosso lado, bem, as coisas que me pedem para fazer não parecem poder causar qualquer mal. Que problema ler relatórios poderia causar?

— A não ser que seja para manter você distraída de algo importante.

Ela esfregou a costa dele novamente antes de se afastar. — Eu sei. Tentarei sair para dar mais *caminhadas* com você. Acho que o ar fresco está

me fazendo bem.

Warren apertou a mão dela. — Estou contente, Verna. — Ele levantou e alisou seu manto escuro. — Vamos ver como está Simona.

A enfermaria era um dos menores prédios na Ilha Halsband. As Irmãs podiam curar muitos dos ferimentos mais comuns com ajuda do Han, e doenças além do poder do dom delas geralmente terminavam rapidamente em morte, então a maioria da enfermaria hospedava alguns dos empregados mais velhos e fracos que passaram suas vidas trabalhando no Palácio dos Profetas, e agora não tinham mais ninguém para cuidar deles. Ali também era o lugar onde os insanos ficavam confinados. O dom tinha uso limitado nas doenças da mente.

Perto da porta, Verna enviou seu Han até uma lamparina e carregou-a com ela enquanto eles se moviam pelos simples corredores pintados em direção ao local onde Warren disse que Simona estava confinada. Apenas alguns dos quartos estavam ocupados, seus habitantes soltando roncos, respirações ofegantes, e tossidas que ecoavam pelos corredores sombrios.

Quando eles chegaram no fim do corredor que hospedava os velhos e fracos, tiveram que passar por uma série de três portas frágeis, cada uma protegida por teias poderosas de composição variada. Escudos, entretanto, poderiam ser quebrados por aqueles com o dom, até mesmo os insanos. A quarta porta era de ferro, com um ferrolho massivo protegido por um complexo escudo desenhado para desviar tentativas de abri-lo pelo outro lado com o uso de magia; quanto mais força aplicada, mais leve ficava a proteção do ferrolho. Havia sido colocado por três Irmãs, e assim não poderia ser quebrado por uma do outro lado.

Dois guardas ficaram atentos quando ela e Warren fizeram a curva no corredor. Eles baixaram as cabeças, mas não se afastaram da porta. Warren fez uma saudação para eles e fez um movimento com a mão para que eles levantassem o ferrolho.

— Sinto muito, filho, mas ninguém tem permissão para entrar.

Os olhos ferozes dela fixaram-se no guarda, Verna empurrou Warren para o lado. — É isso mesmo, *filho*? — Ele assentiu de modo

confiante.

— E quem deu essas ordens?

— Meu comandante, Irmã. Não sei quem deu as ordens para ele, mas deve ter sido uma Irmã de certa autoridade.

Fazendo uma careta, ela colocou o anel dourado na frente do rosto dele. — Mais autoridade do que isso?

Os olhos dele ficaram arregalados. — Não, Prelada. É claro que não. Me perdoe, não reconheci você.

— Quantos estão atrás dessa porta?

O ferrolho gerou um som metálico que ecoou descendo o corredor. — Apenas uma Irmã, Prelada.

— Tem alguma Irmã cuidando dela?

— Não. Elas foram dormir.

Logo que estavam do outro lado e fora do alcance dos ouvidos, Warren riu. — Acho que finalmente você achou alguma utilidade para esse anel.

Verna diminuiu a velocidade até parar, confusa. — Warren, como você acha que o anel foi parar naquele pedestal depois do funeral?

O sorriso de Warren continuou, mas bem leve. — Bem, vamos ver... — O sorriso finalmente desapareceu. — Não sei. O que você acha?

Ela balançou a cabeça. — Tinha um escudo de luz em volta dele. Não são muitos que conseguem tecer uma teia assim. Se, como você diz, a Prelada Annalina não confiava em ninguém mais além de mim, então em quem ela confiou para colocar o anel ali, e tecer uma teia assim em volta dele?

— Não consigo imaginar. — Warren levantou seu manto úmido nos ombros. — Ela mesma poderia ter feito a teia?

Verna levantou uma sobrancelha. — De sua pira funerária?

— Não, eu queria dizer que ela poderia ter feito a teia, e então alguém simplesmente colocou lá. Você sabe, como botar um feitiço em uma vara, para que alguém possa acender uma lamparina com ela. Vi Irmãs fazerem isso para que os criados pudessem acender lamparinas sem ter que carregar uma vela derramando cera quente nos dedos, ou no chão.

Verna levantou a lamparina mais alto para olhar dentro dos olhos dele. — Warren, isso é brilhante.

Ele sorriu. O sorriso desapareceu. — A pergunta continua: quem?

Ela baixou a lamparina. — Talvez algum dos criados em quem ela confiava. Alguém sem o dom para que ela não tivesse que se preocupar que pudesse ser... — Ela olhou para trás, pelo escuro corredor vazio. — Você sabe o que eu quero dizer. — Ele balançou a cabeça confirmando que entendia enquanto ela continuava. — Terei que dar uma olhada nisso.

Clarões de luz estavam saindo por baixo da porta para o quarto da Irmã Simona: silenciosas fagulhas de raios deslizavam através da abertura debaixo da porta. O escudo cintilava quando as fagulhas de luz o alcançavam, dissipando o poder com forças contrárias, aterrando a magia com um oposto. Irmã Simona estava tentando quebrar o escudo.

Uma vez que Irmã Simona estava louca, isso deveria ser esperado. A pergunta era, porque não estava funcionando?

Verna reconheceu o escudo em volta da porta como um escudo simples usado para manter jovens magos confinados quando estavam sendo teimosos.

Verna usou o seu Han e caminhou através do escudo. Warren seguiu atrás quando ela bateu. As fagulhas de luz que vinham por baixo da porta sumiram.

— Simona? É Verna Sauventreen. Lembra de mim, não é, querida? Posso entrar?

Não escutou nenhuma resposta, então Verna girou a maçaneta e abriu a porta devagar. Segurou a lamparina na frente, lançando sua luz amarelada adiante para quebrar a escuridão no interior. O quarto estava

vazio a não ser por uma bandeja com uma jarra, pão, e fruta, um palete, um pinico, e uma mulher suja encolhida em um canto.

— Me deixe em paz, demônio! — ela gritou.

— Simona, está tudo bem. Sou eu, Verna, e meu amigo, Warren. Não tenha medo.

Simona piscou com a luz, como se ela fosse o sol que tivesse acabado de levantar. Verna colocou a lamparina para trás, para não cegar a mulher.

Simona lançou um olhar. — Verna?

— Isso mesmo.

Simona beijou o dedo anelar dela uma dúzia de vezes, soltando agradecimentos e bênçãos ao Criador. Ela caiu de quatro no chão para agarrar a ponta do vestido de Verna, beijando também, várias vezes.

— Oh, obrigada por vir. — Ela levantou rapidamente. — Depressa! Temos que fugir!

Verna segurou os ombros da pequena mulher e fez ela sentar na cama. Com uma mão gentil ela empurrou para trás o tufo de cabelo cinzento.

A mão dela congelou.

Simona estava com uma coleira no pescoço. Era por isso que ela não conseguia quebrar o escudo. Verna nunca tinha visto uma Irmã usando um Rada'Han. Tinha visto centenas de garotos e homens jovens usando, mas nunca uma Irmã. Essa visão embrulhou o seu estômago. Ensinaram a ela que no passado sombrio, Rada'Han era colocado nos pescoços de Irmãs que perderam suas mentes. Ter alguém com o dom atormentado pela insanidade era como soltar um raio em uma praça de mercado lotada. Tinham que ser controlados. Mas assim mesmo...

— Simona, você está em segurança. Está no Palácio, sob o olho do Criador. Nada de mal vai acontecer a você.

Simona explodiu em lágrimas. — Tenho que fugir. Por favor, deixe que eu vá. Tenho que fugir.

— Porque você precisa fugir, minha querida?

A mulher enxugou lágrimas da sujeira em seu rosto. — Ele está vindo.

— Quem?

— Aquele que aparece nos meus sonhos. O Andarilho dos Sonhos.

— Quem é o Andarilho dos Sonhos?

Simona se encolheu. — O Guardiã.

Verna fez uma pausa. — Esse Andarilho dos Sonhos é o Guardiã?

Ela assentiu com tanta força que Verna pensou que o pescoço dela pudesse quebrar. — Às vezes. Às vezes, ele é o Criador.

Warren se aproximou. — O quê?

Simona se encolheu. — É você? Você é o escolhido?

— Eu sou Warren, Irmã. Um estudante, isso é tudo.

Simona encostou um dedo nos lábios rachados dela. — Vocês também deveriam fugir. Ele está vindo. Ele quer aqueles que tem o dom.

— Aquele nos seus sonhos? — Verna perguntou. Simona assentiu energicamente. — O que ele faz nos seus sonhos?

— Me atormenta. Me machuca. Ele.. .— Ela beijou o dedo anular freneticamente, pedindo a proteção do Criador.

— Ele diz que devo abandonar meu juramento. Ele me diz para fazer coisas. Ele é um demônio. Às vezes ele finge ser o Criador, para me enganar, mas sei que é ele. Eu sei.

Ele é um demônio.

Verna abraçou a mulher assustada. — É apenas um pesadelo, Simona. Não é real. Tente enxergar isso.

Simona quase balançou a cabeça quase separando-a do corpo. — Não! É um sonho, mas é real. Ele está vindo! Temos que fugir!

Verna sorriu de modo acolhedor. — O que faz você pensar isso?

— Ele me falou, ele falou. Ele está vindo.

— Não está vendo, querida? Isso foi apenas no sonho, não quando você está acordada. Não é real.

— Os sonhos são reais. Quando acordo, eu sei também.

— Você está acordada agora. Agora você sabe, querida? — Simona assentiu. — Como você sabe, quando está acordada, se ele não está dentro de sua cabeça para falar, como quando você sonha?

— Posso ouvir o alerta dele. — Ela olhou do rosto de Verna para o de Warren, e de volta para o dela. — Não estou louca. Não estou.

Não consegue ouvir os tambores?

— Sim, Irmã, nós ouvimos os tambores. — Warren sorriu. — Mas isso não é o seu sonho. São apenas tambores anunciando a chegada do Imperador.

Simona encostou o dedo no lábio novamente. — Imperador?

— Sim. — Warren a confortou. — o Imperador do Mundo Antigo. Ele está vindo fazer uma visita, só isso. É isso que são os tambores.

A sobrancelha dela curvou de preocupação. — Imperador?

— Sim. — Warren disse. — Imperador Jagang.

Com um grito selvagem Simona pulou para um canto. Gritou como se tivesse sendo esfaqueada. As mãos delas tremeram. Verna correu até ela, tentando segurar seus braços e acalmá-la.

— Simona, você está segura conosco. O que é isso?

— É ele! — ela gritou. — Jagang! Esse é o nome do Andarilho dos Sonhos! Me solte! Por favor deixe que eu vá antes que ele chegue!

Simona se afastou, correndo pelo quarto, lançando clarões de luz por toda parte. Isso rasgou a pintura das paredes como garras cintilantes. Verna e Warren tentou acalmá-la, tentou alcançá-la, tentou fazer ela parar.

Quando Simona não conseguiu encontrar jeito de sair do quarto, começou a bater a cabeça na parede. Simona era uma mulher pequena, mas parecia ter a força de dez homens.

No final, e com grande relutância, Verna foi forçada a usar o Rada'Han para obter o controle.

Warren curou a testa de Simona que sangrava depois que acalmaram ela. Verna lembrou de um feitiço que aprendeu para suar em garotos recém chegados ao Palácio, quando eles tinham pesadelos por terem sido tirados de seus pais, um feitiço para acalmar os medos e deixar a criança assustada dormir sem sonhar. Verna segurou o Rada'Han entre as mãos e enviou uma onda de seu Han dentro de Simona. Finalmente, a respiração ofegante dela diminuiu, ela ficou mole, e dormiu. Verna esperava que fosse um sono sem sonho.

Abalada, Verna encostou na porta depois que a fechou no quarto escuro. — Descobriu o que queria saber?

Warren engoliu em seco. — Temo que sim.

Essa não era a resposta que Verna esperava. Ele não falou mais nada. — Bem?

— Bem, não tenho tanta certeza de que Irmã Simona esteja louca. Não no sentido convencional, de qualquer modo. — Ele segurou na faixa na manga de seu manto. — Terei que ler mais. Poderia não ser nada. Os livros são complexos.

Avisarei a você o que eu encontrar.

Verna beijou o dedo dela, mas sentiu o estranho toque do anel da Prelada sob os lábios. — Querido Criador, — ela rezou bem alto, — mantenha esse jovem tolo em segurança, pois eu poderia agarrar sua cabeça calva e estrangulá-lo apenas com as mãos.

Warren girou os olhos. — Olha, Verna...

— Prelada. — ela corrigiu.

Warren suspirou e finalmente assentiu. — Acho que deveria contar a você, mas entenda que essa é uma ramificação muito antiga e obscura. As profecias estão cheias de ramificações falsas. Esta está duplamente comprometida, por causa de sua idade, e sua raridade. Isso a torna suspeita mesmo se não fosse o resto dela. Tem cruzamentos e recuos abundantes em tomos tão velhos, e não posso verificar eles sem meses de trabalho. Algumas das ligações estão obstruídas por ramificações triplas.

Recuar traçando por uma ramificação tripla enquadra falsas bifurcações nos galhos, e se alguma delas for tripla, bem, então o enigma criado pelas progressões geométricas por causa...

Verna colocou uma das mãos no braço dele para fazer ele ficar em silêncio. — Warren, eu sei disso. Entendo os graus de progressão e regressão enquanto eles se relacionam com variáveis randômicas em bifurcações de uma ramificação tripla.

Warren balançou a mão. — Sim, é claro. Esqueço que bom aluno você foi. Sinto muito. Acho que só estou falando bobagens.

— Fale logo, Warren. O que Simona disse que faz você pensar que ela pode não estar louca, *no sentido convencional*?

— Esse Andarilho dos Sonhos que ela mencionou. Em dois dos livros mais antigos tem algumas referências a *Andarilho dos Sonhos*.

Esses livros estão em péssimo estado, raramente são mais do que poeira, mas a coisa que me preocupa é que porque os livros são antigos, a menção do Andarilho dos Sonhos pode parecer rara para nós apenas porque temos somente dois dos textos, quando na verdade pode não ser nenhum pouco rara na época deles. A maioria dos livros daquele tempo foi perdido.

— Quanto tempo?

— Mais de três mil anos.

Verna levantou uma sobrancelha. — Da época da grande guerra? — Warren confirmou. — E quanto ao Andarilho dos Sonhos?

— Bem, é difícil entender. Quando eles mencionam isso, não é como uma pessoa, mas uma arma.

— Uma arma? Que tipo de arma?

— Não sei. O contexto também não é exatamente o de um objeto, é mais como uma entidade, embora pudesse ser uma pessoa.

— Talvez signifique o modo como uma pessoa é muito bom em alguma coisa; como um mestre da lâmina, da forma que geralmente são descritos, como uma arma, com respeito ou reverência?

Warren levantou um dedo. — É isso. É um jeito muito bom de descrever, Verna.

— O que os livros dizem que essa arma fez com essa habilidade?

Warren suspirou.— Não sei. Mas sei que o Andarilho dos Sonhos tem alguma ligação com as Torres da Perdição que finalmente dividiram os Mundos Antigo e Novo e os mantiveram separados pelos últimos três mil anos.

— Você quer dizer que os Andarilhos dos Sonhos construíram as torres?

Warren se aproximou. — Não. Acho que as torres foram construídas para deter eles.

Verna ficou rígida. — Richard destruiu as torres. — ela falou bem alto, sem querer. — O que mais?

— É tudo que sei, até agora. Até mesmo o que falei para você é amplamente conjectura. Não sabemos muito sobre livros do tempo da guerra. Por tudo que sei, isso poderia ser apenas uma história, e não algo real.

Verna girou os olhos para a porta atrás dela. — O que eu vi ali dentro pareceu real para mim.

Warren fez uma careta. — Para mim também.

— O que você queria dizer sobre ela não estar louca *no sentido convencional*?

— Não acho que Irmã Simona tenha sonhos desordenados e esteja imaginando coisas; acho que alguma coisa real aconteceu e foi isso que fez ela ficar do jeito que nós a vimos. Os livros insinuam ocorrências onde esse tipo de *mestre da lâmina* escorregou, e deixou o sujeito incapaz de separar os sonhos dele da realidade, como se a mente não conseguisse despertar completamente dos pesadelos, ou escapar do mundo ao redor quando dormia.

— Isso parece insanidade para mim, não ser capaz de distinguir o que é real do que não é.

Warren virou sua palma para cima. Uma chama surgiu logo acima da carne. — O que é realidade? Imaginei que havia uma chama, e meu *sonho* tornou-se real. Meu intelecto governa o que eu faço enquanto estou acordado.

Ela empurrou para trás uma mecha de cabelo castanho enquanto pensava alto. — Assim como o véu separa o mundo dos vivos do mundo dos mortos, existe uma barreira em nossas mentes que separa a realidade da imaginação, dos sonhos. Através da disciplina e nossa força de vontade nós controlamos o que é realidade para nós.

De repente ela levantou os olhos. — Querido Criador, essa barreira em nossas mentes é o que nos impede de usar nosso Han quando dormimos. Se não houvesse barreira, então a pessoa não teria controle intelectual do seu Han quando dorme.

Warren assentiu. — Nós temos o controle de nosso Han. Quando imaginamos, isso pode se tornar real. Mas a imaginação consciente é coberta pelas limitações do intelecto. — Ele se inclinou na direção dela, seus olhos azuis intensos. — A imaginação adormecida não possui virtualmente nenhuma dessas limitações. Um Andarilho dos Sonhos pode torcer a realidade. Aqueles que possuem o dom podem fazer acontecer.

—Uma arma, realmente. — ela sussurrou.

Ela segurou o braço de Warren e começou a descer o corredor. não importa o quanto o desconhecido fosse assustador, era um conforto ter pelo menos um amigo para ajudar. A cabeça dela girou com uma confusão de dúvidas e perguntas. Agora ela era a Prelada, dependia dela encontrar algumas respostas antes que os problemas chegassem ao Palácio.

— Quem morreu? — Warren perguntou finalmente.

— A Prelada e Nathan. — Verna falou distraidamente, porque era assim que os pensamentos dela estavam.

— Não, eles tiveram o ritual de funeral. Eu quero dizer, além deles.

Verna voltou de suas viagens mentais. — Além da Prelada e Nathan? Ninguém. Ninguém morreu faz um bom tempo.

A luz da lamparina dançou nos olhos azuis dele. — Então porque o Palácio contrata os serviços de cavadores de covas?

CAPÍTULO 19

Richard passou a perna por cima do flanco do cavalo dele, pousou sobre a neve pisoteada do terreno do estábulo, e entregou as rédeas para um soldado que esperava enquanto a companhia de duzentos soldados galopava atrás dele. Ele deu um tapinha no pescoço do cavalo enquanto os cansados Ulic e Egan desmontavam logo atrás. O ar frio da tarde estava cheio de nuvens geradas pela respiração de homens e cavalos. Os homens silenciosos estavam frustrados e desencorajados; Richard estava com raiva.

Ele tirou uma grossa luva e coçou a barba crescida de quatro dias enquanto bocejava. Estava cansado, sujo, e faminto, mas acima de tudo estava furioso. Os rastreadores que tinha levado com ele eram bons homens, General Reibisch falou para ele, e Richard não tinha motivo algum para contestar a palavra do General, mas não importava o quanto fossem bons, não eram bons o bastante. Richard também era um ótimo rastreador, e muitas vezes ele tinha descoberto rastros que outros deixaram passar, mas dois dias de forte tempestade tornaram o trabalho impossível e no final eles falharam.

Em primeiro lugar, isso não deveria ter sido necessário, mas havia deixado que fosse enganado. Seu primeiro pequeno desafio como um líder, e ele havia estragado isso. Nunca deveria ter confiado nos homens. Porque ele sempre estava pensando que as pessoas veriam o lado da razão e fariam a coisa certa? Porque ele sempre achava que as pessoas tinham o bem em seu interior e, se recebessem a chance, isso viria até a superfície?

Enquanto eles avançavam com dificuldade através da neve na direção do Palácio, suas paredes brancas e torres exibindo uma cor cinza no crepúsculo, ele pediu a Ulic e Egan que encontrassem o General Reibisch e perguntassem sobre qualquer outro desastre que poderia ter ocorrido enquanto ele estava fora. A Fortaleza observava ele do meio das sombras das montanhas, a neve parecia um escuro manto de aço azul em volta de seus ombros de granito.

Richard encontrou a Senhora Sanderholt ocupada com seu grupo de ajudantes no meio do barulho da cozinha e perguntou se ela conseguiria

alguma coisa para ele e seus dois guardas enormes comerem, um pedaço de pão seco, algum resto de sopa, qualquer coisa. Ela percebeu que ele não estava com humor para conversa e ofereceu um silencioso aperto em seu braço quando falou para ele descansar os pés enquanto ela providenciava. Ele seguiu até uma sala tranquila não muito longe da cozinha para sentar e descansar enquanto esperava que os outros voltassem.

Fazendo a curva no corredor até a porta da sala, Berdine caminhou até a frente dele. Ela estava usando sua roupa vermelha de couro. — E onde você esteve? — ela perguntou com um tom frio de Mord-Sith.

— Perseguindo fantasmas nas montanhas. Cara e Raina não disseram onde eu iria?

— Você não disse. — Os duros olhos azuis dela não se afastaram do olhar dele. — Isso é o que conta. Você não vai mais ficar perambulando sem me dizer para onde vai. Você entendeu?

Richard sentiu um calafrio percorrer sua medula. Não havia dúvida alguma sobre quem estava falando: não era Berdine, a mulher, e sim a Senhora Berdine, uma Mord-Sith. E não era uma pergunta; era uma ameaça.

Richard procurou recompor sua mente. Estava apenas cansado e ela estava preocupada com o Lorde Rahl. Estava imaginando coisas. Qual era o problema com ele? Provavelmente deu um susto nela quando ela acordou para descobrir que ele havia partido atrás de Brogan e sua irmã feiticeira. Ela possuía um péssimo senso de humor, talvez essa fosse a sua ideia de uma piada. Ele forçou um sorriso, e pensou em aliviar a preocupação dela.

— Berdine, sabe que gosto mais de você. Não pensei em outra coisa o tempo todo a não ser nos seus lindos olhos azuis.

Richard deu um passo na direção da porta. O Agiel dela levantou. Ela encostou a ponta dele no lado do portal, bloqueando o caminho dele. Nunca tinha visto Berdine mostrar um semblante tão sinistro.

— Fiz uma pergunta. Espero uma resposta. Não me faça perguntar novamente.

Dessa vez não havia desculpa para o seu tom ou suas ações. O Agiel estava bem na frente do rosto dele, e não estava ali por acaso. Pela

primeira vez ele estava vendo a verdadeira personalidade Mord-Sith dela, a personalidade que suas vítimas viram, o núcleo da natureza de sua terrível doutrinação, e não gostou nem um pouco. Por um instante, ele enxergou através dos olhos daquelas vítimas indefesas que ela teve na ponta de seu Agiel. Nenhum deles teve uma morte fácil como prisioneiro de uma Mord-Sith, e nenhum além dele sobreviveu a essa experiência.

De repente ele viu com arrependimento sua fé nessas mulheres, e sentiu uma pontada de desapontamento em sua confiança nelas.

Ao invés de um calafrio, dessa vez foi o calor da fúria que se espalhou pelos seus ossos. Percebeu que estava prestes a fazer algo do que poderia se arrepender, e imediatamente assumiu o controle de sua raiva, mas podia sentir a força da fúria em seu olhar.

— Berdine, tive que ir atrás de Brogan logo que descobri que ele tinha escapado, se eu queria ter alguma chance de encontrá-lo. Falei para Cara e Raina onde iria e levei Ulic e Egan comigo por causa da insistência delas. Você estava dormindo. Não vi necessidade de acordar você.

Ela continuou imóvel. — Você era necessário aqui. Temos muitos rastreadores e soldados. Temos apenas um líder. — A ponta do Agiel dela girou, parando na frente dos olhos dele. — Não me desaponte outra vez.

Foi preciso toda sua força de vontade para não se esticar e quebrar o braço dela. Ela afastou seu Agiel, junto com seu olhar zangado, e foi embora.

Dentro da pequena sala escura, ele jogou seu pesado manto de pele na parede ao lado da lareira estreita. Como ele poderia ser tão ingênuo? Elas eram víboras com presas, e ele permitiu que elas se enrolassem em seu pescoço. Estava cercado por estranhos. Não, não estranhos. Ele sabia o que eram as Mord-Sith; sabia algumas das coisas que os D'Harans tinham feito; sabia algumas das coisas que os representantes de algumas terras aqui tinham feito; e mesmo assim era tolo o bastante para acreditar que eles podiam fazer a coisa certa se tivessem chance.

Ele apoiou uma das mãos na moldura da janela e olhou para a escuridão lá fora, para as paisagens montanhosas, enquanto deixava o calor do fogo pequeno aquecê-lo. Ao longe, a Fortaleza do Mago parecia cair

sobre ele. Sentia falta de Gratch. Sentia falta de Kahlan. Queridos espíritos, ele queria abraçá-la.

Talvez ele devesse desistir dessa coisa toda. Poderia encontrar algum lugar nas Florestas onde nunca seriam encontrados. Os dois poderiam simplesmente desaparecer e deixar o resto do mundo defender-se por conta própria. Porque ele deveria se importar, eles não se importavam.

Zedd, preciso de você aqui para me ajudar.

Richard viu a luz espalhar-se pela sala na direção dele quando a porta abriu. Olhou por cima do ombro para ver Cara parada no portal. Raina estava logo atrás. As duas usavam suas roupas de couro e os sorrisos perversos. Ele não estava feliz.

— Lorde Rahl, fico feliz em ver sua bela pele de volta, inteira. — Com um sorriso forçado, ela jogou a trança loura para trás, por cima do ombro. — Sentiu saudade de nós? Espero que você não...

— Saiam.

O sorriso dela diminuiu. — O quê?

Ele caminhou em volta dela. — Eu disse, saiam. Ou vieram me ameaçar com um Agiel? Não quero olhar para suas caras de Mord-Sith agora. Saiam!

Cara engoliu em seco. — Não estaremos longe, se precisar de nós. — ela falou com uma voz baixa. Parecia que ele havia batido nela. Ela virou e levou Raina com ela rapidamente.

Assim que elas foram embora, Richard desmoronou em uma cadeira de couro estofado atrás de uma pequena mesa escura lustrosa com pernas em forma de garras. O cheiro amargo e fumacento da lareira disse a ele que aquilo era carvalho, uma escolha que ele mesmo teria feito em uma noite fria como essa. Ele empurrou a lamparina para o lado perto da parede onde estavam penduradas um grupo de pequenas pinturas de cenas do campo. A mais larga não era maior do que sua mão, mesmo assim cada uma delas conseguia retratar grandes vistas. Ele ficou olhando fixamente para suas cenas pacíficas, desejando que a vida pudesse ser tão simples quanto parecia nas pinturas idílicas.

Foi arrancado de seus pensamentos quando Ulic e Egan apareceram na porta junto com o General Reibisch.

O General bateu com um punho sobre o coração. — Lorde Rahl, estou aliviado em ver que voltou em segurança. Teve algum sucesso?

Richard balançou a cabeça. — Os homens que você enviou comigo eram tão bons quanto disse, mas as condições eram impossíveis. Conseguimos rastreá-los por alguns caminhos, mas eles subiram pela Rua Stentor, dentro do centro da cidade. Logo que fizeram isso, não havia como dizer que direção eles tomaram. Provavelmente para nordeste, de volta a Nicobarese, mas nós demos uma volta circulando toda a cidade de qualquer maneira, caso eles seguissem outra direção, e não conseguimos encontrar nenhum traço deles. Uma busca meticulosa de todas as possibilidades levou bastante tempo e deu bastante tempo para que a tempestade cobrisse os rastros deles.

O General soltou um grunhido enquanto pensava. — Interrogamos aqueles que eles deixaram para trás no Palácio. Ninguém sabia para onde Brogan foi.

— Eles poderiam estar mentido.

O dedão de Reibisch encostou na cicatriz no lado de seu rosto. — Aceite minha palavra, eles não sabiam para onde ele foi.

Richard não quis saber os detalhes do que ele tinha feito em seu nome. — Pelos sinais iniciais nós conseguimos identificar que havia apenas, sem dúvida o Lorde General Brogan, a irmã dele, e aquele outro.

— Bem, se ele não levou seus homens, então poderia parecer que ele simplesmente estava fugindo. Provavelmente você o assustou bastante, e ele só estava correndo para salvar sua vida.

Richard encostou um dedo na mesa. — Talvez. Mas gostaria de saber para onde ele foi, só para ter certeza.

O General encolheu os ombros. — Porque não colocou uma nuvem rastreadora nele, ou usou sua magia para seguir o rastro dele? Era isso que Darken Rahl fazia quando queria seguir alguém.

Richard sabia muito bem disso. Sabia o que era uma nuvem rastreadora, por ter sido perseguido. Tudo isso tinha começado quando Darken Rahl colocou uma nuvem rastreadora nele para que pudesse chegar e capturá-lo para recuperar o Livro das Sombras Contadas. Zedd colocou Richard sobre a pedra do mago para remover a nuvem. Embora tivesse sentido a magia fluindo através de si mesmo, Richard não sabia como ela funcionava.

Também tinha visto Zedd usar um pouco do seu pó mágico para cobrir os rastros dele, para impedir que Darken Rahl fosse atrás deles, mas também não sabia como aquilo funcionava.

Richard realmente não queria abalar a fé do General Reibisch nele admitindo que não sabia a primeira coisa sobre magia; no momento ele não estava sentindo-se confortável com seus aliados.

— Você não pode colocar uma nuvem rastreadora em alguém quando tem um céu cheio de nuvens de tempestade. Não conseguiria identificar qual era a sua, para conseguir seguir ela. Lunetta, a irmã de Brogan, é uma feiticeira; ela usaria magia para obscurecer os rastros deles.

— Isso é uma pena. — O General coçou a barba, aparentemente acreditando no blefe. — Bem, a magia não é minha especialidade. Temos você para cuidar desse tipo de coisa.

Richard mudou o assunto. — Como estão as coisas por aqui?

O General sorriu maldoso. — Não tem uma espada na cidade que não seja nossa. Alguns deles não gostaram, mas logo que as alternativas foram explicadas claramente, todos nos acompanharam sem briga.

Bem, isso seria o bastante. — O Sangue da Congregação no Palácio em Nicobarese também?

— Eles terão que comer com os dedos. Não deixamos eles ficarem nem com uma colher.

Richard esfregou os olhos. — Bom. Você fez bem, General. E quanto aos Mriswith? Aconteceu mais algum ataque?

— Não desde aquela primeira noite sangrenta. Esteve realmente tranquilo. Ora, até consegui dormir melhor do que tenho feito durante semanas. Desde que você assumiu, nem mesmo tive qualquer um daqueles sonhos.

Richard levantou os olhos. — Sonhos? Que tipo de sonhos?

— Bem... — O General coçou a cabeça de cabelos cor de ferrugem. — Isso é estranho. Agora eu realmente não lembro. Eu tive esses sonhos que me deixavam muito inquieto, mas desde que você chegou eu não tive eles. Você sabe como acontece com sonhos, depois de algum tempo eles desaparecem e você não consegue lembrar deles.

— Eu acho. — Essa coisa toda estava começando a parecer como um sonho: um sonho ruim. Richard queria que tudo fosse isso mesmo. — Quantos homens perdemos quando os Mriswith atacaram?

— Aproximadamente trezentos.

Richard colocou a mão na testa quando sentiu seu estômago revirar. — Não pensei que fossem tantos corpos. Não tinha pensado que fossem tantos assim.

— Bem, isso inclui os outros.

Richard afastou a mão do rosto. — Outros? Que outros?

O General Reibisch apontou pela janela. — Aqueles lá em cima. Cerca de oitenta homens também foram cortados na estrada subindo perto da Fortaleza do Mago.

Richard girou e olhou pela janela. Apenas a silhueta da Fortaleza estava visível contra o profundo céu violeta. Será que os Mriswith estariam tentando entrar na Fortaleza? Queridos espíritos, se estivessem, o que ele poderia fazer a respeito? Kahlan disse que a Fortaleza estava protegida por feitiços poderosos, mas ele não sabia se as teias poderiam manter afastadas criaturas como os Mriswith. Porque eles poderiam querer entrar na Fortaleza?

Ele falou para si mesmo que não deveria deixar sua imaginação tomar conta; os Mriswith mataram soldados e outras pessoas por toda a

cidade. Zedd estaria de volta em poucas semanas e saberia o que fazer. Semanas? Não, seria mais do que um mês, talvez dois. Ele conseguiria esperar tanto tempo?

Talvez ele devesse ir dar uma olhada. Mas isso também poderia ser tolice. A Fortaleza era um lugar de magia poderosa, e ele não sabia nada sobre magia, a não ser que ela era perigosa. Ele estaria apenas procurando mais problemas.

Já tinha problema bastante. Mesmo assim, talvez ele devesse dar uma olhada. Isso poderia ser a melhor coisa a fazer.

— Seu jantar está aqui. — Ulic disse.

Richard virou. — O quê? Oh, obrigado.

A Senhora Sanderholt estava com uma bandeja de prata cheia de vegetais cozidos fumegantes, pão escuro com bastante manteiga, ovos temperados, arroz com creme, pedaços de carneiro, peras, molho branco, e uma caneca de chá com mel.

Com uma piscadela amigável, ela baixou a bandeja. — Como todo o seu jantar, vai fazer bem, e então descanse bem, Richard.

Na única noite que passou no Palácio das Confessoras ele havia dormido na câmara do Conselho, na cadeira de Kahlan. — Onde?

Ela encolheu os ombros. — Bem, você poderia ficar no... Ela fez uma pausa, recompondo-se. — Poderia ficar no quarto da Madre Confessora. É o melhor quarto no Palácio.

Ali era onde ele e Kahlan passariam sua lua de mel. — Não me sentiria bem com isso, nesse momento. Tem alguma outra cama que eu poderia usar?

A Senhora Sanderholt fez um gesto com uma das mãos enfaixadas. Agora as bandagens estavam menos volumosas, e mais limpas. — Subindo aquela ala, no final, pegue a direita e lá estão vários quartos para convidados. Não temos nenhum convidado agora, então pode escolher qualquer um.

— Onde estão as Mord... Onde Cara e suas duas amigas estão dormindo?

Ela fez uma careta e apontou na direção oposta. — Eu as conduzi até os quartos dos servos. Elas dividem um quarto lá.

Pelo que ele imaginava, quanto mais longe melhor. — Isso é muito bom, Senhora Sanderholt. Ficarei com um dos quartos de convidados.

Ela deu uma cotovelada em Ulic. — O que vocês, grandes rapazes, gostariam de comer?

— O que você tem? — Egan perguntou, com uma rara mostra de entusiasmo.

Ela curvou uma sobrancelha. — Porque vocês mesmos não vão até a cozinha e escolhem? — Ela viu os olhares deles para Richard. — É bem pertinho. Não ficarão longe dele.

Richard jogou os lados da capa negra de Mrs. With para trás, por cima dos braços da cadeira. Fez sinal com a mão para que eles fossem enquanto tomava uma colher do cozido de vegetais e um gole do chá. O General Reibisch bateu com um punho sobre o coração e desejou boa noite. Richard agradeceu a saudação balançando o pão.

CAPÍTULO 20

Foi um alívio estar sozinho finalmente. Estava cansado das pessoas ficarem prontas para saltar se ele desse um comando.

Ainda que ele tivesse tentado deixar os soldados à vontade, eles estiveram apreensivos com ele por perto, parecendo temer que ele os derrubasse com magia se falhassem em encontrar os rastros de Brogan. Mesmo quando não conseguiram e ele falou que entendia, isso não os fez relaxar. Somente perto do fim eles relaxaram um pouco, mas ainda observavam ele constantemente para o caso dele sussurrar uma ordem que pudessem deixar passar. Ficar cercado por pessoas que tinham tanto medo dele o deixava inquieto.

Sua mente fervia pensando em problemas enquanto engolia o cozido. Mesmo se ele não estivesse com a metade da fome que tinha isso não poderia ter gosto melhor; não havia sido preparado recentemente, mas ficou fervendo em fogo brando por um bom tempo, concedendo a ele a rica mistura de sabores que ingrediente algum, a não ser o tempo, poderia adicionar.

Quando ele levantou os olhos de sua caneca de chá, Berdine estava na porta. Os músculos dele ficaram tensos. Antes que pudesse dizer a ela para ir embora, ela falou.

— A Duquesa Lumholtz, de Kelton, está aqui para falar com Lorde Rahl.

Richard sugou um pouco de cozido de seus dentes enquanto mantinha os olhos em Berdine. — Não estou interessado em falar com peticionários.

O avanço de Berdine foi bloqueado pela mesa. Ela jogou a trança castanha para trás por cima do ombro. — Você vai falar com ela.

As pontas dos dedos de Richard tocaram nas familiares fendas e arranhões no cabo de sua faca, no cinto.

— Os termos de rendição não estão abertos para discussão.

Berdine plantou os punhos na mesa e inclinou na direção dele. O Agiel dela, na ponta da fina corrente em seu pulso, girou em volta da sua mão. Os olhos azuis dela estavam frios. — Você vai falar com ela.

Richard podia sentir o rosto esquentando. — Já dei minha resposta. Não vai ter nenhuma outra.

Ela não recuou. — E eu dei minha palavra de que você falaria com ela. Você vai falar com ela.

— A única que escutarei de representantes de Kelton é uma rendição incondicional.

— E isso é o que você deverá escutar. — A voz melodiosa veio de uma silhueta logo atrás do portal. — Se você concordar em me escutar. Não vim aqui fazer nenhuma ameaça, Lorde Rahl.

No tom suave e humilde dela, Richard podia notar a hesitação causada pelo medo. Isso fez ele sentir uma leve pontada de compaixão.

— Faça a Senhora entrar... — O olhar dele voltou para Berdine. — e feche a porta quando for seguir seu caminho para cama. — Ele não deixou nenhuma dúvida em seu tom de que aquilo era uma ordem, e não aceitaria transgressão.

Sem mostrar emoção, Berdine seguiu até a porta e esticou o braço como um convite. Quando a Duquesa caminhou para dentro do brilho da luz do fogo, Richard levantou. Berdine lançou um olhar vazio para ele e então fechou a porta, mas ele mal notou.

— Por favor, Duquesa Lumholtz, entre.

— Obrigada por me receber, Lorde Rahl.

Ele ficou mudo durante um momento, olhando para os olhos castanhos dela, seus lábios vermelhos curvilíneos, e sua espessa juba de cabelo negro, cachos dele emolduravam seu rosto liso brilhante. Richard sabia que em Midlands o comprimento do cabelo de uma mulher denotava sua posição social. O longo cabelo dessa mulher indicava uma alta posição.

O único cabelo que ele tinha visto que era maior foi o de uma Rainha, e acima desse, o da Madre Confessora.

Tonto, ele deu um suspiro, e de repente lembrou de sua educação. — Aqui, deixe que eu pegue uma cadeira.

Ele não lembrava da Duquesa ter essa aparência, possuindo tanta elegância pura e cativante, mas naquele momento, ele não estava tão perto. Lembrava dela pomposa, com brilho e pintura desnecessários, e um vestido que não era de modo algum simples e delicado, como aquele que ela usava agora, de seda cor de rosa suave fluindo levemente sobre os contornos de suas formas, complementando sua forma voluptuosa, apertado logo abaixo dos seios.

Richard grunhiu quando lembrou do último encontro deles. — Duquesa, sinto muito ter falado coisas cruéis para você na câmara do conselho. Você pode me perdoar? Eu deveria ter escutado; você só estava tentando me avisar sobre o General Brogan.

Quando mencionou o nome, pensou ter visto um flash de medo nos olhos dela, mas aquilo desapareceu tão rápido que não teve certeza. — Sou eu, Lorde Rahl, quem deveria pedir desculpas. Foi imperdoável interromper você diante dos representantes reunidos.

Richard balançou a cabeça. — Estava apenas tentando me avisar sobre aquele homem, e como acabou acontecendo, você estava certa. Gostaria de ter escutado.

— Foi erra de minha parte expressar minha opinião da maneira que fiz. — Um leve sorriso enfeitou os traços dela. — Apenas o mais galante dos homens tentaria fazer parecer o contrário.

Richard ficou vermelho quando ela o chamou de galante. Seu coração estava batendo tão rápido que teve medo que ela conseguisse ver as veias em seu pescoço pulsarem. Por alguma razão, ele imaginou seus lábios tocando o tufo solto de cabelo sedoso pendurado na frente da orelha delicada dela. Afastar seus olhos do rosto dela era quase doloroso.

Uma pequena voz de aviso estava soando no fundo de sua mente, mas ela estava sendo afogada no rugido da inundação de um rio de fortes

sensações. Com uma das mãos, ele segurou a gêmea de sua cadeira estofada e empurrou-a até a frente da mesa, oferecendo-a para ela.

— Você é muito gentil. — a Duquesa afirmou. — Me perdoe, por favor, se minha voz está menos firme. Esses dias tem sido difíceis. — Enquanto ela se movia na frente da cadeira, os olhos dela giraram para encontrar com os dele novamente. — E só estou um pouco nervosa. Nunca estive diante de um homem tão importante quanto você, Lorde Rahl.

Richard piscou, incapaz de desviar do olhar dela quando pensou que havia tentado. — Sou apenas um guia florestal que está muito longe de casa.

Ela riu, um som suave que transformou a sala em um agradável lugar aconchegante.

— Você é o Seeker. Você é o Mestre de D'Hara. — A expressão dela deslizava do divertimento para a reverência.

— Um dia você poderá governar o mundo.

Richard reagiu encolhendo os ombros. — Não quero governar nada, só que... — Ele pensou que poderia parecer um idiota. — Não vai sentar, por favor, minha Senhora?

O sorriso dela voltou, radiante, caloroso, e com tanto charme e ternura que ele ficou congelado em seu brilho. Podia sentir o doce calor da respiração dela no rosto dele.

O olhar dela continuava firme. — Me perdoe por ser tão apressada, Lorde Rahl, mas você deve saber que seus olhos deixam as mulheres loucas de desejo. Eu arriscaria dizer que você partiu o coração de cada mulher na câmara do conselho. A Rainha de Galea é uma mulher extremamente afortunada.

A testa de Richard franziu. — Quem?

— A Rainha de Galea. Aquela que será sua esposa. Tenho inveja dela.

Ele virou para longe dela quando ela sentou suavemente na ponta da cadeira dela. Richard deu um forte suspiro, tentando clarear sua cabeça zozna, e deu a volta na mesa para mergulhar em sua própria cadeira.

— Duquesa, fiquei muito triste ao ouvir sobre a morte de seu marido.

Ela desviou os olhos. — Obrigada, Lorde Rahl, mas não se preocupe comigo; eu sofro pouco pelo homem.

Não me entenda mal, não desejava nada de ruim para ele, mas...

O sangue de Richard esquentou. — Ele feriu você?

Quando ela olhou para longe com um balançar de ombros consciente, Richard teve que resistir com muito esforço contra a compulsão de segurá-la em seus braços e confortá-la. — O Duque tinha um temperamento horrível. — Os dedos graciosos dela esfregaram a pele macia na borda do manto felpudo. — Mas não era ruim quanto deve parecer. Raramente tinha que encará-lo; ele estava longe a maior parte do tempo, em uma cama ou outra.

Richard ficou de boca aberta. — Ele abria mão de você para ficar com outras mulheres? — O balançar de cabeça relutante dela confirmou que era verdade.

— Era um casamento arranjado. — ela explicou. — Embora ele tivesse sangue nobre, para ele isso significava uma ascensão em sua posição. Ele ganhou seu título ao se casar com o meu.

— O que você ganhou?

Os cachos ao lado do rosto dela balançaram quando ela levantou os olhos. — Meu pai ganhou um genro cruel para cuidar das propriedades da família, e ao mesmo tempo livrou-se de uma filha inútil.

Richard levantou parcialmente da cadeira. — Não diga tal coisa sobre si mesma. Se eu soubesse, teria providenciado para que o Duque tivesse uma lição... — Ele mergulhou na cadeira novamente. — Perdoe minha ousadia, Duquesa.

A língua dela molhou os cantos da boca distraidamente. — Se conhecesse você, quando ele me bateu, talvez eu tivesse sido ousada o bastante para buscar sua proteção.

Bateu nela? Richard queria ardentemente ter estado lá, para ter feito alguma coisa a respeito.

— Porque não deixou ele? Porque aguentaria isso?

O olhar dela buscou o fogo baixo na lareira. — Não podia. Sou a filha do irmão da Rainha. O divórcio em posições tão altas não é permitido. — De repente ela ficou vermelha com um sorriso proposital. — Mas escute minha conversa ridícula sobre meus problemas insignificantes. Me perdoe, Lorde Rahl. Outros tiveram problemas muito maiores em suas vidas do que um marido infiel com a mão pesada. Eu não sou uma mulher infeliz. Tenho responsabilidades com meu povo que me deixam ocupada.

Ela levantou um dedo fino, apontando. — Será que eu poderia tomar um pouco de chá? Minha garganta está seca por ficar preocupada pensando que você... — O vermelho surgiu outra vez nas bochechas dela. — Pensando que você cortaria minha cabeça por vir falar com você contra suas ordens.

Richard levantou rapidamente. — Vou pegar para você um pouco de chá que esteja quente.

— Não, por favor, não quero incomodá-lo. E apenas um gole é tudo que preciso, verdade.

Richard agarrou a caneca e ofereceu para ela.

Observou os lábios dela em volta da borda da caneca. Olhou para a bandeja, fazendo um esforço para colocar sua mente de volta ao trabalho.

— E qual é o assunto que você queria falar comigo. Duquesa?

Depois que ela tomou um gole, baixou a caneca, virando a alça de volta na frente dele, do jeito que ela estivera. Havia uma leve marca dos lábios dela na borda. — Essas responsabilidades sobre as quais falei para você. Você entende, a Rainha estava em seu leito de morte quando o Príncipe Fyren foi morto, e pouco tempo mais tarde ela morreu. O Príncipe,

embora tivesse incontáveis descendentes bastardos, não era casado e assim não tinha como manter a sucessão.

Richard nunca tinha visto olhos de um castanho tão suave. — Não sou um especialista em questões da realeza, Duquesa. Eu temo não ter acompanhado.

— Bem, o que estou tentando dizer é que com a Rainha e seu único descendente morto, Kelton está sem um monarca. Sendo a próxima na linha de sucessão, a filha do irmão morto da Rainha, eu vou substituir a Rainha de Kelton. Não há ninguém a quem eu precise consultar, para buscar conselho na questão de nossa rendição.

Richard se esforçou para manter sua mente nas palavras dela e não em seus lábios. — Quer dizer que você tem o poder de entregar Kelton?

Ela assentiu. — Sim, Vossa Eminência.

Ele sentiu os ouvidos ficarem quentes com o título que ela lhe deu. Ele pegou a caneca, tentando esconder o máximo de seu rosto vermelho quanto possível. Richard percebeu que havia colocado seus lábios onde os dela estiveram quando sentiu a marca apimentada na borda da caneca. Deixou a caneca parada durante algum tempo quando sentiu o suave sabor do mel deslizar por sua língua. Com a mão trêmula, ele colocou a caneca sobre a bandeja prateada.

Richard esfregou as palmas suadas nos joelhos. — Duquesa, você ouviu o que eu tinha para dizer. Nós lutamos pela liberdade. Se você se render a nós, não estará perdendo alguma coisa, mas ganhando. Sob nosso governo, por exemplo, seria um crime para um homem ferir sua esposa, do mesmo jeito que seria se ele ferisse um estranho na rua.

O sorriso dela teve uma ponta de censura. — Lorde Rahl, não tenho certeza se até mesmo você algum dia terá poder bastante para proclamar que isso seja uma lei. Em alguns lugares de Midlands é considerado natural que um homem mate sua esposa se ela o provocar com qualquer um dos pecados de uma lista. A liberdade apenas daria aos homens em toda parte o mesmo direito.

Richard passou um dedo pela borda de sua caneca. — Ferir um inocente, quem quer que ele seja, é errado. A liberdade não é um encorajamento para fazer o que é errado. As pessoas em alguma terras não deveriam ter que sofrer com atos que em uma terra vizinha são crime. Quando estivermos unidos, não haverá esses tipos de injustiças. Todas as pessoas terão as mesmas liberdades, e as mesmas responsabilidades, para viver por uma lei justa.

— Mas certamente você não pode esperar que ao proclamar tais costumes permitidos como fora da lei, eles vão parar.

— A moralidade vem de cima, como dos pais para uma criança. Então, o primeiro passo, é estabelecer leis justas e mostrar que todos nós devemos viver pelas suas máximas. Você nunca conseguirá acabar com todas as coisas erradas, mas se não houver punição, elas vão se proliferar até que a anarquia vestirá as roupas da tolerância e da compreensão.

Ela esfregou os dedos pelo delicado espaço na base do pescoço. — Lorde Rahl, as coisas que você diz me enchem de esperança pelo futuro. Rezo aos bons espíritos que você tenha sucesso.

— Então vai se juntar a nós? Vai entregar Kelton?

Os suaves olhos castanhos dela levantaram como se estivesse fazendo uma súplica. — Tem uma condição.

Richard engoliu em seco. — Eu disse que não haveria condições. Todos serão tratados do mesmo jeito, como eu falei. Como posso prometer igualdade se eu não viver de acordo com minha palavra e governo?

Ela molhou os lábios novamente enquanto o medo visitava seus olhos. — Entendo. — ela falou em um sussurro quase perdido em meio ao silêncio. — Me perdoe por pensar de forma egoísta em obter algo para mim mesma. Um homem de honra como você não poderia entender como uma simples mulher como eu poderia descer a tal nível.

Richard desejou enfiar sua faca no próprio peito por deixar que o medo assombrasse ela.

— Qual é a sua condição?

O olhar dela desviou para o colo junto com suas mãos cruzadas. — Depois do seu discurso, meu marido e eu estávamos quase em casa, e... — Ela fez uma careta enquanto engolia em seco. — Estávamos quase em casa em segurança quando fomos atacados por aquele monstro. Não consegui ver ele se aproximando. Estava segurando o braço de meu marido. Houve um brilho de aço. — Um gemido escapou da garganta dela. Richard teve que se conter para ficar em sua cadeira. — As entranhas do meu marido saltaram na minha frente. — Ela engoliu o choro. — A faca que o matou deixou três cortes em minha manga quando passou.

— Duquesa, eu entendo, não há necessidade de...

Ela ergueu uma mão trêmula, implorando silêncio para que pudesse terminar. Levantou a manga de seda do vestido para mostrar três cortes no antebraço. Richard reconheceu os três cortes da lâmina de um Mriswith. Nunca desejou saber usar o seu dom para curar tanto quanto naquele momento. Teria feito qualquer coisa para remover os terríveis cortes vermelhos do braço dela.

Ela baixou a manga, parecendo ler a preocupação no rosto dele. — Isso não é nada. Alguns dias e estará curado. — Ela tocou no peito, entre os seios. — É o que fizeram comigo aqui que não vai curar. Meu marido era um espadachim experiente, mas não teve mais chance do que teria contra aquelas criaturas. Nunca vou esquecer a sensação e ver o sangue quente dele escorrer na minha frente. Fico envergonhada em admitir que chorei inconsolavelmente até conseguir arrancar o vestido do meu corpo e lavar o sangue da minha carne. Desde então, com medo de acordar e pensar que ainda estou naquele vestido, tenho que dormir sem qualquer roupa de cama.

Richard desejou que ela tivesse usado palavras que não tivessem colocado uma imagem tão explícita em sua cabeça. Observou o subir e descer do vestido de seda. Fez um esforço para tomar um gole de chá, apenas para ser confrontado inesperadamente pela marca do lábio dela. Enxugou uma gota de suor atrás de sua orelha.

— Você estava falando sobre uma condição?

— Me perdoe, Lorde Rahl. Queria que entendesse meu temor, para que pudesse considerar minha condição. Eu fiquei tão assustada. — Ela

abraçou o próprio corpo, fazendo o vestido dobrar entre os seios dela quando eles se juntaram.

Richard olhou para a bandeja de jantar enquanto esfregava as pontas dos dedos na testa. — Entendo. A condição?

Ela se encheu de coragem. — Entregarei Kelton se você me oferecer sua proteção pessoal.

Richard levantou os olhos. — O quê?

— Você matou aquelas criaturas que estão lá na frente. Isso mostrou que ninguém além de você pode matá-los. Estou apavorada com aqueles monstros.

— Se eu me aliar a você, então a Ordem pode enviar eles atrás de mim. Se permitir que eu fique aqui sob a sua proteção até que o perigo acabe, então Kelton é sua.

Richard inclinou-se para frente. — Você só quer se sentir segura?

Ela assentiu recuando levemente, como se tivesse medo que ele cortasse sua cabeça por causa do que ela falasse em seguida. — Devo receber um quarto perto do seu, para que se eu gritar, você esteja perto o bastante para me ajudar.

— E...

Finalmente ela teve coragem para olhar nos olhos dele.

— E... nada. Essa é a condição.

Richard riu. A ansiedade parou de comprimir o peito dele. — Você só quer ficar protegida, do mesmo modo que meus guardas me protegem? Duquesa, isso não é uma condição, é simplesmente um mero favor, um desejo de abrigo contra nossos inimigos impiedosos perfeitamente razoável e adequado. Concedido. — Ele apontou. — Estou nos quartos de convidados, por aquele caminho. Todos estão vazios. Como nossa aliada, você é uma convidada honrada, e pode escolher. Pode ficar com algum bem ao lado do meu, se isso fizer você se sentir mais segura.

Antes ela nem ao menos tinha sorrido, em comparação com o brilho que agora surgia em seu rosto. As mãos dela cruzaram sobre os seios. Ela soltou um forte suspiro como se ficasse livre do maior dos medos. — Oh, Lorde Rahl, obrigada.

Richard afastou o cabelo da testa. — Como a primeira coisa amanhã, uma delegação, escoltada por nossas tropas, partirá para Kelton. Suas forças devem ser colocadas sob nosso comando.

— Colocadas sob... Sim, é claro. Amanhã. Eles receberão uma carta pessoal minha, e os nomes de todos os nossos oficiais serão informados. Assim Kelton se transforma em parte de D'Hara. — Ela baixou a cabeça, seus cachos negros deslizando pelas bochechas rosadas. — Estamos honrados em ser os primeiros a nos aliar. Kelton lutará pela liberdade.

Richard soltou um forte suspiro. — Obrigado. Duquesa... ou deveria chamá-la de Rainha Lumholtz?

Ela recostou na cadeira, os pulsos apoiados nos braços da cadeira, suas mãos penduradas. — Nenhum dos dois. — Uma perna subiu quando ela cruzou-a por cima da outra. — Deveria me chamar de Cathryn, Lorde Rahl.

— Cathryn, então, e por favor, me chame de Richard. Para ser franco, estou ficando cansado de todos me chamarem... — Quando olhou nos olhos dela, esqueceu o que iria dizer.

Com um leve sorriso, ela se inclinou para frente, um dos seios passando pela borda da mesa. Richard percebeu que ela estava sentada na beira da cadeira dele novamente enquanto ele observava ela enrolar um cacho de cabelo negro em um dedo. Ele se concentrou na bandeja de comida na sua frente em uma tentativa de controlar seus olhos.

— Richard, então. — Ela riu, um som que não era o de uma moça, mas rouco e feminino ao mesmo tempo, e de modo algum refinado. Ele prendeu a respiração, caso contrário soltaria um suspiro bem alto. — Não sei se conseguirei me acostumar em me dirigir a um homem tão poderoso quanto o Mestre de toda D'hara de modo tão íntimo.

Richard sorriu. — Talvez só precise de prática, Cathryn.

— Sim, prática. — ela falou com uma voz suave. De repente ela ficou vermelha. — Olhe para mim, tagarelado de novo. Esses seus belos olhos cinzentos realmente fazem uma mulher esquecer de si mesma. É melhor deixar você continuar seu jantar antes que ele fique frio. — O olhar dela fixou na bandeja entre eles. — Isso parece delicioso.

Richard deu um pulo. — Permita que eu mande trazer um pouco para você.

Ela afastou da borda da mesa, colocando os ombros de volta na cadeira. — Não, eu não poderia. Você é um homem muito ocupado, e você já foi tão gentil.

— Não estou ocupado. Só estava comendo um pouco antes de ir para cama. Pelo menos poderia sentar comigo enquanto eu como, e talvez dividir um pouco comigo? Aqui tem mais do que eu consigo comer, o resto simplesmente seria jogado no lixo.

Ela se aproximou dele outra vez, encostando na mesa. — Bem, isso realmente parece suntuoso... e se você não vai comer tudo... talvez só um pouquinho, então.

Richard sorriu. — Do que você gostaria? Cozido, ovos temperados, arroz, carneiro?

Com a menção de carneiro ela soltou um murmúrio de prazer. Richard empurrou o prato branco com bordas douradas pela bandeja. Ele não tinha nenhuma intenção de comer o carneiro; uma vez que quando o dom havia despertado, ele não conseguia comer carne. Alguma coisa a ver com a magia na hora em que o dom se manifestava, ou talvez fosse como as Irmãs disseram: toda magia deve ficar em equilíbrio. Já que ele era um mago guerreiro, talvez não conseguisse comer carne para compensar a matança que às vezes tinha que fazer.

Richard ofereceu a ela a faca e o garfo. Sorrindo outra vez, ela balançou a cabeça e com os dedos pegou um pedaço do carneiro. — Os Kelteanos possuem um ditado que diz que se algo for bom, nada deveria ficar entre você e a experiência.

— Então espero que esteja bom. — Richard ouviu a si mesmo falando. Pela primeira vez durante dias ele não se sentiu sozinho.

Com os olhos castanhos fixos nos dele, ela inclinou para frente sobre os cotovelos e deu uma delicada mordida. Hipnotizado, Richard esperou.

— Então... está bom?

Em resposta, os olhos dela giraram e as pálpebras dela fecharam enquanto ela encolhia os ombros e gemia em perfeito êxtase. Os olhos dela baixaram, restaurando a forte conexão. Sua boca envolveu a carne, e os dentes brancos perfeitos arrancaram um pedaço suculento. Os lábios dela estavam molhados. Ele imaginou que nunca tinha visto alguém mastigar tão lentamente.

Richard partiu o centro pastoso do pão em duas partes, dando a ela aquela que tinha mais manteiga. Com a casca, ele tirou um pouco de arroz. A mão dele fez uma pausa diante da boca quando ela tirou a manteiga com uma longa lambida.

Ela soltou um gemido de aprovação. — Adoro como ela fica macia e escorregadia na minha língua. — ela explicou em pouco mais do que um sussurro. Com os dedos brilhantes, ela colocou o pedaço de pão na bandeja.

Ela observou os olhos dele enquanto deslizava os dentes pelo osso, mordendo pela borda. Com pequenas mordidas e sugando, ela limpou o osso. O pedaço de pão esperava na frente da boca de Richard.

A língua dela deslizou pelos lábios. — O melhor que já provei.

Richard percebeu que seus dedos estavam vazios. Pensou que deveria ter comido o arroz até que viu a massa branca esparramada na bandeja abaixo dele. Ele caiu.

Ela tirou um ovo da tigela, pressionando seus lábios vermelhos em volta dele, e mordeu tirando a metade. — Humm. Delicioso. — Ela colocou a parte arredondada da outra metade nos lábios dele. — Aqui, experimente.

Sua superfície lisa tinha um gosto levemente amargo contra a língua dele e uma flexível sensação elástica. Ela o empurrou para dentro da

boca dele com um dedo. Era mastigar ou engasgar. Ele mastigou.

O olhar dela desviou dos olhos dele pousando na bandeja. — O que temos aqui? Oh, Richard, não me diga que... — Ela passou dois dedos em volta da tigela com as peras. Chupou o molho branco grosso do seu dedo indicador.

Um pouco da camada no outro dedo deslizou pela mão dela até o pulso. — Oh, sim. Oh, Richard, isso é fabuloso. Aqui.

Ela colocou o segundo dedo nos lábios dele. Antes que percebesse, ela estava com o dedo enfiado na boca dele. — Deixe ele limpo. — ela insistiu. — Esse não é o melhor que já experimentou? — Richard assentiu, tentando recuperar o fôlego depois que ela tirou o dedo. Ela inclinou o pulso. — Oh, por favor, lamba isso antes que caia no meu vestido. — Ele segurou a mão dela e colocou-a em sua boca. O gosto dela o deixava eletrizado. Encostar seus lábios na carne dela fez o coração dele bater dolorosamente.

Ela soltou uma risada. — Isso faz cócegas. Sua língua é áspera.

Ele soltou a mão dela, afastando-se da conexão íntima. — Sinto muito. — ele sussurrou.

— Não seja tolo. Eu não disse que não gostei. — Os olhos dela encontraram os dele. A luz da lamparina brilhou suavemente em um lado do rosto dela, a luz do fogo no outro. Ele viu a si mesmo passando os dedos pelo cabelo dela. A respiração dela combinava com a dele. — Eu gostei, Richard.

Ele também. A sala parecia estar girando. O som do nome dele nos lábios dela causaram ondas de euforia através dele. Com o maior dos esforços, ele levantou.

— Cathryn, está tarde, e eu realmente estou cansado.

Ela levantou lentamente, um movimento gracioso que evidenciou suas formas através do vestido sedoso. O controle dele ameaçou desmoronar completamente quando ela passou o braço em volta do dele, encostando bem. — Você mostre qual é o seu quarto?

Ele podia sentir o seio firme dela apertado contra seu braço enquanto a conduzia para o corredor. Ulic e Egan não estavam muito longe com seus braços cruzados. Um pouco mais adiante, de cada um dos lados do corredor, Cara e Raina levantaram. Nenhum dos quatro mostraram qualquer reação ao ver ele com Cathryn no seu braço. Richard não falou nada para eles enquanto seguiu para os quartos dos convidados.

Com grande insistência, a mão livre de Cathryn esfregava o ombro dele. O calor da carne dela contra ele o aquecia até os ossos. Ele não sabia se as suas pernas aguentariam o caminho todo.

Quando encontrou a ala com os quartos dos convidados, fez um gesto para que Ulic e Egan se aproximassem. — Façam turnos. Quero ter sempre um de vocês vigiando. Não quero que ninguém, ou qualquer coisa, entre nesse corredor esta noite. — Olhou para as duas Mord-Sith esperando no outro lado do corredor. — Isso inclui elas. — Eles não fizeram perguntas e juraram que assim seria antes que ficassem plantados.

Richard levou Cathryn descendo o corredor até a metade do caminho. Ela ainda estava acariciando seu braço. O seio dela ainda estava encostado nele.

— Acredito que este quarto servirá.

Os lábios dela se abriram enquanto seu peito pulsava. Seus dedos delicados agarraram a camisa dele. — Sim. — ela sussurrou ofegante. — este quarto.

Richard invocou cada pouquinho de força. — Ficarei com aquele do lado direto dele. estará segura aqui.

— O quê? — O sangue desapareceu do rosto dela. — Oh, por favor, Richard...

— Durma bem, Cathryn.

Ela aumentou a força do aperto no braço dele. — Mas... mas, você tem que entrar. Oh, por favor, Richard. Vou ficar com medo.

Ele apertou a mão dela quando retirou-a do seu braço. — Seu quarto é seguro, Cathryn, não fique preocupada.

— Poderia haver alguma coisa lá dentro, esperando. Por favor, Richard, entre comigo?

Richard sorriu de forma tranquilizadora — Não tem nada lá dentro. Eu poderia sentir se houvesse perigo por perto.

— Sou um mago, lembra? Está perfeitamente segura, e eu estarei apenas a alguns passos. Nada vai perturbar seu descanso, eu juro.

Ele abriu a porta, entregou a ela um lampião que estava em um suporte ao lado da porta, e colocou uma das mãos nas costas dela, fazendo ela entrar.

Ela virou e passou um dedo no meio do peito dele. — Verei você amanhã?

Ele afastou a mão dela e beijou-a do modo mais educado que conseguiu imaginar. — Conte com isso. Temos muito trabalho para fazer amanhã.

Fechou a porta do quarto dela e foi para o quarto seguinte. Os olhos das duas Mord-Sith não desviavam dele. Ele observou quando elas encostaram as costas na parede e escorregaram para sentar no chão. Cada uma delas cruzou as pernas, como se desejassem dizer que pretendiam ficar ali a noite toda, e cada uma segurou o Agiel com as duas mãos.

Richard olhou para a porta do quarto de Cathryn, seu olhar permaneceu por algum tempo. A pequena voz no fundo de sua cabeça estava gritando freneticamente. Ele abriu a porta de seu quarto puxando com violência. Lá dentro, encostou o rosto na porta fechada enquanto recuperava o fôlego. Ele se esforçou para fechar o ferrolho.

Desabou na beira da cama, colocando o rosto nas mãos. Qual era o problema com ele? Sua camisa estava molhada de suor. Porque ele teria esses pensamentos sobre essa mulher? Mas ele tinha. Queridos espíritos, ele tinha. Lembrou que as Irmãs da Luz acreditavam que os homens sofriam de necessidades incontroláveis.

Com esforço impressionante, ele tirou a Espada da Verdade de sua bainha, espalhando seu suave e claro som pelo quarto escuro. Richard encostou a ponta no chão e com as duas mãos segurou o cabo em sua testa,

deixando a fúria inundar ele. Sentiu sua tempestade de fúria através de sua alma, e desejou que isso fosse o bastante.

Em um canto escuro de sua mente, Richard sabia que estava em uma dança com a morte, e dessa vez sua espada não poderia salvá-lo. Também sabia que não tinha escolha.

CAPÍTULO 21

Irmã Philippa aumentou ainda mais a sua grande altura quando enrijeceu a costas, enquanto tentava olhar para baixo com seu fino nariz levantado sem fazer parecer que realmente estava fazendo isso. Mas ela estava.

— Certamente, Prelada, você não considerou esse assunto com profundidade bastante. Talvez se refletisse sobre ele mais um pouco perceberia que trezentos mil anos de resultados confirmam a necessidade.

Com o cotovelo sobre a mesa, Verna descansou o queixo sobre o punho enquanto estudava um relatório, tornando impossível olhar para ela sem ver o anel dourado com a figura de um raio de sol de seu cargo. Levantou os olhos só para ter certeza que Irmã Philippa estava, de fato, olhando para ela.

— Obrigada, Irmã, pelo seu sábio conselho, mas eu já considerei bastante o assunto. Não há necessidade de cavar mais dentro de um poço seco; isso apenas vai deixar você com mais sede, o que faz subir suas expectativas, mas não a água.

Os olhos escuros da Irmã Philippa e seus traços exóticos raramente mostravam emoção, mas Verna detectou a tensão nos músculos em sua mandíbula estreita.

— Mas, Prelada... não seremos capazes de verificar se um jovem está progredindo adequadamente, ou se aprendeu o bastante para ser liberado de seu Rada'Han. É o único jeito.

Verna fez uma careta para o relatório que estava lendo. Colocou ele de lado para tomar uma ação mais tarde e concentrou sua atenção totalmente em sua conselheira. — Quantos anos você tem, Irmã?

O olhar sombrio de Irmã Philippa não vacilou. — Quatrocentos e setenta e nove, Prelada.

Verna teve que admitir para si mesma que sentiu um pouco de inveja. A mulher raramente parecia mais velha do que ela, e ainda assim estava na casa de trezentos anos mais velha. Os vinte anos longe do feitiço do Palácio custou a Verna um tempo que jamais poderia recuperar. Ela nunca teria o tempo de vida para aprender o que essa mulher aprenderia.

— Quantos desses anos no Palácio dos Profetas?

— Quatrocentos e setenta, Prelada. — A inflexão no título era difícil de detectar, a não ser que alguém estivesse escutando atentamente. Verna estivera escutando atentamente.

— Então, você está dizendo, que o Criador concedeu a você cerca de quatrocentos e setenta anos para aprender o trabalho dele, para trabalhar com jovens e ensiná-los a controlar seu dom e tornaram-se magos, e em todo esse tempo, você falhou em conseguir definir a natureza de seus alunos?

— Bem, não, Prelada, isso não é exatamente o que...

— Está tentando me dizer, Irmã, que um Palácio todo cheio de Irmãs da Luz não é esperto o suficiente para determinar se um jovem, que esteve sob nossa responsabilidade e abrigo por quase duzentos anos, está pronto para avanço, sem sujeitá-lo a um brutal teste de dor? Você tem tão pouca fé nas Irmãs? Na sabedoria do Criador em nos escolher para fazer esse trabalho? Está tentando me dizer que o Criador nos escolhe, nos dá, coletivamente, milhares de anos de experiência, e ainda somos estúpidas demais para fazer o trabalho?

— Acho que talvez a Prelada esteja...

— Permissão negada. Esse é um uso obsceno do Rada'Han, causar esse tipo de dor. Pode despedaçar a mente de uma pessoa. Ora, jovens até mesmo morreram no teste.

— Vá dizer para aquelas Irmãs que eu espero que elas apresentem uma estratégia para realizar a tarefa sem sangue, vômito, ou gritos. Você pode até mesmo sugerir que elas tentem algo revolucionário, como... oh, não sei, talvez conversar com os jovens? A não ser que as Irmãs considerem

que seriam enganadas, e nesse caso eu gostaria que elas admitissem para mim em um relatório, para o registro.

Irmã Philippa ficou em silêncio durante um momento, provavelmente considerando se valia a pena mais discussão. De modo relutante, ela finalmente fez uma reverência. — Muito sábio, Prelada. Obrigada por esclarecer.

Ela virou para ir embora, mas Verna chamou-a de volta. — Irmã, eu sei como você se sente. Fui ensinada da mesma maneira que você, e acreditava assim como você. Um jovem com apenas cerca de vinte anos me ensinou o quanto eu estava errada.

— Às vezes o Criador escolhe trazer sua luz de modos que não esperamos, mas Ele realmente espera que estejamos prontas para receber sua sabedoria quando ela nos é apresentada.

— Você fala do jovem Richard?

Verna encostou um dedão nas bordas desordenadas da pilha de relatórios esperando por sua atenção. — Sim.

Ela abandonou seu tom oficial. — O que eu aprendi, Philippa, é que esses jovens, esses magos, serão lançados dentro de um mundo que irá testá-los. O Criador quer que determinemos se ensinamos eles a suportar com integridade a dor que eles verão, e sentirão. — Ela deu um tapinha no peito. — Aqui dentro. Devemos determinar se eles conseguem fazer as escolhas dolorosas que a luz do Criador às vezes exige. Esse é o significado do teste da dor. Então, a habilidade de suportar a tortura não nos diz nada sobre o coração deles, sua coragem, ou sua compaixão.

— Você mesma, Philippa, passou por um teste de dor. Você teria lutado para ser Prelada. Trabalhou centenas de anos na direção do objetivo de estar ao menos na disputa. Os eventos tiraram de você essa chance, e ainda assim você não me falou nenhuma palavra de amargura, embora deva sentir a dor toda vez que olha para mim. Ao invés disso, tem feito o melhor para me aconselhar no posto, e tem trabalhado no interesse do Palácio, independente dessa dor.

— Eu receberia um serviço melhor se tivesse insistido que você fosse testada pela tortura para se tornar minha conselheira? Isso teria provado alguma coisa?

As bochechas da Irmã Philippa estavam vermelhas. — Não vou mentir fingindo concordar, mas pelo menos agora entendo que você realmente esteve tirando terra do buraco, e não está simplesmente abandonando ele considerando que está seco porque não queria suar. Vou transmitir sua diretriz imediatamente, Verna.

Verna sorriu. — Obrigada, Philippa.

Philippa deixou transparecer um leve sorriso. — Richard criou mesmo uma onda de mudanças por aqui. Pensei que ele tentaria matar nós todas, e acabou se mostrando um amigo do Palácio maior do que qualquer mago em três mil anos.

Verna soltou uma risada. — Se ao menos soubesse quantas vezes tive que rezar para ter forças e não estrangular você.

Quando Philippa partiu, Verna conseguiu ver através da porta no escritório externo que Millie estava esperando permissão para entrara e fazer a limpeza. Verna se espreguiçou com um bocejo, pegou o relatório que tinha colocado de lado, e seguiu até a porta. Ela fez sinal para que Millie entrasse em seu escritório enquanto voltava sua atenção para suas duas administradoras, Irmãs Dulcinia e Phoebe.

Antes que Verna conseguisse falar, Irmã Dulcinia levantou com uma pilha de relatórios. — Se estiver pronta. Prelada, colocamos esses em ordem para você.

Verna pegou a pilha, aproximadamente com o peso de um recém nascido, e encostou-a em uma coxa. — Sim, está certo, obrigada. está tarde.

Porque vocês duas não vão dormir.

Irmã Phoebe balançou a cabeça. — Eu não me importo, Prelada. Gosto do trabalho, e...

— E amanhã tem outro longo dia dele. Não quero que vocês fiquem cochilando porque não dormiram o bastante.

Agora, vão, as duas.

Phoebe juntou um monte de papéis, provavelmente para levar até seu próprio escritório e continuar trabalhando.

Phoebe parecia pensar que elas estavam em uma corrida de papel; sempre que suspeitava que havia ao menos uma chance remota de Verna alcançá-la, ela trabalhava freneticamente, produzindo mais daquelas coisas, quase parecendo que fazia com magia. Dulcinia pegou sua xícara de chá da mesa, deixando os papéis. Ela trabalhava em um ritmo calculado, nunca fazendo grandes esforços para ficar na frente de Verna, mas ainda conseguia produzir pilhas de relatórios, organizados e com notas, quase ao mesmo tempo. Nenhuma delas precisava ter medo que Verna as alcançasse; cada dia deixava ela mais atrás.

As duas Irmãs se despediram, afirmando esperar que o Criador providenciasse um sono reparador para a Prelada.

Verna esperou que elas chegassem até a porta externa. — Oh, Irmã Dulcinia, tenho um pequeno assunto que gostaria que você cuidasse amanhã.

— É claro, Prelada. O que é?

Verna colocou o relatório que havia trazido sobre a mesa de Dulcinia onde ele pudesse ser a primeira coisa que ela veria quando sentasse de manhã. — Um pedido de auxílio de uma jovem e sua família. Um de nossos jovens magos está prestes a se tornar um pai.

Phoebe gritou. — Oh, isso é maravilhoso! Rezamos para que, com a bênção do Criador, ele seja um garoto, e tenha o dom. Não nasceu ninguém na cidade com o dom desde... Bem, nem consigo lembrar da última vez. Talvez dessa vez...

A expressão séria de Verna finalmente fez ela ficar em silêncio. Verna voltou sua atenção para Irmã Dulcinia. — Quero ver essa jovem, e o jovem responsável pela condição dela. Amanhã, você vai arrumar um encontro. Talvez os pais dela pudessem estar lá também, já que eles estão fazendo o pedido de auxílio.

Irmã Dulcinia, com uma expressão vazia no rosto, aproximou-se um pouco. — Tem algum problema, Prelada?

Verna levantou mais um pouco na coxa o monte de relatórios. — Eu diria que tem. Um de nossos jovens deixou a mulher grávida.

Irmã Dulcinia colocou a xícara de chá na ponta da mesa quando deu um passo chegando mais perto. — Mas Prelada, nós permitimos que nossos pupilos vão até a cidade exatamente por essa razão. Isso não apenas reduz seus impulsos para que possam se dedicar aos estudos, mas também, na ocasião, gera alguém com o dom.

— Não vou encorajar que o Palácio se intrometa na criação e nas vidas de pessoas inocentes.

Os olhos azuis de Irmã Dulcinia observaram Verna dos pés até a cabeça. — Prelada, os homens tem desejos incontroláveis.

— Eu também, mas com a ajuda do Criador consegui até agora me controlar para não estrangular ninguém.

A risada de Phoebe foi cortada por um olhar ardente da Irmã Dulcinia. — Prelada, os homens são diferentes. Não conseguem se controlar. Permitir essa simples diversão mantém suas mentes focadas em suas lições. O Palácio pode muito bem arcar com a recompensa. É um preço pequeno a pagar em vista do fato de que isso pode fazer que ganhem um jovem mago.

— A tarefa do Palácio é ensinar nossos homens jovens a usar seu dom de uma maneira responsável, com moderação, e conhecer muito bem as consequências de utilizar sua habilidade. Quando encorajamos que eles a agir de maneira exatamente oposta sem considerar os outros aspectos de suas vidas, isso prejudica nossas lições.

— Quanto ao resultado ocasional de alguém com o dom nascer como resultado dessas uniões indiscriminadas, não há evidência alguma de que isso seja proveitoso. Quem pode afirmar que se eles agissem com mais responsabilidade e controle, os resultados de uniões significativas no futuro não produziria mais do que uma simples porcentagem de descendentes com

o dom. Pelo que eu sei, a imprudência libidinosa deles poderia estar enfraquecendo sua habilidade de passar em frente o dom.

— Ou aumentando as suas chances, não importa o quanto elas sejam baixas.

Verna encolheu os ombros. — Talvez. Mas sei que aqueles pescadores lá fora no rio não passam sua vida toda pescando exatamente no mesmo lugar porque um dia eles pegaram um peixe ali. Uma vez que estamos conseguindo pegar poucos peixes, acredito que seja hora de mudar.

Irmã Dulcinia cruzou as mãos fazendo um esforço para ser paciente. — Prelada, o Criador abençoou as pessoas com sua natureza, desse jeito, e não há como alterar isso. Homens e mulheres vão continuar fazendo o que lhes dá prazer.

— É claro que vão, mas enquanto continuarmos pagando o preço pelos resultados, nós encorajamos mais isso. Se não houver consequências, então não haverá autocontrole. Quantas crianças cresceram sem o benefício de um pai porque damos ouro para as mulheres jovens grávidas? Esse ouro substitui a educação? Quantas vidas nós alteramos, em detrimento delas, com nosso ouro?

Dulcinia afastou as mãos, assustada. — Nosso ouro os ajuda.

— Nosso ouro encoraja as mulheres na cidade a agir de forma irresponsável, e deitar com nossos jovens porque isso significa uma vida de auxílio sem qualificações. — Verna balançou a mãos livre, indicando a cidade. — Estamos rebaixando essas pessoas com nosso ouro. Transformamos eles em pouco mais do que reprodutores.

— Mas temos usado esse método por milhares de anos para ajudar a aumentar aqueles com o dom que conseguimos encontrar.

— Dificilmente nasce alguém com o dom.

— Eu percebo isso, ma estamos no negócio de ensinar pessoas, não de procriação delas. Nosso ouro reduz eles a criaturas agindo pelo desejo do ouro, ao invés de pessoas tendo crianças por amor.

Irmã Dulcinia ficou muda por um momento com o golpe. — Como podemos ser vistas de forma tão cruel e sem coração ao negar a ajuda de um pouco de nosso ouro? Vidas são mais importantes do que ouro.

— Tenho visto os relatórios; dificilmente podemos chamar de um pouco de ouro. Mas isso não é a questão; a questão é que estamos reproduzindo as crianças do Criador como animais em uma fazenda, e fazendo isso, estamos reproduzindo o desprezo pelos valores.

— Mas nós ensinamos valores aos nossos jovens! Como a mais alta criação do Criador, as pessoas respondem ao ensinamento de valores porque possuem o intelecto para entender sua importância.

Verna suspirou. — Irmã, suponha que nós preguemos a honestidade, e ao mesmo tempo entreguemos alegremente uma moeda para cada mentira contada. Você arrisca dizer qual seria o resultado?

Irmã Phoebe cobriu a boca quando riu. — Eu arriscaria dizer que logo estaríamos sem moedas.

Os olhos azuis de Irmã Dulcinia estavam frios como gelo. — Não percebi que você era tão cruel, Prelada, para deixar as crianças recém nascidas do Criador ficarem famintas.

— O Criador deu seios para as mães delas para que pudessem alimentar suas crianças, não para que pudessem ganhar ouro do Palácio.

O rosto da Irmã Dulcinia ficou vermelho. — Mas, os homens tem desejos incontrolláveis!

A voz de Verna baixou. — O único momento em que os desejos dos homens realmente são incontrolláveis é quando uma feiticeira lança um *encanto*. Nenhuma Irmã lançou um feitiço de *encanto* sobre qualquer uma das mulheres na cidade. Preciso lembrar a você que se uma Irmã fizesse isso, com sorte ela seria colocada para fora do Palácio, se não fosse enforcada? Como você bem sabe, um *encanto* é o equivalente moral para um estupro.

O rosto de Dulcinia ficou branco. — Eu não estou dizendo...

Verna olhou para o teto, pensativa. — Como eu lembro, a última vez em que uma Irmã foi pega lançando um *encanto*, foi... o quê? Faz cinquenta anos?

O olhar da Irmã Dulcinia buscou refúgio mas não encontrou. — Foi uma noviça, Prelada, não uma Irmã.

Verna manteve os olhos em Dulcinia. — Você estava no tribunal, como eu também lembro. — Dulcinia assentiu. — E votou para enforcá-la. Uma pobre jovem que esteve aqui apenas durante poucos anos, e você votou para condená-la a morte.

— É a lei, Prelada. — ela falou sem levantar os olhos.

— É a máxima da lei.

— Outras deram o mesmo voto.

Verna assentiu. — Sim, elas votaram. Um empate, seis a seis. Prelada Annalina quebrou o impasse votando que a jovem fosse banida.

Os olhos azuis penetrantes de Irmã Dulcinia finalmente levantaram. — Eu ainda digo que ela estava errada. Valdora jurou uma vingança eterna. Jurou destruir o Palácio dos Profetas. Cuspiu no rosto da Prelada e prometeu que algum dia a mataria.

Verna curvou a sobrancelha. — Sempre imaginei, Dulcinia, porque você foi escolhida para estar no tribunal.

Irmã Dulcinia engoliu em seco. — Porque eu era instrutora dela.

— Verdade. Professora dela. — Verna estalou a língua. — Onde você imagina que a jovem aprendeu a lançar um *encanto*?

A cor voltou ao rosto da Irmã Dulcinia rapidamente. — Nunca conseguimos determinar isso com certeza.

Provavelmente com a mãe dela. Uma mãe geralmente ensina uma jovem feiticeira essas coisas.

— Sim, ouvi falar disso, mas eu não saberia. Minha mãe não era dotada; ela foi pulada. Sua mãe era dotada, se eu me lembro...

— Sim, ela era. — Irmã Dulcinia beijou seu dedo anelar enquanto sussurrava uma oração para o Criador, um ato particular de súplica e devoção feito frequentemente, mas raramente na frente de outros. — Está ficando tarde, Prelada. Não queremos segurar mais você.

Verna sorriu. — Sim, então, boa noite.

Irmã Dulcinia curvou-se fazendo uma reverência formal. — Como você ordenar, Prelada, amanhã cuidarei da questão da mulher grávida e do jovem mago, depois que esclarecer isso com Irmã Leoma.

Verna levantou uma sobrancelha. — Oh? E agora a Irmã Leoma está acima da Prelada, não é?

— Bem, não, Prelada. — Irmã Dulcinia gaguejou. — É só que Irmã Leoma gosta que eu... só pensei que você iria querer que eu informasse sua conselheira de sua ação... para que ela não fosse pega... desprevenida.

— Irmã Leoma é minha conselheira, Irmã, eu informarei a ela minhas ações, se eu considerar necessário.

O rosto redondo de Phoebe virou de uma mulher para a outra enquanto ela observava silenciosamente o intercâmbio.

— Como desejar, Prelada, assim será feito. — Irmã Dulcinia falou. — Por favor perdoe meu... entusiasmo, em assistir minha Prelada.

Verna encolheu os ombros, o melhor que podia com o monte de relatórios. — É claro, Irmã. Boa noite.

Felizmente, as duas partiram sem mais discussão. Resmungando consigo mesma, Verna carregou a pilha de relatórios para dentro de seu escritório e jogou na mesa ao lado daqueles que ainda tinha que verificar. Olhou para Millie, em um canto esfregando com um trapo um local onde ninguém jamais perceberia se ficasse assim pelas próximas centenas de anos.

O escritório fracamente iluminado estava silencioso a não ser pelo som do trapo de Millie e o resmungo dela mesma. Verna caminhou lentamente até a estante perto de onde a mulher estava de joelhos

trabalhando e passou um dedo pelos volumes sem realmente ver os títulos dourados nas lombadas gastas das capas antigas de couro.

— Como estão os seus velhos ossos esta noite, Millie?

— Oh, não me deixe assustada, Prelada, ou logo terei suas mãos em cima de mim tentando curar o que não pode ser curado. A idade, você sabe. — O joelho dela empurrou o balde mais perto enquanto sua mão continuava a esfregar outro ponto no tapete. — Todos nós envelhecemos. O próprio Criador deve ter feito isso intencionalmente, já que nenhum mortal pode curar isso.

Embora eu tenha mais tempo do que a maioria recebe, trabalhando aqui no Palácio, eu quero dizer. — A língua dela saltou no canto da boca quando ela aplicou mais força no pano. — Sim, o Criador me abençoou com mais anos do que eu saberei usar.

Verna nunca tinha visto a pequena mulher robusta de outro modo além de um firme estado de movimento. Mesmo enquanto ela falava, seu trapo esfregava a sujeira constantemente, ou um dedão esfregava um cantinho, ou uma das unhas coletava um fragmento de sujeira que ninguém mais conseguia ver.

Verna tirou um volume e abriu. — Bem, eu sei que a Prelada Annalina gostava de ter você por perto todos esses anos.

— Oh, sim, foram muitos anos. Minha nossa, muitos anos.

— Uma Prelada, eu acabei descobrindo, tem poucas oportunidades preciosas para fazer amizade. Foi bom que ela tivesse a sua. Tenho certeza que não encontrarei menor conforto em ter você por perto.

Millie resmungou uma praga para um relutante pedaço de sujeira. — Oh, sim, tivemos muitas conversas durante a noite. Minha nossa, mas ela era uma mulher maravilhosa. Sábia, e bondosa. Ora, ela escutava todos, até mesmo a velha Millie.

Verna sorriu enquanto virava distraidamente uma página no livro, um volume das leis arcanas de um reino morto fazia muito tempo. — Foi muita bondade sua ajudá-la, com o anel dela e a carta, eu quero dizer.

Millie levantou os olhos, um sorriso surgindo nos seus lábios finos. A mão dela havia parado de esfregar. — Ah, então você vai querer saber sobre isso, como todas as outras.

Verna fechou o livro rapidamente. — Outras? Que outras?

Millie mergulhou o trapo na água ensaboada. — As Irmãs. Leoma, Dulcinia, Maren, Philippa, essas outras. Você as conhece, eu tenho certeza. — Ela lambeu a ponta de um dedo e esfregou ele na madeira escura, concentrando-se em um ponto. — Acho que teve mais algumas, não lembro. A idade, você sabe. Todas vieram atrás de mim depois do funeral. Não juntas, se você quer saber. — ela falou com uma risada. — Sabe, cada uma delas sozinha, seus olhos observando as sombras enquanto perguntavam o mesmo que você.

Verna tinha esquecido seu fingimento com a estante. — E o que você falou para elas?

Millie enrolou o pano. — A verdade, é claro, do mesmo jeito que digo a você, se você se importar em escutar.

— Sim. — Verna disse, lembrando a si mesma para manter a ansiedade longe de sua voz. — Já que agora sou a Prelada, acho que deveria saber sobre isso. Porque não descansa um pouco, e me conta a história.

Com um grunhido de dor, Millie fez um esforço para levantar e virou os olhos para Verna. — Ora, obrigada, Prelada. Mas tenho trabalho para fazer, você sabe. Não gostaria que você ficasse pensando que sou uma preguiçosa, procurando trabalhar com minha língua ao invés do pano.

Verna deu um tapinha no ombro magro da mulher. — Não tenha medo disso, Millie. Conte sobre a Prelada Annalina.

— Bem, ela estava em seu leito de morte quando eu a vi. Também limpei o quarto de Nathan, você sabe, então foi quando a vi, quando fui até o quarto de Nathan. A Prelada não confiava em mais ninguém além de mim para entrar ali.

Não posso dizer que a culpa, embora o Profeta sempre fosse gentil comigo. A não ser quando ele começava a falar sobre uma coisa ou outra, gritando, você sabe. Não comigo, entenda, mas por causa de sua condição e

tudo, por estar trancado em seus aposentos durante todos aqueles anos. Isso cobra seu preço em um homem, eu suponho.

Verna limpou a garganta. — Imagino que foi difícil para você ver a Prelada naquela condição.

Millie colocou uma das mãos no braço de Verna. — Você não sabe. Partiu meu coração. Mas ela estava com seu estado de humor costumeiro, independente da dor.

Verna estava mordendo o lábio. — Você estava falando sobre o anel, e a carta.

— Oh, sim. — Millie girou os olhos, então se esticou e tirou um fio do ombro do vestido da Irmã Verna. — Deveria deixar que eu limpasse ele para você. Isso realmente não faz as pessoas pensarem...

Verna segurou a mão calejada da mulher. — Millie, isso é muito importante para mim. Poderia me falar sobre como você pegou o anel, por favor?

Millie sorriu como se pedisse desculpas. — Ann falou que estava morrendo. Ela foi bem direta. *Millie, estou morrendo*. Bem, eu estava chorando. Ela foi minha amiga por um longo tempo. Ela sorriu e segurou minha mão, do jeito que você fez agora, e disse que tinha uma última tarefa para mim. Tirou o anel do dedo e me entregou. Na minha outra mão, ela colocou aquela carta selada com cera e gravada com a marca do raio de sol do anel.

— Falou que quando o funeral dela estivesse acontecendo, eu deveria colocar o anel sobre a carta, no pedestal. Eu tinha que entrar ali. Ela falou para ter cuidado e não encostar o anel na carta até o último momento, ou a magia que ela colocou ao redor poderia me matar. Ela me avisou várias vezes para lembrar de ter cuidado para não encostar os dois até que tudo estivesse certo. Falou exatamente o que fazer, em qual ordem. Então foi o que fiz.

— Nunca mais a vi, depois que ela me deu o anel.

Verna ficou olhando fixamente através das portas abertas para o jardim que nunca teve tempo de visitar. — Quando foi isso?

— Essa é uma pergunta que nenhuma das outras vez. — Millie resmungou consigo mesma. Ela passou um dedo fino para frente e parar trás em seu lábio inferior. — Deixe-me ver. Faz um bom tempo. Foi antes do solstício de inverno. Sim, foi logo depois do ataque, no dia em que você partiu com o jovem Richard. Ele era um bom rapaz.

Agradável como um dia ensolarado, ele era. Sempre mostrava um sorriso de *como você está* para mim. A maioria dos outros rapazes nem me enxergavam, bem ali na frente dos seus olhos, mas o jovem Richard sempre me enxergava, ele enxergava, e também tinha palavras agradáveis para mim.

Verna escutava apenas parcialmente. Lembrou do dia que Millie falou. Ela e Warren saíram com Richard para ajudá-lo a atravessar o escudo que o mantinha preso ao Palácio. Depois que eles passaram através do escudo, foram até o povo Baka Ban Mana, e levaram todos eles até o Vale dos Perdidos, sua terra natal ancestral, uma terra natal da qual eles foram retirados três mil anos antes para que as torres que separavam o Mundo Antigo do Novo fossem erguidas. Richard precisou da ajuda da mulher espírito deles.

Richard tinha usado um poder inimaginável, não apenas Magia Aditiva, mas Subtrativa também, para destruir as torres, e limpar o vale, devolvendo ele para os Baka Ban Mana antes de seguir em uma desesperada missão para impedir o Guardião dos mortos de escapar através do portal e entrar no mundo dos vivos. O solstício de inverno veio e foi, então ela soube que ele teve sucesso.

De repente, Verna virou para Millie. — Isso foi quase um mês atrás. Bem antes dela morrer.

Millie assentiu. — Parece que é isso mesmo.

— Você quer dizer que ela entregou o anel quase três semanas antes que ela morresse? — Millie assentiu. — Porque tanto tempo?

— Ela disse que queria entregar ele para mim antes que ela fosse mais adiante, e não pudesse dizer adeus, ou não conseguisse fornecer as instruções adequadas.

— Entendo. E quando você voltou depois disso, antes que ela morresse, ela realmente foi tão rápido quanto imaginou?

Millie encolheu os ombros enquanto soltava um suspiro. — Aquela foi a única vez que eu a vi. Quando voltei para visitá-la, e para limpar, os guardas disseram que Nathan e a Prelada deixaram ordens estritas de que ninguém teria permissão para entrar.

Alguma coisa sobre Nathan não ser incomodado enquanto tentava fazer o melhor que podia para curá-la. Eu não queria que ele falhasse, então me afastei, tão silenciosamente quanto pude.

Verna suspirou. — Bem, obrigada por me contar, Millie. — Verna olhou para sua mesa, e a pilha de relatórios que esperava. — É melhor voltar para o meu trabalho também, ou todos pensarão que sou preguiçosa.

— Oh, isso é uma pena, Prelada. Uma noite tão linda e quente, você deveria desfrutar do seu jardim particular.

Verna grunhiu. — Tenho tanto trabalho a fazer que nunca coloquei o nariz lá fora para olhar o jardim particular da Prelada.

Millie andou na direção do balde, mas de repente virou. — Prelada! Acabei de lembrar de outra coisa que Ann falou.

Verna alisou o vestido nos ombros. — Ela falou mais alguma coisa? Alguma coisa que falou para as outras que esqueceu de me contar?

— Não, Prelada. — Millie sussurrou enquanto chegou mais perto. — Não, ela falou para mim, e disse para não contar para mais ninguém a não ser a nova Prelada. Por alguma razão, isso estava completamente fora de minha memória até esse momento.

— Junto com todo o resto, ela deve ter enfeitado a mensagem, para fazer você esquecer diante de todos a não ser a nova Prelada.

— Poderia ser isso. — Millie falou enquanto esfregava o lábio. Olhou dentro dos olhos de Verna. — Ann faria coisas desse tipo, às vezes. Às vezes, ela podia ser muito cuidadosa.

Verna sorriu sem humor. — Sim, eu sei. Eu também estive no lado que recebeu suas manipulações. Qual é a mensagem?

— Ela falou para dizer a você para ter certeza de não trabalhar duro demais.

Verna descansou uma das mãos na cintura. — Essa é a mensagem?

Millie assentiu quando inclinou chegando mais perto e baixou a voz. — E ela falou que deveria usar o jardim para relaxar. Mas então ela segurou meu braço e fez com que eu me aproximasse, olhando dentro dos meus olhos, e falou para também dizer a você para ter certeza de visitar o santuário da Prelada.

— Santuário? Que santuário?

Millie virou e apontou através das portas abertas. — Lá fora no jardim tem uma pequena construção aninhada nas árvores e arbustos. Ela chamava de santuário. Nunca estive lá dentro. Ela nunca permitia que eu entrasse ali para limpar. Ela mesma limpava, ela disse, porque um santuário era um lugar sacrossanto onde um corpo poderia ficar em paz, e onde mais ninguém colocava os pés. Ela entrava lá, de vez em quando, acho que para rezar pedindo orientação do Criador, ou talvez apenas para ficar sozinha. Ela falou para me certificar de dizer a você para ir até lá e visitá-lo.

Verna soltou um suspiro exasperado. — Parece a maneira dela dizer que eu precisaria da ajuda do Criador para vencer todo o trabalho com papéis. Ela realmente tinha um senso de humor distorcido, às vezes.

Millie riu. — Sim, Prelada, tinha mesmo. Distorcido. — Millie colocou as mãos nas bochechas vermelhas. — Que o Criador me perdoe. Ela era uma mulher bondosa. O senso de humor dela nunca pretendia causar mal.

— Não, acho que não.

Verna esfregou as têmporas enquanto andava até a mesa. estava cansada, e assustada com a possibilidade de ler mais daqueles relatórios adormecedores de mente. Ela parou e virou para Millie. As portas para o jardim estavam totalmente abertas, deixando entrar o ar fresco da noite.

— Millie, está tarde, porque não vai jantar, e descansa um pouco. O descanso é bom para ossos cansados.

Millie sorriu. — Verdade, Prelada? Não se importa que o seu escritório fique cheio de pó?

Verna riu. — Millie, estive em ambientes abertos durante tantos anos que acabei me acostumando com o pó.

— Está tudo bem, verdade. Tenha um bom descanso.

Enquanto Verna ficou em pé no portal para o jardim, olhando para a noite lá fora, para a luz da lua banhando o chão entre as árvores e videiras, Millie recolheu seus panos e o balde. — Então, boa noite para você, Prelada. Aproveite a visita ao seu jardim.

Ela escutou as portas fechando e a sala ficou silenciosa. Ficou sentindo a brisa morna úmida e inalou o aroma agradável das folhas, flores e da terra.

Verna deu uma última olhada para o seu escritório, e então deu um passo dentro da noite que aguardava.

CAPÍTULO 22

Verna respirou profundamente o ar úmido refrescante da noite. Era como um tônico. Podia sentir seus músculos relaxando enquanto andava por um caminho sinuoso estreito, entre montes de lírios, arbustos brilhantes, e arbustos com amoras, enquanto esperava que seus olhos se ajustassem com a luz da lua. Árvores espalhavam seus galhos densos, parecendo oferecer os galhos para que ela os tocasse, ou a doce fragrância de suas folhagens e flores para que ela cheirasse.

Embora fosse cedo demais para que a maioria das árvores estivesse com flores, no jardim da Prelada havia algumas raras que sempre floresciaam. Árvores baixas, retorcidas, que ficavam cheias de flores durante o ano todo, ainda que tivessem frutos apenas na estação apropriada. No Mundo Novo ela havia encontrado uma pequena floresta com árvores sempre floridas, e descobriu ser ali o lugar preferido dos esquivos fogos fátuos, frágeis criaturas que pareciam não ser nada mais do que fagulhas de luz, e que só eram visíveis durante a noite.

Depois que os fogos fátuos foram convencidos de suas intenções benignas, ela e as duas Irmãs com quem ela estivera naquele tempo passaram várias noites lá, conversando com os fogos fátuos sobre coisas simples e aprendendo sobre a natureza benevolente dos magos e Confessoras que guiavam a aliança de Midlands. Verna ficou feliz em aprender que o povo de Midlands protegia os lugares de magia, e permitia que as criaturas que habitavam neles vivessem suas vidas em solidão sem serem molestados.

Enquanto houvesse lugares intocados no Mundo Antigo onde criaturas mágicas residiam, eles não eram nem de perto tão numerosos ou tão variados quanto aqueles lugares maravilhosos no Mundo Novo. Verna aprendeu um pouco de tolerância com algumas daquelas criaturas. Que o Criador havia pulverizado o mundo com muitas maravilhas frágeis, e às vezes o maior desejo da humanidade era simplesmente deixar eles em paz.

No Mundo Antigo essa visão não era apoiada amplamente, e havia muitos lugares onde a magia foi colocada sob controle para que pessoas não

fossem feridas ou mortas por coisas não influenciáveis pela razão. Muitas vezes a magia podia ser... inconveniente. Durante muitos anos, o Mundo Novo ainda era um lugar selvagem, como o Mundo Antigo havia sido milhares de anos atrás, antes que o homem o tornasse um lugar seguro, um tanto quanto estéril, através de suas noções de gerenciamento.

Verna sentia saudade do Mundo Novo. Nunca sentiu-se tão em casa quanto sentiu lá.

Patos dormindo com suas cabeças dobradas para trás enfiadas debaixo das asas flutuavam na margem de um lago perto do caminho, enquanto sapos invisíveis coaxavam no meio dos juncos. Verna enxergava de vez em quando um morcego descer até a superfície da água para arrancar um inseto do ar. Sombras geradas pela lua dançavam pelos bancos gramados enquanto a brisa suave acariciava as árvores lá no alto.

Logo depois do lago, uma pequena trilha lateral seguia na direção de um grupo de árvores entre um bosque de arbustos que mal recebiam a luz da lua. De algum modo Verna sentiu que esse era o lugar que procurava, e saiu do caminho principal, na direção das sombras. O terreno aqui parecia ser governado pela natureza selvagem, em oposição ao visual bem cuidado da maior parte do jardim.

Através de uma abertura estreita na parede de espinhos, Verna encontrou uma pequena construção encantadora com quatro cumeeiras, a inclinação de cada um dos telhados descendo em uma curva suave até calhas que não ficavam mais altas do que sua cabeça. Uma enorme árvore Ginkgo Biloba projetava-se perto de cada cumeeira, seus galhos se entrelaçando logo acima. Uma roseira chegava até o chão perto das paredes, enchendo aquela aconchegante área delimitada com um odor perfumado. Havia uma janela redonda, alta demais para que fosse possível olhar através dela, sobre cada cumeeira.

Em um muro com formato triangular, onde o caminho terminava, Verna encontrou uma porta talhada de forma grosseira, com o topo arredondado, que exibia a figura de um raio de sol entalhado no centro. Havia um puxador, mas nenhuma fechadura. Um puxão não produziu movimento, nem mesmo um balançar. A porta estava protegida.

Verna passou os dedos pela borda, procurando sentir a natureza do escudo, ou sua fechadura. Sentiu apenas um calafrio que a fez recuar.

Ela liberou o seu Han, deixando que a luz a inundasse com seu calor e conforto familiar. Ela quase arfou com a glória de estar tão perto ao Criador. De repente o ar ficou cheio de milhares de odores; contra a pele dela parecia umidade, poeira, pólen, e sal do oceano; em seus ouvidos aquilo carregava os sons de um mundo de insetos, pequenos animais, e fragmentos de palavras carregadas por milhas em seus dedos voláteis. Ela escutou cuidadosamente buscando por quaisquer sons que pudessem entregar alguém perto, pelo menos alguém com nada mais do que Magia Aditiva. Não escutou ninguém.

Verna concentrou seu Han na porta diante dela. Sua sondagem lhe informou que toda a construção estava envolvida em uma teia, mas nenhuma que ela já tivesse sentido antes: tinha elementos de gelo entrelaçados com espírito. Ela nem ao menos sabia que gelo poderia ser entrelaçado com espírito. Os dois lutavam um contra o outro como gatos em um saco, mas ali estavam eles, os dois ronronando contentes, como se fosse natural que estivessem juntos. Ela não tinha nenhuma ideia de como esse tipo de escudo poderia ser rompido, muito menos desfeito.

Ainda unida com seu Han, um impulso lhe ocorreu, e ela se esticou, encostando a figura do raio de sol do anel naquela que estava na porta. A porta abriu silenciosamente.

Verna entrou e encostou o anel na figura do raio de sol entalhada na parte interna da porta. Ela fechou obedientemente. Com o Han ela conseguiu sentir o escudo fechar ao redor dela. Verna nunca tinha se sentido tão isolada, tão sozinha, tão segura.

Velas acenderam. Ela concluiu que deveriam estar ligadas ao escudo. A luz das dez velas, cinco em cada um dos castiçais em suportes, era mais do que suficiente para iluminar a parte interna do pequeno santuário. Os castiçais estavam cada um de um lado de um pequeno altar guarnecido com um pano branco costurado com linha dourada. Sobre o tecido branco repousava uma tigela perfurada, provavelmente para queimar plantas aromáticas. Uma almofada com bordados de ouro e franjas douradas estava no chão diante do altar.

Cada uma das quatro alcovas formadas pelas cumeeiras era apenas grande o bastante para a cadeira de aparência confortável que ocupava uma delas. Uma das outras guardava o altar, outra uma pequena mesa com um banco de três pernas, e a última, junto com a porta, um banco quadrado com uma almofada um pano cuidadosamente dobrado, provavelmente para o colo, já que deitar parecia estar fora de questão; a área no centro não era muito maior do que as alcovas.

Verna girou olhando ao redor, imaginando o que ela deveria fazer aqui. A Prelada Annalina havia deixado uma mensagem para certificar-se de que ela visitasse o lugar, mas por quê? O que ela deveria fazer aqui?

Ela desabou na cadeira, seus olhos varrendo as paredes facetadas que seguiam as entradas e saídas das pontas das cumeeiras. Talvez ela devesse vir até aqui para relaxar. Annalina conhecia o trabalho de ser Prelada; talvez ela simplesmente quisesse que sua sucessora conhecesse um lugar onde poderia ficar sozinha, um lugar para se afastar das pessoas que ficavam sempre trazendo relatórios. Verna tamborilou com os dedos no braço da cadeira. Provavelmente não.

Ela não estava com vontade de ficar sentada ali. Tinha coisas mais importantes para fazer. Havia relatórios esperando, e dificilmente eles começariam a ler a si mesmos. Com as mãos cruzadas atrás das costas, Verna caminhou, o melhor que podia, ao redor da pequena sala. Isso certamente era um desperdício de tempo. Finalmente ela soltou um suspiro exasperado e levantou a mão na direção da porta, mas parou antes de encostar o anel na figura do raio de sol.

Verna virou, observando por um momento, então levantou a saia e ajoelhou sobre a almofada. Talvez Annalina desejasse que ela rezasse por orientação. Uma Prelada deveria ser uma pessoa devota, embora fosse um absurdo pensar que alguém precisava de um lugar especial para rezar ao Criador. O Criador tinha criado tudo, todos os lugares eram seu lugar especial, então porque alguém precisaria de um lugar especial para buscar orientação? Um lugar especial jamais poderia se aproximar do significado do próprio coração. Nenhum lugar poderia se comparar com o ato de se unir ao Han dela.

Com um suspiro irritado, Verna juntou as mãos. Ela esperou, mas não estava com humor para rezar ao Criador em um lugar no qual ela estava com obrigação de fazer isso. Sentiu-se inquieta ao pensar que Annalina estava morta e ainda assim a manipulava. Os olhos de Verna giraram pelas paredes nuas enquanto as pontas dos pés tocaram no chão. Aquela mulher estava se esticando do mundo do além para se aproveitar de um momento final de controle. Será que ela não teve o bastante disso durante todos os anos em que foi Prelada? Alguém pensaria que isso seria o bastante, mas não, ela precisava ter tudo planejado para que até mesmo depois que estivesse morta, ela ainda pudesse...

Os olhos de Verna pousaram na tigela. Tinha alguma coisa no fundo, e não eram cinzas.

Ela se esticou e pegou um pequeno pacote enrolado em um papel e amarrado com um pedaço de fio. Girou ele nos dedos, inspecionando-o. Tinha que ser isso. Tinha que ser por causa disso que ela foi enviada aqui. Mas porque deixar isso aqui dentro? O escudo. Ninguém além da Prelada poderia entrar. Esse era o único lugar para colocar algo se você não quisesse que ninguém mais além da Prelada pudesse pegar.

Verna puxou as pontas e colocou o fio de volta na tigela. Colocando em sua palma, levantou o papel e olhou para o que estava dentro.

Era um livro de jornada.

Finalmente, o movimento retornou aos seus dedos e ela retirou o livro do papel para folhear as páginas. Brancas.

Livros de jornada eram objetos de magia, como a Dacra, que foram criados pelos mesmos magos que banharam o Palácio dos Profetas com a Magia Aditiva e Subtrativa. Ninguém desde, três mil anos, a não ser Richard, tinha nascido com Magia Subtrativa. Alguns aprenderam isso através da vocação, mas ninguém além de Richard havia nascido com ela.

Livros de jornada tinham a habilidade de transmitir mensagens; o que era escrito em um com a pena guardada na lombada dele apareceria em seu livro gêmeo por meio de magia. Tanto quanto elas podiam determinar, a mensagem escrita em um aparecia no gêmeo simultaneamente. Já que pena

também podia ser usado para apagar mensagens antigas, os livros nunca acabavam, e podiam ser usados repetidas vezes.

Eles foram carregados por Irmãs que saíram em jornadas para recolher garotos nascidos com o dom. Na maioria das vezes, as Irmãs tiveram que viajar através da barreira, através do Vale dos Perdidos, seguindo até o Mundo Novo para encontrar o garoto e colocar um Rada'Han em volta de seu pescoço para que o dom não o machucasse enquanto aprendia a controlar sua magia. Uma vez além da barreira não havia retorno para receber instruções ou orientações; uma jornada para fora e outra de volta era tudo que era possível para cada uma das Irmãs. Até agora. Richard havia destruído as torres e suas tempestades de feitiços.

Um garoto sem entendimento algum do dom não podia controlá-lo, e sua magia enviava sinais que podiam ser detectados por Irmãs no Palácio que eram sensitivas a esses tipos de distúrbios no fluxo do poder.

Não havia Irmãs suficientes com esse talento para arriscar enviá-las em jornadas, então outras eram enviadas, e elas carregavam um livro de jornada para conseguirem se comunicar com o Palácio. Se Irmãs fossem atrás do garoto, e alguma coisa acontecesse, se ele se mudasse, por exemplo, elas precisariam de orientação para encontrá-lo em sua nova posição.

É claro, um mago poderia ensinar o garoto a controlar o dom para evitar seus muitos perigos, e de fato esse era o melhor método, mas os magos nem sempre estavam disponíveis, ou dispostos. Há muito tempo as Irmãs estabeleceram um acordo com os magos no Mundo Novo. Na ausência de um mago, as Irmãs da Luz tinham permissão para salvar a vida de um garoto levando-o para o Palácio dos Profetas para treinamento no uso do seu dom.

Da parte delas, as Irmãs fizeram um juramento de nunca levar um garoto que tivesse um mago disposto a ensiná-lo.

Era uma trégua mantida por uma sentença de morte para qualquer Irmã que algum dia entrasse no Mundo Novo se o acordo fosse violado. A Prelada Annalina tinha violado esse acordo para trazer Richard até o Palácio. Verna foi o instrumento inconsciente da violação.

A qualquer momento poderia haver várias Irmãs saindo em uma jornada para buscar um garoto. Verna tinha encontrado uma caixa cheia de livros de jornada em seu escritório, amarrados juntos em pares. Os livros de jornada combinavam, cada um trabalhando apenas com o seu correspondente. Precauções sempre eram tomadas antes que uma jornada fosse iniciada; os dois livros eram levados até locais afastados e testados, apenas para ter certeza que uma Irmã não fosse enviada com o livro errado. Jornadas eram perigosas, era por isso que as Irmãs também sempre carregavam uma Dacra em sua manga.

Geralmente, uma jornada durava poucos meses, e em raras ocasiões elas duraram aproximadamente um ano. A jornada de Verna durou cerca de vinte anos. Nada assim já tinha acontecido, mas então, fazia três mil anos que alguém como Richard havia nascido. Verna perdeu vinte anos que jamais poderia recuperar. Tinha envelhecido no mundo exterior. Os vinte anos de envelhecimento que seu corpo sofreu representaria aproximadamente trezentos anos no Palácio dos Profetas. Não tinha entregue vinte anos na missão para a Prelada Annalina; na verdade foram cerca de trezentos anos.

Pior. Annalina sabia o tempo todo onde Richard estava. Mesmo que ela tivesse feito o que fez com objetivo de permitir que as profecias apropriadas pudessem ocorrer impedindo o Guardião, o fato de nunca ter falado para Verna de ser enviada para jogar fora todo esse tempo de sua vida como uma isca.

Verna censurou a si mesma. Ela não havia jogado nada fora. Estava fazendo o trabalho do Criador. Só porque ela não sabia de todos os fatos naquele tempo isso não se transformava em algo menos importante. Muitas pessoas trabalhavam em coisas sem sentido durante todas as suas vidas. Verna havia trabalhado em algo que salvou o mundo dos vivos.

Além disso, aqueles vinte anos talvez fossem os melhores anos de sua vida. Ela esteve lá fora no mundo por sua própria conta, com duas outras Irmãs da Luz, aprendendo sobre lugares estranhos e pessoas estranhas. Dormiu sob as estrelas, viu montanhas distantes, campos, rios, colinas, vilarejos e cidades que outras poucas pessoas tinham visto. Havia tomado suas próprias decisões e aceito as consequências. Nunca teve que ler relatórios; nunca tinha vivido no meio desse monte de relatórios. Não, não

tinha perdido nada. Havia ganho mais do que qualquer uma das Irmãs plantadas aqui durante trezentos anos jamais ganharia.

Verna sentiu uma lágrima cair em sua mão. Levantou o braço e enxugou a bochecha. Sentiu saudades de sua jornada. Todo aquele tempo que pensou que odiava ela, e somente agora percebeu o quanto aquilo significou. Virou o livro de jornada em suas mãos trêmulas, sentindo o tamanho e o peso familiares, a textura familiar do couro, as três pequenas protuberâncias familiares na parte superior da capa dianteira.

Levantou livro na altura dos olhos, observando sob a luz da vela. As três protuberâncias, o arranhão profundo na parte inferior da lombada, era o mesmo livro. Não podia se enganar com seu livro de jornada, não depois de carregá-lo durante vinte anos. Era o mesmo livro. Tinha olhado todos os livros na caixa em seu escritório, procurando por este, e não encontrou. Ele estava aqui.

Mas por quê? Levantou o papel no qual ele estivera embrulhado e tinha alguma coisa escrita nele. Segurou-o perto da vela para ler.

Proteja isso com sua vida.

Ela virou o papel, mas isso era tudo que dizia. Proteja isso com sua vida.

Verna conhecia a escrita da Prelada. Quando estivera em sua jornada para buscar Richard, e depois que o encontrou mas foi proibida de interferir com ele de qualquer maneira, ou usar sua coleira para ajudar a controlá-lo, e mesmo assim deveria trazê-lo de volta, um homem crescido, diferente de todos que já tinha recolhido, ela havia enviado uma mensagem furiosa para o Palácio: Eu sou a Irmã encarregada por esse rapaz. Essas diretrizes estão além da razão se não forem absurdas. Exijo saber o significado dessas instruções. Exijo saber sob que autoridade elas são dadas.

Tinha recebido de volta uma mensagem: Você fará como foi instruída, ou sofrerá as consequências Não pense em questionar as ordens do Palácio novamente.

De minha própria mão, a Prelada.

A mensagem de reprimenda que a Prelada enviou para ela estava gravada em sua memória. A letra dela estava gravada em sua memória. A mão que escreveu no pedaço de papel era a mesma.

Aquela mensagem tinha sido um espinho em sua carne, proibindo-a e fazer exatamente as coisas para as quais havia sido treinada.

Foi apenas quando estava de volta ao Palácio que descobriu que Richard tinha Magia Subtrativa, e se tivesse usado a coleira ele a mataria. A Prelada estava salvando sua vida, mas o fato de não ter sido informada a irritou novamente. Verna imaginou que isso era o que lhe incomodava mais: a Prelada não dizer por quê.

Ela entendeu, é claro. Havia Irmãos do Escuro no Palácio, e a Prelada não podia arriscar ou o mundo todo poderia ser consumido; mas emocionalmente isso ainda lhe atormentava. Razão e paixão nem sempre estavam em acordo. Como Prelada, estava começando a ver que às vezes você não conseguia convencer as pessoas da necessidade de algo, e a única opção era simplesmente dar uma ordem. Às vezes tinha que usar pessoas para fazer o que era preciso ser feito.

Verna jogou o papel na tigela e colocou fogo nele usando o Han. Observou ele queimar, apenas para ter certeza que foi totalmente reduzido a cinzas.

Verna apertou o livro de jornada, seu livro de jornada, com força em sua mão. Era bom tê-lo de volta. É claro, não era realmente dela, pertencia ao Palácio, mas tinha carregado ele por tantos anos que parecia ser dela, como um amigo antigo e familiar.

De repente o pensamento lhe ocorreu, onde estava o outro? Esse livro tinha um gêmeo. Onde estava o seu par? Quem estava com ele?

Olhou para o livro com um temor súbito. Estava segurando algo potencialmente perigoso, e mais uma vez Annalina não estava contando tudo. Era inteiramente possível que o par dele estivesse em posse de uma Irmã do Escuro. Poderia ser a maneira de Annalina dizer a ela para encontrar o seu gêmeo, e encontraria uma Irmã do Escuro. Mas como? Não poderia simplesmente escrever, *Quem é você, e onde você está?* no livro.

Verna beijou o dedo anelar, seu anel, e então levantou.

Proteja isso com sua vida.

Jornadas eram perigosas. Irmãs foram capturadas, e algumas vezes mortas, por pessoas hostis que estavam protegidas por sua própria magia. Nessas circunstâncias, apenas sua Dacra, uma arma semelhante a uma faca com habilidade de extinguir a vida instantaneamente, poderia protegê-la, se ela fosse rápida o bastante. Verna ainda estava com a sua na manga. Na parte de trás e seu cinto, Verna havia costurado uma bolsa para esconder o livro de jornada e manter ele em segurança.

Enfiou o pequeno livro em sua bolsa. Verna deu um tapinha no cinto. Era bom ter o livro de jornada de volta ali.

Proteja isso com sua vida.

Querido Criador, quem estava com o outro?

Quando Verna passou rapidamente pela porta até seu escritório externo, Irmã Phoebe deu um pulo como se alguém tivesse espetado uma varinha afiada em seu traseiro.

O rosto redondo dela ficou vermelho. — Prelada... você me assustou. Não estava em seu escritório... Pensei que tinha ido para cama.

O olhar de Verna observou a mesa cheia de relatórios. — Pensei ter dito a você que tinha trabalhado o bastante para um dia, e que fosse descansar um pouco.

Phoebe entrelaçou os dedos enquanto recuava. — Você disse, mas lembrei de algumas contas que tinha esquecido de verificar, e estava com medo que você as visse e me chamasse para prestar contas, então voltei correndo para checar os números.

Verna tinha que ir para um certo lugar, mas repensou em como planejava chegar ir até lá. Cruzou as mãos.

— Phoebe, como você faria uma tarefa que a Prelada Annalina sempre confiava para suas administradoras?

Os dedos da Irmã Phoebe se acalmaram. — Verdade? O que é?

Verna fez um gesto apontando na direção de seu escritório. — Estava lá ora no jardim, rezando por orientação, e me ocorreu que nesses dias de provação eu deveria consultar as profecias. Sempre que a Prelada Annalina fazia a mesma coisa, pedia às suas administradoras uma limpeza das câmaras para que não ficasse se sentindo incomodada por olhos curiosos observando sua leitura. Como você providenciaria que as câmaras fossem limpas para mim, como suas administradoras faziam para ela?

A jovem saltou nas pontas dos pés. — Verdade, Verna? Isso seria esplêndido.

Uma jovem certamente, Verna pensou, aborrecida, elas eram da mesma idade, mesmo que não aparentassem.

— Então, vamos lá. Eu tenho assuntos do Palácio para tratar.

Irmã Phoebe agarrou seu xale branco, jogando-o sobre os ombros enquanto corria para a porta.

— Phoebe. — O rosto redondo surgiu de volta no portal. — Se Warren estiver nas câmaras, diga para ele ficar. Tenho algumas perguntas, e ele seria a melhor pessoa para me indicar os volumes adequados. Isso vai economizar meu tempo.

— Está bem Verna. — Phoebe falou com uma voz sem fôlego. Ela gostava de trabalhar com papéis provavelmente porque isso fazia ela se sentir importante de um jeito que jamais sentiria até que tivesse outros cem anos de experiência, mas Verna tinha encurtado esse tempo indicando-a para ser administradora da Prelada. A possibilidade de cumprir ordens, porém, parecia ser muito mais interessante do que o trabalho com papéis. — Vou correndo na frente e farei com que elas estejam limpas no momento em que você chegar lá. — Ela sorriu. — Estou feliz em estar aqui, ao invés de Dulcinia.

Verna lembrou como ela e Phoebe costumavam ter essa disposição. Verna imaginou se realmente teve um temperamento tão imaturo quando Annalina enviou-a em sua jornada. Parecia que nos anos passados fora, havia ficado mais velha que Phoebe em algo mais além da aparência. Talvez ela simplesmente tenha tivesse aprendido mais no mundo lá fora, do que na vida enclausurada do Palácio dos Profetas.

Verna sorriu. — Quase parece uma de nossas antigas travessuras, não é?

Phoebe riu. — Com certeza parece, Verna. A não que não vai acabar com nós duas fazendo mil orações de penitência. — Ela disparou pelo corredor, sua saia e o xale esvoaçando.

No momento em que Verna chegou até coração do Palácio, até a porta arredondada de pedra com seis pés de espessura que conduzia até as câmaras entalhadas nas rochas sobre as quais estava o Palácio, Phoebe estava acabando de levar para fora seis Irmãs, duas noviças, e três rapazes. Noviças e homens jovens recebiam lições durante todas as horas do dia e da noite. Às vezes eram acordados nomeio da noite para assistir aulas, como aquelas lá embaixo nas câmaras. O Criador não se importava com horas; esperava-se que eles aprendessem que ao fazer o trabalho Dele, eles também não deveriam. Todos fizeram reverência juntos.

— As bênçãos do Criador sobre vocês. — Verna falou para o grupo. Estava prestes a pedir desculpas por expulsá-los das câmaras quando estavam ocupados, mas ela se conteve, lembrando a si mesma que era a Prelada e não precisava dar desculpas para ninguém. A palavra da prelada era lei, e era seguida sem questionamento. Mesmo assim, era difícil não explicar.

— Tudo limpo, Prelada. — Irmã Phoebe falou com um tom imponente. Phoebe inclinou a cabeça na direção da sala além. — A não ser aquele que você pediu para ver. Ele está em uma das salas menores.

Verna assentiu para sua assistente e então voltou sua atenção para as noviças, que estavam em um estado de surpresa, com os olhos arregalados. — E como vão os seus estudos?

Tremendo como as folhas de um Aspen trêmulo, as duas garotas fizeram reverência. Uma engoliu em seco. — Muito bem, Prelada. — ela gaguejou, seu rosto ficando vermelho.

Verna lembrou da primeira vez em que a Prelada falou com ela diretamente. Foi como se o próprio Criador tivesse falado. Lembrou do quanto o sorriso da Prelada significou para ela, como isso tinha apoiado e inspirado.

Verna se abaixou e, com cada um dos braços, abraçou uma das garotas. Ela beijou a testa de cada uma.

— Se algum dia precisarem de alguma coisa, não tenham medo de vir até mim, é para isso que estou aqui, e amo vocês como todas as crianças do Criador.

As duas garotas ficaram cheias de alegria, e fizeram reverências mais firmes na segunda vez. Os olhos arredondados delas observaram o anel de ouro no dedo dela. Como se isso tivesse feito com que lembrassem, elas beijaram seus dedos anelares, sussurrando uma oração ao Criador. Verna fez o mesmo. Os olhos delas ficaram arregalados com a visão.

Ela esticou a mão. — Gostariam de beijar o anel que simboliza a Luz que todas nós seguimos? — Elas assentiram com entusiasmo, ficando sobre um joelho, cada uma beijou o anel com a imagem do raio de sol.

Verna apertou cada um dos pequenos ombros. — Quis são os seus nomes?

— Helen, Prelada. — uma disse.

— Valery, Prelada. — falou a outra.

— Helen e Valery. — Verna não precisou lembrar de sorrir. — Lembrem, noviças Helen e Valery, enquanto houver outros, assim como as Irmãs, que sabem mais do que vocês, e ensinarão muitas coisas, não há ninguém mais perto do Criador do que vocês, nem mesmo eu. Todos somos crianças Dele.

Verna sentiu-se mais do que um pouco desconfortável por ser um objeto de veneração, mas sorriu e acenou enquanto o grupo descia pelo corredor de pedra.

Depois que tinham feito a curva em um canto, Verna pressionou a mão na fria placa de metal na parede, a placa que era a chave para o escudo protegendo as câmaras. O chão tremeu sob os pés dela enquanto a enorme porta arredondada começou a se mover. Era raro que a porta principal das câmaras estivesse fechada; a não ser em circunstâncias especiais, somente a Prelada já havia selado a entrada. Ela entrou nas câmaras enquanto a porta

fechava logo atrás, deixando-a no meio de um silêncio semelhante ao de uma tumba.

Verna olhou para as mesas gastas com papéis espalhados por cima, junto com alguns dos outros livros de profecias mais simples. As Irmãs estavam dando aulas. As lamparinas dispostas nas paredes de pedra entalhada faziam pouco para diminuir uma sensação de noite perpétua. Longas colunas de estantes espalhavam-se em ambas as direções entre pilares massivos que suportavam o teto com abóbada.

Warren estava em uma das salas dos fundos. As pequenas alcovas esburacadas eram restritas, e desse modo, tinham portas e escudos separados. A sala onde ele estava era uma que tinha as profecias mais antigas escritas em Alto D'Haran. Poucas pessoas conheciam Alto D'Haran, entre elas Warren, e a predecessora de Verna.

Quando entrou na luz das lamparinas, Warren, debruçado na mesa com os braços curvados, apenas levantou os olhos. — Phoebe falou que você queria usar as câmaras. — ele falou com uma voz distraída.

— Warren, preciso falar com você. Aconteceu alguma coisa.

Ele virou uma página no livro que estava na sua frente. Não levantou os olhos. — Sim, está certo.

Ela franziu a testa e puxou uma cadeira até a mesa ao lado dele, mas não sentou. Com um giro do pulso, Verna fez surgir uma Dacra em sua mão esquerda. A Dacra, com uma varinha prateada no lugar da lâmina, era usada do mesmo modo que uma faca, mas não era o ferimento que ela causava que matava; a Dacra era uma arma possuidora de magia antiga. Usada em conjunto com o Han de quem a empunhava, ela sugava a força de vida da vítima, independente da natureza do ferimento. Não havia defesa contra sua magia.

Warren olhou para cima com olhos vermelhos cansados e ela se inclinou chegando mais perto. — Warren, quero que fique com isso.

— Essa é uma arma das Irmãs.

— Você tem o dom, vai funcionar com você tão bem quanto funciona comigo.

— O que você quer que eu faça com isso?

— Proteja-se.

Ele fez uma careta. — O que você quer dizer?

— As Irmãs do... — Ela olhou para trás, para a sala principal. Mesmo se ela estivesse vazia, não havia como dizer o quão longe alguém com Magia Subtrativa podia ouvir. Ouviram a Prelada Annalina falar o nome delas. — Você sabe. — Ela baixou a voz. — Warren, embora tenha o dom, isso não vai proteger você contra elas. Isso vai. Não há proteção contra isso. Nenhuma. — Ela virou a arma em sua mão com graciosa habilidade, passando-a sobre os dedos enquanto girava. A cor prateada era um borrão na luz da lamparina. Ela segurou a lâmina parecida com um espeto e ofereceu o cabo para ele. — Achei algumas extras no meu escritório. Quero que fique com uma.

Ele balançou a mão mostrando desinteresse. — Não sei como manusear essa coisa. Só sei como ler os livros antigos.

Verna agarrou a gola do manto violeta dele e aproximou o seu rosto. — Apenas enfia isso nelas. Na barriga, no peito, costas, pescoço, braços, mãos, pés, não importa. Apenas enfia nelas enquanto estiver coberto pelo sei Han, e elas estarão mortas antes que consiga piscar.

— As minhas mangas não são tão apertadas quanto as suas. Ela vai cair.

— Warren, a Dacra não sabe onde você a guarda, ou se importa com isso. As Irmãs praticam horas seguidas, e carregam elas nas mangas para que rapidamente estejam ao alcance da mão. Fazemos isso para ter proteção quando estamos em jornadas. Não importa onde você a carrega, apenas que carregue. Guarde em um bolso, se quiser. Apenas não sente em cima dela.

Com um suspiro, ele pegou a Dacra. — Se isso vai deixar você feliz. Mas não acredito que conseguiria esfaquear alguém.

Ela soltou o manto dele enquanto olhava para longe. — Ficaria surpreso com aquilo que consegue fazer, quando precisa.

— Foi por isso que você veio? Encontrou uma Dacra extra?

— Não.— Ela tirou o pequeno livro da bolsa atrás do cinto e jogou sobre a mesa na frente dele. — Eu vim por causa disso.

Ele olhou para ela com o canto do olho. — Vai para algum lugar, Verna?

Fazendo uma careta, ela bateu no ombro dele. — Qual é o problema com você?

Ele afastou o livro. — Só estou cansado. O que é tão importante sobre um livro de jornada?

Ela baixou a voz. — Prelada Annalina deixou uma mensagem de que eu deveria visitar o santuário particular dela, em seu jardim. Ele estava protegido com uma teia de gelo e espírito. — Warren levantou uma sobrancelha. Ela mostrou o anel para ele.

— Isso aqui abre ele. Lá dentro encontrei esse livro de jornada. Estava embrulhado em um pedaço de papel que dizia apenas *Proteja isso com sua vida*.

Warren pegou o livro de jornada e folheou as páginas em branco. — Provavelmente ela só quer mandar instruções para você.

— El está morta!

Warren levantou uma sobrancelha. — Você acha que isso a impediria?

Verna sorriu. — Talvez você tenha razão. Talvez tenhamos queimado o outro junto com ela, e ela pretendia governar minha vida do mundo dos mortos.

A expressão de Warren ficou mal humorada de novo. — Então, quem tem o outro?

Verna alisou o vestido atrás dos joelhos e sentou, arrastando a cadeira para mais perto. — Não sei. Estou com medo de que seja algum tipo de código. Ela poderia ter a intenção de dizer que se eu encontrar o outro, identificaria nosso inimigo.

A testa lisa de Warren ficou enrugada. — Isso não faz sentido algum. Porque você pensaria isso?

— Eu não sei, Warren. — Verna passou a mão pelo rosto. — Foi a única coisa que consegui pensar. Consegue imaginar alguma coisa que faria mais sentido? Porque mais ela não me diria quem tem o outro? Se fosse alguém que estivesse disposto a nos ajudar, alguém do nosso lado, então só faria sentido se ela tivesse informado o nome, ou pelo menos se era um amigo que tinha o outro.

Warren voltou os olhos para a mesa. — Suponho que sim.

Verna tomou cuidado com o tom antes de falar. — Warren, qual é o problema? Nunca vi você assim.

Ela trocou um longo olhar com os olhos azuis preocupados dele. — Eu li algumas profecias que não gostei.

Verna avaliou seu rosto. — O que elas dizem?

Depois de uma longa pausa, ele abaixou o braço, e com dois dedos virou um pedaço de papel e empurrou na direção dela. Finalmente, ela pegou e leu bem alto.

— Quando a Prelada e o Profeta forem entregues para a Luz no ritual sagrado, as chamas farão ferver um caldeirão de trapaça e causarão a ascensão de uma falsa Prelada, que reinará sobre a morte do Palácio dos Profetas. Ao norte, aquele que está ligado à lâmina abandonará ela por causa da Sliph prateada, aquela que o encherá de uma nova vida, e ela o entregará aos braços dos malignos.

Verna engoliu em seco, com medo de encarar os olhos de Warren. Colocou o papel sobre a mesa e cruzou as mãos no colo para fazer com que elas parassem de tremer. Ficou olhando silenciosamente para baixo, sem saber o que dizer.

— Essa é uma profecia em uma ramificação verdadeira. — Warren falou, finalmente.

— Essa é uma declaração audaciosa, Warren, mesmo para alguém com tanto talento em profecias quanto você. Qual a idade dessa profecia?

— Ainda não tem um dia.

Os olhos arregalados dela levantaram. — O quê? — ela sussurrou. — Warren, está dizendo que... que ela se mostrou a você? Que finalmente você recebeu uma profecia?

Os olhos vermelhos de Warren abaixaram. — Sim. Entrei em um tipo de transe, e nesse estado de êxtase, tive uma visão de fragmentos dessa profecia, junto com as palavras. Era desse jeito que acontecia com Nathan também, eu acredito.

— Lembra quando eu falei que estava começando a entender profecia de um jeito que nunca tinha experimentado? É através das visões que as profecias realmente devem ser reveladas.

Verna fez um movimento com a mão. — Mas os livros guardam profecias, não visões. As palavras profetizam.

— As palavras são apenas uma maneira de transmiti-las, e são apenas pistas que confundem a visão em alguém que tem o dom para profecia. Todo o estudo que as Irmãs fizeram durante os últimos três mil anos são apenas uma compreensão parcial delas. As palavras escritas estão destinadas a passar o conhecimento para os magos através das visões.

— Foi o que aprendi quando esta veio para mim. Foi como uma porta abrindo em minha mente. Todo esse tempo, e a chave estava dentro da minha própria cabeça.

— Quer dizer que pode ler qualquer uma dessas, e ter a visão que vai revelar o seu verdadeiro significado?

Ele balançou a cabeça. — Eu sou uma criança, que deu seu primeiro passo. Tenho um longo caminho a seguir antes de pular por cima de cercas.

Ela olhou para a página em cima da mesa e então desviou o olhar para longe enquanto girava o anel no dedo várias vezes. — E essa, a que veio para você, significa o que parece?

Warren lambeu os lábios. — Como o primeiro passo de uma criança, que não é muito estável, essa não é a mais estável das profecias.

Você pode dizer que é filha de uma profecia de treino. Encontrei outras que acho serem do mesmo tipo de primeiras tentativas, como esta aqui...

— Warren, ela é verdadeira ou não!

Ele puxou as mangas dos braços. — É tudo verdade, mas as palavras, como em todas as profecias, enquanto verdadeiras, não são necessariamente o que poderiam parecer.

Verna inclinou chegando mais perto enquanto cerrava os dentes. — Responda a pergunta, Warren. Estamos nisso juntos. Eu tenho que saber.

Ele balançou a mão, como sempre fez quando tentava diminuir a importância de algo. Para Verna, porém, aquele movimento com a mão era como uma bandeira de aviso. — Olhe, Verna, vou dizer o que sei, o que eu vi na visão, mas sou novo nisso, e não entendo tudo, mesmo que seja minha profecia.

Ela manteve um olhar firme sobre ele. — Diga-me, Warren.

— A Prelada na profecia não é você. Não sei quem é, mas não é você.

Verna fechou os olhos enquanto suspirava. — Warren, isso não é tão ruim quanto eu pensei. Pelo menos não sou eu quem faz essa coisa terrível. Podemos trabalhar para transformar essa profecia em uma ramificação falsa.

Warren se afastou. Enfiou o papel com sua profecia dentro de um livro aberto e o fechou.

— Verna, para que outra pessoa seja Prelada, tem que significar que você estará morta.

CAPÍTULO 23

Quando todo o seu corpo repentinamente foi inundado com a doce agonia do desejo, ele soube, mesmo que não conseguisse vê-la, que ela havia entrado no quarto. Suas narinas se encheram com o cheiro inconfundível dela, e ele já sofria com a vontade de se entregar. Como um movimento furtivo no meio da neblina ele, ele não conseguia discernir a essência da ameaça, mas de alguma forma, nos vagos recessos de sua consciência ele sabia sem dúvida que ali estava uma, e a sensação do perigo também o excitava.

Com o desespero de um homem sendo atacado por um inimigo mais forte, ele agarrou o cabo da sua espada, esperando reduzir sua determinação e afastar a mão da submissão. Porém, não era o aço que ele buscava, mas os dentes afiados da raiva, uma fúria que o manteria firme e lhe forneceria a força de vontade para resistir. Podia fazer isso. Tinha que fazer; tudo se resumia a isso.

Sua mão ancorou no cabo em seu cinto, e ele sentiu o fluxo da fúria perfeita espalhando-se através de seu corpo e mente.

Quando Richard levantou os olhos, conseguiu ver a aproximação das cabeças de Ulic e Egan por cima grupo de pessoas diante dele. Mesmo se não tivesse visto eles, para enxergar o espaço entre eles onde ela estaria, sabia que ela estava lá. Soldados e dignitários começaram a se afastar para abrir caminho para os dois homens enormes e sua carga. Cabeças surgiam em ondas, fazendo ele lembrar dos anéis formados nas ondulações em um lago, enquanto elas sussurravam para outros. Richard lembrou que a profecia também o chamava, *a pedra no lago*, o gerador de ondas no mundo dos vivos.

E então ele a viu.

Seu peito apertou de desejo. Ela estava usando o mesmo vestido cor de rosa de seda que tinha usado na noite anterior, pois não trouxe roupa com ela para trocar. Richard recordou vividamente como ela falou que dormiu nua. Podia sentir o seu coração pulsando forte.

Com grande esforço, ele lutou para concentrar sua mente na tarefa próxima. Ela olhou com olhos arregalados para os soldados que conhecia; eram seus guardas do palácio Kelteano. Agora eles vestiam uniformes D'Haran.

Richard tinha levantado cedo, preparando tudo. De qualquer modo, não tinha conseguido dormir muito, e o tempo que conseguiu dormir foi agitado por sonhos sobre o desejo.

Kahlan, meu amor, será que poderá perdoar os meus sonhos?

Com tantas tropas D'Haran em Aydindril, ele sabia que haveria suprimentos de todos os tipos disponíveis, então tinha ordenado que uniformes reserva fossem trazidos. Os Kelteanos, desarmados como estavam, não estavam em posição de discutir, mas depois que vestiram o couro escuro e a cota de malha, e tiveram a chance de ver o quanto pareciam ferozes com as novas roupas, começaram a sorrir com aprovação. Disseram a eles que agora Kelton era uma parte de D'Hara, e suas armas foram devolvidas. Agora eles estavam em fileiras, orgulhosos e eretos enquanto mantinham um olho nos representantes das outras terras que ainda deveriam se render.

Como acabou acontecendo, a má sorte da tempestade que permitiu que Brogan escapasse também carregou boa sorte para equilibrar as coisas; os dignitários quiseram esperar que o tempo melhorasse antes de partir, então Richard pegou o que o destino lhe ofereceu e trouxe eles de volta ao Palácio antes que partissem mais tarde naquela manhã. Apenas os oficiais de maior posto, os mais importantes, daqueles oficiais estavam presentes. Ele queria que eles testemunhassem a rendição de Kelton: uma das terras mais poderosas de Midlands. Queria que eles tivessem uma lição final.

Richard ficou em pé quando Cathryn começou a subir os degraus ao lado da plataforma, o olhar dela percorrendo os rostos que a observavam. Berdine deu um passo para o lado para dar espaço. Richard havia posicionado as três Mord-Sith no lado mais afastado da plataforma, onde elas não ficariam perto demais dele. Não estava interessado em nada que elas pudessem querer dizer.

Quando os olhos castanhos de Cathryn finalmente pousaram sobre ele, teve que encostar os joelhos para evitar que suas pernas curvassem. Sua mão esquerda, segurando o cabo da espada, estava começando a latejar. Lembrou que não precisava estar segurando a espada para comandar sua magia e experimentou remover sua mão para fazer retornar um pouco da sensibilidade em seus dedos enquanto pensava nas tarefas diante dele.

Quando as Irmãs da Luz tentaram ensiná-lo a tocar seu Han, elas o fizeram usar uma imagem mental para concentrar sua vontade interior. Richard havia escolhido uma imagem da Espada da Verdade para ser o seu foco, e agora tinha ela fixada em sua mente.

Mas para a batalha com as pessoas reunidas na sua frente hoje, sua espada não teria utilidade alguma. Hoje ele precisaria das habilidosas táticas criadas com a ajuda do General Reibisch, de seus oficiais, e dos capacitados membros da equipe do Palácio, que também ajudaram com os preparativos. Esperava ter entendido tudo muito bem.

— Richard, o quê...

— Bem-vinda, Duquesa. Tudo foi preparado. — Richard levantou a mão dela e beijou-a de uma maneira que julgava adequada para saudar uma Rainha antes de uma audiência, mas tocá-la apenas aumentou seu calor.

Eu sabia que desejaria que esses representantes testemunhassem sua bravura ao ser a primeira a se unir a nós contra a Ordem Imperial, a primeira a abrir o caminho para Midlands.

— Mas eu... bem, sim... é claro.

Ele virou para os rostos que observavam. Formavam um grupo consideravelmente mais calmo e complacente do que na última vez, quando esperavam com tensa ansiedade.

— Duquesa Lumholtz, que todos sabem em breve será nomeada Rainha de Kelton, comprometeu o seu povo com a causa da liberdade, e queria que vocês estivessem aqui para testemunhar enquanto ela assina os documentos de rendição.

— Richard. — ela sussurrou quando se inclinou chegando um pouco mais perto. — Eu preciso... que eles sejam verificados por nossos

advogados primeiro... apenas para ter certeza de que tudo está claro, e que não haverá nenhum mal-entendido.

Richard sorriu de modo tranquilizador — Embora tenha certeza de que vai achar eles bem claros, antecipei sua preocupação e tomei a liberdade de convidá-los para a assinatura. — Richard apontou uma das mãos para a outra ponta da plataforma. Raina agarrou o braço de um homem e fez ele subir os degraus. — Mestre Sifold, daria sua opinião profissional para sua futura Rainha?

Ele fez uma reverência. — Como Lorde Rahl diz, Duquesa, os papéis estão bem claros. Não há espaço para má interpretação.

Richard pegou o documento enfeitado da mesa. — Com sua permissão, Duquesa, gostaria de ler para os representantes reunidos, para que eles possam ver que Kelton deseja que essa união de nossas forças seja bastante clara. Assim eles poderão ver sua bravura.

A cabeça dela levantou com orgulho diante dos olhos dos representantes das outras terras. — Sim. Por favor faça isso, Lorde Rahl.

Richard olhou para os rostos que aguardavam. — Por favor, sejam pacientes comigo; isso não vai demorar. — Levantou o papel na sua frente e leu bem alto. — *Saibam todos os povos, que por meio deste Kelton entregue-se a D'Hara incondicionalmente.*

— Assinado, por minha mão, como a pessoa nomeada líder do povo Kelteano, a Duquesa Lumholtz.

Richard colocou o documento de volta sobre a mesa e enfiou a pena em um vidro com tinta antes de oferecê-la para Cathryn. Ela ficou imóvel. Seu rosto estava pálido.

Temendo que ela fosse recusar, ele não teve escolha. Invocando força que sabia estar roubando daquela que precisaria mais tarde, colocou os lábios perto do ouvido dela, suportando silenciosamente a onda de desejo torturante causada pela fragrância daquela carne.

— Cathryn, depois que terminarmos aqui, faria uma caminhada comigo, apenas nós dois? Não sonhei com outra coisa além de você.

Uma cor radiante surgiu nas bochechas dela. Pensou que ela poderia colocar um dos braços em volta de seu pescoço e agradeceu aos espíritos por ela não ter feito isso.

— É claro, Richard. — ela sussurrou em resposta. — Eu também não sonhei com outra coisa além de você. Vamos acabar logo com essa formalidade.

— Faça com que eu fique orgulhoso de você, de sua força.

Richard pensou que, certamente, o sorriso dela faria outras pessoas na sala ficarem com o rosto vermelho. Podia sentir suas orelhas ardendo com o significado que o sorriso dela transmitia.

Ela pegou a pena, acariciando a mão dele quando o fez, e levantou-a. — Assino essa rendição com a pena de um pombo, para mostrar que aquilo que faço é feito de boa vontade, em paz, e não como alguém derrotada. Faço isso por amor ao meu povo, e esperança pelo futuro. Essa esperança é esse homem aqui, Lorde Rahl. Juro a vingança imortal de meu povo sobre qualquer um de vocês que pensar em causar mal a ele.

Ela se curvou e rabiscou sua assinatura sinuosa na parte inferior do documento de rendição.

Antes que ela pudesse levantar o corpo, Richard enfiou mais papéis embaixo dela.

— O quê...

— As cartas das quais falou, Duquesa. Não queria sobrecarregar você com o tédio de ter que fazer o trabalho você mesma, quando poderíamos aproveitar melhor o tempo. Seus assistentes me ajudaram a escrevê-las. Por favor, verifique, só para ter certeza de que tudo está como pretendia quando fez a oferta na última noite.

— O Tenente Harrington, da guarda do seu Palácio, me ajudou com os nomes do General Baldwin, comandante de todas as forças Kelteanas, Os Generais de Divisão Cutter, Leiden, Nesbit, Bradford, e Emerson, e alguns dos comandantes da guarda. Tem uma carta para cada um, para que você assine, ordenando a eles que transfiram todo o comando para meus oficiais

D'Haran. Alguns dos oficiais da guarda do seu Palácio acompanharão um destacamento dos meus homens junto com os novos oficiais.

— O seu assistente, Mestre Montleon, foi de ajuda inestimável com as instruções para o Ministro das Finanças Pelletier. Mestre Carlisle, o sub-administrador do planejamento estratégico, os governadores responsáveis pela comissão de comércio, Cameron, Tuck, Spooner, Ashmore, assim como Levardson, Doudiet, e Faulkingham do escritório de comércio.

— O assistente Schaffer, é claro, fez uma lista de seus prefeitos. Não queríamos ofender ninguém deixando-os de fora, é claro, então ele teve vários ajudantes para auxiliar a trabalhar em uma lista completa. Tem cartas aqui para todos eles, mas é claro que as cartas de instruções são as mesmas, apenas com o nome apropriado de cada um, então você só precisa verificar uma, e simplesmente assinar o resto. Depois disso cuidaremos do resto. Tenho homens prontos para cavalgar com as bolsas de documentos oficiais. Um homem da sua guarda acompanhará cada um deles, só para ter certeza de que não haverá nenhuma confusão. Estamos com todos os homens da sua guarda aqui para testemunhar a sua assinatura.

Richard soltou um suspiro e endireitou o corpo enquanto Cathryn, ainda segurando a pena no meio do ar, piscou para todos os papéis que Richard empurrou para ela. Todos os assistentes dela subiram para ficar ao redor dela, orgulhosos do trabalho que fizeram em tão pouco tempo.

Richard aproximou-se dela novamente. — Espero ter preparado tudo como você queria, Cathryn. Você disse que cuidaria disso, mas não quero ficar longe de você enquanto fica mergulhada no trabalho, então eu levantei cedo e cuidei disso para você. Espero que esteja satisfeita.

Ela olhou para as cartas, empurrando-as para o lado, para ver outras embaixo delas. — Sim... é claro.

Richard arrastou uma cadeira. — Porque você não senta?

Quando sentou, e começou a assinar o nome dela, Richard afastou a espada do caminho e sentou ao lado dela, na cadeira da Madre Confessora. Ele concentrou seu olhar nas pessoas que observavam, e assim continuou enquanto escutava o som da pena. Ele manteve a fúria em um nível mais leve para se concentrar.

Richard virou para os sorridentes oficiais Kelteanos logo atrás e de cada um dos lados da cadeira dela. — Todos vozes executaram um valioso serviço esta manhã, e eu ficaria honrado se estivessem dispostos a continuar com capacidade oficial. Tenho certeza que poderia usar os seus talentos para administrar o crescimento de D'Hara.

Depois que todos tinham feito reverência e agradecido a ele por sua generosidade, mais uma vez ele voltou sua atenção par o grupo silencioso que observava os procedimentos. Os soldados D'Haran, especialmente os oficiais, por terem passado meses situados em Aydindril, aprenderam muito sobre o comércio em Midlands. Nos quatro dias em que ele esteve com eles procurando por Brogan, Richard aprendeu tudo que podia, e tinha somado isso com o conhecimento que adquiriu mais cedo nessa manhã. Quando ele soube quais perguntas fazer, a Senhora Sanderholt provou ser uma mulher de vasto conhecimento acumulado durante anos ao ter preparado os pratos de muitas terras. Comida, como ele acabou descobrindo, era um reservatório de conhecimento sobre um povo. O ouvido aguçado dela também não machucava ninguém.

— Alguns dos papéis que a Duquesa está assinando são instruções de comércio. — Richard falou para os oficiais enquanto Cathryn se debruçava no trabalho. Seus olhos pousaram nos ombros dela. Ele os afastou. — Uma vez que agora Kelton é parte de D'Hara, vocês devem entender que não pode haver comércio entre Kelton e aqueles de vocês que não se unirem a nós.

Ele direcionou seu olhar para um homem gordo baixo, com cabelo negro cacheado e barba cinzenta. — Eu percebo, Representante Garthram, que isso vai colocar Lifany em uma posição desconfortável. Agora, com as fronteiras de Galea e Kelton fechadas para qualquer um que não faça parte de D'Haran, você terá um tempo muito difícil com o comércio.

— Com Galea e Kelton ao norte, D'Hara ao leste, e as Montanhas Rang'Shada ao oeste, você sofrerá muita pressão para encontrar uma fonte de ferro. A maioria que você comprava vinha de Kelton, e eles compravam seus grãos, mas agora Kelton simplesmente terá que comprar seus grãos dos armazéns Galeanos. Já que agora as duas são D'Haran não há mais qualquer razão de manter a hostilidade para atrapalhar o comércio, e seus exércitos estão sob meu comando, então não irão desperdiçar esforços preocupando-

se uns com os outros e ao invés disso, devotarão sua atenção para o isolamento das fronteiras.

— D'Hara, é claro, tem uma aplicação para o ferro e o aço Kelteano. Sugiro que encontre outra fonte, e rápido, já que provavelmente a Ordem Imperial atacará pelo sul. Possivelmente diretamente através de Lifany, eu suspeitaria. Não deixarei que nenhum homem derrame sangue para proteger terras que ainda não se juntaram a nós, nem recompensarei a hesitação com privilégios comerciais.

Richard virou os olhos para um homem magro alto com um anel de finos cabelos brancos em volta da base de seu crânio. — Embaixador Bezancort, lamento informar sobre esta carta aqui, para o Comissionário Cameron de Kelton. A carta o instrui que todos os acordos com sua terra natal de Sanderia estão cancelados até, e a não ser que, vocês também sejam parte de D'Hara. Quando a primavera chegar, Sanderia não terá permissão de conduzir os rebanhos dos seus campos até as terras mais altas de Kelton para que passem a primavera e o verão.

O homem alto perdeu a pouca cor que tinha rosto. — Mas, Lorde Rahl, não temos para onde levá-los durante a primavera e o verão; enquanto aqueles campos são pastos ricos no inverno, eles se transformam em uma terra árida e queimada no verão. O que você acha que poderíamos fazer?

Richard encolheu os ombros. — Suponho que abaterão seus rebanhos para salvar o que puderem antes que eles morram de fome.

O Embaixador engoliu em seco. — Lorde Rahl, esses acordos estiveram valendo durante séculos. Toda nossa economia está baseada na administração de nossas ovelhas.

Richard levantou uma sobrancelha. — Isso não é problema meu; minha preocupação é com aqueles que estão do nosso lado.

O Embaixador Bezancort implorou levantando as mãos. — Lorde Rahl, meu povo estaria arruinado.

— Todas as nossas terras seriam devastadas se fôssemos forçados a matar nossos rebanhos.

O Representante Theriault deu um passo apressado adiante. — Não pode permitir que aqueles rebanhos sejam abatidos.

— Herjborgue depende daquela lã. Ora, ora... isso acabaria com nossa indústria.

Outro falou. — E então eles não poderiam negociar conosco, e não teríamos como comprar colheitas daquilo que não cresce em nossa terra.

Richard se inclinou para frente. — Então recomendo que discutam isso com seus líderes, e façam o melhor que puderem para convencê-los que a rendição é o único jeito. Quanto mais cedo melhor. — Olhou para os outros dignitários.

— Tão interdependentes quanto são, tenho certeza de que todos em breve perceberão o valor da unidade. Agora Kelton é parte de D'Hara. As rotas de comércio serão fechadas para qualquer um que não ficar conosco. Eu falei antes, não haverá nenhum espectador.

Um turbilhão de protestos, apelos, e súplicas encheu a câmara do Conselho. Richard levantou, e as vozes silenciaram.

O Embaixador Sanderiano levantou um dedo magro fazendo uma acusação. — Você é um homem sem compaixão.

Richard assentiu, a magia deixando seu olhar feroz. — Certifique-se de falar isso para a Ordem Imperial, se escolher se unir a eles. — Olhou para os outros rostos. — Todos vocês tinham paz e unidade através do Conselho e da Madre Confessora. Enquanto ela estava longe, lutando por vocês e seu povo, vocês colocaram essa unidade de lado por causa da ambição, por pura ganância. Agiram como crianças brigando por um bolo. Tiveram a chance de compartilhar isso, mas ao invés disso escolheram tentar roubar tudo de seus irmãos menores. Se vierem até a minha mesa, terão que melhorar seu comportamento, mas cada um de vocês terá pão.

Dessa vez ninguém discutiu. Richard esticou sua capa de Mriswith nos ombros quando percebeu que Cathryn tinha acabado de assinar e estava observando ele com aqueles grandes olhos castanhos. Não conseguia manter o controle da fúria da espada com o brilho do olhar doce dela.

Virou novamente para os representantes, a fúria desaparecendo do seu tom. — O clima está limpo. É melhor vocês partirem. Quanto mais cedo convencerem os seus líderes em concordar com meus termos, menos inconveniência o seu povo sofrerá. Não quero que ninguém sofra... — Sua voz desapareceu.

Cathryn estava em pé perto dele e olhou para o povo que conhecia tão bem. — Façam como Lorde Rahl pede. Ele já concedeu bastante do seu tempo. — Ela virou e falou com um de seus assistentes. — Providencie para que minhas roupas sejam trazidas imediatamente. Ficarei esperando aqui, no Palácio das Confessoras.

— Porque ela fica aqui. — um dos Embaixadores perguntou enquanto sua testa enrugava mostrando suspeita.

— O marido dela, como vocês sabem, foi morto por um Mriswith. — Richard disse. — Ela está aqui para ter proteção.

— Você quer dizer que há perigo para nós?

— Muito possivelmente. — Richard falou. — O marido dela era um espadachim habilidoso, e mesmo assim ele... bem, espero que vocês sejam cuidadosos. Se vocês se juntarem a nós então serão considerados convidados do Palácio, e terão a proteção de minha magia.

— Tem muitos quartos de convidados vazios, mas eles continuarão vazios até que vocês façam sua rendição.

Acompanhados por conversas preocupadas, eles seguiram na direção das portas.

— Podemos ir? — Cathryn perguntou com uma voz suave.

Com sua tarefa realizada, Richard sentiu o repentino vazio sendo preenchido com a presença dela. Quando ela segurou o seu braço e eles começaram a se afastar, ele invocou a última parte restante de sua força de vontade para conseguir parar no final da plataforma, onde estavam Ulic e Cara.

— Fiquem de olho em nós o tempo todo. Entenderam?

— Sim, Lorde Rahl. — Ulic e Cara disseram como um só.

Cathryn deu um tapinha no braço dele, pedindo que ele aproximasse o ouvido. — Richard. — A respiração quente dela espalhou um tremor de desejo através dele. — Você falou que ficaríamos sozinhos. Quero ficar sozinha com você. Muito.

— Por favor?

Foi a partir desse momento que Richard pegou emprestado um pouco de força. Não conseguia mais manter a imagem da espada em sua mente. Ao invés disso, no desespero, colocou ali o rosto de Kahlan.

— Tem perigo nas proximidades, Cathryn. Posso sentir. Não vou arriscar sua vida sendo descuidado.

— Quando eu não sentir o perigo, então poderemos ficar sozinhos. Por favor tente entender, por enquanto.

Ela pareceu distraída, mas assentiu. — Por enquanto.

Quando eles saíram da plataforma, o olhar de Richard encontrou os olhos de Cara. — Não permita que fiquemos fora de sua vista por motivo algum.

CAPÍTULO 24

Phoebe colocou os relatórios em um pequeno espaço vago na mesa polida de noqueira. — Verna, posso fazer uma pergunta pessoal?

Verna rabiscou suas iniciais na parte inferior de um relatório das cozinhas pedindo a substituição dos grandes caldeirões que haviam queimado bastante. — Somos amigas por muito tempo, Phoebe; pode perguntar qualquer coisa que desejar. — Mais uma vez ela examinou o pedido, e então, acima de suas iniciais, escreveu uma nota negando a permissão e dizendo que ao invés disso fizessem reparos nos caldeirões. Verna lembrou a si mesma de mostrar um sorriso. — Pergunte.

As bochechas redondas de Phoebe ficaram vermelhas enquanto ela cruzava os dedos. — Bem, não quero ofender, mas você está em uma posição especial, e jamais poderia perguntar a ninguém mais a não ser uma amiga como você. — Ela limpou a garganta. — Como é ficar velha?

Verna soltou uma risada. — Temos a mesma idade, Phoebe.

Ela esfregou as palmas nos quadris do vestido verde enquanto Verna esperava. — Sim... mas você esteve longe por mais de vinte anos. Envelheceu durante esse tempo, exatamente como aqueles do lado de fora do Palácio. Vai levar cerca de trezentos anos para que eu envelheça tanto quanto você agora. Ora, você parece uma mulher de quase... quarenta.

Verna suspirou. — Sim, bem, uma jornada fará isso com você. Pelo menos a minha fez.

— Não quero nunca sair em uma jornada e envelhecer. Você sente dor, ou alguma coisa assim, envelhecendo tão repentinamente? Você sente... Eu não sei, como se não fosse mais atraente e a vida não fosse mais doce? Gosto quando os homens me enxergam como algo desejável. Não quero envelhecer como... Isso me preocupa.

Verna afastou da cadeira e recostou na cadeira. A sua maior vontade foi de estrangular a mulher, mas ela respirou fundo e lembrou a si

mesma que essa era uma pergunta sincera de uma amiga feita por ignorância.

— Eu poderia supor que cada um enxerga isso da sua própria maneira, mas posso dizer o que isso significa para mim. Sim, machuca um pouco, Phoebe, saber que alguma coisa se foi e nunca mais poderá ser recuperada, como se de algum modo eu não estivesse prestando atenção e minha juventude fosse roubada enquanto eu estava esperando que minha vida começasse, mas o Criador também equilibra isso com algo bom.

— Bom? Que coisa boa poderia surgir disso?

— Bem, por dentro ainda sou eu mesma, mas com maior sabedoria. Descobri que tenho uma compreensão mais clara de mim mesma e do que eu quero. Valorizo coisas que nunca valorizei. Vejo melhor o que é realmente importante ao fazer o trabalho do Criador. Suponho que poderia dizer que me sinto mais satisfeita, e menos preocupada com o que os outros pensão de mim.

— Embora eu tenha envelhecido, isso não diminui meu carinho pelos outros. Encontro conforto nos amigos, e sim, para responder o que você está pensando, eu ainda sinto desejo por homens do mesmo jeito que sempre senti, mas agora tenho maior apreço por eles. Considero a juventude imatura menos interessante. Os homens não precisam apenas ser jovens para mexer com meus sentimentos, e os simplórios possuem menor apelo.

Os olhos de Phoebe estavam arregalados quando ela se inclinou para frente, atenta. — Verdade. Homens mais velhos despertam desejo em você?

Verna tomou cuidado com a língua. — O que eu quis dizer com mais velhos, Phoebe, foi homens na mesma idade que eu. Quais são os homens que chamam sua atenção agora? Quinze anos atrás você não consideraria caminhar com um homem com a idade que tem agora, mas isso parece natural porque está nessa idade, e os homens da idade que você tinha naquela época lhe parecem imaturos. Entende o que eu quero dizer?

— Bem... Acho que sim.

Verna podia ler nos olhos dela que não entendeu. — Quando chegamos aqui como jovens garotas, como as duas lá nas câmaras na noite passada, as noviças Helen e Valery, o que você pensava e mulheres que tinham a idade que você tem agora?

Phoebe escondeu uma risada com a mão. — Pensava que eram impossivelmente velhas. Nunca pensei que estaria com essa idade.

— E, agora, como você se sente com sua idade?

— Oh, não me sinto tão velha. Acho que eu simplesmente era tola naquela época. Gosto de ter essa idade. Ainda sou jovem.

Verna encolheu os ombros. — Acontece coisa parecida comigo. Vejo a mim mesma de forma semelhante ao modo como você vê a si mesma. Não vejo mais as pessoas mais velhas simplesmente como velhas, porque agora eu sei elas são parecidas com você ou comigo; elas enxergam a si mesmas do mesmo jeito que você ou eu enxergamos a nós mesmas.

A jovem torceu o nariz. — Acho que entendo o que você quer dizer, mas ainda não quero envelhecer.

— Phoebe, no mundo exterior agora você teria vivido aproximadamente três vidas. Você, nós, recebemos o presente do Criador de, tendo tantos anos quanto tivermos, viver aqui no Palácio, para conseguirmos ter o tempo necessário para treinar jovens magos com seus dons. Fique feliz com o que recebeu; é uma benevolência rara que alcança apenas alguns.

Phoebe assentiu lentamente e por trás de um leve movimento de seus olhos Verna quase conseguiu ver o indício de um pensamento meditativo. — Isso é muito sábio, Verna. Nunca imaginei que você fosse tão sábia. Sempre soube que era esperta, mas para mim, você nunca pareceu sábia.

Verna sorriu. — Essa é uma das outras vantagens. Aqueles que são mais jovens que você pensam que você é sábia. Em uma terra de cegos, uma mulher com um olho poderia ser Rainha.

— Mas isso parece tão assustador, ter sua carne flácida e enrugada.

— Isso acontece gradualmente; de certa forma você se acostuma em ficar mais velha. Para mim, o pensamento de ter a sua idade novamente parece assustador.

— Por quê?

Verna queria dizer que era porque temia andar por aí com um intelecto tão desenvolvido, mas lembrou a si mesma outra vez que ela e Phoebe compartilharam uma boa parte de suas vidas como amigas.

— Oh, acho que é porque passei por alguns dos espinhos que você ainda vai encarar, e conheço a dor que eles causam.

— Que tipo de espinhos?

— Acho que eles são diferentes para cada pessoa. Cada um tem que seguir seu próprio caminho.

Phoebe cruzou as mãos enquanto se curvava ainda mais. — Quais foram os espinhos no seu caminho, Verna?

Verna levantou e colocou a rolha de volta no vidro de tinta. Baixou os olhos observando sua mesa, sem enxergá-la. — Eu acho... — ela falou com um tom distante. — que o pior foi voltar para ver Jedidiah olhar para mim da mesma forma que você, com olhos que enxergam uma velha enrugada e sem atrativos.

— Oh, por favor, Verna, nunca quis sugerir que...

— Você entende o espinho que isso representa, Phoebe?

— Ora, ser considerada velha e feia, é claro, ainda que você não seja tão...

Verna balançou a cabeça. — Não.— Olhou dentro dos olhos da outra. — Não, o espinho foi descobrir que a aparência era tudo que importava, e que aquilo que estava por dentro... — ela tocou em sua cabeça... — não tinha qualquer significado para ele, apenas a embalagem.

— Porém, pior ainda do que ver aquele olhar nos olhos de Jedidiah, foi descobrir que ele havia se entregado ao Guardião. Para salvar a vida de Richard quando Jedidiah estava prestes a matá-lo, ela enterrou sua Dacra

nas costas dele. Jedidiah tinha sido traído apenas ela, mas também ao Criador. Uma parte dela morreu com ele.

Phoebe endireitou o corpo, parecendo um pouco confusa. — Sim, acho que sei o que você quer dizer, quando homens...

Verna balançou a mão fazendo um gesto de desinteresse. — Espero ter ajudado, Phoebe. Sempre é bom conversar com um amigo. — A voz dela assumiu o claro tom de autoridade. — Tem algum peticionário querendo falar comigo?

Phoebe piscou. — Peticionários? Não, hoje não.

— Bom. Gostaria de rezar e buscar a orientação do Criador. Será que você e Dulcinia poderiam, por favor, levantar um escudo na porta; gostaria de não ser incomodada.

Phoebe fez uma reverência. — É claro, Prelada. — Ela sorriu calorosamente. — Obrigada pela conversa, Verna. Foi como nos velhos tempos em nosso quarto depois que nos mandavam dormir. — O olhar dela desviou para as pilhas de papéis. — Mas e quanto aos relatórios? Elas estão caindo para trás.

— Como Prelada, não posso ignorar a Luz que dirige o Palácio e as Irmãs. Também devo rezar por nós, e pedir a orientação Dele. Afinal de contas, nós somos Irmãs da Luz.

A aparência de admiração voltou aos olhos de Phoebe. Phoebe parecia acreditar que ao assumir o posto, de alguma forma Verna havia se tornado mais do que humana, e de algum modo podia tocar a mão do Criador de um jeito miraculoso. — É claro, Prelada. Vou providenciar a colocação do escudo. Ninguém vai incomodar a meditação da Prelada.

Antes que Phoebe saíssem pela porta, Verna chamou seu nome com um tom suave. — Já aprendeu alguma coisa sobre Christabel?

Os olhos de Phoebe afastaram com súbita inquietação. — Não. Ninguém sabe onde ela foi. Também não tivemos notícia sobre onde Amelia ou Janet desapareceram.

As cinco, Christabel, Amelia, Janet, Phoebe, e Verna foram amigas, cresceram juntas no Palácio, mas Verna estivera mais próxima de Christabel, embora todas tivessem um pouco de inveja dela. O Criador tinha abençoado ela não apenas com um maravilhoso cabelo louro e belos traços, mas também com uma natureza gentil e calorosa.

Era perturbador que suas três amigas parecessem ter desaparecido. Irmãs às vezes deixavam o Palácio para visitas ao lar, enquanto suas famílias ainda estavam vivas, mas primeiro elas solicitavam permissão, e além disso, as famílias daquelas três já teriam feito a passagem por causa da idade fazia muito tempo. Às vezes, Irmãs também se afastavam por algum tempo, não apenas para refrescar suas mentes no mundo exterior, mas também para simplesmente terem uma pausa após décadas no Palácio. Mesmo assim, elas quase sempre diriam a outras que precisavam partir por algum tempo, e onde estavam indo.

Nenhuma das suas três amigas tinha feito isso; elas simplesmente desapareceram depois que a Prelada morreu. O coração de Verna estava machucado com a preocupação de que elas simplesmente não poderiam aceitá-la como Prelada, e ao invés disso tinham escolhido deixar o Palácio, mas não importava o quanto machucasse, rezava para que fosse isso mesmo, e não algo mais sombrio que tivesse acontecido com elas.

— Se escutar alguma coisa, Phoebe... — Verna disse, tentando esconder sua preocupação. — por favor, venha falar comigo.

Depois que a mulher foi embora, Verna colocou seu próprio escudo do lado de dentro das portas, um escudo que ela mesma criou; os delicados filamentos fluíram do espírito de seu próprio Han, magia que ela reconheceria como dela mesma. Se alguém tentasse entrar, provavelmente não iria detectar o escudo transparente, e rasgaria os fios frágeis. Mesmo se conseguissem detectá-lo, sua mera presença e a ação de sondar procurando um escudo ainda iria inevitavelmente rasgá-lo, e se reparassem o entrelaçado com seu próprio Han, Verna também saberia disso.

A luz do sol espalhava-se através das árvores perto do muro do jardim, banhando a tranquila área cheia de árvores do retiro como a luz de um sonho. O pequeno trecho arborizado terminava em um grupo de magnólias, seus galhos pesados com flores brancas. A trilha adiante

serpenteava em um caminho bem cuidado de chão coberto de flores azuis e amarelas cercando ilhas de samambaias altas e rosas. Verna arrancou um ramo de uma das magnólias e saboreou seu aroma apimentado inspecionando o muro enquanto caminhava pelo caminho.

Por trás das plantas estava um bosque cerrado de Sumagres brilhantes, a faixa de pequenas árvores foi colocada deliberadamente para cobrir o alto muro protegendo o jardim da Prelada e dava a ilusão de um terreno maior. Ela observou os troncos baixos e galhos espalhados de modo crítico; eles deverão servir, se nada melhor puder ser encontrado. Ela continuou andando; já estava atrasada.

Em uma pequena trilha lateral ao redor da parte traseira do local onde o santuário da Prelada ficava escondido, ela encontrou um ponto promissor. Logo que havia levantado seu vestido e caminhado através dos arbustos para chegar até o muro, ela conseguiu ver que era perfeito. Abrigada por todos lados por pinheiros havia uma área iluminada pelo sol onde pereiras foram encostadas no muro. Enquanto todas estavam podadas e recortadas, mas uma parecia ser particularmente adequada; seus galhos de cada lado estavam alternados como os degraus em uma escada de uma perna.

Pouco antes de Verna levantar a saia e começar a subir, a textura da casca da árvores chamou sua atenção. Ela esfregou um dedo pela margem superior dos galhos robustos, percebendo que eles tinham marcas e estavam ásperos. Parecia que ela não era a primeira Prelada a querer sair do terreno da Prelada de forma sorrateira.

Assim que tinha subido até o topo do muro e não avistando nenhum guarda, descobriu um suporte bastante conveniente de uma pilastra reforçada para descer, uma telha posicionada estrategicamente, uma pedra decorativa fixada, um galho baixo de um carvalho escuro. Então uma pedra redonda que não ficava a dois pés de distância do muro e depois bastava um salto fácil para o chão. Ela esfregou o corpo tirando restos de casca da árvore e folhas e então alisou seu vestido cinzento nos quadris e ajustou o colarinho simples. Enfiou o anel da Prelada em um bolso. Enquanto jogava o seu grosso xale negro sobre a cabeça e amarrava suas pontas embaixo do queixo, Verna sorriu com a excitação de ter encontrado um caminho secreto para escapar de sua prisão de papel.

Ficou surpresa em encontrar os terrenos do Palácio incomumente desertos. Guardas patrulhavam seus postos, e Irmãs, noviças, e homens jovens com coleiras enchiam os caminhos e passeios feitos com pedras enquanto tratavam de seus assuntos, mas havia poucas pessoas da cidade, a maioria delas mulheres idosas.

Todo dia, durante as horas do dia, pessoas da cidade de Tanimura espalhavam-se pelas pontes para a Ilha Halsband em busca do conselho das Irmãs, pedindo intervenção em disputas, solicitando caridade, em busca orientação na sabedoria do Criador, e para rezar nos pátios espalhados pela ilha toda. Porque elas pensavam que precisavam vir até aqui para rezar sempre pareceu estranho para Verna, mas ela sabia que essas pessoas enxergavam o lar das Irmãs da Luz como solo sagrado. Talvez elas simplesmente gostassem da beleza dos terrenos do Palácio.

Agora elas não estavam apreciando isso; não havia virtualmente nenhuma das pessoas da cidade ao alcance dos olhos. Noviças designadas a guiar visitantes caminhavam lentamente. Guardas nos portões para áreas restritas conversavam entre si, e aqueles que olhavam na direção dela viam apenas outra Irmã cuidando de seus assuntos. Os gramados estavam sem visitantes, os jardins oficiais não mostravam sua beleza para ninguém, e as fontes lançavam jato sem o acompanhamento da admiração dos adultos ou os gritos de alegria das crianças. Até mesmo os bancos das praças estavam vazios.

Ao longe, os tambores continuavam.

Verna encontrou Warren sentado em uma escura pedra plana no seu local de encontro no lado do rio onde ficava a cidade. Ele estava atirando pedras dentro das águas ondulantes agitadas por um solitário barco de pesca. Warren deu um pulo quando escutou ela se aproximando.

— Verna! Não sabia se você viria.

Verna observou como o velho pescador preparava seu anzol enquanto se equilibrava no suave balanço do barco com suas pernas firmes. — Phoebe queria saber como era ficar velha e enrugada.

Warren limpou a poeira do seu manto violeta. — Porque ela faria essa pergunta para você?

Verna apenas suspirou ao ver a expressão vazia dele. — Vamos lá.

A jornada pela cidade na direção da periferia provou ser tão estranha quanto os terrenos do Palácio. Enquanto algumas das lojas nas seções abastadas estavam abertas e fazendo algum comércio com algumas pessoas dispersas, o mercado na seção indigente estava vazio, suas mesas vazias, fogueiras apagadas, e janelas de lojas fechadas. Os abrigos estavam desertos, os aparelhos de tecelagem nas fábricas estavam abandonados, e as ruas silenciosas a não ser pela constante presença dos tambores.

Warren agia como se não houvesse nada incomum a respeito das ruas fantasmagóricas. Quando os dois viraram descendo por uma rua poeirenta estreita e bastante escura, ladeada por construções destruídas, Verna chegou ao limite e finalmente perguntou furiosa.

— Onde estão todos! O que está acontecendo!

Warren parou e virou para lançar um olhar confuso enquanto ela ficava parada, com os punhos nos quadris, no meio da rua vazia. — É o dia Ja'La.

Ela olhou fixamente para ele fazendo uma careta. — Dia Ja'La.

Ele assentiu, a expressão de confusão aumentando. — Sim. O dia Ja'La. O que acha que aconteceu com todas as...

Warren deu um tapa na testa. — Sinto muito, Verna; Pensei que você soubesse. Ficamos tão acostumados com isso que simplesmente esqueci que você não saberia.

Verna cruzou os braços. — Saberia o quê?

Warren voltou para segurar o braço dela e fazer ela começar a andar novamente. — Ja'La é um jogo de competição. — Ele apontou por cima do ombro. — Construíram um grande campo de jogo no espaço entre duas colinas na periferia da cidade, seguindo aquele caminho, faz cerca de... oh, acho que deve ter sido quinze ou vinte anos, quando o Imperador começou a governar.

Todos adoram isso.

— Um jogo? A cidade toda fica vazia para assistir um jogo?

Warren assentiu. — Eu temo que sim. A não ser alguns. A maioria pessoas mais velhas; eles não entendem e não ficam muito interessados, mas todo os outros ficam. Isso se transformou na paixão das pessoas. Crianças começaram a jogar ele nas ruas quase logo que começam a andar.

Verna olhou para uma rua lateral e olhou para trás, pelo caminho por onde vieram. — Que tipo de jogo é esse?

Warren encolheu os ombros. — Nunca estive em um jogo oficial; passei a maior parte do meu tempo lá embaixo nas câmaras, mas estudei um pouco o assunto. Sempre fiquei interessado em jogos e como eles se encaixam na estrutura de diferentes culturas. Estudei povos antigos e seus jogos, mas isso proporciona a chance de observar um jogo ativo com meus próprios olhos, então eu li sobre ele e fiz perguntas.

— Ja'La é jogado por dois times em um campo quadrado demarcado com redes. Em cada canto tem um gol, dois para cada time. Os times tentam colocar a Broc, uma pesada bola coberta de couro um pouco menor do que a cabeça de um homem, em um dos gols de seus oponentes. Se conseguirem, então marcam um ponto, e o outro time tem que escolher um dos cantos para iniciar sua rodada no ataque.

— Não entendo a estratégia, ela fica complexa, mas parece que garotos com cinco anos de idade conseguem dominar em pouco tempo.

— Provavelmente porque eles querem jogar, e você não. — Verna desamarrou o xale e balançou as pontas, tentando esfriar seu pescoço. — O que tem de tão interessante nisso para que todos se amontoassem debaixo do sol para ver.

— Acho que um dia de festividade os afasta do trabalho. Isso cria uma desculpa para animação e gritaria, e para beber e comemorar se o time deles vencer, ou beber e consolar uns aos outros se o time deles perder.

Todos ficam bastante emocionados com isso. Mais emocionados do que deveriam.

Verna pensou naquilo por um momento enquanto sentia uma brisa refrescante esfriar seu pescoço. — Bem, acho que isso parece inofensivo.

Warren lançou um olhar com o canto do olho. — É um jogo sangrento.

— Sangrento?

Warren desviou de uma pilha de estrume. — A bola é pesada e as regras são poucas. Os homens que jogam Ja'La são selvagens. É claro que devem ter habilidade em manusear a Broc, mas são escolhidos principalmente por causa de sua força e agressividade brutal. Não são muitos os jogos que terminam sem que pelo menos um dente seja arrancado, ou um osso quebrado. Também não é raro quebrar algum pescoço.

Verna ficou olhando para ele sem acreditar. — E as pessoas gostam de assistir isso?

Warren soltou um grunhido confirmando. — Pelo que os guardas me contam, a multidão fica furiosa se não houver sangue, porque pensam que isso significa que o time deles não é... durão o bastante.

Verna balançou a cabeça. — Bem, não parece algo que eu gostaria de assistir.

— Essa não é a pior parte. — Warren manteve seus olhos voltados para frente enquanto caminhava pela rua cheia de sombras. Dos dois lados, persianas tão desbotadas que era difícil dizer que já foram pintadas, estavam fechadas sobre janelas estreitas.

— Quando o jogo termina o time perdedor é levado para o campo, e cada um deles é açoitado. Uma chicotada com um grande chicote de couro para cada ponto marcado contra eles, aplicada pelo time vencedor. E a rivalidade entre os times é forte; não é raro ouvir falar que homens morreram por causa das chicotadas.

Verna caminhou em silêncio impressionada enquanto eles faziam a curva em uma esquina. — As pessoas ficam para ver o açoite?

— Acho que é para isso que eles comparecem. Toda a multidão que apoia o time vencedor conta o número de chicotadas enquanto elas são aplicadas. As emoções ficam bem altas. O povo fica bem agitado com o Ja'La. Às vezes acontecem tumultos. Mesmo com dez mil tropas tentando

manter a ordem, as coisas podem ficar fora de controle. Algumas vezes os jogadores começam a briga. Os homens que jogam Ja'La são violentos.

— As pessoas realmente gostam de torcer por um time de brutamontes?

— Os jogadores são heróis. Jogadores de Ja'La virtualmente dominam a cidade, e não podem fazer nada de errado. Regras e leis raramente se aplicam a jogadores de Ja'La. Multidões de mulheres seguem os jogadores por toda parte, e depois de um jogo geralmente acontece uma orgia com o time. Mulheres brigam para decidir quem vai ficar com um jogador de Ja'La. A farra continua durante dias. Estar com um jogador é uma honra da mais alta ordem, e é tão disputada que para exigir o direito é necessário testemunhas.

— Por quê? — foi tudo que ela conseguiu pensar para dizer.

Warren jogou as mãos para cima. — Você é uma mulher; você deveria explicar! Ainda que eu tenha sido o primeiro durante três mil anos a esclarecer uma profecia, nunca tive uma mulher com os braços ao redor do meu pescoço, ou querendo lambe o sangue das minhas costas.

— Elas fazem isso?

— Brigam por isso. Se ele ficar contente com sua língua, pode escolher ela. Ouvi falar que os jogadores são bastante arrogantes, e gostam de fazer as mulheres mais ávidas conquistarem a honra de ficar debaixo deles.

Verna olhou para ele e viu que o rosto de Warren estava vermelho. — Elas desejam ficar até mesmo com os perdedores?

— Isso é irrelevante. Ele é um jogador de Ja'La: um herói. Quanto mais brutal, melhor. Aqueles que mataram um oponente com uma bola de Ja'La são famosos, e são mais procurados pelas mulheres. Pessoas dão aos bebês os nomes deles. Simplesmente não entendo isso.

— Você só está vendo uma pequena amostra das pessoas, Warren. Se você fosse até a cidade ao invés de passar todo o seu tempo nas câmaras, as mulheres também iriam querer ficar com você.

Ele tocou em seu pescoço. — Ela ficariam se eu ainda tivesse uma coleira, porque veriam o ouro do Palácio em volta do meu pescoço, só isso; não iriam querer ficar comigo por causa de quem eu sou.

Verna apertou os lábios. — Algumas pessoas são atraídas pelo poder. Quando você não tem poder algum, ele pode ser bastante sedutor. A vida simplesmente é assim.

— Vida. — ele repetiu com um grunhido amargo. — Ja'La é como todos o chamam, mas o nome completo é Ja'La dh Jin, *o Jogo da Vida*, na língua antiga de Altur'Rang, a terra natal do Imperador, mas todos simplesmente chamam de Ja'La: *o Jogo*.

— O que significa *Altur'Rang*?

— *Altur'Rang* também é da língua antiga deles. Isso não é bem traduzido, mas significa, aproximadamente, *os escolhidos do Criador*, ou *as pessoas do destino*, alguma coisa assim. Por quê?

— O Mundo Novo é cortado por uma cadeia de montanhas chamada *Rang'Shada*. Parece a mesma língua.

Warren assentiu. — Uma *Shada* é uma luva de batalha com espinhos. De modo grosseiro, *Rang'Shada* significaria *punhos de batalha dos escolhidos*.

— Um nome da guerra antiga, eu imagino. Espinhos certamente combinam com aquelas montanhas. — A cabeça de Verna ainda estava girando com a história de Warren. — Não posso acreditar que esse jogo é permitido.

— Permitido? Ele é encorajado. O Imperador tem o seu próprio time de Ja'La. Foi anunciado esta manhã que quando ele vier para sua visita, vai trazer o seu time para jogar com o melhor time de Tanimura. Uma verdadeira honra, pelo que pude entender, já que todos estão bastante excitados com essa possibilidade. — Warren olhou ao redor, e então virou para ela outra vez. — O time do Imperador não recebe chicotadas se perder.

Ela levantou uma sobrancelha. — O privilégio dos poderosos?

— Não exatamente. — Warren disse. — Se eles perderem, serão decapitados.

As mãos de Verna afastaram das pontas do xale. — Porque um jogo desse tipo seria encorajado pelo Imperador?

Warren mostrou um leve sorriso. — Não sei, Verna, mas tenho minhas teorias.

— Que são?

— Bem, se você conquistou uma terra, que problemas você acha que poderiam acontecer?

— Está querendo dizer, uma revolta?

Warren afastou para trás um tufo de seu cabelo louro. — Tumulto, protestos, inquietação civil, brigas, e sim, uma revolta. Lembra quando o Rei Gregory governava?

Verna assentiu enquanto observava uma velha longe em uma estrada lateral colocando roupas molhadas no gradil de uma sacada. Era a única pessoa que tinha visto na última hora. — O que aconteceu com ele?

— Não muito depois que você partiu, a Ordem Imperial dominou e essa foi a última vez que ouvimos dele. O Rei era muito bem visto, e Tanimura prosperava, junto com as outras cidades no norte sob o seu governo. Desde então, os tempos ficaram difíceis para o povo. O Imperador permitiu que a corrupção florescesse e ao mesmo tempo ignorou questões importantes de comércio e justiça. Todas aquelas pessoas que você viu vivendo na pobreza refugiados que vieram para Tanimura de pequenas vilarejos, e cidades que foram saqueadas.

— Eles parecem um grupo de refugiados tranquilo e contente.

Uma sobrancelha levantou sobre um olho azul. — Ja'La.

— O que você quer dizer?

— Eles tem pouca esperança de uma vida melhor sob o governo da Ordem Imperial. A única coisa pelo que podem esperar, com a qual podem sonhar, é se tornarem jogadores de Ja'La player.

— Os jogadores são selecionados pelo seu talento no jogo, não porque possuem nível de poder. A família de um jogador nunca mais precisa desejar alguma coisa novamente; ele pode fornecer para eles, em abundância. Os pais encorajam suas crianças a jogar Ja'La, esperando que eles se tornem jogadores pagos. Times amadores, classificados por grupo de idade, começam com cinco anos de idade. Qualquer um, não importa sua origem, pode virar um jogador de Ja'La. Jogadores vieram até mesmo dos grupos de escravos do Imperador.

— Mas isso ainda não explica a paixão por isso.

— Agora todos são uma parte da Ordem Imperial. Nenhuma devoção a uma terra anterior é permitida. Ja'La permite que o povo seja devotado a alguma coisa, aos seus vizinhos, suas cidades, através dos seus times. O Imperador pagou pela construção do campo de Ja'La, um presente para o povo. O povo está com sua atenção desviada das condições de suas vidas, sobre as quais eles não possuem controle algum, e envolvidos em algo que serve para canalizar sua energia e não ameaça o Imperador.

Verna balançou as pontas do xale novamente. — Não acho que sua teoria tenha fundamento, Warren. Desde a juventude, as crianças gostam de jogos. Fazem isso o dia todo. As pessoas sempre jogaram. Quando envelhecem, eles passam a ter disputas com arco, com cavalos, com dados. Jogar faz parte da natureza humana.

— Por aqui. — Warren segurou na manga dela e apontou com um dedão, fazendo ela virar em um beco estreito. — E o Imperador está direcionando essa tendência para algo mais do que natural. Ele não precisa se preocupar que as mentes deles fiquem livres para pensar em liberdade, ou até mesmo em simples questões de justiça. Agora, a paixão deles é Ja'La. Suas mentes estão entorpecidas para todas as outras coisas.

— Ao invés de ficar imaginando porque o Imperador está vindo, e o que isso vai significar para as vidas deles, todos estão ansiosos por causa do Ja'La.

Verna sentiu seu estômago revirar. Estava justamente imaginando porque o Imperador viria. Tinha que haver uma razão para ele percorrer

toda essa distância, e ela não achava que fosse apenas para ver o seu time jogar Ja'La. Ele queria alguma coisa.

— De qualquer modo, as pessoas não estão preocupadas em derrotar um homem tão poderoso, ou seu time?

— O time do Imperador é muito bom, ouvi dizer, mas eles não tem qualquer privilégio especial ou vantagem. O Imperador não considera afronta o seu time perder, a não ser é claro, por parte de seus jogadores. Se um oponente for melhor que eles, o imperador reconhecerá sua habilidade e dará os parabéns a eles e sua cidade. As pessoas desejam essa honra, de superar o renomado time do Imperador.

— Estou de volta faz uns dois meses, e nunca tinha visto a cidade ficar vazia para esse jogo.

— A temporada está apenas começando. Os jogos oficiais são permitidos apenas na temporada do Ja'La.

— Então isso não se encaixa com sua teoria. Se o jogo é uma distração das questões mais importantes da vida, porque não deixar eles jogarem o tempo todo?

Warren mostrou um sorriso orgulhoso. — A ansiedade deixa o fervor mais forte. As possibilidades da temporada que está por vir são comentadas incansavelmente. Quando a temporada finalmente chega as pessoas já estão com uma febre de agitação, como jovens amantes se encontrando novamente depois de um período de ausência, suas mentes estão ofuscadas para todas as outras coisas. Se o jogo acontecesse o tempo todo, a paixão pode esfriar.

Warren obviamente tinha pensado bastante em sua teoria. Ela não pensava que acreditava nisso, mas ele parecia ter uma resposta para tudo, então ela mudou o assunto.

— Onde ouviu isso, sobre ele trazer o time?

— Mestre Finch.

— Warren, enviei você até os estábulos para descobrir algo sobre aqueles cavalos, não para tagarelar sobre Ja'La.

— Mestre Finch é um grande entusiasta do Ja'La e estava todo excitado sobre o jogo de abertura de hoje, então deixei ele continuar falando sobre isso para que eu pudesse descobrir o que você queria saber.

— E você conseguiu?

Eles fizeram uma parada repentina, olhando para a placa entalhada com a imagem de uma lápide, uma pá, e os nomes BENSTENT e SPROUL.

— Sim. Entre o momento quando falava quantas chicotadas o outro time receberia, e quando falava como ganhar dinheiro apostando no resultado, ele me falou que os cavalos que faltavam estavam desaparecidos faz bastante tempo.

— Logo depois do solstício de inverno, eu apostaria.

Warren protegeu os olhos com uma das mãos enquanto olhava para a janela. — Você venceria a aposta. Quatro dos cavalos mais fortes dele, mas tachas apenas para dois deles, estão desaparecidos. Ele ainda está procurando pelos cavalos, e jura que vai encontrá-los, mas acha que as tachas foram roubadas.

Por trás da porta no fundo da sala escura, ela podia ouvir o som de uma pedra de amolar no aço.

Warren tirou a mão do rosto e checkou a rua. — Parece que tem alguém aqui que não é um entusiasta do Ja'La.

— Bom. — Verna amarrou o xale debaixo do queixo e então abriu a porta. — Vamos ouvir o que esse cavador de covas tem a dizer.

CAPÍTULO 25

Apenas a pequena janela coberta pelas antigas camadas de poeira no lado da rua, e uma porta aberta nos fundos, iluminavam a sombria sala empoeirada, mas foi o bastante para enxergar um caminho através dos montes desordenados de panos sujos enrolados, frágeis bancadas de trabalho, e caixões simples. Alguns serrotes rústicos e plainas estavam pendurados em uma parede, e uma pilha de tábuas de pinho encostadas em outra.

Enquanto pessoas de recursos consultavam coveiros que forneciam orientação na seleção de caros caixões ornamentados para seus entes queridos, pessoas com pouquíssimo dinheiro não podiam pagar por mais do que os serviços de simples cavadores de covas que forneciam uma caixa lisa e um buraco para colocá-la dentro. Enquanto os entes queridos que partiam daqueles que procuravam os cavadores de covas eram menos preciosos para eles, eles precisavam se preocupar em alimentar os vivos. As lembranças de seus mortos, entretanto, não possuía menor brilho.

Verna e Warren fizeram uma pausa em uma porta que conduzia até uma pequena área em um pátio, sua bordas inclinadas e altas com tábuas amontoadas com as pontas para cima contra uma cerca nos fundos e estruturas estucadas de cada lado. No centro, de costas para eles, um homem magro descalço com roupas esfarrapadas estava olhando para longe enquanto afiava sua pá.

— Minhas condolências pela perda de seus entes queridos. — ele falou com uma voz firme mas surpreendentemente sincera. Voltou a esfregar o amolador contra o aço. — Criança, ou adulto?

— Nenhum dos dois. — Verna disse.

O homem de bochechas fundas olhou para trás por cima do ombro. Não usava barba, mas parecia que seus esforços ao se barbear eram raros o bastante para que estivesse quase para cruzar essa linha. — No meio do caminho então? Se disser o tamanho daquele que partiu, posso montar uma caixa adequada.

Verna cruzou as mãos. — Não temos ninguém para enterrar. Estamos aqui para fazer algumas perguntas.

Ele parou de mover as mãos e virou para olhar para eles dos pés a cabeça. — Bem, posso ver que conseguem pagar por mais do que eu.

— Você não está interessado em Ja'La? — Warren perguntou.

Os olhos caídos do homem ficaram um pouco mais alertas quando deu mais uma olhada para o manto violeta de Warren. — As pessoas não gostam muito que alguém como eu esteja perto em ocasiões festivas. Olhar para o meu rosto estraga o bom momento deles, como se ele fosse o rosto da própria morte caminhando entre eles. Também não ficam envergonhados em dizer para mim que não sou bem vindo. Mas eles aparecem quando precisam de mim. Então, eles chegam e agem como se nunca tivessem virado os olhos para mim. Eu poderia deixar que eles fossem pagar por uma caixa bonita que o morto não poderá ver, mas eles não podem pagar, e as moedas deles não me farão bem algum se eu tiver ressentimento por causa dos medos deles.

— Qual deles é você... — Verna perguntou. — Mestre Benstent, ou Sproul?

As pálpebras flácidas dele enrugaram quando seus olhos viraram para ela. — Eu sou Milton Sproul.

— E o Mestre Benstent? Ele está por aqui também?

— Ham não está aqui. Qual é o assunto?

Verna curvou a boca em uma expressão fria. — Somos do Palácio, e queremos perguntar sobre uma conta que recebemos. Só precisamos ter certeza de que ela está correta, e tudo está em ordem.

O homem magro virou sua pá e esfregou a pedra de amolar pela borda. — A conta está certa. Não tentamos enganar as Irmãs.

— É claro que não estamos sugerindo uma coisa assim, apenas não conseguimos encontrar nenhum registro de quem você enterrou. Só precisamos verificar os mortos, e então podemos autorizar o pagamento.

— Não sei. Ham fez o trabalho e a conta. Ele é um homem honesto. Não enganaria um ladrão para ter de volta o que foi roubado dele. Ele fez a conta e pediu que eu enviasse, isso é tudo que sei.

— Entendo. — Verna encolheu os ombros. — Então acho que precisaremos falar com Mestre Benstent para esclarecer isso. Onde podemos encontrá-lo?

Sproul esfregou novamente a pedra de amolar. — Não sei. Ham estava ficando velho. Disse que queria passar o pouco tempo que lhe resta com sua filha e netos. Ele partiu para encontrar com eles. Eles vivem em algum lugar lá embaixo no campo. — Ele fez um círculo no ar com a pedra. — Deixou sua parte no lugar, do jeito que está, para mim. Deixou sua parte do trabalho também. Acho que terei que contratar um homem jovem para fazer a escavação; Estou ficando velho para isso.

— Mas você deve saber para onde ele foi, e sobre essa conta.

— Falei que não sei. Ele arrumou todas as coisas, não que fosse muito, e comprou um asno para a jornada, então calculo que deve ser uma boa distância. — Ele apontou a pedra de amolar por cima do ombro, na direção do sul.

— Como eu falei, descendo pelo campo. — A última coisa que ele falou foi para ter certeza de enviar a conta para o Palácio, porque ele fez o trabalho e era justo que pagassem por aquilo que foi feito. Perguntei a ele para onde enviar o pagamento, já que ele fez o trabalho, mas ele disse para usar contratando um novo homem. Falou que era justo uma vez que estava partindo de modo tão repentino sem ter avisado antes.

Verna considerou suas opções. — Entendo. — Observou ele esfregar doze vezes a pá, e então virou para Warren. — Vá lá fora e espere por mim.

— O quê! — ele sussurrou fervorosamente. — Porque você...

Verna levantou um dedo para silenciá-lo. — Faça como eu digo. Dê uma caminhada pela área para ter certeza... de que nossos amigos não estão procurando por nós. — Ela se inclinou chegando um pouco mais perto com

um olhar sério. — Podem estar imaginando se precisamos de alguma assistência.

Warren endireitou o corpo e olhou para o homem afiando sua pá. — Oh. Sim, está certo, vou dar uma olhada para ver onde foram nossos amigos. — Ele remexeu nos fios de ouro da manga. — Não vai demorar, vai?

— Não. Vou sair logo. Agora vá, e veja se enxerga eles em alguma parte.

Depois que Verna escutou a porta da frente fechar, Sproul olhou por cima do ombro. — A resposta ainda é a mesma. Eu falei o que...

Verna exibiu uma moeda de ouro em seus dedos. — Agora, Mestre Sproul, você e eu vamos ter uma conversa bem justa. Quer dizer que você vai responder minhas perguntas com sinceridade.

Ele franziu a testa desconfiado. — Porque mandou ele sair?

Ela não fez mais esforço para mostrar um sorriso agradável. — O garoto tem um estômago fraco.

Ele deu uma esfregada despreocupada com sua pedra. — Falei a verdade. Se quiser uma mentira, então diga e vou inventar uma adequada.

Verna lançou um olhar ameaçador para ele. — Jamais pense em mentir para mim. Pode ter falado a verdade, mas não toda a verdade que há para dizer. Agora, vai contar o resto, seja em troca da minha gratidão... Verna usou o Han para arrancar a pedra da mão dele e lançar ela flutuando no ar, subindo até desaparecer da vista. ...ou em agradecimento por eu poupar você de qualquer sensação desagradável.

Assobiando com a velocidade, a pedra desceu do céu e bateu no chão, enterrando a cerca de uma polegada dos pés do cavador de covas. Apenas uma ponta dela ficou acima da terra, e ela estava vermelha, brilhando. Com furioso esforço mental, ela ergueu o aço quente formando uma fina linha de metal derretido. Seu brilho branco quente iluminou a expressão chocada dele, e ela também podia sentir o calor em seu rosto. Os olhos dele estavam arregalados.

Ela balançou um dedo, e a linha maleável de aço cintilante ondulou diante dos olhos dele, dançando de acordo com o movimento dos seus dedos. Ela girou o dedo e o aço quente serpenteou ao redor do homem, distante apenas algumas polegadas da carne dele.

— Um movimento do meu dedo, Mestre Sproul, e você ficará ligado ao metal. — Ela abriu a mão, mantendo a palma para cima. Um rugido de chamas acendeu, pairando obedientemente no ar. — Depois que eu tiver você preso, então começarei pelos seus pés, e vou cozinhar você uma polegada de cada vez, até que diga toda a verdade.

Os dentes tortos dele bateram. — Por favor...

Ela levantou a moeda na outra mão, e mostrou um sorriso sem humor. — Ou, como eu disse, pode escolher dizer a verdade em troca dessa pequena amostra de minha gratidão.

Ele engoliu em seco, observando o metal quente em volta dele, e a chama sibilante na mão dela. — Parece que realmente estou lembrando mais alguma coisa. Ficaria muito feliz se você permitisse que eu complete a história com o resto que estou lembrando agora.

Verna apagou a chama em sua mão, e com um esforço repentino, transformou o calor do Han em seu oposto, em frio extremo. O brilho desapareceu do metal como a chama de uma vela sendo abafada. O aço foi do vermelho quente para o negro gelado, e despedaçou, os fragmentos caindo ao redor do cavador de covas como granizo.

Verna levantou a mão dele e colocou o ouro nela, fechando os dedos dele sobre a moeda. — Sinto muito. Parece que quebrei sua pedra de amolar. Tenho certeza que isso vai cobrir.

Ele assentiu. Parecia mais ouro do que o homem conseguiria ganhar em um ano. — Eu tenho mais pedras. Não tem importância.

Ela colocou uma das mãos no ombro dele. — Ah, certo, Mestre Sproul, porque não tenta dizer o que mais você lembra sobre aquela conta. — Ela apertou com mais força. — Cada parte, não importa o quanto você considere sem importância.

— Entendeu?

Ele lambeu os lábios. — Sim. Vou contar cada parte. Como eu falei, Ham fez o trabalho. Não sabia nada sobre isso.

— Falou que tinha alguma escavação a fazer para o Palácio, mas não disse nada mais. Ham é do tipo calado, e não me preocupei com isso.

— Logo depois, ele jogou isso em cima de mim, foi realmente repentino, que ele estava saindo, e partindo para viver com sua filha, exatamente como eu falei. Ele sempre ficava falando sobre ir morar com sua filha, antes que tivesse de cavar seu próprio buraco, mas não tinha dinheiro algum e ela não está em melhor posição, então nunca prestei muita atenção nele. Então ele trouxe o asno, um muito bom, então eu percebi que ele não estava sonhando acordado dessa vez. Falou que não queria o dinheiro do trabalho para o Palácio. Disse para contratar um homem para me ajudar.

— Bem, na noite seguinte, antes que partisse, ele trouxe uma garrafa de licor. Coisa boa que custa mais do que as garrafas que sempre compramos. Ham nunca conseguiu esconder um segredo de mim quando ele fica bêbado, todos sabem que isso é verdade. Ele não conta para outros o que não deveria, entenda, ele é um homem confiável, mas fala tudo para mim, se tiver bebido.

Verna afastou a mão. — Entendo. Ham é um bom homem, e seu amigo. Não quero que você se preocupe em trair sua confiança, Milton. Eu sou uma Irmã. Não está fazendo nada de errado confiando em mim, e não precisa ter medo que eu vá causar problemas para você por causa disso.

Ele assentiu, claramente aliviado, e conseguiu mostrar um fraco sorriso. — Bem, como eu disse, nós tínhamos uma garrafa, e ele estava falando sobre os velhos tempos. Ele estava partindo, e eu sabia que sentiria falta dele. Você sabe. Nós estivemos juntos por muito tempo, não que nós...

— Vocês eram amigos. Eu entendo. O que ele disse?

Ele afrouxou o colarinho. — Bem, nós estávamos bebendo, e nos sentindo muito sentimentais por causa da separação. Aquela garrafa era mais forte do que as que estávamos acostumados. Perguntei para ele onde sua filha morava, para que pudesse enviar o pagamento da conta para ajudar com as coisas. Afinal de contas, tenho esse lugar, e posso me virar. Tenho

trabalho. Mas Ham disse não, ele não precisava. Não precisava! Bem, eu estava muito curioso depois que ele falou aquilo. Perguntei onde ele conseguiu dinheiro, e ele disse que economizou. Ham nunca economizava nada. Se tinha aquilo, era porque tinha conseguido, isso é tudo, e ainda não tinha gastado.

— Bem, foi quando ele falou para ter certeza de enviar a conta para o Palácio. Ele foi realmente insistente, acho que porque ele estava se sentindo mal em me deixar sem ajuda. Então, perguntei para ele, *Ham, quem você enterrou para o Palácio?*

Milton inclinou na direção dela, baixando a voz para um sussurro. — *Não enterrei ninguém, Ham disse, Eu tirei eles.*

Verna agarrou o colarinho sujo do homem. — O quê! Ele cavou para tirar alguém? Foi isso que ele quis dizer? Ele cavou para tirar alguém?

Milton assentiu. — Isso mesmo. Você já ouviu uma coisa assim? Cavar para retirar os mortos? Colocar eles no chão não me incomoda, é o que eu faço, mas a ideia de cavar para tirar eles me dá calafrios. Parece uma profanação. Claro, na hora, nós estávamos bebendo aos velhos tempos e tudo, e estávamos rindo muito disso.

A mente de Verna estava correndo em todas as direções ao mesmo tempo. — Quem fez a exumação? E com ordens de quem?

— Tudo que ele disse foi, *para o Palácio.*

— Faz quanto tempo?

— Bastante tempo. Eu não lembro... espere, foi depois do solstício de inverno, não muito tempo depois, talvez apenas uns dois dias.

Ela o balançou pelo colarinho. — Quem foi? Quem fez ele cavar!

— Eu perguntei para ele. Perguntei quem eles queriam de volta. Ele falou, Eles não se importavam quem eram, eu só tenho que tirar eles, enrolados em panos limpos.

Verna apertou os dedos no colarinho dele. — Tem certeza? Vocês estavam bebendo. Ele poderia apenas estar inventando uma história.

Ele balançou a cabeça como se estivesse com medo que ela fosse arrancá-la. — Não. Juro que Ham não inventa histórias, ou mente, quando ele bebe. Quando bebe tudo que fala é verdade. Não importa qual seja o pecado tenha cometido, quando bebe ele confessa. E eu lembro o que ele falou; foi a última noite em que vi meu amigo, lembro do que disse.

— Disse para ter certeza de mandar a conta ao Palácio, mas que esperasse algumas semanas, pois estavam ocupados, disseram-lhe.

— O que ele fez com o corpo? Para onde levou? Para quem ele entregou?

Milton tentou recuar um pouco, mas a mão firme dela em seu colarinho não permitiu. — Não sei. Ele disse que levou eles para o Palácio em uma carroça muito bem coberta e falou que deram a ele um passe especial para que os guardas não checassem sua carga. Ele precisava usar suas melhores roupas para que as pessoas não o reconhecessem pelo que ele era, para não assustar as pessoas elegantes do Palácio, e especialmente para não incomodar as delicadas sensibilidades das Irmãs, que conversavam com o Criador. Ele disse que fez como mandaram, e estava orgulhoso de ter feito tudo certo, pois ninguém ficou incomodado com sua ida até lá com os corpos. Foi tudo que ele falou sobre isso. Eu não sei mais, juro pela minha esperança de ir para a luz do Criador depois que essa vida estiver acabada.

— Corpos? Você disse corpos. Mais de um? — Ela fixou um olhar ameaçador enquanto apertava mais.

— Quantos? Quantos corpos ele retirou e entregou no Palácio?

— Dois.

— Dois... — ela repetiu com um sussurro, de olhos arregalados. Ele assentiu.

A mão de Verna afastou do colarinho dele.

Dois.

Dois corpos, enrolados em panos limpos.

Os punhos dela apertaram com força enquanto gritava furiosa.

Milton engoliu em seco, levantando uma das mãos. — Mais uma coisa. Não sei se isso importa.

— O quê? — Ela perguntou com os dentes cerrados.

— Ele disse que eles queriam os corpos frescos, e um era pequeno, e não foi muito ruim mas o outro deu bastante trabalho, porque era bem grande. Não pensei em perguntar a ele mais sobre isso. Sinto muito.

Com grande esforço, ela conseguiu mostrar um sorriso. — Obrigada, Milton, você foi de grande ajuda para o Criador.

Ele arrumou o colarinho da camisa. — Obrigada, Irmã. Irmã, nunca tive coragem de ir ao Palácio, sendo o que eu sou. Sei que as pessoas não gostam de me ver por perto. Bem, eu nunca fui. Irmã, você poderia me dar a bênção do Criador?

— É claro, Milton. Você fez o trabalho dele.

Ele fechou os olhos murmurando uma oração.

Verna tocou a testa dele gentilmente. — As bênçãos do Criador sobre a sua criança. — ela sussurrou enquanto deixou o calor do seu Han fluir para dentro da mente dele. Ele gemeu de êxtase. Verna deixou o seu Han espalhar-se através da mente dele. — Não vai lembrar nada do que Ham falou sobre a conta enquanto estavam bebendo. Vai lembrar apenas que ele falou que fez o trabalho, mas você não sabe nada sobre a natureza dele. Depois que eu partir, não vai lembrar da minha visita.

Os olhos dele giraram sob as pálpebras por algum tempo antes de abrirem. — Obrigado, Irmã.

Warren estava caminhando na rua do lado de fora. Ela passou por ele apressada sem parar para dizer nada. Ele correu para alcançá-la.

Verna parecia uma nuvem de tempestade. — Vou estrangular ela. — ela grunhiu furiosa. — Vou estrangular ela apenas com as mãos. Não me importo se o Guardião me levar, terei a garganta dela nas minhas mãos.

— Do que você está falando? O que descobriu? Verna, devagar!

— Não fale comigo agora, Warren. Não diga uma palavra!

Ela deslizou pelas ruas, seus punhos balançando de acordo com os seus passos furiosos, uma tempestade se espalhando pela terra. O nó de fúria em seu estômago ameaçava explodir soltando raios. Ela não enxergava as ruas ou casas, nem escutava os tambores trovejando no fundo. Esqueceu de Warren que trotava atrás dela. Não conseguia ver nada a não ser uma visão de vingança.

Estava cega para onde estava, perdida em um mundo de raiva. Sem saber como tinha chegado lá, encontrou-se cruzando uma das pontes para a Ilha Halsband. No meio da ponte acima do rio ela parou tão bruscamente que Warren quase colidiu com ela.

Ela agarrou as faixas prateadas no colarinho dele. — Você vai descer até as câmaras e fazer as ligações naquela profecia.

— Do que você está falando?

Ela balançou ele segurando no seu manto. — Aquela que diz: Quando a Prelada e o Profeta forem entregues para a Luz no ritual sagrado, as chamas farão ferver um caldeirão de trapaça e causarão a ascensão de uma falsa Prelada, que reinará sobre a morte do Palácio dos Profetas. Encontre as ramificações. Faça as ligações. Descubra tudo que puder. Você entendeu?

Warren conseguiu soltar o manto e alisou ele. — O que significa isso? O que o cavador de covas falou?

Ela levantou um dedo como aviso. — Agora não, Warren.

— Nós somos amigos, Verna. estamos nisso juntos, lembra? Quero saber...

A voz dela foi como um trovão no horizonte. — Faça como eu digo. Se me pressionar agora, Warren, vai nadar um pouco. Agora vá fazer a ligação naquela profecia, e logo que encontrar alguma coisa, venha me contar.

Verna sabia a respeito das profecias nas câmaras. Sabia que poderia facilmente levar anos para ligar ramificações. Poderia levar séculos. Que escolha havia?

Ele limpou a poeira do manto, dando uma desculpa para que seus olhos olhassem para outro lugar. — Como quiser, Prelada.

Quando virou para ir, ela conseguiu ver que os olhos dele estavam vermelhos e inchados. Ela queria segurar o braço dele e fazer ele parar, mas ele já estava longe demais. Queria chamar ele e dizer que não estava com raiva dele, que não era culpa dele que ela fosse a falsa Prelada, mas a voz dela falhou.

Ela encontrou a pedra arredondada embaixo do tronco e subiu o muro. Preocupando-se apenas com dois galhos na pereira, ela desceu até o chão dentro do terreno da Prelada e, quando recuperou o equilíbrio, começou a correr. Ofegante com a dor, ela bateu a mão repetidamente na porta do santuário da Prelada, mas ela não abriu. Lembrando porque, ela enfiou a mão no bolso e encontrou o anel. Lá dentro, ela encostou ele na imagem do raio de sol da porta para fechá-la, e então com toda sua raiva e angústia, jogou o anel pela sala, escutando ele bater contra as paredes e rolar pelo chão.

Verna tirou o livro de jornada da bolsa secreta costurada atrás do cinto e sentou no banco de três pernas. Tentando recuperar o fôlego, tirou a pena da lombada do pequeno livro. Ela o abriu, colocando ele sobre a pequena mesa, e ficou olhando para a página em branco.

Tentou pensar no meio da fúria e do ressentimento. Tinha que considerar a possibilidade de que poderia estar enganada. Não. Não estava enganada. Ainda assim, era uma Irmã da Luz, se é que isso significava algo, e sabia que era melhor pensar bem antes de arriscar tudo por causa da presunção. Tinha que pensar em uma maneira de verificar quem estava com o outro livro, e também precisava fazer isso de um jeito que não entregasse sua identidade se estivesse enganada. Mas não estava enganada. Sabia quem estava com ele.

Verna beijou o dedo anelar enquanto sussurrava uma oração pedindo orientação do Criador, e pedindo força também.

Queria botar para fora sua raiva, mas antes de tudo, tinha que ter certeza. Com dedos trêmulos, ela levantou a pena e começou a escrever.

Primeiro você deve dizer a razão pela qual me escolheu da última vez. Lembro de cada palavra. Um erro, e esse livro de jornada alimenta o fogo.

Verna fechou o livro e enfiou ele de volta em sua bolsa secreta no cinto. Tremendo, ela puxou a almofada de seu local de descanso sobre o banco e arrastou até a cadeira larga. Sentindo-se mais solitária do que já tinha sentido em toda sua vida, ela se enrolou na cadeira.

Verna lembrou de seu último encontro com a Prelada Annalina, quando Verna voltou com Richard depois de todos aqueles anos, Annalina não quis falar com ela, e levou semanas para finalmente conseguir uma audiência.

Não importa o quanto vivesse, não importa quantas centenas de anos fossem, jamais esqueceria aquele encontro, ou as coisas que a Prelada disse.

Verna estava furiosa ao descobrir que a Prelada havia guardado informações valiosas. A Prelada usou ela e nunca falou as razões. A Prelada perguntou se Verna sabia por que tinha sido escolhida para ir atrás de Richard. Verna falou ter pensado que foi um voto de confiança. A Prelada disse ser pela suspeita de que as Irmãs Grace e Elizabeth, que estiveram na jornada com ela e foram as duas primeiras a serem escolhidas, eram Irmãs do Escuro. Ela possuía informação privilegiada da profecia de que as duas primeiras Irmãs morreriam. A Prelada falou que tinha usado sua prerrogativa para escolher Verna como a terceira Irmã a ir.

Verna perguntou. — Você me escolheu, porque tinha fé que eu não fosse uma delas?

— *Escolhi você, Verna... — a Prelada disse. — porque estava bem abaixo na lista, e porque, entre todas, você não tem destaque algum. Duvidei que fosse uma delas. Você é uma pessoa de pouca expressão. Tenho certeza de que Grace e Elizabeth abriram caminho para o topo da lista porque qualquer um que dirija as Irmãs do Escuro as considera dispensáveis. Eu dirijo as Irmãs da Luz. Escolhi você pela mesma razão.*

— *Tem Irmãs que são valiosas para nossa causa; não poderia arriscar uma delas nessa tarefa. O rapaz deve provar ser valioso para nós,*

mas ele não é tão importante quanto outros assuntos no Palácio. Ele pode ser de grande ajuda. Foi simplesmente uma oportunidade que eu pensei em aproveitar.

— Se houvesse algum problema, e nenhuma de vocês retornasse, bem, tenho certeza que pode entender que um General não gostaria de perder suas melhores tropas em uma missão de baixa prioridade.

A mulher que sorriu para ela quando ela era pequena, que encheu seu coração de inspiração, tinha partido seu coração.

Verna levantou a almofada enquanto piscava olhando para as paredes do santuário. Tudo que ela sempre quis foi ser uma Irmã da Luz. Queria ser uma daquelas mulheres maravilhosas que usavam seu dom para fazer o trabalho do Criador aqui nesse mundo. Entregou sua vida e seu coração ao Palácio dos Profetas.

Verna lembrou do dia em que elas apareceram e disseram que sua mãe tinha morrido. De velhice, elas disseram.

A mãe dela não tinha o dom, e então não tinha utilidade alguma para o Palácio. Sua mãe não morava perto, e Verna apenas raramente falava com ela. Quando sua mãe viajava até o Palácio para fazer uma visita, ela ficava assustada porque Verna não envelhecia perante os seus olhos, do jeito que uma pessoa normal envelhecia. Ela nunca conseguiria entender, não importava quantas vezes Verna tentasse explicar o feitiço. Verna sabia que era porque na verdade sua mãe tinha medo de escutar. Tinha medo de magia.

Embora as Irmãs não tentassem esconder a existência do feitiço no Palácio que reduzia sua velocidade de envelhecimento, as pessoas sem o dom tinham dificuldade de entender isso profundamente. Era magia que não tinha significado para as vidas delas. As pessoas tinham orgulho de morar perto do Palácio, perto de seu esplendor e magnificência, e embora enxergassem o Palácio com reverência, essa reverência era margeada por uma temerosa cautela. Elas não ousavam focar suas mentes em coisas com tanto poder, do mesmo modo que aproveitavam o calor do sol, mas não ousavam olhar para ele.

Quando sua mãe morreu, Verna estivera no Palácio por quarenta e sete anos, e ainda parecia ter envelhecido apenas até a adolescência.

Verna lembrou do dia em que elas apareceram e disseram que Leitis, sua filha, tinha morrido. De velhice, elas disseram.

A filha de Verna, a filha de Jedidiah, não tinha o dom, e assim não tinha utilidade para o Palácio. Seria melhor, elas disseram, se ela fosse criada por uma família que a amasse e lhe desse uma vida normal; uma vida no Palácio não era vida para alguém sem o dom. Verna tinha o trabalho do Criador para fazer, e então concordou.

Unir o dom do macho e da fêmea criava uma chance melhor, ainda que remota, de que o descendente tivesse o dom. Desse modo, Irmãs e magos poderiam contar com a aprovação, se não houvesse encorajamento oficial, para que eles concebessem uma criança.

Conforme o arranjo que o Palácio sempre fazia em tais circunstâncias, Leitis não sabia que as pessoas que a criaram não eram seus pais verdadeiros. Verna acreditava que era para seu bem. Que tipo de mãe uma Irmã da Luz poderia ser? O Palácio havia cuidado da família, para ter certeza de que Verna não ficasse preocupada com o bem-estar de sua filha.

Diversas vezes Verna tinha feito visitas, como uma Irmã meramente trazendo a bênção do Criador para uma família de honestas pessoas trabalhadoras, e Leitis parecia feliz. Da última vez que Verna fez uma visita, Leitis estava com os cabelos grisalhos e curvada, e conseguia andar apenas com ajuda de uma bengala. Leitis não lembrou de Verna como a mesma Irmã que tinha visitado eles quando ela estava brincando de pega-pega com suas jovens amigas, sessenta anos antes.

Leitis sorriu para Verna, para a bênção, e disse... — Obrigada, Irmã. Tão talentosa, para alguém tão jovem.

— Como você está, Leitis? Tem uma vida boa?

A filha de Verna mostrou um sorriso distante. — Oh, Irmã, Tive uma vida longa e feliz. Meu marido morreu faz cinco anos, mas independente disso, o Criador me abençoou. Ela riu. — Só gostaria de ainda

ter meu cabelo castanho cacheado. Uma vez ele foi tão bonito quanto o seu, sim, ele foi, eu juro.

Querido Criador, quanto tempo fazia desde que Leitis morreu? Tinha que ser cinquenta anos. Leitis teve crianças, mas de forma escrupulosa Verna evitou saber mais do que os nomes delas.

O bolo em sua garganta quase a sufocou enquanto ela chorava.

Havia desistido de tantas coisas para ser uma Irmã. Só queria ajudar as pessoas. Nunca pediu nada.

E tinha feito papel de tola.

Não queria ser Prelada, mas estava começando a pensar que poderia usar o posto para melhorar as vidas das pessoas, para fazer o trabalho pelo qual tinha sacrificado tudo. Ao invés disso, novamente estava sendo tratada como uma tola.

Verna abraçou bem forte a almofada enquanto chorava com fortes soluços até que a luz tivesse desaparecido das pequenas janelas e sua garganta estivesse ardendo.

No meio da noite, finalmente ela decidiu ir para cama. Não queria ficar dentro do santuário da Prelada; ele parecia estar zombando dela. Ela não era a Prelada. Finalmente tinha esgotado todas as suas lágrimas, e sentiu apenas uma humilhação entorpecente. Não conseguiria abrir a porta, e teve que rastejar pelo chão até encontrar o anel da Prelada.

Depois que tinha fechado a porta, colocou o anel de volta no dedo, um farol, um lembrete, da farsa que ela representava.

Entrou no escritório da Prelada lentamente, seguinte até a cama da Prelada. A vela tinha derretido e apagado, então ela acendeu outra na mesa ainda cheia de relatórios que aguardavam. Phoebe trabalhava duro para garantir que continuasse assim. O que Phoebe pensaria quando descobrisse que não era realmente a administradora da Prelada? Que tinha sido nomeada por uma Irmã sem destaque algum: de pouca expressão?

Amanhã, teria que pedir desculpas a Warren. Isso não era culpa dele. Não deveria jogar isso em cima dele.

Pouco antes de cruzar a porta para o escritório externo, ela pareceu repentinamente.

Seu escudo transparente estava fragmentado. Olhou para a mesa lá atrás. Nenhum relatório novo havia sido adicionado nas pilhas.

Alguém esteve bisbilhotando.

CAPÍTULO 26

Jatos de chuva banhavam o convés do navio. Os homens descalços se agachavam, tensos e preparados, seus músculos salientes cintilando na fraca luz amarela da lamparina enquanto observavam a distância diminuir, e então, com um esforço repentino, saltaram na escuridão. Depois que aterrissaram, correram para agarrar as pontas das linhas que balançavam sobre o abismo escuro. Lentamente, os homens arrastaram as pesadas cordas de atracação presas nas amarras que balançavam.

Movendo-se com ligeira eficiência, enrolaram as grossas cordas de atracação em volta dos sólidos pilares, plantaram os pés, e curvaram suas costas resistindo contra o empuxo, usando os pilares como apoio. Madeira molhada estalou e rangeu enquanto as cordas recebiam a tensão. As colunas de homens fazendo força contra o peso resistiram até conseguirem fazer o lento, mas aparentemente inexorável, movimento do Lady Sefa cessar. Grunhindo em conjunto, começaram a recuperar o terreno que recuaram, e o navio lentamente deslizou na direção do píer molhado pela chuva enquanto homens a bordo lançavam cordas enroladas nas laterais para proteger o casco.

Irmã Ulicia, junto com as Irmãs Tovi, Cecilia, Armina, Nicci, e Merissa debaixo de um tecido impermeável na chuva, observavam enquanto o Capitão Blake caminhava pelo convés, gritando ordens furiosamente para homens que corriam para que elas fossem executadas. Ele não queria levar o Lady Sefa para dentro do cais estreito com essas condições climáticas, isso para não falar da escuridão, mas ao invés disso, ancorar no porto e levar as mulheres para terra em um bote grande. Ulicia não estava com humor para ficar ensopada enquanto eles remavam cerca de meia milha até a terra, e havia decididamente ignorado os apelos dele sobre ter que lançar todos os botes para rebocar o navio. Um olhar dela interrompeu suas afirmações dos perigos, e fez ele cuidar da tarefa de boca fechada.

O Capitão tirou o chapéu ensopado da cabeça quando parou na frente delas. — Levaremos vocês para terra em breve, senhoras.

— Não pareceu tão difícil quando fez parecer, Capitão. — Ulicia falou.

Ele torceu o chapéu. — Conseguimos fazer ela entrar. Embora o motivo para vocês desejarem descer a costa até o Porto Grafan esteja além da minha compreensão. Voltar para Tanimura pela terra saindo desse posto avançado militar abandonado não será fácil como teria sido se tivessem deixado que levássemos vocês até lá diretamente pelo mar.

Ele não disse que isso teria feito com que elas estivessem fora do seu navio alguns dias mais cedo, o que sem dúvida era a razão pela qual ele tinha feito a sugestão, com efusiva delicadeza, de levá-las de volta até Tanimura diretamente como elas queriam inicialmente. Ulicia não teria achado nada melhor do que isso, mas não teve escolha no assunto. Tinha feito como foi ordenada.

Ela levantou os olhos, além do cais, para o lugar onde ela sabia que ele esperava. Os olhos de suas companheiras também observavam a mesma escuridão.

As colinas com vista para o porto só ficavam visíveis com o brilho dos relâmpagos, aparecendo subitamente no meio do vazio, e exceto quando os relâmpagos revelavam esporadicamente as formas do terreno elevado, o fraco brilho das luzes que vinham da fortaleza de pedra massiva encravada sobre uma alta colina distante parecendo flutuar no céu escuro. Apenas com a breve iluminação ela conseguia ver os frios muros de pedra molhados pela chuva.

Jagang estava ali.

Estar diante dele no sonho era uma coisa. Em algum momento ela acordaria, mas estar na frente dele em carne e osso era bem diferente. Agora não haveria como acordar. Ela procurou reforçar mais ainda a ligação. Para Jagang, também não haveria como acordar. O verdadeiro Mestre dela teria ele, e faria ele pagar.

— Parece que vocês estão sendo esperadas.

Ulicia foi retirada de seus pensamentos e redirecionou sua atenção para o Capitão. — O quê?

Ele apontou com o chapéu. — Aquela carruagem deve ser para vocês, senhoras; certamente não tem mais ninguém por perto a não ser todos aqueles soldados.

Observando dentro da escuridão, finalmente ela viu a carruagem negra, com seu grupo de seis garanhões enormes, esperando na estrada no topo do muro acima do cais. Sua porta aberta. Ulicia teve que lembrar a si mesma de soltar o ar de seus pulmões.

Logo estaria acabado. Jagang pagaria. Elas só precisavam cuidar disso.

Assim que seus olhos perceberam as formas escuras imóveis, ela foi capaz de começar a reconhecer soldados. Estavam por toda parte. Tochas formavam pontos nas colinas mais próximas por todo o porto, e ela sabia que para cada tocha que conseguia resistir sob a chuva, havia vinte ou trinta que não acenderia. Sem contar as tochas que conseguia ver, ela poderia facilmente concluir que havia milhares.

O passadiço fez barulho pelo convés enquanto os marinheiros faziam ele deslizar pela abertura no local. Com um som abafado, uma ponta caiu na doca. Logo que ela tocou o chão, marinheiros trotaram descendo pela prancha com as bagagens das Irmãs e seguiram pelo píer na direção da carruagem.

— Foi um prazer negociar com você, Irmã. — O Capitão Blake mentiu. Ele remexeu no chapéu enquanto esperava que elas seguisse o seu caminho. Virou para os homens nas cordas. — Fiquem preparados para soltar as cordas, rapazes! Não queremos perder a maré!

Ninguém comemorou, mas apenas porque tinham medo do resultado caso mostrassem sua felicidade em se livrar de suas passageiras. Em sua viagem de volta para o Mundo Antigo foi necessário que compartilhassem mais algumas lições de disciplina. Lições que nenhum deles jamais esqueceria.

Enquanto aguardavam silenciosamente que a ordem fosse dada, nenhum dos marinheiros ao menos olhava para as seis mulheres. No final do passadiço quatro homens permaneciam preparados, com os olhos fixos no chão, cada um deles segurava uma vara, que sustentava a ponta de uma

lona suspensa acima das cabeças das Irmãs para evitar que elas ficassem ensopadas.

Com todo aquele poder que estava estalando em volta de Ulicia e suas cinco companheiras, ela poderia facilmente ter usado o Han para proteger a si mesma e suas cinco Irmãs da chuva, mas não queria usar a ligação até que chegasse a hora; não queria arriscar dando qualquer aviso para Jagang. Além disso, fazer esses vermes insignificantes carregarem a lona sobre as suas cabeças lhe agradava. Todos tinham muita sorte que ela não desejasse revelar a ligação, ou teria acabado com todos eles. Lentamente.

Quando Ulicia começou a se mover, podia sentir cada uma das suas Irmãs se mover também. Cada uma delas não tinha apenas o dom com o qual nasceram, o Han feminino. Cada uma passou pelo ritual, e possuía o seu oposto: o Han masculino que tinham retirado de jovens magos. Além do dom Aditivo com o qual nasceram, cada uma também tinha o oposto: Magia Subtrativa.

E agora elas estavam todas ligadas.

Ulicia não tinha certeza se isso funcionaria; Irmãs do Escuro, e além disso, Irmãs do Escuro que tiveram sucesso em absorver o Han masculino, jamais tentaram ligar seus poderes. Foi uma coisa muito arriscada, mas a alternativa era inaceitável. O fato disso ter funcionado deu a todas elas uma grande onda de alívio. Aquilo ter funcionado além de suas maiores expectativas deixou Ulicia intoxicada com o fluxo ligeiro e violento de magia ondulando através dela.

Ela jamais imaginou que um poder tão surpreendente pudesse ser acumulado. Além do Criador ou do Guardião, não havia poder algum na face da terra que pudesse se aproximar daquilo que agora elas controlavam.

Ulicia era o nó dominante da ligação, e aquela que comandaria e direcionaria a força. Isso era tudo que ela podia fazer para conter a chama de Han interior. Em qualquer lugar onde seu olhar repousasse, ele rugia para ser liberado. Em breve isso aconteceria.

Ligados como estavam, o Han feminino e o masculino, a Magia Aditiva e Magia Subtrativa, eles tinham força destrutiva suficiente para

fazer o Fogo do Mago parecer uma simples vela em comparação. Com um mero pensamento, ela poderia alcançar a colina sobre a qual ficava a fortaleza. Com um mero pensamento, poderia instantaneamente alcançar tudo dentro de seu campo de visão, e possivelmente além.

Se pudesse ter certeza de que Jagang estava na fortaleza, ela já teria liberado a fúria cataclísmica, mas se não estivesse, e elas não conseguissem matá-lo antes que dormissem novamente, então ele as teria. Primeiro precisavam encará-lo, para ter certeza de que estava lá, e então ela liberaria um poder como jamais foi visto nesse mundo, e transformaria Jagang em pó antes que ele pudesse piscar. O Mestre dela teria sua alma, e então garantiria que a punição de Jagang continuasse eternamente.

No final do passadiço os quatro marinheiros se moveram ao redor delas, protegendo-as da chuva. Ulicia podia sentir os músculos em cada uma de suas Irmãs flexionarem enquanto elas se moviam subindo o píer. Através da ligação, ela podia sentir cada pequena dor, ou prazer que elas sentiam. Em sua mente, elas eram apenas uma. Em sua mente, tinham apenas um pensamento, uma necessidade: livrar-se desse homem parasita.

Em breve, Irmãs, em breve.

E então iremos atrás do Seeker?

Sim, Irmãs, então iremos atrás do Seeker.

Enquanto marchavam subindo o píer, um grupo de soldados com aparência medonha passou trotando na direção oposta, suas armas retinindo quando passavam. Correram subindo pelo passadiço escorregadio sem parar. O grupo parou diante do Capitão do navio. Ela não conseguiu escutar as palavras do soldado, mas viu o Capitão Blake levantar os braços e conseguiu ouvir ele gritar. — O quê! — O Capitão jogou o chapéu, furioso, e começou a gritar um monte de reclamações que ela não conseguia entender. Se tivesse ampliado a ligação, poderia ser capaz, mas não ousava arriscar, ainda. Os soldados sacaram as espadas. O Capitão plantou os punhos nos quadris e depois de uma pequena pausa virou para os homens na doca.

— Amarrem as cordas, rapazes. — gritou para eles. — Não vamos partir esta noite.

Quando Ulicia chegou até a carroça, um soldado esticou a mão, ordenando que elas entrassem. Ulicia deixou as outras subirem primeiro. Podia sentir o alívio do peso saindo das pernas das duas mulheres mais velhas quando elas sentaram no banco de couro fino acolchoado. O soldado ordenou aos quatro marinheiros que acompanharam elas que ficassem ao lado e esperassem. Quando entrou e fechou a porta, Ulicia viu os soldados no navio conduzindo todos os marinheiros do Lady Sefa pelo passadiço.

Provavelmente o Imperador Jagang pretendia matá-los para eliminar qualquer testemunha que pudesse conectá-lo com as Irmãs do Escuro. Jagang estava fazendo a ela um favor. Ele não teria chance de matar a tripulação do navio, é claro, mas já que os marinheiros não teriam permissão para partir, ela mataria. Sorriu para as Irmãs. Através da ligação, cada uma delas conhecia seus pensamentos. Cada uma das outras cinco devolveram um sorriso satisfeito. A viagem pelo mar tinha sido miserável; os marinheiros pagariam.

Durante a viagem até a fortaleza, quando estavam em terreno elevado, Ulicia ficou surpresa ao ver, quando o relâmpago brilhou, a extensão do exército que Jagang tinha reunido. Toda vez que o relâmpago cruzava as colinas, ela podia ver tendas tão longe quanto havia terra. Elas cobriam as colinas como folhas de grama na primavera.

O número deles fazia a cidade de Tanimura parecer uma vila. Ela não sabia que havia tantos soldados assim em todo o Mundo Antigo. Bem, talvez eles também fossem úteis.

Quando os relâmpagos rasgaram sob as nuvens que ferviam e fizeram o chão tremer, ela também conseguiu ver a fortaleza terrível onde Jagang esperava. Através da ligação, ela também podia ver a fortaleza através dos olhos delas, e podia sentir seu medo. Todas elas queriam explodir o topo da colina enviando aquilo para o esquecimento, mas cada uma delas sabia que não podiam, ainda não.

Não haveria como se enganar com Jagang quando o vissem. Ninguém poderia falhar em reconhecer aquele rosto falso, mas precisavam ver ele primeiro, para ter certeza.

Quando enxergarmos ele, Irmãs, e soubermos que ele está ali, então ele morrerá.

Ulicia queria ver o medo nos olhos daquele homem, o tipo de medo que ele tinha colocado nos corações dela, mas não ousava arriscar dar a ele qualquer indicação do que elas estavam prestes a fazer. Ulicia não sabia do que ele era capaz; afinal de contas, elas nunca foram visitadas no sonho que não era sonho por qualquer outro além de seu Mestre, o Guardiã, e ela não estava disposta a correr o risco de dar a ele qualquer aviso, apenas pela satisfação de ver ele tremer.

Ela havia esperado deliberadamente até que estivessem navegando dentro do Porto Grafan antes de revelar o plano para suas Irmãs, só por segurança. O Mestre delas cuidaria da punição de Jagang. O trabalho delas era simplesmente enviar a alma dele para o submundo e para as garras do Guardiã.

O Guardiã ficaria mais do que satisfeito quando elas restaurassem o poder Dele nesse mundo, e as recompensaria com a visão do tormento de Jagang, se elas desejassem. E elas desejariam.

A carruagem parou balançando diante da entrada imponente da fortaleza. As mulheres receberam ordem de um soldado forte, usando um manto de pele e armas suficientes para destruir um pequeno exército, para sair da carruagem. As seis marcharam silenciosamente pela chuva e lama e sob o telhado além da grade de ferro. Elas foram conduzidas para dentro de uma entrada escura onde receberam ordem de ficar em pé e esperar, como se qualquer uma delas tivesse qualquer intenção de sentar no chão de pedra frio e sujo.

Afinal de contas, estavam usando seus melhores vestidos: Tovi em um vestido escuro que a fazia parecer mais esbelta; Cecilia, seu cabelo cinzento penteado e arrumado complementando seu vestido verde escuro com um laço na gola; Nicci em um vestido simples, preto, como seus vestidos sempre foram, com laço no espartilho de um modo que acentuava as formas dos seios dela; Merissa em um vestido vermelho, a cor preferida dela, e com boa razão, pelo modo que ele contrastava com sua juba de cabelo negro, para não falar de como destacava suas curvas; Armina em um vestido azul escuro que revelava sua figura razoavelmente em boa forma e

combinava com seus olhos azuis da cor do céu; e Ulicia com seu traje todo particular, uma tonalidade de azul mais clara que a de Armina e enfeitado com folheados no decote e pulsos, e sem adornos na cintura para não esconder seus quadris bem formados.

Todas queriam estar com seu melhor visual quando matassem Jagang.

As paredes com blocos de pedra da sala estavam vazias a não ser por duas tochas que chiavam em suportes. Enquanto esperavam, Ulicia podia sentir a raiva de cada uma das outras aumentando, junto com a dela, e a preocupação coletiva delas.

Quando os marinheiros, cercados pelos soldados, passaram pela grade de ferro, um dos dois guardas na sala de pedra abriu a porta interna que conduzia para dentro da fortaleza e com um rude balanço de cabeça ordenou que as Irmãs entrassem. Os corredores eram tão austeros quanto a sala de entrada; essa era uma fortaleza armada, não um palácio, apesar de tudo, e não tinha pretensão de mostrar conforto. Enquanto seguiam os guardas, Ulicia não viu mais do que rudes bancos de madeira e tochas em suportes de ferro enferrujados. As portas eram tábuas grosseiras com dobradiças de ferro, e não havia pelo menos uma lamparina a óleo ao alcance dos olhos enquanto seguiam seu caminho para dentro do coração da fortaleza. Parecia pouco mais do que um acampamento para tropas.

Os guardas chegaram até largas portas duplas e viraram as costas para as pedras de cada lado, depois de abrir as portas. Um deles levantou um dedão de forma orgulhosa, ordenando que elas entrassem na grande sala adiante. Ulicia jurou para suas Irmãs que lembraria do rosto dele, e ele pagaria o preço por sua arrogância. Ulicia levou as outras cinco mulheres para dentro enquanto os marinheiros subiam o corredor atrás, acompanhados pelo eco de botas nas pedras e o som de armas dos homens que as guardavam.

A sala era enorme. Janelas sem vidro lá no alto, nas paredes, revelavam os relâmpagos do lado de fora, e deixavam a chuva descer pela rocha escura em filetes cintilantes. Um poço de cada lado do chão continham fogueiras que rugiam. Suas centelhas e a fumaça subiam para sair pelas janelas abertas, mas ainda deixavam uma neblina fedorenta

pairando no ar. Em um anel de suportes enferrujados ao redor da sala, tochas estalavam e chiavam, adicionando o cheiro de piche ao fedor de suor. Tudo na sala escura ondulava na luz do fogo.

Entre as fogueiras gêmeas que elas podiam ver, na escuridão adiante, uma grossa mesa de madeira cheia de comida. Apenas um homem estava sentado na mesa, no lado oposto, observando-as casualmente enquanto ele cortava um pedaço de carne de porco.

Na luz turva, ondulante, era difícil ter certeza. Precisavam ter certeza.

Por trás da mesa, contra a parede, estava em pé uma fileira de pessoas que obviamente não eram soldados. Os homens vestiam calças brancas e nada mais. As mulheres usavam roupas com as calças largas do tornozelo até o pescoço, até os pulsos e apertadas na cintura com uma corda branca. Exceto pelas cordas, as roupas eram tão finas que as mulheres descalças poderiam muito bem ficar nuas.

O homem levantou a mão e balançou os dois primeiros dedos, ordenando que elas se aproximassem. As seis mulheres avançaram pela sala cavernosa que, por causa de suas pedras escuras que engoliam a luz do fogo, parecia fechar-se em volta delas. Sobre uma enorme pele de urso diante da mesa estavam mais duas das escravas vestidas de modo absurdo. As mulheres atrás da mesa, contra a parede, estavam com as mãos nos lados do corpo, imóveis. Cada uma das jovens tinha um anel de ouro cravado através do centro do lábio inferior.

As fogueiras atrás delas estalavam e chiavam enquanto as seis Irmãs avançavam no meio das sombras. Um dos homens de calça branca derramou vinho dentro de uma caneca para o homem quando ele a levantou em sua direção. Nenhum dos escravos olhou para as seis mulheres. Sua atenção, estava no homem que sentava sozinho na mesa.

Agora, Ulicia e todas as suas Irmãs o reconheceram.

Jagang.

Ele tinha altura mediana, mas era vigoroso, com peito e braços musculosos. Seus ombros nus destacavam-se em sua vestimenta feita com

pele de animal aberta no meio, exibindo uma dúzia de correntes de ouro e com joias que repousavam junto de seu cabelo, na profunda abertura entre os seus grandes músculos do peito. As correntes e joias pareciam algum dia ter pertencido a Reis e Rainhas. Faixas prateadas circundavam seus braços acima dos bíceps volumosos. Cada um dos dedos grossos tinha um anel de ouro ou de prata.

Cada Irmã conhecia muito bem a dor que aqueles dedos poderosos poderiam infligir.

Sua cabeça raspada brilhava na ondulante luz do fogo. Combinava com seus músculos. Ulicia não conseguia imaginar ele com cabelo sobre a cabeça; isso só poderia diminuir sua aparência ameaçadora. O pescoço dele parecia pertencer a um touro. Um anel dourado em sua narina esquerda tinha uma fina corrente de ouro que estava presa em outro anel no meio de sua orelha esquerda. Ele estava com a barba raspada a não ser por um bigode com duas polegadas crescendo apenas acima dos cantos de sua boca que mostrava um sorriso falso, e outra tira de cabelo no meio do queixo, debaixo do lábio inferior.

Seus olhos, entretanto, eram o que impressionava qualquer um sobre o qual eles pousavam. Não havia nenhum pedacinho branco neles.

Eram cinzentos, cobertos por formas escuras que ondulavam em um campo de obscuridade, e mesmo assim não havia dúvida sobre quando ele estava olhando para você.

Eles representavam janelas gêmeas para dentro de um pesadelo.

O sorriso falso desapareceu, deixando em seu lugar um olhar traiçoeiro. — Vocês estão atrasadas. — ele falou com uma voz áspera que elas reconheceram tão prontamente quanto seus olhos de pesadelo, Ulicia não perdeu tempo com uma resposta, nem traiu qualquer indicação do que pretendia fazer. Manuseando o fluxo do Han, ela até mesmo controlava o ódio delas, deixando que apenas uma faceta de seus sentimentos, o medo, tocasse seus rostos, para que elas não demonstrassem sua confiança, e acabassem revelando a razão dela.

Ulicia estava decidida a obliterar tudo ao redor, pelas próximas vinte milhas.

Com brusquidão violenta e sem cerimônia, ela recolheu os blocos de contenção da força furiosa presa dentro dela. Tão rápido quanto o pensamento, com fúria trovejante, a Magia Aditiva e a Magia Subtrativa explodiram para o exterior em uma explosão assassina. O próprio ar rugiu enquanto queimava. A sala incendiou com um brilho cegante das magias gêmeas. Opostos que se contorciam em uma descarga de fúria ensurdecadora.

Até mesmo Ulicia ficou surpresa com aquilo que havia liberado.

O tecido da realidade pareceu rasgar.

O último pensamento dela foi que, certamente, tinha destruído o mundo todo.

CAPÍTULO 27

Como pequenos flocos de neve de um sonho sombrio caindo, tudo foi retornando lentamente em sua visão. Primeiro as fogueiras gêmeas, então as tochas, as escuras paredes de pedra, e finalmente as pessoas.

Todo o corpo dela estava dormente por um momento de surpresa antes que as sensações retornassem para sua carne em um milhão de dolorosas picadas de agulhas. Sentia dor em toda parte.

Jagang arrancou uma grande mordida de faisão assado. Mastigou durante um momento, e então jogou nela o osso da perna.

— Sabe qual é o seu problema, Ulicia? — ele perguntou, ainda mastigando. — Você usa magia que pode liberar tão rápido quanto um pensamento.

O sorriso falso retornou aos lábios engordurados dele. — Eu, por outro lado, sou um Andarilho dos Sonhos. Eu uso o tempo entre os fragmentos do pensamento, naquele momento silencioso quando não há nada, para fazer o que faço. Eu entro onde nenhum outro consegue ir.

Ele fez um gesto com o osso novamente enquanto engolia. — Entenda, para mim, naquele Espaço entre o pensamento, o tempo é infinito, e posso fazer o que eu quiser. Vocês poderiam muito bem ser como estátuas de pedra tentando me perseguir.

Ulicia sentiu suas Irmãs através da ligação. Ela ainda estava ali.

— Rude. Muito rude. — ele disse. — Já vi outros fazerem isso muito melhor, mas eles tinham treinado. Eu deixei a ligação... por enquanto. Por enquanto, quero que todas sintam as outras. Quebrarei ele depois. Assim como posso quebrar a ligação, também posso quebrar suas mentes. — Ele bebeu um gole de vinho. — Mas acho que isso é tão improdutivo. Como você pode ensinar uma lição para as pessoas, realmente ensinar a elas uma lição, se as mentes delas não entendem?

Através da ligação, Ulicia sentiu Cecilia perder o controle da bexiga, e a urina quente descendo pelas pernas dela.

— Como? — Ulicia ouviu a si mesma perguntando com uma voz rouca. — Como você consegue usar o tempo entre os pensamentos?

Jagang pegou sua faca e cortou uma fatia de carne sobre uma bandeja de prata ornamentada que estava ao seu lado. Ele espetou o centro da fatia sangrenta com a ponta da faca e apoiou os cotovelos na mesa. — O que nós todos somos?

Ele balançou o pedaço de carne enquanto o sangue escorria descendo pela faca. — O que é a realidade, a realidade de nossa existência?

Ele arrancou a carne da faca com os dentes e mastigou enquanto continuava. — Nós somos os nossos corpos? Então uma pessoa pequena é menos do que uma pessoa grande? Se fôssemos os nossos corpos, então quando perdemos um braço, ou uma perna, seríamos menos, começaríamos a desaparecer da existência? Não. Somos a mesma pessoa.

— Não somos os nossos corpos; nós somos nossos pensamentos. Enquanto eles se formam, definem quem nós somos, e criam a realidade de nossa existência. Entre esses pensamentos, não há nada, apenas o corpo, esperando que nossos pensamentos nos façam quem nós somos.

— Entre os seus pensamentos, eu apareço. Naquele espaço entre seus pensamentos o tempo não possui significado para vocês, mas tem significado para mim. — Ele tomou um gole de vinho. — Eu sou uma sombra, deslizando entre as fendas da sua existência.

Através da ligação, Ulicia podia sentir as outras tremerem. — Isso não é possível. — ela sussurrou. — O seu Han não pode esticar o tempo, quebrá-lo.

O sorriso condescendente dele tirou o fôlego dela. — Uma pequena, e simples cunha, inserida em uma rachadura em uma rocha enorme, pode quebrá-la. Destruir ela.

— Eu sou a cunha. Essa cunha agora está inserida dentro das rachaduras de suas mentes.

Ele levantou silenciosamente enquanto seu dedão arrancava uma longa tira de porco assado. — Quando vocês dormem, seus pensamentos flutuam e deslizam e vocês ficam vulneráveis. Quando dormem, são um farol que eu consigo encontrar. Então, meus pensamentos deslizam para dentro das rachaduras. Os espaços onde vocês entram e saem da existência são abismos para mim.

— E o que você quer de nós? — Armina perguntou.

Ele mordeu um pedaço do porco que estava pendurado em seus dedos melados de carne. — Bem, entre meus usos para vocês, nós temos um inimigo mútuo: Richard Rahl. Vocês o conhecem como Richard Cypher. — Ele curvou uma das sobrancelhas sobre um dos seus olhos escuros. — O Seeker. — Até agora ele tem sido de um valor incalculável. Ele me fez um enorme favor ao destruir a barreira, que me mantinha desse lado. Meu corpo, pelo menos. Vocês, as Irmãs do Escuro, o Guardiã, e Richard Rahl tornaram possível que eu traga a raça dos homens para o domínio.

— Não fizemos tal coisa. — Tovi protestou com uma voz fraca.

— Ah, mas vocês fizeram, entendam, o Criador e o Guardiã lutam pelo domínio nesse mundo, o Criador simplesmente evita que o Guardiã engula ele lançando-o para dentro do mundo dos mortos, e o Guardiã simplesmente tem um insaciável apetite pelos vivos.

O olhar sombrio dele levantou para encontrar com o delas. — Em seu esforço para libertar o Guardiã, para entregar a ele esse mundo, você dão poder ao Guardiã aqui, e isso, em contrapartida, estimulou Richard Rahl na defesa dos vivos. Ele restaurou o equilíbrio.

— Nesse equilíbrio, justamente como no espaço entre os seus pensamentos, eu entro.

— A magia é o canal para esses outros mundos, dando a eles o poder aqui. Reduzindo a quantidade de magia no mundo vou diminuir a influência do Criador e do Guardiã aqui. O Criador ainda vai enviar sua centelha da vida, e o Guardiã ainda levará ela embora quando o fim dela chegar, mas além disso, o mundo pertencerá ao homem.

— A antiga religião da magia será transferida para o grande amontoado da história, e eventualmente, vai se tornar um mito.

— Eu sou um Andarilho dos Sonhos; tenho visto os sonhos dos homens, conheço o potencial deles. A magia anula essas visões sem fronteiras. Sem a magia, a mente do homem, sua imaginação, será liberada, e ele será todo poderoso.

— É por isso que tenho esse exército. Quando a magia estiver morta, ainda terei eles. Mantenho eles bem treinados para esse dia.

— E como Richard Rahl é seu inimigo? — Ulicia perguntou, esperando manter ele falando enquanto tentava pensar no que elas poderiam fazer.

— Ele teve que fazer o que fez, é claro, ou vocês teriam entregado o mundo ao Guardião. Isso me ajudou, mas agora ele interfere com meus planos. Ele é jovem, e ignorante quanto aos seus talentos. Eu, por outro lado, passei os últimos vinte anos aperfeiçoando minha habilidade.

Ele balançou a ponta da faca na frente dos olhos. — Somente no ano passado meus olhos se transformaram, na marca de um Andarilho dos Sonhos. Apenas agora eu estou intitulado com o título mais temido no mundo antigo. Na língua antiga, *Andarilho dos Sonhos* é um sinônimo de Arma. Os magos que criaram essa arma acabaram se arrependendo.

Ele lambeu a gordura da faca enquanto as observava. — É um erro criar armas com vontade própria. Agora vocês são minhas armas. Eu não cometo o mesmo erro.

— Meu poder permite que eu entre nas mentes de qualquer um quando eles dormem. Naquele que não possuem o dom só posso exercer uma limitada quantidade de influência, e de qualquer maneira eles não tem utilidade para mim, mas aqueles que são dotados, como vocês seis, posso fazer qualquer coisa que eu desejar. Uma vez que a minha cunha está em sua mente, ela não pertence mais a você. É minha.

— A magia dos Andarilhos dos Sonhos era poderosa, mas instável. ninguém nasceu com a habilidade durante os últimos três mil anos, desde

que a barreira foi erguida e nos prendeu aqui. Mas agora, um Andarilho dos Sonhos caminha nesse mundo novamente.

Ele tremeu soltando uma risada ameaçadora. As pequenas tranças nos cantos da boca dele dançaram. — Esse sou eu.

Ulicia quase falou para ele seguir direto ao ponto, mas conteve a si mesma bem a tempo. Não tinha nenhum desejo de ver o que ele faria quando acabasse de falar. Ela precisava de tempo para pensar em alguma coisa. — Como sabe tudo isso?

Jagang arrancou uma tira de carne torrada do assado e começou a dar pequenas mordidas enquanto continuava. — Em uma cidade enterrada na minha terra natal de Altur'Rang, encontrei um arquivo dos tempos antigos. É irônico, o valor de livros, para um guerreiro como eu. O Palácio dos Profetas também tem livros de imenso valor, se você souber como usá-los. É muito ruim que o profeta tenha morrido, mas tenho outros magos.

— Um fragmento de magia da guerra antiga, um tipo de escudo, foi passado de seu criador para todos aqueles descendentes com o dom nascidos na Casa de Rahl. Essa ligação protege a mente das pessoas e assim não posso entrar.

Richard Rahl possui essa habilidade, e começou a usá-la. Antes que ele aprenda demais, ele deve ser neutralizado.

— Junto com sua noiva.— Ele fez uma pausa com um olhar pensativo, distante. — A Madre Confessora causou um pequeno atraso, mas ela já está sendo controlada pelas minhas marionetes involuntárias do norte. Os tolos, em seu entusiasmo, criaram algumas complicações, mas ainda tenho que balançar as cordas deles de verdade. Quando eu fizer isso, eles dançarão de acordo com a minha música; tenho aquela cunha plantada bem fundo. Tenho feito grande esforço para alterar os eventos em meu benefício para colocar Richard Rahl e a Madre Confessora na palma da minha mão.

Ele arrancou um punhado de carne do porco assado. — Entendam, ele nasceu como um mago guerreiro, o primeiro em três mil anos, mas vocês sabiam disso. Um mago como esse provará ser uma arma inestimável para mim. Ele pode fazer coisas que nenhuma de vocês pode, então não

quero matá-lo; quero controlar ele. Quando sua utilidade tiver acabado, então precisará ser morto.

Jagang sugou a gordura do porco dos seus anéis. — Entendam, controlar é mais importante do que matar. Poderia ter acabado com vocês, mas que bem isso faria? Enquanto estiverem sob meu domínio, não são ameaça para mim, e são úteis, oh, de tantas maneiras.

Jagang virou os pulsos para cima, apontando sua faca para Merissa. — Todas vocês juraram vingança contra mim, mas você, minha querida, jurou se banhar no sangue dele. Ainda posso dar essa chance a você.

O rosto de Merissa ficou pálido. — Como... poderia saber isso? Falei quando estava acordada.

Ele riu com o pânico estampado no rosto dela. — Se não quer que eu saiba alguma coisa, querida, então não deveria sonhar com o que disse enquanto estava acordada.

Através da ligação, Ulicia sentiu Armina quase desmaiando.

— É claro, primeiro vocês precisam receber uma lição. Devem aprender quem está no controle de suas vidas. — Com a faca ele apontou para os escravos silenciosos atrás dele. — Ficarão tão obedientes quanto esses aqui.

Pela primeira vez, Ulicia deu uma boa olhada para as pessoas vestidas parcialmente ao redor da sala. Ela quase sufocou. Todas as mulheres eram Irmãs. Pior, a maioria eram suas Irmãs do Escuro. Ela fez uma rápida avaliação; nem todas elas estavam aqui. Os homens, a maioria jovens magos que foram libertados após o seu treinamento no Palácio, também eram alguns que fizeram um juramento de alma para o Guardião.

— Algumas são Irmãs da Luz, e servem muito bem, com medo daquilo que eu farei com eles caso me desagradem.

Com o indicador e o dedão, Jagang tocou na fina corrente de ouro entre os anéis do seu nariz e orelha. — Mas eu gosto mais de suas Irmãs do Escuro; Dominei todas elas, até mesmo aquelas no Palácio.— Ulicia sentiu como se outra agulha fosse espetada nela. — Tenho negócios no Palácio dos Profetas. Negócios importantes.

As correntes de ouro no peito dele cintilaram na luz do fogo quando ele abriu os braços.— Todas são bastante obedientes. — Seu olhar sombrio virou para aquelas que estavam atrás dele. — Não são, queridas?

Janet, uma Irmã da Luz, beijou o dedo anelar dela enquanto lágrimas desciam por suas bochechas. Jagang riu. Seu anel brilhou na luz do fogo enquanto apontava um dedo grosso na direção dela.

— Estão vendo isso? Eu permito que ela faça isso. Isso a deixa cheia de falsas esperanças. Se eu impedisse, então talvez ela pudesse cometer suicídio, porque ela não tem o medo da morte como aqueles jurados ao Guardião. Não está certo, minha querida Janet?

— Sim, Excelência. — ela respondeu com uma voz assustada. — Você possui meu corpo nessa vida, mas a minha alma pertence ao Criador quando eu morrer.

Jagang riu, emitindo um som mórbido. Ulicia tinha ouvido isso antes, e ela sabia que seria motivo para que ele pudesse rir novamente.

— Estão vendo isso? Isso é o que eu tolero para manter meu controle. É claro que agora ela terá que servir nas tendas durante uma semana como punição. — Seu olhar fez Janet recuar. — Mas você sabia disso antes de falar, não sabia minha querida?

A voz da Irmã Janet tremeu. — Sim, Excelência.

Os olhos escuros nebulosos de Jagang voltara para as seis diante dele. — Gosto mais das Irmãs do Escuro porque elas tem fortes razões para temer a morte. — Ele partiu o faisão no meio. Ossos estalaram e quebraram.

— Elas falharam com o Guardião, para quem elas juraram suas almas. Se elas morrerem, não há escapatória. Se morrerem, o Guardião terá sua vingança pela sua falha. — Ele riu, com um som desdenhoso ressonante. — Assim como terá vocês, pela eternidade, se me desagradarem o bastante para merecer a morte.

Ulicia engoliu em seco. — Nós entendemos... Excelência.

O olhar de pesadelo de Jagang fez ela parar de respirar. — Oh, não, Ulicia, não acho que entenderam de verdade. Porém, quando suas aulas

acabarem, vocês entenderão.

Com seu olhar sobre Ulicia, ele esticou o braço embaixo da mesa e arrastou uma mulher de corpo bem feito pelo cabelo louro. Ela gemeu de dor quando seus dedos poderosos a levantaram. Ela estava vestida do mesma maneira que as outras.

Pelo tecido fino, Ulicia conseguiu ver escoriações mais antigas, amareladas, e mais novas, roxas. Havia um machucado na bochecha direita dela, e um recente, enorme, azul escuro, no lado esquerdo da mandíbula, com uma linha de quatro cortes deixados pelos anéis dele.

Essa era Christabel, uma das Irmãs do Escuro que Ulicia tinha deixado no Palácio. As Irmãs do Escuro no Palácio teriam preparado o terreno para o retorno delas. Aparentemente, agora elas preparavam o terreno para a chegada de Jagang. O que ele poderia querer com o Palácio dos Profetas, ela não conseguia imaginar.

Jagang virou a mão, apontando. — Fique em pé na minha frente.

Irmã Christabel deu a volta n mesa rapidamente para ficar em pé diante de Jagang. Ela alisou o cabelo desarrumado apressadamente, e limpou a boca com a costa da mão antes de fazer uma reverência. — Como posso servi-lo, Excelência?

— Bem, Christabel, preciso ensinar a essas seis a primeira lição. — Ele arrancou a outra perna do faisão. — Para fazer isso, você deve morrer.

Ela fez uma reverência. — Sim, Excel... Ela congelou, percebendo o que ele tinha acabado de falar. Ulicia podia ver suas pernas tremendo quando ela levantou o corpo, mas assim mesmo, a mulher não ousou dizer nada.

Ele fez um gesto com a perna do faisão para as duas mulheres sentadas na frente dele sobre a pele de urso, e elas se afastaram. Jagang deu aquele terrível sorriso dele. — Adeus, Christabel.

Os braços dela levantaram no ar quando ela desabou no chão soltando um grito. Christabel debateu-se loucamente no chão, gritou tão alto que machucou os ouvidos de Ulicia. As seis mulheres em pé sobre ela na beira da pele de urso observaram com os olhos arregalados, prendendo a

respiração delas. Jagang mastigou sua perna de faisão. Os gritos horríveis que faziam o sangue gelar continuaram e continuaram enquanto a cabeça de Christabel balançava de um lado para o outro, todo o seu corpo tremia e saltava enquanto ela se debatia violentamente.

Jagang ocupou-se com sua perna de faisão e tendo sua caneca de vinho abastecida novamente. Ninguém falou enquanto ele terminava a perna e virou para pegar algumas uvas.

Ulicia não conseguia mais suportar. — Quanto tempo até que ela morra? — ela perguntou com uma voz rouca.

Jagang levantou uma sobrancelha. — Até que ela morra? — Ela jogou a cabeça para trás enquanto soltava uma gargalhada. Seus punhos, com anéis enormes, bateram na mesa. Ninguém mais na sala mostrou ao menos um sorriso. Todo o corpo musculoso dele tremeu. A fina corrente entre o nariz e a orelha dele dançou enquanto sua risada morria.

— Ela estava morta antes de bater no chão.

— O quê? Mas ela... ela ainda está gritando.

De repente Christabel ficou em silêncio, seu peito tão imóvel quanto pedra.

— Ela estava morta desde o primeiro instante. — Jagang falou. Um leve sorriso surgiu em seus lábios enquanto ele fixava o vácuo negro de seu olhar em Ulicia. — Aquela cunha sobre a qual falei para vocês. Exatamente como aquela que tenho em suas mentes. O que vocês enxergam é a alma dela gritando. Estão vendo o tormento dela no mundo dos mortos. Parece que o Guardião está descontente com sua Irmã do Escuro.

Jagang levantou um dedo e Christabel voltou a se debater loucamente e gritar.

Ulicia engoliu em seco. — Quanto tempo... quanto tempo até que ela... pare?

Ele lambeu os lábios. — Até que ela apodreça.

Ulicia sentiu os joelhos tremendo, e através da ligação conseguiu sentir as outras cinco prestes a gritar de pânico, exatamente como Christabel gritava. Esse era o desprazer que o Guardião lançaria sobre elas se não restaurassem a influência dele nesse mundo.

Jagang estalou os dedos. — Slith! Eeris!

Luz cintilou contra a parede. Ulicia arfou quando duas formas de capa aparentemente brotaram da rocha escura.

As duas criaturas escamosas deslizaram silenciosamente em volta da mesa e fizeram reverência. — Simmmm, Andarilho dos Sonhossss?

Jagang balançou o dedo, apontando para a mulher que gritava no chão. — Jogue ela dentro do buraco.

Os Mriswith jogaram as capas para trás, por cima dos ombros, e se curvaram, levantando o corpo que se contorcia e gritava de uma mulher que Ulicia conheceu por mais de centenas de anos, uma mulher que havia lhe ajudado, e foi uma obediente serva dos desejos do Guardião. Ela deveria ter recebido um prêmio por seus serviços. Todas deveriam receber.

Ulicia olhou para Jagang enquanto os dois Mriswith deixavam a sala com sua carga para o buraco. — O que você quer que façamos?

Jagang levantou uma das mãos e com dois dedos lisos de gordura fez um sinal para um soldado ao lado da sala para que se adiantasse. — Estas seis pertencem a mim. Coloque os anéis nelas.

O homem rouco, enrolado em peles e carregado de armas, fez uma reverência. Ele foi até a que estava mais perto, Nicci, e com dedos sujos puxou o lábio inferior dela sem fazer cerimônia, esticando-o de forma grotesca. Seus olhos azuis arregalados se encheram de pânico. Ulicia arfou junto com Nicci. Através da ligação, ela podia sentir a dor da jovem e o terror quando o ferro enferrujado perfurou a beira do lábio com um movimento giratório. O soldado enfiou o furador com cabo de madeira de volta no cinto e tirou um anel de ouro do bolso enquanto segurava o lábio inferior dela.

Com ajuda dos dentes, ele aumentou a abertura no anel e então enfiou ele pelo ferimento sangrento. Girou o anel e usou os dentes para

fechar a abertura.

O soldado sujo, fedorento, com a barba por fazer, deixou Ulicia para o final. Nesse momento ela estava tremendo incontrolavelmente, por ter sentido aquilo ser feito com cada uma das outras. Enquanto ele puxava o lábio inferior dela, ela tentou desesperadamente pensar em uma maneira de escapar.

Era como puxar um balde de um poço seco. Lágrimas de dor brotaram dos olhos dela quando o anel foi inserido.

Jagang limpou gordura da boca com a costa da mão enquanto observava com prazer o sangue escorrer pelos queixos de todas elas. — Agora vocês seis são minhas escravas. Se não me derem motivo para matá-las, tenho um trabalho para vocês no Palácio dos Profetas. Quando acabar com Richard Rahl, posso até deixar vocês matarem ele.

Os olhos dele levantaram outra vez, e as formas neles se moviam de uma maneira que tirou o fôlego dela. Todos os traços de alegria desapareceram, deixando em seu lugar uma ameaça desenfreada. — Mas primeiro, ainda não acabei com suas lições.

— Entendemos muito bem nossas alternativas. — Ulicia disse apressadamente. — Por favor, não precisa ter medo de nossa lealdade.

— Oh, eu sei disso. — Jagang sussurrou. — Mas ainda não acabei com suas lições. A primeira foi apenas o começo. As outras não serão nem um pouco tão rápidas.

As pernas de Ulicia estavam ameaçando fraquejar. Desde que Jagang começou a aparecer em seus sonhos, a sua vida acordada havia se transformado em um pesadelo. Deveria haver um jeito de parar com isso, mas não conseguia pensar em nenhum. Teve uma visão de si mesma, voltando ao Palácio dos Profetas como uma das escravas de Jagang, em uma daquelas roupas.

Jagang olhou além dela. — Os garotos estavam escutando?

Ulicia ouviu o Capitão Blake responder que sim. Ela tomou um susto. Tinha esquecido completamente dos trinta marinheiros em pé atrás dela, no fundo da sala.

Jagang fez um sinal com dois dedos para que eles se aproximassem. — Ao amanhecer vocês partirão. Entretanto, pensei que durante esta noite vocês gostariam de ficar com essas damas.

Cada uma das seis ficou rígida.

— Mas...

As palavras dela foram interrompidas pelo modo como as formas flutuantes agitaram-se repentinamente nos olhos escuros dele. — De agora em diante, se usarem sua magia contra meus desejos, mesmo que seja para fazer parar um espirro, irão compartilhar do destino de Christabel. Nos seus sonhos, eu mostrei uma pequena prova do que posso fazer com vocês enquanto estiverem vivas, e agora vocês viram uma pequena amostra daquilo que o Guardião fará com vocês se morrerem. Só há um caminho a seguir. Se eu fosse vocês, eu não daria um passo em falso.

Jagang voltou seu olhar para os marinheiros atrás delas. — Elas são suas durante a noite. Conhecendo essas seis pelos sonhos delas, eu sei que vocês tem contas a acertar. Façam com elas o que desejarem.

As vozes dos marinheiros se elevaram com gritos de alegria.

Através da ligação, Ulicia sentiu uma mão agarrar o seio de Armina, outra puxou a cabeça de Nicci para trás pelo cabelo enquanto o laço no espartilho dela foi desfeito, e outra mão deslizou pela própria coxa dela. Ela conteve um grito.

— Tem algumas pequenas regras. — Jagang disse, fazendo parar as mãos sobre elas. — Se violarem essas regras, vou estripar todos vocês como um monte de peixes.

— E quais seriam as regras, Imperador? — um marinheiro perguntou.

— Não podem matá-las. Elas são minhas escravas. Pertencem a mim. Quero que elas sejam devolvidas de manhã em boas condições para me servir. Isso significa nenhum osso quebrados e coisas assim. Vocês vão tirar na sorte quem vai ficar com cada uma. Sei o que vai acontecer se deixar vocês mesmos escolherem. Não quero que nenhuma delas seja desprezada.

Todos os marinheiros riram concordando, e todos disseram que era mais do que justo. Eles juraram que as regras seriam seguidas.

Jagang voltou sua atenção para as seis mulheres. — Tenho um grande exército de soldados fortes, e não tem prostitutas o bastante. Isso deixa meus homens com um humor terrível. Até que eu tenha outras tarefas para vocês, servirão nessa função para todos mas durante quatro horas por dia. Agradeçam por terem meus anéis em seus lábios; isso vai impedir que eles matem vocês enquanto aproveitam sua diversão.

Irmã Cecilia abriu os braços. Ela mostrou um sorriso delicado, inocente. — Imperador Jagang, seus homens são jovens e fortes. Eu temo que não sentirão diversão alguma ficando com uma mulher velha como eu. Sinto muito.

— Tenho certeza que eles vão sorrir de alegria em ficar com você. Você verá.

— Imperador, Irmã Cecilia está certa. Também temo que eu também seja velha demais e gorda. — Tovi falou com sua voz mais madura. — Não conseguiríamos dar nenhuma satisfação aos seus homens.

— Satisfação? — Ele deu uma mordida no assado na ponta da sua faca. — Satisfação? Você é estúpida? Isso não tem nada a ver com satisfação. Eu lhe asseguro, meus homens ficarão felizes com seu encantos. Mas você entendeu mal.

Balançou um dedo na direção delas, os anéis engordurados em seus dedos brilhando. — Vocês foram seis Irmãs da Light, e depois Irmãs do Escuro. Provavelmente são as feiticeiras mais poderosas no mundo. Isso é para ensinar a vocês, que vocês são pouco mais do que estrume debaixo das minhas botas. farei com vocês o que eu quiser. Agora aqueles com o dom são minhas armas.

— Isso é para ensinar a vocês uma lição. Vocês não tem voz nesse assunto. Até que eu decida o contrário, entrego vocês para meus homens. Se eles quiserem torcer os seus dedos e fazer apostas para ver quem consegue fazer vocês gritarem mais alto, então eles o farão. Se quiserem qualquer outro tipo de prazer de vocês, então eles terão. Eles possuem gostos

bastante variados, e enquanto não matarem vocês, são livres para satisfazê-los.

Ele enfiou o resto do pedaço de carne na boca. — De qualquer modo, depois que esses colegas tiverem acabado com vocês. Aproveitem meu presente rapazes. Façam o que eu digo, sigam minhas regras, e poderei encontrar alguma utilidade para vocês no futuro. O Imperador Jagang trata os seus amigos muito bem.

Um grito de aclamação para o Imperador explodiu dos marinheiros.

Ulicia teria caído quando suas pernas dobraram se um braço não tivesse segurado a cintura dela e puxado para trás, bem apertado, contra um marinheiro ansioso. Ela podia sentir a respiração nojenta dele.

— Bem, bem, bem, moças. Parece que vão sair para brincar afinal de contas, e depois que foram tão más para nós.

Ulicia podia ouvir á si mesma choramingando. O lábio dela latejava de dor, mas ela sabia que era apenas o começo. Ela estava tão surpresa com aquilo que estava acontecendo que não conseguia formar um pensamento claro.

— Oh. — Jagang falou, parando todos. Fez um gesto com sua faca para Merissa. — Exceto essa aqui. Não podem ficar com ela. — ele falou para os marinheiros. Ele balançou dois dedos. — Aproxime-se, querida.

Merissa deu dois passos até a pele. Através da ligação, Ulicia sentiu as pernas dela tremendo.

— Christabel era minha, exclusivamente. Era minha favorita. Mas agora ela está morta, apenas para servir de lição para vocês. — Ele olhou para o local onde os marinheiros já deixaram a roupa dela aberta. — Você ficará no lugar dela.

Ele desviou o olhar para os olhos dela novamente. — Você disse, se eu lembro muito bem, que lamberia meus pés se tivesse que fazer isso. Você tem. — Jagang mostrou aquele sorriso mortal dele, emoldurado pelas pequenas tranças nas pontas, ao ver a expressão de surpresa no rosto de Merissa. — Eu falei, querida, você sonha coisas que falou quando estava acordada.

Merissa assentiu com voz fraca. — Sim, Excelência.

— Tire esse vestido. Pode precisar de alguma coisa melhor para mais tarde, se eu escolher deixar você matar Richard Rahl para mim.

Ela olhou para as outras mulheres quando Merissa fez como foi ordenada. — Eu vou deixar a ligação sobre vocês por enquanto para que cada uma sinta as lições que as outras receberem. Eu não gostaria que perdessem nenhuma delas.

Quando Merissa terminou, Jagang virou a faca entre o indicador e um dedão, e apontou para baixo. — Debaixo da mesa, querida.

Ulicia podia sentir a pele áspera nos joelhos de Merissa, e então a pedra debaixo da mesa.

Os marinheiros ficaram excitados com aquela visão.

Com grande força de vontade, de seu reservatório de ódio por esse homem, Ulicia retirou força e extraiu determinação. Era a líder das Irmãs do Escuro. Através da ligação, ela falou com as outras. — Nós todas passamos pelo ritual. Pior do que isso foi feito conosco. Nós somos Irmãs do Escuro; lembrem quem é o nosso verdadeiro Mestre. Por enquanto somos escravas desse parasita, mas ele cometeu um grande erro se pensa que não temos mentes. Ele não tem nenhum poder a não ser o de usar os nossos. Vamos pensar em alguma coisa, e então Jagang vai pagar. Oh, querido Mestre, ele vai pagar.

— *Mas o que vamos fazer até lá!* — Armina gritou.

— *Silêncio!* — Nicci ordenou. Ulicia podia sentir os dedos sobre Nicci, podia sentir o calor de sua fúria, e podia sentir o seu coração de gelo negro. — *Lembrem de cada rosto. Cada um deles vai pagar. Escutem Ulicia. Vamos pensar em alguma coisa, e então vamos ensinar para eles todas as lições que apenas nós conseguiríamos imaginar.*

— *E que nenhuma de vocês ouse sonhar com isso.* — Ulicia avisou. — *A única coisa que não podemos permitir é deixar que Jagang nos mate, ou toda a esperança está perdida. Enquanto vivermos, temos chance de conquistar nosso caminho de volta aos bons olhos do Mestre. Uma*

recompensa por nossas almas nos foi prometida, e eu pretendo obter isso. Tenham força, minhas Irmãs.

— Mas Richard Rahl é meu. — Merissa sibilou. — Qualquer uma que pegar ele no meu lugar vai responder a mim, e ao Guardiã. — Até mesmo Jagang, se fosse capaz de escutar, ficaria pálido com o veneno no aviso dela.

Através da ligação, Ulicia sentiu Merissa afastar o cabelo do caminho. Podia provar o que Merissa provava.

— Estou cansado de você... — Jagang fez uma pausa durante um momento enquanto soltava um suspiro. Ele balançou a faca. — Desapareça.

O Capitão Blake agarrou Ulicia pelo cabelo. — Hora do pagamento, moça.

CAPÍTULO 28

Ela piscou enquanto olhava para toda a extensão da lâmina enferrujada perto do rosto dela. A ponta não estava a mais de uma polegada de distância.

— Isso realmente é necessário? Falei que poderiam roubar o que quisessem e não faríamos nada para impedir, mas sou obrigado a dizer que é o terceiro bando de perigosos foras-da-lei a nos roubam nas últimas duas semanas, e não temos mais nada de valor.

Pelo modo como a mão do rapaz estava tremendo, ele não parecia ter muita prática em sua arte. Pelo modo como sua pele estava colada nos ossos, também não parecia ter muito sucesso nela.

— Quieta! — Ele deu uma olhada na direção dos seus companheiros. — Encontraram alguma coisa?

O segundo jovem fora-da-lei, agachado entre as mochilas na neve, e tão magro quanto o primeiro, lançou olhares para a floresta sombria de cada lado da estrada pouco utilizada. Ele checou atrás, na curva da estrada não muito longe onde ela desaparecia por trás de uma tela de abetos cobertos de neve. No meio da curva, pouco antes da estrada desaparecer, havia uma ponte sobre uma corrente que ainda corria independente do fato de ser inverno. — Não. Apenas roupas velhas e lixo. Nenhum bacon, nem ao menos um pedaço de pão.

O primeiro dançava para frente e para trás sobre os calcanhares, pronto para correr ao primeiro sinal de problema. Ele levantou a outra mão até o cabo para ajudar a segurar o peso da espada feita de forma rude. — Vocês parecem bem alimentados. O que vocês dois comem, velha! Neve?

Ela cruzou as mãos sobre o cinto enquanto suspirava. Estava ficando cansada disso. — Trabalhamos por comida enquanto viajamos.

Deveriam tentar. Trabalhar, quero dizer.

— É mesmo? É inverno, velha, caso você não tenha notado. Não há trabalho. No último outono o exército levou nossas provisões. Meus pais não tem nada para ajudar a passar o inverno.

— Sinto muito, filho. Talvez...

— Ei! O que é isso, velho? — Ele estava com o dedo enfiado na coleira de prata. Deu um puxão nela. — Como tira essa coisa? Responda!

— Eu falei. — ela disse, evitando a fúria silenciosa dos olhos azuis do mago. — Meu irmão é surdo e mudo. Não entende suas palavras, e não pode responder.

— Suro e mudo? Então diga você, como tira essa coisa?

— É apenas uma lembrança que foi soldada faz muito tempo. Não tem valor.

Uma das mãos saiu da espada quando o assaltante dela se inclinou cuidadosamente na direção dela e empurrou a capa dela para o lado com um dedo.

— O que é isso? Uma bolsa! Encontrei a bolsa dela! — Ele arrancou a pesada bolsa com moedas de ouro do cinto dela. — Deve estar cheia de ouro!

Ela riu. — Temo que seja apenas uma bolsa com biscoitos duros. Fique à vontade para pegar um, se quiser, mas não tente morder ou vai quebrar os dentes. Chupe ele por algum tempo.

Ele retirou uma moeda de ouro e colocou entre os dentes. Fez uma careta mostrando uma expressão amarga. — Como vocês conseguem comer essas coisas? Já comi biscoitos ruins, mas esses não são nem bons o bastante para serem chamados de ruins.

É tão fácil com uma mente jovem, ela pensou. Muito ruim que não fosse tão fácil assim com adultos.

Ele cuspiu para o lado e jogou a bolsa de ouro na neve antes de tatear a capa dela, procurando por qualquer outra coisa que ela pudesse ter escondido.

Ela suspirou com impaciência. — Os garotos poderiam se apressar com esse assalto. Gostaríamos de chegar até a próxima cidade antes de escurecer.

— Nada. — o segundo disse. — Eles não tem nada que valha o trabalho de carregar.

— Eles tem cavalos. — o primeiro disse enquanto apertava a pesada capa dela, tentando sentir qualquer coisa que ela pudesse estar segurando. — Pelo menos podemos levar os cavalos. Eles valerão alguma coisa.

— Por favor, faça isso. — ela falou. — Estou cansada de ser atrasada arrastando esses cavalos velhos. estariam me fazendo um favor. Os quatro estão mancos e não tenho coração forte para acabar com o sofrimento deles.

— A velha está certa. — o segundo falou enquanto puxava um dos cavalos mancos, testando ele. — Todos os quatro. Podemos caminhar mais rápido. Se tentarmos levar esses sacos de ossos conosco seremos pegos com certeza.

O primeiro ainda estava passando a mão na capa dela. Ela parou no bolso dela. — O que é isso?

A voz dela assumiu um tom estranho. — Nada que interesse a você.

— É mesmo? — Ele tirou o livro de jornada do bolso dela.

Enquanto folheava as páginas em branco, ela avistou uma mensagem. Finalmente.

— O que é isso?

— Apenas um livro de notas. Consegue ler, filho?

— Não. De qualquer modo, isso dificilmente parece ser algo que valha a pena ler.

— Leve ele. — o segundo falou. — Pode valer alguma coisa se não tiver nada escrito.

Ela olhou novamente para o jovem segurando a espada no seu rosto. — Já estou cansada disso. Considerem o assalto terminado.

— Estará terminado quando eu disser que terminou.

— Devolvam isso. — Ann disse com uma voz firme quando esticou a mão. — E então sigam seu caminho antes que eu arraste vocês até a cidade pelas orelhas e faça os seus pais buscarem vocês.

Ele agitou a espada quando saltou para trás de forma defensiva. — Cuidado, não fique nervosa ou vai provar o aço!

— Eu sei como usar essa coisa!

De repente o ar parado do anoitecer trovejou com o som de cascos de cavalos. Ela estivera observando enquanto os soldados deslizavam subindo, pela curva e passando pela pequena ponte, sem serem notados pelos dois jovens por causa do som da água, até o último momento quando eles avançaram. Quando o assaltante dela virou, assustado, Ann arrancou a espada das mãos dele. Nathan tirou a faca do outro.

Soldados D'Haran montados aproximaram-se rapidamente deles. — O que está acontecendo aqui? — o Sargento perguntou com uma voz calma e firme.

Os dois jovens ficaram imóveis, congelados pelo pânico. — Bem... — Ann falou. — esbarramos nesses dois aqui, e eles estavam dizendo como deveríamos ter cuidado com foras-da-lei. Eles moram na vizinhança. Estavam mostrando como nos proteger e dando uma demonstração de seu trabalho com a espada.

O Sargento cruzou as mãos sobre o cabeçote da sela. — É isso mesmo, rapaz?

— Eu... nós... — Os olhos desesperados dele viraram para ela. — Está certo. Moramos aqui perto, e estávamos acabando de falar para esses dois viajantes para serem cuidadosos pois ouvimos falar que tem foras-da-lei por aqui.

— E que show de habilidade com a espada. Como eu prometi, meu jovem, você vai ganhar um biscoito pela apresentação. Pegue o meu saco de

biscoitos, ali.

Ele se curvou e pegou a pesada bolsa com ouro, entregando-a para ela. Ann tirou duas moedas e enfiou uma na mão de cada um dos jovens.

— Como prometi, um biscoito para cada um. Agora é melhor que os rapazes voltem para casa antes que escureça, ou seus pais ficarão preocupados.

Entreguem para eles meus biscoitos como agradecimento por enviar vocês para nos avisar para ter cuidado.

Ele assentiu meio sem jeito. — Está bem. Então, boa noite. Tomem cuidado.

Ann esticou a mão. Observou o jovem com um olhar ameaçador. — Se tiver acabado de olhar meu caderno de notas, gostaria de ter ele de volta.

Os olhos dele ficaram arregalados com a expressão nos olhos dela, e então ele enfiou o livro de jornada na mão dela como se ele estivesse queimando seus dedos, e realmente estava.

Ann sorriu. — Obrigada, filho.

Ele esfregou a mão no casaco esfarrapado. — Então, adeus. E cuidado.

Ele virou para ir embora. — Não esqueça isso. — Ele virou cuidadosamente. Ela ofereceu o cabo da espada para ele. — Seu pai ficaria muito zangado se esquecesse de levar de volta a espada dele.

Ele segurou-a com cuidado. Nathan, não estando disposto a deixar isso acabar sem um pouco de teatro, fez a faca deslizar por entre os dedos. atirou a faca no ar, segurando-a atrás das costas, e então girou-a por baixo da axila e pegou com a outra mão. Ann girou os olhos quando ele bateu na lâmina, revertendo o seu giro. Segurou a faca pela lâmina e entregou-a com o cabo voltado para o outro jovem que ficou com os olhos arregalados.

— Onde aprendeu a fazer isso, velho? — o Sargento perguntou.

Nathan exibiu uma expressão de raiva. Se havia uma coisa que Nathan não gostava, era ser chamado de... velho. Ele era um mago, um

profeta, de habilidade inigualável, e pensava que deveria ser visto com admiração, se não com temor. Ela estava reprimindo o dom dele com o Rada'Han, ou sem dúvida a sela do Sargento estaria em chamas nesse momento. Ela também estava impedindo ele de falar. A língua de Nathan era pelo menos tão perigosa quanto seu poder.

— Eu temo que meu irmão seja surdo e mudo. — Ela fez um sinal para os dois foras-da-lei com um movimento da mão. Eles acenaram e entraram na floresta, chutando neve enquanto seguiam. — Meu irmão sempre se divertiu praticando truques com as mãos.

— Madame, tem certeza que aqueles dois não estão causando nenhum problema para você?

— Oh, não. — ela brincou.

O Sargento levantou as rédeas, os vinte homens atrás dele fazendo a mesma coisa em resposta, prontos para seguir atrás dele. — Bem, acho que teremos uma pequena conversa com eles de qualquer modo. Uma pequena conversa sobre roubo.

— Se fizer isso, certifique-se de pedir a eles para contar sobre como os soldados D'Haran roubaram as provisões de comida das suas famílias, e como estão passando fome por causa disso.

O soldado de mandíbula quadrada baixou as rédeas. — Não sei nada a respeito do que foi feito antes, mas o novo Lorde Rahl deu ordens explícitas que não haverá o roubo de nada pelo exército.

— O novo Lorde Rahl?

Ele assentiu. — Richard Rahl, o Mestre de D'Hara.

Com o canto do olho, ela viu um sorriso se formar nos lábios de Nathan. Era o sorriso que indicava uma ramificação apropriada em uma profecia. Embora fosse assim, que eles tivessem obtido sucesso, isso não gerou nenhum sorriso nela, mas uma pontada de agonia pelo caminho adiante que agora estava confirmado. Somente a alternativa era pior. — Sim, acredito já ter ouvido o nome, agora que você o mencionou.

O Sargento levantou nos estribos e virou para trás, para seus homens. — Ogden, Spaulding! — Eles se adiantaram. — Vão atrás daqueles garotos e levem eles até suas famílias. Descubram se o que ele falou sobre as suas provisões serem roubadas por tropas é verdade. Se for, descubra o número de pessoas nas famílias deles e se tem mais alguém na vizinhança sob as mesmas circunstâncias. Leve um relatório de volta para Aydindril imediatamente e providencie que eles recebam o que precisam para comer, para que passem o inverno.

Os dois homens fizeram uma saudação com um punho em cima do couro escuro e cota de malha sobre os corações e galoparam seguindo os rastros que conduziam para dentro da floresta. O Sargento virou para ela novamente. — As ordens de Lorde Rahl. — ele explicou. — estão seguindo para Aydindril?

— Sim, esperamos encontrar segurança lá, como os outros viajando para o norte.

— Então encontrarão, mas isso tem um preço. Vou dizer o mesmo que foi dito a todos os outros. Seja qual for sua terra natal anterior, agora estarão sujeitos a D'Hara. Sua fidelidade é exigida, junto com uma pequena parte do que ganham com seu trabalho, se desejarem entrar em território mantido por D'Hara.

Ela levantou uma sobrancelha. — Pareceria que o exército ainda está roubando do povo?

— Pode parecer para você, mas não para Lorde Rahl, e a palavra dele é lei. Todos pagam o mesmo para manter as tropas que foram encarregadas com a proteção de nossa liberdade. Se não quiserem pagar, estão livres para não buscar essa proteção e liberdade.

— Parece que Lorde Rahl está com as coisas sob controle.

O Sargento assentiu. — Ele é um mago poderoso.

Os ombros de Nathan balançaram com uma risada silenciosa.

Os olhos do Sargento estreitaram. — Do que ele está rindo, se ele deveria ser surdo e mudo?

— Oh, ele é, mas ele também é doente mental. — Ann caminhou na direção dos cavalos. Quando passou na frente do mago de ombros largos, bateu com um cotovelo em seu estômago. — Ele ri desse jeito nos momentos mais estranhos. — Ela levantou os olhos, com uma expressão zangada, enquanto Nathan tossia. — É possível que ele comece a babar daqui a pouco, se continuar assim.

Ann passou uma das mãos suavemente no flanco lustroso, dourado, poderoso, de Bella. Bella se agitou de prazer com o toque. A grande égua colocou a língua para fora; ela não gostava de nada mais do que se alguém fizesse um carinho nela.

— Você estava falando, Sargento, sobre como Lorde Rahl é um mago poderoso?

— Isso mesmo. Ele matou as criaturas que vocês verão em piques na frente do palácio.

— Criaturas?

— Ele as chama de Mriswith. Horríveis coisas escamosas que parecem lagartos. Mataram várias pessoas, mas o próprio Lorde Rahl cortou eles em pedaços.

Mriswith. Isso certamente não era boa notícia.

— Tem uma cidade perto, onde poderíamos encontrar comida e alojamento para passar a noite?

— Ten Oaks fica logo depois da próxima colina, talvez a duas milhas. Tem uma pequena hospedaria lá.

— E qual a distância até Aydindril?

Ele avaliou os quatro cavalos deles enquanto ela acariciava a orelha de Bella. — Com animais tão bons como esses, duvido que leve mais de sete ou oito dias.

— Obrigada, Sargento. É bom saber que tem soldados por perto caso tenha foras-da-lei na vizinhança.

Ele olhou para Nathan, observando sua forma alta, seu comprido cabelo branco que tocava os ombros, sua mandíbula forte raspada, e seus penetrantes olhos azuis escuros. Nathan era um homem belo cheio de vigor, independente do fato de que ele estivesse quase com mil anos de idade.

O Sargento olhou de volta para ela, claramente preferindo trocar olhares com uma mulher velha baixinha do que com Nathan. Mesmo com seu poder sufocado, Nathan exibia uma presença intimidadora. — Estamos procurando por alguém: o Sangue da Congregação.

— Sangue da Congregação? Quer dizer aqueles tolos pomposos de Nicobarese com capas vermelhas?

O Sargento balançou levemente as rédeas quando seu cavalo tentou andar para o lado. Outros dos vinte cavalos bateram com as patas na neve, procurando por grama, ou mordiscaram cheios de esperança os arbustos secos na beira da estrada, as caudas balançando preguiçosamente no ar frio do anoitecer. — São eles. Dois homens, um é o Lorde General da Congregação, outro oficial, e uma mulher.

Eles escaparam de Aydindril, e Lorde Rahl ordenou que eles fossem levados de volta. Temos homens por toda parte vasculhando os campos.

— Sinto muito, mas não vi sinal deles. O Lorde Rahl está na Fortaleza do Mago?

— Não, no Palácio das Confessoras.

Ann suspirou. — Isso é bom, pelo menos.

As sobrancelhas dele levantaram. — Porque isso é bom?

Ela não percebeu que tinha expressado seu alívio em voz alta. — Oh, bem, apenas estou com esperança de ver esse grande homem, e se ele ficar na Fortaleza, então eu não poderia. Ela é protegida por magia, ouvi dizer. Se ele sair em uma sacada no Palácio para cumprimentar o povo, posso conseguir ver ele.

— Bem, obrigada por sua ajuda, Sargento. Acho que é melhor irmos para Ten Oaks antes que fique muito escuro. Não quero que nenhum

dos cavalos pise em um buraco e quebre uma perna.

O Sargento desejou boa noite para ela e conduziu sua coluna de homens subindo a estrada, para longe de Aydindril. Somente depois que eles estavam mais do que fora do alcance da voz, ela removeu o bloqueio da voz de Nathan. Era difícil manter esse tipo de controle durante longos períodos. Ann preparou-se para receber os inevitáveis insultos enquanto começava a juntar suas mochilas da neve.

— É melhor continuarmos. — ela falou para ele.

Nathan levantou com uma expressão arrogante. — Você daria ouro para ladrões? Você deveria ter...

— Eram apenas garotos, Nathan. Estavam famintos.

— Tentaram nos roubar!

Ann sorriu enquanto colocava uma mochila em cima de Bella. — Você sabe tão bem quanto eu que isso não aconteceria, mas dei a eles um pouco mais do que ouro. Não acredito que eles tentem isso de novo.

Ele grunhiu. — Espero que o feitiço que você colocou nisso queime os dedos deles até os ossos.

— Me ajude com nossas coisas. Quero chegar até a hospedaria. Havia uma mensagem no livro de jornada.

Nathan ficou sem voz por um instante. — Ela já teve tempo bastante. Nós deixamos pistas o bastante para que uma criança de dez anos já tivesse descoberto muito antes. Fizemos tudo menos deixar um bilhete colado no vestido dela que dizia, *A propósito, a Prelada e o Profeta não estão mortos de verdade, sua tola.*

Ann apertou a correia do cinturão de Bella bem forte. — Tenho certeza que não foi tão fácil para ela como você faz parecer. Parece óbvio para nós apenas porque estávamos sabendo. Ela não tinha razão alguma para suspeitar. Verna descobriu; isso é tudo que importa.

Nathan respondeu com uma bufada alta antes de finalmente começar a ajudar juntando o resto das mochilas. — Bem, o que ela falou?

— Ainda não sei. Quando estivermos instalados para passar a noite vamos descobrir.

Nathan levantou um dedo na direção dela. — Faça aquele truque do surdo e mudo comigo novamente e vai viver para se arrepender.

Ela virou para ele com uma expressão de raiva. — E se encontrarmos alguém novamente e você começar a gritar que foi raptado por uma bruxa louca e mantido prisioneiro em uma coleira mágica, farei você ficar surdo e mudo de verdade!

Nathan bufou com mau humor quando voltou ao trabalho. Quando virou para o cavalo dele, ela viu ele sorrir de satisfação consigo mesmo.

Na hora que eles encontraram a hospedaria, e depois que deixaram seus cavalos com um garoto no estábulo lá atrás, as estrelas tinham aparecido e a pequena lua de inverno estava visível sobre uma montanha distante. A fumaça de lenha que se espalhava também carregava o aroma de cozido. Ela deu ao cavaleiro uma moeda para carregar as coisas deles.

Ten Oaks era uma pequena comunidade, e a hospedaria tinha apenas uma dúzia de nativos em poucas mesas, a maioria bebendo e fumando cachimbos contando histórias de soldados que tinham visto, e rumores de alianças forjadas pelo novo Lorde Rahl, o qual nem todos tinham certeza de que estivesse realmente no comando de Aydindril, como ele proclamava. Outros pediam a eles que explicassem porque as tropas D'Haran repentinamente ficaram tão disciplinadas, se não fosse pelo fato de alguém finalmente ter ensinado a eles uma boa lição.

Nathan, usando botas altas, calças marrons, uma camisa branca com folheados abotoada até o pescoço, sobre o seu Rada'Han, uma camisa verde escura aberta, e uma pesada capa marrom escura que chegava quase até o chão, caminhou até o pequeno balcão montado diante de algumas garrafas e barris. Com um ar nobre, ele atirou a capa para trás, por cima de um ombro quando colocou uma das botas no rodapé de um balcão. Nathan adorava usar outras roupas além dos mantos negros que sempre usava no Palácio. Ele chamava isso de, trabalhar a importância.

O dono da hospedaria sorriu apenas depois que Nathan havia empurrado uma moeda de prata em sua direção e avisou que pelo alto preço

do alojamento, era melhor que incluísse uma refeição. O dono da hospedaria encolheu os ombros e concordou.

Antes que ela percebesse, Nathan já estava contando uma história de que ele era um mercador viajando com sua patroa enquanto sua esposa estava em casa cuidando dos seus doze filhos. O homem queria saber com que tipo de mercadoria Nathan trabalhava. Nathan inclinou, chegando mais perto, baixou sua voz de comando, e piscou para o homem quando falou para ele que seria mais seguro se ele não soubesse.

O dono da hospedaria impressionado endireitou o corpo e entregou para Nathan uma caneca por conta da casa. Nathan bebeu em nome da hospedaria Ten Oaks, do dono da hospedaria, e dos clientes antes de seguir até as escadas, dizendo para o dono da hospedaria levar uma caneca para sua *mulher* quando levasse o cozido. Cada um dos olhos o seguiram, maravilhados com o impressionante estranho entre eles.

fechando bem os lábios, Ann jurou não se distrair novamente, dando tempo bastante para que Nathan inventasse a desculpa para que estivessem ali. Foi o livro de jornada que causou sua distração. Queria saber o que ele dizia, mas ela também estava preocupada com isso. Alguma coisa poderia facilmente ter dado errado, e uma das Irmãs do Escuro poderia ter o livro e ter descoberto que os dois ainda estavam vivos. Eles não podiam permitir isso. Ela pressionou os dedos sobre uma dor em seu estômago. Pelo que ela sabia, o Palácio dos Profetas já estava nas mãos do inimigo.

O quarto era pequeno, mas limpo, com duas camas estreitas, um suporte pintado de branco segurando uma pia de metal e uma jarra lascada, e uma mesa quadrada sobre a qual Nathan colocou uma lamparina a óleo que pegou do suporte ao lado da porta. O dono da hospedaria não estava muito longe, lá atrás, com tigelas de carneiro, cozido e pão marrom, seguido pelo cavalição com as mochilas deles. Depois que os dois foram embora e fecharam a porta, Ann sentou e arrastou sua cadeira até a mesa.

— Bem... — Nathan falou. — você não vai me dar um sermão?

— Não, Nathan, estou cansada.

Ele fez um movimento com a mão. — Pensei apenas que fosse justo, considerando aquela história de surdo e mudo. — A expressão dele

ficou sombria.

— Estou preso nessa coleira durante todos os anos de minha vida a não ser os quatro primeiros. Como você se sentiria, sendo uma prisioneira durante toda sua vida?

Ann pensou consigo mesma que, sendo guardiã dele, ela também era uma prisioneira. Encarou o olhar dele.

— Embora você nunca acredite nisso quando eu digo, Nathan, vou falar mais uma vez que gostaria que não fosse assim. Não tenho nenhum prazer em manter uma das crianças do Criador prisioneira sem cometer crime algum desde o seu nascimento.

Depois de um longo silêncio, ele desviou o olhar. Suas mãos cruzaram atrás das costas, Nathan caminhou pelo quarto, fazendo uma avaliação crítica dele. As botas dele faziam barulho no chão de tábuas. — Nada com o que eu esteja acostumado. — ele falou para ninguém em particular. Ann afastou a tigela de cozido e colocou o livro de jornada em cima da mesa, olhando para a capa de couro negro por algum tempo antes de finalmente abrir e folhear as páginas até o local da escrita.

— Primeiro você deve dizer a razão pela qual me escolheu da última vez. Lembro de cada palavra. Um erro, e esse livro de jornada vai alimentar o fogo.

— *Ora, ora, ora. — ela murmurou. — Ela está sendo bastante cautelosa. Bom. — Nathan espiou por cima do ombro de Ann enquanto ela apontava. — Veja os traços, como ela apertou com força. Verna parece estar zangada.*

Ann olhou fixamente para as palavras. Ela sabia o que Verna queria dizer.

— Ela deve me odiar mesmo. — Ann sussurrou enquanto as palavras na página ondulavam em seus olhos úmidos.

Nathan endireitou o corpo. — E daí? Eu odeio você, e parece que isso nunca lhe incomoda.

— Odeia, Nathan? Realmente me odeia?

A única resposta dele foi um grunhido. — Já falei que esse seu plano é loucura?

— Não desde o café da manhã.

— Bem, ele é, você sabe disso.

Ann ficou olhando para as palavras no livro de jornada. — Você trabalhou antes para influenciar qual ramificação na profecia deve ocorrer, Nathan, porque sabe o que pode no caminho errado, e também sabe o quanto as profecias são vulneráveis para corrupção.

— Que bem vai fazer para todos se você acabar morrendo com esse plano apressado? E eu junto com você! Eu gostaria de viver para ver os mil anos, você sabe. Vai fazer com que nós dois sejamos mortos.

Ann levantou da cadeira. Ela colocou uma das mãos suavemente no braço musculoso dele. — Então diga, Nathan, o que você faria. Conhece as profecias; conhece a ameaça. Foi você mesmo quem me avisou. Diga o que você faria, se dependesse de você.

Ele trocou um olhar com ela durante um momento. O fogo desapareceu dos olhos dele quando colocou uma grande mão em cima da mão dela. — O mesmo que você, Ann. É a nossa única chance. Mas isso não faz com que eu me sinta nem um pouco melhor conhecendo o perigo para você.

— Eu sei, Nathan. Eles estão lá? Estão em Aydindril?

— Um está. — ele falou tão suavemente quanto apertava a mão dela. — e o outro estará lá quando nós chegarmos; eu vi isso na profecia.

— Ann, esta era que está sobre nós possui um emaranhado de profecias. Guerra atrai profecias como o estrume atrai moscas. As ramificações vão em todas as direções. Cada uma delas deve ser tratada adequadamente. Se pegarmos o caminho errado em qualquer uma delas, caminhamos para o esquecimento. Pior, tem lacunas onde eu não sei o que deve ser feito.

Pior ainda, tem outros envolvidos que devem seguir a ramificação correta, e não temos nenhum controle sobre eles.

Ann não conseguiu encontrar palavras, e ao invés disso balançou a cabeça. Ela encostou na mesa e arrastou a cadeira para mais perto.

Nathan straddled the other chair and broke off a chunk of brown bread, chewing while he watched her draw the stylus from the spine of the journey book.

Ann escreveu, — Amanhã a noite, quando a lua estiver alta, vá até o lugar onde você encontrou isso. — Ela fechou o livro e colocou ele de volta em um bolso no vestido cinzento.

Nathan falou com a boca cheia de pão. — Espero que ela seja esperta o bastante para justificar sua fé.

— Nós a treinamos o melhor que pudemos, Nathan; mandamos ela para longe do Palácio por vinte anos para que pudesse aprender a usar se bom senso. Fizemos tudo que pudemos. Agora devemos ter fé nela. — Ann beijou o dedo anelar onde o anel da Prelada estivera durante todos esses anos. — Querido Criador, dê forças a ela também.

Nathan soprou em cima de uma colher cheia de cozido quente. — Eu quero uma espada. — ele anunciou.

A sobancelha dela levantou. — Você é um mago com total controle do seu dom. Em nome da Criação, porque poderia querer uma espada?

Ele olhou a observou como se ela fosse uma tola. — Porque eu ficaria muito bem com uma espada na cintura.

CAPÍTULO 29

Por favor? — Cathryn sussurrou. Richard olhou dentro dos suaves olhos castanhos enquanto tocava gentilmente o lado do rosto radiante dela, afastando um cacho de cabelo negro da bochecha dela. Quando eles olhavam dentro dos olhos um do outro, era quase impossível para ele afastar os olhos a não ser que ela o fizesse primeiro. Ele estava tendo essa dificuldade agora. A mão dela na cintura dele enviou calorosas sensações de desejo através dele. Ele lutou desesperadamente para colocar uma imagem de Kahlan em sua mente para resistir a compulsão de tomar em seus braços e dizer, sim. O corpo dele estava ardendo de vontade para fazer isso.

— Estou cansado. — ele mentiu. Dormir era a última coisa que ele queria. — Foi um longo dia. Amanhã estaremos juntos novamente.

— Mas eu quero...

Ele tocou nos lábios dela para fazer ela ficar em silêncio. Sabia que se escutasse aquelas palavras dela outra vez, seria demais. A oferta implícita dos lábios dela enquanto eles sugavam a ponta do dedo dele com um beijo quente foi quase impossível de resistir assim como o claro convite de suas palavras. no nevoeiro em sua mente, ele mal conseguia formar pensamentos coerentes.

Conseguiu formar um: Queridos espíritos, me ajudem. Me forneçam força. Meu coração pertence a Kahlan.

— Amanhã. — ele conseguiu dizer.

— Você falou isso ontem, e levou horas para encontrar você. — ela sussurrou quando beijou a orelha dele.

Richard estivera usando a capa de Mrsith para ficar invisível. Era apenas um pouco mais fácil resistir quando ela não podia apelar para ele diretamente, mas isso apenas atrasou o inevitável. Quando viu o desespero dela para encontrá-lo, não conseguiu suportar ver ela nervosa enquanto procurava, e acabaria falando com ela.

Quando a mão dela subiu na direção do pescoço dele, ele a segurou e deu um rápido beijo nela. — Durma bem, Cathryn. Vejo você de manhã.

Richard lançou um olhar para Egan que estava parada a dez pés de distância, com as costas voltadas para a parede e seus braços cruzados enquanto olhava fixamente para frente, como se não enxergasse nada. Além dali, nas sombras no final do corredor, Berdine também montava guarda.

Ela não fingiu não estar vendo ele na porta com Cathryn colada nele. Ela observava sem mostrar emoção. Seus outros guardas, Ulic, Cara, e Raina estavam dormindo.

Richard deslizou uma das mãos por trás das costas e girou a maçaneta da porta. O peso dele contra a porta fez com que ela abrisse repentinamente, e quando isso aconteceu ele deu um passo para o lado e Cathryn tropeçou para dentro do quarto dela. Ela evitou a queda segurando na mão dele. Olhando dentro dos olhos dele, ela beijou sua mão. Os joelhos dele quase dobraram.

Sabendo que não poderia resistir muito mais tempo se não se afastasse da visão dela, ele afastou a mão. Estava criando desculpas para si mesmo mentalmente sobre porque estaria tudo bem se entregar. Que mal poderia fazer? Porque isso era tão ruim? O que ele pensava que poderia ser tão errado?

Parecia haver um grosso cobertor sobre os seus pensamentos, sufocando-os antes que conseguissem chegar até a superfície.

Vozes em sua cabeça tentavam racionalizar porque ele deveria parar com essa tola resistência e simplesmente aproveitar os encantos dessa criatura maravilhosa que estava deixando óbvio que o queria, na verdade estava implorando. Sentiu um nó em sua garganta com seu desejo por ela. Estava quase chorando por causa do esforço para encontrar razões para se conter.

O pensamento dele mergulhou em um torpor mental. Parte dele, a maior parte, lutava desesperadamente para fazê-lo abandonar sua resistência, mas uma pequena e obscura parte de sua mente lutava ferozmente, tentando mantê-lo afastado, tentando avisá-lo de algo estava

errado. Isso não fazia sentido algum. O que poderia estar errado? Porque isso era errado? O que era isso nele que estava tentando fazer ele parar?

Queridos espíritos, me ajudem.

Uma imagem de Kahlan surgiu para ele, e viu aquele sorriso, aquele sorriso que ela não dava para ninguém mais além dele. Viu os lábios dela se movendo. Ela disse que o amava.

— Preciso ficar sozinha com você, Richard. — Cathryn falou. — Não posso esperar mais.

— Boa noite, Cathryn. Durma bem. Vejo você de manhã. — Ele fechou a porta.

Ofegando de exaustão pelo esforço, ele fechou a porta do quarto dele depois que entrou. Sua camisa estava molhada de suor. Com um braço fraco, ele se esticou e empurrou o trinco da porta. Ele quebrou quando fechou. Ficou olhando para o suporte do trinco enquanto ele balançava, pendurado por um parafuso. Na luz fraca que vinha do fogo na lareira, ele não conseguia enxergar os outros parafusos nos tapetes enfeitados.

Ele estava tão quente que mal conseguia respirar. Richard passou o boldrié por cima da cabeça e jogou sua espada no chão no caminho até a janela. Com o esforço de um homem que se afogava, ele girou o trinco e abriu a janela, arfando como se não conseguisse recuperar o fôlego. O ar frio encheu seus pulmões, mas fez pouco para esfriar ele.

O quarto dele era no andar térreo, e por um momento pensou em pular o peitoril da janela e rolar na neve.

Decidiu não fazer isso, e escolheu deixar o ar frio soprar sobre ele enquanto olhava para fora dentro da noite, para o jardim isolado banhado pela luz do luar.

Alguma coisa estava errada, mas não conseguia definir o que era. Queria ficar com Cathryn, mas alguma coisa dentro dele estava lutando contra isso. Por quê? Não conseguia entender porque ele poderia querer combater o seu desejo por ela.

Pensou em Kahlan novamente. Era por isso.

Mas se ele amava Kahlan, porque teria um desejo tão intenso por Cathryn? Conseguia pensar em pouca coisa além dela. Estava sentindo dificuldade em manter a lembrança de Kahlan em sua cabeça, Richard se arrastou até a cama. Instintivamente ele sabia que havia atingido o limite de sua habilidade de resistir ao seu desejo por Cathryn. Sentou na beira da cama, no meio de um nevoeiro enquanto sua cabeça girava.

A porta abriu. Richard levantou os olhos. Era ela. Estava vestindo alguma coisa tão fina que a fraca luz no corredor permitia ver a silhueta do seu corpo. Ela cruzou o quarto na direção dele.

— Richard, por favor. — ela falou com aquela voz suave que o paralisou. — Não me mande embora dessa vez. Por favor. Vou morrer se não ficar com você agora mesmo.

Morrer? Queridos espíritos, ele não queria que ela morresse. Richard quase explodiu em lágrimas com o simples pensamento.

Ela deslizou chegando mais perto, até a luz do fogo. A camisola macia chegava até o chão, mas não escondia o que estava por baixo dela, meramente transformando seu corpo em uma visão da beleza além de tudo que ele poderia ter imaginado. A visão acendeu um fogo nele. Não conseguia pensar em mais nada a não ser o que estava vendo, e quanto ele a queria. Se não a tivesse, ele morreria por causa do desejo não realizado.

Quando se aproximou dele, com uma das mãos atrás das costas, ela sorriu enquanto acariciava o rosto dele com a outra.

Podia sentir o calor da carne dela. Ela se inclinou e esfregou os lábios nos dele. Ele pensou que morreria de prazer. A mão dela foi até o peito dele.

— Deite-se, meu amor. — Cathryn sussurrou enquanto empurrava ele para trás.

Ele caiu de costas na cama, olhando para ela através da entorpecedora agonia do desejo.

Richard pensou em Kahlan. Ele estava impotente. Richard lembrou vagamente de algumas das coisas que Nathan tinha falado para ele sobre usar o seu dom: estava dentro dele, e a raiva poderia trazê-lo para fora. Mas

ele não sentia raiva alguma. Através do instinto, era como um mago guerreiro usava seu dom, Nathan falou para ele. Lembrou de entregar-se para aquele instinto quando estava prestes a morrer nas mãos de Liliana, a Irmã do Escuro. Tinha liberado o poder interior. Havia deixado seu uso instintivo da necessidade dar vida ao seu poder.

Cathryn colocou um joelho sobre a cama. — Finalmente, meu amor.

Com indefeso abandono, Richard entregou-se para aquele centro de calma, o instinto além do véu dentro de sua mente. Deixou-se cair dentro do vácuo escuro. Ele cedeu o controle de suas ações do que deveria ser feito. Estava perdido de qualquer maneira.

A clareza acendeu, afastando o nevoeiro em ondas ardentes.

Levantou os olhos para ver uma mulher por quem não tinha paixão alguma. Com fria lucidez, ele entendeu. Richard havia sido tocado por magia antes; conhecia a sensação. A mortalha foi despedaçada. Havia magia em volta dessa mulher. Com o desaparecimento do nevoeiro, podia sentir os dedos frios dela em sua mente. Mas por quê?

Então ele a faca dela.

A lâmina cintilou na luz do fogo quando ela a levantou acima da cabeça. Com uma súbita explosão de força, ele se jogou no chão enquanto Cathryn enterrava a faca na cama. Levantou-a novamente quando seguiu na direção dele.

Agora era tarde demais para ela. Ele dobrou as pernas para chutá-la para trás, mas no meio de uma confusão de sensações e percepções, Richard sentiu a presença de um Mriswith, e quase ao mesmo tempo, viu ele se materializar enquanto saltava através do ar acima dele.

E então o mundo ficou vermelho. Sentiu o sangue quente espirrar no seu rosto quando viu a camisola cortada; partes cortadas do material quase transparente flutuaram como se fossem sopradas pelo vento. As três lâminas quase rasgaram Cathryn ao meio. O Mriswith caiu no chão mais adiante.

Richard rolou saindo debaixo dela e levantou enquanto ela caía para trás, as entranhas dela espalhando-se pelo tapete. Os terríveis esforços ofegantes dela para respirar morreram.

Richard agachou, seus pés e mãos afastados, encarando o Mriswith do outro lado dela. O Mriswith tinha uma faca de três lâminas em cada mão. Entre eles, Cathryn se contorcia na agonia da morte.

O Mriswith deu um passo para trás na direção da janela, seus olhos brilhantes concentrados em Richard. Deu outro passo, jogando sua capa negra por cima de um braço escamoso enquanto seus olhos varriam o quarto.

Richard mergulhou tentando pegar sua espada. Ele parou quando o Mriswith plantou um pé sobre a bainha, segurando ela no chão.

— Não. — ele sibilou. — Ela iria matarrrrr você.

— Do mesmo jeito que você!

— Não. Eu protejooooo você, irmão de pele.

Espantado, Richard ficou olhando para a forma escura. O Mriswith jogou a capa em volta de si e mergulhou pela janela dentro da noite, desaparecendo quando saltou. Richard pulou na direção da janela para agarrá-lo. Seus braços agarraram apenas o ar quando atingiu o peitoril da janela, ficando parcialmente pendurado para fora. O Mriswith se foi. Não conseguia mais sentir a presença dele em sua mente.

no vazio deixado pela partida do Mriswith, a mente de Richard se encheu com a imagem de Cathryn se contorcendo em uma massa formada por suas entranhas. Ele vomitou pela janela.

Quando suas ondas de náusea acabaram, e sua cabeça parou de girar, ele voltou até onde ela estava deitada para se ajoelhar ao seu lado. Agradeceu aos espíritos que ela estivesse morta, e não estivesse mais sofrendo. Mesmo que ela tivesse tentado matá-lo, não conseguia suportar vê-la sofrendo nos espasmos de morte.

Olhou para o rosto dela. Não conseguia imaginar os sentimentos que teve por ela que agora lembrava apenas vagamente. Era apenas uma mulher

comum. Mas estava coberta por magia. Foi algum tipo de feitiço que havia dominado sua razão. Tinha recuperado os sentidos em cima da hora. Seu dom quebrou o feitiço.

A parte superior da camisola cortada dela estava enrolada no pescoço. Uma sensação fria que lhe causou arrepios atraiu sua atenção para os seios dela. Os olhos de Richard estreitaram, e ele se aproximou, observando. Esticou o braço e tocou o mamilo direito dela. Tocou o esquerdo. A sensação não era a mesma.

Levou uma lamparina até o fogo e acendeu-a com um pedaço de madeira comprido. Voltou até o corpo e segurou a lamparina perto do seio esquerdo dela. Richard molhou o dedo na língua e esfregou o mamilo liso. Ele saiu.

Com a camisola dela, limpou a tinta do seio dela, para deixar um volume de pele lisa.

Cathryn não tinha o mamilo esquerdo.

O centro de calma dentro dele irradiou uma aura de compreensão. Isso estava conectado com o feitiço que ela possuía sobre ele. Não sabia como, mas estava.

De repente Richard sentou sobre os cotovelos. Ficou sentado um momento, de olhos arregalados, e então levantou rapidamente, correndo até a porta. Ele parou. Porque deveria estar pensando isso? Tinha que estar errado.

E se não estivesse?

Abriu a porta apenas o bastante para deslizar para fora e então fechou-a atrás de si. Egan olhou na direção dele, seus braços ainda cruzados, e retornou à sua posição. Richard olhou descendo o corredor, para Berdine, na roupa de couro vermelha dela, encostada na parede. Ela estava observando ele.

Richard curvou o dedo, fazendo um sinal para que ela se aproximasse dele. Ela afastou da parede e então caminhou subindo o corredor. Berdine olhou para a porta quando parou diante dele. Ela fez uma careta para ele.

— A Duquesa deseja ficar com você. Volte para ela.

— Vá buscar Cara e Raina, e as três voltem aqui. — A voz dele assumiu o calor de seu olhar furioso. — Agora mesmo.

— Tem alguma coisa...

— Agora mesmo!

Ela olhou para a porta novamente e então se afastou sem falar mais nenhuma palavra. Quando ela desapareceu dobrando no final do corredor, Richard virou para Egan, que estava olhando para ele outra vez.

— Porque deixou ela entrar no meu quarto?

Egan franziu a testa, confuso. Levantou uma das mãos na direção da porta. — Bem... pelo modo como ela está... vestida.

— Ela disse que você a queria esta noite, e que você falou para ela vestir aquilo e encontrar com você.— Egan limpou a garganta. — Era óbvio porque você a queria. Pensei que ficaria com raiva se eu a impedisse de encontrar com você depois que falou para ela procurar você durante a noite.

Richard girou a maçaneta e abriu a porta. Esticou o braço convidando ele a entrar. Egan hesitou e então entrou.

Ficou rígido quando viu os restos dela. — Lorde Rahl, sinto muito. Não vi nenhum Mriswith. Teria impedido ele se tivesse visto, ou pelo menos tentaria avisá-lo, eu juro. — Ele grunhiu. — Queridos espíritos, que jeito de morrer. Lorde Rahl.

— Eu falhei com você.

— Olhe na mão dela, Egan.

Ele moveu os olhos pelo braço dela, para ver a faca ainda em seu punho. — Mas o que...?

— Não pedi que ela viesse até mim. Ela entrou no meu quarto para me matar.

Os olhos de Egan desviaram. Ele conhecia claramente as implicações. Qualquer Lorde Rahl anterior executaria um guarda por tal falha.

— Ela também me enganou, Egan. Não é culpa sua. Mas nunca mais deixe uma mulher, que não seja minha futura esposa, entrar no meu quarto novamente. Entendeu? Se uma mulher vier até meu quarto, deve pedir minha permissão para deixar ela entrar, não importa o que aconteça.

Ele bateu com um punho sobre o coração. — Sim, Lorde Rahl.

— Egan, por favor enrole-a naquele tapete e tire ela daqui. Coloque-a no quarto dela, por enquanto. Volte ao seu posto no corredor, e quando as três Mord-Sith voltarem, mande elas entrarem.

Sem questionar as instruções, Egan foi cuidar da tarefa. Com sua força e tamanho, era apenas um pequeno esforço.

Depois que tinha inspecionado a tranca quebrada da porta, Richard puxou uma cadeira da mesa e virou-a, colocando-a perto da lareira, e sentou de frente para a porta. Esperava que estivesse errado. O que ele faria se não estivesse? Ficou sentado no silêncio, escutando o estalar do fogo, e esperou pelas três mulheres.

— Entrem. — ele falou em resposta para a batida.

Cara entrou, seguida por Raina, ambas usando o couro marrom, com Berdine logo atrás. As duas primeiras olharam as redor casualmente enquanto cruzavam o quarto.

Berdine varreu o quarto fazendo uma busca mais concentrada. As três pararam na frente dele.

— Sim, Lorde Rahl? — Cara perguntou sem emoção. — Deseja alguma coisa?

Richard cruzou os braços. — Mostrem os seios. Todas as três.

A boca de Cara abriu para dizer alguma coisa, mas ela fechou, apertando com força a mandíbula, e começou a desabotoar os botões que subiam ao lado das costelas dela. Raina olhou para Cara e viu que ela estava

fazendo o que foi ordenado. Relutante, no início, ela começou a desabotoar a roupa também. Berdine observou as outras duas. Lentamente, ela começou a desabotoar o lado de sua roupa de couro vermelho.

Quando acabou, Cara segurou a parte superior no lado da roupa de couro, mas não abriu. Um ressentimento ardente dominava sua expressão. Richard ajeitou a espada que estava fora da bainha no colo e cruzou as pernas.

— Estou esperando. — ele falou.

Cara deu um último suspiro de resignação e abriu a frente da roupa de couro. Na luz bruxuleante que vinha do fogo recentemente alimentado na lareira, Richard estudou cada mamilo e a sombra ondulante lançada por cada bico. Os dois tinham os contornos de carne apropriados, e não aquele perfil de tinta colocado ali para imitar.

Ele desviou os olhos para Raina em um comando silencioso. Não disse nada enquanto esperava. Podia ver que ela lutava para ficar em silêncio, e ao mesmo tempo lutava para decidir o que fazer. Ela apertou os lábios de indignação, mas finalmente levantou o braço e abriu o couro. Richard fez a mesma avaliação cuidadosa nos seios dela. Os mamilos dela também eram verdadeiras.

Os olhos dele desviaram para Berdine. Foi ela quem ameaçou ele. Foi ela que levantou o Agiel para ele.

Não foi humilhação, mas raiva que deixou o rosto dela tão vermelho quanto sua roupa. — Você disse que não precisávamos fazer isso! Você prometeu! Disse que não iria...

— Mostre.

Cara e Raina se agitaram com desconforto, não gostando daquilo nem um pouco, com se imaginassem que ele estava escolhendo uma delas para passar a noite, mas ao mesmo tempo nenhuma delas estava disposta a fazer qualquer coisa que fosse contra os desejos de Lorde Rahl. Ainda assim, Berdine não se moveu.

Ele endureceu o olhar. — Isso é uma ordem. Você fez um juramento de me obedecer. Faça como eu digo.

Lágrimas de raiva desceram dos olhos dela. Ela levantou o braço e abriu a roupa.

Ela só tinha um mamilo. O seio esquerdo era liso. O peito dela pulsava de raiva.

As outras duas olharam fixamente para o seio esquerdo liso dela com grande espanto. Pelas expressões em seus rostos, Richard sabia que já tinham visto os seios dela. Quando o Agiel delas repentinamente levantaram em suas mãos, ele soube que isso não era o que elas esperavam ver dessa vez.

Richard levantou, falando para Cara e Raina. — Perdoem-me por fazer isso com vocês. — Fez um gesto pedindo que elas fechassem as roupas. Berdine ficou tremendo de raiva, parada no lugar, enquanto as outras duas começaram a abotoar o lado das roupas.

— O que está acontecendo? — Cara perguntou a ele, seus olhos ameaçadores em Berdine o tempo todo em que ela cuidava dos botões apertados.

— Vou contar a vocês mais tarde. Vocês duas podem ir embora.

— Não vamos a lugar algum. — Raina falou com um tom sério enquanto seus olhos também permaneciam em Berdine.

— Sim, vocês irão. — Richard apontou na direção da porta. Levantou um dedo para Berdine. — Você fica aqui mesmo.

Cara deu um passo chegando mais perto dele de modo protetor. — Não vamos...

— Não discuta comigo, não estou com paciência! Fora!

Cara e Raina recuaram, surpresas. Com um suspiro final furioso, Cara fez sinal para Raina e elas deixaram o quarto, fechando a porta atrás delas.

O Agiel de Berdine apareceu em sua mão. — O que fez com ela?

— Quem fez isso com você, Berdine? — ele falou com uma voz gentil.

Ela deu passo, chegando mais perto. — O que fez com ela!

Richard, agora com sua mente clara, podia sentir o feitiço em volta dela quando se aproximou dele. Podia sentir a inconfundível vibração da magia, sua desconfortável sensação de formigamento em suas entranhas. Essa não era magia benevolente.

Nos olhos dela, ele podia ver mais do que magia; podia ver a fúria de uma Mord-Sith sendo liberada.

— Ela morreu tentando me matar.

— Sabia que deveria ter feito isso eu mesma. — Ela balançou a cabeça com desgosto. — Ajoelhe-se. — ela ordenou com dentes cerrados.

— Berdine, eu não...

Ela golpeou com o Agiel, acertando ele no ombro, jogando ele para trás. — Não ouse falar comigo usando meu nome!

Ela foi mais rápida do que ele esperava. Ele arfou de dor enquanto segurava o ombro. Cada lembrança de um Agiel sendo usado contra ele surgiu fresca de maneira impressionante em sua mente.

De repente ele foi invadido pela dúvida. Não sabia se conseguiria fazer isso. Mas sua única alternativa era matá-la, e tinha jurado que não faria isso. A tortura ardente no osso espalhando-se pelo ombro fez a determinação dele fraquejar.

Berdine chegou mais perto. — Pegue sua espada.

Ele endureceu sua força de vontade quando ficou de pé outra vez. Berdine encostou o Agiel no ombro dele, forçando-o a ajoelhar.

Ele lutou para manter a concentração. Denna ensinou a suportar isso. Deveria fazer isso agora. Ele pegou a espada e levantou novamente.

— Tente usá-la contra mim. — Ela ordenou.

Richard olhou nos frios olhos azuis dela, combatendo a pontada de pânico dentro de sua alma. — Não. — Atirou a espada em cima da cama. — Eu sou Lorde Rahl. Você está ligada a mim.

Ela gritou de fúria quando mergulhou o Agiel no estômago dele. O quarto girou enquanto ele percebia que estava deitado sobre as costas.

Sem fôlego, ele se esforçou outra vez para ficar em pé quando ela deu o comando.

— Use a sua faca! Lute comigo!

Com os dedos trêmulos, Richard pegou sua faca do cinto e segurou-a com o cabo voltado para ela. — Não. Mate-me, se é isso que você realmente quer.

Ela arrancou a faca da mão dele. — Você deixa isso fácil para mim. Pretendia fazer você sofrer, mas a sua morte é tudo que foi exigido.

Richard, as entranhas em agonia com a lenta dor ardente, usou toda sua força para estufar o peito. Ele apontou. — Aqui está meu coração, Berdine. O coração do Lorde Rahl.

— O coração do Lorde Rahl ao qual você está ligada. — Ele bateu no peito outra vez. — Acerte com a faca aqui se quer me matar.

Ela mostrou um sorriso repulsivo. — Certo. Terá seu desejo atendido.

— Não, não o meu desejo. O seu. Não quero que você me mate.

Ela hesitou. Sua sobrancelha levantou. — Proteja-se.

— Não, Berdine. Se é isso que você quer, então você deve escolher.

— Lute comigo! — Ela bateu no rosto dele com o Agiel.

Parecia que sua mandíbula foi despedaçada e todos os seus dentes arrancados. A dor atingiu dentro de seu ouvido, quase cegando-o. Arfando, com suor frio, ele endireitou o corpo.

— Berdine, tem duas magias sobre você. Uma é a sua ligação comigo, a outra é a que foi colocada quando arrancaram seu mamilo. Não pode continuar a carregar as duas. Uma tem que ser quebrada. Eu sou o seu Lorde Rahl. Você está ligada a mim. O único modo para você conseguir me matar é quebrando essa ligação. Minha vida está nas suas mãos.

Ela pulou nele. Ele sentiu a cabeça bater no chão. Berdine estava em cima dele, gritando de fúria.

— Lute comigo, seu bastardo! — Ela golpeou o peito dele com uma das mãos enquanto segurava a faca levantada na outra. Lágrimas desciam dos seus olhos. — Lute comigo! Lute comigo! Lute comigo!

— Não. Se você quer me matar, então faça por sua própria vontade.

— Lute comigo! — Ela bateu no rosto dele. — Posso matá-lo se não lutar comigo! Defenda-se!

Richard envolveu-a nos braços e apertou-a contra o peito. Ele empurrou os calcanhares contra o tapete e se empurrou escorregando para trás, levando-a com ele enquanto sentava encostado na cama.

— Berdine, assim como você está ligada a mim, eu a protejo. Não vou deixar você morrer assim. Quero você viva. Quero você como minha protetora.

— Não! — ela gritou. — Devo matar você! Tem que lutar comigo para que eu consiga! Não posso fazer isso a não ser que você tente me matar! Você tem que lutar!

Chorando com furiosa frustração, ela encostou a faca na garganta dele. Richard não fez nada para impedir.

Ele passou a mão pelo cabelo castanho dela. — Berdine, jurei lutar para proteger aqueles que querem viver livres. Essa é minha ligação com você. Não farei nada para machucá-la. Sei que não quer me matar; jurou pela sua vida me proteger.

— Vou matar você! Eu vou! Vou matar você!

— Acredito em você, Berdine, em seu juramento para mim. Coloco minha vida em sua palavra e na sua ligação.

Ela arfou com fortes gemidos enquanto olhava nos olhos dele. Tremia enquanto chorava incontrolavelmente. Richard não fez nenhum movimento contra a lâmina em sua garganta.

— Então você deve me matar. — ela gritou. — Por favor... Não consigo mais suportar isso. Por favor... me mate.

— Nunca farei nada para ferir você, Berdine. Dei a você sua liberdade. Você é responsável por si mesma.

Berdine soltou um longo gemido de sofrimento e então jogou a faca no chão. Desabou encostando nele, jogando os braços em volta do pescoço dele.

— Oh, Lorde Rahl. — ela soluçou. — Me perdoe. Me perdoe. Oh, queridos espíritos, o que eu fiz?

— Você testou sua ligação. — ela sussurrou enquanto ele a segurava.

— Eles me feriram. — ela chorou. — Eles me feriram tanto. Nada nunca machucou tanto assim. Dói tanto lutar contra isso agora.

Ele abraçou-a com força. — Eu sei, mas deve lutar.

Ela colocou uma das mãos no peito dele e empurrou-o para trás. — Não consigo. — Richard pensou nunca ter visto ninguém com tanta agonia. — Por favor, Lorde Rahl. Me mate. Não consigo suportar a dor. Eu imploro, por favor, me mate.

Richard, com forte empatia pelo sofrimento dela, puxou-a de volta contra o peito e abraçou-a, acariciando sua cabeça, tentando confortá-la. Não fez bem algum; ela apenas chorou com mais força.

Ele encostou as costas dela na cama enquanto ela tremia e chorava. Sem pensar no que estava fazendo, ou ao menos entender a razão, ele colocou a mão sobre o seio esquerdo dela.

Richard buscou o centro de calma, o lugar sem pensamentos, a fonte de paz interior, e cobriu-se com o instinto. Sentiu a dor abrasadora fluindo através dele. A dor dela. Sentiu o que havia sido feito a ela, e o que a magia estava fazendo com ela agora. Como tinha feito com a magia do Agiel, ele suportou aquilo.

Em sua empatia, sentiu o tormento da vida dela, a tortura de se tornar uma Mord-Sith, e a angústia do eu anterior perdido dela. Os olhos dele fecharam, absorveu isso dentro dele. Embora não enxergasse os eventos envolvidos, ele compreendeu a trilha de cicatrizes que eles deixaram em sua alma. Endureceu sua força de vontade para suportar o sofrimento. Ficou firme, uma rocha, em uma torrente de dor que fluía dentro de sua própria alma.

Ele foi essa rocha para ela. Deixou sua consideração por esta inocente, essa vítima companheira do sofrimento, espalhar-se dentro dela.

Sem compreender totalmente as sensações que estava sentindo, deixou seu instinto guiá-lo. Sentiu a si mesmo absorvendo o sofrimento dela para que ela não tivesse que suportá-lo, para que pudesse ajudá-la, e ao mesmo tempo ele sentiu o calor interior fluindo para fora, através de sua mão sobre a carne dela. Através daquela mão pareceu que estava conectado com a centelha de vida dela, com sua alma.

O choro de Berdine diminuiu, sua respiração se equilibrou, e seus músculos ficaram relaxados quando ela encostou na cama.

Richard sentiu a dor que havia entrado nele, vindo dela,. Apenas então ele percebeu que estava prendendo o fôlego com a agonia daquilo, e respirou profundamente.

O calor fluindo de dentro dele começou a desaparecer também, e finalmente se foi. Richard retirou a mão, e afastou o cabelo dela do rosto. Os olhos azuis dela abriram, seu olhar estupefato encontrando com o dele.

Os dois olharam para baixo. Ela estava completa novamente.

— Sou eu mesma outra vez. — ela sussurrou. — Sinto como se tivesse acabado de acordar de um pesadelo.

Richard levantou o couro vermelho por cima dos seios dela, cobrindo-a. — Eu também.

— Nunca houve um Lorde Rahl como você. — ela falou, maravilhada. — Que os espíritos sejam louvados, nunca houve.

— Verdade maior nunca foi dita. — uma voz atrás dele falou.

Richard virou para ver os rostos das outras duas mulheres ajoelhadas atrás dele.

— Você está bem, Berdine? — Cara perguntou.

Berdine, ainda parecendo um pouco impressionada, assentiu. — Sou eu mesma outra vez.

Nenhum deles estava tão surpreso quanto Richard.

— Poderia ter matado ela. — Cara disse. — Se tivesse tentado usar sua espada ela teria sua magia, mas poderia ter usado sua faca. Para você, isso teria sido fácil. Não precisava sofrer com o Agiel dela.

— Simplesmente poderia matar ela.

Richard assentiu. — Eu sei. Mas essa dor teria sido pior.

Berdine jogou o Agiel no chão diante dele. — Eu entrego isso a você, Lorde Rahl.

As outras duas removeram as correntes de ouro das mãos e jogaram o Agiel no chão junto com o de Berdine.

— Eu também entrego o meu para você, Lorde Rahl. — falou Cara.

— E eu, Lorde Rahl.

Richard olhou fixamente para os bastões no chão diante dele. Pensou em sua espada, e o quanto odiava as coisas feitas com ela, o quanto odiava a matança feito com ela, e a matança que sabia que faria novamente. Mas ainda não podia desistir da espada.

— Isso significa mais para mim do que vocês podem imaginar. — ele disse, incapaz de encarar os olhos delas. — Terem feito isso é o que importa. Isso prova seus corações e sua ligação. Me perdoem, todas vocês, mas devo pedir que continuem com eles por enquanto. — Ele entregou de volta o Agiel delas. — Quando isso acabar, quando estivermos livres da ameaça, então todos poderemos desistir dos fantasmas que nos assombram, mas por enquanto devemos lutar por aqueles que contam conosco. Nossas armas, terríveis como sejam, nos permitem continuar a batalha.

Cara colocou suavemente uma das mãos no ombro dele. — Nós entendemos, Lorde Rahl. Será como você diz. Quando estiver acabado, poderemos ser livres não apenas daqueles inimigos de fora, mas dos interiores também.

Richard assentiu. — Até lá, devemos ser fortes. Devemos ser o Vento da Morte.

No silêncio, Richard imaginou o que os Mriswith estavam fazendo em Aydindril. Pensou naquele que matou Cathryn. Estava protegendo ele, ele disse. Protegendo ele? Impossível.

Porém, enquanto pensava sobre isso, na verdade não conseguia lembrar de um Mriswith atacar ele, pessoalmente. Lembrou do primeiro ataque, do lado de fora do Palácio das Confessoras, com Gratch. Gratch atacou eles, e Richard ajudou seu amigo. Estavam querendo matar, *olhos verdes*, como chamaram o gar, mas não atacaram ele especificamente.

Aquele esta noite teve a melhor chance de todas. Richard estava sem a sua espada. Mesmo assim ele não o atacou, e ao invés disso fugiu sem lutar. Chamou ele de, *irmão de pele*. Somente imaginar o que aquilo poderia significar causava arrepios.

Richard coçou o pescoço distraidamente.

Cara esfregou um dedo na parte de trás do pescoço dele, onde ele acabou de coçar. — O que é isso?

— Não sei. Apenas um lugar que está sempre coçando.

CAPÍTULO 30

Verna andava para frente e para trás indignada dentro do pequeno santuário. Como a Prelada ousa fazer isso? Verna havia dito para ela que precisava dizer as palavras para provar que realmente era ela, dizer novamente que considerava Verna uma Irmã de pouca expressão. Verna queria que a Prelada usasse aquelas palavras cruéis outra vez. Assim saberia que Verna tinha conhecimento de estar sendo usada, e era de pouco valor para o Palácio, aos olhos da Prelada.

Se ela seria usada, e seguiria as ordens da Prelada como uma Irmã fervorosa estava comprometida a fazer, seria conscientemente, dessa vez.

Verna estava cansada de chorar. Não iria pular sempre que aquele mulher arrogante tocasse um sino.

Verna não tinha devotado toda sua vida para ser uma Irmã da Luz, trabalhado tão duro, por tantos anos, para ser tratada com esse desrespeito.

A coisa que a deixava com mais raiva era que ela fez de novo. Verna havia dito para a Prelada que primeiro teria que dizer as palavras para provar que era realmente ela, ou Verna jogaria o Livro de Jornada no fogo. Verna estabeleceu regras: prove primeiro. Ao invés disso, a Prelada havia balançado o dedo, e Verna tinha pulado.

Deveria simplesmente jogar o Livro de Jornada no fogo, destruí-lo. Deixar que a Prelada tentasse usá-la então. Deixar ela ver que Verna estava farta de ser tratada como uma tola. Ver como ela gostava de ter seus desejos negligenciados. Isso serviria muito bem.

Era o que deveria ter feito, mas não fez. Ainda tinha o livro enfiado em seu cinto. Independente da mágoa, ainda era uma Irmã. Tinha que ter certeza. A Prelada ainda não havia provado a ela que estava realmente viva, e tinha o outro livro. Quando tivesse certeza, então Verna jogaria o livro no fogo.

Verna parou de andar e olhou por uma das janelas no final da cumeeira. A lua estava alta. Dessa vez, não haveria graça alguma se as

instruções dela não fossem seguidas. Jurou que ou a Prelada faria como foi pedido, e provaria sua identidade, ou Verna queimaria o livro. Essa era a última chance da Prelada.

Verna tirou o castiçal do pequeno altar coberto com pano branco com costura de linha de ouro, e colocou ao lado da pequena mesa. A tigela perfurada, na qual Verna tinha encontrado o Livro de Jornada, estava sobre o pano branco no altar. Ao invés do Livro de Jornada, agora ela continha uma pequena chama. Se a Prelada falhasse novamente em fazer como foi instruída, o Livro de Jornada voltaria para dentro daquela tigela, para dentro do fogo.

Tirou o pequeno livro negro de sua bolsa no cinto e colocou sobre a pequena mesa enquanto puxava o banquinho de três pernas. Verna beijou o anel da Prelada no seu dedo anelar, deu um suspiro profundo, fez uma oração buscando a orientação do Criador, e abriu o livro.

Havia uma mensagem. Páginas, na verdade.

— *Minha querida Verna*, ela começava. Verna cerrou os lábios. Querida, com certeza.

— *Minha querida Verna*. Primeiro, a parte fácil. Pedi a você para ir até o Santuário por causa do perigo envolvido.

— *Não podemos arriscar que outros leiam minhas mensagens, muito menos descubram que Nathan e eu estamos vivos. O Santuário é o único lugar em que eu poderia ter certeza que ninguém mais leria isso, e essa é a única razão pela qual eu falhei em seguir sua sensata precaução antes. Você, é claro, deveria esperar-me provar que sou eu mesma, e agora posso ter certeza que está sozinha e segura de ser descoberta, fornecerei a prova.*

— *De acordo com essa precaução de usar apenas o Santuário para comunicação, dever certificar-se de apagar todas as mensagens antes de deixar a proteção do Santuário.*

— *Antes que eu continue, a prova. Como você pediu, isso foi o que eu disse para você no meu escritório na primeira vez que a vi depois que voltou de sua jornada para buscar Richard:*

— *Escolhi você, Verna, porque estava bem abaixo na lista, e porque, entre todas, você não tem destaque algum. Duvidei que fosse uma delas. Você é uma pessoa de pouca expressão. Tenho certeza de que Grace e Elizabeth abriram caminho para o topo da lista porque qualquer um que dirija as Irmãs do Escuro as considera dispensáveis. Eu dirijo as Irmãs da Luz. Escolhi você pela mesma razão.*

— *Tem Irmãs que são valiosas para nossa causa; não poderia arriscar uma delas nessa tarefa. O rapaz deve provar ser valioso para nós, mas ele não é tão importante quanto outros assuntos no Palácio. Ele pode ser de grande ajuda. Foi simplesmente uma oportunidade que eu pensei em aproveitar.*

— *Se houvesse algum problema, e nenhuma de vocês retornasse, bem, tenho certeza que pode entender que um General não gostaria de perder suas melhores tropas em uma missão de baixa prioridade.*

Verna virou o livro sobre a mesa e colocou o rosto nas mãos. Não havia dúvida, era a Prelada Annalina quem tinha o outro Livro de Jornada. Ela estava viva, assim como provavelmente Nathan.

Olhou para o fogo ardendo na tigela. A mágoa daquelas palavras ardiam no seu peito. Relutante, com dedos trêmulos, ela virou novamente o livro, e continuou lendo.

— *Verna, sei que ouvir aquelas palavras deve ter partido seu coração. Sei que partiu meu coração dizê-las, porque não eram verdade. Para você deve parecer que está sendo usado de um modo abominável. É errado mentir, mas é pior deixar os malignos triunfarem porque você usa a verdade em detrimento do bom senso. Se as Irmãs do Escuro me perguntassem quais eram os meus planos, eu mentiria. Fazer o contrário é permitir que a malevolência triunfe.*

— *Agora vou dizer a verdade, consciente de que você não tem razão alguma para acreditar nisso dessa vez, minhas palavras são verdadeiras, mas acredito em sua inteligência e sei que se pesar minhas palavras, será capaz de enxergar a verdade nelas.*

— *A verdadeira razão porque escolhi você para ir atrás de Richard é porque de todas as Irmãs, você foi aquela para quem confiei o destino do*

mundo. Você sabe, agora, da batalha que Richard venceu contra o Guardião. Sem ele, todos nós estaríamos perdidos para o mundo dos mortos. Essa não era uma missão de baixa prioridade. Era a jornada mais importante na qual qualquer Irmã já foi enviada. Confiei somente em você.

— Mais de três mil anos antes que você nascesse, Nathan me avisou do perigo para o mundo dos vivos. Quinhentos anos antes que Richard nascesse, Nathan e eu sabíamos que um mago guerreiro surgiria nesse mundo.

— As profecias nos disseram algumas das coisas que deveriam ser realizadas. O desafio foi muito diferente de qualquer outro que já encaramos.

— Quando Richard nasceu, Nathan e eu viajamos de navio, ao redor da grande barreira, até o Mundo Novo. Retiramos um livro de magia da Fortaleza do Mago em Aydindril para mantê-lo longe das mãos de Darken Rahl e demos o livro ao pai adotivo de Richard, assegurando ter sua promessa de que ele faria Richard aprender tudo nele. Somente através dessas provações, e eventos na vida dele em sua casa, esse jovem poderia ser transformado no tipo de pessoa com capacidade para deter a primeira ameaça, Darken Rahl, o pai verdadeiro dele, e mais tarde restaurar o equilíbrio no mundo dos vivos. Talvez ele seja a pessoa mais importante nascida nos últimos três mil anos.

— Richard é o mago guerreiro que irá nos liderar na batalha final. As profecias nos dizem isso, mas não se vamos vencer. Agora essa é uma batalha pela humanidade. Nossa única chance era ter certeza, acima de tudo, que ele não fosse corrompido em seu treinamento como homem. Nessa batalha, a magia é necessária, mas o coração deve governá-la.

— Enviei você para trazê-lo até o Palácio porque você era a única em quem eu podia confiar para realizar a tarefa. Conheço seu coração e sua alma, e sabia que não era uma Irmã do Escuro.

— Tenho certeza que agora está imaginando como deixei você procurar por ele por mais de vinte anos quando eu sabia onde ele estava o tempo todo. Eu também poderia ter esperado, e enviado você atrás dele quando estivesse crescido, e finalmente revelado seu paradeiro quando ele

finalmente ativasse o seu dom. Tenho vergonha em admitir que estava usando você também assim como usei Richard.

— Para os desafios que estão adiante, precisava ensinar a você coisas que não poderia aprender no Palácio dos Profetas, enquanto Richard crescia e aprendia algumas das coisas essenciais que precisava. Precisava que você estivesse capaz de usar seu bom senso, e não os conjuntos de regras que as Irmãs no Palácio utilizam. Tive que deixar você desenvolver suas habilidades inatas no mundo real. A batalha adiante encontra-se no mundo real; o mundo enclausurado do Palácio não é um lugar para aprender sobre a vida.

— Não espero que algum dia você me perdoe. Isso também é um dos fardos que uma Prelada deve carregar: o ódio de alguém que ela ama como sua própria filha.

— Quando falei aquelas palavras terríveis, isso também foi por um propósito. Tive que finalmente libertá-la do ensinamento do Palácio que diz que sempre deve fazer como foi treinada, e seguir ordens cegamente. Tive que deixar você zangada o bastante para fazer o que julgava ser o certo. Dede que você era pequena, sempre pude contar com seu temperamento.

— Não podia confiar que você entenderia, ou faria o que era necessário se eu falasse as razões. Às vezes, uma pessoa só consegue afetar os eventos adequadamente usando sua própria capacidade moral, e não cumprindo ordens. Isso está declarado na profecia. Confiei que você escolheria o que era certo acima do treinamento, se chegasse a essa conclusão por si mesma.

— A outra razão pela qual eu falei para você aquelas coisas em meu escritório foi porque suspeitava que uma das minhas administradoras era uma Irmã do Escuro. Sabia que meu escudo não protegeria minhas palavras dos ouvidos dela. Deixei minhas palavras me traírem para que ela pudesse me atacar, e forçar o movimento delas. Sabia que possivelmente eu poderia ser morta, mas escolhi esse destino no lugar da possibilidade do mundo ser lançado nas garras do Guardião. Às vezes, uma Prelada deve usar até a si mesma.

— Até agora, Verna, correspondeu a todas as minhas expectativas. Executou um papel vital no salvamento do mundo. Com sua ajuda, conseguimos ter sucesso.

— Na primeira vez em que coloquei meus olhos em você, eu sorri, porque você tinha uma expressão furiosa no rosto. Lembra por quê? Vou dizer a você, se não lembrar. Cada noviça trazida até o Palácio passava por um teste. Cedo ou tarde, culpávamos ela por uma pequena ofensa da qual era inocente. A maioria chorava.

— Algumas faziam cara feia. Algumas carregavam a vergonha da culpa com estoica resignação. Só você ficou furiosa com a injustiça. Fazendo isso, provou sua capacidade.

— Nathan tinha encontrado uma profecia que dizia que a pessoa de quem precisávamos seria entregue a nós não com um sorriso, tristeza, ou um rosto resignado, mas com expressão de raiva. Quando vi aquela expressão no seu rosto, e seus braços cruzados, eu quase ri bem alto. Finalmente, você foi entregue em nossas mãos. A partir daquele dia estive usando você no trabalho mais importante do Criador.

— Escolhi você para ser a Prelada na ilusão de minha morte porque ainda é a única Irmã em quem confio acima de todas. Há mais do que uma boa chance de que eu seja morta na minha presente jornada com Nathan, e se eu realmente morrer, você será a Prelada de verdade. Esse é o modo como eu gostaria.

— Seu ódio justificado pesa em meu coração, mas é o perdão do Criador que é importante, e sei que o terei, pelo menos. Sofrerei com seu desprezo como meu fardo nessa vida, assim como sofro com outros fardos para os quais não existe alívio. Esse é o preço de ser Prelada do Palácio dos Profetas.

Verna afastou o livro, incapaz de ler mais das palavras. Sua cabeça caiu sobre os braços cruzados enquanto chorava. Embora não lembrasse a natureza da injustiça da qual a Prelada falou, lembrou da sensação dela, e de sua raiva. Em maior parte, lembrou do sorriso da Prelada, e como isso fez o mundo parecer correto novamente.

— Oh, querido Criador. — Verna falou bem alto. — Você realmente tem uma tola como serva.

Se ela sentiu a dor antes, por pensar ter sido usada pela Prelada, agora sentia a agonia sobre a angústia que a Prelada teve que suportar. Quando ela finalmente conseguiu conter as lágrimas, puxou o pequeno livro de volta e continuou a ler.

— Mas o passado é passado, e agora devemos seguir em frente com o que deve ser feito. As profecias dizem que o perigo maior agora jaz diante de nós. As provações que vieram anteriormente teriam acabado com o mundo dos vivos em um terrível flash final. Em um instante, todos estariam perdidos irrecuperavelmente. Richard passou naquelas provações, e nos salvou daquele destino.

— *Agora uma provação muito maior está sobre nós. Ela não vem de outros mundos, mas do nosso próprio. Essa é uma batalha pelo futuro do nosso mundo, pelo futuro da humanidade, e pelo futuro da magia. Nisso, na luta pelas mentes e corações dos homens, não há um flash, nenhum instante final, mas a inexorável opressão da guerra, enquanto a sombra da escravidão rasteja pelo mundo, e lança escuridão sobre a centelha da magia, através da qual flui a luz do Criador.*

— *A antiga guerra, iniciada milhares de anos atrás, está reacesa. Nós, ao protegemos esse mundo de outros, inevitavelmente fizemos isso acontecer. Dessa vez, não haverá o fim da guerra por causa dos esforços de centenas de magos. Dessa vez, temos apenas um mago guerreiro para nos conduzir. Richard.*

— *Não posso contar tudo sobre isso agora. Algumas coisa, eu simplesmente não sei, e independente do quanto seja doloroso para mim ter que deixá-la no escuro sobre algumas coisas do meu conhecimento, entenda que para permitir que as ramificações nas profecias sejam seguidas corretamente, é necessário a algumas das pessoas envolvidas executem suas ações instintivamente, e não através de instruções. Agir de outra forma faria com que as ramificações corretas não ocorressem. Parte de nosso trabalho é desejar ensinar as pessoas a agir da maneira correta, para que assim, quando a provação vier, elas façam o que deve ser feito. Perdoe-me, Verna, mas devo novamente confiar algumas coisas ao destino.*

— *Espero que esteja aprendendo, como Prelada, o fato de não poder explicar tudo para os outros sempre, mas às vezes deve simplesmente lhes dar uma tarefa, e esperar que elas a cumpram.*

Verna suspirou. Sabia a verdade daquilo. Ela mesma havia desistido de tentar explicar tudo o tempo todo, e tinha começado a simplesmente pedir que instruções fossem realizadas como eram ditas.

— Entretanto, algumas coisas eu posso e devo dizer a você para que possa nos ajudar. Nathan e eu partimos em uma missão de vital importância. Por enquanto, apenas ele e eu podemos saber sua natureza.

— *Caso eu viva, pretendo retornar ao Palácio. Antes disso, você deve descobrir quem é leal às Irmãs da Luz, noviças, e homens jovens. Deve também identificar todos que entregaram suas almas ao Guardião.*

— *O quê!* — *Verna ouviu a si mesma falando bem alto.* — *Como posso fazer isso!*

— Deixo por sua conta descobrir uma maneira. Não tem muito tempo. Isso é importante, Verna; isso deve ser feito antes que o Imperador Jagang chegue.

— *Nathan e eu acreditamos que Jagang é o que na antiga guerra era chamado de, Andarilho dos Sonhos.*

Verna sentiu o suor entre suas omoplatas descer pela espinha. Lembrou de sua conversa com Irmã Simona, e como a mulher tinha gritado incontrolavelmente com a simples menção do nome de Jagang. Irmã Simona disse que Jagang surgiu para ela nos sonhos. Todos pensaram que Irmã Simona estava louca.

Warren também tinha falado no Andarilho dos Sonhos, e que na guerra antiga eles eram um tipo de arma. A visita deles para Irmã Simona confirmou o que ele acreditava.

— Acima de tudo mais, lembre disso: Não importa o que aconteça, sua única salvação é continuar leal a Richard. Um Andarilho dos Sonhos pode invadir a mente de qualquer um e escravizá-lo para que cumpra sua vontade. E a mente daqueles que possuem o dom mais do que os outros. Só existe uma proteção... Richard. Um ancestral dele criou uma magia que os

protege e a qualquer um que seja leal a eles, comprometidos com eles em uma causa, do poder dos Andarilhos dos Sonhos. Essa magia é passada para qualquer Rahl nascido com o dom. Nathan, é claro, tem esse mesmo elemento protetor em seu dom, mas ele não é aquele que pode nos conduzir. Ele é um profeta, e não um mago guerreiro.

Verna conseguiu ler nas entrelinhas que ser um seguidor leal de Nathan seria loucura. O homem era como um relâmpago em uma coleira.

— Ao se opor às leis do Palácio por sua própria vontade e ajudar Richard a escapar, você tornou-se ligada a ele.

— *Essa ligação a protege do poder do Andarilho dos Sonhos, mas não das suas forças militares e servos. Essa é uma parte da razão para que eu tivesse que enganá-la naquele dia em meu escritório. Isso fez você, por sua própria vontade, escolher ajudar Richard independente do seu treinamento e ordens.*

Calafrios percorreram os braços de Verna. Se tivesse convencido a Prelada a revelar os planos dela, e falar que Verna deveria ajudar Richard a fugir, então ela estaria tão vulnerável ao Andarilho dos Sonhos quanto a Irmã Simona.

— Nathan está protegido, é claro, e eu tenho a ligação com Richard... por bastante tempo. Eu me comprometi com ele quando o vi pela primeira vez. De meu próprio modo, estive deixando que ele determinasse suas próprias regras sobre como lutar por nós. Às vezes, devo dizer, isso é difícil. Embora ele faça todo o necessário para proteger pessoas inocentes necessitadas de sua ajuda, possui uma mente própria, e faz coisas que se eu tivesse que escolher, ele não faria. Às vezes ele pode ser uma provação tão grande quanto Nathan. Assim como a vida.

— *Acabei de dizer o que tinha para revelar. Estou sentada aqui dentro de um quarto em uma hospedaria confortável, esperando que leia isso. Quando tiver lido essa mensagem quantas vezes desejar, estarei esperando aqui caso você queira perguntar algo. Deve entender que eu tive centenas de anos trabalhando em eventos e profecias, e não tenho como transmitir todo esse conhecimento em uma noite, muito menos através de um Livro de Jornada, mas direi o que puder sobre o que quiser saber.*

— Também deve entender que há certas coisas que não posso contar por medo de corromper a profecia e eventos. Cada palavra que digo carrega um pouco desse perigo, e algumas mais do que outras, mas é necessário a você conhecer um pouco disso.

Com essas coisas em mente, aguardo por suas perguntas. Pergunte.

Verna endireitou o corpo ao terminar a leitura. Pergunte? Levaria centenas de anos para perguntar tudo que ela queria saber. Por onde deveria começar? Querido Criador, quais eram as perguntas importantes?

Leu toda a mensagem outra vez, para ter certeza de não ter deixado passar nada, e então ficou sentada, olhando para as páginas em branco. Finalmente, ela pegou a pena.

— Minha querida Mãe, imploro que perdoe as coisas que pensei sobre você. Estou impressionada com sua força, e envergonhada pelo meu orgulho tolo. Por favor não vá se matar. Não tenho valor suficiente para ser Prelada. Sou como um boi que você pede para voar como um pássaro.

Verna ficou parada, esperando que a mensagem de resposta aparecesse se a Prelada realmente estivesse esperando.

— Obrigada, criança. Você iluminou meu coração. Pergunte o que precisa saber e, se eu puder, responderei suas perguntas. Ficarei sentada aqui a noite toda, se eu puder ajudar com seu fardo.

Verna sorriu pela primeira vez durante dias. Dessa vez, as lágrimas eram doces, e não amargas. Prelada, você está realmente segura? está tudo bem com você e Nathan?

— Verna, talvez você goste que seus amigos a chamem de Prelada, mas eu não. Por favor, me chame pelo meu nome, assim como todos os meus verdadeiros amigos fazem.

Verna riu. Ela também ficava frustrada que as pessoas insistissem em chamá-la de Prelada. Palavras continuaram aparecendo enquanto a mensagem de Ann continuava.

— E sim, eu estou bem, assim como Nathan, que neste momento está ocupado. Hoje ele comprou para si mesmo uma espada, e agora está

travando uma luta de espadas contra inimigos invisíveis em nosso quarto. Ele acha que uma espada fará com que ele pareça... arrojado. Ele é uma criança com mil anos de idade, e, nesse momento, está sorrindo como uma criança enquanto corta as cabeças de seus inimigos invisíveis.

Verna leu a mensagem novamente, só para ter certeza de que estava lendo direito. Nathan, com uma espada? O homem era mais maluco ainda do que ela pensava. A Prelada deve estar com bastante trabalho.

— Ann, você disse que devo descobrir quem fez juramento para o Guardião. Não tenho ideia de como fazer isso. Pode ajudar?

— *Se eu soubesse como fazer isso, Verna, eu diria. Algumas me causaram suspeitas, mas a maioria não. Nunca fui capaz de descobrir um jeito de adivinhar quem trabalha para o Guardião.*

— *Tenho outras questões com as quais devo lidar, então deixo isso para que você resolva. Tenha em mente que elas podem ser tão astutas quanto o próprio Guardião. Algumas, que eu tinha certeza que estavam contra nós, por causa de suas naturezas rebeldes, eram leais a nós. Para algumas que se revelaram e fugiram naquele navio, eu teria confiado minha vida. Agora estaria morta, se tivesse feito isso.*

— *Ann, eu não sei como fazer isso. E se eu falhar?*

— *Você não deve falhar.*

Verna esfregou as palmas suadas no vestido.

— Mas mesmo se eu conseguir encontrar uma maneira de identificá-las, então o que devo fazer com essa informação? Não posso lutar contra as Irmãs com o poder que elas possuem.

— *Uma vez que você efetue a primeira parte, Verna, direi a você. Saiba que as profecias são vulneráveis, e estão em perigo. Assim como Nathan e eu as usamos para influenciar os eventos para que a ramificação correta seja seguida, nossos inimigos também podem usá-las.*

Verna suspirou de frustração.

— Como posso trabalhar para identificar nossos inimigos, quando há tanto trabalho para fazer como Prelada? Tudo que faço é ler relatórios, e ainda assim eles se acumulam e acumulam. Todos estão dependendo de mim, e contando comigo. Como você encontra tempo para fazer qualquer coisa, com todos os relatórios?

— *Você lê os relatórios? Minha nossa, Verna, mas você é ambiciosa. Certamente você é mais consciente como Prelada do que eu.*

Verna ficou de boca aberta.

— Quer dizer que eu não tenho que ler os relatórios?

— *Bem, Verna, veja o valor de ler eles. Porque leu os relatórios, você descobriu que os cavalos estavam desaparecidos dos estábulos. Poderíamos facilmente ter comprado cavalos depois que deixamos o Palácio, mas ao invés disso levamos aqueles para deixar um sinal. Poderíamos ter pago pelos corpos ao invés de fazer os arranjos complicados que fizemos, mas então você não falaria com o cavador de covas. Tivemos o cuidado de deixar sinais que você pudesse seguir para descobrir a verdade. Alguns dos sinais que deixamos eram bastante complicados, como aquele com a descoberta de nossos... corpos, mas eram necessários, e você fez um bom trabalho descobrindo isso.*

Verna sentiu o rosto ficar vermelho. Nunca tinha pensado no fato dos corpos serem descobertos já preparados e enrolados em panos. Tinha perdido completamente aquela pista.

— Mas devo confessar, — Ann continuou, — que eu dificilmente me preocupava em ler relatórios. É para isso que servem as assistentes.

— *Eu simplesmente falava para elas que deveriam usar seu julgamento e sabedoria e, pensando nos interesses do Palácio, cuidar das questões envolvidas nos relatórios. Então, de vez em quando, eu parava diante delas e tirava alguns relatórios dos quais elas trataram e lia suas observações. Isso sempre as manteve diligentes em suas tarefas, por causa do medo de que eu lesse as instruções delas dadas em meu nome, e as considerasse insatisfatórias.*

Verna estava impressionada. — Quer dizer que eu posso simplesmente dizer para minhas assistentes, ou conselheiras, como quero que as questões sejam tratadas, e então deixar elas cuidarem dos relatórios? Não tenho que ler todos eles? Não tenho que colocar minhas iniciais em todos?

— Verna, você é a Prelada. Pode fazer como desejar. Você governa o Palácio, ele não governa você.

— Mas, as Irmãs Leoma e Philippa, minhas conselheiras, e Dulcinia, uma das minhas administradoras, todas disseram como deveria ser feito. Elas possuem muito mais experiência do que eu.

— Fizeram parecer que estaria arruinando com o Palácio se não cuidasse dos relatórios eu mesma.

— Disseram isso? Ann escreveu quase instantaneamente. — Minha nossa. Acho que se eu fosse você, Verna, escutaria menos e falaria mais. Você tem uma ótima expressão de raiva. Use-a.

Verna sorriu com aquilo. Já estava imaginando a cena. Haveria algumas mudanças no escritório da Prelada na manhã seguinte.

— Ann, qual é a sua missão? O que você está tentando fazer?

— Tenho uma pequena tarefa em Aydindril, depois espero retornar.

Estava claro que Ann não contaria para ela, então Verna pensou sobre o que mais queria saber, e no que precisava dizer para a Prelada. Uma coisa importante surgiu na mente dela.

— Warren me entregou uma profecia. A sua primeira, ele disse.

Houve uma longa pausa. Verna esperou. Quando a mensagem finalmente veio, sua escrita pareceu um pouco mais caprichada.

— Você lembra dela, palavra por palavra?

Verna não conseguia esquecer uma só palavra daquela profecia.
Sim.

Antes que Verna pudesse começar a escrever a profecia, uma mensagem começou a surgir na página repentinamente. Os rabiscos eram enormes e furiosos, as letras escritas em grandes blocos.

— Tire aquele rapaz do Palácio. Tire ele de lá!

Uma linha serpenteou pela página. Verna endireitou o corpo. Era óbvio que Nathan havia arrancado a pena da mão de Ann e tinha escrito a mensagem, e Ann estava tentando pegar de volta. Houve outra pausa longa, e finalmente a letra de Ann apareceu novamente.

— Sinto muito. Verna, se tem certeza que lembra da profecia, palavra por palavra, então escreva para que possamos ver. Se não tiver certeza sobre alguma parte, diga. Isso é importante.

— *Lembro dela palavra por palavra, já que ela está relacionada comigo, Verna escreveu. Ela diz:*

— Quando a Prelada e o Profeta forem entregues para a Luz no ritual sagrado, as chamas farão ferver um caldeirão de trapaça e causarão a ascensão de uma falsa Prelada, que reinará sobre a morte do Palácio dos Profetas. Ao norte, aquele que está ligado à lâmina abandonará ela por causa da Sliph prateada, aquela que o encherá de uma nova vida, e ela o entregará aos braços dos malignos.

Houve outra pausa.

— Espere, por favor, enquanto Nathan e eu conversamos sobre isso.

Verna relaxou e esperou. Os insetos do lado de fora faziam barulho, e os sapos coaxavam. Verna levantou, mantendo os olhos no livro, e esticou suas costas enquanto bocejava. Ainda não havia mensagem alguma. Sentou e encostou o queixo no punho, e seus olhos baixaram enquanto ela esperava.

Finalmente, uma mensagem começou a aparecer.

— Nathan e eu estivemos estudando isso, e Nathan diz que essa é uma profecia imatura, e por causa disso, não pode decifrá-la completamente.

— *Ann, eu sou a falsa Prelada. Me incomoda muito que essa profecia diga que eu reinarei sobre a morte do Palácio.*

Uma mensagem imediata retornou. *Você não é a falsa Prelada nessa profecia.*

— *Então o que isso significa?*

Dessa vez houve uma pausa mais curta. — *Não sabemos todo o significado, mas sabemos que você não é a falsa Prelada mencionada nela.*

— *Verna, preste muita atenção. Warren deve sair do Palácio. É perigoso demais para ele ficar mais tempo. Ele deve se esconder. Poderia ser visto ao partir durante a noite. Amanhã de manhã, leve ele até a cidade com a desculpa de um passeio. No meio da confusão de pessoas será difícil para que alguém o siga. Faça ele escapar no meio da confusão. Entregue ouro a ele para que não tenha problemas em fazer o que precisa.*

Verna colocou uma das mãos sobre o coração enquanto tentava respirar. Curvou-se novamente sobre o livro. — *Mas Prelada, Warren é o único em quem eu posso confiar. Preciso dele. Não conheço profecias como ele, e ficarei perdida sem ele.*

Ela não falou que ele era seu único amigo, o único amigo em quem podia confiar.

— *Verna, as profecias estão em perigo. Se elas colocarem as mão em um profeta.* — A escrita apressada parou subitamente. Depois de um momento ela continuou, escrita de forma mais cuidadosa. — *Ele deve fugir. Você entendeu?*

— *Sim, Prelada. Será a primeira coisa de que cuidarei de manhã. Warren fará como eu pedir. Confiarei em suas instruções, de que é mais importante que ele vá embora do que me ajudar.*

— *Obrigada, Verna.*

— *Ann, qual é o perigo com as profecias?*

Ela esperou um momento na tranquilidade do Santuário, até que a escrita recomeçou. — *Exatamente como tentamos auxiliar nosso esforço*

sabendo do perigo que há em várias ramificações de uma profecia, aqueles que querem governar a humanidade usam essa informação para guiar os eventos pelas ramificações melhores para as suas intenções.. Usadas dessa maneira, as profecias podem nos derrotar. Se tiverem um profeta, eles podem ter uma compreensão melhor das profecias, e de como direcionar os eventos para obter vantagem.

— Interferir com ramificações pode invocar o caos que nem mesmo eles esperam ou podem controlar. Isso é perigoso ao extremo. Eles podem inadvertidamente atirar todos nós de um penhasco.

— Ann, você está dizendo que Jagang vai tentar se apoderar do Palácio dos Profetas, e as profecias nas câmaras?

Pausa.

— Sim.

Verna também fez uma pausa. A percepção da natureza da batalha adiante faz com que ela sentisse calafrios.

— Como podemos deter ele?

O Palácio dos Profetas não pode cair tão fácil quanto Jagang pensa. Embora ele seja um Andarilho dos Sonhos, temos controle de nosso Han. O poder também é uma arma. Ainda que sempre usemos nosso dom para preservar a vida e ajudar a trazer a luz do Criador ao mundo, pode chegar um tempo em que teremos de usar nosso dom para lutar. Por isso, devemos saber quem é leal a nós. Você deve descobrir quem não está corrompido.

Verna pensou cuidadosamente antes de começar a escrever. Ann, pretende pedir que nos tornemos guerreiras, para usar nosso dom para eliminar as crianças do Criador?

Estou dizendo, Verna, que terá que usar o seu conhecimento para evitar que o mundo seja lançado para sempre dentro da escuridão da tirania. Embora lutemos para ajudar as crianças do Criador, também carregamos uma Dacra, não é mesmo? Não podemos ajudar pessoas se estivermos mortas.

Verna esfregou as coxas quando percebeu que elas estavam tremendo. Ela matou pessoas, e a Prelada sabia. Matou Jedidiah. Desejou ter trazido alguma coisa para beber; a garganta dela parecia estar ficando seca como terra.

— Entendo. — Finalmente ela escreveu. — Farei o que for necessário.

Gostaria de poder dar a você melhor orientação, Verna, mas nesse momento eu não sei o bastante. Os eventos já estão fluindo adiante em uma torrente. Sem direção, e provavelmente por completo instinto, Richard já tomou uma ação precipitada. Não temos certeza do que ele é capaz, mas pela informação que consegui obter, ele já deixou Midlands em tumulto. O rapaz não descansa por um minuto. Parece que ele cria suas próprias regras conforme avança.

— *O que ele fez? Verna perguntou, temendo a resposta.*

— De algum modo ele assumiu o comando de D'Hara, e capturou Aydindril. Ele declarou que a Aliança de Midlands está dissolvida, e exigiu a rendição de todas as terras.

Verna arfou. — *É Midlands que deve lutar contra a Ordem Imperial! Ele perdeu a razão? Não podemos permitir que ele faça D'Hara e Midlands entrarem em guerra!*

— *Ele já fez isso.*

— *Midlands não vai se render a ele.*

— *Pelo que consegui descobrir, Galea e Kelton já estão nas mãos dele.*

— *Ele deve ser impedido! A Ordem Imperial é a ameaça. São eles que devem ser combatidos. Não podemos permitir que ele comece uma guerra no Mundo Novo... a distração poderia ser fatal.*

— *Verna, a magia está conectada a Midlands de forma parecida com a gordura em um suculento assado. A Ordem Imperial vai roubar esse assado uma fatia por vez, como fizeram com o Mundo Antigo. Tímidas alianças se negarão a iniciar uma batalha por causa de uma fatia, e ao*

invés disso deixarão que seja levada, então a fatia seguinte será tomada em nome da conciliação e da paz, e então a seguinte, com o passar do tempo enfraquecendo Midlands e fortalecendo a Ordem. Enquanto você esteve fora em sua jornada, eles dominaram todo o Mundo Antigo, em menos de vinte anos.

— Richard é um mago guerreiro. São os seus instintos que o guiam, e tudo que aprendeu e estima forja suas ações. Não temos escolha a não ser confiar nele.

— No passado, a ameaça era apenas um indivíduo, como Darken Rahl. Dessa vez, é uma ameaça monolítica. Mesmo se de alguma forma conseguíssemos eliminar Jagang, outro tomaria seu lugar. Essa é uma batalha de crenças, temores, e ambições de todo povo, não de apenas um líder.

— É algo muito parecido com o modo como as pessoas temem o Palácio. Se um líder se apresentasse, não conseguiríamos eliminar a ameaça eliminando o líder; o medo ainda estaria nas cabeças das pessoas, e tirar o seu líder apenas intensificaria sua crença de que estão com razão em ter medo.

— Querido Criador, Verna escreveu de volta, então o que faremos?

Houve uma pausa durante algum tempo. — Como eu disse, criança, não tenho todas as respostas. Mas posso dizer isso: Dessa vez, na provação final, todos nós temos um papel, mas é Richard quem é a chave. Richard é nosso líder. Não concordo com todas as coisas que ele faz, mas ele é o único que pode nos conduzir até a vitória. Se tivermos que prevalecer, devemos segui-lo. Não estou dizendo que não podemos tentar aconselhar e guiá-lo naquilo que conhecemos, mas ele é um mago guerreiro, e essa é a guerra para a qual ele nasceu para lutar.

— Nathan avisou que tem um lugar nas profecias chamado de Grande Vazio. Se terminarmos nessa ramificação, ele acredita que não há nada além para a magia, e dessa forma nenhuma profecia que a ilumine. A humanidade mergulhará para sempre nesse espaço desconhecido sem magia, Jagang deseja lançar o mundo dentro desse vazio.

— *Lembre-se disso acima de tudo: Não importa o que aconteça, você deve permanecer leal a Richard. Pode conversar com ele, aconselhá-lo, pensar com ele, mas não deve lutar contra ele. A lealdade a Richard é a única coisa que mantém Jagang afastado de sua mente. Uma vez que um Andarilho dos Sonhos dominar sua mente, você estará perdida.*

Verna engoliu em seco. A pena tremeu em sua mão. — *Entendo. Tem alguma coisa que eu possa fazer para ajudar?*

— *Por enquanto, as coisas que já falei. Deve agir rapidamente. A guerra já está correndo na nossa frente.*

— *Ouvi dizer que tem Mriswith em Aydindril.*

Os olhos de Verna ficaram arregalados com a última parte da mensagem. — Querido Criador. — ela falou bem alto. — dê forças para Richard.

CAPÍTULO 31

Verna fechou os olhos com a luz. O sol estava alto. Ela grunhiu quando levantou da cadeira estofada demais e esticou seus músculos doloridos. Ela se correspondeu com a Prelada até tarde da noite, e então, cansada demais para ir para a cama, tinha se enrolado na cadeira e caiu no sono. Depois que Verna ficou sabendo sobre Richard e os Mrs. With em Aydindril, as duas ficaram escrevendo sobre assuntos do Palácio.

A Prelada respondeu incontáveis questões de Verna sobre a condução do Palácio, a maneira como as coisas funcionavam, e como lidar com suas conselheiras, administradoras, e outras Irmãs. As lições que Ann transmitiu foram esclarecedoras.

Verna nunca tinha percebido a extensão da política do Palácio e como quase todas as facetas da vida no Palácio e da lei circulavam ao redor dela. O poder de uma Prelada era derivado, em parte, por formar as alianças certas, e usar obrigações e poder cuidadosamente designado para controlar a oposição. Divididas em facções, responsáveis por seus próprios nichos e recebendo ampla liberdade em áreas muito restritas, as Irmãs mais influentes ficavam distraídas da ação de se unir para formar oposição contra a Prelada. A informação era fornecida ou mantida em sigilo em um processo cuidadosamente controlado, mantendo grupos opostos equilibrados em influência e poder. Esse equilíbrio mantinha a Prelada como o ponto central, e no controle dos objetivos do Palácio.

Ainda que as Irmãs não pudessem remover uma Prelada do cargo, a não ser por traição contra o Palácio e o Criador, elas podiam prejudicar os trabalhos do Palácio com pequenas disputas e lutas por poder. A Prelada precisava controlar essa energia e direcioná-la para objetivos mais proveitosos.

Parecia que governar o Palácio, fazendo o trabalho do Criador, na verdade era mais lidar com personalidades, seus sentimentos e sensibilidades do que simplesmente delegar tarefas que precisavam ser feitas. Verna nunca tinha visto o gerenciamento do Palácio dessa maneira. Sempre as tinha visto como uma família feliz, todas concentradas no

trabalho do Criador, seguindo tranquilamente a orientação da Prelada. Isso, ela aprendeu, acontecia por causa do habilidoso controle da Prelada sobre as Irmãs. Por causa dela, todas trabalhavam em prol de um objetivo, parecendo estarem satisfeitas com sua parcela no esquema das coisas.

Depois da conversa com Annalina, Verna sentiu-se ainda mais inadequada no posto dela, mas ao mesmo tempo mais preparada para cuidar da tarefa. Nunca soubera da vasta extensão do conhecimento da Prelada sobre as questões mais triviais do Palácio. Não era surpresa que a Prelada Annalina tivesse feito o trabalho parecer tão fácil; ela era mestra nisso. Uma equilibrista que conseguia manter doze bolas no ar ao mesmo tempo enquanto sorria e dava tapinhas na cabeça de uma noviça.

Verna esfregou os olhos quando bocejou. Dormiu apenas algumas horas, mas tinha trabalho a fazer, e não poderia perder mais tempo. Enfiou o Livro de Jornada, com todas suas páginas limpas, de volta no cinto e seguiu para o seu escritório, parando no caminho para jogar água do lago no rosto.

Um par de patos verdes nadou chegando mais perto, interessados no que ela estava fazendo interferindo em seu mundo. Eles circularam um pouco antes de decidirem limpar suas penas, aparentemente contentes que ela não tivesse outro interesse além de compartilhar da água deles. O céu estava com uma gloriosa coloração rosada e violeta no dia novo, o ar limpo e fresco.

Embora estivesse profundamente preocupada a respeito do que havia aprendido, também estava sentindo-se otimista. Como tudo mais ao redor dela sob a luz do novo dia, sentia como se tivesse sido iluminada também.

Verna balançou as mãos para retirar a água enquanto pensava como descobriria quais Irmãs estavam juradas ao Guardiã. Só porque a Prelada tinha fé nela, e tinha ordenado, não significava que ela conseguiria. Suspirou, e então beijou o anel da Prelada, pedindo ao Criador para que ajudasse a encontrar um caminho.

Verna não conseguia esperar para contar a Warren sobre a Prelada, e todas as coisas que tinha aprendido ao conversar com ela, mas também estava com o coração pesado, porque teria que pedir a ele para se esconder.

Não sabia como conseguiria sem ele. Talvez se ele conseguisse encontrar um lugar seguro não muito longe, ainda pudesse visitá-lo ocasionalmente, e não se sentiria sozinha.

No escritório dela, Verna sorriu quando viu as pilhas ondulantes de relatório que aguardavam. Deixou as portas do jardim abertas para deixar entrar o ar frio da manhã, e deixar sair o ar do escritório. Ela começou a arrumar os relatório, remexendo nos papéis para colocá-los em ordem e deixando as pilhas retas, alinhando-as pela borda. Pela primeira vez ela conseguiu ver um pouco da madeira do tampo da mesa.

Verna levantou os olhos quando a porta abriu. Phoebe e Dulcinia, cada uma carregando mais relatórios em um dos braços, ficaram assustadas quando avistaram ela.

— Bom dia. — Verna falou com uma voz alegre.

— Nos perdoe, Prelada. — Dulcinia falou. Seus olhos azuis penetrantes surpresos quando ela viu as pilhas de relatórios arrumadas. — Não percebemos que a Prelada estaria trabalhando tão cedo. Não tivemos intenção de interromper. Podemos ver que tem muito trabalho a fazer. Vamos apenas colocar estes aqui junto com os outros, se nos permitir.

— Oh, sim, por favor, façam isso. — Verna disse, levantando uma das mãos na direção da mesa de modo convidativo. — Leoma e Philippa ficarão contentes que tenham trazido eles para mim.

— Prelada? — Phoebe falou, seu rosto arredondado com uma expressão de confusão.

— Oh, você sabe o que eu quero dizer. É claro que minhas conselheiras gostam de ter certeza de que o Palácio funcione tão bem quanto uma roda recém lubrificada. Leoma e Philippa ficam preocupadas com a tarefa.

— Tarefa? — Dulcinia perguntou, a expressão confusa no rosto dela aumentando.

— Os relatórios. — Verna disse, como se aquilo fosse óbvio. — Elas não iriam querer que pessoas tão jovens quanto vocês duas assumissem tal responsabilidade. Talvez, se continuarem a trabalhar duro, e provarem

que merecem, algum dia eu os confiarei a vocês. Se elas considerarem isso algo sábio, é claro.

O rosto de Dulcinia ficou sombrio. — O que Philippa disse, Prelada? Que aspecto da minha experiência ela considera inadequado?

Verna encolheu os ombros. — Não me entenda mal, Irmã. Minhas conselheiras não ridicularizaram você de modo algum; na verdade, elas elogiam vocês. É que elas deixaram claro que os relatórios são importantes, e recomendaram que eu mesma os visse. Tenho certeza que elas virão, em alguns anos, e terão confiança em me informar quando vocês estiverem prontas.

— Prontas para quê? — Phoebe perguntou, perplexa.

Verna balançou a mão na direção das pilhas de relatórios. — Bem, é obrigação das administradoras da Prelada ler os relatórios e cuidar deles. A Prelada só precisa supervisionar ocasionalmente, para confirmar que suas administradoras estão fazendo um trabalho adequado. Uma vez que minhas conselheiras indicaram que eu mesma deveria cuidar dos relatórios, considerei que era óbvio que elas... bem, tenho certeza que não pretendiam ofender, vendo como elas sempre elogiam vocês duas. — Verna estalou a língua. — Embora elas continuem a me lembrar que eu mesma deveria cuidar dos relatórios, pensando nos interesses do palácio.

Dulcinia ficou rígida de indignação. — Nós já lemos aqueles relatórios, cada um deles, para ter certeza que estão em ordem. Sabemos mais sobre eles do que qualquer pessoa. O Criador sabe que vejo aqueles relatórios em meus sonhos! Sabemos quando alguma coisa está fora de ordem, e anotamos para você, não é mesmo? Trazemos contas para sua atenção quando elas não estão exatas, não é mesmo? Aquelas duas não deveriam dizer que você mesma deve fazer isso.

Verna caminhou até uma estante de livros, ocupando-se com uma procura fictícia de um volume em particular. — Tenho certeza de que elas só estão com os interesses do Palácio em mente, Irmã. Você é tão nova no cargo e tudo mais. Imagino que vocês escutam muitos conselhos delas.

— Eu sou tão velha quanto Philippa! Tenho tanta experiência quanto ela!

— Irmã, ela não fez nenhuma acusação. — Verna falou com seu tom mais humilde quando olhou por cima do ombro.

— Ela aconselhou você a cuidar dos relatórios, não foi?

— Bem, sim, mas...

— Ela está errada. As duas estão erradas.

— Estão? — Verna perguntou, afastando-se da estante.

— É claro. — Dulcinia olhou para Phoebe. — Nós poderíamos ordenar, avaliar e cuidar de todos eles em cerca de uma ou duas semanas, não é mesmo, Irmã Phoebe.

Phoebe levantou o nariz. — Acredito que poderíamos fazer isso em uma semana. Sabemos mais sobre como cuidar desses relatórios do que qualquer pessoa. — O rosto dela ficou vermelho quando olhou para Verna. — A não ser você Prelada, é claro.

— Verdade? É uma responsabilidade enorme. Eu não gostaria de sobrecarregar suas cabeças. Estão a pouco tempo nesse trabalho. Vocês acham que já estão preparadas?

Dulcinia bufou. — Eu diria que estamos. — Ela marchou até a mesa e pegou uma grande pilha. — Nós cuidaremos disso. Você verifica qualquer um que tivermos tratado, e descobrirá que teria cuidado dos assuntos do mesmo jeito que nós. Sabemos o que estamos fazendo. Você vai ver. — Ela fez uma careta. — E aquelas duas também.

— Bem, se realmente acham que conseguem cuidar disso, estou disposta a dar uma chance. Afinal de contas, vocês são minhas administradoras.

— Eu diria que somos. — Dulcinia inclinou a cabeça na direção da mesa. — Phoebe, pegue uma pilha.

Phoebe levantou uma grande coluna de relatórios, dando um passo para trás para equilibrá-los. — Tenho certeza que a Prelada tem assuntos mais importantes para cuidar do que o trabalho que suas administradoras podem fazer tão facilmente.

Verna cruzou as mãos sobre o cinto. — Bem, eu nomeei vocês porque acreditei em suas habilidades. Acho que é justo que eu permita que provem isso. Além disso, as administradoras da Prelada são de vital importância para o funcionamento do Palácio.

Os lábios de Dulcinia formaram um largo sorriso. — Verá o quanto somos importantes para ajudar você, Prelada. Assim como suas conselheiras.

Verna levantou as sobrancelhas. — Já estou impressionada, Irmãs. Bem, realmente tenho que cuidar de alguns assuntos. Estando tão ocupada com relatórios, não tive chance de checar minhas conselheiras, e me certificar de que estão cuidando das suas obrigações adequadamente. Acho que já é hora de fazer isso.

— Sim. — Dulcinia falou enquanto seguia Phoebe saindo pela porta. — Acho que isso seria sábio.

Verna soltou um grande suspiro quando a porta fechou. Tinha pensado que nunca veria o fim daqueles relatórios. Agradeceu mentalmente a Prelada Annalina. Ela percebeu que estava sorrindo, e endureceu o rosto.

Warren não respondeu sua batida, e quando olhou dentro do quarto dele viu que sua cama não parecia ter sido usada.

Verna estremeceu quando lembrou que ordenou a ele que fosse até as câmaras para ligar aquelas profecias.

O pobre Warren provavelmente dormiu com seus livros, fazendo o que ela ordenou. Lembrou com vergonha como tinha falado com ele quando estava com tanta raiva depois de ter falado com o cavador de covas. Agora, ela estava aliviada e feliz em saber que a Prelada e Nathan estavam vivos, mas ao mesmo tempo estava lívida e tinha descarregado isso em Warren.

Para evitar causar tumulto, ela desceu as escadas e corredores sem uma escolta para esvaziar as câmaras. Pensou que seria mais seguro se ela simplesmente fizesse uma rápida visita até as câmaras em uma pequena inspeção e falasse para Warren encontrá-la perto do rio. Essa informação era perigosa demais para confiar até mesmo na segurança das câmaras vazias.

Talvez Warren pudesse ter uma ideia de como eles poderiam desmascarar as Irmãs do Escuro. Às vezes, a inteligência de Warren era surpreendente. Ela beijou seu anel em uma tentativa de afastar a angústia quando lembrou de sua obrigação de mandá-lo embora. Precisava tirar ele dali imediatamente.

Com um sorriso triste, ela pensou que talvez ele pudesse ganhar algumas rugas no seu rosto irritantemente liso, e alcançasse ela enquanto ela permanecia sob o feitiço do Palácio.

Irmã Becky, com sua gravidez tornando-se óbvia para todos, estava dando aula para um grupo de noviças mais velhas sobre a complexidade da profecia. Ela estava falando sobre o perigo de uma falsa profecia como resultado de ramificações que haviam sido tomadas no passado. Uma vez que um evento em uma profecia havia tomado lugar, e se isso carregasse uma ramificação disjuntiva, tipo A ou B, então a profecia tinha sido decidida pelos eventos; uma ramificação provou ser verdadeira, e assim outra tornou-se uma falsa profecia.

A dificuldade é que mesmo assim outras profecias estavam ligadas a cada ramificação, mas quando elas eram fornecidas ainda não estava decidido qual ramificação aconteceria. Uma vez determinada, qualquer profecia ligada com a ramificação morta tornava-se falsa também, mas porque geralmente era impossível determinar a qual ramificação muitas profecias estavam ligadas, as câmaras estavam entupidas com essa madeira morta.

Verna foi até a parede nos fundos e escutou por algum tempo enquanto as noviças faziam perguntas.

Era frustrante para elas aprender o escopo dos problemas que se apresentavam para alguém que tentava trabalhar com profecia, e como muitas das coisas que perguntavam não tinha resposta. Pelo que Warren falou para ela, agora Verna sabia que as Irmãs tinham ainda menos entendimento das profecias do que elas pensavam.

Profecias realmente deveriam ser interpretadas por magos cujo dom possuísse essa habilidade. Nos últimos mil anos, Nathan foi o único mago que eles encontraram que tinha a habilidade de fornecer profecias.

Agora ela sabia que ele as entendia de um modo que nenhuma Irmã jamais soube, a não ser talvez a Prelada Annalina. Agora ela sabia que Warren também tinha aquele talento para a profecia.

Enquanto a Irmã prosseguia com uma explanação da conexão através de eventos chave e cronologia, Verna moveu-se lentamente na direção das salas dos fundos onde Warren geralmente trabalhava, mas encontrou-as todas vazias, e com seus livros de volta nas estantes. Verna ficou confusa pensando onde procurar em seguida. Nunca tinha sido difícil encontrar Warren, mas isso porque ele sempre estava nas câmaras.

Irmã Leoma a encontrou quando ela estava voltando subindo os corredores entre as longas colunas de estantes. A conselheira dela sorriu em saudação e baixou a cabeça com longo cabelo branco liso, amarrado atrás com uma fita dourada. Verna detectou preocupação nas rugas do rosto dela.

— Bom dia, Prelada. A bênção do Criador sobre esse novo dia.

Verna devolveu o sorriso caloroso. — Obrigada, Irmã. Esse é um belo dia. Como estão as noviças?

Leoma lançou um olhar na direção das mesas com as jovens concentradas sentadas ao redor. — Elas serão boas Irmãs. Estive observando as lições, e não tem uma desatenta no grupo. — Sem retornar o olhar para Verna, ela perguntou. — Veio encontrar Warren?

Verna girou o anel em seu dedo. — Sim. Tem alguns assuntos que pensei em pedir que ele verifique para mim. Viu ele por perto?

Quando Leoma finalmente virou para ela, suas rugas estavam mais profundas com verdadeira preocupação. — Verna, eu temo que Warren não esteja aqui.

— Entendo. Bem, sabe onde poderia encontrá-lo?

Ela soltou um suspiro profundo. — O que eu quero dizer, Verna, é que Warren foi embora.

— Embora? O que você quer dizer com *embora*?

O olhar da Irmã Leoma deslizou para as sombras entre as estantes. — Quero dizer que ele deixou o Palácio. Para sempre.

A boca de Verna ficou aberta. — Tem certeza? Deve estar enganada. Talvez você...

Leoma afastou um tufo de cabelo branco do rosto. — Verna, ele me procurou, na noite antes da última, e disse que estava partindo.

Verna molhou os lábios. — Porque ele não me procurou? Porque ele não diria para a Prelada que estava partindo?

Leoma apertou mais o xale. — Verna, sinto muito em ser aquela que vai dizer isso a você, mas ele falou que você e ele conversaram, e ele decidiu que seria melhor se deixasse o Palácio. Por enquanto, pelo menos. Ele me fez prometer que não diria a você por uns dois dias para que ele pudesse se afastar. Não queria que fosse atrás dele.

— Fosse atrás dele! — Os punhos de Verna ficaram apertados. — O que faz ele pensar... — A cabeça de Verna estava girando, tentando entender, e de repente tentando lembrar de palavras que foram ditas dias atrás. — Mas... ele falou quando voltaria? o Palácio precisa do talento dele.

— Ele conhece os livros aqui embaixo. Não pode simplesmente levantar e ir embora!

Leoma afastou os olhos novamente. — Sinto muito, Verna, mas ele se foi. Disse que não sabia quando, ou se, voltaria. Falou que achava que seria melhor assim, e que você também veria isso.

— Ele disse mais alguma coisa? — ela sussurrou esperançosa.

Ela balançou a cabeça.

— E você simplesmente deixou ele ir? Não tentou impedir ele?

— Verna. — Leoma disse com um tom gentil. — Warren estava sem a sua coleira. Você mesma o libertou de seu Rada'Han. Não podemos forçar um mago a ficar no Palácio contra sua vontade quando ele é solto. Ele é um homem livre. É a escolha dele, não nossa.

Tudo lhe ocorreu em uma onda gelada de temor que causava formigamento. Ela o libertou. Como poderia esperar que ele ficasse para ajudá-la quando o tratou de um modo tão humilhante? Ele era seu amigo, e ela falou com ele como se fosse um garoto em seu primeiro ano. Ele não era um garoto. Era um homem. Um homem com sua própria vontade.

E agora ele se foi.

Verna fez um esforço para falar. — Obrigada, Leoma, por me contar.

Leoma assentiu e depois de dar um aperto confortador no ombro de Verna, caminhou de volta na direção das aulas.

Warren foi embora.

A razão dizia que as Irmãs do Escuro poderiam ter levado ele, mas em seu coração ela só conseguia culpar a si mesma.

Os passos vacilantes de Verna a levaram até uma das pequenas salas, e depois que a porta de pedra fechou, ela desabou enfraquecida em uma cadeira. Sua cabeça caiu sobre os braços, e ela começou a chorar, somente agora percebendo o quanto Warren significava para ela.

CAPÍTULO 32

Kahlan pulou para fora da cama da carroça, rolando pela neve quando pousou. Levantou rapidamente e seguiu na direção dos gritos enquanto pedras ainda caíam ao redor dela, batendo nas árvores na parte baixa da trilha estreita, quebrando galhos e chocando-se nos galhos enormes dos velhos pinheiros.

Ela pressionou as costas no lado da carroça. — Me ajudem! — ela gritou para um homem que já estava correndo na direção dela.

Chegando apenas segundos depois dela, eles se atiraram contra a carroça, suportando o peso. O homem gritou bem alto.

— Espere, espere, espere! — Soava como se estivessem prestes a matá-lo. — Apenas aguarde firme. Não levante mais.

A meia dúzia de jovens soldados fizeram esforço para manter a carroça onde ela estava. A pedra que caiu em cima dela havia adicionado um peso considerável.

— Orsk! — ela gritou.

— Sim, minha Senhora?

Kahlan tomou um susto. Na escuridão, não tinha visto o grande soldado D'Haran com um olho só parado logo atrás dela.

— Orsk, me ajude a segurar a carroça. Não levante. Apenas mantenha ela imóvel. — Ela virou para a trilha escura lá atrás enquanto Orsk assumia lugar ao lado dos outros e colocava suas mãos na parte inferior da carroça.

— Zedd! Alguém vá buscar Zedd! Rápido!

Jogando seu longo cabelo negro para trás por cima de seu manto de pele de lobo, Kahlan ajoelhou ao lado do jovem debaixo do eixo. Estava escuro demais para ver a gravidade de seus ferimentos, mas pelos seus grunhidos ofegantes, ela temia que fosse sério.

Não consegui entender porque ele gritou mais alto quando eles começaram a tirar o peso de cima dele.

Kahlan encontrou a mão dele e a segurou com as duas mãos. — Aguenta firme, Stephens. A ajuda está chegando.

Ela fez uma careta quando ele apertou sua mão enquanto soltava um gemido. Ele agarrou a mão dela como se estivesse pendurado em um penhasco e ela fosse a única coisa que o impedia de cair nas garras sombrias da morte. Ela jurou que não afastaria sua mão mesmo se ele a quebrasse.

— Me perdoe... minha rainha... por nos atrasar.

— Foi um acidente. Não foi culpa sua. — As pernas dele tremiam na neve. — Tente ficar parado. — Com sua mão livre, ela afastou o cabelo da testa dele. Ele se acalmou um pouco com o toque dela, então ela manteve a mão no lado do rosto gelado dele. — Por favor, Stephens, tente ficar parado. Não vou deixar eles soltarem o peso sobre você. Eu prometo. Vamos tirar você aí debaixo daqui a pouco, e o mago vai dar um jeito em você.

Ela conseguiu sentir ele fazer um sinal balançando a cabeça em sua mão. Ninguém perto tinha uma tocha, e sob a débil luz da lua que cruzava os galhos espessos ela não conseguia ver qual era o problema. Parecia que levantar a carroça causava mais dor do que quando ela ficava em cima dele.

Kahlan escutou um cavalo galopando e viu uma figura escura saltar quando o cavalo parou deslizando, virando sua cabeça contra o puxão das rédeas. Quando o homem atingiu o chão, uma chama acendeu na palma de sua mão virada para cima, iluminando seu rosto magro e a massa de cabelo branco desgrenhado.

— Zedd! Rápido!

Quando Kahlan olhou para baixo com a luz repentina, viu a extensão do problema, e sentiu uma onda de náusea golpear como um martelo quente.

Os calmos olhos cor de avelã de Zedd observaram a cena fazendo uma rápida avaliação enquanto ajoelhava do outro lado de Stephens.

— A carroça bateu em um monte de madeira, que impediram que as pedras soltas da ladeira caíssem. — ela explicou.

A trilha era estreita e traiçoeira, e na escuridão, na curva, eles não viram o monte na neve. A madeira devia estar velha e podre. Quando o eixo da roda bateu nele, a madeira quebrou, e a viga que ele suportava caiu, deixando uma avalanche de pedras cair sobre eles.

Quando a pedra levou a traseira da carroça para o lado, o aro de ferro da roda traseira engatou em uma vala congelada debaixo da neve e os raios da roda traseira partiram. O eixo atingiu Stephens e caiu em cima dele.

Agora Kahlan podia ver, na luz, que um dos raios quebrados que projetava-se do eixo da roda inclinando na ponta do eixo partido havia empalado o jovem. Quando eles tentavam erguer a carroça, ela o levantava por aquele raio enfiado em um ângulo sob as costelas dele.

— Sinto muito, Kahlan. — Zedd falou.

— O que você quer dizer com sinto muito? Você tem que...

Kahlan percebeu que embora sua mão ainda estivesse latejando, o aperto nela tinha afrouxado. Ela olhou para baixo e viu a máscara da morte. Agora ele estava nas mãos dos espíritos.

O manto da morte causou um tremor no seu corpo. Ela sabia qual era a sensação do toque da morte. Sentiu isso agora. Sentia em cada momento acordada. Durante o sono, ela saturava os seus sonhos com seu toque adormecedor. Os dedos gelados dela tocavam seu rosto, tentando afastar o sempre presente formigamento, quase como o de um cabelo espetando sua carne, mas nunca havia nada ali para afastar. Era o perturbador toque da magia, do feitiço da morte, que ela sentia.

Zedd levantou, deixando a chama flutuar até uma tocha que um homem ali perto estava segurando, fazendo ela arder com uma chama ondulante. Enquanto Zedd levantava uma das mãos para a carroça, como se desse um comando, fez sinal para que os homens se afastassem com a outra. Eles afastaram cuidadosamente, mas continuaram preparados para segurar a carroça se repentinamente ela caísse de novo. Zedd virou a palma para

cima, em harmonia com o movimento de seu braço, a carroça obedientemente flutuou no ar subindo uma altura de mais dois pés.

— Tirem ele. — Zedd ordenou com um tom triste.

Os homens agarraram Stephens pelos ombros e puxaram do raio. Quando ele havia sido retirado debaixo do eixo, Zedd virou sua mão e permitiu que a carroça fosse até o chão.

um homem caiu de joelhos ao lado de Kahlan. — A culpa é minha. — ele chorou de angústia. — Sinto muito. Oh, queridos espíritos, a culpa é minha.

Kahlan segurou o casaco do cocheiro e fez ele levantar. — Se isso fosse culpa de alguém, então eu deveria ser culpada. Não deveria tentar ganhar distância no escuro. Deveria ter... Não é culpa sua. Foi um acidente, só isso.

Ela virou para outro lado, fechando os olhos, ainda escutando os gritos fantasmagóricos dele. Como era rotina deles, não usaram tochas para não revelar sua presença. Não havia como saber que olhos poderiam avistar uma força de homens movendo-se através das passagens. Mesmo que não houvesse nenhuma evidência de perseguição, seria tolice ficar confiante demais. A furtividade era vida.

— Enterrem ele da melhor maneira que puderem. — Kahlan falou para os homens. Não cavariam no chão congelado, mas pelo menos poderiam usar as pequenas pedras soltas para cobri-lo. A alma dele estava com os espíritos, e segura, agora. O sofrimento dele estava terminado.

Zedd pediu aos oficiais para limparem a trilha e então foi junto com os homens encontrar um lugar para colocar Stephens para descansar.

No meio do barulho e da atividade, de repente Kahlan lembrou de Cyrilla, e subiu na carroça. Sua meia irmã estava enrolada em uma grossa camada de cobertores e aninhada entre pilhas de roupas. A maior parte das pedras tinha caído na parte de trás da carroça, sem atingir ela, e os cobertores a protegeram das pedras menores que a pilha de roupas não deteve. Foi incrível que ninguém tivesse sido esmagado por uma das rochas maiores que caíram na escuridão.

Eles colocaram Cyrilla na carroça ao invés da carruagem porque ela ainda estava inconsciente, e pensaram que na carroça poderiam deitá-la para que ficasse mais confortável. A carroça provavelmente estava além da possibilidade de reparo. Agora teriam que colocá-la na carruagem, mas ela não estava longe.

Na parte mais estreita da trilha, os homens começaram a se reunir, alguns se espremendo entre os colegas para cumprir as instruções dos oficiais. Movendo-se adiante dentro da noite, enquanto outros pegavam machados para cortar árvores e reparar o muro de contenção. Outros receberam a tarefa de jogar as pedras pequenas e rolar as maiores da trilha e assim abrir caminho para a carruagem passar.

Kahlan estava aliviada de ver que Cyrilla não ficou ferida por nenhuma das pedras, e aliviada também que ainda estivesse em seu quase constante torpor. Não precisavam dos gritos e do choro de terror de Cyrilla nesse momento; havia trabalho a ser feito.

Kahlan esteve viajando na carroça com ela caso ela acordasse. Depois do que fizeram com ela em Aydindril, Cyrilla ficava em pânico ao ver homens, ficando aterrorizada e inconsolável se Kahlan, Adie, ou Jebra não estivesse ali para acalmá-la.

Em seus raros momentos de lucidez, Cyrilla fez Kahlan prometer, de novo e de novo, que ela seria Rainha. Cyrilla se preocupava com seu povo, e sabia que não estava em condições para ajudá-lo. Amava Galea o bastante para se recusar a prejudicar sua terra com uma Rainha sem condições de liderá-la. Kahlan assumiu a responsabilidade de modo relutante.

O meio irmão de Kahlan, Príncipe Harold, não queria ter nada a ver com um fardo monárquico. Ele era um soldado, como foi o pai dele e de Cyrilla, Rei Wyborn. Depois que Cyrilla e Harold nasceram, a mãe de Kahlan tomou o Rei Wyborn como seu companheiro, e Kahlan nasceu. Ela nasceu Confessora; a magia das Confessoras tinha precedência sobre questões insignificantes de realeza.

— Como ela está? — Zedd perguntou enquanto soltava seu manto que ficou preso quando estava subindo na carroça.

— Do mesmo jeito. Ela não ficou ferida com a queda das pedras.

Zedd colocou os dedos nas têmporas dela por um momento. — Não há nada errado com seu corpo, mas a doença ainda reina em sua mente. — Ele balançou a cabeça com um suspiro enquanto descansava um braço sobre o joelho. — Gostaria que o dom pudesse curar enfermidades da mente.

Kahlan viu a frustração nos olhos dele. Ela sorriu. — Fique agradecido. Se pudesse você nunca teria tempo para comer.

Quando Zedd riu, ela olhou para os homens ao redor da carroça, e viu o Capitão Ryan. Fez um sinal para que ele se aproximasse.

— Sim, minha Rainha?

— Quanto tempo até Ebinissia?

— Quatro, talvez seis horas.

Zedd inclinou na direção dela. — Não é um lugar que desejamos alcançar no meio da noite.

Kahlan entendeu a mensagem e assentiu. Para que eles reclamassem a cidade Coroa de Galea, tinham bastante trabalho a fazer; o primeiro era cuidar dos milhares de cadáveres espalhados pela cidade. Não era uma cena que eles queriam encontrar no meio da noite depois de um duro dia de marcha. Ela não estava ansiosa para voltar a ter aquela visão do massacre, mas era um lugar onde ninguém esperaria encontrá-los, e poderiam ficar em segurança ali por algum tempo. Dessa base, eles poderiam começar a juntar Midlands novamente.

Ela virou de volta para o Capitão Ryan. — Tem algum lugar aqui perto onde podemos montar acampamento para passar a noite?

O Capitão apontou subindo a estrada. — Os batedores disseram que tem um pequeno planalto não muito longe adiante. Tem uma fazenda abandonada lá onde Cyrilla ficará confortável para passar a noite.

Ela afastou um pouco de cabelo do rosto e o prendeu atrás de uma orelha, notando que Cyrilla não era mais chamada de Rainha. Agora Kahlan

era a Rainha, e o Príncipe Harold havia garantido que todos soubessem disso. — Está bem, mande uma mensagem adiante. Que protejam o vale e montem acampamento. Posicionem sentinelas e explorem a área. Se os terrenos próximos estiverem desertos, e o vale estiver fora de vista, então diga para os homens acenderem fogueiras, mas que as mantenham pequenas.

O Capitão Ryan sorriu e bateu com um punho no coração fazendo uma saudação. Fogueiras seriam maravilhosas, e comida quente faria muito bem aos homens. Eles mereciam, depois da árdua marcha. Estavam quase em casa; amanhã estariam lá. Então a pior parte do trabalho começaria: cuidar dos mortos, e colocar Ebinissia em ordem novamente.

Kahlan não deixaria a vitória da Ordem Imperial sobre Ebinissia continuar. Midlands teria a cidade de volta, e ela viveria novamente para contra atacar.

— Você cuidou de Stephens? — ela perguntou ao Capitão.

— Zedd nos ajudou a encontrar um lugar, e os homens estão cuidando disso. Pobre Stephens. Ele lutou durante todas as batalhas contra a Ordem, quando começamos com quinhentos homens, viu quatro de cada cinco de seus companheiros serem mortos, e ele acabou morrendo em um acidente depois que estava acabado. Sei que ele gostaria de morrer defendendo Midlands.

— Ele fez isso. — Kahlan disse. — Não acabou; vencemos apenas uma batalha, embora tenha sido importante. Ainda estamos em guerra com a Ordem Imperial, e ele era um soldado naquela guerra.

— Ele estava ajudando em nossos esforços, e morreu no cumprimento do dever, assim como a maioria daqueles homens mortos em combate.

— Não há diferença. Morreu como um herói de Midlands.

O capitão Ryan enfiou as mãos nos bolsos de seu grosso casaco marrom de lã. — Acho que os homens gostariam de ouvir essas palavras, e encontrariam coragem nelas. Antes de seguirmos em frente, você poderia

dizer alguma coisa sobre o túmulo dele? Significaria muito para os homens saber que sua Rainha sentirá falta dele.

Kahlan sorriu. — É claro. Capitão. Seria uma honra. — Kahlan ficou olhando fixamente para o vazio depois que o Capitão partiu para cuidar das coisas. — Eu não deveria ter continuado depois de escurecer.

Zedd passou a mão atrás da cabeça dela procurando confortá-la. — Acidentes podem acontecer até mesmo na luz do dia. Isso poderia muito bem ter acontecido de manhã, se tivéssemos parado mais cedo, e então culparíamos o fato de ainda estarmos meio sonolentos. — Ainda me sinto culpada. Simplesmente não parece justo. — O sorriso dele não exibiu humor algum. — O destino não pede nosso consentimento.

CAPÍTULO 33

Se houvesse algum corpo na fazenda, os homens os teriam removido na hora em que Kahlan chegasse lá. Eles acenderam o fogo na lareira rudemente construída, mas ele não teve tempo de afastar o frio da casa abandonada.

Cyrilla foi carregada cuidadosamente até os restos de um colchão feito com palha em um quarto nos fundos. Havia outro quarto apertado com dois colchões, provavelmente para crianças, e a sala principal com uma mesa e mais algumas coisas. Pelos fragmentos de um armário e de um baú, e os restos de itens pessoais, Kahlan soube que a Ordem passou por aqui em seu caminho até Ebinissia. Ficou imaginando outra vez o que os homens teriam feito com os corpos; não queria encontrá-los durante a noite se tivesse que sair para se aliviar.

Zedd olhou em volta da sala enquanto esfregava as mãos no estômago.

— Quanto tempo até que o jantar esteja pronto? — ele perguntou com um tom bem humorado.

Ele vestia um grosso manto marrom com mangas negras e capuz sobre os ombros. Três linhas de bordado prateado circulavam os punhos das mangas dele. Um bordado dourado, mais grosso, descia em volta do pescoço e pela frente, a roupa estava apertada na cintura por um cinto vermelho de cetim com uma fivela dourada. Zedd odiava os acessórios chamativos que Adie tinha insistido em usar como disfarce. Preferia o seu manto simples, mas ele se foi fazia muito tempo, assim como seu chapéu com a longa pena que ele havia *perdido* em algum lugar pelo caminho.

Kahlan sorriu. — Não sei. O que você está cozinhando?

— Eu? Cozinhar? Bem, eu suponho...

— Queridos espíritos, nos poupe desse homem cozinhando. — Adie falou da porta. — Estaríamos melhor servidos comendo cascas de árvore e insetos.

Adie mancou entrando no quarto, seguida por Jebra, a vidente, e Ahern, o cocheiro que tinha levado Zedd e Adie em suas jornadas recentes. Chandalen, que tinha acompanhado Kahlan saindo da terra do Povo da Lama meses atrás, tinha partido depois que Kahlan estivera com Richard naquela noite maravilhosa em um lugar entre os mundos. Ele queria voltar para sua casa e para seu povo. Ela não poderia culpá-lo; sabia como era sentir falta de amigos e pessoas amadas.

Com Zedd e Adie, sentia como se estivessem quase todos juntos. Quando Richard encontrasse com eles, então todos estariam realmente juntos novamente. Embora provavelmente isso ainda levasse semanas, Kahlan ainda não conseguia evitar ficar excitada a cada respirar, pois cada respirar fazia com que ela estivesse um momento mais próxima de colocar os braços em volta dele.

— Meus ossos realmente estar velhos demais para esse clima. — Adie falou enquanto atravessava a sala.

Kahlan pegou uma cadeira de madeira e arrastou-a enquanto segurava o braço de Adie e a conduzia até o fogo. Colocou a cadeira perto das chamas e fez com que a feiticeira sentasse para se aquecer. Diferente das roupas originais de Zedd, o manto simples de linho, com faixas amarelas e vermelhas costuradas no pescoço como símbolos antigos da profissão dela, havia sobrevivido na jornada deles. Zedd fazia uma careta sempre, ao ver aquilo, pensando ser um pouco estranho que o manto dela tivesse conseguido escapar na jornada e o dele se perdesse.

Adie sempre sorria e dizia que era um mistério e insistia que ele parecia muito bem em suas roupas finas. Kahlan suspeitava de que ela realmente gostava mais dele em sua nova roupa. Kahlan também pensou que Zedd parecia magnífico, embora não tão parecido com um mago quanto sua roupa tradicional fazia com que ele parecesse. Magos de um nível tão alto quanto o dele vestiam os mantos mais simples.

Não havia posição acima de Zedd: Primeiro Mago.

— Obrigada, criança. — Adie falou enquanto esquentava as mãos perto das chamas.

— Orsk. — Kahlan chamou.

O grande homem deu um passo adiante. A cicatriz sobre o olho que faltava estava branca sob a luz do fogo. — Sim, minha Senhora? — Ele estava pronto para executar as instruções dela. Quais seriam não tinha importância para ele, sua única preocupação era que tinha uma chance de agradá-la. — Não tem panela aqui. Pode conseguir uma, para preparar alguma coisa para jantar?

Seu uniforme de couro escuro rangeu quando ele fez uma reverência e virou para sair da sala rapidamente. Orsk foi um soldado D'Haran do acampamento da Ordem Imperial. Tentou matá-la, e durante esse esforço ela o tocou com seu poder, a magia das Confessoras destruindo para sempre quem ele tinha sido e enchendo-o com cega lealdade a ela. Esta cega lealdade e devoção era uma forte presença para Kahlan, uma lembrança constante do que, e quem ela era.

Ela tentava não ver o homem que ele foi: um soldado D'Haran que havia se juntado com a Ordem Imperial, um dos assassinos que participaram no massacre das mulheres e crianças inocentes de Ebinissia. Como a Madre Confessora ela jurou não ter misericórdia com nenhum dos homens da Ordem, e não houve nenhuma. Apenas Orsk ainda vivia. Embora ele vivesse, o homem que tinha lutado pela Ordem estava morto.

Por causa do feitiço da morte que Zedd lançou sobre ela para ajudar na fuga deles de Aydindril, poucos conheciam Kahlan como a Madre Confessora. Orsk apenas a conhecia como sua Senhora. Zedd, é claro; Adie; Jebra; Ahern; Chandalen; seu meio irmão, o Príncipe Harold; e o Capitão Ryan conheciam sua verdadeira identidade, mas todos os outros pensavam que a Madre Confessora estava morta. Os homens ao lado dos quais ela lutou a conheciam apenas como sua Rainha. Suas lembranças de quando ela era Madre Confessora estavam confusas e abafadas pela lembrança dela como Rainha Kahlan, nada menos do que sua líder, mas não a Madre Confessora.

Depois que a neve tinha derretido, Jebra e Kahlan colocaram feijões e bacon, cortaram algumas raízes doces dentro da panela, e adicionaram um pouco de melado. Zedd ficava esfregando as mãos enquanto observava os ingredientes sendo misturados. Kahlan sorriu por causa daquela ânsia infantil e, de uma mochila, tirou um pouco de pão para ele.

Ele ficou feliz, e comeu o pão enquanto os feijões ferviam. Enquanto o jantar estava no fogo, Kahlan tirou um resto de sopa que eles trouxeram em uma pequena panela e levou para Cyrilla.

Colocou uma vela em um pedaço de madeira que enfiou em uma rachadura na parede e sentou na beira da cama no quarto silencioso.

Esfregou um pano quente na testa de sua meia irmã por algum tempo, e ficou feliz em ver os olhos de Cyrilla abertos.

Um olhar de pânico dardejou ao redor do quarto pouco iluminado. Kahlan segurou a mandíbula de Cyrilla e forçou-a a olhar dentro de seus olhos.

— Sou eu, Kahlan, minha irmã. Está segura, sozinha comigo. Está segura. Fique calma. Está tudo bem.

— Kahlan? — Cyrilla agarrou o manto e pele branco de Kahlan. — Você prometeu. Não vai voltar atrás com sua palavra.

— Você não pode.

Kahlan sorriu. — Eu prometi, e eu mantereí a promessa. Sou a Rainha de Galea, e serei a Rainha até o dia em que você desejar a coroa de volta.

Cyrilla recostou-se aliviada, ainda segurando o manto de pele. — Obrigada, minha Rainha.

Kahlan fez ela sentar. — Agora vamos lá. Trouxe para você um pouco de sopa quente.

Cyrilla afastou o rosto da colher. — Não estou com fome.

— Se quer que eu seja a Rainha, então deve começar a me tratar como Rainha. — Uma expressão de confusão surgiu no rosto de Cyrilla. Kahlan sorriu. — Essa é uma ordem de sua Rainha. Vai tomar a sopa.

Somente assim Cyrilla comeu. Quando tinha acabado, e começou a tremer e chorar novamente, Kahlan abraçou-a bem apertado até que ela entrou em um estado semelhante a um transe, olhando cegamente para o nada. Kahlan enfiou os cobertores em volta dela e beijou sua testa.

Zedd tinha arrumado um par de barris, um banco do celeiro, e achou outra cadeira em algum lugar. Ele pediu ao Príncipe Harold e ao Capitão Ryan que se juntassem com Adie, Jebra, Ahern, Orsk, Kahlan, e com ele para o jantar. Estavam perto de Ebinissia, e tinham que conversar sobre os seus planos. Todos se amontoaram em volta da pequena mesa enquanto Kahlan partia o pão e Jebra servia tigelas fumegantes de feijões da panela que estava no fogo. Quando a vidente terminou, ela sentou no pequeno banco ao lado de Kahlan, lançando olhares admirados para Zedd o tempo todo.

O Príncipe Harold, um homem com peito largo e uma cabeça com longos cabelos negros, fazia Kahlan lembrar de seu pai.

Harold tinha voltado de Ebinissia nesse mesmo dia com seus batedores.

— Que notícias você tem do seu lar. — ela perguntou.

Ele partiu seu pão com os dedos grossos. — Bem. — ele suspirou. — Estava do mesmo jeito que você descreveu. Parece que ninguém mais esteve lá. Acredito que será bastante seguro para nós. Com o exército da Ordem destruído...

— O que estava nessa área. — Kahlan corrigiu.

Ele concordou com a observação balançando o seu pão. — Não acho que teremos qualquer problema por enquanto. Ainda não temos muitos homens, mas eles são bons homens, e temos o bastante para proteger a cidade lá de cima nas passagens pelas montanhas ao redor, contanto que eles não venham em número tão grande quanto antes. Até que a Ordem traga mais homens, acredito que podemos manter a cidade. — Ele fez um sinal na direção de Zedd. — E nós temos o mago.

Zedd, ocupado enfiando feijões em sua boca, diminuiu a velocidade apenas para soltar um grunhido concordando.

O Capitão Ryan engoliu um punhado de feijões. — O Príncipe Harold está certo. Conhecemos estas montanhas. Podemos defender a cidade até que eles tragam uma força grande. Até lá, talvez tenhamos mais homens se juntando a nós, e podemos começar a nos mover.

Harold mergulhou o pão em sua tigela, capturando um pedaço de bacon. — Adie, qual a sua opinião sobre as nossas chances de conseguir ajuda de Nicobarese?

— Minha terra natal está tumultuada. Quando Zedd e eu estivemos lá, descobrimos que o Rei está morto. O Sangue da Congregação tinha se movido para conquistar o poder, mas nem todas as pessoas estão contentes com isso. As feiticeiras estão mais desgostosas. Se a Congregação assumir o poder, aquelas mulheres serão caçadas e mortas. Espero que elas apoiem as forças no exército que resiste ao Sangue da Congregação.

— Com guerra civil... — Zedd falou, interrompendo seu trabalho veloz com a colher. — Não há chance de enviar tropas para ajudar Midlands.

Adie suspirou. — Zedd está certo.

— Talvez alguma das feiticeiras pudesse ajudar? — Kahlan perguntou.

Adie mexeu a colher nos feijões. — Talvez.

Kahlan olhou para seu meio irmão. — Mas vocês têm tropas de outras áreas que podem convocar.

Harold assentiu. — Certamente temos. Pelo menos sessenta ou setenta mil, talvez cerca de cem mil poderiam ser preparados, embora não sejam todos que estarão bem treinados ou bem armados. Vai levar algum tempo para organizá-los, mas quando o fizermos, então Ebinissia será uma força que poderá ser reconhecida.

— Nós tivemos quase essa quantidade aqui antes... — O Capitão Ryan lembrou sem levantar os olhos da tigela. — e não foi o bastante.

— Verdade. — Harold falou fazendo um floreio com seu pão. — Mas isso é apenas para começar. — Ele olhou para Kahlan. — Você pode juntar mais terras, não pode?

— Essa é a nossa esperança. — ela falou. — Devemos reunir Midlands ao nosso redor, se quisermos ter uma chance.

— E quanto a Sanderia? — O Capitão Ryan perguntou. — Suas lanças são as melhores em Midlands.

— E Lifany. — Harold disse. — Eles fazem um monte de armas, e sabem como usá-las.

Kahlan arrancou um pedaço macio do meio do pão dela. — Sanderia depende de Kelton para ter pastos para seus rebanhos de ovelhas durante o verão. Lifany compra ferro de Kelton, e vende grãos para eles. Herjborgue conta com a lã de Sanderia. Acredito que todos irão para onde Kelton for.

Harold enfiou a colher nos feijões. — Havia Kelteanos mortos entre aqueles que atacaram Ebinissia.

— E Galeanos. — Kahlan colocou o pão na boca e mastigou por um momento enquanto observava ele usar sua colher como se fosse uma faca. Ele olhava fixamente dentro de sua tigela.

— Havia insurgentes e assassinos de muitas terras que se juntaram a eles. — ela falou depois que tinha engolido. — Isso não significa que a terra natal deles fará isso. O Príncipe Fyren de Kelton tinha comprometido sua terra com a Ordem Imperial, mas agora ele está morto. Não estamos em guerra com Kelton; eles são parte de Midlands. Estamos em guerra com a Ordem Imperial. Precisamos ficar unidos. Se Kelton se juntar a nós, os outros praticamente serão obrigados, mas se ficar com a Ordem, então teremos problemas para convencer os outros. Precisamos ter o apoio de Kelton e que fiquem ligados a nós.

— Eu apostaria que Kelton vai e juntar com a Ordem. — Ahern disse. Todos viraram na direção dele. Ele encolheu os ombros. — Sou Kelteano. Posso dizer a vocês que eles irão aonde a Coroa for; é o costume de nosso povo. Com Fyren morto, então isso faria a Duquesa Lumholtz a próxima na fila. Ela e seu marido, o Duque, irão para o lado que acham que vencerá, não importa qual seja ele. Pelo menos essa é a minha opinião pelo que ouvi falar dela.

— Isso é tolice! — Harold baixou sua colher. — Independente do quanto eu não confie em Kelteanos, sem querer ofender, Ahern, e conheça os costumes ardilosos deles, no fundo, eles são de Midlands. Podem querer

pegar qualquer pedaço de fazenda que estiver em uma fronteira disputada e chamá-lo de Kelteana, mas o povo ainda é de Midlands.

— Os espíritos sabem que Cyrilla e eu tivemos nossas brigas, mas quando havia problema, ficávamos juntos. O mesmo acontece com nossas terras; quando D'Hara atacou no verão passado, lutamos para proteger Kelton, independente de algumas de nossas diferenças. Se isso significar o futuro de Midlands, eles irão conosco. Midlands significa mais do que qualquer um que seja novo na coroa passa dizer sobre ela. — Harold pegou sua colher e balançou-a para Ahern. — O que você tem a dizer sobre isso?

Ahern encolheu os ombros. — Nada, eu acho.

Os olhos de Zedd se moveram entre os dois homens. — Não estamos aqui para discutir. Estamos aqui para lutar em uma guerra. Fale aquilo que acredita, Ahern, você é Kelteano, e saberia mais sobre isso do que nós.

Ahern coçou seu rosto queimado pelo vento enquanto pensava nas palavras de Zedd. — O General Baldwin, o comandante de todas as forças Kelteanas, e seus Generais, Bradford, Cutter, e Emerson, irão aonde a Coroa for. Não conheço os homens, sou apenas um cocheiro, mas vou para muitos lugares e escuto muitas conversas, e isso é o que sempre foi dito a respeito deles. As pessoas falam a piada de que se a Rainha jogasse sua Coroa pela janela e ela ficasse presa no chifre de um gamo, todo o exército estaria pastando na grama dentro de um mês.

— E pela conversa que você escuta, você realmente acredita que essa Duquesa transformada em Rainha seguirá com a Ordem apenas pela chance de poder, mesmo que isso signifique romper com Midlands? — Zedd perguntou.

Ahern encolheu os ombros novamente. — É apenas minha opinião, entendam, mas acho que seria assim.

Enquanto Kahlan pegava uma raiz doce com a colher sem levantar os olhos, ela falou. — Ahern está certo. Conheço Cathryn Lumholtz, e o marido dela, o Duque. Ela será Rainha, e mesmo que receba conselhos de seu marido, ela tem esse tipo de pensamento. O Príncipe Fyren teria sido Rei, e acredito que ele ficaria conosco não importa o que acontecesse, mas

alguém da Ordem o levou para o lado deles, e ele nos traiu. Tenho certeza de que a Ordem fará ofertas semelhantes para Cathryn Lumholtz. Ela verá poder nessas ofertas.

Harold se esticou pela mesa e pegou mais um pouco de pão. — Se ela enxergar isso, e Ahern estiver certo, então perdemos Kelton. Se perdermos Kelton, então teremos a primeira rachadura da ruína.

— Isso não ser bom. — Adie observou. — Nicobarese estar com problemas, Galea ficar enfraquecida quando tantos do seu exército ser mortos em Ebinissia, e Kelton estar seguindo na direção da Ordem, e junto com ela irá um grande número de terras que ser parceiros de comércio.

— E então tem alguns dos outros que quando...

— Chega. — O suave, e claro tom de autoridade na voz de Kahlan fez descer uma mortalha de silêncio sobre a mesa. Lembrou do que Richard sempre dizia quando estavam com mais problemas do que conseguiam lidar: pense na solução, não no problema. Se a sua mente estiver cheia apenas com os pensamentos de porque perderia, então não conseguiria pensar em como vencer.

— Parem de falar porque não podemos unir Midlands novamente, e porque não podemos vencer. Já sabemos que há problemas. Precisamos discutir as soluções.

Zedd sorriu por cima de sua colher. — Bem colocado, Madre Confessora. Acho que devemos ter algumas ideias. Como uma delas, tem muitas terras menores que continuarão leais a Midlands não importa o que aconteça. Devemos reunir seus representantes em Ebinissia e começar a reconstruir o conselho.

— Está certo. — Kahlan disse. — Elas podem não ser tão poderosas quanto Kelton, mas tem uma qualidade nos números que possui influência.

Kahlan abriu o manto de pele. O fogo que estava estava aquecendo a sala um pouco e a comida estava esquentando seu estômago, mas era a preocupação que estava começando a fazer ela suar. Não conseguia esperar para que Richard se juntasse a eles; ele teria ideias.

Richard nunca ficava sentado deixando que os eventos ditassem o que aconteceria. Ela observou os outros enquanto eles se curvavam sobre as suas tigelas, cada um deles com uma expressão preocupada enquanto ponderavam suas opções.

— Bem. — Adie falou quando baixava sua colher. — Eu estar certa que poderíamos conseguir que algumas feiticeiras de Nicobarese se juntassem a nós. Elas seriam uma poderosa ajuda. Enquanto algumas se recusariam a lutar, pois isso ser contra suas convicções, não negariam ajudar de outras maneiras. Nenhuma delas quer ver a Congregação, ou seus aliados, a Ordem Imperial, tomar Midlands. A maioria conhece o terror dos tempos passados, e não gostariam que eles se repetissem.

— Bom. — Kahlan disse. — Isso é bom. Você acha que conseguiria ir até lá e convencê-las a se unir a nós, talvez conseguir alguns do exército ajudem também? Afinal de contas, a guerra civil é uma parte da guerra maior, e isso não estaria acontecendo se pelo menos alguns não desejassem ajudar Midlands.

Os olhos completamente brancos de Adie observaram Kahlan por um momento. — Por algo tão importante, é claro que tentarei.

Kahlan assentiu. — Obrigada, Adie. — Ela olhou para os outros. — O que mais? Alguma ideia?

Harold descansou um cotovelo sobre a mesa enquanto pensava. Ele balançou a colher. — Acredito que se eu enviar alguns oficiais, como uma delegação oficial, para algumas das terras menores, eles poderiam ser convencidos a enviar representantes para Ebinissia. Muitos possui alto respeito por Galea, e sabem como Midlands tem protegido sua liberdade. Eles nos ajudarão.

— E talvez... — Zedd falou com um leve sorriso. — se eu for visitar essa Rainha Lumholtz, como Primeiro Mago, vejam bem, eu pudesse convencê-la que Midlands não está sem o seu próprio poder.

Kahlan conhecia Cathryn Lumholtz, mas não queria estragar a calorosa esperança da ideia de Zedd. Afinal de contas, foi ela quem disse que eles precisavam pensar nas soluções ao invés dos problemas.

O que a mantinha nas garras do terror, era o pensamento de ter sido a Madre Confessora quem perdeu Midlands.

Quando o jantar terminou, o Príncipe Harold e o Capitão Ryan foram falar com os homens. Ahern jogou seu casaco longo em volta dos ombros largos e disse que tinha que checar seus cavalos.

Depois que eles se foram, Zedd segurou o braço de Jebra quando ela estava ajudando Kahlan a juntar as tigelas.

— Você quer me dizer agora, o que você está vendo sempre que olha na minha direção?

Jebra afastou seus olhos azuis do olhar dele e colocou outra colher dentro de sua mão junto com as outras. — Não é nada.

— Eu gostaria de julgar isso, se você não se importa.

Ela parou, e finalmente olhou para ele. — Asas.

Zedd levantou uma sobrancelha. — Asas?

Ela assentiu. — Vejo você com asas. Está vendo? Isso não faz sentido algum. Tem que ser uma visão que não tem significado. Eu falei, eu tenho desses tipos às vezes.

— É isso? Apenas asas?

Jebra mexeu no seu cabelo curto cor de areia. — Bem, você está bem alto no ar, com essas asas, e você é jogado dentro de uma enorme bola de fogo. — As pequenas rugas nos cantos dos olhos dela se aprofundaram. — Mago Zorander, eu não sei o que isso significa. Não é um evento, você sabe como as minhas visões funcionam de vez em quando, mas uma sensação de eventos. Não sei o que eles significam, todos misturados desse jeito.

Zedd soltou o braço dela. — Obrigado, Jebra. Se você enxergar mais alguma coisa, vai me contar? — Ela assentiu. — E imediatamente. Precisamos de toda ajuda que pudermos conseguir.

Os olhos dela procuraram o chão quando ela assentiu novamente. A cabeça dela inclinou na direção de Kahlan. — Círculos. Eu vejo a Madre

Confessora correndo em círculos.

— Círculos? — Kahlan perguntou quando se aproximou. — Porque estou correndo em círculos?

— Não sei dizer.

— Bem, sinto como se eu estivesse correndo em círculos agora mesmo, tentando encontrar um jeito de reunir Midlands outra vez.

Jebra levantou os olhos, esperançosa. — Poderia ser isso.

Kahlan mostrou um sorriso. — Talvez seja isso. As suas visões nem sempre são sobre calamidades.

Quando todos começaram a voltar a fazer a limpeza, Jebra falou outra vez. — Madre Confessora, não deveríamos deixar sua irmã sozinha perto de nenhuma corda.

— O que você quer dizer?

Jebra soltou um suspiro. — Ela esta sonhando em se enforcar.

— Quer dizer que você teve uma visão dela se enforcando?

Jebra colocou uma das mãos no braço de Kahlan. — Oh, não. Madre Confessora, eu não vi isso. É que eu consigo ver a aura, vejo que ela está sonhando em fazer isso. Não significa que ela fará, apenas que devemos ficar de olho nela, assim não terá chance antes que consiga se recuperar.

— Isso parece um bom conselho. — Zedd declarou.

Jebra amarrou o pão que sobrou em um pano. — Vou dormir com ela esta noite.

— Obrigada. — Kahlan falou. — Porque não deixa que eu termine com a limpeza, e vai para a cama agora, caso ela acorde.

Zedd, Adie, e Kahlan dividiram o trabalho depois que Jebra levou seu colchão para dentro do quarto de Cyrilla. Quando eles terminaram,

Zedd colocou uma cadeira na frente do fogo para Adie. Kahlan cruzou os dedos e ficou olhando para as chamas.

— Zedd, quando enviarmos as delegações até as terras menores para pedir a eles que venham participar de um conselho em Ebinissia, seria mais fácil convencê-los se fosse uma delegação oficial da Madre Confessora.

Zedd finalmente quebrou o silêncio. — Todos pensam que a Madre Confessora está morta. Se deixarmos eles saberem que você está viva, então você será um alvo, e isso faria com que a Ordem caísse sobre nós antes que pudéssemos reunir uma força forte o bastante.

Kahlan virou e agarrou o manto dele. — Zedd, estou cansada de estar morta.

Ele deu um tapinha na mão dela no braço dele. — Você é a Rainha de Galea, e pode usar sua influência desse jeito, por enquanto. Se a Ordem Imperial descobrir que você está viva, então teremos mais problemas do que estamos preparados para lidar.

— Se vamos unir Midlands, então eles precisarão de uma Madre Confessora.

— Kahlan, eu sei que não quer fazer nada que coloque em risco as vidas daqueles lá fora. Eles acabaram de vencer uma batalha a grande custo; eles ainda não estão suficientemente fortes. Precisamos reunir mais pessoas para nosso lado. Se alguém souber que você é a Madre Confessora então você se torna um alvo e eles terão que lutar para protegê-lo. Se precisa lutar, deve ser pelas razões certas. Não precisamos de mais problemas do que conseguiremos resolver nesse momento.

Kahlan apertou as pontas dos dedos enquanto olhava para o fogo. — Zedd, eu sou a Madre Confessora.

Tenho medo de ser a Madre Confessora que permitirá a destruição de Midlands. Eu nasci Confessora. É mais do que meu trabalho. É quem eu sou.

Zedd apertou os ombros dela. — Minha querida, você ainda é a Madre Confessora. É por isso que devemos esconder a sua identidade por

enquanto. Precisamos da Madre Confessora. Quando a hora chegar, você governará Midlands outra vez, uma Midlands mais forte do que já foi. Tenha paciência.

— Paciência. — ela murmurou.

— Ah, bem. — ele falou com um sorriso. — Também existe magia na paciência, você sabe.

— Zedd estar certo. — Adie falou de sua cadeira. — O lobo não sobrevive se anuncia para o rebanho que ele ser um lobo. Ele faz seus planos de ataque, e somente no último momento, deixa que sua presa saiba que ele ser ele, o lobo, que estar caçando eles.

Kahlan esfregou os braços. Tinha mais coisa... outra razão.

— Zedd. — ela sussurrou com aquela dor. — Não consigo mais suportar esse feitiço. Está me deixando louca. Consigo sentir o tempo todo, como se a morte caminhasse junto comigo dentro de minha carne.

Zedd puxou a cabeça dela até o ombro dele. — Minha filha costumava dizer a mesma coisa. Essas mesmas palavras, na verdade, *como se a morte caminhasse junto comigo dentro de minha carne*.

— Como ela suportou durante todos aqueles anos?

Zedd suspirou. — Bem, quando Darken Rahl a estuprou, eu sabia que se ele pensasse que ela estava viva, viria atrás dela. Não havia escolha. Queria protegê-la mais do que queria ir atrás dele. Levei-a para Midlands, onde Richard nasceu, e então ela estava com outra razão para se esconder. Se Darken Rahl algum dia soubesse, ele poderia vir atrás de Richard também, então ela teve que suportar.

Kahlan estremeceu. — Todos aqueles anos. Eu não teria essa força. Como ela conseguiu aguentar?

— Bem, não havia nenhuma alternativa, para uma coisa, e para outra, ela disse que depois de um tempo ela se acostumou um pouco com isso, e não era tão ruim quanto no início. A sensação vai aliviar um pouco com o tempo. Vai se acostumar, e com sorte, não vai ter que continuar muito tempo assim.

— Espero que não. — Kahlan disse.

A luz do fogo estava ondulando sobre o rosto fino de Zedd. — Ela também disse que ter Richard aliviava o fardo.

O coração de Kahlan saltou com a simples menção em voz alta do nome dele. Ela sorriu. — Isso com certeza vai ajudar. — Ela agarrou o braço de Zedd. — Ele estará aqui em breve. Não vai deixar que nada o atrase. Estará aqui em duas semanas no máximo. Queridos espíritos, como vou esperar tanto tempo?

Zedd riu. — Você tem uma paciência tão pequena quanto a daquele rapaz. Vocês foram feitos um para o outro. — Ele passou a mão no cabelo dela. — Seus olhos já estão com melhor aparência, minha querida.

— Então quando Richard estiver conosco, e começarmos a reunir Midlands, você poderá tirar esse feitiço da morte de mim. Assim Midlands terá uma Madre Confessora outra vez.

— Para mim também, quanto mais cedo melhor.

Kahlan franziu a testa. — Zedd, se você for encontrar a Rainha Cathryn, e eu precisar tirar esse feitiço de mim, como posso fazer isso?

Zedd olhou para as chamas novamente. — Você não pode. Se você anunciasse que era a Madre Confessora, as pessoas não acreditariam mais do que se Jebra falasse que era a Madre Confessora. O feitiço não é desfeito simplesmente porque declara quem você é.

— Então como eu tiro ele?

Zedd suspirou. — Somente eu posso fazer isso.

Kahlan sentiu uma súbita onda de medo. Não queria dizer aquilo, mas ela ficaria presa no feitiço se alguma coisa acontecesse com Zedd.

— Mas certamente deve haver outra maneira de remover o feitiço. Talvez Richard?

Zedd balançou a cabeça. — Mesmo se Richard soubesse como ser um mago, ele não poderia remover a teia. Só eu posso fazer isso.

— E esse é o único jeito.

— Sim. — Ele olhou nos olhos dela novamente. — A não ser, é claro, se outro com o dom deduzisse a sua verdadeira identidade. Se um homem assim enxergasse você, entendesse quem você era, e falasse o seu nome bem alto, então isso quebraria o feitiço, e todos saberiam sua identidade outra vez.

Não havia esperança alguma disso. Ela sentiu suas esperanças afundarem. Kahlan agachou e enfiou outro pedaço de lenha no fogo. A única maneira para que ela se livrasse do feitiço da morte era se Zedd o retirasse, e ele não faria isso até que estivesse bem e pronto.

Como Madre Confessora, ela não ordenaria que um mago fizesse algo que ambos sabiam ser errado.

Kahlan observou as centelhas subirem rodopiando. Ela se iluminou. Logo Richard estaria com ela, e então não seria tão ruim. Quando Richard estivesse com ela, não pensaria no feitiço; estaria ocupada demais beijando ele.

— O que é engraçado? — Zedd perguntou.

— O quê? Oh, nada. — Ela levantou e esfregou as mãos nas calças. — Acho que vou dar uma olhada nos homens.

— Talvez um pouco de ar frio tire esse feitiço da minha mente.

O ar frio realmente parecia bom. Ela ficou parada na clareira do lado de fora da pequena casa e inspirou profundamente.

A fumaça da madeira tinha um cheiro bom. Lembrou dos dias anteriores quando estavam em marcha, e seus pés e dedos pareciam congelados, quando suas orelhas queimavam com a mordida do frio, e seu nariz escorria, como ela sonhava acordada com a fumaça de madeira pois isso significava o calor de uma fogueira. Kahlan caminhou pelo campo do lado de fora da casa. Olhou para as estrelas lá em cima, sua respiração espalhando-se lentamente no ar parado. Ela podia ver pequenas fogueiras pontilhando o vale além, e podia ouvir os murmúrios das conversas dos homens sentados ao redor delas. Ela estava feliz que eles também pudessem

ter fogueiras esta noite. Logo estariam em Ebinissia e poderiam se aquecer novamente.

Kahlan respirou profundamente o ar frio, tentando esquecer do feitiço. O céu todo estava cintilando com o brilho das estrelas, como centelhas de uma fogueira enorme. Ficou imaginando o que Richard estava fazendo agora, e se estava cavalgando arduamente, ou dormindo. Queria muito ver ele, mas também queria que ele dormisse o bastante. Quando ele finalmente encontrasse com ela, ela poderia dormir nos seus braços.

Ela sorriu pensando nisso.

Kahlan ficou surpresa ao ver um grupo de estrelas ficarem negras. Quase tão rápido quanto elas escureceram, voltaram a mostrar brilhantes pontos de luz. Será que realmente viu elas escurecerem por um instante? Deve ser a sua imaginação, ela pensou.

Ela ouviu um som abafado quando alguma coisa bateu no chão. Nenhum alarme foi dado. Apenas uma coisa poderia passar pelo anel de sentinelas e não gerar um alarme. Ela sentiu um calafrio repentino, e não foi por causa do feitiço.

Kahlan pegou sua faca.

CAPÍTULO 34

Ela viu olhos verdes cintilando. No meio da fraca luz que vinha da pequena lua de inverno e das estrelas, ela viu alguma coisa grande caminhar na direção dela. Kahlan queria gritar, mas sua voz havia desaparecido.

Quando os lábios da besta enorme afastaram, viu as suas grandes presas. Ela recuou um passo. Estava apertando o cabo da faca tão forte que seus dedos estavam doendo. Se fosse rápida, e se não entrasse em pânico, poderia ter uma chance. Se gritasse, será que Zedd escutaria? Alguém escutaria?

Mesmo se escutassem, estavam longe demais. Não conseguiriam chegar até ali em tempo.

Sob a luz fraca ela conseguiu ver pelo tamanho que era um Gar de cauda curta. Tinha que ser um Gar de cauda curta; eles eram os menos inteligentes, os maiores, os mais mortais. Queridos espíritos, porque não podia ser um Gar de cauda longa?

Kahlan tomou um susto quando ele levantou alguma coisa do peito. Porque ele apenas ficava parado ali? Onde estavam suas moscas de sangue? Ele olhou para baixo, olhou para ela, e olhou para baixo novamente. Os olhos brilharam com um brilho verde ameaçador. Seus lábios se abriram mais ainda, uma nuvem de vapor espalhou no ar quando ele soltou um som de gorgolejo.

Os olhos de Kahlan ficaram arregalados. Poderia ser? — Gratch?

De repente o Gar começou a dar pulos, uivando de alegria e batendo as asas.

Kahlan relaxou sentindo grande alívio. Guardou a faca e se aproximou da grande besta, mas ainda foi cautelosa.

— Gratch? É você, Gratch?

O Gar balançou sua grande cabeça grotesca vigorosamente. — Grrratch! — Ele gritou com um rugido que ressoou no osso esterno dela. Ele bateu no peito com as duas patas. — Grrratch!

— Gratch, Richard enviou você?

As asas do Gar bateram com mais energia com a menção do nome de Richard.

Ela chegou mais perto. —Richard enviou você?

— Grrratch ammm Raaaach aaarg.

Kahlan piscou. Richard disse que Gratch tentou falar. De repente ela sorriu. — Kahlan ama Richard também. — Ela bateu no peito. — Eu sou Kahlan, Gratch, estou tão feliz em conhecer você.

Ela arfou quando o Gar deu um passo adiante e agarrou-a nos braços peludos, levantando ela do chão. O primeiro pensamento dela foi que ele com certeza a esmagaria, mas ele foi surpreendentemente gentil enquanto a segurava contra o peito liso. Kahlan esticou os braços ao redor do grande corpo e abraçou os lados do gar. Os braços dela não conseguiam alcançar nem a metade do corpo dele.

Kahlan nunca poderia ter imaginado que faria tal coisa, mas agora ela estava quase chorando, porque Gratch era amigo de Richard, e Richard tinha enviado o Gar até ela. Era quase como se fosse um abraço enviado pelo próprio Richard.

O Gar colocou-a no chão cuidadosamente. Avaliou ela com seus olhos verdes cintilantes. Ela passou uma das mãos no pelo do lado do peito dele enquanto a grande criatura acariciava suavemente o cabelo dela com uma enorme pata.

Kahlan sorriu para o rosto enrugado cheio de presas. Gratch soltou um leve gorgolejo. Suas asas se moveram em lentas batidas enquanto ela acariciava seu pelo, e ele acariciava o cabelo dela.

— Você está em segurança aqui conosco, Gratch. Richard falou tudo sobre você. Não sei o quanto você consegue entender, mas está entre amigos.

Quando os lábios dele recuaram, novamente expondo suas presas, ela percebeu de repente que isso era um sorriso. Era o sorriso mais horroroso que ela já tinha visto, mas tinha uma qualidade inocente que a fez sorrir também. Nunca em sua vida imaginou que um Gar pudesse sorrir. Isso realmente era uma maravilha.

— Gratch, Richard enviou você?

— Raaaach aarg. — Gratch bateu no peito. Ele bateu as asas com bastante força que seus pés levantaram do chão por um momento. Então ele se esticou e tocou no ombro de Kahlan.

Kahlan ficou de boca aberta. O Gar estava dizendo alguma coisa para ela, e ela entendeu. — Richard enviou você para me encontrar?

Gratch ficou louco de alegria ao perceber que ela entendeu. Segurou-a nos braços novamente. Ela riu com a natureza maravilhosa de tudo aquilo.

Quando ele a colocou no chão outra vez, ela perguntou. — Foi difícil me encontrar?

Ele soltou um gemido e encolheu os ombros. — Foi um pouco difícil?

Gratch assentiu. Kahlan conhecia uma grande variedade de línguas, mas não conseguia evitar de rir com a simples ideia de se comunicar com um gar. Ela balançou a cabeça admirada. Quem, a não Richard, pensaria em se tornar amigo de um Gar?

Kahlan segurou uma das patas dele. — Venha para dentro da casa. Tem alguém que eu quero que você conheça.

Gratch gorgolejou concordando.

Kahlan fez uma pausa no portal. Zedd e Adie olharam para ela de suas cadeiras ao lado do fogo.

— Gostaria de apresentar um amigo. — ela disse enquanto puxava Gratch por uma das patas para dentro. Ele abaixou ao cruzar o portal, fechando as asas para conseguir passar, e então, uma vez lá dentro, levantou

o corpo ficando quase totalmente em pé atrás dela, ainda um pouco curvado para não bater no teto.

Zedd caiu para trás em sua cadeira, suas pernas e braços finos balançando no ar.

— Zedd, pare. Você vai assustar ele. — ela o censurou.

— Assustar ele! — Zedd murmurou. — Você falou que Richard disse que era um bebê Gar! Essa coisa está quase adulta!

As sobrancelhas grossas de Gratch curvaram enquanto ele observava o mago levantar e arrumar seu manto amassado.

Kahlan levantou uma das mãos. — Gratch, esse é o avô de Richard, Zedd.

Os lábios dele afastaram, mostrando as presas novamente. Gratch levantou as patas e começou atravessar a sala. Zedd se encolheu e deu um passo para trás.

— Porque ele está fazendo isso? Ele jantou?

Kahlan riu tão forte que mal conseguiu pronunciar as palavras. — Ele está sorrindo. Gosta de você. Ele quer um abraço.

— Um abraço! Certamente que não!

Era tarde demais. Com apenas três passos, o Gar havia cruzado a distância na pequena sala e já estava apertando o mago em seus braços peludos. Zedd soltou um grito abafado. Gratch gorgolejou quando levantou Zedd do chão.

— Maldição! — Zedd tentou se afastar do hálito do Gar inutilmente. — Esse tapete voador comeu! E não vai querer saber o quê!

Gratch finalmente colocou Zedd no chão. O mago cambaleou para trás alguns passos e balançou um dedo para a besta.

— Agora, olhe aqui, não vamos mais fazer isso! mantenha seus braços em você mesmo.

Gratch murchou, outra vez soltando um gemido.

— Zedd! — Kahlan o repreendeu. — Feriu os sentimentos dele. Ele é amigo de Richard, e nosso também, e ele teve muita dificuldade para nos encontrar. O mínimo que você poderia fazer é ser gentil com ele.

Zedd bufou. — Bem... talvez você esteja certa. — Olhou para a besta esperançosa. — Sinto muito, Gratch. Quando for adequado, suponho que estaria tudo bem me dar um abraço.

Antes que o mago pudesse levantar seus braços para tentar manter o Gar afastado, Gratch tinha agarrado ele novamente e levantado, abraçando-o como uma boneca de pano. Os pés de Zedd balançaram para frente e para trás. Finalmente Gratch colocou o mago sem fôlego no chão.

Adie esticou uma das mão para que ele apertasse. — Eu ser Adie, Gratch. Eu estar feliz em conhecer você.

Gratch ignorou a mão e lançou os braços peludos em volta dela também. Kahlan tinha visto Adie sorrir diversas vezes, mas raramente escutava ela soltar sua risada rouca. Agora ela estava rindo. Gratch riu junto com ela, do seu próprio jeito gutural.

Quando a ordem estava restaurada na sala, e todos recuperaram seu fôlego, Kahlan viu os olhos arregalados de Jebra espiando por uma brecha na porta do quarto. — Está tudo bem, Jebra. Esse é Gratch, um amigo nosso. — Kahlan segurou no pelo do braço de Gratch. — Você pode abraçá-la mais tarde.

Gratch encolheu os ombros, balançando a cabeça. Kahlan virou ele em sua direção e segurou uma das suas patas nas duas mãos. Olhou dentro dos olhos verdes cintilantes.

— Gratch, enviou você na frente para nos dizer que estará aqui em breve? — Gratch negou balançando a cabeça. Kahlan engoliu em seco. — Mas ele está vindo? Ele deixou Aydindril, e está vindo para encontrar conosco?

Gratch estudou o rosto dela. Sua pata levantou e acariciou o cabelo dela. Kahlan viu que ele tinha um tufo do cabelo dela em uma tira de couro

pendurada em sua garganta, junto com o dente de dragão. Ele balançou a cabeça outra vez, lentamente.

O coração de Kahlan afundou como uma pedra em um poço. — Ele não está a caminho? Mas ele enviou você para encontrar comigo?

Gratch assentiu, adicionando uma pequena batida de suas asas.

— Por quê? Você sabe por quê?

Gratch assentiu. Ele esticou o braço por cima do ombro e pegou alguma coisa que estava presa em sua costa por outra tira de couro. Ele passou um objeto vermelho comprido por cima do ombro e ofereceu a ela segurando na ponta da tira de couro.

— O que é isso? — Zedd perguntou.

Kahtan começou a desatar o nó. — É um estojo para documentos. Talvez seja uma carta de Richard.

Gratch assentiu confirmando a suposição. Quando o nó estava solto, ela pediu que Gratch sentasse. Ele agachou com satisfação de um lado enquanto Kahlan tirava a carta enrolada e achatada do recipiente.

Zedd sentou ao lado de Adie perto do fogo. — Vamos ouvir as desculpas do rapaz, e é melhor que sejam boas, ou ele vai ter muitos problemas.

— Concordo com você a respeito disso. — ela falou entre os dentes. — Tem cera o bastante nessa coisa para duas dúzias de cartas. Precisamos ensinar Richard como selar um documento. — Ela virou a carta na luz. — É a espada. Ele pressionou o cabo da Espada da Verdade na cera.

— Para que soubéssemos que era realmente dele. — Zedd observou enquanto alimentava o fogo com um pedaço de lenha.

Quando ela terminou de quebrar toda a cera, Kahlan desenrolou a carta e virou-a para o fogo para conseguir ler.

— Minha querida Rainha... — ela leu bem alto. — rezo aos bons espíritos que essa carta chegue em suas mãos...

Zedd levantou rapidamente. — Isso é uma mensagem.

Kahlan fez uma careta para ele. — Bem, claro que é. É a carta dele.

Ele balançou a mão fina. — Não, não. Quero dizer que ele está nos dizendo alguma coisa. Conheço Richard. Conheço o modo como ele pensa. Está dizendo que tem medo que se alguém colocasse as mãos nessa carta, ela poderia nos trair... ou a ele, então ele está nos avisando que não pode dizer tudo que poderia querer dizer.

Kahlan enfiou o lábio inferior entre os dentes. — Sim, isso faria sentido. Richard geralmente pensa bastante nas coisas.

Zedd fez um gesto enquanto virava para certificar-se de que seu traseiro acertaria a cadeira enquanto sentava. — Continue.

— Minha querida Rainha, rezo aos bons espíritos que essa carta chegue em suas mãos, e ela encontre você e seus amigos bem e seguros. Muita coisa aconteceu, e devo implorar sua compreensão.

— A aliança de Midlands está acabada. Lá em cima, Magda Searus, a primeira Madre Confessora, e seu mago, Merritt, olham para mim zangados, porque testemunharam esse fim, e porque fui eu quem causou esse fim.

— Perceba que eu reconheço muito bem o peço de milhares de anos de história me observando lá de cima, mas por favor tente entender que se eu não tivesse feito algo, então nosso único futuro seria como escravos da Ordem Imperial, e então essa história seria esquecida.

Kahlan colocou uma das mãos no peito, sobre o coração que batia forte, e fez uma pausa para recuperar o fôlego antes de prosseguir.

— Meses atrás, a Ordem Imperial começou a destruição da aliança, fazendo com que alguns se convertessem para o lado deles, e desfiando a unidade que Midlands representava. Assim como lutamos contra o Guardiã, eles lutam para roubar a segurança do nosso lar. Talvez houvesse uma chance de trazer a unidade de volta mais uma vez, se tivéssemos o luxo do tempo, mas a Ordem apressa os seus planos, e nos nega esse luxo. Com a Madre Confessora morta, fui forçado a fazer o que deveria ser feito para forjar a unidade.

— *O quê? O que ele fez?* — *Zedd resmungou.*

Kahlan lançou para ele um olhar pedindo silêncio por cima da carta que tremia, e então continuou.

— O atraso é fraqueza, e a fraqueza é a morte nas mãos da Ordem. Nossa amada Madre Confessora conhecia o custo do fracasso, e nos transmitiu a obrigação de lutar nessa guerra até a vitória; ela declarou essa guerra sem misericórdia contra a Ordem Imperial. Sua sabedoria quanto a isso foi infalível. A aliança, entretanto, estava fragmentada com interesses próprios. Isso era o prelúdio para a ruína. Fui forçado a agir.

— *Minhas tropas capturaram Aydindril.*

Zedd explodiu. — Maldição e dupla maldição! Do que ele está falando! Ele não tem tropa alguma! Ele só tem sua espada e esse tapete voador com presas.

Gratch levantou soltando um rosnado. Zedd se encolheu.

Kahlan enxugou as lágrimas. — Fiquem quietos, vocês dois.

Zedd olhou para ela e depois para o gar. — Sinto muito, Gratch, não queria ofender.

Os dois sentaram novamente enquanto ela continuava.

— Hoje eu reuni os representantes das terras aqui em Aydindril e informei a eles que a aliança de Midlands está dissolvida. minhas tropas cercaram os Palácios deles e em breve desarmarão os seus soldados. Eu disse a eles, assim como direi a você, que só há dois lados nessa guerra: o nosso lado, e o da Ordem Imperial. Não haverá nenhum espectador. Teremos unidade, de um jeito, ou de outro. Todas as terras de Midlands devem se render a D'Hara.

— *D'Hara! Maldição!*

Kahlan não levantou os olhos enquanto lágrimas rolavam por seu rosto. — Se eu tiver que falar para ficar quieto outra vez, você vai esperar do lado de fora enquanto eu leio essa carta.

Adie segurou no manto de Zedd e fez ele sentar na cadeira. — Continue lendo.

Kahlan limpou a garganta. — Eu expliquei aos representantes que você, a Rainha de Galea, casaria comigo, e através da sua rendição e nossa união, isso mostrará que essa é uma união forjada na paz, com objetivos comuns e respeito mútuo, e não uma questão de conquista. As terras terão permissão para manter seu patrimônio e tradições legais, mas não sua soberania. A magia de todas as formas será protegida. Seremos um povo, com um exército, sob um comando, e sob uma lei. Todas as terras que se unirem a nós através de sua rendição terá participação na formulação dessas leis.

A voz e Kahlan falhou. — *Devo pedir a você que retorne imediatamente para Aydindril e entregar Galea. Eu preciso lidar com questões de várias terras, e o seu conhecimento e assistência seria inestimável.*

— *Informei aos representantes que a rendição é obrigatória. Não haverá nenhum favoritismo. Qualquer um que falhar em se render será colocado sob cerco. Não terão permissão para negociar conosco até que entreguem sua rendição. Se eles não se renderem de boa vontade, com todos os benefícios que isso fornece, e formos compelidos a obter sua rendição através da força militar, então eles não perderão apenas esses benefícios, mas sofrerão sanções também. Como eu disse, não haverá espectadores. Seremos um.*

— *Minha Rainha, eu daria minha vida por você, e não quero nada mais do que ser o seu marido, mas se minhas ações fizerem o seu coração se voltar contra mim, não forçarei a ceder sua mão em casamento. Entenda, porém, que a rendição de sua terra é necessária e vital. Devemos viver por uma lei. Não posso mostrar nenhum favor especial para qualquer terra, ou estaremos perdidos antes de começarmos.*

Kahlan teve que fazer uma pausa para conter um soluço. Ela mal conseguia ler as letras turvas diante de seus olhos.

— *Mriswith atacaram a cidade.* — Um assobio saiu entre os dentes de Zedd. Ela ignorou e continuou lendo. — Com a ajuda de Gratch, eu

coloquei os restos deles em postes para decorar a frente do Palácio das Confessoras para que todos possam ver o destino de nossos inimigos.

Mriswith podem ficar invisíveis de acordo com sua vontade. Além de mim, somente Gratch pode detectá-los quando estão cobertos com suas capas. Eu temo que eles sigam atrás de você, então enviei Gratch como proteção.

— Temos que lembrar de uma coisa acima de todas: a Ordem deseja destruir a magia. Porém, eles não possuem vergonha de usá-la. É nossa magia que eles querem destruir.

— Por favor, diga ao meu avô que ele também deve retornar imediatamente. O lar ancestral dele está em perigo. Foi por isso que tive que tomar Aydindril, e não posso partir; tenho medo de deixar que o inimigo tenha o lar ancestral de meu avô, e as terríveis consequências que isso representaria.

Zedd não conseguiu ficar em silêncio. — Maldição — ele sussurrou para si mesmo quando levantou outra vez. — Richard está falando sobre a Fortaleza do Mago. Não queria escrever isso, mas é dela que ele está falando. Como eu pude ser tão estúpido? O rapaz está certo; não podemos deixar eles tomarem a Fortaleza. Tem coisas de magia poderosa lá dentro pelas quais a Ordem pagaria muito bem para botar as mãos. Richard não sabe sobre a magia lá dentro, mas ele é esperto o bastante para entender o perigo. Eu fui um tolo cego.

Com um súbito calafrio de horror Kahlan também percebeu a verdade naquilo. Se a Ordem tomasse a Fortaleza, eles teriam acesso a uma magia imensamente poderosa.

— Zedd, Richard está sozinho lá. Não sabe quase nada sobre magia. Não sabe nada sobre os tipos de pessoas em Aydindril que podem usar magia. Ele é um cervo na caverna de um urso. Queridos espíritos, ele não tem ideia alguma do perigo no qual está envolvido.

Zedd assentiu de modo sombrio. — O rapaz não sabe com o quê está lidando.

Adie soltou uma risada zombeteira. — Não sabe com o quê está lidando? Ele roubou Aydindril e o acesso para a Fortaleza debaixo do nariz da Ordem. Eles enviaram Mriswith contra ele, e ele os colocou em postes do lado de fora do Palácio. Provavelmente ele está com a terra prestes a se renderem para formar uma união que pode lutar contra a Ordem, exatamente a coisa que estávamos tentando pensar como conseguir. Ele está usando a mesma coisa que ser nosso problema. Comércio, e usa isso até mesmo como uma arma para forçar a mão deles. Ele não está esperando tentar entrar em entendimento com eles. Simplesmente colocou uma faca nas gargantas deles. Se eles começarem a ceder, logo ele poderá muito bem ter toda Midlands nas mãos. As terras importantes, de qualquer modo.

— E com todas elas unidas com D'Hara, como uma força, um comando. — Zedd falou. — Poderia ser uma força capaz de enfrentar a Ordem. — Ele virou para Kahlan. — Tem mais alguma coisa?

Ela assentiu. — Um pouco. — Embora eu tema grandemente por meu coração, temo também os resultados se eu falhar em agir, pela sombra de tirania que vai escurecer o mundo para sempre. Se não fizermos isso, então o destino de Ebinissia será apenas o começo.

— *Depositarei minha fé em seu amor, ainda que não consiga evitar temer o teste que ele enfrenta.*

— *Ainda que eu esteja cercado de guarda-costas, e uma já tenha perdido sua vida por mim, a presença deles não é o que preciso para me sentir seguro. Todos vocês devem retornar para Aydindril imediatamente. Não demorem. Gratch manterá você segura protegida os Mriswith até que esteja comigo. Assinado, o seu nesse mundo, e naqueles além, Richard Rahl, Mestre de D'Hara.*

Zedd assobiou através dos dentes outra vez. — Mestre de D'Hara. O que aquele rapaz fez?

Kahlan baixou a carta nas mãos trêmulas. — Ele me destruiu, foi isso que ele fez.

Adie levantou um dedo fino na direção dela. — Agora, me escute, Madre Confessora. Richard sabe muito bem o que ele está fazendo com você, e abriu seu coração a você por causa disso. Disse que escreve essa

carta sob a imagem de Magda Searus porque estar sofrendo com o que deve fazer, e também entende o que isso significa para você. Ele preferiria perder seu coração do que deixar você ser morta pelo que acontecerá se ele se curvar ao passado ao invés de pensar no futuro. Ele fez o que nós não conseguiríamos fazer. Nós pediríamos por unidade, ele a exigiu, e colocou força na exigência. Se você realmente deseja ser a Madre Confessora, e colocar a segurança de seu povo acima de tudo, então ajudará Richard.

Zedd levantou uma sobrancelha, mas continuou em silêncio.

Ou escutar o nome, Gratch falou. — Grrratch ammm Raaaach aaarg.

Kahlan enxugou uma lágrima da bochecha e fungou. — Eu também amo Richard.

— Kahlan. — Zedd falou, de modo tranquilizador — Assim como o feitiço será retirado de você com o tempo, tenho certeza que você será a Madre Confessora mais uma vez.

— Você não entende. — ela disse, contendo as lágrimas. — Durante milhares de anos uma Madre Confessora sempre protegeu Midlands através da aliança. Eu serei a Madre Confessora que falhou com Midlands.

Zedd balançou a cabeça. — Não. Você será a Madre Confessora que teve força para salvar o povo de Midlands.

Ela colocou uma das mãos sobre o coração. — Eu não tenho tanta certeza.

Zedd chegou mais perto. — Kahlan, Richard é o Seeker da Verdade. Ele carrega a Espada da Verdade. Eu sou aquele que o nomeou. Como Primeiro Mago, eu o reconheci como aquele com os instintos do Seeker.

— Ele está agindo conforme esses instintos. Richard é uma pessoa rara. Ele reage como o Seeker, e com o uso do dom. Está fazendo o que pensa que deve fazer. Devemos colocar nossa fé nele, mesmo se não entendermos completamente porque ele está fazendo o que está fazendo.

Maldição, ele mesmo pode não entender completamente porque está fazendo o que ele está fazendo.

— Leia a carta novamente para si mesma. — Adie falou. — Escute as palavras dele com seu coração e sentirá o coração dele nelas. E lembre também, que pode haver coisas que ele não arriscou colocar no papel caso ele fosse interceptado.

Kahlan passou a costa da mão no nariz. — Sei que isso parece egoísta, mas não é isso. Eu sou a Madre Confessora; uma confiança foi passada para mim de todas aquelas que vieram antes. Quando eu fui escolhida, essa confiança foi colocada em minhas mãos. Isso se tornou minha responsabilidade. Quando eu ascendi para Madre Confessora, fiz juramentos.

Com um dedo magro, Zedd levantou o queixo dela. — Um juramento de proteger o seu povo. Não há sacrifício grande demais para isso.

— Talvez. Vou pensar nisso. — Além de suas lágrimas, Kahlan lutou para manter a raiva sob controle. — Eu amo Richard, mas nunca faria algo assim com ele. Apenas não acho que ele entenda o que está fazendo comigo, com as Madres Confessoras antes de mim que entregaram suas vidas.

— Acho que ele entende. — Adie falou com uma voz rouca.

De repente o rosto de Zedd ficou quase tão branco quanto seu cabelo. — Maldição. — ele sussurrou. — Você não acha que Richard seria tolo o bastante para entrar na Fortaleza, acha?

A cabeça de Kahlan levantou. — Tem feitiços que protegem a Fortaleza. Richard não sabe como usar a magia dele.

— Não saberia como passar por eles.

Zedd inclinou aproximando-se dela. — Você falou que ele tem Magia Subtrativa, somada com sua Aditiva. Os feitiços são de Magia Aditiva. Se Richard souber usar qualquer parte de sua Subtrativa, será capaz de atravessar até mesmo os feitiços mais poderosos que eu coloquei na Fortaleza.

Kahlan arfou. — Ele falou que no Palácio dos Profetas ele simplesmente conseguia caminhar através de todos os escudos porque eles eram Aditivos. O único que o impedia era o escudo do perímetro e isso porque ele também tinha Subtrativa.

— Se aquele rapaz entrar na Fortaleza, tem coisas lá dentro que poderiam matá-lo em um piscar de olhos. Foi por isso que colocamos escudos lá. Para que ninguém pudesse chegar perto. Maldição, tem escudos que até mesmo eu não ousei cruzar. Para alguém que não sabe o que está fazendo, aquele lugar é uma armadilha mortal.

Zedd segurou-a pelos ombros. — Kahlan, você acha que ele entraria na Fortaleza?

— Não sei, Zedd. Você praticamente o criou. Você saberia melhor do que eu.

— Ele não entraria ali. Sabe como a magia pode ser perigosa. Ele é um rapaz esperto.

— A não ser que queira alguma coisa.

Ele olhou para ela com o canto dos olhos. — Queira alguma coisa? O que você quer dizer?

Kahlan enxugou a última lágrima da bochecha. — Bem, quando nós estávamos com o Povo da Lama, ele queria uma reunião. O Homem Pássaro avisou que seria perigoso. Uma coruja trouxe uma mensagem dos espíritos. Ela o atingiu na cabeça, fez um corte, e então caiu no chão morta. O Homem Pássaro disse que era um terrível aviso dos espíritos sobre o perigo para Richard. Richard pediu a reunião de qualquer jeito. Foi quando Darken Rahl voltou do submundo. Se Richard quiser alguma coisa, nada vai detê-lo.

Zedd recuou. — Mas agora ele não quer nada. Não tem necessidade de entrar lá.

— Zedd, você conhece Richard. Ele gosta de aprender coisas. Ele pode decidir simplesmente dar uma olhada, só por curiosidade.

— Uma olhada também pode ser mortal.

— Ele disse na carta que um de seus guardas foi morto. — Kahlan franziu a testa. — Na verdade, ele disse *ela*. Porque o seu guarda-costas seria uma mulher?

Zedd balançou os braços impacientemente. — Eu não sei. O que você estava dizendo sobre o guarda ser morto?

— De acordo com o que sabemos, pode ser que alguém da Ordem já esteja na Fortaleza, e matou-a usando magia da Fortaleza. Ou, pode ser que ele tenha medo que os Mriswith queiram tomar a Fortaleza, e ele irá até lá para tentar protegê-la.

Zedd passou um dedão no queixo liso. — Ele não tem ideia dos perigos em Aydindril, mas o pior, ele não tem a mínima noção das coisas dentro da Fortaleza. Lembro de falar para ele uma vez que objetos de magia, como a Espada da Verdade, e livros, estavam guardados lá. Nunca pensei em dizer que muitos eram perigosos.

Kahlan agarrou o braço dele. — Livros? Você falou que tinha livros lá?

Zedd grunhiu. — Grande erro.

Kahlan soltou um suspiro. — Eu deveria ter falado.

Zedd jogou os braços para cima. — Temos que chegar até Aydindril imediatamente! — Ele agarrou Kahlan pelos ombros.

— Richard não tem controle do seu dom. Se a Ordem usar magia para tomar a Fortaleza, Richard não será capaz de detê-los. Poderíamos perder essa guerra antes de ter uma chance de contra-atacar.

Os punhos de Kahlan apertaram. — Não consigo acreditar. Passamos semanas fugindo de Aydindril, e agora temos que correr de volta para lá. Isso vai levar semanas.

— O sol já desceu sobre os dias em que fizemos essas escolhas. Devemos nos concentrar no que podemos fazer amanhã; não podemos reviver o passado.

Kahlan olhou para Gratch. — Richard nos enviou uma carta. Podemos enviar uma de volta para ele, e alertá-lo.

— Isso não vai ajudá-lo a proteger a Fortaleza se eles usarem magia.

A cabeça de Kahlan estava girando com fragmentos de pensamentos e soluções apressadas. — Gratch, você conseguiria levar um de nós de volta até Richard?

Gratch olhou para cada um deles, seu olhar parou sobre o mago. Finalmente, ele balançou a cabeça.

Kahlan mastigou o lábio inferior de frustração. Zedd andou de um lado para outro diante do fogo, murmurando consigo mesmo.

Adie olhava para o vazio, pensativa. Subitamente Kahlan falou.

— Zedd! Você poderia usar magia?

Zedd parou de caminhar e levantou os olhos. — Que tipo de magia?

— Como fez com a carroça hoje. Levantando ela com magia.

— Não posso voar, minha querida. Apenas erguer coisas.

— Mas poderia nos deixar mais leves, como a carroça, para que Gratch conseguisse nos carregar?

Zedd fez uma careta. — Não. Seria muito difícil manter o esforço. Isso funciona com coisas inanimadas, como pedras e carroças, mas é uma coisa completamente diferente fazer isso com coisas vivas. Eu poderia erguer todos nós um pouco, mas apenas por alguns minutos.

— Poderia fazer isso apenas com você mesmo? Poderia fazer você mesmo ficar leve o bastante que Gratch conseguisse carregá-lo?

O rosto de Zedd iluminou. — Sim, talvez. Exigiria um grande esforço manter isso por tanto tempo, mas acho que posso ser capaz de fazer isso.

— Poderia fazer isso também, Adie?

Adie afundou em sua cadeira. — Não. Eu não tenho o poder que ele tem. Não conseguiria fazer isso.

Kahlan conteve sua apreensão. — Então você deve partir, Zedd. Pode chegar até Aydindril semanas antes que pudéssemos viajar até lá. Richard precisa de você imediatamente. Não podemos esperar. Cada minuto de demora é um perigo para o nosso lado.

Zedd jogou os braços magros para cima. — Não posso deixar você indefesa!

— Eu tenho Adie.

— E se os Mriswith vierem, como Richard disse que temia? Então você não teria Gratch. Adie não pode ajudar com um Mriswith.

Kahlan agarrou a manga negra dele. — Se Richard entrar na Fortaleza, ele poderia ser morto. Se a Ordem tomar a Fortaleza do Mago, e a magia dentro dela, então estaremos todos mortos. Isso é mais importante do que a minha vida. Trata-se do que aconteceu com todos em Ebinissia. Se deixarmos eles vencerem, então muitos morrerão, e os vivos estarão condenados a escravidão. A magia estará extinta. Essa é uma decisão de batalha.

— Além disso, nenhum Mriswith apareceu ainda. Só porque eles atacam Aydindril, isso não significa que atacam em todos os outros lugares. De qualquer modo, o feitiço esconde minha identidade. Ninguém sabe que a Madre Confessora está viva, ou que eu sou ela. Eles não tem nenhuma razão para vir atrás de mim.

— Lógica precisa. Posso ver porque você foi escolhida como a Madre Confessora. Mas ainda acho que isso é precipitado.

Zedd apelou para a feiticeira. — O que você acha?

— Acho que a Madre Confessora está certa. Devemos considerar o que ser a ação mais importante que podemos tomar.

Não devemos arriscar todos por causa de um perigo para alguns.

Kahlan ficou diante de Gratch. Da maneira que ele estava agachado, ela estava com os olhos na altura dos olhos dele. — Gratch, Richard está em grande perigo. — As orelhas peludas de Gratch balançaram. — Ele precisa de Zedd para ajudá-lo. E de você também. Eu ficarei bastante segura; nenhum Mriswith esteve aqui. Você consegue levar Zedd até Aydindril? Ele é um mago e pode fazer com que seja fácil para você carregá-lo. Faria isso por mim? Por Richard?

Os olhos brilhantes de Gratch moveram-se entre os três, observando. Finalmente ele levantou. Suas asas cobertas de pele se abriram quando ele assentiu. Kahlan abraçou o Gar, e ele devolveu o abraço carinhoso.

— Você está cansado, Gratch? Quer descansar, ou pode partir agora mesmo?

Gratch bateu as asas como resposta.

Com crescente alarme, Zedd olhou para cada um deles. — Maldição. Essa é a coisa mais idiota que eu já fiz. Se eu tivesse que voar, teria nascido como um pássaro.

Kahlan mostrou um fraco sorriso. — Jebra disse que teve uma visão de você com asas.

Zedd plantou os punhos nos quadris. — Ela também disse que me viu sendo lançado dentro de uma bola de fogo. — He bateu o pé. — Está bem. Vamos em frente, então.

Adie levantou para dar um abraço nele. — Você ser um velho tolo valente.

Zedd resmungou de desgosto. — Tolo, certamente. — Finalmente ele devolveu o abraço. Ele soltou um grito repentino quando ela beliscou o seu traseiro.

— Você parece muito bonito em seu belo manto, velho.

Zedd foi vencido com um sorriso indefeso. — Bem, acho que sim. — O franzido no rosto dele voltou. — Um pouco, pelo menos. Tome conta

da Madre Confessora. Quando Richard souber que eu a deixei para seguir no caminho de volta sozinha, ele poderá fazer mais do que me beliscar.

Kahlan jogou os braços em volta do mago, repentinamente sentindo-se abandonada. Zedd era o avô de Richard, e isso fazia com que ela se sentisse um pouco melhor tendo pelo menos uma parte de Richard com ela.

Quando eles saíram, Zedd lançou um olhar para o gar. — Bem, Gratch, acho que seria melhor seguirmos nosso caminho.

No frio ar da noite, Kahlan segurou a manga do mago. — Zedd, você precisa colocar um pouco de bom senso em Richard.

A voz dele inflamou. — Ele não pode fazer isso para mim. Ele não está sendo racional.

Zedd estudou o rosto dela na luz fraca. Falou suavemente, depois de algum tempo. — A história raramente é feita por homens que usam a razão.

CAPÍTULO 35

Não toquem em nada. — Richard lembrou novamente enquanto olhava por cima do ombro. — Eu falo sério.

As três Mord-Sith não responderam. Viraram e olharam o teto alto da entrada arqueada e então para os enormes blocos de granito negro unidos de forma complexa do lado de dentro logo depois das massivas portas corrediças que marcavam a entrada da Fortaleza do Mago. Richard olhou para trás, além de Ulic e Egan, na larga estrada que os levou subindo o lado da montanha e à última ponte de pedra com duzentos e cinquenta passos de comprimento, cruzando por cima de um abismo com lados quase verticais a despencarem pelo que pareciam milhares de pés. Ele não tinha certeza da total profundidade do abismo porque lá embaixo, nuvens que encostavam nas paredes lisas de gelo escureciam o fundo. Caminhar sobre a ponte e olhar para baixo dentro daquela bocarra escura deixava ele tonto e confuso. Ele não conseguia imaginar como a ponte de pedra poderia ter sido erguida sobre um obstáculo assim.

A não ser que alguém tivesse asas, esse era o único caminho para entrar na Fortaleza.

A escolta oficial de Lorde Rahl de quinhentos homens esperava lá atrás, do outro lado da ponte. Eles pretendiam ir com ele dentro da Fortaleza até que tivessem alcançado aquele ponto, logo depois de terem passado por um caminho em ziguezague, e todos os olhos, incluindo os dele, levantaram observando a vastidão da Fortaleza, suas paredes de pedra negra, suas plataformas, bastiões, torres, passagens de conexão, e pontes, que juntos apresentavam uma inconfundível sensação de ameaça sinistra que saltava das rochas na montanha, de algum modo parecendo vivas, como se estivessem observando. Os joelhos de Richard ficaram fracos com a visão, e quando ele ordenou que eles esperassem ali, ninguém tinha expressado ao menos uma simples palavra de protesto.

Foi necessário considerável força de vontade para que Richard seguisse adiante, mas a ideia de todos aqueles homens vendo seu Lorde Rahl, seu mago, negar-se a entrar na Fortaleza do Mago, manteve seus pés

em movimento quando ele desejaria o contrário. Além do mais, ele precisava fazer isso. Richard invocou coragem lembrando de Kahlan dizendo que a Fortaleza era protegida por feitiços, e havia lugares nos quais nem mesmo ela conseguiria entrar por causa desses encantos, que minavam a coragem de qualquer pessoa, impedindo que seguissem em frente. Isso era tudo, ele assegurou para si mesmo, apenas feitiços para manter os curiosos longe, apenas uma sensação, e não uma ameaça real.

— Está quente aqui. — Raina disse, seus olhos escuros observando ao redor com admiração.

Richard percebeu que ela estava certa. Assim que passaram das portas corrediças de ferro, o ar perdia o frio com cada passo, até que ali dentro parecesse um dia de primavera. Porém, o céu cinza escuro dentro do qual o lado da montanha ascendia acima da Fortaleza, e o vento na estrada durante a subida, não mostravam nenhum toque de primavera.

A neve nas botas dele estava começando a derreter. Todos retiraram suas capas grossas e colocaram em uma pilha de um lado, contra a parede de pedra. Richard certificou-se de que sua espada estava solta na bainha.

A elevada abertura arqueada por baixo da qual eles passaram tinha cerca de cinquenta pés. Richard viu que ela era meramente uma brecha no muro externo. Adiante, a estrada continuava através de uma área aberta antes de afunilar dentro da base de um alto muro de pedra e desaparecer dentro da escuridão além. Provavelmente aquilo apenas levava até os estábulos, ele disse para si mesmo. Não havia razão para entrar ali.

Richard teve que lutar contra a vontade de cobrir-se com sua capa negra de Mriswith e ficar invisível. Esteve fazendo isso mais e mais ultimamente, encontrando conforto não apenas na solidão que isso proporcionava, mas em uma estranha, indefinível sensação de prazer que isso invocava, quase como a força da magia da espada em sua cintura, sempre ali, sempre a sua inteira disposição, sempre sua aliada e companheira.

Por toda parte ao redor, intrincadas conexões de construções em alvenaria transformavam o pátio frio em um canal irregular, suas paredes

com várias portas. Richard escolheu seguir um caminho com placas de pedra através do cascalho e fragmentos de granito, até a porta mais larga.

Repentinamente Berdine agarrou o braço dele com tanta força que ele se encolheu de dor, afastando-se da porta para retirar os dedos dela.

— Berdine. — ele disse. — O que você está fazendo? Qual é o problema?

Ele libertou o braço da mão dela, mas ela o segurou novamente. — Veja. — finalmente ela falou com um tom na voz que fez os cabelos da nuca dele ficarem eriçados. — O que você imagina que seja isso?

Todos viraram para ver para onde ela apontava com seu Agiel.

Rochas e fragmentos de pedras rolavam em ondas, como se algum peixe de pedra enorme nadasse debaixo da superfície. Enquanto a coisa invisível debaixo do solo chegava mais perto, todos se moveram lentamente na direção do centro das placas de pedra. O cascalho estalava e rangia enquanto ondulava em ondas, como água em um lago.

A força do aperto de Berdine no braço dele aumentou dolorosamente enquanto o volume das ondas se aproximavam. Até mesmo Ulic e Egan arfaram com o resto deles quando aquilo pareceu deslizar sob as placas de pedra embaixo dos pés deles, as ondas lançando lascas de pedras sobre as placas onde eles estavam. Uma vez do outro lado, o movimento ondulante do cascalho diminuiu até que cessou.

— Muito bem, o que foi aquilo? — Berdine disparou. — E o que teria acontecido se tivéssemos seguido um caminho diferente, até uma das outras portas, ao invés do único caminho até essa?

— Como eu poderia saber?

Ela piscou para ele. — Você é um mago. Deveria saber essas coisas.

Berdine lutaria com Ulic e Egan sozinha, sem pensar duas vezes, se ele desse o comando, mas a magia invisível era algo totalmente diferente. Todos os cinco não temiam o aço, mas nenhum deles tinha nem um pouquinho de vergonha de mostrar para ele sua ansiedade com a magia.

Tinham explicado isso para ele muitas vezes: eles eram o aço contra o aço, para que ele pudesse ser a magia contra a magia.

— Escutem, todos vocês, já falei antes que não sei muito sobre ser um mago. Nunca estive nesse lugar antes. Não sei nada sobre isso. Não sei como protegê-los. Agora, farão como eu pedi, e vão esperar junto com os soldados do outro lado da ponte? Por favor?

Ulic e Egan cruzaram os braços e em uma resposta muda.

— Nós vamos com você. — Cara insistiu.

— Isso mesmo. — Raina adicionou.

— Não pode nos impedir. — Berdine falou quando finalmente soltou o braço dele.

— Mas poderia ser perigoso!

— E nós devemos protegê-lo. — Berdine disse.

Richard fez uma careta para ela. — Como? Espremendo para fora o sangue do meu braço?

Berdine ficou vermelha. — Desculpe.

— Vejam bem, eu não sei nada sobre a magia aqui. Não conheço os perigos, muito menos como detê-los.

— É por isso que devemos ir. — Cara explicou com exagerada paciência. — Você não sabe como proteger a si mesmo. Podemos ser de grande ajuda. Quem pode dizer que um Agiel... — Ela apontou com um dedão para Ulic e Egan. — ...ou músculos, não são o que precisaremos? E se você cair em um simples buraco sem nenhuma escada, e não tiver ninguém que escute seus gritos por socorro? Você poderia ser ferido por alguma coisa que não seja mágica, você sabe.

Richard suspirou. — Bem, está certo. Acho que você tem razão. — Ele balançou um dedo na direção dela. — Mas se você tiver o pé mordido por algum peixe de pedra ou alguma coisa, não venha reclamar comigo.

As três mulheres sorriram com satisfação. Até Ulic e Egan sorriram. Richard soltou um suspiro e cansaço.

— Então vamos lá.

Ele virou na direção da porta com doze pés de altura cravada em uma alcova. A madeira estava cinza e desgastada, e presa por simples, mas espessas, faixas de ferro cravadas com pregos tão grandes quanto os dedos dele. Acima da porta, palavras estavam gravadas na padieira de pedra, mas estavam em uma língua que nenhum deles conseguia entender. Quando Richard esticou a mão até a maçaneta, a porta começou a se mover para dentro com dobradiças silenciosas.

— E ele diz que não sabe como usar sua magia. — Berdine falou com sarcasmo.

Richard checou a determinação nos olhos deles uma última vez. — Lembrem, não toquem em nada. — Eles assentiram.

Ele soltou um suspiro resignado e virou na direção do portal, coçando atrás do pescoço.

— O unguento que eu trouxe não livrou você de sua irritação? — Cara perguntou enquanto eles caminhavam através do portal para dentro da sala silenciosa adiante. Tinha cheiro de rocha úmida.

— Não. Ainda não, pelo menos.

Dentro da vasta câmara de entrada suas vozes ecoavam no teto iluminado, que estava a cerca de trinta pés de altura.

Richard reduziu o passo enquanto espiava ao redor da sala quase vazia e então parou.

— A mulher de quem eu comprei isso prometeu que curaria sua irritação. Ela falou que era feito com ingredientes comuns, como ruibarbo branco, suco de loureiro, manteiga, e ovo levemente cozido, mas quando eu falei que era muito importante, ela adicionou alguns caros elementos especiais. Disse que colocou betônia, intestino de porco, um coração de andorinha, e porque eu sou sua protetora, ela fez com que eu levasse para

ela o sangue de minha menstruação. Ela misturou no unguento usando um prego quente vermelho. Eu fiquei e observei, só para ter certeza.

— Gostaria que tivesse falado isso antes que eu usasse. — Richard murmurou enquanto olhava fixamente adiante dentro da câmara sombria.

— O que foi? — Ele balançou a mão ignorando a pergunta. — Bem, eu avisei para ela que era melhor funcionar, pelo valor pago, e caso não funcionasse, eu voltaria e ela se arrependeria do dia em que falhou. Ela prometeu que funcionaria. Você lembrou de colocar um pouco no seu calcanhar esquerdo, como eu disse, não lembrou?

— Não, só coloquei em cima da irritação. — Agora ele gostaria de não ter feito aquilo.

Cara jogou as mãos para cima. — Bem, não fico surpresa. Eu disse que precisava colocar no calcanhar esquerdo também. A mulher falou que provavelmente a irritação era uma um rompimento na base de sua aura, e que precisava colocar no calcanhar também para completar a conexão com a terra.

Richard mal escutava o que ela dizia; ele sabia que ela estava apenas tentando encontrar coragem com o som da sua própria voz, transformando o assunto em algo trivial.

Bem alto lá em cima, para o lado direito deles, uma fila de pequenas janelas lançavam compridos raios de luz do sol pela sala.

Cadeiras entalhadas ornamentadas observavam de cada lado de uma abertura arqueada do outro lado da sala. Abaixo de uma fileira de janelas estava pendurado um tapete, seu desenho apagado demais para ser compreendido. A parede oposta tinha uma fila de velas em simples castiçais de ferro. Uma mesa grossa estava no centro da sala, banhada por um cintilante raio de luz. Além disso, a sala estava vazia.

Eles cruzaram o piso, acompanhados pelos ecos dos sons de suas botas nos ladrilhos. Richard viu que havia livros sobre a mesa. Suas esperanças se elevaram; livros eram o motivo pelo qual ele veio. Ainda poderia levar semanas antes que Kahlan e Zedd voltassem, e ele temia que

pudesse precisar agir para proteger a Fortaleza antes disso. Estava começando a ficar nervoso e preocupado enquanto esperava.

Com o exército D'Haran protegendo Aydindril, sua maior ameaça no momento era um assalto para tomar a Fortaleza. Ele esperava encontrar livros que pudessem transmitir algum conhecimento, talvez até mesmo dizer a ele como usar um pouco de sua magia, para que se alguém com magia atacasse, ele pudesse obter um meio de afastá-los. Temia que a Ordem tentasse pegar um pouco da magia preservada na Fortaleza. Os Mriswith também estavam em seus pensamentos.

Havia quase uma dúzia de livros sobre a mesa, todos do mesmo tamanho. As palavras nas capas não estavam em uma língua que ele pudesse entender. Ulic e Egan ficaram de costas para a mesa enquanto Richard empurrava alguns dos livros para o lado com um dedo para ver melhor os que estavam embaixo. Alguma coisa neles parecia familiar.

— Eles pareciam o mesmo livro, porém com línguas diferentes. — ele comentou para si mesmo.

Virou um que chamou atenção de seus olhos para que pudesse olhar para o título, e de repente percebeu que embora não conseguisse ler, já tinha visto aquela língua, e reconheceu duas das palavras. A primeira, *filer*, e a terceira, *ost*, eram palavras que ele conhecia bem demais. O título estava em Alto D'Haran.

Uma profecia que Warren tinha mostrado para ele nas câmaras no Palácio dos Profetas tinha feito referência a Richard, chamando-o de *fuer grissa ost drauka*: aquele que traz a morte. A primeira palavra nesse título, *fuer*, significava, *o*, e a terceira, *ost*, significava, *do*.

— *Fuer Ulbrecken ost Brennika Dieser*. — Richard soltou um suspiro de frustração. — Gostaria de saber o que isso significa.

— As Aventuras de Bonnie Day. Eu acho.

Richard virou para ver Berdine olhando para a mesa por cima do ombro dele. Ela deu um passo para trás, seus olhos azuis olhando para outro lado como se ela estivesse pensando que tinha feito alguma coisa errada. —

O que você disse? — ele sussurrou. Berdine apontou para o livro sobre a mesa. — *Fuer Ulbrecken ost Brennika Dieser*.

Você falou que gostaria de saber o que isso significava. Acho que significa *As Aventuras de Bonnie Day*. É um dialeto antigo.

As Aventuras de Bonnie Day era um livro que Richard teve desde sua infância. Foi seu livro favorito, e leu ele tantas vezes que praticamente sabia de cor.

Somente depois de ir até o Palácio dos Profetas no Mundo Antigo ele descobriu que o livro tinha sido escrito por Nathan Rahl, um profeta e ancestral de Richard. Nathan escreveu o livro como um livro básico de iniciação na profecia, ele disse, e deu ele para garotos que tinham potencial. Nathan tinha falado para ele que, com exceção de Richard, todos que possuíram o livro sofreram acidentes fatais.

Quando Richard nasceu, a Prelada e Nathan foram até o Mundo Novo e roubaram o Livro das Sombras Contadas da Fortaleza para evitar que ele caísse nas mãos de Darken Rahl. Eles o entregaram para o pai adotivo de Richard, George Cypher, e conseguiram ter sua promessa de que faria Richard memorizar todo o livro, palavra por palavra, e então destruiu-o. O Livro das Sombras Contadas era necessário para abrir as Caixas de Orden, lá em D'Hara. Richard ainda lembrava daquele livro de cor, cada palavra dele.

Richard lembrava com carinho dos tempos felizes de sua infância, em casa com seu pai e o irmão. Ele amou seu irmão mais velho, e tinha ele como exemplo. Naquela época quem poderia imaginar os caminhos traiçoeiros que a vida tomaria? Não havia como voltar no tempo até aqueles dias de inocência.

Nathan também havia deixado uma cópia de *As Aventuras de Bonnie Day* para ele. Ele também deve ter deixado essas cópias, em outras línguas, aqui na Fortaleza quando esteve aqui pouco depois que Richard nasceu.

— Como você sabe o que está escrito? — Richard perguntou.

Berdine engoliu em seco. — Está em Alto D'Haran, mas é um antigo dialeto da língua.

Richard percebeu, pelo modo como os olhos dela ficaram assustados, que ele devia estar com uma aparência ameaçadora no rosto. Ele fez um esforço para suavizar sua expressão.

— Você queria dizer que entende Alto D'Haran? — Ela assentiu. — Disseram que era uma língua morta. Um estudioso que conheço que conseguia entender Alto D'Haran me falou que quase ninguém mais conhece isso. Como você conhece?

— Meu pai. — ela disse. A emoção desapareceu de sua voz. — Essa foi uma das razões pelas quais Darken Rahl me escolheu para ser Mord-Sith. — O rosto dela também ficou inexpressivo. — Poucas pessoas ainda entendem Alto D'Haran. Meu pai era uma delas. Darken Rahl usava Alto D'Haran para fazer funcionar algumas de suas magias, e ele não gostava que houvesse outros que tivessem conhecimento da língua antiga.

Richard não precisou perguntar o que aconteceu com o pai dela.

— Sinto muito, Berdine.

Ele sabia que durante seu treinamento, aquelas que ficavam comprometidas na obrigação de se tornarem Mord-Sith eram forçadas a torturar seus pais até a morte. Isso era chamado de terceira quebra, o teste final delas.

Ela não mostrou reação alguma. Havia se refugiado por trás da máscara de ferro do treinamento dela. — Darken Rahl sabia que meu pai tinha me ensinado um pouco da língua antiga, mas sendo uma Mord-Sith, eu não representava ameaça para ele. Ele me consultava, de vez em quando, para ouvir minha interpretação de várias palavras. Alto D'Haran é uma língua difícil de traduzir.

Muitas palavras, especialmente nos dialetos mais antigos, possuíam nuances de significado que só podiam ser entendidos pelo seu contexto. Não sou uma especialista, de modo algum, mas entendo um pouco. Darken Rahl era um mestre em Alto D'Haran.

— E você sabe o significado de *fuer grissa ost drauka*?

— Um dialeto muito antigo. Não sou bastante versada em versões tão antigas. — Ela pensou durante um momento. — Acho que a tradução literal seria *aquele que traz a morte*. Onde ouviu isso?

Ele não quis pensar nas complicações dos outros significados no momento. — Uma antiga profecia. Ela me deu esse nome.

Berdine cruzou as mãos atrás das costas. — Injustamente, Lorde Rahl. A não ser que seja uma referência para sua habilidade em lidar com seus inimigos, não com seus amigos.

Richard sorriu. — Obrigado, Berdine.

O sorriso dela voltou, como o sol por trás de nuvens de tempestade que desapareciam.

— Vamos ver o que mais encontramos de interessante aqui dentro. — ele disse, seguindo na direção da abertura arqueada no final da câmara.

Quando passou pelo portal, Richard sentiu uma sensação de formigamento atravessar por sua carne como a borda de uma lâmina. Assim que estava do outro lado da abertura, ela desapareceu. Ele virou quando escutou Raina chamar o seu nome.

O resto deles, do outro lado, pressionavam as mãos no ar como se ele fosse uma placa de vidro impenetrável. Ulic bateu o punho contra ela, mas sem causar efeito algum.

— Lorde Rahl! — Cara gritou. — Como atravessamos?

Richard voltou até o portal. — Não tenho certeza. Eu tenho magia que me permite atravessar escudos. Aqui, Berdine, me dê sua mão. Vamos ver se isso vai funcionar.

Ele enfiou sua mão de volta através da barreira invisível, e ela agarrou seu pulso sem hesitar. Lentamente, ele puxou a mão dela em sua direção até que ela penetrou no escudo.

— Oh, está frio. — ela reclamou.

— Você está bem? Quer tentar o resto do caminho?

Quando ela assentiu, ele a puxou. Logo que atravessou, ela estremeceu e começou a sacudir o corpo como se estivesse coberta de insetos.

Cara esticou a mão na direção do portal. — Agora eu.

Richard começou a esticar o braço, mas parou. — Não. O resto de vocês espera aqui até nós voltarmos.

— O quê! — Cara gritou. — Tem que nos levar com você!

— Existe perigos sobre os quais não sei nada. Não posso ficar tomando conta de todos vocês e ao mesmo tempo prestar atenção no que estou fazendo. Berdine é o bastante caso eu precise de proteção. O resto de vocês espera aqui. Se alguma coisa acontecer, vocês sabem como sair.

— Mas você tem que nos levar. — Cara pediu. — Não podemos deixar você sem proteção. — Ela virou. — Diga para ele, Ulic.

— Ela está certa, Lorde Rahl. Deveríamos ficar com você.

Richard balançou a cabeça. — Um é o bastante. Se alguma coisa acontecer comigo, então vocês não conseguiriam voltar através do escudo. Se alguma coisa acontecer, e nós não voltarmos, dependo de vocês para continuarem. Se alguma coisa acontecer, você está no comando, Cara. Se alguma coisa acontecer, consiga ajuda para nós, se puder. Se não puder, bem, tome conta das coisas até que meu avô Zedd e Kahlan cheguem aqui.

— Não faça isso! — Cara pareceu mais perturbada do que ele já tinha visto. — Lorde Rahl, não podemos perder você.

— Cara, vai ficar tudo bem. Vamos voltar, eu prometo. Magos sempre cumprem suas promessas.

Cara bufou de raiva. — Porque ela?

Berdine jogou sua trança castanha para trás, por cima do ombro, enquanto mostrava para Cara um sorriso de satisfação.

— Porque Lorde Rahl gosta mais de mim.

— Cara — Richard disse enquanto fazia uma certa para Berdine. — É porque você é a líder. Se alguma coisa acontecer comigo, eu quero que você fique no comando.

Cara ficou parada um momento, considerando aquilo. Um largo sorriso finalmente surgiu em seus lábios. — Está certo. Mas é melhor que nunca mais faça um truque como esse novamente.

Richard piscou para ela. — Se você diz. — Ele olhou para o corredor sombrio. — Vamos lá, Berdine. Vamos dar uma olhada por aí para acabar com isso e sairmos desse lugar.

CAPÍTULO 36

Corredores seguiam para todas as direções. Richard tentou permanecer naquele que pensava ser o principal para conseguir encontrar o caminho até a saída. Quando passavam por salas, ele enfiava a cabeça para ver se havia algum livro ou qualquer outra coisa que pudesse ser útil. A maioria eram simples salas de pedra vazias. Algumas tinham mesas e cadeiras, com baús ou outras mobílias, mas nada de particular interesse. Todo um corredor tinha salas com camas. Os magos que ficavam na Fortaleza deviam ter vivido de forma modesta, pelo menos alguns deles. Havia milhares de salas e ele só tinha visto algumas.

Berdine espiava por cima do ombro dele sempre que ele olhava dentro de uma sala, para ver o que ele estava vendo. — Você sabe aonde estamos indo?

— Não exatamente. — Ele olhou por outro corredor lateral. O lugar era um labirinto. — Mas acho que deveríamos encontrar alguns degraus. Começar embaixo e ir subindo.

Ela apontou para trás por cima do ombro dele. — Eu vi alguns descendo por um corredor a esquerda, logo ali atrás.

Os degraus estavam onde ela falou que estariam. Ele não havia notado eles porque era apenas um buraco no chão com degraus de pedra em espiral descendo para dentro da escuridão, e ele estivera procurando por uma escadaria. Richard censurou a si mesmo por não lembrar de trazer uma lamparina, ou vela. Ele tinha uma pedra para fazer fogo e um pedaço de aço no bolso, e imaginou que se conseguisse encontrar um pouco de palha ou pano velho, poderia conseguir fazer fogo e acender uma das velas que tinha visto em castiçais de ferro.

Quando eles desciam dentro da escuridão, Richard sentiu, assim como escutou, um leve zumbido vindo lá debaixo.

A pedra, que estivera desaparecendo na escuridão, começou a se revelar dentro de uma luz verde azulada, como se alguém estivesse

levantando o pavio em uma lamparina. No momento em que chegaram até a base dos degraus, ele conseguia ver claramente na luz estranha.

Fazendo uma curva pouco depois do final dos degraus, ele encontrou a fonte da luz. Em um suporte anelar de ferro estava um globo, quase do tamanho da mão dele, e que parecia ser de vidro. Ele era a origem da luz.

Berdine olhou para ele, seu rosto delineado na estranha iluminação. — O que faz isso brilhar?

— Bem, não tem chama nenhuma, então eu diria que deve ser magia.

Richard se esticou cuidadosamente na direção da luz. O brilho dela aumentou. Encostou um dedo, e o verde azulado mudou para uma cor amarela.

Uma vez que tocar não pareceu causar mal algum, Richard retirou aquilo do suporte cuidadosamente. Era mais pesado do que ele esperava. Ao invés de ser uma esfera oca de vidro, parecia ser sólida. Em sua mão, ela emitia uma luz calorosa e útil.

Richard conseguiu ver que longe, pelo corredor semelhante a um túnel, havia outras esferas semelhantes em suportes. Mais adiante, a mais próxima mal brilhava com a luz verde azulada. Quando passaram por elas, cada uma delas brilhava mais forte com a aproximação dele, e diminuía quando ele seguia em frente com aquela que pegou.

Em uma interseção, o corredor juntava-se a um corredor mais larga e mais convidativo. Pedra cor de rosa clara seguia em uma faixa por ambos os lados, e em alguns lugares a passagem tinha aberturas que conduziam a salas cavernosas com bancos acolchoados.

Abrindo as largas portas duplas em uma das grandes salas do corredor, ele encontrou uma biblioteca. A biblioteca parecia aconchegante e convidativa com seu chão polido de madeira, paredes com painéis, e teto pintado de branco. Havia mesas ao lado de fileiras de estantes, e cadeiras de aparência confortável. Janelas envidraçadas do outro lado da sala exibiam

uma vista panorâmica da cidade de Aydindril e deixavam a sala clara e arejada.

Ele continuou até a próxima câmara cavernosa no corredor, e descobriu que ela também tinha uma biblioteca. Parecia que o corredor seguia paralelo com a face da Fortaleza, e por toda uma fila de bibliotecas. Eles tinham encontrado outras duas dúzias das enormes salas com biblioteca no momento em que chegaram no final do corredor.

Richard nunca imaginou que existisse tantos livros assim. Mesmo as câmaras no Palácio dos Profetas, com todos os livros que guardavam, pareciam ínfimas para ele depois de ver todos esses volumes. Levaria um ano só para ler todos os títulos. De repente ele sentiu-se desanimado. Por onde deveria começar?

— Deve ser isso que você estava procurando. — ela disse.

Richard franziu a testa. — Não, não é. Não sei por que, mas não é isso. Isso é comum demais.

Berdine caminhou ao lado dele enquanto continuavam através de passagens e descendo vários andares quando chegaram até uma escadaria, o Agiel dela balançava em sua corrente no pulso dela, sempre preparado. Na base das escadas havia um portal enfeitado com folhas douradas diante de uma câmara além que, ao invés de ser feita com pedra trabalhada, tinha sido escavada na rocha negra, e que talvez fosse uma caverna que tinha sido alargada. Em lugares onde a rocha havia sido removida, restavam facetas lisas brilhosas. Grossas colunas pareciam terem sido deixadas em alguns lugares enquanto a rocha foi escavada para suportar um teto baixo grosseiro.

No portal dourado Richard encontrou um escudo pela quarta vez desde que entrou na Fortaleza, mas esse era diferente dos três primeiros. Os três primeiros todos causavam a mesma sensação; esse não parecia nem um pouco com os outros. Quando ele enfiou a mão, o plano vertical entre o portal emitiu um brilho vermelho sem ter nenhuma fonte visível, e a sensação, ao invés do formigamento, era quente onde a luz vermelha tocava nele. Era o escudo mais desconfortável que ele já tinha sentido. Teve medo que ele pudesse queimar os cabelos do seu braço, mas não queimou.

Richard puxou seu braço de volta. — Esse aqui é diferente. Se for mais do que você quiser suportar, faça com que eu pare. — Colocou seu braço em volta de Berdine para protegê-la melhor. Ela ficou tensa. — Não se preocupe, vou parar se você quiser que eu pare.

Ela assentiu, e ele caminhou para dentro do portal. Quando a luz vermelha tocou o couro vermelho no braço dela, ela se encolheu. — Está tudo bem. — ela disse. — Continue. — Ela a puxou, e soltou-a. Somente depois que ele afastou os braços ela pareceu relaxar.

O brilho da esfera que Richard segurava lançou sombras entre as colunas, e ele conseguiu ver que havia pequenos recessos esculpidos na pedra por toda a sala. Na parede do final da sala, havia talvez sessenta ou setenta aberturas assim. Embora não conseguisse ver o que estava dentro delas, conseguia ver que cada uma delas guardava objetos de diferentes tamanhos e formas.

Richard sentiu os cabelos atrás de seu pescoço ficarem eriçados enquanto seu olhar observava aqueles espaços de longe. Não sabia o que eram aquelas coisas, mas instintivamente ele sabia que eram mais do que perigosas.

— Fique perto de mim. — ela falou para ela. — Nós queremos ficar longe das paredes. — Ele apontou com o queixo pela vasta sala. — Bem ali. Aquela passagem é para onde queremos ir.

— Como você sabe?

— Olhe no chão. — A pedra natural áspera estava gasta em uma trilha sinuosa cortando pelo centro da câmara. — Seria melhor ficarmos nesse caminho.

Os olhos azuis dela levantaram, inquietos. — Tenha cuidado. Se alguma coisa acontecer com você nunca conseguirei sair desse lugar para conseguir ajuda dos outros. Ficarei presa aqui embaixo.

Richard sorriu e então começou a andar pela caverna silenciosa. — Bem, esse é o risco que você assume por ser minha favorita.

O desconforto dela não diminuiu com a tentativa dele de aliviar a situação. — Lorde Rahl, você realmente acha que eu acredito ser a sua

favorita.

Richard verificou que ainda estavam no caminho. — Berdine, eu só falei isso porque é isso que você sempre diz.

Ela pensou em silêncio enquanto eles se moviam cautelosamente pela sala. — Lorde Rahl, posso fazer uma pergunta? Uma pergunta séria? Uma pergunta pessoal?

— Claro.

Ela jogou sua trança castanha por cima do ombro e ficou segurando nela. — Quando você casar com sua Rainha, você ainda terá outras mulheres, não terá?

Richard olhou para ela fazendo uma careta. — Não tenho nenhuma outra mulher agora. Eu amo Kahlan. Sou fiel no meu amor por ela.

— Mas você é o Lorde Rahl. Pode ter qualquer uma que desejar. Até mesmo eu. Isso é o que Lorde Rahl faz; ele tem muitas mulheres. Você só tem que estalar os dedos.

Richard teve a clara impressão de que ela definitivamente não estava fazendo uma oferta. — Está falando isso por causa daquela vez em que coloquei minha mão em você, no seio? — Ela olhou para outro lado e assentiu. — Berdine, eu fiz aquilo para ajudá-la, não por que... bem, não por causa de qualquer outra coisa. Esperava que você soubesse disso.

Rapidamente ela colocou uma das mãos no braço dele. — Eu sei. Não foi isso que eu quis dizer. Você nunca tocou em mim do outro jeito. O que eu queria dizer foi que você nunca exigiu isso de mim. — Ela mordeu o lábio inferior.

— O modo como você colocou sua mão em mim me deixou muito envergonhada.

— Por quê?

— Porque você arriscou sua vida para me ajudar. Você é o meu Lorde Rahl, e eu não tenho sido honesta com você.

Richard fez um gesto, indicando o caminho ao redor de uma coluna em volta da qual vinte homens não conseguiriam dar as mãos.

— Você está me deixando confuso, Berdine.

— Bem, eu digo que sou a sua favorita para que não pense que não gosto de você.

— Você está tentando dizer que não gosta de mim?

Ela agarrou o braço dele outra vez. — Oh, não. Eu amo você.

— Berdine, eu falei que eu tenho...

— Não desse jeito. Quero dizer que amo você como meu Lorde Rahl. Você me libertou. Você viu que eu sou mais do que simplesmente Mord-Sith, e confiou em mim. Salvou minha vida e fez com que eu ficasse completa novamente. Amo você pelo tipo de Lorde Rahl que você é.

Richard balançou a cabeça como se desejasse limpá-la. — Você não está fazendo o menor sentido. O que isso tem a ver com você sempre falar que é minha favorita?

— Digo isso para que você não pense que eu não estaria disposta a ir para sua cama se você pedisse. Tive medo de que se você soubesse que eu não queria, então me forçaria, para ser perverso.

Richard levantou a luz quando eles chegaram até a passagem que levava para fora da sala. Parecia um simples corredor. — Pare de se preocupar com isso. — Ele fez sinal para que ela seguisse em frente. — Eu disse que não faria isso.

— Eu sei. E depois do que você fez... — Ela tocou no seio esquerdo. — Acredito em você. Mas antes eu não acreditava. Estou começando a ver que você realmente é diferente de muitas maneiras.

— Diferente de quem?

— Darken Rahl.

— Bem, você está certa nisso. — Enquanto continuavam caminhando pelo longo corredor, de repente ele olhou para ela outra vez. —

Você está tentando me dizer que está apaixonada por alguém, e só esteve dizendo aquelas coisas para que eu não pensasse que estava tentando evitar meu desejo, e então eu não seria provocado a forçá-la?

O punho dela apertou na trança quando seus olhos azuis fecharam por um momento. — Sim.

— Verdade? Acho que isso é maravilhoso, Berdine. — No final do corredor, eles chegaram em uma sala ampla, as paredes com fileiras de tufo de pelo e cabelo amarrados pendurados em painéis emoldurados. Richard estudou os painéis de uma certa distância.

Reconheceu um tufo como pelo de gar.

Richard mostrou um sorriso enquanto voltava a caminhar. — Quem é? — Ele balançou a mão, sentindo uma repentina onda de receio de que, considerando o estado estranho dela no momento, pudesse estar ultrapassando os limites. — A não ser que você não queira dizer. Você não tem que falar. Não quero que sinta que tem obrigação de falar. Isso é assunto seu, se escolher.

Berdine engoliu em seco. — Por causa das coisas que você fez por nós, por mim, eu quero confessar.

Richard fez uma careta. — Confessar? Contar por quem está apaixonada não é uma confissão, é...

— Raina.

Richard fechou a boca rapidamente. Olhou de volta para o caminho que estavam seguindo. — Ladrilhos verdes, apenas o pé esquerdo. Pé direito somente nos brancos, até atravessar esse espaço. Não deixe passar nenhum ladrilho verde ou branco. Toque no pedestal antes que tire o pé do último ladrilho.

Ela o seguiu enquanto ele pisava cuidadosamente dos ladrilhos verdes para os brancos até chegarem ao piso de pedra do outro lado, tocando no pedestal, e entrando em um estreito corredor de pedra prateada brilhante, como uma fenda em uma joia enorme.

— Como sabia disso? Essa coisa de ladrilho verde, ladrilho branco?

— O quê? — Ele olhou para trás franzindo a testa. — Não sei. Deve ter sido um escudo ou algo assim. — Ele olhou para ela outra vez enquanto ela caminhava com os olhos voltados para o chão. — Berdine, eu também gosto de Raina. De Cara, você, Ulic e de Egan. Meio que como uma família. É isso que você quer dizer? — Ela balançou a cabeça sem levantar os olhos. — Mas... Raina é uma mulher.

Berdine lançou um olhar frio para ele.

— Berdine. — ele falou depois de um longo silêncio. — é melhor não contar isso para Raina ou...

— Raina também me ama.

Richard ficou rígido, sem saber o que dizer. — Mas como podem... vocês não podem... não vejo como... Berdine, porque você está me falando isso?

— Porque sempre foi honesto conosco. No início, quando nos falou coisas, pensávamos que não faria o que dizia. Bem, nem todos. Cara sempre acreditou em você, mas eu não acreditava.

A expressão assumiu outra vez a aparência distante de uma Mord-Sith. — Quando Darken Rahl era nosso Lorde Rahl, ele descobriu, e ordenou que eu fosse para a cama dele. Ele riu de mim. Ele... gostou de me levar para a cama porque sabia. Foi a maneira dele de me humilhar. Eu pensava que se você soubesse também, faria a mesma coisa, então tentei esconder isso fazendo você pensar que eu gostava de você.

Richard balançou a cabeça. — Berdine, eu não faria isso com você.

— Agora eu sei disso. É por isso que eu tive que confessar, porque você sempre foi honesto comigo, mas eu não fui honesta com você.

Richard encolheu os ombros. — Bem, então estou feliz que você esteja sentindo-se melhor. — Ele ficou pensando enquanto fez ela virar em um corredor sinuoso com paredes engessadas. — Darken Rahl fez você ficar assim, ao escolher você para se tornar uma Mord-Sith? Foi isso que fez você odiar homens?

Ela fez uma careta para ele. — Eu não odeio homens. Apenas, não sei, eu apenas sempre olhava para as garotas desde de quando eu era jovem. Garotos não me interessavam dessa maneira. — Ela passou a mão em sua trança. — Agora você me odeia?

— Não, não, eu não odeio você, Berdine. Você é minha protetora, do mesmo jeito de sempre. Mas não consegue tentar não pensar nela ou algo assim? Isso simplesmente não está certo.

Ela mostrou um sorriso distante. — Quando Raina sorri para mim daquele seu jeito especial, e o dia de repente fica maravilhoso, isso parece certo. Quando ela toca meu rosto, e meu coração dispara, parece certo. Seu que meu coração está seguro aos cuidados dela. — O sorriso dela desapareceu. — Mas agora você acha que eu sou desprezível.

Richard olhou para longe, a vergonha tomando conta dele em uma onda fria. — É assim que eu me sinto a respeito de Kahlan. Uma vez, meu avô disse que eu deveria esquecer ela, mas não tinha como eu conseguir.

— Porque ele diria isso?

Richard não poderia dizer a ela que era porque Kahlan era uma Confessora, e isso estava fazendo aquilo para o bem de Richard; ninguém deveria ser capaz de amar uma Confessora. Sentiu-se mal por não poder ser honesto com Berdine agora. Ele encolheu os ombros. — Ele não achava que ela fosse a mulher certa para mim.

Richard puxou-a através de outro dos escudos do tipo que causava formigamento quando chegaram ao final do corredor. A sala triangular tinha um banco. Fez ela sentar ao seu lado e o colocou a esfera brilhante entre eles.

— Berdine, acho que consigo entender como você está se sentindo. Sei como eu me senti quando meu avô disse que eu deveria esquecer Kahlan.

Nenhuma outra pessoa pode dizer o que sentir. Ou você sente, ou não. Embora eu não entenda ou não aprove isso, todos vocês estão se tornando meus amigos. Ser amigos significa que vocês não são obrigados a agir exatamente da mesma maneira, e vocês ainda são amigos.

— Lorde Rahl, sei que você pode nunca me aceitar, mas eu tinha que contar. Amanhã, eu voltarei para D'Hara. Você não deveria ter alguém que não aprova como sua guarda.

Richard pensou durante um minuto. — Você gosta de ervilhas fervidas?

Berdine franziu a testa. — Sim.

— Bem, eu odeio ervilhas fervidas. Isso faz você gostar menos disso, porque eu não gosto de algo que você gosta? Ou faz você querer deixar de ser minha protetora?

Ela fez uma careta. — Lorde Rahl, isso é diferente de ervilhas fervidas. Como pode ter fé em alguém que você não aprova?

— Não é que eu não aprove você, Berdine. É que simplesmente para mim isso não parece certo. Mas não tem que ser assim.

— Olha, eu tive um amigo quando era mais jovem, outro guia florestal. Giles e eu passamos muito tempo juntos, porque tínhamos muito em comum.

— Ele se apaixonou por Lucy Fleckner. Eu odiava Lucy Fleckner; ela era cruel com Giles. Eu não conseguia entender como ele podia se importar com ela. Eu não gostava dela, e pensava que ele deveria sentir o mesmo. Perdi meu amigo porque ele não poderia ser do jeito que eu pensei que deveria ser. Não perdi ele por causa de Lucy, perdi ele por causa de mim. Perdi todas as coisas boas que nós tivemos porque eu não estava disposto a deixar ele ser quem era. Sempre me arrependi daquilo que eu perdi.

— Acho que isso é alguma coisa parecida com aquilo. Assim como você deixa de ser Mord-Sith e aprende a ser outra coisa, como eu aprendi enquanto crescia, vai descobrir que ser amigo é gostar de uma pessoa por quem ela é, até mesmo as parte que você não entende. As razões pelas quais você gosta de amigos fazem com que as coisas que você não entende não sejam importantes. Você não precisa entender, ou fazer as mesmas coisas, ou viver as vidas deles. Se você realmente se importa com eles, então vai

querer que eles sejam quem são; foi por isso que você gostou deles em primeiro lugar.

— Gosto de você, Berdine, e isso é tudo que importa.

— Verdade?

— Verdade.

Ela colocou os braços em volta do pescoço dele e o abraçou. — Obrigada, Lorde Rahl. Depois de me salvar, estava com medo que desejasse não ter feito isso. Agora estou feliz por falar. Raina ficará aliviada em saber que não fará conosco o que Darken Rahl fez.

Quando eles levantaram, uma parte da parede de pedra deslizou para o lado. Richard segurou a mão dela e levou-a para fora da sala estranha, pela nova passagem, descendo uma escadaria e através de uma úmida sala molhada com chão de pedra que tinha um grande monte no centro.

— Se estamos nos tornando seus amigos, então posso dizer o que você fez que eu não gostei, o que eu não aprovo, e como cometeu um erro? — Richard assentiu. — Não gosto do que você fez com Cara. Ela está com raiva por causa do que fez para ela.

Richard olhou de volta para ela na estranha sala que parecia engolir a luz. — Cara? Com raiva de mim? O que eu fiz para ela?

— Tratou ela mal por minha causa. — Quando Richard mostrou uma expressão de confusão, ela continuou.

— Quando eu estava sob aquele feitiço, e ameacei você com meu Agiel quando você voltou depois de procurar por Brogan, você ficou com raiva de todas nós. Ameaçou elas como se tivessem feito aquilo também, mesmo que tenha sido apenas eu.

— Eu não sabia o que estava acontecendo. Me senti ameaçado pelas Mord-Sith por causa do que você fez. Ela deveria entender isso.

— Ela entende, mas quando você descobriu, e me deixou inteira novamente, nunca falou para Cara e Raina que estava errado ao ameaçá-las

como se elas tivessem ameaçado você do mesmo jeito que eu. Elas não fizeram isso.

Richard sentiu o rosto dele ficar vermelho na escuridão. — Você tem razão. Agora eu me sinto terrível. Porque ela não falou alguma coisa?

Berdine levantou uma sobrancelha. — Você é Lorde Rahl. Se decidir bater nela porque não gostou da maneira como ela falou bom dia, ela não diria nada.

— Então porque você está dizendo?

Berdine o seguiu para dentro de um estranho corredor com um piso de pedras redondas de apenas dois pés de largura e paredes lisas arredondadas, semelhantes as de um tubo, completamente cobertas de ouro. — Porque você é um amigo.

Quando ele olhou por cima do ombro e agradeceu sorrindo, ela se esticou para tocar no ouro. Richard agarrou o pulso dela antes que pudesse tocar. — Faça isso e está morta.

Ela fez uma careta para ele. — Porque você diz que não sabe nada sobre esse lugar, e então caminha por ele como se tivesse vivido aqui durante toda sua vida?

Richard piscou com a pergunta. De repente seus olhos ficaram arregalados ao perceber. — Por causa de você.

— De mim!

— Sim. — Richard falou, surpreso. — Conversando comigo, você distraiu minha mente consciente. Fez eu ficar tão concentrado nas coisas que estava dizendo, e pensando nelas, que eu deixei o meu dom me guiar. Nunca tinha percebido isso da maneira como estava acontecendo. Agora que passei por esse caminho, conheço os perigos e o caminho de volta. Agora eu consigo voltar. — Ele apertou o ombro dela. — Obrigado, Berdine.

Ela sorriu. — Para que servem os amigos?

— Acho que passamos pelo pior. Por aqui.

No final do túnel dourado havia uma sala de torre arredondada com pelo menos cem pés de largura, com degraus que subiam em espiral ao redor da parte interna da parede. Em intervalos irregulares, pequenas plataformas com portas interrompiam os degraus. Na expansão sombria acima, feixes de luz cortavam a escuridão. A maioria das janelas lá em cima eram pequenas, mas uma delas parecia enorme. Richard não conseguia dizer com certeza a altura que a torre alcançava, mas tinha que ser aproximadamente duzentos pés.

Abaixo, o poço circular mergulhava dentro da completa escuridão.

— Não gosto da aparência disso. — Berdine falou quando espiou por cima do gradil de ferro na plataforma. — Para mim, isso parece o pior.

Richard pensou ter visto algo se mover nas trevas lá embaixo. — Fique perto de mim e mantenha os olhos abertos. — Ele fixou o olhar no local onde pensou ter visto movimento, tentando ver novamente. — Se alguma coisa acontecer, você precisa tentar sair.

Berdine olhou por cima do gradil com desaprovação. — Lorde Rahl, levou horas para chegarmos até aqui. Passamos por mais escudos do que consigo me lembrar. Se alguma coisa acontecer com você, eu também estou morta.

Richard considerou suas opções. Poderia ser melhor se ele estivesse oculto em sua capa de Mriswith. — Você espera aqui. Eu vou dar uma olhada.

Berdine agarrou a camisa dele no ombro e fez ele virar para encarar seus olhos azuis ardentes. — Não, você não vai sozinho.

— Berdine...

— Eu sou sua protetora. Você não vai sozinho. está entendido? — Ela estava com aquele penetrante olhar de ferro que fez a língua dele temer cometer um erro. Finalmente ele soltou um suspiro.

— Está certo. Mas fique perto e faça o que eu disser. — Ela inclinou a cabeça para um lado. — Eu sempre faço o que você diz.

CAPÍTULO 37

Enquanto seu cavalo balançava debaixo dele, Tobias Brogan observava distraidamente os cinco mensageiros do Criador que caminhavam não muito longe adiante e para um lado. Era incomum ver eles. Desde que apareceram inesperadamente quatro dias antes, estavam sempre por perto, mas raramente eram vistos, e mesmo quando estavam visíveis ainda eram difíceis de enxergar, todos brancos como a neve, ou quando estava escuro, todos negros como a noite. Ele ficava maravilhado pelo modo como eles eram capazes de simplesmente desaparecer diante de seus olhos. O poder do Criador realmente era miraculoso.

Sua escolha de mensageiros, porém, deixava Tobias inquieto. O Criador falou para Tobias, em seus sonhos, para não questionar Seus planos e, felizmente, finalmente havia aceito as súplicas de Tobias de perdão pela imprudência de um interrogatório. Todas as crianças de mente correta temiam o Criador, e Tobias Brogan não tinha outra coisa além de uma mente correta. Ainda assim, as criaturas escamosas dificilmente pareciam a escolha apropriada para transmitir orientação divina.

De repente ele endireitou o corpo na sela. É claro. O Criador não gostaria de revelar Suas intenções aos profanos deixando que eles enxergassem discípulos que em nada mostrassem sua bondade. O mal esperaria ver a beleza e a glória do Criador perseguindo ele, mas não ficaria assustado para fugir quando avistassem discípulos nesse disfarce.

Tobias soltou um suspiro aliviado enquanto observava os Mriswith se inclinando, conversando uns com os outros, e com a feiticeira, em sussurros. Ela chamava a si mesma de Irmã da Luz, mas ainda era uma feiticeira, uma *Streganicha*, uma bruxa. Conseguiu entender o Criador usando os Mriswith como mensageiros, mas não conseguia entender porque Ele daria a uma *Streganicha* tal autoridade.

Tobias gostaria de saber o que eles conversavam o tempo todo. Desde que a *Streganicha* se juntou a eles no dia anterior, ela ficava quase que exclusivamente na companhia das cinco criaturas escamosas, trocando poucas palavras com o Lorde General do Sangue da Congregação. Os seis

mantinham-se isolados, como se apenas estivessem por acaso viajando na mesma direção que Tobias e sua companhia de mil homens.

Tobias tinha visto um grupo de Mriswith acabar com centenas de soldados D'Haran, e então sentiu-se menos inquieto sobre o fato de ter apenas dois pelotões de seus homens com ele. O resto de sua força com mais de cem mil da Congregação aguardava um pouco mais do que uma semana fora de Aydindril. O Criador tinha falado a Tobias, quando Ele apareceu em um sonho naquela primeira noite com seu exército, que eles deveriam ficar para trás, para participarem da conquista de Aydindril.

— Lunetta. — ele falou com um tom suave enquanto observava a Irmã gesticulando em sua conversa com os Mriswith.

Ela aproximou o cavalo do lado direito dele. Ele entendeu sua dica e manteve a voz baixa. — Sim, meu Lorde General?

— Lunetta, você viu a Irmã usar o poder dela?

— Sim, Lorde General, quando ela afastava obstáculos do nosso caminho.

— Consegue identificar o poder dela com isso? — Lunetta assentiu levemente. — Ela tem o poder que você tem, minha irmã?

— Não, Tobias.

Ele sorriu para ela. — Isso ser bom de saber. — Olhou ao redor para ter certeza de que não havia ninguém por perto, e as seis ainda estavam visíveis. — Estou ficando confuso por algumas das coisas que o Criador esteve me dizendo nas últimas noites.

— Você quer contar para Lunetta?

— Sim, mas não agora. Vamos conversar sobre isso mais tarde.

Ela acariciou distraidamente suas *bonitinhas*. — Talvez quando pudermos estar sozinhos. Logo ser hora de parar.

Tobias não deixou de perceber o leve sorriso, ou a oferta. — Não vamos parar cedo esta noite. — Ele levantou o nariz enquanto respirava

profundamente o ar frio. — Ela está tão perto que eu quase consigo sentir o cheiro dela.

Richard contou as plataformas quando descia para que eles pudesse encontrar o caminho de volta. Pensou que poderia lembrar do resto dele através de pontos de referência pelo caminho, mas o interior da torre era desorientador. Tinha cheiro podre, como o de um pântano, provavelmente por causa da água que entrou pelas janelas abertas no fundo dela.

Na plataforma seguinte, Richard viu um brilho no ar enquanto se aproximava. Na luz do globo que ele estava segurando, conseguiu ver alguma coisa de um lado. Suas bordas brilhavam sob a luz. Embora a coisa não fosse sólida, ele a reconheceu como um Mriswith em pé com sua capa em volta dele.

— Bem-vindo, irmão de pele. — ele sibilou.

Berdine se encolheu. — O que é isso? — ela sussurrou rapidamente.

Richard segurou o seu pulso quando ela tentou colocar-se na frente dele. Ela estava com seu Agiel na mão, e ele a empurrou para o lado dele enquanto seguiu em frente. — É só um Mriswith.

— Mriswith! — ela sussurrou com um tom rouco. — Onde?

— Bem aqui na plataforma, perto do gradil. Não tenha medo, ele não vai machucá-la.

Ela agarrou a capa negra dele depois que ele abaixou o braço dela com o Agiel. Eles pisaram na plataforma.

— Você veio para acordar a Sliph? — o Mriswith perguntou.

Richard franziu a testa. — Sliph?

O Mriswith abriu a capa para apontar com a faca de três lâminas na direção descendo as escadas. Quando fez isso, ele tornou-se sólido e completamente visível, uma figura com escamas escuras e capa. — A Sliph está lá embaixo, irmão de pele.

Seus olhos brilhantes levantaram outra vez. — Ela está acessível, finalmente. Logo, será hora da Yabree cantar.

— Yabree?

O Mriswith levantou a faca de três lâminas e balançou-a levemente. A fenda de sua boca aumentou em um tipo de sorriso. — Yabree. Quando a Yabree cantar, será hora da Rainha.

— Da Rainha?

— A Rainha precisa de você, irmão de pele. Você deve ajudá-la.

Richard podia sentir Berdine tremendo enquanto ela se encostava nele. Ele decidiu que deveria seguir em frente antes que ela ficasse assustada demais, e começou a descer os degraus.

Duas plataformas abaixo, ela ainda estava agarrada nele. — Ele foi sumiu. — ela sussurrou no ouvido dele.

Richard olhou para cima e viu que ela estava certa.

Berdine empurrou ele na abertura de uma porta, pressionando a costa dele contra uma porta de madeira. Os olhos azuis penetrantes dela estavam intensos de agitação. — Lorde Rahl, aquilo era um Mriswith.

Richard assentiu, um pouco confuso por causa da respiração ofegante irregular dela.

— Lorde Rahl, Mriswith matam pessoas. Você sempre mata eles.

Richard levantou uma das mãos na direção da plataforma acima. — Ele não iria nos machucar. Eu falei isso. Ele não nos atacou, atacou? Não havia necessidade de ferir ele.

A testa dela ficou franzida de preocupação. — Lorde Rahl, você está bem?

— Estou bem. Agora, vamos lá. Talvez o Mriswith tenha fornecido uma boa dica do que podemos estar procurando.

Ela empurrou ele de volta para a porta quando ele tentou se mover.
— Porque ele chamou você de *irmão de pele*?

— Eu não sei. Acho que é porque ele tem escamas, e eu tenho pele. Acho que ele me chamou assim para que eu soubesse que não queria me ferir. Ele queria ajudar.

— Ajudar. — ela repetiu, incrédula.

— Ele não tentou nos impedir, tentou?

Finalmente ela soltou a camisa dele, mas levou um pouco mais de tempo para que os olhos azuis dela o deixassem.

No fundo da torre, uma passarela com gradil de ferro seguia pelo lado de fora da parede da torre. No centro havia água negra com rochas quebrando a superfície em vários lugares. Salamandras estavam coladas na rocha abaixo da passarela, e descansavam parcialmente submersas nas pedras. Insetos boiavam através da grossa água escura, deslizando ao redor de bolhas que ocasionalmente surgiam espirrando líquido quando estouravam.

Na metade do caminho, fazendo a curva na passarela, Richard soube que tinha encontrado o que estava procurando: algo que não era comum, como as bibliotecas, ou mesmo as estranhas salas e corredores.

Uma plataforma larga na passarela diante do local onde uma porta estivera estava cheia de fragmentos negros de pedra, lascas, e pó. Pedacos de madeira da porta agora flutuavam na água escura além do gradil de ferro. O próprio portal tinha sido estourado, e agora talvez tivesse duas vezes o seu tamanho anterior. As bordas irregulares estavam enegrecidas, e em alguns lugares a própria pedra estava derretida como a cera de uma vela. Marcas escuras espalhadas na parede de pedra corriam em todas as direções a partir da abertura, como se relâmpagos tivessem deslizado pela parede e queimado ela.

— Isso não é antigo. — Richard disse, passando os dedos na mancha escura.

— Como pode dizer isso? — Berdine perguntou enquanto observava ao redor.

— Olhe. Está vendo ali? O mofo e o limo foram queimados, removidos da pedra, e ainda não tiveram tempo de crescer novamente. Isso aconteceu recentemente, em algum momento durante os últimos meses.

A sala era arredondada por dentro, talvez com sessenta pés de largura, suas paredes queimadas com linhas irregulares como se relâmpagos tivessem se espalhado pelo local. Um muro de pedra circular dominava o centro, como um enorme poço, com quase a metade da largura da sala. Richard inclinou-se sobre o muro da altura de sua cintura, levantando o globo brilhante. Os muros de pedra lisos do buraco desciam eternamente. Ele podia ver pedra por centenas de pés antes que a luz não conseguisse penetrar mais longe. Parecia não ter fundo.

Acima havia um teto com um domo quase tão alto quanto a largura da sala. Não havia janelas ou outras portas. Do outro lado da sala, Richard podia ver uma mesa e algumas estantes.

Quando eles contornaram o poço, ele viu o corpo, deitado no chão ao lado de uma cadeira. Tudo o que restou foram ossos dentro de algumas tiras de um manto. A maior parte do manto havia apodrecido fazia muito tempo, deixando o corpo envolvido apenas por um cinto de couro. As sandálias também ficaram. Quando ele tocou os ossos, eles esfarelaram como se fossem poeira.

— Ele esteve aqui durante muito tempo. — Berdine falou.

— Você está certa nisso.

— Lorde Rahl, olhe.

Richard levantou e olhou para a mesa onde ela apontou. Havia um tinteiro, seco talvez por séculos, uma pena de um lado, e um livro aberto. Richard curvou-se sobre ele e soprou uma nuvem de pó e fragmentos de pedra do livro.

— Está em Alto D'Haran. — ele disse quando o levantou perto da esfera cintilante.

— Deixe-me ver. — Os olhos dela se moveram de um lado para o outro enquanto ela estudava os estranhos caracteres. — Você tem razão.

— O que ele diz?

Ela segurou os livros nas duas mãos cuidadosamente. — Isso é muito antigo. O dialeto é mais antigo do que qualquer um que eu já vi.

— Darken Rahl me mostrou um antigo dialeto que ele disse ter mais de dois mil anos. — Ela levantou os olhos. — Isso é mais antigo.

— Você consegue ler?

— Eu só consegui entender um pouco do livro que encontramos quando eu entrei na Fortaleza. — Ela avaliou a última página que tinha algo escrito. — Entendo muito menos esse. — ela disse quando virava algumas páginas.

Richard fez um gesto com impaciência. — Bem, consegue entender alguma parte?

Ela parou de virar as páginas e estudou o que estava escrito. — Acho que diz algo sobre finalmente obter sucesso, mas esse sucesso significa que ele morreria aqui. — Ela observou. — Está vendo? *drauka*. Acho que essa palavra é a mesma. *Morte*.

Berdine olhou para a capa de couro vazia, então voltou a folhear as páginas.

Finalmente seus olhos azuis levantaram. — Acho que é um diário. Acho que esse é o diário do homem que morreu aqui.

Richard sentiu calafrios em seus braços. — Berdine, isso é o que eu estava procurando. Isso é algo que não é comum, não é um livro como os outros que eu já vi, como na biblioteca. Consegue traduzir?

— Um pouco, talvez, mas não muito. — Ela ficou com uma expressão de desapontamento. — Sinto muito, Lorde Rahl. Simplesmente não conheço dialetos tão antigos. Acontece o mesmo problema que eu teria com o livro que nós vimos primeiro. Não conheço palavras o bastante para conseguir completar as lacunas corretamente. Eu só estaria fazendo suposições.

Richard beliscou o lábio inferior enquanto pensava. Ele olhou para os ossos, imaginando o que este mago estaria fazendo nesta sala, e o que havia mantido ela selada, e pior ainda, o que tinha aberto ela.

Richard virou de volta para ela. — Berdine! Aquele livro lá em cima. Eu conheço aquele livro. Conheço a história. Se eu ajudasse você, falando o que eu lembro do que ele diz, isso poderia ajudar a decifrar as palavras, e então usar essas palavras traduzidas para ajudar a traduzir esse diário?

Quando ela pensava naquilo, seu rosto se iluminou. — Se trabalhássemos juntos, poderia funcionar. Se você conseguisse me dizer o que uma frase diz, então eu seria capaz de saber o significado de palavras que eu não reconheço. Podemos conseguir fazer isso.

Richard fechou o diário cuidadosamente. — Você segura isso protegendo com sua vida. Eu vou segurar a luz. Vamos sair daqui.

— Nós temos o que viemos buscar.

Quando ele e Berdine passaram pelo portal, Cara e Raina praticamente deram um pulo de alívio. Richard até mesmo viu Ulic e Egan fecharem os olhos soltando um suspiro e um agradecimento silencioso aos bons espíritos por uma prece atendida.

— Tem Mriswith na Fortaleza. — Berdine falou para as outras duas mulheres no meio da enxurrada de perguntas que elas faziam.

Cara arfou. — Quantos você teve que matar, Lorde Rahl?

— Nenhum. Eles não atacaram. Não estamos em perigo por causa deles. Mas havia o bastante de outros perigos. — Ele ignorou as perguntas nervosas dela. — Falaremos sobre isso mais tarde. Com ajuda de Berdine, eu encontrei o que estava procurando.

Ele deu um tapinha no diário nas mãos de Berdine. — Precisamos voltar e começar a traduzir ele. — Ele pegou o livro de cima da mesa e entregou a Berdine.

Quando começou a andar na direção da saída, ele parou e virou novamente para Cara e Raina. — Uh, enquanto eu estava lá embaixo, e

estava pensando que poderia ser morto se fizesse alguma coisa errada, me ocorreu que eu não queria morrer sem dizer algo para vocês duas.

Richard enfiou as mãos nos bolsos enquanto se aproximava. — Percebi quando eu estava lá embaixo que nunca falei para vocês que sinto muito pelo modo como as tratei.

— Você não sabia que Berdine estava sob um feitiço, Lorde Rahl. — Cara disse. — Não culpamos você por querer nos manter longe.

— Eu não sabia que Berdine estava sob um feitiço, mas agora eu sei, e gostaria que soubessem que eu pensei mal de vocês injustamente. Vocês nunca me deram motivo. Sinto muito. Espero que vocês me perdoem.

Sorrisos brilharam nos rostos de Cara e Raina. Ele não imaginava que alguma vez eles tivessem parecido menos Mord-Sith do que nesse momento.

— Perdoamos você, Lorde Rahl. — Cara disse. Raina assentiu concordando. — Obrigada.

— O que aconteceu lá embaixo, Lorde Rahl? — Raina perguntou.

— Tivemos uma conversa sobre amizade. — Berdine respondeu.

Na base da estrada da Fortaleza, onde a cidade de Aydindril começava e outras estradas se juntavam para entrarem na cidade, havia um pequeno mercado, nada parecido com o da Rua Stentor, mas parecia servir para aqueles que chegavam com uma variedade de mercadorias.

Quando Richard estava passando, com seus cinco guarda-costas ao redor dele e sua escolta de tropas marchando logo atrás, algo chamou a atenção de seus olhos na fraca luz que desaparecia e ele parou diante de uma pequena mesa frágil.

— Gostaria de um de seus bolos de mel, Lorde Rahl? — uma pequena voz familiar perguntou.

Richard sorriu para a garotinha. — Quantos você ainda está me devendo?

A garota virou. — Vovó?

A velha levantou, apertando o cobertor esfarrapado em volta de si enquanto seus olhos desbotados fixados em Richard.

— Ora, ora. — ela disse com um sorriso, exibindo os espaços dos dentes que faltavam. — Lorde Rahl pode pegar quantos ele quiser, querida. — Ela baixou a cabeça fazendo reverência. — Muito bom ver que você está bem, meu Lorde Rahl.

— Você também... — Ele esperou pelo nome dela.

— Valdora. — ela disse. Ela passou uma das mãos pelo cabelo castanho claro da garotinha. — E esta é Holly.

— Fico feliz em ver vocês novamente, Valdora e Holly. O que estão fazendo aqui ao invés da Rua Stentor?

Valdora encolheu os ombros embaixo do cobertor. — Com o novo Lorde Rahl fazendo a cidade ficar segura, mais pessoas estão vindo o tempo todo, e talvez volte a ter atividade até mesmo na Fortaleza do Mago mais uma vez. Nós esperamos vender para algumas dessas novas pessoas.

— Bem, eu não acho que colocaria minhas esperanças no retorno de atividade da Fortaleza tão cedo, mas certamente vocês terão uma boa chance com esses novos que estão vindo para Aydindril. — Richard observou os bolos sobre a mesa. — Quantos eu ainda tenho?

Valdora riu. — Eu teria que cozinhar muito para pagar o que devo a você, Lorde Rahl.

Richard piscou para ela. — Vamos fazer o seguinte. Se eu puder ficar com um para cada um dos meus cinco amigos aqui, e um para mim, nossa barganha estará terminada.

O olhar de Valdora avaliou os cinco guardas dele. Ela baixou a cabeça novamente. — Está feito, Lorde Rahl. Você me deu mais satisfação do que jamais poderá imaginar.

CAPÍTULO 38

Enquanto Verna seguia apressada na direção do portão do terreno da Prelada, ela notou Kevin Andellmere montando guarda na escuridão. Ela estava impaciente para chegar ao Santuário, para dizer a Ann que finalmente havia descoberto, e que agora sabia que quase todas as Irmãs eram leais com a Luz, mas não tinha visto Kevin durante semanas.

Independente de seu coração estar batendo apressado, ela parou.

— Kevin, é você?

O jovem soldado fez uma reverência. — Sim, Prelada.

— Não tenho visto você por aqui faz um bom tempo, não é mesmo?

— Não, Prelada. Bollesdun, Walsh, e eu fomos chamados de volta ao nosso comando.

— Por quê?

Kevin jogou o peso do corpo sobre a outra perna. — Eu não tenho certeza, exatamente. Meu comandante estava curioso a respeito do feitiço sobre o Palácio, eu acho. Conheço ele faz quase quinze anos, e ele envelheceu. Ele queria ver com seus próprios olhos se era verdade que nós não tínhamos envelhecido. Ele disse que Bollesdun, Walsh, e eu estávamos com a mesma aparência de quando ele nos viu pela primeira vez, quinze anos atrás. Disse que duvidou quando ouviu falar, mas que agora acreditava. Fez seus comandantes que nos conheciam verem por si mesmos.

Verna sentiu sua testa se encher de gotas de suor. Com uma súbita onda fria de compreensão, ela soube por que o Imperador vinha até o Palácio dos Profetas. Precisava dizer para a Prelada. Não havia tempo a perder.

— Kevin, você é um soldado leal ao Império, da Ordem Imperial?

Kevin deslizou a mão no seu pique. A voz dele hesitou. — Sim, Prelada. Quer dizer, quando a Ordem conquistou minha terra natal, eu tive pouca escolha; fui transformado em soldado na Ordem. Lutei por algum tempo no norte, perto das florestas. Então, quando a Ordem tomou nosso reino, fui informado que eu era um soldado para a Ordem, e designado para o Palácio.

— Não consegui um trabalho de guarda melhor do que esse. Estou de feliz em estar de volta na guarda de seu terreno. Bollesdun e Walsh também estão felizes por estarem de volta, aos seus postos no terreno do Profeta.

— Pelo menos meus oficiais sempre me trataram de forma decente, e eu sempre recebo. Não é muito, mas sempre recebo, e vejo muitas pessoas que não tem trabalho, e passam dificuldade para se alimentar.

Verna colocou uma das mãos no braço dele. — Kevin, o que você acha de Richard?

— Richard? — Um sorriso surgiu no rosto dele. — Eu gostei de Richard. Ele comprou chocolates caros para que eu desse para minha garota.

— Isso é tudo que ele significa para você? Chocolates?

Ele coçou a sobrancelha. — Não... Não queria dizer isso. Richard era... um homem bom.

— Você sabe por que ele comprou aqueles chocolates para você?

— Porque ele era uma boa pessoa. Se preocupava com as pessoas.

Verna assentiu. — Sim, ele se preocupava. Ele esperava que dando a você chocolates, quando chegasse a hora dele fugir, isso faria você ver ele como um amigo e impediria que lutasse com ele para que não fosse obrigado a matá-lo. Ele não queria você como um inimigo tentando matar ele.

— Matar ele? Prelada, eu nunca teria...

— Se ele não tivesse sido gentil com você, você poderia ter sido leal ao Palácio, e tentaria impedir ele.

Ele olhou para o chão. — Eu vi ele usar sua espada. Acho que o presente foi mais do que chocolates.

— Foi mesmo. Kevin, se chegar uma hora, e você tiver que escolher entre Richard, ou a Ordem, qual você escolheria?

O rosto dele se contorceu de desconforto. — Prelada, eu sou um soldado. — Ele soltou um grunhido. — Mas Richard é um amigo. Acho que se eu tivesse que fazer isso, teria muita dificuldade em levantar uma espada contra um amigo. Qualquer um da guarda do Palácio teria.

— Todos eles gostam dele.

Ela apertou o braço dele. — Seja leal aos seus amigos, Kevin, e você ficará bem. Seja leal a Richard, e isso salvará você.

Ele assentiu. — Obrigado, Prelada. Mas não tenho medo de ter que escolher.

— Kevin, me escute. O Imperador é um homem mau. — Kevin não falou nada. — Apenas lembre disso. E guarde minhas palavras com você, está bem?

— Sim, Prelada.

Quando Verna marchou para dentro de seu escritório externo, Phoebe levantou parcialmente da cadeira quando a viu. — Boa noite, Prelada.

— Tenho que orar por orientação, Phoebe. Nenhuma visita.

Algo que Kevin falou repentinamente surgiu em sua mente. Isso não fazia sentido. — Os guardas Bollesdun e Walsh foram designados para o terreno do Profeta. Nós não temos um profeta. Descubra porque eles estão lá e quem ordenou isso, e como a primeira coisa da manhã, me dê um relatório. — Verna balançou um dedo. — A primeira coisa.

— Verna... — Phoebe mergulhou de volta em sua cadeira e olhou para sua mesa. A Irmã Dulcinia virou o rosto branco para o outro lado,

colocando sua atenção nos relatórios dela. — Verna, tem algumas Irmãs aqui para falar com você. Elas estão esperando lá dentro.

— Não dei permissão a ninguém de esperar no meu escritório!

Phoebe não levantou os olhos. — Eu sei. Prelada, mas...

— Vou cuidar disso. Obrigada, Phoebe.

Verna estava com uma máscara de fúria quando entrou no seu escritório. Ninguém tinha permissão de entrar no escritório dela sem a permissão explícita dela. Ela não tinha tempo a perder com besteiras. Havia descoberto como diferenciar as Irmãs da Luz das Irmãs do Escuro, e sabia por que o Imperador Jagang vinha para Tanimura, para o Palácio dos Profetas. Precisava enviar uma mensagem para Ann. Tinha que saber o que ela faria.

Viu as figuras de quatro mulheres na sala escura enquanto se aproximava. — Qual é o significado disso!

Verna reconheceu a Irmã Leoma quando ela deu um passo adiante dentro da luz da vela.

E então, num flash cegante de dor, o mundo escureceu.

— Faça o que eu digo, Nathan.

Ele se inclinou na direção dela, uma boa distância, considerando a diferença de altura deles, e rangeu os dentes.

— Você poderia pelo menos me dar acesso ao meu Han! Como posso protegê-la?

Ann observou na escuridão quando a coluna de quinhentos homens seguiam Lorde Rahl subindo a estrada. — Não quero que você me proteja. Não podemos arriscar. Você sabe o que fazer. Não deve interferir até que ele tenha me resgatado, ou não teríamos chance de capturar alguém tão perigoso.

— E se ele não resgatar você?

Ann tentou não pensar nessa possibilidade. tentou não pensar no que aconteceria até mesmo se os eventos seguissem pela ramificação correta. — Agora eu devo ensinar um profeta sobre profecia? Você precisa deixar isso acontecer. Mais tarde, eu removerei o bloqueio. Agora, leve os cavalos até um estábulo para passarem a noite. Certifique-se de que eles sejam bem alimentados.

Nathan pegou as rédeas da mão dela. — Que seja do seu jeito, mulher. — Ele virou para trás. — É melhor você torcer para que eu nunca consiga tirar essa coleira, ou vamos ter uma longa conversa. Entretanto, você não será capaz de executar sua parte na conversa adequadamente, porque estará amarrada e amordaçada.

Ann riu. — Nathan, você é um homem bom. Confio em você. Deve confiar em mim.

Ele balançou um dedo para ela. — Se você acabar se matando...

— Eu sei, Nathan.

Ele grunhiu. — E dizem que eu sou o louco. — Ele virou para ela novamente. — Pelo menos poderia arranjar alguma coisa para você comer. Não comeu o dia todo. Tem um mercado logo ali. Prometa que pelo menos vai comer alguma coisa.

— Eu não...

— Prometa!

Ann suspirou. — Está bem, Nathan. Se isso vai deixar você feliz, vou comer alguma coisa. Mas não estou com muita fome. — Ele levantou um dedo como um aviso. — Eu disse que prometo. Agora vá em frente.

Depois que ele finalmente saiu com os cavalos, ela seguiu na direção da Fortaleza. O estômago dela ficou embrulhado por causa do medo de caminhar para dentro de uma profecia cegamente. Não gostava da ideia de entrar na Fortaleza outra vez, mas gostava ainda menos considerando a profecia envolvida. Mesmo assim, tinha que fazer isso. Era o único jeito.

— Bolo de mel, madame? Custam apenas uma moeda, e são muito bons.

Verna olhou para a garotinha no grande casaco em pé atrás de uma mesinha frágil. Bolo de mel. Bem, não tinha prometido o que comeria. Um bolo de mel serviria.

Ann sorriu para o rostinho bonito. — Sozinha aqui durante a noite?

A garota virou e apontou. — Não, minha Senhora, minha avó está aqui comigo.

Uma mulher agachada estava enrolada, toda coberta por um cobertor esfarrapado, aparentemente dormindo. Verna enfiou a mão em um bolso e tirou uma moeda.

— Uma moeda de prata para você, minha querida. Parece que você precisa mais do que eu.

— Oh, obrigada, minha Senhora. — Ela tirou um bolo de mel da parte de baixo da mesa. — Por favor pegue este. É um dos especiais, com mais mel. Eu guardo eles para as pessoas mais gentis que param na minha mesa.

Ann sorriu enquanto balançava o bolo de mel. — Bem, obrigada minha querida.

Quando Ann começou a subir a estrada até a Fortaleza, a garotinha começou a arrumar suas coisas.

Ann provou o doce bolo de mel enquanto observava as pessoas perambulando pelo pequeno mercado, procurando por alguém que pudesse causar problemas. Não viu ninguém que parecesse perigoso, mas sabia que um seria. Concentrou sua atenção na estrada lá atrás. O que será, será. Ela ficou imaginando se isso realmente aliviaria a ansiedade se ela soubesse como aconteceria. Provavelmente não.

Na escuridão, ninguém viu ela tomar a estrada para a Fortaleza, e finalmente ela estava sozinha. Gostaria que Nathan estivesse com ela, mas de certo modo, era bom estar finalmente sozinha, mesmo que por um tempo curto. Isso lhe deu tempo, sem a presença de Nathan, de pensar sobre a sua vida, e que mudanças isso significaria. Tantos anos.

De uma maneira, o que ela estava fazendo era como condenar à morte aqueles que ela amava. Que escolha havia?

Ela lambeu os dedos quando terminou de comer o bolo de mel. Isso tinha acalmado seu estômago, como ela esperava que aconteceria. No momento em que ela passou por baixo da porta corrediça de ferro, o estômago dela estava agitado. O que estava errado com ela? Tinha encarado perigos antes. Talvez, enquanto ficava mais velha, considerasse a vida mais preciosa, e se agarrasse a ela com mais tenacidade, temendo deixá-la escapulir.

Na hora em que ela acendeu uma vela dentro da Fortaleza, ela soube que alguma coisa estava errada. Sentia como se estivesse pegando fogo. Os olhos dela ardiam. Sua juntas estavam doendo. Estava doente? Querido Criador, não agora. Ela precisava de força.

Quando sentiu a dor aguda debaixo do osso esterno, ela cruzou um braço por cima do estômago e desabou em uma cadeira. Grunhiu enquanto o quarto girava. O que estava...?

O bolo de mel.

nunca lhe ocorreu que pudesse acontecer desse jeito. Estivera imaginando como alguém poderia superar o poder dela; ela não estava sem o seu Han, afinal de contas, e ele era forte nela, mais forte do que em quase qualquer outra feiticeira. Como ela poderia ter sido tão estúpida? ela se curvou na cadeira com uma repentina chicotada de dor.

Na sua visão turva, ela viu duas figuras entrarem na sala, uma baixa, outra alta. Duas? Ela não esperava duas. Querido Criador, duas poderia arruinar tudo.

— Bem, bem. Vejam o que a noite trouxe para mim.

Fazendo um grande esforço, Ann levantou a cabeça. — Quem... é?

Elas chegaram mais perto. — Não lembra de mim? — A velha no cobertor gargalhou. — Não me reconhece, toda velha e acabada? Bem, a culpa é sua por isso. Devo dizer que, você mal parece um dia mais velha. Eu ainda poderia ter minha juventude, se não fosse por sua causa, minha querida, querida, Prelada. Então você me reconheceria.

Ann arfou enquanto a dor espalhava-se nela.

— O bolo de mel não caiu muito bem?

— Quem...

A velha colocou as mãos nos joelhos e se inclinou. — Ora, Prelada, certamente você deve lembrar? Prometi que você pagaria pelo que fez comigo. E nem ao menos lembra da coisa cruel que você fez? Isso significou tão pouco para você?

Os olhos de Ann ficaram arregalados com o reconhecimento repentino. Nunca teria reconhecido ela depois de todos esses anos, mas a voz, a voz era a mesma. — Valdora.

A velha gargalhou novamente. — Bem, querida Prelada, Estou honrada que tenha lembrado de alguém tão baixa quanto eu. — Ela fez uma reverência exagerada. — Espero que também lembre daquilo que eu prometi a você. Você lembra, não lembra? Prometi ver você morta.

Ann sentiu sua queda no chão enquanto se contorcia em agonia. — Pensei que... depois que você... refletisse em suas ações... veria as coisas erradas e suas maneiras. Agora eu posso ver, que... eu estava certa em colocar você para fora... do Palácio. Você... não tem o direito de servir como uma Irmã.

— Oh, não se preocupe, Prelada. Eu comecei o meu próprio Palácio. Minha neta aqui é minha aluna, minha noviça. Ensinei ela melhor do que suas Irmãs poderiam ensinar. Ensinei tudo para ela.

— Ensinou ela... a envenenar pessoas?

Valdora riu. — Oh, o veneno não vai matá-la. Apenas uma coisinha para incapacitá-la até que eu pudesse prender você em uma teia. Não vai morrer tão facilmente. — Ela se inclinou chegando mais perto, sua voz fluindo como veneno.

— Você terá uma morte bem lenta, Prelada. Poe até mesmo durar até de manhã. Uma pessoa pode morrer mil vezes em uma simples noite.

— Como você poderia... saber... que eu viria?

A mulher levantou o corpo. — Oh, eu não sabia. Quando eu vi o Lorde Rahl, e ele me deu uma e suas moedas, pensei que ele poderia acabar trazendo para mim também uma Irmã. Eu não tinha ideia, nem em minhas esperanças mais fortes, de que ele fosse trazer a própria Prelada. Entregue direto nas minhas mãos. Ora, ora, que maravilha. Não, eu nunca ousei ter essa esperança. Eu ficaria mais do que feliz apenas em arrancar a pele de uma das suas Irmãs, ou até mesmo de seu aluno, Lorde Rahl, para causar dor em você. Mas agora eu posso realizar os meus desejos mais profundos e sombrios.

Ann tentou invocar o seu Han. Através da camada de dor, ela percebeu que o bolo de mel continha mais do que simples veneno. Ele também foi banhado por um feitiço.

Querido Criador, isso não está acontecendo como deveria.

A sala estava ficando escura. Ela sentiu uma pontada de dor no escalpo. Ela sentiu a pedra esfregar pelas costas. Viu o belo rosto sorridente da garota passando ao seu lado.

— Eu te perdoo criança. — Ann sussurrou.

E então a escuridão a engoliu.

CAPÍTULO 39

Kahlan segurava o braço de Adie em uma das mãos e a espada na outra enquanto elas corriam. Na escuridão, as duas tropeçaram em Orsk, caindo no chão. Kahlan afastou a mão da massa quente das tripas dele na neve.

— Como... como ele poderia estar aqui!

Adie arfou, tentando recuperar o fôlego. — Isso ser impossível.

— Tem luz da lua suficiente para enxergar. Sei que não estamos andando em círculos. — Ela bateu rapidamente na neve, limpando o sangue das mãos. Levantou depressa, puxando Adie com ela. Tinha corpos, cobertos por capas vermelhas, espalhados por toda parte. Eles tiveram apenas uma luta. Não poderia haver outros corpos. E Orsk...

Kahlan moveu seu olhar pela fileira de árvores, procurando pelos homens nos cavalos. — Adie, lembra da visão que Jebra teve? Ela me viu andando em círculos.

Adie limpou a neve do rosto. — Mas como?

Kahlan sabia que Adie não poderia correr muito mais. Tinha usado seu poder para lutar, e estava quase morta de exaustão. A força da magia dela liberada tinha sido um terror para os atacantes, mas havia muitos deles.

O próprio Orsk deve ter acabado com vinte ou trinta. Kahlan não tinha visto Orsk ser morto, mas essa era a terceira vez que encontrava o corpo dele. Ele quase foi partido em dois.

— Qual caminho você acha que devemos seguir para fugir? — ela pediu para a feiticeira.

— Eles estar lá atrás. — Adie apontou. — Nós devemos ir por este caminho.

— É isso que eu penso também. — Ela puxou Adie para o outro lado. — Estivemos fazendo o que achávamos que deveríamos, e não está

funcionando. Temos que tentar alguma outra coisa. Vamos lá. Devemos fazer o que achamos estar errado.

— Poderia ser um feitiço. — Adie observou. — Se for, você estar certa. Eu estar cansada demais para sentir se é um feitiço.

Elas avançaram através dos arbustos e descendo por uma ladeira escarpada, meio correndo, meio escorregando na neve. Antes que chegasse na borda ela viu os cavaleiros correndo do meio da camada de árvores. A neve lá no fundo estava remexida formando bancos profundos. As duas seguiram com dificuldade através deles na direção das árvores. Era como tentar correr dentro da lama.

De repente um homem saiu do meio da noite e desceu pela ladeira atrás delas. Kahlan não esperou que Adie tentasse usar a magia dela. Não haveria tempo se ela falhasse.

Kahlan virou, girando a espada. O homem na capa vermelha levantou a espada de forma defensiva enquanto avançava. Ele usava uma armadura peitoral. O golpe dela seria desperdiçado em sua armadura. Ele estava protegendo o rosto, uma reação instintiva, mas um movimento fatal contra alguém treinado pelo pai dela, o Rei Wyborn. Homens de armadura lutavam com falsa confiança.

Ao invés disso, com toda sua força, Kahlan dirigiu a espada para baixo. Ela parou repentinamente quando bateu no fêmur dele. O homem, com o músculo de sua coxa lascado, desabou soltando um grito.

Outro homem saltou por cima dele na direção delas. Sua capa vermelha ondulou aberta no ar da noite. Kahlan levantou sua espada, cortando a parte interna da coxa dele, cortando a artéria. Quando ele caiu passando por ela, ela esfacelou seu tendão.

O primeiro gritou em pânico. O segundo homem praguejou com toda força de seus pulmões, gritando para ela todos os palavrões que já tinha escutado enquanto rastejava adiante, agitando sua espada, provocando-a a ousar lutar com ele.

Kahlan lembrou do conselho de seu pai: palavras não podem cortar você. Preocupe-se apenas com o aço. Lute apenas contra o aço. Ela não

perdeu tempo acabando com eles; provavelmente eles sangrariam até a morte na neve, e mesmo se isso não acontecesse, aleijados como estavam, não conseguiriam ir atrás dela. Agarrando uma no braço da outra, ela e Adie correram para as árvores.

Ofegando na escuridão, elas abriram caminho através das árvores incrustadas de neve. Kahlan percebeu que Adie estava tremendo. Tinha perdido sua capa logo no início. Kahlan retirou seu manto de pele de lobo e colocou em volta dos ombros de Adie.

— Não, criança. — Adie começou a protestar.

— Use isso. — Kahlan ordenou. — Estou suando, e de qualquer maneira, ela só deixa minha espada lenta. — Na verdade, o braço com a espada estava tão cansado que ela mal conseguia levantar a coisa, muito menos balançá-la. Apenas o medo dava poder aos seus músculos. Por enquanto, isso era o bastante.

Kahlan não sabia mais para onde estava correndo. As duas simplesmente corriam para salvar suas vidas. Quando ela queria ir para a direita, ao invés disso, seguia para a esquerda. As árvores pelas quais elas passaram eram espessas demais para ver as estrelas, ou a lua.

Ela precisava fugir. Richard estava em perigo. Richard precisava dela. Ela precisava chegar até ele. Agora Zedd deveria estar lá, mas alguma coisa poderia dar errado. Zedd poderia não ter conseguido. Ela precisava fazer isso.

Kahlan empurrou um galho de bálsamo para o lado, entrando com esforço em uma pequena área aberta quase livre de neve. Ela parou bruscamente. Diante dela estavam dois cavalos.

Tobias Brogan, o Lorde General do Sangue da Congregação, sorriu para ela. Uma mulher coberta de farrapos de pano coloridos estava sentada em um cavalo ao lado dele.

Brogan alisou o seu bigode. — E o que temos aqui?

— Duas viajantes. — Kahlan falou com uma voz tão fria quanto o ar de inverno. — Desde quando o Sangue da Congregação passou a roubar e assassinar viajantes indefesos?

— Viajantes indefesos? Dificilmente. Vocês duas devem ter acabado com mais de cem dos meus homens.

— Estivemos defendendo nossas vidas do Sangue da Congregação, que pensa que pode escapar livre disso, e ataca pessoas que nem ao menos conhece.

— Oh, eu conheço você, Kahlan Amnell, Rainha de Galea. Sei mais do que você pensa. Sei quem você ser.

O punho de Kahlan apertou firme no cabo da espada.

Brogan aproximou seu grande cavalo cinzento malhado, com um terrível sorriso em seu rosto. Ele descansou um braço sobre o cabeçote da sela quando se inclinou para frente, seus olhos escuros encarando ela com sua malevolência.

— Você, Kahlan Amnell, ser a Madre Confessora. Vejo você por quem você ser, e você ser a Madre Confessora.

Os músculos de Kahlan ficaram tensos, o ar preso nos pulmões. Como ele poderia saber isso? Será que Zedd removeu o feitiço? Será que aconteceu alguma coisa com Zedd? Queridos espíritos, se alguma coisa aconteceu com Zedd...

Comum grito de fúria, ela balançou a espada com um giro poderoso. Ao mesmo tempo, a mulher nos panos esfarrapados balançou uma das mãos. Com um grunhido de esforço, Adie lançou um escudo. O golpe de ar da mulher sobre o cavalo passou roçando no rosto de Kahlan, balançando seu cabelo. O escudo de Adie salvou ela.

A espada de Kahlan brilhou na luz do luar. O ar da noite estalou quando a lâmina dela partiu a perna do cavalo debaixo de Brogan.

O cavalo relinchou quando bateu no chão, lançando Brogan no meio das árvores. Ao mesmo tempo, uma língua de fogo de Adie envolveu a cabeça do outro cavalo. Ele empinou loucamente, jogando a mulher que agora Kahlan sabia ser uma feiticeira também.

Kahlan agarrou a mão de Adie e arrastou ela. Elas mergulharam dentro dos arbustos desesperadamente. Ao redor, ela podia ouvir homens e

cavalos cruzando entre as árvores. Kahlan não tentou pensar para onde estava indo; simplesmente correu.

Havia uma coisa da qual não tinha lançado mão, ainda; ela estava economizando seu poder como último recurso. Ele só poderia ser usado uma vez, e então levaria horas para recuperar. A maioria das Confessoras precisava de um dia ou dois para recuperar sua magia. O fato de Kahlan conseguir recuperar seu poder dentro de aproximadamente duas horas fazia com que ela fosse considerada a Confessora mais poderosa que já nasceu. Agora, esse poder não parecia muita coisa. Uma chance.

— Adie.— Kahlan arfou, tentando recuperar o fôlego. — Se você conseguir, caso eles nos alcancem, tente fazer uma das duas mulheres ficar mais lenta.

Adie não precisou de maior explicação. Ela entendeu; as duas mulheres que as perseguiam eram feiticeiras. Se Kahlan tivesse que usar seu poder, essa seria a melhor maneira de usá-lo.

Kahlan agachou evitando um flash de luz. Uma árvore ao lado delas desabou com um rugido ensurdecedor. Enquanto a neve baixava em nuvens, a outra mulher, aquela que estava a pé, marchou adiante.

Ao lado da mulher havia uma criatura escamosa escura, parecendo meio homem, meio lagarto. Kahlan ouviu um grito sair de sua garganta. Parecia que os seus ossos queiram saltar de sua carne.

— Já tive o bastante dessa besteira. — a mulher disse enquanto avançava caminhando, a coisa escamosa ao lado dela.

Mriswith. Tinha que ser um Mriswith. Richard descreveu eles. Essa criatura de pesadelo só poderia ser um Mriswith.

Adie chegou mais perto correndo, lançando centelhas luminosas na direção da mulher. A mulher balançou a mão, quase de modo indiferente, e Adie caiu, as centelhas espalhando-se inofensivas na neve.

A mulher curvou, segurou o pulso de Adie, e jogou-a para longe como uma galinha para ser depenada mais tarde. Kahlan entrou rapidamente em ação, mergulhando para frente com sua espada.

A coisa, o Mriswith, passou na frente dela como uma rajada de vento. Ela viu a capa negra dele esvoaçando aberta enquanto ele se movia. Escutou o som de aço.

Ela percebeu que estava de joelhos. A mão vazia que estava com a espada latejava e formigava. Como ele poderia se mover tão rápido?

Quando ela ergueu os olhos, a mulher estava mais perto. A mão dela levantou, e o ar cintilou. Kahlan sentiu um golpe no rosto.

Ela piscou tirando o sangue dos olhos, vendo a mulher levantar a mão outra vez, os dedos dela curvando.

Os braços da mulher de repente levantaram no ar quando ela foi atingida por trás por uma pancada forte. Adie deve ter usado tudo que lhe restava. O disparo de magia invisível de Adie, sólido como um martelo, atirou a mulher para frente. Kahlan segurou a mão dela quando ela tentou desesperadamente afastá-la.

Era tarde demais. Tudo ficou mais lento na mente de Kahlan. A feiticeira pareceu estar suspensa no meio do ar, Kahlan segurando sua mão. Agora o tempo estava ao lado de Kahlan. Tinha todo o tempo do mundo.

A feiticeira começou a arfar. Ela começou a levantar os olhos. Ela começou a se encolher. No calmo centro de seu poder, de sua magia, Kahlan estava no controle. A mulher não teve chance alguma.

Enquanto Kahlan observava, ela podia sentir a magia no interior, a magia de Confessora, correr por cada fibra do seu ser, gritando progressivamente.

Naquele lugar dentro de sua mente onde o tempo não existia, Kahlan liberou seu poder.

O trovão sem som correu pela noite.

Quando a concussão se espalhou através do ar, até mesmo as estrelas acima pareceram tremer, como se um punho celestial tivesse golpeado o grande sino silencioso do céu noturno.

O choque agitou as árvores. Um anel de neve levantou, formando um vagalhão.

O impacto da magia havia derrubado o Mriswith.

A mulher olhou para cima, seu olhos arregalados, seus músculos flácidos.

— Minha Senhora. — ela sussurrou. — ordene.

Homens estavam saindo do meio das árvores. O Mriswith levantava cambaleante.

— Proteja-me!

A feiticeira levantou, girando com uma das mão levantadas. A noite se iluminou.

Relâmpagos rasgaram através das árvores em um arco. Troncos de árvores explodiram quando a linha de luz ondulante passou através deles. Madeira estilhaçada girou pelo ar, lançando fumaça. Os homens não estavam menos indefesos diante da violência cortante do que as árvores. Nem mesmo um grito escapou deles, nem eles teriam sido escutados no meio do pandemônio.

O Mriswith saltou na direção dela. Escamas, como as penas de um pássaro atingido por uma pedra lançada com uma funda, encheram o ar.

A noite rugiu com fogo. O ar estava carregado com fogo, carne e ossos.

Kahlan limpou sangue de seus olhos, tentando enxergar, enquanto ela se arrastava para trás pela neve. Precisava escapar. Tinha que encontrar Adie.

Ela bateu em alguma coisa. Pensou que deveria ser uma árvore. Um punho a segurou pelo cabelo. Ela buscou seu poder, percebendo tarde demais que ele se foi.

Kahlan cuspiu sangue da boca. Seus ouvidos latejaram. E então houve dor. Ela não conseguiu levantar.

Sua cabeça caiu como se uma árvore tivesse caído sobre ela. Escutou uma voz acima dela.

— Lunetta, acabe com isso imediatamente.

Kahlan virou a cabeça na neve e viu a feiticeira que ela havia tocado com seu poder parecer ficar maior, explodir em pedaços. Os braços dela voaram em duas direções diferentes. Isso foi tudo que Kahlan conseguiu perceber enquanto uma nuvem vermelha cobriu o ar onde a mulher estivera.

Kahlan desmoronou na neve. Não. Ela não podia desistir. Ela virou ficando de joelhos, sacando sua faca. A bota de Brogan acertou o estômago dela.

Olhando para as estrelas, ela tentou respirar. Não conseguia. O pânico espalhou-se nela enquanto tentava conseguir ar. Ele não entrava em seus pulmões. Os músculos de seu estômago contorceram em espasmos, mas ela não conseguia respirar.

Brogan ajoelhou ao lado dela, levantando ela pela camisa. A respiração finalmente veio de forma irregular.

— Finalmente. — ele sussurrou. — Finalmente, eu tenho o prêmio dos prêmios. O bichinho mais precioso do Guardiã, a própria Madre Confessora. Oh, você não tem ideia do quanto eu sonhei com esse dia. — Ele bateu na mandíbula dela com a costa da mão.

— Não tem ideia mesmo.

Kahlan lutava por ar enquanto Brogan arrancava a faca de sua mão. Ela se esforçou para evitar que sua mente apagasse. Tinha que continuar consciente se queria pensar, se fosse lutar.

— Lunetta!

— Sim, meu Lorde General, eu estou aqui.

Kahlan sentiu os botões de sua camisa pulando quando ele abriu com um puxão. Ela ergueu um braço fraco para afastar as mãos dele.

Ele bateu no braço dela. Seus braços pareciam pesados demais para levantar.

— Primeiro, Lunetta, devemos dominar ela antes que seu poder retorne. Então teremos todo o tempo que nós queremos para interrogá-la antes que ela pague por seus crimes.

Ele se inclinou chegando mais perto na luz do luar, colocando um joelho no estômago dela, segurando-a no chão. Ela lutou para colocar o ar de volta nos pulmões, mas ele saiu junto com um grito quando os dedos brutais dele apertaram seu mamilo esquerdo.

Ela viu a faca levantar na outra mão dele.

Com olhos arregalados, ela viu um brilho branco na frente do sorriso de Brogan. Sob a luz da lua, três lâminas surgiram diante do rosto sem sangue dele. Os olhos de Kahlan, junto com os de Brogan, viraram para ver dois Mriswith acima deles.

— Ssssolte ela. — o Mriswith sibilou. — ou morra. Kahlan colocou a mão sobre a dor aguda no seio quando ele fez como foi ordenado. Os olhos dela ficaram úmidos com a intensidade da dor. Pelo menos isso ajudava a limpar o sangue deles.

— Qual ser o significado disso. — Brogan rosou. — Ela ser minha. O Criador deseja que ela seja punida!

— Você fará como o Andarilho dos Sonhos ordena, ou vai morrer.

Brogan inclinou a cabeça. — Ele quer isso? — O Mriswith sibilou confirmando. — Eu não entendo...

— Você questiona?

— Não. Não, claro que não. Será como você aconselha, criatura sagrada.

Kahlan estava com medo de sentar, esperando que em seguida, eles falassem para Brogan deixar que ela partisse. Brogan levantou, recuando.

Outro Mriswith apareceu com Adie, jogando ela no chão ao lado de Kahlan. A toque da feiticeira no braço de Kahlan falou sem palavras que ela

estava bem, mesmo que ferida e cortada. Adie colocou um braço em volta dos ombros de Kahlan e ajudou-a a sentar.

Kahlan sentia dor em toda parte. A mandíbula dela latejava onde Brogan tinha golpeado, seu estômago estava doendo, e sua testa formigava. Sangue ainda estava correndo dentro de seus olhos.

Um dos Mriswith selecionou dois anéis de uma certa quantidade que estavam em seu pulso, e jogou eles para a feiticeira que usava os farrapos de pano, Lunetta, Brogan tinha chamado ela. — A outra está morta. Você deve fazer isso no lugar dela.

Lunetta, parecendo confusa, segurou os anéis. — Fazer o quê?

— Use o seu dom para colocar isso em volta do pescoço delas, para que elas possam ser controladas.

Lunetta puxou e uma das coleiras estalou, abrindo. Ela pareceu surpresa, até mesmo alegre. Esticando os braços, ela se curvou sobre Adie.

— Por favor, irmã. — Adie sussurrou na língua nativa dela. — Eu ser da sua terra natal. Nos ajude.

Lunetta fez uma pausa, olhando dentro dos olhos de Adie.

— Lunetta! — Brogan chutou o traseiro dela. — Depressa. Faça como o Criador deseja.

Lunetta fechou a coleira de metal no pescoço de Adie, então se arrastou até Kahlan e fez o mesmo. Kahlan piscou ao ver o sorriso infantil que Lunetta mostrou para ela.

Depois que Lunetta endireitou o corpo, Kahlan levantou a mão e tocou na coleira. Na luz do luar, ela pensou que reconhecia aquilo, mas quando sentiu o metal liso e não conseguiu encontrar a emenda, teve certeza. Era um Rada'Han, como aquele que as Irmãs da Luz colocaram no pescoço de Richard. Sabia que aquelas feiticeiras usavam a coleira para controlar ele. O objetivo deveria ser o mesmo com elas: controlar seu poder. De repente Kahlan temeu o fato de que seu poder não retornaria em algumas horas.

Quando eles alcançaram a carruagem, Ahern estava lá, na ponta da lâmina de um Mriswith. Ele tinha falado para Kahlan, Adie, e Orsk pularem da carruagem em uma curva e que ele levaria os perseguidores para longe dela. Uma ação corajosa, audaciosa, que no final tinha falhado.

Subitamente Kahlan estava aliviada de ter feito todos os outros irem para Ebinissia, como planejado. Kahlan disse para Jebra cuidar de Cyrilla, e para o restante dos homens continuarem com seus planos de erguer Ebinissia das cinzas. A irmã de Kahlan estava em casa. Se Kahlan morresse, Galea ainda tinha uma Rainha.

Se ela tivesse trazido alguns desses jovens galantes, esses Mriswith, essas criaturas de pesadelo, teriam estripado todos eles, assim como fizeram com Orsk.

Ela sentiu uma pontada de tristeza por Orsk, e então foi empurrada para dentro da carruagem. Adie foi empurrada logo atrás dela. Kahlan escutou uma breve conversa, e então Lunetta subiu na carruagem, sentando de frente para Kahlan e Adie. Um Mriswith entrou e sentou ao lado de Lunetta, seus olhos pequenos observando as duas. Kahlan fechou a camisa e tentou limpar o sangue dos olhos.

Ela escutou mais conversa do lado de fora, alguma coisa sobre trocar as rodas da carruagem. Através da janela, ela viu Ahern, na ponta de uma espada, subir no assento do condutor. O homem de capa vermelha subiu atrás dele, e então outro dos Mriswith.

Kahlan sentiu suas pernas tremendo. Para onde estavam levando eles? Ela estava tão perto de Richard. Cerrou os dentes, contendo um gemido. Isso não era justo. Ela sentiu uma lágrima rolar por sua bochecha.

A mão de Adie escorregou entre as pernas delas, e pelo pequeno movimento contra sua coxa, ela reconheceu o conforto daquele toque.

O Mriswith inclinou-se na direção delas enquanto a fenda de sua boca parecia crescer em um sorriso forçado. Ele levantou a faca de três lâminas, balançando-a levemente diante dos olhos delas.

— Tentem essscapar, e eu cortarei a parte de baixo dos seus pés.
— Ele inclinou a cabeça lisa. — Entenderam?

Kahlan e Adie assentiram.

— Falem. — ele adicionou. — e eu corto suas línguassss.

Elas assentiram novamente.

Ele virou para Lunetta. — Com seu dom, através da coleira, sele o poder delas. Como eu mostrei. — Ele colocou uma garra na testa de Lunetta. — Entendeu?

Lunetta sorriu mostrando compreensão. — Sim. Entendi.

Kahlan ouviu Adie grunhir, e ao mesmo tempo ela sentiu alguma coisa apertar em seu próprio peito. Era o lugar onde sempre sentiu o seu poder. Apavorada, ela ficou imaginando se algum dia ele voltaria. Lembrou do vazio terrível quando o mago Kelteano usou sua magia para fazê-la perder a conexão com seu poder. Ela sabia o que deveria esperar.

— Ela sangra. — o Mriswith falou para Lunetta. — Você deve curá-la. O irmão de pele não ficaria feliz se ela ficasse com marcas.

Ela escutou o chicote estalar, e o assobio de Ahern. A carruagem moveu-se para frente. Lunetta inclinou-se para curar o ferimento dela.

Queridos espíritos, para onde eles a estavam levando?

CAPÍTULO 40

Os olhos de Ann ardiam com lágrimas enquanto um grito escapava de sua garganta. Fazia muito tempo que ela havia desistido de sua determinação de não gritar. Quem, além do Criador, escutaria ou se importaria?

Valdora levantou a faca, manchada de sangue. — Dói? — Um sorriso desdentado surgiu em seu rosto enquanto uma risada abriu caminho. — Será que você gosta quando outra pessoa decide o que vai acontecer com você? Foi isso que você fez. Decidiu como eu morreria. Você me negou a vida. A vida que eu poderia ter no Palácio. Eu ainda estaria jovem. Você escolheu deixar que eu morresse.

Ann se encolheu quando a ponta da faca espetou do lado do corpo dela. — Eu fiz uma pergunta. Prelada. Será que você gosta?

— Não mais do que você, eu diria.

O sorriso voltou. — Boom. Quero que você conheça a dor com a qual eu vivi todos esses anos.

— Deixei você com a mesma vida que todos os outros possuem. Uma vida para ser vivida como escolhesse. Você foi deixada com aquilo que o Criador deu a você, do mesmo jeito que todas as outras pessoas que nascem nesse mundo. Eu poderia ter feito você ser executada.

— Por lançar um feitiço! Eu sou uma feiticeira! Isso foi aquilo que o Criador me deu, e eu usei!

Mesmo que Ann soubesse que discutir não tinha sentido, ela preferia isso do que Valdora voltar ao seu trabalho silencioso com a faca.

— Usou o que Criador deu a você para tirar dos outros aquilo que eles não entregariam por vontade própria. Roubou a afeição deles, seus corações, suas vidas. Você não tinha o direito. Você pegou amostras de devoção como doces em uma feira. Prendeu eles a você com *encantos* e então jogou eles fora para tomar outros.

A faca espetou ela novamente. — E você me baniu!

— Quantas vidas você arruinou? Você foi aconselhada, foi avisada, foi punida. Mesmo assim, continuou. Somente depois de tudo isso você foi colocada para fora do Palácio dos Profetas.

Os ombros de Ann latejavam com uma leve dor. Ela estava esticada, nua, sobre uma mesa de madeira, seu pulsos amarrados com magia sobre a cabeça em uma ponta, e os tornozelos na outra. O feitiço machucava mais do que uma corda áspera. Ela estava tão indefesa quanto porco pendurado para sangrar.

Valdora tinha usado um feitiço, alguma outra coisa que ela havia aprendido sabe-se lá onde, para bloquear o Han de Ann. Ela podia sentir ele ali, como o calor de uma fogueira em uma noite de inferno, logo além de uma janela, convidativo, prometendo conforto, mas fora de alcance.

Ann olhou para cima, para a janela perto da parte de cima da parede na pequena sala de pedra. Era quase luz do dia. Porque ele não veio? Nesse momento ele já deveria ter vindo resgatá-la, então de algum modo ela o teria capturado. Mas ele não veio.

Ainda não era luz do dia. Ele ainda poderia vir. Querido Criador, faça com que ele venha logo.

A não ser que esse fosse o dia errado. O pânico correu por sua mente. E se eles tivessem errado os cálculos? Não. Ela e Nathan foram além dos gráficos. Esse era o dia certo, e além disso, eram os eventos, mais do que o próprio dia, que alimentavam a profecia. O fato de dela ter sido capturada dizia que esse era o dia certo. Se ela tivesse sido capturada uma semana antes, então aquele seria o dia certo. Esse dia estava dentro da janela de oportunidade. A profecia estava sendo cumprida. Mas onde ele estava?

Ann percebeu que o rosto de Valdora tinha sumido. Não estava ao lado dela. Ela deveria continuar falando. Deveria...

Sentiu uma repentina dor aguda quando a faca cortou a sola do pé esquerdo dela. Todo o seu corpo sacudiu forçando as amarras. Mais uma

vez o suor ensopou a sua testa e escorreu pelo couro cabeludo dela. mais uma vez a dor veio, outro corte, acompanhado por outro grito impotente.

Seus gritos reverberaram nas pedras enquanto Valdora cortava uma tira de carne da sola do pé dela.

Ela estava tremendo de forma incontrollável; sua cabeça virou para o lado. A garotinha, Holly, estava olhando dentro dos olhos dela.

Ann sentiu lágrimas descenderem por cima de seu nariz, entrando no outro olho, para finalmente caírem.

Tremendo, ela olhou fixamente dentro dos olhos de Holly, imaginando que coisas terríveis Valdora estaria ensinando para uma criança inocente. Ela transformaria o coração dessa pequena criatura em pedra.

Valdora levantou o pequeno pedaço de carne branca enrolada. — veja, Holly, como ela sai limpa, se fizer como eu digo. Gostaria de treinar sua mão, minha querida?

— Vovó. — Holly disse. — Temos que fazer isso? Ela não fez nada para nos ferir. Ela não é como as outras; ela nunca tentou nos machucar.

Valdora fez um gesto com a faca para dar ênfase. — Oh, mas ela machucou, querida. Ela me feriu. Roubou minha juventude.

Holly olhou para Ann enquanto ela tremia com a dor constante. A garota tinha uma estranha máscara de calma, para alguém tão jovem. Ela daria uma incrível noviça, e um dia uma boa Irmã. — Ela me deu uma moeda de prata.

— Ela não tentou nos machucar. Isso não é divertido. Não quero fazer isso.

Valdora riu. — Bem, nós vamos fazer isso. — Ela balançou a faca. — Escute sua avó. Ela merece.

Holly avaliou a velha friamente. — Só porque você é mais velha do que eu, isso não significa que está certa. Não vou mais olhar. Vou lá fora.

Valdora encolheu os ombros. — se você quer assim. Isso é entre a Prelada e eu. Se não quiser aprender nada, então vá para fora brincar.

Holly caminhou para fora da sala. Ann poderia ter dado um beijo nela por sua coragem.

O rosto de Valdora se aproximou. — Só você e eu, agora. Prelada. — Os músculos da mandíbula dela flexionaram. — Podemos voltar... — ela enterrou a ponta da faca no lado de Ann para enfatizar cada palavra. — ...aos negócios? — Ela inclinou a cabeça para olhar melhor dentro dos olhos de Ann. — Está quase na hora de morrer, Prelada. Acho que eu gostaria de ver você gritar até a morte.

— Podemos tentar?

— Vem ali! — Zedd tentou apontar, o melhor que podia, confinado como estava. — Tem uma luz na Fortaleza.

Embora o amanhecer estivesse começando a iluminar o céu, ainda estava escuro o bastante para distinguir o brilho amarelo vindo de várias janelas. Gratch enxergou o que Zedd estava vendo, e voou na direção da Fortaleza.

— Maldição. — ele murmurou. — se aquele garoto já estiver na Fortaleza, eu...

Gratch rosou ao escutar a óbvia referência de Zedd sobre Richard. Ele conseguiu sentir o rosnado em sua costa pressionada contra o peito do Gar mais do que conseguiu ouvir. Zedd olhou para o chão distante lá embaixo.

— Terei que salvar ele. Era isso que eu queria dizer, Gratch. Se Richard estiver com problemas, terei que descer até lá para salvá-lo.

Gratch gorgolejou de satisfação.

Zedd esperava que Richard não estivesse com problemas. o esforço de manter o feitiço para deixar ele leve o bastante para que Gratch carregasse ele durante a última semana havia drenado quase toda sua força. Ele não achava que fosse conseguir ficar em pé, muito menos usar seu poder para salvar alguém. Precisaria de dias de descanso depois disso.

Zedd tocou nos braços peludos em volta dele. — Eu também amo Richard, Gratch. Vamos ajudar ele. Nós dois vamos proteger ele. — Os olhos de Zedd ficaram arregalados. — Gratch! Olhe para onde está indo! Mais devagar!

Zedd levantou os braços na frente do rosto quando o Gar mergulhou na direção do muro. Espiando entre os braços, ele conseguia ver a rocha se aproximando em uma velocidade alarmante. Ele arfou quando Gratch apertou com mais força e bateu as asas, tentando reduzir a velocidade deles.

Zedd percebeu que estava perdendo seu controle do feitiço. Estava exausto demais para aguentar mais tempo, e ele estava ficando pesado demais para Gratch carregá-lo. Em desespero, ele trouxe o feitiço de volta, como se pegasse um ovo que estava rolando na beira de uma mesa.

Bem a tempo, ele manteve o feitiço antes que ele se esgotasse, e puxou ele de volta.

O bater de asas de Gratch finalmente conseguiu ar suficiente para reduzir a velocidade deles, e ele subiu antes que batessem. Com um gracioso bater de suas enormes asas, o Gar desceu sobre o muro. Zedd sentiu os braços peludos soltarem seu manto molhado de suor.

— Sinto muito Gratch. Quase perdi o controle da magia. Quase machuquei nós dois.

Gratch grunhiu distraidamente concordando. Seus olhos verdes brilhantes estavam vasculhando a escuridão. Havia muros seguindo para toda parte aqui em cima, e centenas de lugares para se esconder. Gratch parecia estar verificando todos eles.

Um rosnado baixo ecoou na garganta do gar. O brilho verde aumentou. Zedd observou os cantos escuros, mas não viu nada. Gratch viu.

Zedd se encolheu quando, com um súbito rugido, o Gar saltou dentro da escuridão.

Garras poderosas rasgaram no ar da noite. Presas rasgavam o vazio.

Zedd começou a enxergar formas saindo do ar. Capas ondulavam abertas, e facas brilharam enquanto as coisas dançavam e giravam ao redor do gar.

Mriswith.

As criaturas soltaram assobios quando correram para cima da grande besta peluda. Gratch segurou eles nas garras, rasgando suas peles escamosas, fazendo espirrar sangue e suas entranhas. Os uivos deles enquanto morriam fizeram um calafrio subir na espinha de Zedd.

Zedd sentiu o ar se mover quando um passou por ele, procurando alcançar o gar. O mago levantou a mão, atirando uma bola de fogo líquido que acertou o Mriswith, incendiando sua capa, e então espalhou chamas sobre o resto dele.

De repente a muralha estava viva com as criaturas. Zedd, buscando bem fundo para invocar poder, lançou uma parede de ar sólido, atirando vários deles por cima do muro. Gratch jogou um no muro com tanta violência que ele estourou quando bateu.

Zedd não estava preparado para a batalha que repentinamente acontecia em volta dele. No meio da exaustão entorpecedora, a busca frenética de Zedd por ideias não conseguia produzir nada mais engenhoso do que simples magia de fogo e ar.

Um Mriswith virou de repente, girando sua lâminas. Zedd lançou uma linha de ar tão afiada quanto um machado. Ela partiu a cabeça do Mriswith. Ele usou um teia para afastar vários deles para longe de Gratch e atirou eles por cima do lado do muro. Nessa muralha externa, isso significava uma queda direta de vários milhares de pés.

Os Mriswith, em sua maioria, ignoraram Zedd, tão decididos estavam em derrubar o Gar. Porque eles queriam tanto matar o Gar? Pelo modo como Gratch estava matando eles, parecia que eles guardavam grande ódio pela besta alada.

Repentinamente uma cunha de luz atravessou a escuridão antes da aurora quando uma porta abriu. Uma pequena figura ficou delineada na luz. Com a iluminação, Zedd conseguiu ver todos os Mriswith seguindo na

direção do Gar. Ele correu em frente, lançando uma coluna de fogo que engolfou três das criaturas escamosas girando com suas facas cintilando.

Um Mriswith passou, esbarrando no ombro de Zedd, derrubando ele. Ele viu o Mriswith saltar em cima do Gar, lançando ele contra o muro fortificado.

Zedd viu todos eles, em uma massa agitada, tombarem por cima do muro, e caírem dentro da noite, exatamente quando sua cabeça bateu na rocha.

A porta abriu rangendo. Quando Valdora levantou interrompendo seu trabalho, Ann arfou para recuperar o fôlego, e ao mesmo tempo lutou contra a escuridão que tentava envolver sua mente. Ela não conseguiria fazer isso por muito tempo. Estava no final. Não tinha mais como gritar. Querido Criador, ela não conseguiria aguentar muito tempo. Porque ele não veio resgatá-la?

— Vovó. — Holly grunhiu com o esforço enquanto se esforçava para arrastar algo, polegada por polegada, para dentro da sala.

— Vovó. Aconteceu alguma coisa.

Valdora virou para a garota. — Onde encontrou ele?

Ann fez um esforço para levantar a cabeça. Holly bufou e fez força para levantar o velho magro pelo seu manto marrom e encostar ele na parede. Sangue escorria pelo lado da cabeça dele e cobria seu cabelo branco bagunçado.

— Ele é um mago, vovó. Está quase morto. Eu vi ele lutando com um Gar, e algumas outras criaturas todas cobertas de escamas.

— O que faz você achar que ele é um mago?

Holly endireitou o corpo, ofegando enquanto ficava parada perto do velho que estava no chão. — Ele estava usando o seu dom. Estava lançando bolas de fogo.

Valdora franziu a testa. — Verdade? Um mago. Que interessante. — Ela coçou o nariz. — O que aconteceu com as criaturas, e o Gar?

Holly balançava os braços para todo lado enquanto descrevia a batalha. — E então todos pularam em cima do Gar, e todos caíram por cima do muro. Fui até a beirada e olhei, mas não consegui mais ver eles. Todos caíram pela montanha.

A cabeça de Ann caiu de volta na mesa. Querido Criador, era um mago quem deveria resgatar ela.

Tudo isso foi m vão. Ela morreria. Como tinha sido tão vaidosa acreditando que poderia fazer alguma coisa tão arriscada e escapar. Nathan estava certo.

Nathan ficou imaginando se algum dia ele encontraria o corpo dela para saber o que aconteceu, ou se ao menos se importaria com o fato de sua guardiã estar morta. Ela era uma velha tola, que pensou ser mais esperta do que era.

Uma vez ela mexeu com profecia, e ela lhe deu uma mordida. Nathan estava certo. Ela deveria ter escutado.

Ann se encolheu quando viu Valdora se curvando sobre ela com um sorriso maldoso. Ela colocou a ponta da faca debaixo do queixo de Ann.

— Bem, querida Prelada, parece que eu tenho um mago para matar. — Ela passou a ponta da faca pela garganta de Ann. Podia sentir ela puxando a pele, cortando e arranhando enquanto deslizava.

— Por favor, Valdora, peça para Holly sair da sala. Não deveria deixar sua neta ver você matar alguém.

Valdora virou. — Você gostaria de assistir, não gostaria, querida?

Holly engoliu em seco. — Não, vovó. Ela nunca tentou nos machucar.

— Eu já falei, ela me machucou.

Holly apontou. — Eu trouxe ele aqui dentro para que você pudesse ajudá-lo.

— Oh, não. Não posso fazer isso. Ele deve morrer também.

— E o que ele fez para machucar você?

Valdora encolheu os ombros. — e não quiser assistir, então vá. Isso não vai ferir meus sentimentos.

Holly virou, fazendo uma pausa para olhar o velho. Ela se esticou e tocou o ombro dele de uma maneira confortadora, e então saiu depressa.

Valdora virou novamente. Colocou a faca na bochecha de Ann, debaixo do olho. — Será que eu deveria arrancar os seus olhos primeiro?

Ann fechou os olhos, incapaz de testemunhar o terror por mais tempo.

— Não! — Valdora colocou a ponta da faca debaixo do queixo dela. — Não feche os olhos! Você vai observar! Se não abrir, então vou arrancá-los.

Ann abriu os olhos. Ela manteve o lábio inferior entre os dentes enquanto observava Valdora colocar a ponta da faca no peito dela e levantar o cabo.

— Finalmente. — Valdora sussurrou. — Vingança.

Levantou a faca. Ela fez uma pausa no ar enquanto ela respirava fundo.

O corpo de Valdora tremeu quando lâmina de uma espada irrompeu do meio do peito dela.

Seus olhos ficaram arregalados, e ela soltou um grito agudo quando a faca caiu no chão.

Nathan colocou um dos pés nas costas de Valdora e retirou a espada do corpo da mulher. Ela caiu pesadamente no chão de pedra.

Ann soltou um gemido de alívio. Lágrimas desceram de seus olhos quando as amarras que seguravam seus pulsos e tornozelos desapareceram.

Nathan, alto e sério, olhou para ela deitada na mesa. — Sua mulher tola. — ele sussurrou. — o que você deixou que fizessem com você?

Ele se curvou e carregou-a nos braços enquanto ela chorava como uma criança. Seus braços pareciam tão gentis quanto os do Criador enquanto ele a segurava contra o peito.

Quando o choro dela diminuiu, ele se afastou, e ela viu que ele estava ensopado de sangue. O sangue dela.

— Remova o bloqueio, e então deite-se e vamos ver se eu consigo curar essa bagunça.

Ann afastou a mão dele. — Não. Primeiro devo fazer o que eu vim fazer. — Ela apontou. — Foi por ele. Foi pelo mago que eu vim.

— Isso não pode esperar?

Ela limpou sangue e lágrimas dos olhos. — Nathan, eu passei por essa profecia terrível até aqui. Deixe que eu termine. Por favor?

Com um suspiro de desgosto, ele enfiou a mão em uma bolsa do lado de sua bainha no cinto e tirou um Rada'Han. Ele o entregou quando ela deslizava para fora da mesa. Quando seus pés tocaram o chão, a dor fez ela se curvar. Nathan segurou-a com um grande braço e ajudou-a, para que se ajoelhasse diante do mago inconsciente.

— Me ajude, Nathan. Abra ele para mim. Ela quebrou a maioria dos meus dedos.

Com mãos trêmulas, ela colocou a coleira no pescoço do mago. Empurrando com suas palmas, ela finalmente conseguiu fechá-la, travando não apenas a coleira, mas sua magia. a profecia estava completa.

Holly estava parada na porta. — A vovó está morta?

Ann sentou sobre os joelhos. — Sim, minha criança. Eu sinto muito. — Ela esticou uma das mãos. — Você gostaria de assistir uma cura, ao invés de tortura?

Holly segurou a mão suavemente. Ela olhou para o mago no chão. — E ele? Vai curar ele também?

— Sim, Holly, ele também.

— Foi por isso que eu trouxe ele para dentro: para que recebesse ajuda. Não para ser morto. A vovó ajudava pessoas às vezes. Ela não era sempre má.

— Eu sei. — Ann falou.

Uma lágrima rolou pela bochecha da garota. — O que vai acontecer comigo agora? — ela sussurrou.

Ann sorriu no meio das lágrimas. — Eu sou Annalina Aldurren, Prelada das Irmãs da Luz, e tenho sido por um longo tempo. Tenho recolhido muitas jovens com o dom, como você, e tenho ensinado elas a serem mulheres maravilhosas que curam e ajudam pessoas. Eu ficaria muito feliz se você fosse conosco.

Holly assentiu, um sorriso surgindo em seu rosto manchado de lágrimas. — A vovó tomou conta de mim, mas era má com outras pessoas, às vezes. A maioria que tentaria nos machucar, enganar, mas você nunca fez isso. Machucar você foi uma coisa errada que ela fez. Sinto muito porque que ela não foi mais gentil. Sinto muito por ela ter sido má, e morrer.

Ann beijou a mão da garota. — Eu também. eu também.

— Eu tenho o dom. — Ela olhou para cima com grandes olhos tristes. — Pode me ensinar a curar como ele?

— Seria uma honra.

Nathan pegou sua espada e, fazendo um floreio dramático, colocou-a de volta na bainha. — Você quer ser curada agora? Ou prefere sangrar até a morte para que eu possa treinar a ressurreição com minhas mãos?

Ann se encolheu quando ficou em pé. — Me cure, meu salvador.

Ele girou os olhos. — Então permita que eu tenha acesso ao meu poder, mulher. Não posso curar com minha espada.

Ann fechou os olhos quando levantou uma das mãos, concentrando seu sentido interior no Rada'Han dele removendo o bloqueio no fluxo do seu Han. — Está feito.

Nathan grunhiu. — Eu sei que está feito; posso sentir ele de volta, você sabe.

— Me ajude a subir na mesa, Nathan. — Holly segurou a mão dela quando ela foi erguida.

Nathan olhou para o mago no chão. — Bem, finalmente você tem ele. Até onde eu sei, alguém como ele jamais recebeu uma coleira. — Seus penetrantes olhos azuis viraram para ela. — Agora que você tem um mago da Primeira Ordem, a verdadeira loucura de todo esse seu plano começa.

Ann suspirou enquanto suas mãos curadoras finalmente cuidavam dela. — Eu sei. Com sorte, Verna está com sua parte nas mãos agora.

CAPÍTULO 41

Zedd arfou quando seus olhos abriram. Ela levantou rapidamente ficando sentado. Uma grande mão no peito dele empurrou-o de volta.

— Vá com calma, velho. — uma voz grossa disse.

Zedd virou os olhos para o rosto de queixo quadrado. Seu cabelo branco na altura dos ombros caíram para frente quando ele se curvou, colocando as duas mãos nos lados da cabeça de Zedd.

— Quem você está chamando de *velho*, meu velho?

Os penetrantes olhos azuis, debaixo de uma testa intimidadora semelhante a de uma ave de rapina, exibiram uma expressão alegre junto com o resto do rosto dele. Sua aparência tinha uma mistura que Zedd considerou inquietante. — Agora que você mencionou, acho que sou um pouco mais velho que você.

Tinha alguma coisa familiar naquele rosto. Aquilo lhe ocorreu repentinamente. Zedd afastou as mãos e sentou, apontando um dedo magro para o homem alto ao lado da mesa.

— Você parece com Richard. Porque você parece com Richard?

Suas bochechas recuaram com um largo sorriso. A testa ainda parecia muito com a de um falcão. — Ele é um parente meu.

— Parente! Maldição! — Zedd olhou mais perto. — Alto. Forte. Olhos azuis. Os cabelos pareciam com textura similar. Aquela mandíbula.

Pior, os olhos. — Zedd cruzou os braços. — Você é um Rahl. — ele declarou.

— Muito bom. Então você conhece Richard.

— Conheço ele! Eu sou avô dele.

A testa dele levantou. — Avô... — Ele passou uma de suas grandes mãos no rosto. — Querido Criador. — ele murmurou. — no que foi que

aquela mulher nos meteu?

— Mulher? Que mulher?

Com um suspiro, ele afastou a mão do rosto. O sorriso retornou e ele fez uma reverência. Uma reverência muito boa, Zedd pensou. — Permita que eu me apresente. Eu sou Nathan Rahl. — Ele endireitou o corpo. — E posso saber o seu nome, amigo?

— Amigo!

Nathan encostou os nós dos dedos na testa de Zedd. — Acabei de curar seu crânio partido. Isso deveria contar para alguma coisa.

— Bem. — Zedd resmungou. — talvez você esteja certo. Obrigado, Nathan. Eu sou Zedd. Uma cura talentosa, se meu crânio realmente estava partido.

— Oh, ele estava. Parece que eu tenho um pouco de prática. Como você está se sentindo?

Zedd avaliou a si mesmo. — Bom, bem. Eu me sinto bem. Minha força está de volta... — Ele grunhiu, lembrando o que tinha acontecido. — Gratch. Queridos espíritos, tenho que dar o fora daqui.

Nathan plantou uma das mãos no peito de Zedd para segurá-lo. — Temos que ter uma pequena conversa, amigo. Pelo menos eu espero que possamos nos tornar amigos. Infelizmente temos muito em comum, além de sermos parentes de Richard.

Zedd piscou para o homem alto. — Como o quê?

Nathan desabotoou sua camisa na parte de cima. Toda a frente do corpo dele estava coberta de sangue coagulado. Nathan enfiou um dedo em uma coleira prateada em volta de seu pescoço e levantou ela um pouco.

A voz de Zedd baixou assumindo um tom melancólico. — Isso é o que eu penso que é?

— Você é um sujeito bem esperto, não tenho dúvida, ou não teria tanto valor.

Zedd voltou seu olhar para os olhos azuis. — E que coisa infeliz temos em comum?

Nathan esticou a mão a bateu em algo no pescoço de Zedd. As mãos de Zedd levantaram rapidamente para sentir a coleira lisa de metal. Não conseguiu encontrar nenhuma emenda.

— Qual é o significado disso? Porque você faria isso?

Nathan soltou um suspiro. — Não eu, Zedd. — Ele apontou. — Ela.

Uma mulher velha baixinha com cabelo cinzento amarrado com um nó atrás de sua cabeça estava caminhando através do portal. Ela segurava a mão de uma garotinha.

— Ah. — ela disse, quando seus dedos tocaram a parte superior do vestido marrom escuro abotoado até a garganta. — Vejo que Nathan consertou você. Estou muito feliz. Estávamos preocupados.

— É mesmo? — Zedd falou de modo não comprometedor.

A velha sorriu. — Sim. — Ela olhou para a garotinha, acariciando seu cabelo castanho claro. — Esta é Holly. Ela arrastou você para dentro. Salvou sua vida.

— Acho que lembro de ter visto ela. Obrigado por sua ajuda, Holly. Você tem minha gratidão.

— Estou tão feliz que você esteja curado. — a garota disse. — Estava com medo que o Gar pudesse matar você.

— Gar? Você viu ele? Ele está bem?

Ela balançou a cabeça. — Ele caiu por cima do muro junto com todos aqueles monstros.

— Maldição. — Zedd sussurrou através dos dentes. — Aquele Gar era um amigo.

A mulher levantou uma sobrancelha. — Um Gar? Bem, então eu sinto muito.

Zedd virou seu olhar para a mulher. — O que essa coleira está fazendo no meu pescoço?

Ela abriu os braços. — Sinto muito, mas isso é necessário por enquanto.

— Você vai remover ela.

O sorriso dela continuou do jeito que estava. — Entendo sua preocupação, mas ela deve permanecer onde está, por enquanto. — Ela cruzou as mãos na cintura. — Eu temo que não tenha sido apresentada. Qual é o seu nome?

A voz de Zedd surgiu lenta e ameaçadora. — Eu sou o Primeiro Mago Zeddicus Zu'l Zorander.

— Eu sou Annalina Aldurren, Prelada, das Irmãs da Luz. — O sorriso dela ficou mais caloroso. — Pode me chamar de Ann. Todos os meus amigos fazem isso, Zedd.

Com os olhos fixos na mulher, Zedd saltou da mesa. — Você não é minha amiga. — Ela deu um passo para trás. — Vai se dirigir a mim como Mago Zorander.

— Calma, amigo. — Nathan avisou.

Zedd lançou um olhar para ele que fechou sua boca e fez sua espinha ficar rígida.

Ele encolheu os ombros. — Como quiser. Mago Zorander.

Zedd tocou na coleira em seu pescoço. — Remova isso imediatamente.

O sorriso dela continuava no rosto de forma persistente. — Ela deve ficar.

Zedd começou a diminuir a distância entre eles. Nathan caminhou adiante, aparentemente para segurá-lo. Sem tirar os olhos da Prelada, Zedd levantou um braço, apontando um dedo fino na direção de Nathan. O grande homem, com seus braços levantados, recuou, com se estivesse em pé

sobre gelo em uma ventania, até que ficou encostado na parede do outro lado.

Zedd ergueu sua outra mão, e o teto se iluminou, brilhando com uma luz azulada. Quando a mão dele desceu, uma fina superfície plana de luz, como a superfície de um lago parado, desceu, passando por cima deles. Os olhos de Ann ficaram arregalados. A superfície de luz desceu até chegar no chão, transformando ele em uma camada de luz efervescente. A luz coalesceu em pontos de brilhante intensidade.

Daqueles pontos, relâmpagos irromperam. Fios de fogo branco subiram pelas paredes por toda parte, enchendo a sala com um cheiro pungente. Zedd girou um dedo em círculos e o raio saltou da parede para sua coleira. relâmpagos atingiram o metal. A sala tremeu em sintonia com o trovão. Pó de pedras encheram o ar.

A mesa flutuou e então explodiu em uma nuvem de pó que grudaram nas correntes de luz ondulantes. A sala estremeceu e rugiu quando enormes blocos de pedra se soltaram e começaram a saltar de seu lugar na parede.

Através da fúria do poder, Zedd percebeu que não estava funcionando. A coleira absorvia a violência sem quebrar. Ele esticou um braço, cortando a cacofonia e a luz. A sala mergulhou em um súbito silêncio.

Blocos de pedra enormes flutuaram da parede. O chão todo estava tostado e negro, e mesmo assim nenhum deles foi queimado.

Através de sua análise da Prelada, da garota, e de Nathan com a ligação de luz, agora ele conhecia a exata extensão do poder de cada um, suas forças, e fraquezas. Ela não poderia ter feito a coleira, tinha que ter sido feita por magos, mas ela poderia usá-la.

— Você já terminou? — Ann perguntou. Seu sorriso finalmente havia desaparecido.

— Eu ainda nem comecei.

Zedd levantou os braços. Ele canalizaria poder o bastante para erguer uma montanha, se fosse necessário. Nada aconteceu.

— Isso será o bastante. — ela disse. Um pouco do sorriso voltou. — Posso ver onde Richard conseguiu uma parte de sua fúria.

Zedd apontou um dedo. — Você! Foi você quem colocou a coleira nele.

— Eu poderia ter recolhido ele quando era uma criança, ao invés de deixar ele crescer com o seu amor e orientação.

Zedd podia contar nos dedos de uma das mãos as vezes em sua vida em que realmente tinha perdido o controle de seu temperamento, e pior, de sua razão. Ele estava rapidamente se aproximando da necessidade de começar a contar na outra mão. — Não tente me acalmar com suas boas justificativas; não pode haver nenhuma para escravidão.

Ann suspirou. — Uma Prelada, como um mago, às vezes deve usar pessoas. Tenho certeza que você entende isso. Eu lamento muito ter que usar Richard, e que eu tenha que usar você, mas não tenho escolha. — Um sorriso triste surgiu no rosto dela. — Richard deu bastante trabalho em uma coleira.

— Se acha que Richard foi um problema, ainda não viu nada. Espere até descobrir os problemas que o avô dele vai lhe causar. — Zedd cerrou os dentes. — Você colocou uma das suas coleiras no pescoço dele.

— Você raptou garotos de Midlands. Quebrou a trégua que existia durante milhares de anos.

— Conhece as consequências dessa transgressão. As Irmãs da Luz pagarão o preço.

Zedd estava parado na beira do abismo, prestes a violar a Terceira Regra do Mago, e ainda assim não conseguia assumir o controle de sua razão. Essa, de fato, era a única maneira de violar a Terceira Regra.

— Conheço as consequências da Ordem Imperial dominar o mundo. Sei que não entende nesse momento, Mago Zorander, mas espero que você consiga ver que lutamos do mesmo lado.

— Entendo muito mais do que você pensa. Você está ajudando a Ordem fazendo isso. Eu nunca tive que transformar meu aliados em

prisioneiros para que lutassem por aquilo que é certo!

— Verdade. Do que você chamaria a Espada da Verdade?

Fervilhando, ele se recusou a discutir com a mulher. — Você vai remover essa coleira. Richard precisa de minha ajuda.

— Richard terá que cuidar dele mesmo. Ele é um rapaz esperto. Você é parcialmente responsável por isso. Foi por isso que deixei ele crescer com você.

— O rapaz precisa da minha ajuda! Precisa saber como usar seu poder. Se eu não chegar até ele, ele poderia entrar na Fortaleza. Ele não conhece os perigos daqui. Não sabe como usar o seu dom. Ele poderia ser morto. Não posso deixar isso acontecer. Precisamos dele!

— Richard já esteve na Fortaleza. Ele passou a maior parte de ontem lá, e saiu inteiro.

— Sortudo uma vez, — Zedd citou. — duas vezes confiante, e três vezes, morto.

— Tenha fé no seu neto. Devemos ajudar ele de outras maneiras. Não há tempo a perder. Temos que partir.

— Não vou a lugar algum com você.

— Mago Zorander, estou pedindo sua ajuda. Estou pedindo para cooperar e vir conosco. Tem muita coisa em risco.

Por favor, faça o que eu peço, ou serei forçada a usar a coleira. Você não gostaria disso.

— Escute o que ela diz, Zedd. — Nathan falou. — Posso testemunhar que não vai gostar. Você não tem escolha. Entendo o que você está sentindo, mas seria mais fácil se fizer como ela pede.

— Que tipo de mago é você?

Nathan ficou um pouco mais ereto. — Eu sou um profeta.

Pelo menos o homem era honesto. Ele não tinha reconhecido a ligação de luz pelo que ela era, e não sabia o que Zedd podia ler com ela. — E você está feliz sendo mantido na escravidão?

Ann riu bem alto. Nathan não; seus olhos denunciaram a fúria mortal controlada, ardente, de um Rahl. — Garanto, Senhor, isso não é por escolha minha. Estive lutando contra isso a maior parte de minha vida.

— Ela pode saber como subjugar um mago que é profeta, mas ela vai descobrir porque eu detenho a posição de Primeiro Mago. Conquistei a posição na última guerra. Os dois lados naquela guerra me chamavam de *vento da morte*.

Isso foi um dos dedos que ele havia contado.

Afastando-se de Nathan, Zedd encarou a Prelada com uma expressão de ameaça tão fria que ela engoliu em seco quando recuou um passo. — Ao quebrar a trégua, você condenou cada uma das Irmãs que for pega em Midlands à morte. Pelos termos da trégua, elas acabaram de ser sentenciadas. Cada uma de vocês perdeu o direito de julgamento ou misericórdia. Cada uma de vocês que for pega será executada sem pré-julgamento.

Zedd jogou os punhos para o ar. Relâmpagos rasgaram o céu claro, disparando na Fortaleza acima deles. Um rugido ensurdecedor ecoou, e um anel de luz se expandiu, correndo através do céu, deixando uma trilha de nuvens como fumaça.

— A trégua acabou! Agora você está em território inimigo, e na direção do vento da morte.

— Se você me levar usando essa coleira, prometo que irei até a sua terra natal e destruirei o Palácio dos Profetas.

Com o rosto rígido, a Prelada Annalina Aldurren observou ele em silêncio por um momento. — Não faça promessas que não conseguirá cumprir.

— Me teste.

Um sorriso distante tocou os lábios dela. — Realmente temos que partir.

Com um olhar penetrante de fúria, Zedd assentiu. — Que assim seja.

Verna ficou ciente que estava acordada lentamente. Estava tão escuro com seus olhos abertos quanto estava com seus olhos fechados. Ela piscou, tentando verificar se realmente estava consciente.

Decidindo que ela realmente estava acordada, ela invocou seu Han para acender uma chama. Ele não veio. Mergulhou mais fundo dentro de si mesma, e puxou mais poder.

Esforçando-se com toda sua força, ela finalmente conseguiu acender uma pequena chama na palma dela. Havia uma vela no chão ao lado do palete onde ela estava sentada. Ela enviou a chama para o pavio da vela, aliviada por finalmente conseguir enxergar sem o monumental esforço exigido para manter uma chama com seu Han.

A sala estava vazia a não ser pelo palete, a vela, uma pequena bandeja com pão e um copo de metal com água, e o que parecia ser um pinico perto da parede engessada do outro lado da sala. Não longe demais. A sala não era muito grande. Não havia janelas, apenas uma grossa porta de madeira.

Verna reconheceu a sala; era uma das salas na enfermaria. O que ela estava fazendo na enfermaria?

Olhando para baixo, ela percebeu que estava nua. Virou para o lado, e viu suas roupas em uma pilha. Quando virou, ela sentiu alguma coisa na garganta dela. Levantando a mão para verificar, ela tateou no pescoço.

Um Rada'Han.

Sua carne formigou. Querido Criador, ela estava com um Rada'Han no pescoço. O pânico espalhou-se através dela de forma vertiginosa. Ela segurou no pescoço, tentando retirar aquilo. Escutou um grito vindo de sua

própria garganta enquanto gemia de terror ao lutar freneticamente com o anel de metal.

Com horror, ela percebeu o que os garotos sentiam ao ter esse instrumento de dominação preso a eles. Quantas vezes ela mesma havia usado uma coleira para obrigar alguém a fazer o que ela queria?

Mas apenas para ajudá-los, somente para o bem deles, apenas para ajudá-los. Eles sentiam esse mesmo pavor?

Lembrou com vergonha de usar a coleira em Warren.

— Querido Criador, me perdoe. — ela gritou. — Só queria fazer o seu trabalho.

Enxugando as lágrimas, ela retomou o controle de si mesma. Ela precisava descobrir o que estava acontecendo.

Ela sabia que essa coleira não estava em seu pescoço para ajudá-la; era para controlá-la.

Verna verificou sua mão. O anel da Prelada sumiu. O coração dela murchou; havia falhado em seu trabalho de tutela.

Ela beijou o dedo nu, buscando forças.

Ela bateu o punho contra a porta quando a maçaneta não produziu movimento algum. Ela invocou todo seu poder, concentrando-o na maçaneta, tentando fazer o trinco levantar. Ele não iria se mover. Ela procurou as dobradiças que sabia que estavam do outro lado. Furiosamente, ela se concentrou, aplicando seu Han na tarefa. Línguas de luz, deslizaram pela porta, através de rachaduras e pela abertura embaixo dela.

Verna cortou o impotente fluxo do Han, lembrando de ter visto a Irmã Simona tentando a mesma coisa hora após hora, com os mesmos resultados ineficazes. O escudo na porta não poderia ser quebrado por alguém em um Rada'Han. Sabia muito bem que não adiantava desperdiçar sua força em esforços inúteis. Simona poderia estar louca, mas ela não estava.

Verna desabou sobre o palete. Seus punhos batendo na porta não fariam com que ela saísse. Seu dom não faria ela sair. Ela estava presa.

Porque ela estava aqui? Ela olhou para seu dedo, onde o anel da Prelada estava. Era por isso.

Com um suspiro profundo, ela lembrou da verdadeira Prelada. Ann havia dado a ela uma missão, e estava dependendo dela para afastar as Irmãs da Luz antes que Jagang chegasse.

Ela se abaixou sobre as roupas, procurando nelas freneticamente. Sua Dacra tinha sumido. Provavelmente foi por isso que a despiram: para ter certeza de que ela não tivesse arma alguma. Isso foi feito com Irmã Simona, para a própria proteção dela, para ter certeza de que ela não se machucaria. Não poderiam deixar uma mulher louca com uma arma mortal.

Seus dedos encontraram o cinto. Ela o arrancou da pilha de roupas e, procurando nele, encontrou a saliência no couro.

Tremendo com esperança, Verna segurou o cinto perto da vela. Ela abriu a falsa costura. Ali, aninhado dentro do bolso secreto, estava o livro de jornada. Ela abraçou o cinto contra os seios, agradecendo ao Criador enquanto balançava para frente e para trás sobre o palete, apertando o cinto com mais força. Pelo menos tinha isso.

Quando finalmente tinha se acalmado, levou as roupas para perto da fraca luz e se vestiu, sentindo-se melhor, pelo menos, por não ficar nua e indefesa. Não estava menos indefesa, mas ao menos não tinha que sofrer com a indignação de ser uma prisioneira nua. Ela estava começando a se sentir um pouquinho melhor.

Verna não sabia quanto tempo estivera inconsciente, mas percebeu que estava faminta. Ela devorou o pão, e bebeu a água.

Depois que seu estômago estava pelo menos parcialmente satisfeito, ela voltou seus pensamentos para como tinha vindo parar nesta sala. Irmã Leoma. Ela lembrou de Irmã Leoma e três outras esperando por ela em seu escritório.

Irmã Leoma estava bem alto no topo de sua lista de suspeitas como Irmãs do Escuro. Embora ela não tivesse passado por um teste, ela tomou

parte em colocar Verna aqui. Isso era prova suficiente. Estava escuro e não viu as outras três, mas tinha uma lista de suspeitas em sua cabeça. Phoebe e Dulcinia deixaram elas entrarem, contra suas ordens. Mesmo que com relutância, elas também deveriam ser colocadas na lista.

Verna começou a caminhar pela pequena sala. Estava começando a ficar furiosa. Como elas ousam pensar que poderiam escapar fazendo isso?

Elas escaparam fazendo isso.

Uma expressão de raiva se estabeleceu. Não, elas não escapariam. Ann deu a ela essa responsabilidade e ela viveria por essa fé.

Ela levaria as Irmãs da Luz para longe do Palácio.

Verna encostou os dedos no cinto. Deveria mandar uma mensagem. Será que ousaria fazer isso aqui dentro? E se ela fosse pega? Eu poderia arruinar tudo. Mas precisava fazer Ann saber o que tinha acontecido.

A caminhada dela parou bruscamente. Como diria para Ann que havia falhado, e que por causa dela, todas as Irmãs da Luz estavam em perigo mortal e ela não tinha como fazer nada a respeito? Jagang estava vindo. Precisava escapar. Com ela nessa prisão, nenhuma das Irmãs saberia para fugir.

E Jagang teria todas elas.

Richard saltou do cavalo quando ele parou derrapando. Olhou descendo pela estrada e viu os outros longe lá embaixo galopando para alcançá-lo. Ele acariciou o nariz do cavalo e então começou a amarrar as rédeas em uma barra de ferro no mecanismo de descida do portão.

Ele olhou para o mecanismo da porta corrediça, e então amarrou as rédeas em uma barra de ferro. O lugar onde inicialmente ele pensou em amarrar as rédeas era a alavanca de liberação do mecanismo do enorme portão. Um puxão forte, e a porta corrediça poderia descer em cima do cavalo.

Sem esperar pelos outros, Richard correu para dentro da Fortaleza do Mago. Estava furioso que ninguém tivesse acordado ele. Uma luz está queimando nas janelas da Fortaleza durante a metade da noite, ele pensou, e ninguém teve coragem de acordar o Lorde Rahl e dizer para ele.

E então, não fazia uma hora antes, ele tinha visto os rios, e a explosão de luz correndo em um anel que se expandia através do céu, deixando em seu rastro uma fumacenta camada de nuvens.

Um pensamento lhe ocorreu. Richard parou antes de entrar na Fortaleza e virou para olhar a cidade.

Na base da estrada da Fortaleza outras estradas ramificavam, levando para longe de Aydindril.

E se alguém estivesse na Fortaleza? E se eles tivessem levado alguma coisa? Era melhor ele falar para os soldados segurarem qualquer um que tentasse partir. Logo que os outros chegassem até a Fortaleza, ele enviaria um deles de volta para dizer aos soldados para trazer de volta qualquer um indo embora e para selar as estradas.

Richard observou as pessoas na estrada. A maioria estava entrando na cidade, não partindo. Porém, havia alguns partindo: o que pareciam ser algumas famílias com carrinhos de mão; alguns soldados saindo em patrulha; um par de carroças com mercadorias; e quatro cavalos, bem próximos, que passavam trotando pelas pessoas a pé. Ele faria com que todos fossem detidos e revistados.

Mas revistados procurando o quê? Ele mesmo poderia dar uma olhada nas pessoas, depois que os soldados os levassem de volta, e talvez verificar se carregavam alguma coisa mágica.

Richard virou na direção da Fortaleza. Ele não tinha tempo. Precisava descobrir o que esteve acontecendo aqui em cima, e além disso, como ele saberia se fosse alguma coisa com magia? Seria um desperdício de tempo que poderia ser melhor utilizado. Ele precisava trabalhar com Berdine e traduzir o diário, não ficar enfiando as mãos nos pertences de famílias. Pessoas ainda estavam partindo, sem querer viver sob o governo D'Haran. Que fossem.

Ele marchou para dentro através dos escudos, sabendo que os outros seriam bloqueados quando chegassem. Os cinco ficariam com raiva por ele não ter esperado. Bem, talvez na próxima vez eles o acordassem se vissem luzes na Fortaleza.

enrolado em sua capa de Mriswith, ele seguiu caminho acima, na direção do local onde tinha visto o raio atingir a Fortaleza. Evitou passagens que ele conseguia sentir serem perigosas, e encontrou outras rotas que ao menos não faziam o cabelo atrás de seu pescoço ficar eriçado. Muitas vezes ele sentiu Mriswith, mas eles não se aproximaram.

Em um sala larga com quatro corredores saindo dela, Richard parou. Muitas portas permaneciam fechadas. Havia um rastro de sangue que levava até uma delas. Ele agachou e inspecionou a trilha de sangue e determinou que na verdade eram duas trilhas; uma que levava para dentro da sala, e uma para fora.

Richard abriu a capa de Mriswith e sacou a espada. O claro som do metal ecoou pelos corredores.

Com a ponta da lâmina, ele abriu a porta.

A sala estava vazia, mas ela estava longe de ser comum. O piso de madeira estava tostado. Coberto de fuligem, linhas irregulares estavam queimadas na rocha como se uma furiosa tempestade de raios estivesse presa na sala. Porém, o mais estranho, eram os blocos de pedra das paredes; aqui e ali, enormes blocos de pedra estavam deslocados até a metade para fora da parede, como se estivessem prestes a saltar de seu lugar. A sala parecia como se quase fosse despedaçada por um terremoto.

Havia manchas de sangue espalhadas por todo o chão, e de um lado uma grande poça dele, mas por causa do fogo que tinha escurecido o chão, ele estava seco como poeira, e dizia pouco para ele.

Richard seguiu a trilha de sangue da sala até que ela o conduziu a uma porta para a muralha externa. Ele saiu no ar frio e imediatamente viu manchas de sangue pela rocha. Aquilo era recente, durante o último dia.

Mriswith, e partes de Mriswith, enchiam a muralha exposta ao vento. Mesmo que agora estivessem congelados, eles ainda fediam. Contra

uma parede, cerca de cinco pés acima, havia uma grande mancha de sangue, e abaixo dela, no chão, um Mriswith morto, sua pele escamosa estilhaçada. Se o jato de sangue estivesse no chão, ao invés da parede, Richard teria pensado que ele tinha caído do céu e morreu por causa do impacto.

Seus olhos observaram a bagunça, Richard pensou que aquilo parecia muito com o que sobrava quando Gratch lutava com Mriswith. Ele balançou a cabeça surpreso, imaginando o que teria acontecido.

Ele seguiu uma trilha de sangue até uma fenda no muro e encontrou sangue na parede de ambos os lados.

Ele caminhou até a fenda e olhou por cima da borda. Era uma visão que causava vertigem.

Os blocos de pedra da Fortaleza mergulhavam quase verticalmente, alargando levemente na direção de sua base bem longe lá embaixo, e debaixo dela a rocha da própria montanha descia por uma distância que parecia ter vários milhares de pés. Da abertura no muro, uma trilha de sangue descia pela face, desaparecendo ao longe abaixo. Havia grandes manchas na trilha sangrenta; alguma coisa tinha caído por cima da borda, batendo na parede enquanto descia. Ele teria que enviar soldados para verificar o que, ou quem, tinha caído por cima da borda.

Ele passou um dedo em diferentes trilhas de sangue na borda; a maior parte tinha o fedor de Mriswith. Uma parte não.

Queridos espíritos, o que tinha acontecido aqui em cima? Richard apertou os lábios enquanto balançava a cabeça. Jogou a capa negra de Mriswith em volta de si e desapareceu enquanto ele ponderava, pensando também, por alguma razão, em Zedd. Ele queria que Zedd estivesse aqui com ele.

CAPÍTULO 42

Dessa vez, quando Verna viu a pequena portinha sendo aberta na parte inferior da porta, ela estava pronta. Mergulhou na direção dela, empurrando a bandeja para o lado e colocando o rosto contra o chão, tentando ver lá fora.

— Quem está aí? Quem é? O que está acontecendo? Porque estou presa aqui? Responda minhas perguntas! — Ela conseguiu ver as botas de uma mulher e a bainha de um vestido. Provavelmente uma Irmã que cuidava daqueles na enfermaria. A mulher levantou o corpo. — Por favor! Eu preciso de outra vela! Essa aqui está quase acabando!

Ela conseguiu ouvir os sons desinteressados dos pés desaparecerem subindo o corredor, e então o barulho da porta e do grande ferrolho sendo fechado enquanto ela cerrava os dentes e batia o punho contra a porta. Verna finalmente desabou em cima do palete, massageando sua mão. Estivera batendo na porta tempo demais ultimamente. A frustração dela estava superando seu bom senso, ela sabia.

Na sala sem janelas, não tinha mais ideia alguma se era dia ou noite. Ela assumia que traziam sua comida durante o dia, e então tentava avaliar o tempo dessa maneira, mas às vezes parecia que a comida era trazida apenas com horas de diferença, e outras vezes ela ficava quase morrendo de fome antes que ela chegasse. Ela desejou dolorosamente que elas fizessem alguma coisa a respeito do pinico.

Também não traziam comida suficiente para ela. Seu vestido estava ficando bastante frouxo na cintura e no busto. Havia desejado, durante os últimos anos, que pudesse ficar um pouco menor, como estivera quando saiu em sua jornada vinte anos atrás. Ela era considerada atraente, em sua juventude. Seu peso extra sempre pareceu um lembrete da juventude e beleza perdidas.

Ela riu como uma maníaca. Talvez elas também estivessem pensando isso, e tivessem colocado a Prelada em um jejum. Sua risada morreu. Havia desejado que Jedidiah enxergasse o que estava no interior, ao

invés de apenas o exterior, e aqui ela estava preocupada com o exterior, assim como ele fez. Uma lágrima rolou por sua bochecha. Warren nunca tinha ignorado o que estava no interior. Ela foi uma tola.

— Rezo para que você esteja em segurança, Warren. — ela sussurrou para as paredes.

Verna arrastou a bandeja pelo chão na direção da vela. Ela se abaixou e agarrou o copo de metal com água. Antes de engolir, ela parou, lembrando a si mesma de fazer ele durar. Elas nunca traziam bastante água. Vezes demais ela bebeu tudo de uma só vez e então passou o dia seguinte deitada na cama sonhando acordada em mergulhar em um lago com a boca aberta, bebendo avidamente o quanto desejasse.

Colocou o copo nos lábios e tomou um leve gole. Quando colocou ele de volta na bandeja, viu algo novo, algo diferente da metade de pão. Lá estava uma tigela de sopa.

Verna levantou-a com reverência, inalando o aroma. Era uma sopa de cebola rala, mas parecia o banquete de uma Rainha. Quase chorando de alegria, ela tomou um gole, saboreando o rico aroma. Ela arrancou um pedaço de pão e mergulhou na sopa. Tinha gosto melhor do que chocolate, melhor do que qualquer coisa que já tinha comido. Ela partiu o resto do pão em pequenos pedaços e mergulhou todos na tigela. Inchando na sopa, o pão pareceu mais do que ela conseguiria comer. Mas ela conseguiu.

Enquanto comia, retirou o livro de jornada de sua bolsa no cinto. Suas esperanças murcharam novamente, quando viu que não havia mensagem nova alguma. Tinha informado para Ann o que aconteceu, e recebeu de volta uma mensagem em um rabisco apressado que dizia apenas — Você deve escapar e levar as Irmãs para longe. — Não havia recebido nenhuma mensagem desde então.

Depois que tinha entornado a tigela e bebido o último resto de sopa, ela apagou a vela, economizando-a para mais tarde.

Ela colocou o copo com a metade da água atrás da vela para ajudar a garantir que não derrubaria ele no escuro, e então deitou sobre o palete, esfregando seu estômago cheio.

Ela despertou quando escutou o trinco da porta quando ele foi levantado. Verna colocou a costa de uma das mãos nos olhos, protegendo-os da luminosidade ofuscante que inundou a sala. Ela recuou encostando na parede quando a porta fechou. Uma mulher estava parada segurando uma lamparina. Verna girou os olhos com a luminosidade cegante.

A mulher colocou a lamparina no chão e levantou o corpo para cruzar as mãos sobre a cintura. Ela ficou observando, sem dizer nada.

— Quem é? Quem está aí?

— Irmã Leoma Marsick. — surgiu a curta resposta.

Verna piscou enquanto seus olhos finalmente se aclimataram com a luz da lamparina. Sim, era Leoma. Verna conseguiu distinguir seu rosto enrugado e o longo cabelo branco para trás, por cima dos ombros.

Leoma era aquela no escritório da Prelada. Aquela que tinha colocado ela aqui.

Verna saltou procurando a garganta da mulher.

Confusa por um momento, ela percebeu que estava sentada novamente no palete, e seu traseiro estava dolorido por causa da brusca aterrissagem. Ela sentiu a sensação perturbadora do Rada'Han impedindo que ela levantasse. Tentou mover as pernas, mas elas não responderiam. Era uma singular sensação aterradora. Arfou procurando ar, contendo um grito de pânico. Parou de tentar combater aquilo, de tentar levantar, e então a pressão aliviou, mas a inquietante sensação não.

— Isso é o bastante, Verna.

Verna certificou-se de que sua voz estava sob controle antes de falar. — O que estou fazendo aqui?

— Estava sendo mantida presa até que o seu julgamento estivesse concluído.

Julgamento? Que julgamento? Não. Ela não daria a satisfação para Leoma. — Isso pareceria apropriado. — Verna gostaria de poder ficar em

pé; era vergonhoso ter Leoma olhando para ela de cima desse jeito. — E ele acabou?

— É por isso que estou aqui. Eu vim informar para você a decisão do tribunal.

Verna engoliu sua resposta cáustica. É claro que essas traidoras consideraram ela culpada de alguma falsa acusação. — E então, qual foi a decisão?

— Você foi considerada culpada de ser uma Irmã do Escuro.

Verna ficou sem voz. Levantou os olhos para Leoma, mas não conseguia soltar uma palavra com a dor de que Irmãs estivessem condenando ela por isso. Tinha trabalhado quase toda sua vida para ver o Criador ser honrado nesse mundo. A fúria ferveu, mas ela manteve sob controle, lembrando da advertência de Warren sobre o temperamento dela.

— Irmã do Escuro? Entendo. E como eu poderia ter sido condenada por uma acusação assim sem evidências?

Leoma riu. — Vamos lá, Verna, certamente você não acreditaria que conseguiria cometer um crime tão grave e não deixar nenhuma evidência.

— Não, eu suponho que vocês conseguiram encontrar alguma coisa. Então você pretende dizer, ou simplesmente veio aqui para se vangloriar e finalmente ter conseguido fazer de si mesma Prelada?

Leoma ergueu uma sobrancelha. — Oh, eu não fui nomeada Prelada. A Irmã Ulicia foi escolhida.

Verna se encolheu. — Ulicia! Ulicia é uma Irmã do Escuro! Ela fugiu com cinco de suas colaboradoras!

— Totalmente o contrário. As Irmãs Tovi, Cecilia, Armina, Nicci, e Merissa retornaram e foram reintegradas em suas posições de autoridade como Irmãs da Luz.

Verna lutou poderosamente, mas sem sucesso, para ficar em pé. — Elas foram pegas atacando a Prelada Annalina! Ulicia a matou! Elas todas

fugiram!

Leoma suspirou, como se tivesse que explicar a mais simples das coisas para uma noviça ignorante. — E quem pegou elas atacando a Prelada Annalina? — Ela fez uma pausa. — Você. Você e Richard.

— As seis Irmãs testemunharam como foram atacadas por uma Irmã do Escuro, depois que Richard matou Irmã Lilian, e elas fugiram para salvar suas vidas até que pudessem providenciar seu retorno para salvar o Palácio das suas garras. O mal entendido foi corrigido.

— Foi você, uma Irmã do Escuro, quem planejou essa acusação. Você e Richard foram as únicas testemunhas. Foi você quem matou a Prelada Annalina, você e Richard Rahl, aquele que então você ajudou a escapar.

— Ouvimos o testemunho de Irmãs que escutaram por acaso você falando para um dos guardas, Kevin Andellmere, que ele deveria ser leal a Richard, seu cúmplice, ao invés do Imperador.

Verna balançou a cabeça sem acreditar. — Então você aceitou a palavra de seis das servas do Guardião, e com base nisso, porque havia mais delas do que uma, que sou eu, e me condenou?

— Dificilmente. Houve dias e dias de testemunhos e evidências apresentadas. De fato, tantas, que o seu julgamento levou quase duas semanas; nós queríamos ter certeza, no interesse da justiça, e considerando a gravidade das acusações, que estávamos sendo completamente justas. um grande número de testemunhas se apresentou para revelar a extensão do seu trabalho nefasto.

Verna jogou as mãos para cima. — Do que você está falando?

— Você esteve destruindo metodicamente o trabalho do Palácio. Milhares de anos de tradição e esforço foram destruídos no seu esforço de levar a ruína o trabalho das Irmãs da Luz. Os problemas que você causou foram extensivos.

— O povo na cidade ficou revoltado porque você ordenou que o Palácio cortasse os pagamentos para mulheres que ficassem grávidas de nossos jovens magos. Aquelas crianças são uma de nossas principais fontes

de garotos com o dom. Você queria estrangular essa fonte. Você impediu nossos homens jovens de ir até a cidade para satisfazer suas necessidades, e produzir aqueles descendentes com o dom.

— Isso chegou ao limite na semana passada quando tivemos um tumulto que precisou ser controlado pelos guardas. O povo estava prestes a invadir o Palácio, por causa de nossa crueldade em deixar aquelas jovens e suas crianças passando fome.

— Muitos de nossos homens jovens se juntaram na revolta porque você cortou o direito deles ao ouro do Palácio.

Verna ficou imaginando qual teria sido a verdadeira natureza da *revolta*, considerando que jovens magos estavam envolvidos. Mas não achou que Leoma fosse comentar a verdade sobre aquilo. Verna sabia que havia homens bons entre aqueles jovens magos, e temia pelo destino deles.

— Nosso ouro corrompe a moral de todos que ele toca. — Verna disse. Ela sabia que era desperdício de tempo tentar se defender; essa mulher não estava disposta a ouvir a razão, ou a verdade.

— Isso tem funcionado por milhares de anos. Mas é claro que você não gostaria que os benefícios desse formato gerasse frutos para ajudar o Criador. Essas ordens foram revertidas, assim como as suas outras diretrizes desastrosas.

— Você não iria querer que estivéssemos capazes de determinar se homens jovens estavam preparados para encarar o mundo. Você quer que eles falhem. E então você desaprovou o teste da dor. Essa ordem também foi revertida.

— Você esteve manchando a doutrina do Palácio desde o dia em que se tornou Prelada. Você mesma é a responsável pela morte da Prelada, e então usa seus truques do submundo para se instalar como Prelada para que possa nos destruir.

— Você nunca escutou o conselho de suas conselheiras, porque nunca teve qualquer intenção de preservar o Palácio. Você nem se importa mais em olhar os relatórios, mas ao invés disso sobrecarrega

administradores inexperientes com seu trabalho enquanto você se tranca no seu Santuário para fazer conferências com o Guardião.

Verna suspirou. — É isso, então? Minhas administradoras não gostam de ter que trabalhar? Algumas pessoas avarentas estão infelizes porque eu me recuso a entregar ouro do tesouro do Palácio simplesmente porque elas escolhem ficar grávidas ao invés de estabelecerem suas próprias famílias para trazerem crianças ao mundo? Algumas Irmãs estão decepcionadas porque eu não permitiria que nossos homens jovens se entregassem ao vício de satisfazerem seus desejos sem rédeas? As palavras de seis Irmãs que fugiram ao invés de fiarem para serem questionadas repentinamente são levadas a sério? E vocês até mesmo nomeiam uma delas Prelada! Ah, sem ao menos uma simples amostra de evidência física?

Um sorriso finalmente surgiu nos lábios de Leoma. — Oh, nós temos evidência física, Verna. Realmente temos.

Com uma expressão orgulhosa, ela enfiou a mão dentro de um bolso e tirou um pedaço de papel. — Temos uma certa evidência física muito, muito condenadora, Verna. — Ela desenrolou o papel de modo solene enquanto seu olhar austero pousou sobre Verna outra vez. — E uma outra testemunha. Warren.

Verna recuou como se tivesse recebido um golpe no rosto. Ela lembrou das mensagens que tinha recebido da Prelada e de Nathan. Nathan estava em pânico dizendo que Warren deveria sair do Palácio. Ann tinha sido enfática para que Verna tivesse certeza de que Warren partisse imediatamente.

— Você sabe o que é isso, Verna? — Verna não ousou falar, ou ao menos piscar. — Acho que sabe. É uma profecia. Somente uma Irmã do Escuro seria tão arrogante para deixar um documento tão incriminador em qualquer lugar. Encontramos isso lá embaixo nas câmaras, enfiado em um livro. Talvez tenha esquecido tudo sobre ela? Então, permita que eu leia.

— Quando a Prelada e o Profeta forem entregues para a Luz no ritual sagrado, as chamas farão ferver um caldeirão de trapaça e causarão a ascensão de uma falsa Prelada, que reinará sobre a morte do Palácio dos Profetas.

Leoma dobrou o papel e enfiou de volta no bolso. — Você sabia que Warren era um profeta, e tirou a coleira dele. Deixou um profeta circular livre, só isso já foi uma terrível ofensa.

— E o que faz você pensar que Warren forneceu essa profecia? — Verna perguntou cautelosamente.

— Warren testemunhou que ele fez isso. Levou algum tempo para ele decidir declarar sua culpa em fornecer profecia.

A voz de Verna ficou agressiva. — O que fizeram com ele?

— Usamos o Rada'Han dele, como é nossa obrigação, para obter a verdade. No final, ele confessou que a profecia era dele.

— O Rada'Han dele? Colocaram uma coleira nele outra vez!

— É claro. Um profeta deve ter uma coleira. Como Prelada, era sua obrigação garantir que isso fosse feito. Warren está de volta em uma coleira, e dentro de escudos e sob guarda nos aposentos do profeta, o lugar ao qual ele pertence.

— Mais uma vez o Palácio dos Profetas voltou a ser do jeito que deveria ser. Essa profecia foi a peça de evidência condenadora final. Provou a duplicidade em suas ações, e revelou sua verdadeira intenção.

— Felizmente, nós conseguimos agir antes que você conseguisse fazer com que a profecia se realizasse. Você falhou.

— Você sabe que nada disso é verdade.

— A profecia de Warren prova sua culpa. Ela nomeia você como uma falsa Prelada, e revela seus planos de destruir o Palácio dos Profetas. — O sorriso dela voltou. — Ela criou grande agitação quando foi lida diante do tribunal.

— Uma bela amostra de condenadora *evidência física*, eu diria.

— Sua besta vil. Verei você morta.

— Não esperaria menos de alguém como você. Felizmente, você não está em posição de cumprir suas ameaças.

Olhando dentro dos olhos de Leoma, Verna beijou o seu dedo anelar. — Porque você não beija o seu dedo, Irmã Leoma, e pede a ajuda do Criador neste tempo de dificuldades para o Palácio dos Profetas?

Exibindo um sorriso zombeteiro, Leoma abriu as mãos. — Agora o Palácio não tem problema algum, Verna.

— Beije seu dedo, Leoma, e mostre ao querido Criador sua preocupação pelo bem-estar das Irmãs da Luz.

Leoma não levou a mão até os lábios. Ela não podia, e Verna sabia disso. — Não vim até aqui para rezar ao Criador.

— É claro que não, Leoma. Você e eu sabemos que você é uma Irmã do Escuro, assim como a nova Prelada. Ulicia é a falsa Prelada na profecia.

Leoma encolheu os ombros. — Você, Verna, é a primeira Irmã a ser condenada por um crime tão grave. Não há mais qualquer dúvida. A condenação não pode ser revertida.

— Estamos sozinhas, Leoma. Ninguém pode nos escutar por trás de todos esses escudos, a não ser, é claro, alguém com Magia Subtrativa, e você não precisa ter medo desses ouvidos. Nenhuma das verdadeiras Irmãs da Luz pode ouvir qualquer coisa que falamos. Se eu tentasse dizer para alguém qualquer coisa que você possa ter para dizer, ninguém acreditaria em mim.

— Então vamos acabar com o fingimento, Leoma; nós duas sabemos a verdade.

Um leve sorriso se abriu nos lábios de Leoma. — Continue.

Verna deu um suspiro para se acalmar e cruzou as mãos no colo. — Você não me matou, como Ulicia matou a Prelada Annalina. Não teria se preocupado em seguir em frente com toda essa encenação se desejasse me matar; poderia ter feito isso em meu escritório. Obviamente você quer alguma coisa. O que é?

Leoma riu. — Ah, Verna, você sempre foi alguém que vai direto ao coração do assunto. Você não é muito velha, mas devo admitir, que você é

esperta.

— Sim, sou simplesmente brilhante; é por isso que estou sentada aqui. O que o seu mestre, o Guardiã, quer obter de mim?

Leoma pressionou os lábios. — No momento, nós servimos outro mestre. O que ele quer é o importante.

Verna franziu a testa. — Jagang? Fizeram juramento para ele também?

O olhar de Leoma desviou por um instante. — Não exatamente, mas isso está fora de questão. Jagang quer algumas coisas, e ele as terá. É meu dever que garanti que ele consiga o que ele quer.

— E o que é isso que você quer de mim?

— Você deve abandonar sua lealdade a Richard Rahl.

— Você está sonhando, se pensa que farei isso.

Um sorriso irônico surgiu no rosto de Leoma. — Sim, eu estive sonhando, mas isso também está fora de questão. Você deve desistir de sua ligação com Richard.

— Por quê?

— Richard tem uma maneira de interferir com o controle do Imperador sobre os eventos. Você entende, a lealdade a Richard bloqueia o poder de Jagang. Ele deseja verificar se essa lealdade pode ser quebrada para que ele possa entrar na sua mente. Isso é um tipo de experiência. Minha tarefa é convencer você a abrir mão dessa lealdade.

— Não farei tal coisa. Você não pode fazer com que eu abandone minha lealdade a Richard.—

O sorriso de Leoma ficou sinistro quando ela balançou a cabeça. — Oh, sim, eu posso, e farei. Eu tenho uma boa quantidade de motivação.

Antes que Jagang finalmente chegue para estabelecer seu quartel general aqui, eu quebrarei a ligação com o inimigo dele.

— Como? Bloqueando meu Han? Você acha que isso vai quebrar minha força de vontade?

— Você esquece tão fácil, Verna? Esquece os outros usos que o Rada'Han tem? Esquece o teste da dor?

— Cedo ou tarde, você estará de joelhos implorando para jurar fidelidade ao Imperador.

— Está cometendo um erro grave se pensa que eu recusarei uma tarefa tão horrível. Comete um grave erro se esquece o que eu sou, ou pensa que eu tenho um pouquinho de simpatia. Ainda temos semanas, antes que Jagang chegue. Temos todo tempo que precisamos. Essas semanas sob o teste vão parecer como anos para você, até que você se submeta, mas você vai ceder.

Verna ficou rígida. Tinha esquecido do teste da dor. Sentiu a pressão do terror subindo em sua garganta novamente. Tinha visto isso ser feito com homens jovens em um Rada'Han, é claro, mas isso nunca tinha sido feito por mais de uma hora, com anos entre os testes.

Leoma se aproximou e chutou o copo com água.

— Podemos começar, Irmã Verna?

CAPÍTULO 43

Richard se encolheu quando viu o garoto cair desacordado. Alguns dos espectadores arrastaram ele para um lado, e outro garoto tomou seu lugar. Mesmo por trás da alta janela no Palácio das Confessoras, ele podia ouvir os gritos da multidão de crianças observando os garotos jogando o jogo que tinha visto crianças em Tanimura jogarem: Ja'La.

Em sua terra natal, Westland, nunca tinha ouvido falar de Ja'La, mas as crianças em Midlands jogavam aquilo do mesmo jeito que aquelas no Mundo Antigo faziam. O jogo impetuoso era veloz e parecia excitante, mas ele não achava que crianças deveriam ter que pagar o preço de ter seus dentes arrancados pela diversão de um jogo.

— Lorde Rahl? — Ulic chamou. — Lorde Rahl, você está aqui?

Richard afastou-se da janela e deixou o abrigo confortador quando jogou sua capa negra de Mriswith para trás, por cima dos ombros.

— Sim, Ulic. O que foi?

O grande guarda entrou na sala quando viu Richard parecer ter surgido do ar. Ele estava acostumado com essa visão. — Tem um General Kelteano aqui pedindo para falar com você. General Baldwin.

Richard encostou a ponta dos dedos na testa enquanto sua mente procurava. — Baldwin, Baldwin. — Ele levantou os olhos.

— General Baldwin. Sim, eu lembro. Ele é o comandante de todas as forças Kelteanas. Enviamos uma carta para ele sobre a rendição de Kelton. O que ele quer?

Ulic encolheu os ombros. — Ele só disse que queria falar com Lorde Rahl.

Richard virou para a janela, empurrando a grossa cortina dourada com uma das mãos enquanto se curvava preguiçosamente na armação de madeira pintada da janela. Ele observou um garoto se curvar, recuperando-

se de um golpe com a Broc. O garoto endireitou o corpo e voltou para o jogo.

— Quantos homens acompanharam o General até Aydindril?

— Uma pequena guarda de quinhentos, talvez seiscentos.

— Ele ficou sabendo que Kelton havia se rendido. Se desejasse causar problemas, ele não marcharia para dentro de Aydindril com tão poucos homens. Acho que é melhor eu falar com ele. — Ele virou de volta para o atento Ulic. — Berdine está ocupada. Diga para Cara e Raina escoltarem o General.

Ulic bateu com um punho sobre o coração e começou a se afastar, mas virou novamente quando Richard chamou o nome dele.

— Os homens encontraram mais alguma coisa na base da montanha abaixo da Fortaleza?

— Não, Lorde Rahl, nada além de todos aquelas partes de Mriswith. A neve na base daquele penhasco está tão funda que será primavera, quando ela derreter, antes que possamos descobrir o que mais caiu da Fortaleza. O vento pode ter carregado qualquer coisa que caiu para qualquer lugar, e os soldados não tem ideia alguma de onde cavar naquela vasta extensão de terreno. Os braços dos Mriswith e garras que eles encontraram eram leves o bastante e assim não afundaram na neve. Qualquer coisa mais pesada poderia ter descido dez, talvez vinte pés naquela coisa macia.

Richard assentiu desapontado. — Uma outra coisa. O Palácio deve ter costureiras. Encontre a costureira chefe e peça a ela que, por favor, venha falar comigo.

Richard enrolou sua capa de Mriswith ao redor de si, sem realmente pensar no que estava fazendo, e voltou a observar o jogo de Ja'La. Estava impaciente que Kahlan e Zedd chegassem. Agora não deveria demorar muito. Eles devem estar perto. Certamente Gratch tinha encontrado eles e logo todos estariam juntos.

Ele ouviu a voz de Cara atrás dele, na porta. — Lorde Rahl?

Richard virou, deixando a capa abrir quando relaxou. Altivo, entre as duas Mord-Sith, estava um homem mais velho forte com um bigode escuro com fios brancos, as pontas dele cresciam até a base de sua mandíbula, e cabelos negros que estavam ficando cinzentos cresciam descendo por cima de suas orelhas. Seu crânio brilhava no lugar onde o cabelo estava ficando mais escasso.

Ele usava uma capa grossa de sarja semi-circular, com linhas de seda verde e presa em um ombro com dois botões. Um alto colarinho bordado estava dobrado para baixo sobre um sobretudo cor de canela decorado com um emblema heráldico cortado por uma linha negra diagonal dividindo um escudo amarelo e azul. As botas altas do homem cobriam seus joelhos. Compridas luvas negras, seus punhos reluzentes cobrindo a parte da frente, estavam enfiadas em um cinto largo com uma fivela ornamentada.

Quando Richard tornou-se visível diante de seus olhos, o rosto do General ficou pálido e ele parou de andar repentinamente.

Richard fez uma reverência. — General Baldwin, estou feliz em conhecê-lo. Eu sou Richard Rahl.

O General finalmente recuperou sua compostura e devolveu a saudação. — Lorde Rahl, estou honrado que você me receba em um prazo tão curto.

Richard fez um gesto. — Cara, por favor, traga uma cadeira para o General. Ele deve estar cansado de sua viagem.

Depois que Cara colocou uma simples cadeira estofada de couro diante de uma mesa, e o General sentou, Richard sentou em sua própria cadeira atrás da mesa. — O que posso fazer por você. General Baldwin?

O General olhou para cima, para Raina, parada atrás do ombro esquerdo dele, e Cara atrás do direito. As duas mulheres permaneciam relaxadas e em silêncio com suas mãos cruzadas atrás das costas, enviando a inequívoca mensagem de que não tinham intenção de ir a lugar algum.

— Você pode falar livremente, General. Confio nessas duas para tomar conta de mim quando eu durmo.

Ele deu um suspiro e pareceu relaxar um pouco, aceitando a garantia. — Lorde Rahl, eu vi por causa da Rainha.

Richard havia pensado que poderia ser isso. Cruzou as mãos sobre a mesa. — Sinto muito pelo que aconteceu, General.

O General descansou um braço sobre a mesa quando se inclinou. — Sim, ouvi falar sobre o Mriswith. Vi algumas das bestas odiosas nos postes do lado de fora.

Richard teve que se conter quando quase falou que eles poderiam ser bestas, mas não eram odiosas. Afinal de contas, um Mriswith matou Cathryn Lumholtz quando ela estava quase para assassinar ele, mas o General não parecia estar disposto a entender, então Richard guardou aquilo para si mesmo, e ao invés disso falou. — Lamento profundamente que sua Rainha tenha sido morta enquanto estava sob o meu teto.

O General balançou a mão despreocupadamente. — Não queria fazer nenhuma acusação, Lorde Rahl. O que eu queria falar era sobre Kelton estar sem um Rei ou Rainha, agora que Cathryn Lumholtz está morta. Ela era a última sucessora ao trono, e com a sua morte súbita, isso representa um problema.

Richard manteve sua voz amigável, mas séria. — Que tipo de problema? Agora vocês são parte de nós.

O homem fez uma careta mostrando uma expressão ofendida. — Sim, nos recebemos os documentos de rendição. Mas a Rainha que nos liderava agora está morta. Enquanto estava no poder, ela agia dentro de sua autoridade, mas nos encontramos sem saber como proceder.

Richard franziu a testa. — Você quer dizer que precisam de uma nova Rainha, ou Rei?

Ele encolheu os ombros. — É nosso costume ter um monarca liderando nosso povo. Mesmo que isso seja apenas simbólico, agora que nos rendemos para fazer a união com D'Hara, isso dá ao povo Kelteano estima de ter um Rei ou Rainha.

— Sem um Rei ou Rainha, as pessoas sentem que não são mais do que nômades, sem raízes, sem qualquer coisa em comum para unir elas.

— Uma vez que não há nenhum Lumholtz na linha de sucessão, uma das outras Casas poderia se adiantar. Nenhuma tem o direito de reivindicar o trono, mas uma poderia eventualmente conquistar o direito. Porém, um trono disputado poderia causar uma guerra civil.

— Entendo. — Richard disse. — Você percebe, é claro, que seja lá quem escolherem para seu Rei ou Rainha não faz diferença alguma enquanto sua rendição estiver concedida. A rendição é irrevogável.

— Não é tão simples. É por isso que vim buscar sua ajuda.

— Como eu posso ajudar?

O General massageou o queixo. — Veja bem, Lorde Rahl, a Rainha Cathryn entregou Kelton a você, mas agora ela está morta. Até que tenhamos um novo monarca, estamos sujeitos a você. Você é o equivalente de nosso Rei até que um verdadeiro monarca seja nomeado. Entretanto, se uma dessas Casas ascender ao trono, poderia ser que ela enxergasse isso de forma diferente.

Richard evitou que seu tom soasse tão ameaçador quando ele sentia vontade. — Não me importo como eles enxergam isso. Esse rio foi atravessado.

O General agitou sua mão como se pedisse paciência. — Acredito que o futuro está com você, Lorde Rahl. O problema é que se finalmente a Casa errada assumir o trono, eles podem ter ideias diferentes. Falando francamente, eu jamais imaginaria que a Casa de Lumholtz teria escolhido ficar com você D'Hara. Você deve ter sido bastante persuasivo para fazer a Rainha enxergar a razão.

— Alguns desses Duques e Duquesas são talentosos nos jogos de poder, mas não no que é do melhor interesse de todos. Esses Ducados são quase soberanos, e seus subalternos fazem reverência apenas para um monarca. Existe aqueles que fariam de modo persuasivo para Kelton apoiar a palavra da Coroa, e não D'Hara, caso uma das Casas erradas ficasse com o trono, e poderia invalidar a rendição. A guerra civil seria o resultado.

— Eu sou um soldado, e vejo os eventos com olhos de soldado. O que um soldado gosta menos que tudo é lutar em uma guerra civil. Eu tenho

homens de todos os Ducados. A guerra civil acabaria com a unidade do exército, nos destruindo, e nos deixaria vulneráveis aos verdadeiros inimigos.

Richard preencheu o silêncio. — Estou escutando, continue.

— Como eu falei, como um homem que entende o valor da união, da autoridade unificada, acredito que o futuro está com você. Agora mesmo, até que um novo governante esteja no trono você é a lei.

O General Baldwin inclinou para um lado contra a mesa e baixou sua voz de maneira bastante sugestiva. — Uma vez que você é a lei no momento, se você nomeasse um Rei ou Rainha, então isso resolveria o assunto. Entende o que quero dizer? As Casas seriam obrigadas a honrar o novo governante, e ficar com você, se o novo governante disser que deve ser como já tinha sido feito.

Richard girou os olhos. — Você faz isso parecer um jogo, General. Mover esta peça no tabuleiro para bloquear uma peça oponente antes que o oponente faça sua jogada para pegar seu marcador.

Ele acariciou o bigode. — É a sua jogada, Lorde Rahl.

Richard recostou na cadeira. — Entendo. — Pensou durante um momento, sem saber como conseguiria sair disso. Talvez pudesse pedir o conselho do General sobre qual das Casas seria leal. Porém, não achava que isso fosse sábio, confiar em um homem que acabou de entrar e anunciar sua intenção de ajudar. Isso poderia ser um truque.

Ele olhou para Cara, que estava de um lado, atrás do General. Os ombros dela estavam baixos e seu rosto estava com uma silenciosa expressão perturbadora. Quando ele moveu seu olhar para Raina, ela sinalizou que também não tinha qualquer sugestão.

Richard levantou e foi até a janela, observando as pessoas na cidade. Ele desejou que Kahlan estivesse aqui. Ela sabia tudo sobre esse tipo de coisa: os costumes da realeza e governantes. Esse negócio de tomar Midlands estava constantemente provando ser mais complicado do que ele havia esperado.

Ele poderia simplesmente ordenar que essa besteira terminasse, e enviar tropas D'Haran para impor suas ordens, mas isso desperdiçaria homens valiosos tomando conta daquilo que já deveria estar resolvido. Poderia deixar a questão para mais tarde, mas precisava que Kelton continuasse leal. A rendição de outras terras dependia de Kelton. Já tinha Kelton, mas se cometesse um erro, todos os seus planos poderiam acabar em cinzas.

Richard queria que Kahlan corresse e chegasse logo até Aydindril. Ela poderia dizer a ele o que precisava fazer.

Talvez pudesse protelar até que ela e Zedd chegassem, e com o conselho dela, fazer a coisa certa. Ela deveria chegar aqui em breve. Mas seria cedo o bastante?

Kahlan, o que eu deveria fazer?

Kahlan.

Richard virou de volta para o General que aguardava. — Uma vez que Kelton precisa de um monarca para representar um símbolo de esperança e liderança para todo o povo Kelteano, eu vou nomear um para vocês.

O General esperou com ansiedade.

— Por minha autoridade como Mestre de D'Hara, para a qual Kelton deve sua lealdade, eu nomeio sua Rainha.

— Desse dia em diante, Kahlan Amnell é a Rainha de Kelton.

Os olhos do General Baldwin ficaram arregalados quando ele levantou da cadeira. — Você nomeia Kahlan Amnell como nossa Rainha?

Richard endureceu seu olhar enquanto sua mão pousava no cabo da espada. — Eu nomeio. Toda Kelton fará reverência a ela. Como a sua rendição, essa ordem é irrevogável.

O General Baldwin caiu de joelhos, sua cabeça abaixada. — Lorde Rahl, eu mal posso acreditar que faria isso para meu povo. Nós ficamos gratos.

Richard, com sua mão prestes a sacar a espada, parou ao escutar as palavras do General. Ele não estava esperando esse tipo de reação.

Finalmente o General levantou diante da mesa. — Lorde Rahl eu, eu devo partir imediatamente para levar essa notícia gloriosa para minhas tropas. Eles ficarão tão honrados quanto eu em serem súditos de Kahlan Amnell.

Richard, sem saber como reagir, permaneceu imóvel. — Fico feliz que vocês aceite minha escolha, General Baldwin.

O General abriu os braços. — Aceitar? Isso está além de minhas esperanças, Lorde Rahl. Kahlan Amnell é a Rainha de Galea. Tem sido motivo de discussão em nossa terra que a própria Madre Confessora serviria como Rainha de nossa rival, Galea, mas agora ter ela como nossa Rainha também, bem, isso provará que o Lorde Rahl nos considera com a mesma alta estima que tem por Galea. Quando você estiver casado com ela, estará comprometido com nosso povo também, do mesmo jeito que estará com os Galeanos.

Richard estava rígido e sem fala. Como o homem sabia que Kahlan era a Madre Confessora? Queridos espíritos, o que aconteceu?

General Baldwin se esticou e puxou a mão de Richard da espada, apertando-a calorosamente.

— Lorde Rahl, essa é a maior honra que nosso povo já recebeu: ter a Madre Confessora em pessoa como nossa Rainha. Obrigado, Lorde Rahl, obrigado.

O General Baldwin estava sorrindo alegremente, mas Richard estava quase em pânico. — É minha esperança, General, que isso sele nossa unidade.

Balançando uma das mãos, o General riu com exultação. — Para sempre, Lorde Rahl. Agora, se você me desculpar, devo retornar imediatamente para que nosso povo saiba a respeito desse grande dia.

— É claro. — Richard conseguiu pronunciar.

O General Baldwin apertou as mãos de Cara e Raina antes de sair da sala apressado. Richard ficou parado, estupefato.

Cara franziu a testa. — Lorde Rahl, tem alguma coisa errada? Seu rosto está tão pálido quanto cinzas.

Richard finalmente desviou seu olhar da porta pela qual o General tinha passado, e olhou para ela. — Ele sabia que Kahlan é a Madre Confessora.

A expressão de Cara parecia de surpresa. — Todos sabem que sua futura esposa, Kahlan Amnell, é a Madre Confessora.

— O quê? — ele sussurrou. — Você também sabe?

Ela e Raina assentiram. Raina falando. — Naturalmente. Lorde Rahl, você realmente não parece bem. Você está doente? Talvez fosse melhor.

Richard olhou do rosto questionador de Raina, de volta para Cara. — Ela estava com um feitiço que a protegia. Ninguém sabia que ela era a Madre Confessora. Ninguém. Um grande mago usou magia para esconder a identidade dela. Antes vocês não sabiam.

Cara franziu a testa, agora realmente confusa. — Não sabíamos? Isso é muito estranho, Lorde Rahl. Para mim parece que eu sempre soube que ela era a Madre Confessora. — Raina assentiu mostrando que concordava.

— Impossível. — Richard disse. Ele virou para a porta. — Ulic! Egan!

Eles atravessaram a porta correndo quase instantaneamente, eretos e prontos para o combate. — O que foi, Lorde Rahl?

— Com quem eu vou casar?

Os dois ficaram surpresos. — Com a Rainha de Galea, Lorde Rahl. — Ulic disse.

— Quem ela é?

Os dois homens trocaram olhares confusos. — Bem. — Egan falou — ela é a Rainha de Galea.

— Kahlan Amnell, a Madre Confessora.

— A Madre Confessora deveria estar morta! Nenhum de vocês lembra do discurso que eu fiz para todos os representantes, lá embaixo nas câmaras do Conselho? Não lembram quando eu falei sobre como eles deveriam honrar a memória da Madre Confessora morta se unindo a D'Hara?

Ulic coçou a cabeça. Egan olhou fixamente para o chão enquanto mordida a ponta de um dedo em concentração. Raina olhou para os outros, esperando que tivessem uma resposta. O rosto de Cara finalmente se iluminou.

— Acho que eu lembro, Lorde Rahl. — ela disse. — Mas acho que você estava falando das Madres Confessoras em geral, não de sua futura esposa.

Richard olhou de um rosto para outro enquanto cada um assentia. Alguma coisa estava errada.

— Veja, eu sei que você não entendem, mas isso envolve magia.

— Então você tem razão, Lorde Rahl. — Raina disse, ficando mais séria. — Se tem um feitiço de magia envolvido, então o feitiço nos enganaria. Você tem magia, então você seria capaz de enxergar a dificuldade. Nós devemos confiar naquilo que você nos diz sobre magia.

Richard esfregou as mãos uma na outra enquanto olhava para o vazio, seus olhos incapazes de encontrar um lugar para fixar. Alguma coisa estava errada. Alguma coisa estava terrivelmente errada. Mas o quê? Talvez Zedd tivesse removido o feitiço. Talvez ele tivesse uma razão para fazer isso. Poderia ser que não houvesse nada errado. Zedd estava com ela. Zedd a protegeria. Richard deu um giro.

— A carta. Eu enviei uma carta para eles. Talvez Zedd tenha removido o feitiço porque sabe que eu tomei Aydindril da Ordem Imperial, assim ele não considerou que houvesse necessidade de mantê-la enfeitiçada.

— Isso parece razoável. — Cara declarou.

Richard sentiu uma onda de preocupação subir em sua garganta. E se Kahlan estava furiosa por ele ter acabado com a aliança de Midlands e ter exigido a rendição das terras para D'Hara, e então ela insistiu que Zedd removesse o feitiço para deixar que as pessoas soubessem que Midlands ainda tinha uma Madre Confessora? Se fosse assim, isso significaria que ela não estava com problemas, mas que estava com raiva dele. Raiva ele poderia aceitar. Problema, não poderia. Se ela estivesse com problemas, ele precisava ajudá-la.

— Ulic, por favor vá encontrar o General Reibisch e traga ele até mim imediatamente. — Ulic bateu com o punho no peito e saiu rapidamente da sala. — Egan, você vai visitar alguns dos oficiais e homens. Procure não agir como se isso fosse alguma coisa fora do normal. Apenas inicie uma conversa com eles sobre mim, talvez meu casamento ou alguma coisa assim. Veja se outros também sabem que Kahlan é a Madre Confessora.

Richard andou de um lado para outro e pensou enquanto esperava que o General Reibisch chegasse. O que ele deveria fazer? Kahlan e Zedd deveriam estar aqui a qualquer momento, mas e se alguma coisa desse errado? Mesmo se Kahlan estivesse com raiva por causa daquilo que ele tinha feito, isso não a impediria de vir até Aydindril, só iria fazer ela querer conversar com ele a respeito, ou fazer um discurso sobre a história de Midlands e o que ele estava destruindo.

Talvez ela desejasse dizer que o casamento estava cancelado, e que nunca mais queria ver ele novamente. Não. Ele não podia acreditar nisso. Kahlan o amava, e mesmo se estivesse com raiva, ele se recusava a acreditar que ela colocaria qualquer coisa, por sua própria vontade, na frente de seu amor por ele. Precisava acreditar no amor dela, assim como ela precisava acreditar no dele.

A porta abriu e Berdine entrou na sala lentamente com seus braços cheios de livros e papéis. Estava com uma pena entre os dentes. Ela sorriu o melhor que podia com a pena na boca, e colocou as coisas sobre a mesa.

— Precisamos conversar. — ela sussurrou. — Se você não estiver ocupado.

— Ulic foi procurar pelo General Reibisch. É urgente que eu fale com ele.

Berdine olhou para Cara, Raina, e para a porta. — Quer que eu saia, Lorde Rahl? Tem alguma coisa errada?

Richard já tinha aprendido o bastante para saber que ele estava certo sobre o diário que eles encontraram ser importante. Ele não poderia fazer nada até que Reibisch voltasse.

— Com quem eu vou casar?

Berdine abriu um livro na mesa quando sentou na cadeira dele e remexeu os papéis que havia trazido.

— Rainha Kahlan Amnell, a Madre Confessora. — Ela levantou os olhos, esperançosa. — Você tem algum tempo? Eu poderia usar sua ajuda.

Richard suspirou e deu a volta na mesa para ficar ao lado dela. — Até que o General Reibisch chegue aqui eu tenho tempo. Do que você precisa?

Com a costa da pena, ela bateu levemente no diário aberto. — Quase consegui traduzir esta parte aqui, e parece que ele foi enfático sobre isso quando escreveu, mas não entendo duas palavras que eu penso serem importantes. — Ela colocou a versão em Alto D'Haran de *As Aventuras de Bonnie Day* na frente deles. — Achei um lugar com as mesmas duas palavras nesse trecho. Se você conseguir lembrar o que diz, eu saberei.

Richard havia lido *As Aventuras de Bonnie Day* incontáveis vezes, foi seu livro favorito, e ele achava que conseguia recitar ele de cor. Tinha descoberto que não conseguia. Conhecia bem o livro, mas lembrar as palavras exatas proveu ser mais difícil do que ele tinha pensado que seria. Ele conseguia lembrar da história, mas não da história exata, palavra por palavra. A não ser que ele conseguisse dizer para ela as exatas palavras de uma sentença, a essência da história geralmente não ajudava muito.

Ele foi até a Fortaleza diversas vezes e procurou por uma versão do livro que conseguisse ler para que eles pudessem cruzar as referências com a versão em D'Haran, mas não conseguiu encontrar. Era frustrante que ele não conseguisse ajudar mais.

Berdine apontou para um lugar no *As Aventuras de Bonnie Day*. — Preciso dessas duas palavras. Consegue dizer o que essa sentença diz?

As esperanças de Richard aumentaram. Era o início de um capítulo. Ele tinha mais sucesso com o início de capítulos porque os pontos de partida eram memoráveis.

— Sim! Esse é o capítulo onde eles partem. Eu lembro. Ele começa assim, Pela terceira vez naquela semana, Bonnie violou a regra do pai dela sobre não entrar na floresta sozinha.

Berdine se inclinou, olhando para a linha. — Sim, essa é violou. Eu já tenho essa. Essa palavra aqui é regra, e essa terceira?

Richard assentiu quando ela olhou para cima. Sorrindo com a excitação da descoberta, ela mergulhou sua pena no vidro de tinta e começou a escrever em uma das folhas de papel que trouxe, preenchendo alguns dos espaços em branco.

Quando terminou, ela empurrou orgulhosamente o papel na frente dele.

— Isso é o que diz nessa parte do diário.

Richard pegou o papel e segurou na luz que vinha da janela, por cima de seu ombro.

As discussões explodem entre nós. A Terceira Regra do Mago: A paixão governa a razão, eu temo que essa mais traiçoeira das regras possa ser nossa ruína. Embora a conheçamos muito bem, eu temo que alguns de nós a estejam violando de qualquer jeito. Cada facção declara que seu curso de ação é a razão, mas em desespero, eu temo que todos sejam paixão. Até mesmo Alric Rahl envia notícia frenética de uma solução. Enquanto isso, os Andarilhos dos Sonhos usam a gadanha em nossos homens. Eu rezo que as torres possam ser concluídas, ou todos nós estamos perdidos. Hoje eu digo adeus para amigos que partem para as torres. Eu choro por saber que nunca

mais verei aqueles bons homens outra vez nesse mundo. Quantos morrerão nas torres pela causa da razão? Mas, ai de mim, eu sei que seria muito pior caso violássemos a Terceira Regra.

Quando Richard acabou a tradução, ele se afastou, na direção da janela. Ele esteve naquelas torres. Sabia que os magos deram suas forças de vida dentro delas para ativar os feitiços das torres, mas antes eles nunca pareceram pessoas reais para ele. Era assustador ler a angústia nas palavras dos homens cujos ossos jaziam naquela sala dentro da Fortaleza por milhares de anos. Através das palavras no diário, os ossos dele pareciam estar começando a ganhar vida.

Richard pensou a respeito da Terceira Regra, tentando analisar ela por si mesmo. Antes, para a Primeira e a Segunda, ele teve Zedd, e então Nathan para explicá-las, para fazer ele ver como as regras funcionavam na vida. Ele teria que entender o sentido dessa sozinho.

Lembrou de andar pelas estradas que conduziam para fora de Aydindril, para conversar com algumas das pessoas que saíam da cidade.

Ele queria saber por que eles estavam indo embora, e ficou sabendo através de pessoas temerosas que eles sabiam a verdade: que ele era um monstro que os mataria por simples prazer.

Quando pressionados, eles citavam boatos como se fossem fatos vistos com seus próprios olhos, boatos sobre como o Lorde Rahl tinha crianças e escravos no Palácio, como ele levava incontáveis mulheres jovens para sua cama, deixando elas traumatizadas por causa da experiência vagando nuas pelas ruas. Eles afirmavam conhecer mulheres jovens e garotas que ele havia deixado grávidas, e além disso conheciam pessoas que tinham visto os abortos de algumas dessas pobres vítimas de seu estupro, e eles eram horríveis, aberrações sem forma, o refugio da semente maligna dele. Eles cuspiam nele pelos crimes que ele cometia contra pessoas indefesas.

Perguntou a eles como poderiam ser tão francos com ele se ele era um monstro assim. Eles disseram saber que ele não faria mal a eles em local aberto. Tinham ouvido falar sobre como ele fingia ser misericordioso em

público para enganar as pessoas, assim, sabiam que não faria nada na frente das multidões, e logo teriam suas mulheres longe das suas garras malignas.

Quanto mais Richard tentou acabar com as crenças distorcidas, mais as pessoas se agarravam a elas.

Eles diziam ter escutado essas coisas de pessoas demais para que isso fosse outra coisa a não ser a verdade. Tal conhecimento comum não poderia ser falso, eles disseram, pois seria impossível enganar tantas pessoas. Elas eram apaixonadas em sua crença e em seu medo, e não escutariam quaisquer argumentos de lógica. Simplesmente queriam ser deixados em paz para correr em busca da proteção que eles ouviram dizer que era oferecida pela Ordem Imperial.

A paixão deles os levaria para a ruína. Ele ficou imaginando se poderia ser assim que a violação da Terceira Regra feria as pessoas. Não sabia se esse era um exemplo sólido o bastante. Parecia algo que se confundia com a Primeira Regra:

As pessoas acreditariam em qualquer mentira, seja porque querem que seja verdade, ou por terem medo de que fosse verdade. Estava parecendo que poderiam ser várias regras misturadas, violadas uma após a outra, e ele não conseguir definir onde uma terminava e a outra começava.

E então Richard lembrou do dia em seu lar, em Westland, quando a Sra. Rencliff, que não conseguia nadar, tinha puxado seus braços dos homens que tentavam segurá-la, recusando-se a esperar pelo bote, e saltou dentro de um rio agitado depois que seu garoto tinha caído nele. Os homens chegaram rapidamente poucos minutos depois com o bote e salvaram a vida do garoto. Chad Rencliff cresceu sem a mãe; nunca encontraram o corpo dela.

Richard sentiu um calafrio na pele como se gelo a tivesse tocado. Ele entendeu. A Terceira Regra do Mago: A paixão governa a razão.

Foi uma hora perturbadora detalhando o modo como a paixão das pessoas ao invés da razão lhes causava danos, e pior, imaginando como a magia poderia adicionar a ruína na equação, como ele sabia que aconteceria, antes que Ulic finalmente retornasse com o General.

General Reibisch bateu com um punho sobre o coração quando entrou na sala. — Lorde Rahl, Ulic disse que você estava com pressa para falar comigo.

Richard agarrou o uniforme escuro do homem barbado. — Quanto tempo levará para que você prepare os homens para partir em uma busca?

— Lorde Rahl, eles são D'Harans. Soldados D'Haran estão sempre prontos para partir no momento da ordem.

— Bom. Você conhece a minha futura esposa, a Rainha Kahlan Amnell?

O General Reibisch assentiu. — Sim. A Madre Confessora.

Richard se encolheu. — Sim, a Madre Confessora. Ela está a caminho daqui vindo pelo sudoeste. Ela está atrasada, e pode haver problema. Ela estava com um feitiço para proteger sua identidade como a Madre Confessora, para que os inimigos dela não pudessem caçá-la. De algum modo, o feitiço foi removido. Pode não ser nada, mas poderia significar problema. Com certeza, seus inimigos agora saberão dela.

O homem coçou a barba de cor de ferrugem. Seus olhos verde acinzentados finalmente levantaram. — Entendo. O que gostaria que eu fizesse?

— Nós temos perto de duzentos mil homens em Aydindril, com outros cem mil espalhados por todo o perímetro da cidade. Não sei exatamente onde ela está, a não ser que deve estar a sudeste e a caminho daqui. Temos que protegê-la.

— Quero que você junte uma força, metade das tropas na cidade, pelo menos cem mil, para ir atrás dela.

O General passou a mão na cicatriz enquanto soltava um suspiro. — É uma grande quantidade de homens, Lorde Rahl. Acha que devemos levar tantos da cidade?

Richard andou de um lado para outro entre a mesa e o General. — Não sei exatamente onde ela está. Se levarmos poucos poderíamos perdê-la por cinquenta milhas e ficar perambulando sem jamais fazer contato. Com

essa quantidade podermos nos espalhar enquanto seguimos, lançar uma rede maior, cobrindo todas as estradas e trilhas para não perdê-la.

— Então você irá conosco?

Richard queria desesperadamente ir encontrar Kahlan e Zedd. Olhou para Berdine sentada atrás da mesa enquanto ela trabalhava, e pensou nas palavras de advertência de um mago de três mil anos de idade. Terceira Regra do Mago: A paixão governa a razão.

Berdine precisava da ajuda dele para traduzir o diário. Ele já estava aprendendo coisas importantes sobre a última guerra, e as torres, e os Andarilhos dos Sonhos. Um Andarilho dos Sonhos caminhava novamente no mundo.

Se fosse, e Kahlan escapasse dele onde procurasse, poderia levar mais tempo para que ele se juntasse a ela do que se simplesmente esperasse em Aydindril. E então havia a Fortaleza. Alguma coisa aconteceu na Fortaleza, e era sua obrigação proteger a magia que estava lá.

A paixão de Richard dizia para ir. Ele queria desesperadamente ir procurar Kahlan, mas no fundo de sua mente, ele viu a Sra. Rencliff mergulhando na água escura revolta, recusando-se a esperar pelo bote. Esses homens eram o bote dele.

As tropas poderiam encontrar Kahlan e protegê-la. Ele não poderia fazer nada para aumentar essa proteção. A razão dizia para ele esperar aqui, não importa quanta ansiedade isso causasse. Gostando ou não, agora ele era um líder. Um líder precisava agir com a razão, ou todos pagariam o preço de sua paixão.

— Não, General. Ficarei em Aydindril. Reúna as tropas. Leve os melhores rastreadores. — Ele olhou nos olhos do homem. — Sei que não preciso dizer o quanto isso é importante para mim.

— Não, Lorde Rahl. — o General falou com um tom de compaixão. — Não se preocupe, nós a encontraremos. Irei com os homens para ter certeza de que tudo seja feito com o mesmo cuidado com que você faria se estivesse lá. — Ele colocou seu punho no coração. — Cada uma de nossas vidas antes que algo de ruim toque sua Rainha.

Richard colocou uma das mãos no ombro do homem. — Obrigado, General Reibisch. Eu sei que não conseguiria fazer mais do que você fará. Que os bons espíritos estejam com você.

CAPÍTULO 44

Por favor, Mago Zorander. — O mago não afastou os olhos de sua colher enfiando feijões e bacon dentro da boca. Ela não sabia como o homem conseguia comer tanto quanto comeu.

— Você está escutando?

Ela não estava gritando, mas estava perto do fim de sua paciência. Isso estava provando ser um problema maior do que ela previu. Sabia que tinha que fazer isso, cultivar a hostilidade dele, mas isso era demais.

Com um suspiro satisfeito, o Mago Zorander colocou sua tigela de metal junto com as coisas deles. — Boa noite, Nathan.

Nathan levantou uma sobrancelha quando o Mago Zorander rastejou para sua cama. — Boa noite, Zedd.

Nathan também estava se tornando perigosamente difícil de lidar desde que ela havia capturado o velho mago. Ele nunca teve um colega com tanto talento. Ann levantou rapidamente e ficou com os punhos nos quadris enquanto olhava fixamente para o cabelo branco que estava para fora do cobertor.

— Mago Zorander, estou implorando.

Implorar a ajuda dele de um jeito tão humilde deixava ela furiosa, mas tinha aprendido do modo difícil quais poderiam ser os resultados quando ela usava o poder da coleira dele para fazer ele cooperar através de meios desagradáveis. Como o homem conseguiu fazer aqueles truques através do bloqueio que ela havia colocado em sua coleira deixou ela assombrada, mas ele conseguiu, para grande alegria de Nathan. Ela não estava alegre.

Ann estava quase chorando. — Por favor, Mago Zorander.

A cabeça dele levantou, a luz do fogo lançava destacava as linhas de seu rosto magro com sombras rudes. Os olhos cor de avelã dele estavam

fixos nela.

— Se você abrir aquele livro de novo, você vai morrer.

Com furtividade semelhante a de um fantasma, ele lançou feitiços contornando os escudos dela quando ela menos esperava. Ela não conseguia entender como ele tinha colocado um feitiço de luz no Livro de Jornada. Ela o abriu naquela noite e tinha visto uma mensagem de Verna que ela havia sido capturada e colocada em uma coleira, e então tudo deu terrivelmente errado.

Abrir o livro havia disparado o feitiço de luz. Ela viu ele espalhar e incendiar. Um cilindro brilhante e ardente disparou no ar, e o velho mago havia dito tranquilamente que se ela não fechasse o livro no momento em que a centelha de luz tocasse o chão, ela seria incinerada.

Com um olho na centelha sibilante enquanto ela descia, ela só conseguiu rabiscar uma mensagem apressada para Verna de que ela deveria escapar e levar as Irmãs para longe. Havia fechado o livro bem na hora. Ela sabia que ele não estava blefando sobre a natureza mortal do feitiço em volta do livro.

Agora ela podia ver o feitiço suavemente brilhante em volta dele. Nunca tinha visto nada assim, e não conseguia imaginar como ele conseguiu colocar o feitiço quando ela pensou que o poder dele estava bloqueado. Nathan também não entendeu, mas pareceu bastante interessado. Ela não sabia nenhum jeito de abrir o livro sem ser morta.

Ann agachou ao lado da cama. — Mago Zorander, sei que você tem boas razões para se opor a mim, mas isso é uma questão de vida e morte. Tenho que enviar uma mensagem. As vidas das Irmãs estão em jogo. Mago Zorander, por favor. Irmãs poderiam morrer. Sei que você é um bom homem, e não iria querer isso.

Ele enfiou um dedo por baixo do cobertor e apontou para ela. — Você me escravizou. Você causou isso consigo mesmo e com suas Irmãs. Eu avisei, você quebrou a trégua, e sentenciou suas Irmãs à morte. Está pondo em risco a vida de pessoas que eu amo. Eles poderiam morrer por que você não permite que eu os ajude. Você me impediu de proteger as

coisas de magia da Fortaleza. está arriscando as vidas do meu povo em Midlands. Todos eles poderiam morrer por causa do que você fez comigo.

— Não consegue entender que todas nossas vidas estão ligadas? Essa é uma guerra contra a Ordem Imperial, não entre nós. Não tenho desejo algum de fazer mal a você, apenas quero que você me ajude.

Ele grunhiu. — Não esqueça do que eu falei: é melhor que pelo menos um de vocês fique acordado. Se eu pegar você dormindo, e Nathan não estiver acordado para protegê-la, você jamais acordará. Um aviso justo, ainda que você não mereça.

Ele virou para um lado e puxou o cobertor.

Querido Criador, isso estava acontecendo do jeito que a profecia pretendia, ou tudo havia acontecido terrivelmente errado?

Ann deu a volta na fogueira até Nathan.

— Nathan, você acha que poderia colocar algum bom senso nele?

Nathan olhou para ela. — Eu disse que essa parte do plano é a verdadeira loucura. Botar uma coleira em um homem jovem é uma coisa, colocar uma coleira em um mago de Primeira Ordem é algo bem diferente. Esse é o seu plano, não meu.

Ela cerrou os dentes quando agarrou a camisa dele. — Verna poderia ser morta naquela coleira. Se ela for morta, nossas Irmãs poderiam morrer também.

Ele comeu uma colher de feijão. — Estive avisando você contra esse plano desde o começo. Você quase foi morta na Fortaleza, mas essa parte da profecia é mais perigosa ainda. Conversei com ele; ele está falando a verdade. Tanto quando ele sabe, você está colocando os amigos dele em perigo mortal. Se ele puder, matará você para escapar e ir ajudá-los. Não há dúvida em minha mente.

— Nathan, depois de todos os anos que estivemos juntos, como você pode ser tão insensível sobre isso?

— Você quer dizer, depois de todos esses anos de cativo, como eu ainda posso me rebelar contra isso?

Ann virou o rosto quando uma lágrima rolou por sua bochecha. Ela engoliu o bolo em sua garganta.

— Nathan. — ela sussurrou. — em todo o tempo que você me conhece, você já me viu fazer alguma coisa cruel com outra pessoa a não ser que fosse obrigada, para proteger vidas? Você já me viu lutar com outro propósito que não fosse preservar a vida e liberdade?

— Eu presumo que você quer dizer uma liberdade diferente da minha.

Ela limpou a garganta. — E sei que responderei ao Criador por isso, mas eu faço isso porque preciso, e porque eu me preocupo com você, Nathan.

Sei o que aconteceria com você no mundo lá fora. Seria caçado e morto por pessoas que não entendem você.

Nathan colocou sua tigela em cima das outras. — Você quer o primeiro turno ou o segundo?

Ela virou para ele. — Se você quer tanto sua liberdade, o que o impede de dormir em sua vigília, para que eu seja morta?

Os penetrantes olhos azuis dele assumiram uma expressão amarga. — Quero tirar essa coleira. A única coisa que eu não faria é matar você para realizar a tarefa. Se eu estivesse disposto a pagar esse preço, você já teria morrido mil vezes, e sabe disso.

— Sinto muito, Nathan. Eu sei que você é um homem bom, e estou totalmente consciente da participação vital que você teve até agora me ajudando a preservar a vida. Forçar você a me ajudar causar dor em meu coração.

— Me forçar? — Ele riu. — Ann, você é mais engraçada do que qualquer mulher que eu já conheci. A maior parte dessa coisa toda eu não teria perdido por nada. Que outra mulher compraria para mim uma espada? Ou forneceria a necessidade de usá-la?

— Aquela profecia ridícula diz que você precisa deixar ele com raiva, e você está fazendo um trabalho esplêndido. Eu temo que isso possa até funcionar. Vou pegar o primeiro turno. Não esqueça de verificar sua cama. Não há como dizer o que ele poderia ter colocado nela nessa hora. Eu ainda não entendi as pulgas na neve.

— Eu também não. Ainda estou sentindo coceira. — Ela coçou o pescoço distraidamente. — Estamos quase em casa. Na velocidade que estamos seguindo, não vai demorar muito.

— Casa. — ele zombou. — E então você nos mata.

— Querido Criador, — ela sussurrou para si mesma. — que escolha eu tenho?

Richard recostou em sua cadeira e bocejou. Estava tão cansado que mal conseguia manter os olhos abertos. Quando ele se espreguiçou e bocejou, isso fez com que Berdine, sentada perto dele, fizesse o mesmo. Do outro lado da sala, na porta, Raina foi contaminada pelos bocejos deles.

Uma batida surgiu e Richard levantou rapidamente. — Entre!

Egan enfiou a cabeça para dentro. — Um mensageiro está aqui.

Richard fez em sinal, e a cabeça de Egan desapareceu. Um soldado D'Haran com uma capa grossa e com cheiro de cavalo entrou rapidamente e fez uma saudação com um punho sobre o coração.

— Sente-se. Parece que você fez uma cavalgada difícil. — Richard disse.

O soldado arrumou seu machado de batalha na cintura e olhou para a cadeira. — Eu estou bem, Lorde Rahl. Mas eu temo não ter nada para reportar.

Richard afundou em sua cadeira. — Entendo. Nenhum sinal? Nada?

— Não, Lorde Rahl. O General Reibisch disse para informar que estão há bastante tempo, e estão varrendo cada polegada, e queria que eu

garantisse que nossos homens não deixaram passar nada, mas até agora não encontraram nenhum sinal.

Richard fez um gesto mostrando desapontamento. — Está bem. Obrigado. É melhor você arrumar alguma coisa para comer.

O homem fez uma saudação e saiu. Todos os dias durante duas semanas, iniciando uma semana depois que a força partiu a procura de Kahlan, mensageiros estiveram retornando para entregar a Richard um relatório. Uma vez que a força havia começado a se dividir para cobrir diferentes rotas, cada grupo estava enviando seus próprio mensageiro. Esse foi o quinto do dia.

Escutar os relatórios do que tinha acontecido semanas atrás, quando os mensageiros deixaram suas tropas, era como observar a história acontecer. Tudo que estava ouvindo tinha acontecido no passado. Pelo que Richard sabia, eles poderiam ter encontrado Kahlan uma semanas atrás e estavam em seu caminho de volta enquanto ele ainda estava ouvindo relatórios de falha. Ele manteve aquela esperança constante em primeiro lugar em sua mente.

Ele preencheu o tempo e impediu que sua mente vagasse com pensamentos preocupados trabalhando na tradução do diário. Isso dava a ele a mesma sensação de receber os relatórios todo dia, como observar a história acontecer.

Rapidamente Richard estava começando a entender mais da linguagem do Alto D'Haran do que Berdine.

Porque ele conhecia a história *As Aventuras de Bonnie Day*, eles estiveram trabalhando nela a maior parte do tempo, fazendo longas listas de palavras enquanto descobriam seus significados, o que lhes dava algo para usar como referência quando trabalhavam no diário. Conforme aprendia palavras, Richard era capaz de ler mais do livro, reunindo as palavras exatas, permitindo que ele preenchesse mais das partes que faltavam em sua memória, e assim aprendia mais palavras ainda.

Agora geralmente era fácil para ele, simplesmente usar o que tinha aprendido para traduzir o diário do que mostras a Berdine e pedir a ela que

fizesse isso. Ele estava começando a ver Alto D'Haran durante o sono, e falar enquanto estava acordado.

O mago que escreveu o diário nunca mencionou o seu nome; não era um registro oficial, mas um diário pessoal, então ele não tinha necessidade de chamar a si mesmo pelo nome. Berdine e Richard passaram a chamá-lo de Kolo, um apelido para *koloblicin*, uma palavra em Alto D'Haran que significava *forte conselheiro*.

Enquanto Richard era capaz de entender mais e mais do diário, uma imagem assustadora estava começando a emergir. Kolo tinha escrito seu diário durante a guerra antiga que tinha desencadeado a criação das Torres da Perdição no Vale dos Perdidos. Uma vez a Irmã Verna disse que as torres estiveram montando guarda naquele vale durante três mil anos, e foram colocadas para impedir uma grande guerra. Depois de aprender o quão desesperados aqueles magos estavam para ativar as torres, Richard estava começando a sentir mais e mais preocupado por ter destruído elas.

Kolo havia mencionado em um local que seus diários estiveram com ele desde que era um garoto, e ele preenchia cerca de um a cada ano, então este, número quarenta e sete, deveria ter sido escrito quando ele estava com cerca de cinquenta e poucos anos. Richard pretendia ir até a Fortaleza e procurar pelos outros diários de Kolo, mas esse aqui ainda tinha muitos segredos para revelar.

Aparentemente Kolo era um conselheiro de confiança para os outros na Fortaleza. A maioria dos outros magos tinham os dois lados do dom, Aditivo e Subtrativo, mas alguns tinham apenas Aditivo. Kolo sentia grande aflição por aqueles que nasceram com apenas esse lado do dom, e era bastante protetor com eles. Diziam que esses, magos desafortunados, eram vistos por muitos quase como impotentes, mas Kolo pensou que eles podiam contribuir de sua própria maneira e fez uma petição em favor deles para que tivessem status completo na Fortaleza.

No tempo de Kolo centenas de magos moravam na Fortaleza, e ela estava viva com famílias, amigos, e crianças. Os corredores agora vazios uma vez estiveram cheios de risadas, conversas, e assuntos despreocupados. Muitas vezes Kolo mencionou Fryda, provavelmente sua esposa, e seu filho e filha mais nova. Crianças tinham acesso restrito a certos níveis na

Fortaleza, e participavam de aulas onde estudavam assuntos típicos como leitura, escrita, e matemática, mas também profecia e o uso do dom.

Mas sobre esta grande Fortaleza, fervilhando de vida, trabalho, e a alegria de famílias, pendia uma mortalha de medo. O mundo estava em guerra.

Entre as outras obrigações de Kolo estava sua tarefa de montar guarda sobre a Sliph. Richard lembrou do Mriswith na Fortaleza perguntando a ele se tinha vindo acordar a Sliph. Ele havia apontado para a sala onde eles encontraram o diário de Kolo e falou que ela finalmente estava acessível. Kolo também tinha se referido a Sliph como *ela*, às vezes mencionando que *ela* estava observando ele enquanto ele escrevia o diário.

Porque era um grande esforço decifrar o diário do Alto D'Haran, desistiram de ficar pulando as partes, uma vez que isso apenas tendia a confundir eles. Era mais fácil começar do início e traduzir cada palavra enquanto prosseguiam, dessa forma aprendendo as idiossincrasias de Kolo no modo como ele usava o idioma, fazendo com que fosse mais fácil reconhecer padrões em suas expressões. Eles estavam apenas a cerce de um quarto do caminho no diário, mas o processo estava acelerando consideravelmente enquanto Richard estava aprendendo Alto D'Haran.

Enquanto Richard se recostava e bocejava outra vez, Berdine se curvou na direção dele. — Que palavra é essa?

— Espada. — ele respondeu sem hesitação. Lembrou da palavra de *As Aventuras de Bonnie Day*.

— Hum. Veja aqui. Acho que Kolo está falando sobre a sua espada.

As pernas da frente da cadeira de Richard bateram no chão quando ele foi para frente. Ele pegou o livro e o pedaço de papel que ela estivera usando para escrever a tradução. Richard observou a tradução, e então voltou ao diário, fazendo esforço para ler nas palavras de Kolo.

A terceira tentativa de forjar uma Espada da Verdade falhou hoje. As esposas e crianças dos cinco magos que morreram perambulam pelos corredores, lamentando com inconsolável angústia. Quantos mais morrerão antes que tenhamos sucesso, ou até que abandonemos a tentativa por ser

impossível? O objetivo pode valer a pena, mas o preço está se tornando terrível de carregar.

— *Você está certa. Parece que ele está falando sobre quando estavam tentando fazer a Espada da Verdade.*

Richard sentiu um calafrio ao saber que homens morreram durante a criação da sua espada. De fato, isso fez ele sentir-se um pouco doente. Sempre tinha pensado na espada como um objeto de magia, imaginando que talvez ela simplesmente fosse uma espada comum sobre a qual, um dia, algum mago poderoso havia lançado um feitiço. Aprender que pessoas morreram no esforço de criar ela fez ele sentir-se envergonhado de ter aquela ideia durante tanto tempo.

Richard continuou no trecho seguinte do diário. Depois de uma hora consultando as listas e Berdine, ele havia traduzido.

Noite passada, nossos inimigos enviaram assassinos através da Sliph. Se os homens de serviço não estivessem tão alertas, eles teriam obtido sucesso. Quando as torres forem ativadas, o Mundo Antigo estará realmente selado, e a Sliph dormirá. Então todos nós poderemos descansar mais tranquilos, a não ser os homens desafortunados de guarda. Nós concluímos que não temos jeito algum de saber quando os feitiços serão ativados, se algum dia eles forem, ou se alguém está na Sliph, então o guarda não pode ser chamado em tempo. Quando as torres ganharem vida, os homens de guarda estarão selados junto com ela.

— *As torres. — Richard falou. — Quando eles completaram as torres, separando o Mundo Antigo do Mundo Novo, aquela sala também foi selada. Era por isso que Kolo estava lá embaixo. Ele não poderia sair.*

— Então porque agora a sala está aberta? — Berdine perguntou.

— Porque eu destruí as torres. Lembra que eu falei para você que parecia que a sala de Kolo havia sido aberta com uma explosão dentro dos últimos meses? Como o mofo nas paredes foram queimados e não tiveram tempo de crescer novamente? Isso deve ter acontecido porque eu destruí as torres. Isso também abriu a sala de Kolo pela primeira vez em três mil anos.

— Porque eles selariam a sala com o poço?

Richard teve que fazer um esforço para piscar. — Acho que essa coisa de Sliph sobre a qual Kolo fica falando vive naquele poço.

— O que é essa Sliph? O Mriswith também mencionou.

— Não sei, mas de algum modo eles usaram a Sliph, seja lá o que for, para viajar a outros lugares. Kolo fala sobre o inimigo enviando assassinos através da Sliph. Eles estavam lutando com as pessoas no Mundo Antigo.

Berdine baixou a voz, preocupada, quando inclinou na direção dele. — Você queria dizer que acha que esses magos podiam viajar daqui por todo o caminho até esse Mundo antigo, e de volta?

Richard coçou a irritação atrás do pescoço. — Eu não sei, Berdine. Parece que é isso.

Berdine ainda estava olhando para ele fixamente como se tivesse pensado que ele estava prestes a mostrar mais alguma evidência e que estava ficando louco. — Lorde Rahl, como isso poderia ser possível?

— Como eu poderia saber? — Richard olhou para a janela. — Está tarde. É melhor dormir um pouco.

Berdine bocejou novamente. — Parece uma boa ideia.

Richard fechou o diário de Kolo e enfiou debaixo de um braço. — Vou ler um pouco na cama até adormecer.

Tobias Brogan olhou para o Mriswith na carruagem, para o que estava lá dentro, e para os outros entre as suas colunas de homens, os raios de sol cintilavam em suas armaduras. Ele podia ver todos os Mriswith; nenhum deles estava invisível para se aproximar dele sorrateiramente e escutar. A raiva dele fervia com a visão do lado da cabeça da Madre Confessora dentro da carruagem. O fato dela ainda estar viva o enfurecia, e de que o Criador tinha proibido que ele encostasse uma lâmina nela.

Ele olhou para o lado rapidamente, para ter certeza de que Lunetta estava perto o bastante para escutá-lo se ele falasse baixo.

— Lunetta, estou começando a ficar muito incomodado com isso.

Ela aproximou o cavalo enquanto eles cavalgavam para que pudesse falar com ele, mas não olhou para, caso algum dos Mriswith estivesse observando. Mensageiros do Criador ou não, ela não gostava das criaturas escamosas.

— Mas Lorde General, você falou que quando o Criador apareceu para falar com você ele disse que deveria fazer isso. Você teve a grande honra de ser visitado pelo Criador, e de fazer o trabalho dele.

— Acho que o Criador...

O Mriswith em cima da carruagem levantou e apontou com uma garra enquanto eles chegavam no ponto mais alto da colina. — Vejaaaa! — ele gritou com um assobio agudo, adicionando um estalo gutural depois da palavra.

Brogan levantou a cabeça para ver uma grande cidade que se espalhava abaixo deles, com o mar cintilante além dela. No centro do vasto acumulado de construções, com um rio dourado banhado pelos raios de sol dividindo-se para dar a volta na ilha sobre a qual ele estava, havia um enorme Palácio, suas torres e telhados cintilando sob o sol. Ele tinha visto cidades antes, tinha visto Palácios antes, mas nunca tinha visto algo assim.

Independente de não querer estar aqui, ele estava maravilhado.

— Isso ser lindo. — Lunetta falou.

— Lunetta. — ele sussurrou. — O Criador me visitou outra vez noite passada.

— Verdade, meu Lorde General? Isso ser maravilhoso. Você ser honrado em ser visitado tanto ultimamente. O Criador deve ter grandes planos para você, meu irmão.

— As coisas que ele me diz estão se tornando mais e mais loucas.

— O Criador? Louco?

O olhar de Brogan desviou para encontrar o de sua irmã. — Lunetta, acho que estamos com problemas. Acho que o Criador está ficando

insano.

CAPÍTULO 45

Quando a carruagem parou, o Mriswith desceu, deixando a porta aberta. Kahlan olhou pela janela para um lado e pela porta para o outro, vendo que os Mriswith estavam se afastando para conversar. As duas finalmente estavam sozinhas.

— O que você acha que está acontecendo? — ela sussurrou. — Onde nós estamos?

Adie inclinou para o lado, olhando pela janela. — Queridos espíritos. — ela sussurrou com horror. — nós estar no coração do território inimigo.

— Território inimigo? Do que você está falando? Onde nós estamos?

— Tanimura. — Adie sussurrou. — Aquele ser o Palácio dos Profetas.

— O Palácio dos Profetas! Tem certeza?

Adie ficou rígida no assento. — Eu ter certeza. Passei tempo aqui quando era jovem, vinte anos atrás.

Kahlan olhou fixamente, incrédula. — Você foi para o Mundo Antigo? Esteve no Palácio dos Profetas?

— Isso ser muito tempo atrás, criança, e uma longa história. Não temos tempo para a história nesse momento, mas isso ser depois que o Sangue da Congregação matou meu Pell.

Eles cavalgaram até bem depois do escurecer, e estavam seguindo caminho muito antes do sol subir a cada dia, mas pelo menos Kahlan e Adie conseguiram dormir um pouco na carruagem. Os homens que estavam sobre os cavalos dormiram pouco. Um Mriswith, e às vezes Lunetta, sempre as vigiavam, e elas não conseguiram trocar mais do que algumas palavras em semanas. Os Mriswith não se importavam se elas dormissem, mas

tinham avisado o que aconteceria se elas falassem. Kahlan não duvidou da palavra deles.

Durante as semanas enquanto eles viajavam para o sul, o clima tinha ficado mais quente, e ela não tremia mais na carruagem, ela e Adie ficavam juntas para ter um pouco de calor.

— Fico imaginando porque eles nos trouxeram até aqui? — Kahlan disse.

Adie chegou mais perto. — O que eu fico imaginando é porque eles não nos mataram.

Kahlan espiou pela janela para ver um Mriswith falando com Brogan e a irmã dele. — Obviamente, porque somos mais valiosas para eles vivas.

— Valiosas para quê?

— O que você acha? Quem eles iriam querer? Quando eu tentei reunir Midlands, eles enviaram aquele mago para me matar, e que tive que fugir enquanto Aydindril deslizava para dentro das mãos da Ordem Imperial. Quem está reunindo Midlands em oposição a eles agora?

As sobrancelhas de Adie levantaram sobre os seus olhos brancos. — Richard.

Kahlan assentiu. — Isso é tudo que consigo pensar. Ele começaram a tomar Midlands, e estavam tendo sucesso conquistando terras para que se unissem a eles. Richard mudou as regras, e atrapalhou aqueles planos forçando as terras a renderem-se a ele.

Kahlan olhou pela janela. — Tanto quanto seja doloroso admitir, Richard talvez tenha feito a única coisa que tem uma chance de salvar o povo de Midlands.

— Como poderemos ser usadas para chegar até Richard? — Adie deu um tapinha no joelho de Kahlan. — Sei que ele ama você, Kahlan, mas ele não ser estúpido.

— A Ordem Imperial também não.

— Então, o que mais poderia ser?

Kahlan olhou dentro dos olhos brancos de Adie. — Você já viu os Sanderianos caçando um leão da montanha? Eles amarram um dos seus carneiros em uma árvore, deixando ele balir chamando por sua mãe. Então eles sentam e esperam.

— Você acha que nós ser carneiros amarrados em uma árvore?

Kahlan balançou a cabeça. — A Ordem Imperial pode ser desprezível e cruel, mas não são estúpidos. Agora eles também não acreditarão que Richard seja. Richard não trocaria uma vida pela liberdade de todos, mas ele também mostrou a eles que não tem medo de agir. Eles poderiam estar tentando fazer ele pensar que poderia fazer um resgate sem ter que entregar nada.

— Você acha que eles estar certos?

Kahlan suspirou. — O que você acha?

As bochechas de Adie curvaram em um sorriso forçado triste. — Enquanto você estar viva, ele sacaria sua espada em uma tempestade de raios.

Kahlan observou Lunetta descer do cavalo dela. Os Mriswith estavam se afastando, na direção da parte traseira das colunas de homens de capas vermelhas.

— Adie, temos que escapar, ou Richard virá atrás de nós. A Ordem deve estar contando com a vinda dele, ou nós estaríamos mortas.

— Kahlan, não consigo nem acender uma lamparina com essa maldita coleira no meu pescoço.

Kahlan suspirou de frustração quando olhou novamente pela janela e viu os Mriswith movendo-se para dentro da floresta escura. Enquanto caminhavam, eles se enrolaram em suas capas e desapareceram.

— Eu sei. Eu também não consigo tocar meu poder.

— Então como podemos escapar?

Kahlan observou a feiticeira vestida com pedaços de pano de diferentes cores enquanto ela se aproximava da carruagem. — Se pudéssemos fazer Lunetta passar para o nosso lado, ela poderia nos ajudar.

Adie soltou um grunhido mostrando desagrado. — Ela não vai se virar contra o irmão. — A sobrelha de Adie levantou enquanto ela pensava, confusa. — Ela ser estranha. Tem alguma coisa estranha nela.

— Estranha? Como o quê?

Adie balançou a cabeça. — Ela toca seu poder o tempo todo.

— O tempo todo?

— Sim. Uma feiticeira, ou um mago, só invoca seu poder quando precisa. Ela ser diferente. Por alguma razão, ela estar tocando o poder dela o tempo todo. Nunca vi ela ficar sem ele em volta dela, como suas tiras de pano coloridas. Isso ser muito estranho.

As duas ficaram em silêncio quando Lunetta bufou com o esforço de subir para entrar na carruagem. Ela desabou no assento oposto e lançou um sorriso agradável para elas; ela parecia estar com bom humor. Kahlan e Adie devolveram o sorriso. Quando a carruagem começou a avançar, Kahlan se ajeitou no assento, aproveitando a oportunidade para olhar pela janela. Não viu nenhum Mriswith, mas isso nem sempre significava alguma coisa.

— Eles foram embora. — Lunetta disse.

— O quê? — Kahlan perguntou cautelosamente.

— Os Mriswith foram embora. — Todas agarraram as alças na carruagem enquanto ela pulava nos sulcos da estrada. — Eles falaram para continuarmos sozinhos.

— Para onde? — Kahlan perguntou, esperando puxar conversa com a mulher.

Os olhos de Lunetta se iluminaram debaixo de sua testa carnuda. — Até o Palácio dos Profetas. — Ela inclinou para frente, excitada. — Ele ser um lugar cheio de *Streganicha*.

Adie fez uma careta. — Nós não somos bruxas.

Lunetta piscou. — Tobias diz que nós ser *Streganicha*. Tobias ser o Lorde General. Tobias ser um grande homem.

— Nós não ser bruxas. — Adie repetiu. — Nós ser mulheres com o dom, dado pelo Criador de todas as coisas. O Criador não iria nos dar algo vil, daria?

Lunetta não hesitou nem por um instante. — Tobias diz que o Guardiã nos deu nossa magia vil. Tobias nunca estar errado.

Adie sorriu ao ver a expressão de raiva no rosto de Lunetta. — É claro que não, Lunetta. Seu irmão parece um grande homem e poderoso, exatamente como você diz. — Adie ajustou seu manto quando cruzou as pernas. — Você sente como se fosse má, Lunetta?

Lunetta franziu a testa pensando durante um momento. — Tobias diz que eu ser má. Ele tenta me ajudar a fazer o bem, para compensar pela corrupção do Guardiã. Eu ajudo ele a arrancar a raiz do mal para que ele possa fazer o trabalho do Criador.

Kahlan poderia dizer que Adie não estava chegando a lugar algum, a não ser talvez, enfurecendo Lunetta, e então mudou o assunto antes que as coisas fossem longe demais. Afinal de contas, Lunetta tinha o controle de suas coleiras.

— Você já esteve muitas vezes no Palácio dos Profetas?

— Oh, não. — Lunetta disse. — Essa ser a primeira vez. Tobias diz que ele ser um lar do mal.

— Então porque ele nos levaria até lá? — Kahlan perguntou de maneira inesperada.

Lunetta encolheu os ombros. — Os mensageiros disseram que devemos ir até lá.

— Mensageiros?

Lunetta assentiu. — Os Mriswith. Eles ser os mensageiros do Criador. Eles nos dizem o que fazer.

Kahlan e Adie sentaram em silêncio, impressionadas. Finalmente Kahlan recuperou sua voz. — Se é um lar do mal, parece estranho que o Criador queria que entremos lá. Seu irmão não parece confiar nos mensageiros do Criador.

Kahlan tinha visto Brogan lançando olhares furiosos na direção deles enquanto eles se afastavam entrando na floresta.

Os olhos pequenos de Lunetta se moveram entre elas. — Tobias disse que eu não deveria falar sobre eles.

Kahlan cruzou os dedos sobre um joelho. — Você não acha que os mensageiros vão ferir seu irmão, acha? Quer dizer, se o Palácio é um lugar do mal, como seu irmão diz.

A mulher baixa inclinou para frente. — Eu não deixaria. Mamãe disse que eu sempre deveria proteger Tobias, porque ele ser mais importante que eu. Tobias ser o escolhido.

— Porque sua mãe...

— Acho que deveríamos ficar quietas agora. — Lunetta falou com um tom ameaçador.

Kahlan relaxou no assento e olhou pela janela. Parecia que não era preciso muito esforço para enfurecer Lunetta. Kahlan decidiu que seria melhor se Lunetta não fosse pressionada por enquanto. Lunetta, com ordem de Brogan, já tinha experimentado o controle da coleira sobre ela.

Kahlan observou enquanto as construções de Tanimura passavam pela janela e tentou imaginar Richard estando aqui, vendo as mesmas coisas. Isso fez ela se sentir mais perto dele, ver coisas que os olhos dele tinha visto, e aliviava a terrível saudade em seu coração.

Querido Richard, por favor não venha para essa armadilha para me salvar. Deixe que eu morra. Ao invés disso, salve Midlands.

Kahlan tinha visto grande quantidade de cidades, cada uma em Midlands, e esta era igual a maioria. Nas periferias, havia barracos desorganizados, muitas não eram mais do que barracas encostadas em algumas das casas pobres mais velhas e armazéns. Enquanto se moviam

entro da cidade, as construções ficavam maiores, e havia lojas de todos os tipos. Passaram por vários mercados com amontoados de pessoas com vestidos de todas as cores.

Por toda parte na cidade havia o som constante de tambores. Era um ritmo lento, e irritava os nervos. Enquanto Lunetta olhava ao redor, seus olhos procurando os homens nos tambores quando eles ficaram mais altos enquanto cavalgavam, Kahlan podia ver que ela também não gostava deles. Pela janela, Kahlan podia ver Brogan cavalgando perto da carruagem, e os tambores também estavam deixando ele inquieto.

As três se agarraram outra vez enquanto a carruagem saltava em uma ponte de pedra. As rodas de ferro soltavam um rangido enquanto cruzavam as pedras. Pela janela, Kahlan viu o Palácio erguendo-se acima deles enquanto atravessavam o rio.

Em um grande pátio de gramado verde enfeitado por árvores perto de áreas altas do Palácio, a carruagem parou, balançando. Os homens de capa vermelha todos ao redor sentavam altivos em suas selas, sem fazer nenhum movimento para desmontar.

O rosto azedo de Brogan apareceu de repente na janela. — Saia. — ele rosou. Kahlan começou a levantar. — Você não. Estou falando com Lunetta. Vocês ficam onde estão até que digam para se mover. — Ele alisou o bigode.

— Mais cedo ou mais tarde, você será minha. Então vai pagar por seus crimes desprezíveis.

— Os Mriswith não deixarão seu cãozinho me pegar. — Kahlan disse. — O Criador não vai deixar alguém como você colocar suas mãos sujas em mim. Você não é nada mais além de sujeira debaixo das unhas do Guardião, e o Criador sabe disso. Ele odeia você.

Kahlan sentiu a coleira enviar dor em suas pernas, evitando que ela se movesse, e outra parte em sua garganta, silenciando sua voz. Os olhos de Lunetta estavam pegando fogo. Mas Kahlan havia falado o que queria dizer.

Se Brogan a matasse, Richard não entraria nessa armadilha para resgatá-la.

Os olhos de Brogan arregalaram e seu rosto ficou tão vermelho quanto a capa dele. Ele cerrou os dentes. De repente, ele se esticou para dentro da carruagem tentando agarrá-la. Lunetta segurou a mão dele, fingindo ter pensado que era com ela.

— Me ajude a descer, meu Lorde General? Meus quadris estão doendo por causa da cavalgada. O Criador ser gentil em dar a você tanta força, meu irmão. Preste atenção nas palavras dele.

Kahlan tentou gritar, para zombar dele, mas sua voz não estava saindo. Lunetta estava impedindo que ela falasse.

Brogan pareceu recuperar o bom senso, e rancorosamente ajudou Lunetta a descer. Ele estava prestes a virar de volta para a carruagem quando viu alguém se aproximando. Ela fez sinal para que ele fosse embora com um arrogante movimento da mão. Kahlan não conseguiu escutar o que a mulher disse, mas Brogan segurou as rédeas do cavalo dele e fez sinal para que seus homens o seguissem.

Ahern recebeu ordem para descer do assento do condutor e seguir junto com os homens do Sangue da Congregação. Ele lançou um rápido olhar por cima do ombro. Kahlan rezou aos bons espíritos que eles não o matassem, agora que sua carruagem havia entregado a carga. Com um rápido movimento, os homens sobre os cavalos seguiram atrás de Brogan e Lunetta.

O ar do amanhecer acalmou quando os homens se afastaram, e Kahlan sentiu a magia da coleira em seu pescoço relaxar. Novamente ela lembrou com angústia de ter feito Richard colocar uma dessas coleiras no pescoço dele, e todos os dias ela agradecia aos bons espíritos que ele finalmente tivesse entendido que ela fez isso para salvar a vida dele, para impedir que seu dom o matasse. Mas as coleiras que ela e Adie estavam usando não eram para ajudá-las, como a de Richard o ajudou. Essas coleiras não eram mais do que algemas com outra forma.

Uma jovem caminhou até a porta e olhou para dentro. Ela usava um vestido vermelho colado que deixava pouca dúvida sobre a perfeição de sua figura. A longa massa de cabelo que emoldurava o rosto dela era tão escura

quanto seus olhos. De repente Kahlan sentiu-se como um monte de sujeira na presença dessa mulher surpreendentemente sensual.

Os olhos da mulher pousaram em Adie. — Uma feiticeira. Bem, talvez possamos encontrar alguma utilidade para você. — O olhar dela virou para Kahlan. — Venha.

Ela virou sem falar mais nada e começou a andar. Kahlan sentiu uma pontada quente de dor em suas costas que fez ela sair da carruagem, cambaleando para recuperar o equilíbrio quando pisou no chão. Ela virou bem na hora de colocar uma das mãos para ajudar Adie antes que ela caísse. As duas se apressaram para alcançar a mulher antes que ela aplicasse outro golpe de dor.

Kahlan e Adie seguiram apressadas nos calcanhares da mulher, Kahlan estava se sentindo como uma tola por causa do modo como o controle da coleira fazia as pernas dela tremerem, conduzindo ela, fazendo com que andasse, enquanto a mulher no vestido vermelho caminhava com a pose de uma Rainha. Adie não estava sendo forçada a andar como Kahlan. Kahlan cerrou os dentes, desejando poder estrangular a mulher arrogante.

Havia outras mulheres, e alguns homens em mantos, passeando no ar fresco da manhã. Ver todas as pessoas limpas foi um forte lembrete das camadas de poeira da estrada que a cobriam. Ela esperava, entretanto, que não deixassem ela tomar banho; talvez Richard não a reconhecesse debaixo de toda a sujeira. Talvez ele não fosse atrás dela.

Por favor, Richard, proteja Midlands. Fique onde está.

Elas andaram por caminhos cobertos que tinham ripas de madeira cruzadas com videiras nos lados, que guardavam flores brancas perfumadas, e então foram levadas através de um portão em um muro alto. Os olhos de guardas observaram, mas não fizeram nenhum movimento para desafiar a mulher que as conduzia. Depois de atravessar um caminho sombrio por baixo de árvores, elas entraram em uma grande construção que não parecia em nada com a masmorra infestada de ratos que Kahlan estava esperando. Parecia mais uma ala de convidados para dignitários que visitavam o Palácio.

A mulher no vestido vermelho parou diante de uma porta entalhada encaixada em um massivo portal de pedra. Ela moveu a alavanca na porta e abriu-a, entrando na frente delas. O local era elegante, com cortinas grossas que cobriam as janelas descendo talvez cerca de trinta pés. Havia várias cadeiras ricamente acolchoadas com tecidos bordados em ouro, uma mesa e uma escrivaninha de mogno, e uma cama coberta.

A mulher virou para Kahlan. — Esse será o seu quarto. — Ela exibiu um breve sorriso. — Queremos que você fique confortável. Serão nossas convidadas até que terminemos com vocês.

— Tente atravessar o escudo que eu deixei na porta e na janela, e ficará e quatro vomitando até sentir que suas costelas estão quebrando. Isso é apenas para a primeira infração. Depois da primeira, descobrirão que não terão desejo algum de tentar uma coisa assim novamente. Não vão querer saber o que acontece na segunda infração.

Ela levantou um dedo para Adie, mas manteve os olhos escuros em Kahlan. — Cause qualquer problema, e punirei sua amiga aqui. Mesmo se pensar que tem estômago forte, eu garanto, descobrirá o contrário. Você entendeu?

Kahlan assentiu, com medo de não ter permissão para falar.

— Eu fiz uma pergunta. — ela falou com um tom maldoso. Adie caiu no chão soltando um grito. — Você vai responder.

— Sim! Sim, eu entendi! Não machuque ela, por favor!

Quando Kahlan virou para ajudar Adie enquanto ela arfava tentando respirar, a mulher falou para deixar a *velha* se recuperar sozinha.

Kahlan levantou o corpo, relutante, deixando Adie levantar. O olhar crítico da mulher observou-a dos pés até a cabeça. O sorriso forçado no rosto dela fez o sangue de Kahlan ferver.

— Você sabe quem eu sou? — a mulher perguntou.

— Não.

Uma sobancelha levantou. — Bem, bem, aquele garoto travesso. Acho que eu não deveria ficar surpresa que Richard não falasse sobre mim para sua futura esposa, considerando...

— Considerando o quê?

— Eu sou Merissa. Agora você sabe quem eu sou?

— Não.

Ela soltou uma risada suave, tão irritantemente elegante quanto o resto dela. — Oh, ele é tão travesso, guardando esses segredos lascivos e sua futura esposa.

Kahlan queria conseguir manter a boca fechada, mas não conseguiu. — Que segredos?

Merissa encolheu os ombros de forma indiferente. — Quando Richard era um aluno aqui, eu fui uma de suas professoras. Passei bastante tempo com ele. — O sorriso odioso voltou. — Muitas noites, nós passamos nos braços um do outro. Ensinei a ele muitas coisas. Que amante forte e atento. Se algum dia você deitar com ele, então terá os benefícios das minhas melhores... instruções carinhosas.

A risada suave de Merissa retornou quando ela caminhava para fora do quarto, lançando um último olhar para Kahlan antes de fechar a porta.

Kahlan ficou apertando os punhos com tanta força que suas unhas estavam cortando as palmas das mãos. Ela queria gritar. Quando Richard foi levado até o Palácio dos Profetas, foi em uma coleira que ela fez ele colocar. Ele pensou que era porque ela não o amava. Pensou que ela mandou ele embora e nunca mais queria ver ele novamente.

Como ele conseguiria resistir a uma mulher tão linda como Merissa? Ele não teria razão alguma para fazer isso.

Adie segurou no ombro dela e fez ela virar. — Não escute o que ela diz.

Kahlan sentiu seus olhos se enchendo de lágrimas. — Mas...

— Richard ama você. Ela estar apenas atormentando você. Ela ser uma mulher cruel, e está adorando fazer você sofrer. — Adie levantou um dedo quando citava um antigo provérbio. — *Nunca deixe uma bela mulher escolher o caminho para você, quando há um homem na linha de visão dela.* Merissa tem Richard na linha de visão dela. Eu já vi aquele olhar de luxúria. Isso não ser luxúria para ter seu homem. Isso ser luxúria pelo sangue dele.

— Mas...

Adie balançou o dedo. — Não perca sua fé em Richard por causa dela. Isso ser o que ela quer. Richard ama você.

— E eu serei responsável pela morte dele.

Com um gemido de agonia, Kahlan caiu nos braços de Adie.

CAPÍTULO 46

Richard esfregou os olhos. Queria conseguir ler mais rápido, porque o diário estava começando a ficar tão cativante, mas ainda levava tempo. Tinha que pensar em muitas das palavras, e ainda precisava procurar pelo significado para algumas, mas conforme os dias passavam ele estava chegando ao ponto onde às vezes não parecia que ele estava traduzindo, mas simplesmente lendo. Sempre que ele percebia que estava lendo Alto D'Haran sem esforço consciente, ele começava a ter dificuldades com o significado das palavras novamente.

Richard estava intrigado pelas referências intermitentes a Alric Rahl. Parecia que esse ancestral dele havia encontrado uma solução para o problema dos Andarilhos dos Sonhos. Ele era apenas um de muitos trabalhando em um meio de impedir que os Andarilhos dos Sonhos invadissem as mentes das pessoas, mas ele fora particularmente insistente de que tinha a solução.

Fascinado, Richard leu como Alric Rahl tinha enviado notícia de D'Hara de que já havia criado essa teia protetora sobre o povo dele, e para que os outros fossem protegidos pela mesma teia, eles precisavam jurar fidelidade imortal a ele, e eles também estariam salvos sob esta ligação. Richard percebeu que isso era a origem da ligação dos D'Harans com ele. Alric Rahl tinha criado esse feitiço para proteger o povo dele dos Andarilhos dos Sonhos, não para escravizá-los. Richard sentiu orgulho do ato benevolente de seu ancestral.

Ele mal conseguia respirar enquanto lia o diário, com esperança de que eles acreditariam em Alric Rahl, muito embora ele soubesse que não acreditaram. Kolo estivera cautelosamente interessado em prova, mas continuou em dúvida. Ele reportou que a maioria dos outros magos pensaram que Alric estava fazendo algum tipo de truque, insistindo que a única coisa na qual um Rahl estava interessado era governar o mundo. Richard grunhiu de desapontamento quando leu como eles enviaram mensagem recusando jurar fidelidade e se conectar com Alric.

Incomodado por um som persistente, Richard virou para olhar pela janela e viu que estava escuro como piche lá fora. Não tinha nem percebido que o sol tinha descido. A vela que ele aparentemente havia acabado de acender derretera completamente. O som perturbador era de água pingando de estalactites. A primavera estava anunciando a partida do inverno.

Afastar sua mente do diário trouxe de volta a pontada de preocupação com Kahlan. Todos os dias mensageiros retornavam para entregar relatórios de que nada foi encontrado. Como ela poderia ter desaparecido?

— Algum mensageiro esperando para me ver?

Com uma expressão irritada, Cara mudou de posição. — Sim. — ela brincou. — tem muitos lá fora, mas falei para eles que você estava ocupado demais me bajulando para se preocupar.

Richard suspirou. — Sinto muito, Cara. Sei que você me avisaria se um mensageiro chegasse. — Ele balançou um dedo para ela. — Mesmo se eu estiver dormindo.

Ela sorriu. — Mesmo se você estiver dormindo.

Richard olhou ao redor da sala e fez uma careta. — O que aconteceu com Berdine?

Cara virou os olhos. — Ela falou para você horas atrás que dormiria um pouco antes do turno de vigia dela.

Você disse, sim, boa noite, para ela.

Richard olhou de volta para o diário. — Sim, acho que disse.

Ele leu novamente uma seção sobre como os magos estavam ficando com medo que a Sliph trouxesse alguma coisa que eles não conseguiriam parar. A guerra era um mistério aterrorizante para Richard. Cada um dos lados criou coisas de magia, a maioria criaturas feitas para um propósito, como os Andarilhos dos Sonhos, e o outro lado tinha que reagir com algo para enfrentar aquilo, se pudessem. Foi terrível descobrir que algumas dessas criaturas eram criadas a partir de pessoas, a partir dos próprios magos. Eles estavam tão desesperados assim.

Dia após dia, se tornaram mais e mais preocupados se antes das torres serem concluídas, Sliph, que foi criada com a magia deles para permitir que se movessem grandes distâncias e atacar o inimigo, e acabou transformando-se em um grande perigo. Assim como era um benefício, trouxesse também alguma coisa inesperada, impossível de se conter. Eles disseram que quando as torres fossem concluídas, a Sliph poderia dormir. Richard ficava imaginando constantemente o que seria a Sliph e como ela poderia *dormir*, e como eles a acordariam mais tarde, depois da guerra, como disseram que esperavam fazer.

Os magos decidiram que por causa do perigo de ataque através da Sliph, algumas das coisas mais importantes, valiosas, ou mais perigosas, tinham que ser retiradas da Fortaleza para proteção. O último dos itens considerados com maior necessidade de receber proteção havia sido levado para um refúgio fazia muito tempo, e então Kolo disse: Hoje, um dos nossos desejos mais cobiçados, possível apenas através do brilhante trabalho incansável de uma equipe de quase cem, foi completado. Os itens que temos mais medo que fiquem perdidos, caso sejamos invadidos, foram protegidos. Gritos de alegria de todos espalharam-se na Fortaleza quando recebemos hoje a notícia de que tivemos sucesso.

Alguns pensaram que isso não seria possível, mas para surpresa de todos, está feito: o Templo dos Ventos se foi.

Se foi? O que era o Templo dos Ventos, e para onde ele foi? O diário de Kolo não fornecia uma explicação.

Richard coçou atrás do pescoço enquanto bocejava. Ele mal conseguia manter seus olhos abertos.

Ainda havia tanto para ler, mas ele precisava dormir. Queria Kahlan de volta para que pudesse protegê-la do Andarilho dos Sonhos. Queria ver Zedd para contar a ele sobre as coisas que aprendeu.

Richard levantou e seguiu na direção da porta.

— Indo para a cama para sonhar comigo? — Cara perguntou.

Richard sorriu. — Sempre faço isso. Me acorde se...

— Se um mensageiro vier. Sim, sim, acho que você mencionou isso.

Richard assentiu e caminhou até a porta. Cara segurou o braço dele.

— Lorde Rahl, eles vão encontrar ela. Ela vai ficar segura. Descanse bem; D'Harans estão procurando, e eles não falharão.

Richard tocou no ombro dela quando estava saindo. — Vou deixar o diário aqui, para quando Berdine acordar, possamos trabalhar nele.

Ele bocejou e esfregou os olhos quando foi para o quarto, não muito longe no corredor. Ele se preocupou apenas em tirar as botas e passar o boldrié por cima da cabeça, colocando a Espada da Verdade sobre uma cadeira antes de cair na cama. Independente de sua preocupação com Kahlan, em poucos segundos ele estava dormindo.

Ele estava em um sonho perturbador com ela quando uma batida alta na porta o despertou. Ele virou rolo sobre as costas. A porta abriu bruscamente e houve uma luz repentina. Ele conseguiu ver Cara com uma lamparina. Ela se moveu para o lado da cama dele, acendendo outra lamparina.

— Lorde Rahl, acorde. acorde.

— Estou acordado. — Ele sentou. — O que foi? Quanto tempo eu dormi?

— Talvez quatro horas. Berdine esteve trabalhando no livro durante umas duas horas, e ficou toda excitada sobre algo e queria acordar você para ajudá-la, mas eu não deixaria.

— Então porque me acordou agora? É um mensageiro?

— Sim. Um mensageiro está aqui.

Richard quase desabou de volta na cama. Mensageiros nunca traziam qualquer novidade.

— Lorde Rahl, levante. O mensageiro tem novidades.

Richard acordou como se um sino tivesse tocado em sua cabeça. Virou os pés por cima do lado da cama e calçou as botas rapidamente. — Onde ele está?

— Estão trazendo ele.

Nesse momento, Ulic entrou depressa, ajudando um homem que estava com ele. O soldado aparentava estar cavalgando arduamente durante semanas. Ele mal conseguia ficar em pé sozinho.

— Lorde Rahl, eu trago uma mensagem. — Richard fez um sinal para que o jovem soldado sentasse na beira da cama, mas ele recusou a oferta, querendo falar ao invés disso. — Nós encontramos algo. O General Reibisch pediu primeiro para dizer que você não deve ficar assustado. Nós não encontramos o corpo dela, então ela ainda deve estar viva.

— O que vocês encontraram! — Richard percebeu que ele estava tremendo.

O homem enfiou a mão debaixo do couro do seu uniforme e tirou alguma coisa. Richard agarrou aquilo e desdobrou para que pudesse ver. Era uma capa vermelha.

— Encontramos no local de uma batalha. Havia homens mortos usando essas capas. Montes de homens mortos. Talvez uns cem. — Ele tirou alguma outra coisa e entregou.

Richard desenrolou. Era um pedaço de tecido azul desbotado cortado de forma grosseira com quatro faixas douradas em uma borda.

— Lunetta. — ele falou. — Isso é de Lunetta.

— O General Reibisch falou para dizer a você que houve uma batalha. Havia muitos do mortos do Sangue da Congregação. Árvores que foram derrubadas por um disparo de fogo, como se magia tivesse sido usada em batalha. Também havia corpos queimados.

— Eles encontraram apenas um corpo que não era do Sangue da Congregação. Ele era um D'Haran. Um homem grande com apenas um olho, com uma cicatriz sobre o local onde o outro estava costurado.

— Orsk! Esse é Orsk! Ele era o guarda de Kahlan!

— O General Reibisch falou para dizer que não havia sinal algum de que ela ou qualquer outra pessoa com ela fosse morta. Parece que lutaram furiosamente, mas então foram capturados.

Richard agarrou o braço do soldado. — Os rastreadores tem alguma ideia da direção que eles seguiram? — Richard estava furioso consigo mesmo porque não tinha ido. Se tivesse ido, ele já estaria na trilha. Agora levaria semanas para chegar até lá.

— O General Reibisch falou para dizer a você que os rastreadores estão quase certos de que eles seguiram para o sul.

— Sul? Sul? — Richard estivera certo de que Brogan fugiria com seu prêmio para Nicobarese. Com aquela grande quantidade de corpos, Gratch deve ter lutado furiosamente. Devem ter capturado ele também.

— Disseram que não poderiam ter certeza porque isso aconteceu faz muito tempo. Nevou mais ainda, e agora a neve está derretendo, então é difícil rastrear, mas ele acredita que eles foram para o sul, e todos os soldados dele estão seguindo atrás de sua Rainha.

— Sul. — Richard murmurou. — Sul.

Ele passou os dedos no cabelo, tentando pensar. Brogan tinha fugido ao invés de se juntar a Richard e sua causa contra a Ordem. O Sangue da Congregação havia se juntado com a Ordem Imperial. A Ordem Imperial governava o Mundo Antigo. O Mundo Antigo ficava ao sul.

General Reibisch estava rastreando ela para o sul, indo atrás da Rainha dele. Sul.

O que foi aquilo que o Mriswith na Fortaleza tinha falado?

A Rainha precisa de você, irmão de pele. Você deve ajudá-la.

Estavam tentando ajudar ele. Seus amigos Mriswith estavam tentando ajudar ele.

Richard pegou sua espada e enfiou a cabeça através do boldrié de couro. — Eu tenho que ir.

— Nós vamos com você. — Cara falou. Ulic assentiu concordando.

— Vocês não podem ir aonde eu vou. Tomem conta das coisas para mim. — Ele virou para o soldado. — Onde está o seu cavalo?

Ele apontou. — Lá fora, por aquele caminho e no pátio seguinte. Mas ela está com as patas bastante doloridas.

— Ela só tem que me levar até a Fortaleza.

— A Fortaleza! — Cara segurou o braço dele. — Porque você vai para a Fortaleza?

Richard afastou o braço. — É o único jeito de chegar até o Mundo Antigo em tempo.

Ela começou a fazer objeções, mas ele já estava descendo o corredor. Outros estavam correndo para alcançar ele. Ele podia ouvir o som de armaduras e armas atrás dele, mas não reduziu a velocidade. Ele não escutou os apelos de Cara enquanto tentava pensar.

Como faria isso? Seria possível? Tinha que ser. Ele faria isso.

Richard saiu correndo pela porta, parando apenas por um instante, e então disparou na direção do pátio onde o soldado disse que havia deixado seu cavalo. Ele parou cambaleando quando encontrou o cavalo no escuro. Ele fez uma rápida carícia de apresentação no animal suado enquanto ela dançava para o lado, e então subiu na sela.

Quando deu a volta no cavalo usando as rédeas, ele só conseguiu ouvir a voz de Berdine ao longe enquanto ela corria na direção dele.

— Lorde Rahl! Pare! Tire a capa! — Richard bateu com os calcanhares no cavalo quando viu Berdine balançando o diário de Kolo. Ele não tinha tempo para ela. — Lorde Rahl! Você tem que tirar a capa de Mriswith!

De jeito nenhum, ele pensou. Os Mriswith eram amigos dele.

— Pare! Lorde Rahl, me escute! — O cavalo saltou em um galope, a capa negra de Mriswith esvoaçando atrás dele.

— Richard! Tire isso!

As semanas de tediosa e paciente espera pareciam estar explodindo em uma súbita necessidade de ação desesperada.

Sua paixão de chegar até Kahlan deixou em segundo plano qualquer outro pensamento.

O som de cascos trovejando abafaram a voz de Berdine. O vento batia na capa dele, o Palácio passava correndo como um borrão, e a noite o engoliu.

— O que vocês estão fazendo aqui?

Brogan virou na direção da voz. Ele não tinha escutado a Irmã se aproximando por trás dele.

Ele fez uma careta para a mulher mais velha com longo cabelo branco amarrado atrás das costas. — Isso não é da sua conta.

Ela cruzou as mãos. — Bem, uma vez que esse é nosso Palácio, e você é um convidado, isso faz com que seja da minha conta quando um de nossos convidados vai a lugares em nossa casa onde ele está especificamente proibido de entrar.

Brogan entortou os olhos de indignação. — Você tem alguma ideia com quem você está falando?

Ela encolheu os ombros. — Algum oficial arrogante insignificante, eu diria. Um que é pomposo demais para saber quando está pisando em terreno perigoso. — Ela inclinou a cabeça. — Eu estou certa?

Brogan se aproximou. — Eu sou Tobias Brogan, Lorde General do Sangue da Congregação.—

— Ora, ora. — ela zombou. — Que impressionante. Agora, parece que eu não lembro de dizer, *não pode visitar a Madre Confessora a não ser que você seja o Lorde General do Sangue da Congregação*. Você não tem valor algum para nós a não aquele que nós determinamos. Você não efetua nenhuma tarefa a não ser aquela que determinamos.

— Que vocês determinam! O próprio Criador determina minhas tarefas!

Ela bufou soltando uma risada. — O Criador! Mais quanta arrogância. Você faz parte da Ordem Imperial, e faz o que mandarmos.

Brogan estava bem perto de fatiar em mil pedaços essa mulher desrespeitosa. — Qual ser o seu nome. — ele grunhiu.

— Irmã Leoma. Você acha que consegue lembrar de tudo isso em seu pequeno cérebro? Você recebeu ordem de permanecer com suas tropas nas barracas. Agora, volte imediatamente para lá, e não deixe que eu pegue você neste local outra vez, ou você não terá mais valor para a Ordem Imperial.

Antes que Brogan pudesse explodir de fúria, Irmã Leoma virou para Lunetta. — Boa noite, minha querida.

— Boa noite. — Lunetta falou com uma voz cautelosa.

— Estive querendo ter uma conversa com você, Lunetta. Como pode ver, essa é uma casa de feiticeiras. Mulheres com o dom são altamente respeitadas aqui. O seu Lorde General aqui tem pouco valor para nós, mas alguém com sua habilidade seria muito bem-vinda. Eu gostaria de oferecer a você um lugar conosco. Você seria considerada com alta estima. Teria responsabilidade e respeito. — Ela olhou para a roupa de Lunetta. — Certamente cuidaríamos para que você estivesse melhor vestida. Não teria que usar esses farrapos horríveis.

Lunetta agarrou suas tiras de pano coloridas com mais força e se aproximou de Brogan. — Eu ser leal a meu Lorde General. Ele ser um grande homem.

Irmã Leoma deu um sorriso falso. — Sim, tenho certeza que ele é.

— E você ser uma mulher má. — Lunetta falou com um tom firme, repentinamente ameaçador. — Minha mãe falou.

— Irmã Leoma. — Ele disse. — Eu vou lembrar do nome. — Deu um tapinha no estojo de troféus em seu cinto. — Você pode dizer ao

Guardião que vou lembrar do seu nome. Jamais esqueço o nome de um Baneling.

Um sorriso malicioso surgiu no rosto de Leoma. — Da próxima vez que eu falar com meu Mestre no submundo, direi a ele suas palavras.

Brogan puxou Lunetta e seguiu na direção da porta. Ele voltaria, e da próxima vez, teria o que queria.

— Nós precisamos conversar com Galtero. — Brogan falou. — Eu já estou farto dessa besteira. Já limpamos ninhos de Banelings maiores do que esse.

Lunetta encostou um dedo no lábio inferior, preocupada. — Mas, Lorde General, o Criador disse que você deveria fazer o que essas mulheres falam. Ele disse que você deve entregar a Madre Confessora para elas.

Brogan deu passos largos através da escuridão logo que estava do lado de fora. — O que mamãe falou para você sobre essas mulheres?

— Bem... ela disse... que elas ser más.

— Elas ser Banelings.

— Mas Lorde General, a Madre Confessora ser um Baneling. Porque o Criador diz para você entregar ela para essas mulheres se elas ser Banelings?

Brogan virou os olhos para ela. Na luz fraca, ele podia ver a expressão de confusão dela. Sua pobre irmã não tinha inteligência para entender.

— Isso está óbvio, Lunetta? O Criador revelou a si mesmo através de seus meios traiçoeiros. Ele ser aquele que criou o dom. Ele tentou me enganar. Depende de mim agora, purificar o mundo do mal. Todos com o dom devem morrer. O Criador ser um Baneling.

Lunetta arfou com medo. — Mamãe sempre disse que você ser aquele que alcançará a grandeza.

Depois de colocar a esfera cintilante sobre a mesa, Richard ficou parado diante do grande poço silencioso no centro da sala. O que ele deveria fazer? O que era a Sliph, e como ele a chamou?

Ele andou de um lado para outro na frente do muro arredondado na altura da cintura, olhando para a escuridão lá embaixo, mas não viu nada.

— Sliph! — ele gritou dentro do buraco sem fundo. Sua própria voz ecoou de volta.

Richard andou para frente e para trás, passando a mão no cabelo, tentando freneticamente pensar no que deveria fazer. A sensação de uma presença formigou em sua carne. Ele parou de andar e levantou os olhos para ver um Mriswith parado perto da porta.

— A Rainha precisa de você, irmão de pele. Você deve ajudá-la. Chame a Sliph.

Ele caminhou apressado na direção da escura criatura escamosa. — Eu sei que ela precisa de mim! Como eu chamo a Sliph?

A fenda que representava uma boca formou o que parecia ser um sorriso. — Você é o primeiro a nascer em três mil anos com o poder para acordá-la. Você já quebrou o escudo que nos mantinha afastados dela. Deve usar o seu poder. Chame a Sliph com o seu dom.

— Meu dom?

O Mriswith assentiu, seus olhos pequenos fixos em Richard. — Chame ela com seu dom.

Richard finalmente se afastou do Mriswith e voltou até o muro de pedra em volta do grande buraco. Tentou lembrar como tinha usado seu dom no passado. Ele sempre veio por instinto. Nathan havia dito que esse era o modo como funcionava com ele, com um mago guerreiro: Necessidade. Através do instinto.

Precisava deixar sua necessidade invocar o dom.

Richard deixou a necessidade queimar através dele, através do centro de calma. Não tentou invocar o poder, mas gritou com a

necessidade dele.

Esticou os braços no ar, jogando a cabeça para trás. Deixou que a necessidade o preenchesse. Não queria nada mais. Liberou as contensões inconscientes. Não tentou pensar no que fazer, simplesmente exigiu que fosse feito.

Ele precisava da Sliph.

Soltou um grito de fúria.

— Venha até mim!

Liberou o poder, como se estivesse soltando um profundo suspiro, exigindo que a tarefa fosse realizada.

Luz surgiu entre seus punhos. Era isso. O chamado. Ele sabia, sentia isso, entendia isso. Também soube o que fazer. A suave massa cintilante girava entre seus pulsos como veias de luz enroladas em seus braços, fluindo dentro da força pulsante entre eles.

Quando ele sentiu o poder atingir o pico, ele baixou as mãos. Com um rugido, o orbe de luz disparou, mergulhando dentro da escuridão.

Enquanto ele descia, sua luz iluminava a rocha em um anel ao redor. O anel de luz e a massa cintilante tornou-se menor e menor, o uivo diminuindo com a distância, até que ele não conseguiu ouvir nem ver o que ele havia liberado.

Richard ficou debruçado no muro de pedra, olhando dentro do abismo sem fundo, mas tudo estava silencioso e escuro. Podia ouvir apenas sua própria respiração ofegante. Levantou e olhou por cima do ombro. O Mriswith observava, mas não fez movimento algum para ajudar; o que era necessário dependia de Richard. Ele esperava que isso fosse o bastante.

No silêncio da Fortaleza, na calmaria da montanha de rocha morta elevando-se ao redor dele, surgiu um trovejar distante.

Um trovejar de vida.

Richard inclinou novamente sobre o muro, olhando para baixo, mas não viu nada. Mesmo assim, ele podia sentir algo. A rocha debaixo de seus

pés tremeu. Pó de rocha flutuou no ar agitado.

Richard olhou dentro do poço outra vez e viu um reflexo. O poço estava enchendo. Não enchendo como acontece com água, mas alguma coisa estava correndo para cima com velocidade incrível, rugindo com um uivo de velocidade enquanto se aproximava. O uivo aumentou enquanto a coisa corria para cima.

Richard atirou-se para trás, afastando-se do muro de pedras, apenas rápido o bastante. Tinha certeza que aquilo voaria do poço e atravessaria o teto. Nada se movendo tão rápido conseguiria parar em tempo. Mesmo assim aquilo conseguiu.

Repentinamente tudo estava calmo. Richard sentou, levantando o corpo com os braços para trás no chão.

Um volume com brilho metálico lentamente se acumulou sobre a borda do muro de pedras que cercava o poço. Ela subiu formando uma grande massa, elevando-se impossivelmente por sua própria vontade, como água flutuando no ar, só que não era água. Sua superfície lustrosa refletia tudo ao redor, como uma armadura polida, distorcendo as imagens refletidas em sua superfície enquanto crescia e se movia.

Parecia mercúrio vivo.

O amontoado, uniu-se ao corpo no poço como que através de um pescoço, continuando a se contorcer, inclinando nas bordas e planos, dobras e curvas. Ele assumiu a forma de um rosto de mulher. Richard teve que fazer esforço para lembrar de respirar. Agora entendia porque Kolo chamava Sliph de *ela*.

O rosto finalmente o avistou ele no chão. Parecia com uma estátua lisa feita de prata, a não ser pelo fato de que se movia.

— Mestre. — ela falou com uma voz estranha que ecoou pela sala. Os lábios dela não se moveram quando falou, mas ela sorriu como se estivesse contente. O rosto prateado exibiu uma expressão de curiosidade. — Você me chamou? Deseja viajar?

Richard levantou rapidamente. — Sim. Viajar. Eu desejo viajar.

O sorriso satisfeito retornou. — Então venha. Nós viajaremos.

Richard tirou o pó de pedra das mãos esfregando-as na camisa. — Como? Como nós... viajamos?

As sobrelanceiras de prata curvaram. — Você nunca viajou?

Richard balançou a cabeça. — Não. Mas agora eu preciso. Preciso chegar ao Mundo Antigo.

— Ah. Já estive lá muitas vezes. Venha, e nós viajaremos.

Richard hesitou. — O que eu faço? O que você quer que eu faça?

Uma mão se formou e tocou no muro. — Venha até mim. — a voz disse, ecoando pela sala.

— Eu levarei você.

— Qual a distância?

A expressão de surpresa voltou. — Distância? Daqui até lá. Essa distância. Eu tenho alcance bastante. Já estive lá.

— Eu quero dizer... horas? Dias? Semanas?

Ela pareceu não entender. — Os outros viajantes nunca falaram sobre isso.

— Então não deve demorar muito. Kolo nunca mencionou isso também. — O diário podia ser frustrante às vezes porque Kolo nunca explicava o que era, para seu povo, de conhecimento comum. Ele não estava tentando ensinar, ou passar adiante uma informação.

— Kolo?

Richard apontou para os ossos. — Não sei o nome dele. Eu o chamo de Kolo.

O rosto esticou-se para ora do poço para olhar por cima do muro. — Não lembro de ver isso.

— Bem, ele está morto. Ele não parecia assim antes. — Richard decidiu que era melhor não explicar quem era Kolo ou ela poderia lembrar ficar zangada. Ele não precisava de nenhuma emoção, precisava chegar até Kahlan. — Eu estou com pressa. Gostaria muito se você pudesse se apressar.

— Chegue mais perto para que possa determinar se você pode viajar.

Richard aproximou-se do muro e ficou imóvel enquanto a mão de mercúrio se esticou para tocar a testa dele. Ele recuou. Era quente. Esperava que fosse fria. Ele voltou até a mão e deixou a palma deslizar sobre a sua testa.

— Você pode viajar. — a Sliph disse. — Você tem os dois lados necessários. Mas vai morrer se ficar assim.

— O que você quer dizer com, *assim*?

A mão de mercúrio desceu ao lado dele, apontando para a espada, mas sendo cuidadosa para não chegar perto demais. — Aquele objeto de magia é incompatível com a vida na Sliph. Com essa magia dentro de mim, qualquer vida que também estiver dentro de mim será finalizada.

— Quer dizer que preciso deixar ela aqui?

— Se deseja viajar, você deve, ou vai morrer.

Richard estava decididamente desconfortável com a ideia de deixar a Espada da Verdade desprotegida, especialmente depois de aprender sobre os homens com famílias que morreram para que ela fosse criada. Ele tirou o boldrié e ficou olhando para a bainha em suas mãos. Olhou por cima do ombro para o Mriswith que estava observando. Poderia pedir para seu amigo Mriswith proteger a espada.

Não. Ele não poderia pedir a ninguém que assumisse a responsabilidade de guardar algo tão perigoso e cobiçado. A Espada da Verdade era sua responsabilidade, não de qualquer outra pessoa.

Richard sacou a espada da bainha, fazendo o som do aço reverberar pela sala, morrendo lentamente. Porém, a fúria da magia não morreu, e

trovejava através dele.

Ele levantou a lâmina, olhando por toda sua extensão. Podia sentir a palavra VERDADE, formada por fios de ouro, em sua palma. O que ele faria? Precisava chegar até Kahlan. Precisava que a espada ficasse em segurança durante sua ausência.

Aquilo lhe ocorreu através do chamado da necessidade.

Virou a espada para baixo, segurando o cabo com as duas mãos. Com um grunhido de esforço fortalecido pela magia, pelas tempestades de fúria que isso produzia, ele desceu a espada.

Centelhas e fragmentos de rocha voaram quando Richard enfiou a espada até o cabo dentro de um enorme bloco de pedra no chão.

Quando afastou as mãos, ainda conseguia sentir a magia dentro dele. Precisava deixar a espada, mas ainda tinha a magia; ele era o verdadeiro Seeker.

— Ainda estou ligado com a magia da espada. Guardo a magia dentro de mim. Isso vai me matar?

— Não. Apenas aquilo que gera a magia é mortal, não aquilo que a recebe.

Richard subiu no muro de pedra, subitamente começando a ficar preocupado. Não, precisava fazer isso. Precisava fazer.

— Irmão de pele. — Richard virou para o Mriswith quando ele o chamou. — Você está sem uma arma. Leve isso. — Ele jogou uma de suas facas de três lâminas para Richard. Enquanto ela fazia um arco através do ar, Richard segurou-a pelo cabo. As guarnições laterais encostaram em cada lado do pulso dele ao segurar o cabo da arma. Ela parecia surpreendentemente muito bem em sua mão, como uma extensão de seu braço.

— Em breve, a Yabree cantará para você.

Richard assentiu. — Obrigado.

O Mriswith devolveu um leve sorriso.

Richard virou para a Sliph. — Não sei se consigo prender a respiração nessa distância.

— Eu falei, eu tenho distância bastante para chegar até onde você quer viajar.

— Não, eu quero dizer que preciso de ar. — Ele fez uma simulação de inspirar e expirar. — Preciso respirar.

— Você respira a mim.

Ele ouviu a voz dela ecoar pela sala. — O quê?

— Para viver quando você viaja, você deve respirar a mim. Na primeira vez que viaja, vai sentir medo, mas deve fazer isso. Aqueles que não fazem, morrem dentro de mim. Não tenha medo; eu manterei você vivo quando respirar. Quando chegarmos ao outro lugar, então você deve me colocar para fora, e deixar entrar o ar. Você ficará com tanto medo para fazer isso quanto ficará em respirar a mim, mas deve fazer isso ou morrerá.

Richard ficou olhando fixamente incrédulo. Respirar esse mercúrio? Será que conseguiria fazer tal coisa?

Precisava chegar até Kahlan. Ela estava em perigo. Tinha que fazer isso. Precisava fazer isso.

Richard engoliu em seco, e então deu um profundo suspiro. — Está bem, estou pronto para ir. O que eu faço?

— Você não faz. Eu faço.

Um braço prateado líquido levantou e deslizou em volta dele, sua garra quente, ondulante, fechando para agarrá-lo.

O braço o levantou do muro e o mergulhou dentro da espuma prateada.

De repente Richard teve uma visão: ele lembrou da Sra. Rencliff sendo arrastada na correnteza furiosa.

CAPÍTULO 47

Verna piscou com a luz da lamparina quando a porta abriu. Teve a sensação de que o coração dela tinha subido até a garganta. Parecia cedo demais para que Leoma voltasse. Ela já estava tremendo de pavor, lágrimas brotavam em seus olhos, e Leoma ainda nem começara o teste da dor.

— Entre aqui. — Leoma falou para alguém.

Verna sentou e viu uma pequena mulher magra entrar pela porta. — Porque tenho que fazer isso? — reclamou a voz familiar. — Não quero limpar a sala dela. Isso não faz parte do meu trabalho!

— Tenho que trabalhar com ela aqui dentro, e o cheiro está quase para me deixar cega. Agora entre aí e limpe um pouco desse fedor, ou vou trancar você junto com ela só para ensinar a você a ter devido respeito com uma Irmã.

Resmungando, a mulher mancou para dentro da sala, carregando seu pesado balde com água ensaboada. — Isso fede mesmo, ela declarou. — Tem o mesmo fedor das amigas dela. — O balde bateu no chão. — Sua Irmã do Escuro suja.

— Apenas passe um pouco de sabão e água nesse lugar, e seja rápida com isso. Eu tenho trabalho para fazer.

Verna levantou os olhos para ver Millie olhando fixamente para ela. — Millie...

Verna virou o rosto mas não rápido o bastante quando Millie cuspiu nela. Ela limpou o cuspe de sua bochecha com a costa da mão.

— Escória suja. E pensar que eu confiei em você. E pensar que eu a respeitei como Prelada. E o tempo todo você servia o Sem Nome. Por mim, você pode apodrecer aqui. O lugar fede com o seu cadáver sujo ambulante. Espero que arranquem a pele...

— Chega. — Leoma falou. — Apenas limpe e então logo poderá se afastar da presença repulsiva dela.

Millie grunhiu com desgosto. — Não vai ser cedo o bastante para mim.

— Nenhuma de nós gosta de estar na mesma sala com alguém tão maligna quanto ela, mas é minha obrigação interrogá-la, e pelo menos você pode fazer ela ficar com um cheiro um pouco melhor para mim.

— Sim, Irmã, farei isso para você, então, para uma verdadeira Irmã da Luz, para que ao menos você não tenha que carregar o fedor dela.

Millie cuspiu na direção de Verna outra vez.

Verna estava quase chorando, humilhada em saber que Millie pensava essas coisas terríveis a respeito dela. Todas os outros também pensavam. Não tinha mais certeza de que elas eram falsas. Sua mente estava tão confusa por causa dos testes da dor que ela não conseguia mais confiar que estivesse pensando direito ao acreditar na sua própria inocência. Talvez fosse errado ser leal a Richard; afinal de contas, ele era um simples homem.

Quando Millie terminasse, então Leoma começaria de novo. Ela ouviu a si mesma gemendo por causa de sua situação de desamparo. Quando Leoma escutou o gemido, ela sorriu.

— Esvazie aquele pinico fedorento. — Leoma disse.

Millie bufou com desgosto. — Está bem, está bem, apenas mantenha sua saia levantada e eu vou esvaziar ele.

Millie empurrou o balde com água ensaboada mais perto do palete de Verna e pegou o pinico cheio.

Segurando o nariz, ela o tirou da sala com o braço esticado.

Depois que ela desceu o corredor, Leoma falou. — Notou algo diferente?

Verna balançou a cabeça. — Não, Irmã.

Leoma levantou as sobrancelhas. — Os tambores. Eles pararam.

Verna ficou assustada ao perceber. Devem ter parado quando ela estava dormindo.

— Você sabe o que isso significa?

— Não, Irmã.

— Significa que o Imperador está perto, e estará chegando em breve. Talvez amanhã. Ele quer resultados de nosso pequeno experimento. Esta noite, você abandona sua fidelidade a Richard, ou responderá a Jagang. Seu tempo acabou. Pense nisso enquanto Millie termina de limpar um pouco do seu fedor.

Resmungando pragas, Millie retornou com o pinico vazio. Depois que o colocou em um canto da sala, ela voltou a esfregar o chão. Mergulhou o pano na água e jogou no chão, abrindo caminho na direção de Verna.

Verna lambeu seus lábios rachados enquanto olhava fixamente para a água. Mesmo que a água estivesse ensaboada, ela não se importava.

Ficou imaginando se conseguiria beber um gole dela antes que Leoma a impedisse. Provavelmente não.

— Eu não deveria ter que fazer isso. — Millie reclamou consigo mesma, mas alto o bastante para que as outras duas ouvissem. — Já é ruim o bastante agora que eu tenho que limpar o quarto do Profeta, agora que temos outro. Pensei que tinha acabado com o trabalho de ir até lá limpar o quarto de um homem louco. Acho que já está na hora de uma mulher mais jovem fazer o serviço.

— Ele é um homem estranho. Profetas são todos loucos, eles são. Não gosto daquele Warren mis do que o último.

Verna quase explodiu em lágrimas quando escutou o nome de Warren. sentia tanta falta dele. Ficou imaginando se estariam tratando ele bem. Leoma respondeu sua pergunta.

— Sim, ele é um pouco estranho. Mas os testes com a coleira estão fazendo ele entrar na linha novamente. Estou cuidando disso.

Verna afastou os olhos de Leoma. Ela estava fazendo isso com ele também. Oh, querido Warren.

Com um joelho, Millie empurrou o balde mais perto enquanto esfregava o chão. — Não fique me olhando. Não gosto dos seus olhos sujos em cima de mim. Isso me dá arrepios, como ter o próprio Sem Nome me observando.

Verna baixou os olhos. Millie jogou o pano dentro do balde e enfiou as mãos bem fundo para retirá-lo. Ela olhou para trás, por cima do ombro, enquanto remexia o pano na água.

— Vou terminar logo. Não o bastante para mim, mas logo. Então você poderá ter essa traidora vil. Espero que não seja gentil com ela.

Leoma sorriu. — Ela vai receber o que merece.

Millie tirou as mãos da água ensaboada. — Bom. — Ela bateu com a mão calejada molhada na coxa de Verna. — Mexa seus pés! Como posso lavar o chão quando você fica sentada aí como um monte de terra?

Verna sentiu algo rígido encostado na coxa dela depois que Millie afastou a mão.

— Aquele Warren é um porco também. Deixa o quarto dele um lixo. Eu estive lá mais cedo hoje, e ele fedia quase tanto quanto esse chiqueiro.

Verna moveu as mãos para cada um dos lados das pernas dela e colocou-as debaixo das coxas para se equilibrar enquanto levantava os pés para Millie. Seus dedos encontraram algo duro, e fino. No início, sua mente confusa não conseguiu reconhecer a sensação. Aquilo lhe ocorreu com um solavanco de reconhecimento.

Era uma Dacra.

O peito dela contraiu. Seus músculos enrijeceram. Ela mal conseguia respirar.

A cuspida repentina de Millie em seu rosto, fez ela se encolher e virar. — Não fique olhando desse jeito para uma mulher honesta! Mantenha

seus olhos longe de mim.

Verna percebeu que Millie deve ter visto seus olhos arregalados.

— Terminei. — ela falou quando levantou seu corpo forte. — a não ser que você queira que eu dê um banho nela, e se quiser, e melhor pensar bem nisso. Não vou tocar nessa mulher maligna.

— penas pegue o seu balde e vá. — Leoma disse, sua impaciência crescendo.

Verna estava com a Dacra apertada com tanta força em seu punho que ela estava fazendo os dedos dela formigarem. O coração dela bateu tão forte que ela pensou que poderia partir uma costela.

Millie saiu da sala sem olhar para trás. Leoma fechou a porta.

— Essa é a sua última chance, Verna. Se você ainda recusar, será entregue ao Imperador. Logo vai desejar que tivesse cooperado comigo, posso prometer isso a você.

Chegue mais perto, Verna pensou. Chegue mais perto.

Sentiu a primeira onda de dor fluindo através dela. Ela caiu para trás sobre o palete, se afastando de Leoma. Chegue mais perto.

— Sente-se e olhe para mim quando falo com você.

Verna só conseguiu soltar um pequeno grito, mas ficou onde estava, esperando atrair Leoma para mais perto. Não teria chance alguma se pulasse de tão longe; a mulher a deteria antes que pudesse cobrir a distância. Precisava que ela estivesse mais perto.

— Eu falei para sentar! — Os passos de Leoma se aproximaram.

Querido Criador, por favor traga ela perto o bastante.

— Você vai olhar para mim e dizer que renuncia Richard. Você deve renunciar dele para que o imperador possa entrar em sua mente. Ele saberá quando você tiver desistido de sua lealdade, então não pense em mentir.

Mais um passo. — Olhe para mim quando falo com você!

Mais um passo. Um punho agarrou o cabelo dela e levantou a sua cabeça. Ela estava perto o bastante, mas seus braços queimavam de dor, e ela não conseguia levantar a mão. Oh, querido Criador, não permita que ela comece o teste com meus braços.

Permita que ela comece com minhas pernas. Preciso dos meus braços.

Ao invés de começar nas pernas, a dor nos nervos disparou por seus braços. Com toda sua força, Verna tentou levantar a mão com a Dacra. Ela não se movia. Seus dedos ardiam com pontadas de dor.

Independente de seu treinamento, seus dedos se abriram em espasmos e a Dacra caiu.

— Por favor. — ela gemeu. — não faça isso com minhas pernas dessa vez. Estou implorando, não faça com as minhas pernas.

O punho de Leoma no cabelo dela puxou sua cabeça para trás, e a mulher bateu no rosto dela. — Pernas, braços, não importa. Você vai se submeter.

— Você não pode me obrigar. Você vai falhar e... — Verna não conseguiu falar mais antes que a mão batesse no seu rosto novamente.

A dor abrasadora saltou para as pernas dela, e elas tremeram incontrolavelmente com os abalos. Os braços de Verna formigavam, mas finalmente ela conseguia movê-los. Sua mão tateou cegamente pelo palete, procurando freneticamente pela Dacra.

Seu dedão a tocou. Ela fechou os dedos em volta do frio cabo de metal, levantando-a em seu punho.

Invocando toda sua força e determinação, Verna enfiou sua Dacra na coxa de Leoma.

Leoma gritou, soltando o cabelo de Verna.

— Parada! — Verna falou, ofegante. — Eu tenho uma Dacra em você. Fique parada.

Uma das mãos desceu lentamente para confortar a perna dela logo acima da Dacra em seu músculo da coxa. — Você não pode achar que isso vai funcionar.

Verna engoliu em seco, procurando recuperar o fôlego. — Bem, agora, eu acho que vamos descobrir, não vamos? Parece que eu não tenho nada a perder. Você tem. Sua vida.

— Tenha cuidado, Verna, ou vai descobrir o quanto pode ficar arrependida de fazer algo assim. Tire isso, e eu fingirei que isso não aconteceu. Apenas tire.

— Oh, eu não acho que esse seja um conselho sábio, conselheira.

— Eu tenho controle de sua coleira. Tudo que eu tenho de fazer é bloquear o seu Han. Se você me obrigar a fazer isso, vai ser pior para você.

— Verdade, Leoma? Bem, acho que deveria dizer a você que em minha jornada de vinte anos, eu aprendi bastante sobre usar uma Dacra. Embora seja verdade que você pode bloquear meu Han através do Rada'Han, tem duas coisas nas quais seria melhor você pensar.

— Primeiro, mesmo que possa bloquear o meu Han, não consegue bloquear ele rápido o bastante para evitar que eu toque o mínimo fragmento do fluxo antes.

— Pela minha experiência, eu considero que isso seria o bastante. Se eu tocar meu Han, você estará morta instantaneamente.

— Segundo, para que você bloqueie o meu Han, você precisa se ligar a ele através da coleira. Isso dá a você a habilidade de manipular ele; é assim que funciona. Você supõe que o simples ato de bloquear o meu Han tocando ele forneceria poder para a Dacra mataria você? Eu mesma não tenho certeza, mas devo dizer a você que do meu lado, o lado do cabo, estou disposta a testar isso. O que você acha? Quer testar isso, Leoma?

Houve um longo silêncio na sala pouco iluminada. Verna podia sentir o sangue quente escorrendo sobre a sua mão. Finalmente a voz de Leoma acabou com a calmaria. — Não. O que você quer que eu faça?

— Bem, primeiro, vai tirar esse Rada'Han de mim, e então, já que indiquei você como minha conselheira, vamos ter uma pequena conversa. Você vai me aconselhar.

— Depois que eu tirar a coleira, então você vai remover a Dacra, e eu direi o que você quer saber.

Verna olhou para os olhos em pânico que a observavam. — Dificilmente você está em posição de fazer exigências. Eu acabei nesta sala porque confiei demais. Aprendi minha lição. A Dacra permanece onde está até que eu termine com você. A não ser que você faça como eu digo, você não tem valor algum para mim viva. Entendeu isso, Leoma?

— Sim. — veio a resposta resignada.

— Então vamos começar.

Como uma flecha ele disparou para frente com grande velocidade, e ainda assim, ao mesmo tempo ele deslizou com a lenta graça de uma tartaruga debaixo das águas calmas em uma noite iluminada pela lua. Não houve calor algum, nenhum frio. Seus olhos contemplaram luz e escuro juntos em uma simples visão espectral, enquanto seus pulmões pulsavam com a doce presença da Sliph enquanto ele a respirava dentro de sua alma.

Isso era êxtase.

Repentinamente, terminou.

Visões explodiram ao redor dele. Árvores, pedras, estrelas, lua. O cenário fez ele mergulhar no pavor.

Respire, ela falou para ele.

O pensamento o aterrorizou. Não.

Respire, ela falou para ele.

Ele lembrou de Kahlan, de sua necessidade de ajudá-la, e soltou um doce suspiro, esvaziando seus pulmões do êxtase.

Com um relutante mas ainda necessário esforço, ele deixou entrar o ar alienígena.

Sons ecoaram em volta dele. Insetos, pássaros, morcegos, sapos, folhas ao vento, tudo murmurando, gritando, estalando, assobiando, sussurrando, dolorosamente em sua onipresença.

Um braço confortador colocou ele sobre o muro de pedra enquanto a noite ao redor dele assumiu uma presença familiar em sua mente. Ele viu seus amigos Mriswith espalhados na floresta escura além das ruínas de pedra ao redor do poço. Alguns estavam sentados em blocos dispersos, e alguns estavam em pé entre os restos de colunas. Eles pareciam estar na borda de uma antiga estrutura decadente.

— Obrigado, Sliph.

— Nós estamos onde você desejou viajar. — ela disse, sua voz ecoando através do ar da noite.

— Você estará... aqui, quando eu quiser viajar novamente?

— Se eu estiver acordada, estou sempre pronta para viajar.

— Quando você dorme?

— Quando você disser, mestre.

Richard assentiu, sem ter certeza alguma para o quê estava balançando a cabeça. Observou a noite quando se afastou do poço da Sliph. Ele conhecia a floresta, não pela vista, mas sua sensação. Era a floresta Hagen, embora tivesse que ser um lugar muito mais profundo na vasta extensão do que ele já tinha se aventurado, porque nunca tinha visto esse lugar de pedra. Pelas estrelas ele soube a direção de Tanimura.

Mriswith estavam surgindo em grande número da floresta sombria ao redor seguindo até a as ruínas. Muitos passavam por ele falando um, *bem-vindo, irmão de pele*. Enquanto passavam, os Mriswith batiam suas facas de três lâminas na dele, fazendo as duas emitirem o retinir de metal. — Que sua Yabree cante em breve, irmão de pele. — cada deles falou quando encostavam as lâminas.

Richard não conhecia a resposta adequada, e então dizia apenas, obrigado.

Enquanto os Mriswith passavam por ele até a Sliph, batendo na Yabree dele, o som durava cada vez mais tempo, seu ruído agradável aquecendo todo o seu braço. Quando outros Mriswith se aproximavam, ele alterava seu curso para que ele pudesse encostar sua Yabree nas deles. Richard olhou para a lua que se erguia, e a posição das estrelas. Era cedo da noite, com um leve brilho ainda no céu do oeste. Ele partiu de Aydindril no final da noite. Essa não poderia ser a mesma noite. Tinha que ser a noite seguinte. Tinha passado quase um dia todo dentro da Sliph.

A não ser que fossem três dias. Ou três. Ou um mês, ou até mesmo um ano. Ele não tinha como dizer; só sabia que foi pelo menos um dia. A lua estava do mesmo tamanho; talvez fosse apenas um dia.

Ele parou para deixar que outro Mriswith batesse em sua Yabree. Atrás, Mriswith estavam entrando na Sliph. Uma grande fila deles estava esperando sua vez. Apenas segundos se passaram antes que o próximo pulasse do muro para mergulhar dentro do mercúrio cintilante.

Richard parou para sentir sua Yabree enviando um som caloroso através dele. Sorriu com o suave zunido, uma canção delicada em seus ouvidos, e em seus ossos.

Ele sentiu um perturbadora necessidade que interrompeu a canção alegre.

Ele fez um Mriswith parar. — Onde eu sou necessário?

O Mriswith apontou com sua Yabree. — Ela levará você. Ela conhece o caminho.

Richard caminhou na direção que o Mriswith havia indicado. Na escuridão próxima de um muro despedaçado, uma figura esperava. O som da Yabree dele estimulava a seguir em frente com a necessidade.

A figura não era um Mriswith, mas uma mulher. Na luz do luar, pensou que a reconhecia.

— Boa noite, Richard.

Ele deu um passo para trás. — Merissa!

Ela sorriu com simpatia. — Como está o meu aluno? Faz algum tempo. Espero que esteja bem, e que sua Yabree cante para você.

— Sim. — ele gaguejou. — Ela canta sobre uma necessidade.

— A Rainha.

— Sim! A Rainha. Ela precisa de mim.

— Então, você está pronto para ajudá-la? Para libertá-la?

Depois que ele assentiu, ela virou e o conduziu para dentro das ruínas. Vários Mriswith juntaram-se a eles enquanto entravam nos portais quebrados. Através de aberturas cheias de videiras nas paredes, a luz da lua penetrava, mas quando as paredes se tornaram mais sólidas, bloqueando a luz da lua, ela acendeu uma chama na palma enquanto caminhava. Richard a seguiu subindo degraus em caracol dentro das ruínas sombrias e descendo por corredores que pareciam estar intocados durante milhares de anos.

A iluminação da luz na palma dela repentinamente tornou-se inadequada quando eles entraram em uma câmara enorme, Merissa lançou a pequena chama em tochas de ambos os lados, trazendo luz bruxuleantes para a vasta sala. Grandes sacadas cobertas de poeira e teias de aranha cercavam a sala, oferecendo vista panorâmica para uma piscina com ladrilhos no piso principal. Os ladrilhos, uma vez brancos, agora estavam escuros com sujeira e manchas, e a água negra na piscina estava com faixas de lama nas bordas. Lá em cima, o teto com parte de um domo estava aberto no centro, com estruturas se erguendo através da abertura.

Os Mriswith deslizaram ao lado dele, ficando perto. Os dois bateram suas Yabree na dele. O som agradável ecoou junto com o centro de calma dentro dele.

— Esse é o lugar da Rainha. — um deles falou. — Nós podemos ir até ela, e quando as crias nascerem eles poderão partir, mas a Rainha não consegue sair daqui.

— Por quê? — Richard perguntou.

O outro Mriswith deu um passo adiante e esticou uma garra. Quando ela entrou em contato com alguma coisa invisível, todo um escudo em forma de domo se acendeu com um brilho suave. O domo cintilante se encaixava dentro daquele domo de pedra, só que não tinha o buraco na parte de cima. O Mriswith afastou sua garra, e o escudo tornou-se invisível novamente.

— O tempo da antiga Rainha está passando, e finalmente ela está morrendo. Nós todos comemos da carne dela, e uma nova Rainha emergiu das últimas e suas crias. A nova Rainha canta para nós através da Yabree, e nos diz que ela está cheia de crias. É hora da nova Rainha se mudar, e estabelecer a nossa nova colônia.

— A grande barreira se foi e a Sliph está acordada. Agora você deve ajudar a Rainha para que possamos estabelecer novos territórios.

Richard assentiu. — Sim. Ela precisa ficar livre. Posso sentir a necessidade dela. Isso me enche com a canção. Porque vocês não a libertaram?

— Não podemos. Assim como você foi necessário para destruir as torres, e para acordar a Sliph, só você pode libertar a Rainha.

— Isso deve ser feito antes que você segure duas Yabree, e as duas cantem para você.

Guiado pelo seu instinto, Richard moveu-se até os degraus de um lado. Podia sentir que o escudo era mais forte na base; tinha que ser rompido no topo. Ele segurou a Yabree no peito enquanto subia os degraus de pedra.

Ele tentou imaginar como duas seriam maravilhosas. A canção confortadora dela o acalmava, mas a necessidade da Rainha o impulsionava adiante. Os Mriswith ficaram para trás, mas Merissa o seguiu.

Richard se movia como se tivesse feito a jornada antes. Os degraus o levaram para fora, e então para cima espiralando ao lado das ruínas de colunas. A luz da lua lançava sombras irregulares entre as rochas que ainda restavam no meio da devastação.

Finalmente eles alcançaram o topo de uma pequena torre de observação circular, com pilares elevando-se ao lado dela, conectados acima pelos restos de uma plataforma decorada com gárgulas. Parecia que uma vez aquilo havia circulado todo o domo, conectando torres como aquela sobre a qual eles estavam. De cima da alta torre, Richard podia olhar para baixo através da abertura do domo. O teto curvado cravado com enormes colunas, como espinhos, que apontavam para fora e desciam em fileira.

Merissa, em um vestido vermelho, a única cor que ele já tinha visto ela usar quando vinha dar suas aulas, ficou bem perto atrás dele, olhando para baixo silenciosamente dentro do domo sombrio.

Richard podia sentir a Rainha na piscina escura lá embaixo, chamando por ele, estimulando ele a libertá-la. A Yabree dele cantava através dos seus ossos.

Abaixando a mão, ele deixou sua necessidade fluir para o exterior. Ele esticou o outro braço, apontando a Yabree para baixo junto com os dedos da sua outra mão. O aço emitiu um som, vibrando com o poder que estava saindo dele.

As lâminas da Yabree ressoaram, aumentando o timbre, até que a noite gritou. O som era doloroso, mas Richard não o deixou diminuir. Ele fez com que seguisse adiante. Merissa se afastou, cobrindo os ouvidos enquanto o ar reverberava com o uivo da Yabree.

O escudo em forma de domo lá embaixo tremeu, brilhando enquanto suas vibrações intensificavam. Rachaduras cintilantes surgiram e espalharam-se pela superfície. Com um som ensurdecido, o escudo estilhaçou; pedaços dele, como vidro brilhante, choveram na direção da piscina, cintilando enquanto caíam.

A Yabree silenciou, e mais uma vez a noite estava tranquila.

Uma grande massa lá embaixo se moveu, balançando para se livrar das plantas e da sujeira. Asas se abriram, testando sua força, e então, com batidas frenéticas, a Rainha ergueu-se no ar. Com fortes batidas de suas asas, subiu até a borda do domo, suas garras cravando-se na rocha para ter apoio. Dobrando parcialmente as asas recém testadas, ela começou a escalar

a rocha da torre sobre a qual estavam Richard e Merissa. Com puxões poderosos, lentos, decididos, rebocou sua massa cintilante subindo a coluna, suas garras encontrando apoio nas rachaduras e fendas na rocha.

Finalmente ela parou, pendurada no pilar ao lado de Richard como uma salamandra grudada em uma tora coberta de lodo. Na luz clara da lua, Richard podia ver que ela era tão vermelha quanto o vestido de Merissa. No início, Richard pensou que estava vendo um Dragão Vermelho, mas observando com mais cuidado conseguiu ver as diferenças.

As pernas e braços dela eram mais musculosos do que os de um Dragão, e cobertos com escamas menores mais parecidas com as de um Mriswith. Uma fileira de placas interligadas corriam pela extensão de sua espinha, da ponta de sua cauda até um grupo de espinhos atrás da cabeça. Em cima da cabeça, na base de vários espinhos compridos, havia uma protuberância elevada coroada com fileiras de carne sem escamas que se agitavam ocasionalmente enquanto ela respirava.

A cabeça da Rainha contorceu virando para todos os lados, procurando. Suas asas se abriram, balançando lentamente no ar da noite. Ela queria alguma coisa.

— O que você está procurando? — Richard perguntou.

Virando a cabeça para baixo, na sua direção, ela bufou lançando um jato de ar que o envolveu com um aroma estranho. De algum modo isso o fez sentir a necessidade dela de forma mais apurada; o aroma tinha o significado que ele conseguiu entender como, *quero ir para esse lugar*.

Então ela virou a cabeça para a noite além dos pilares. Soprou, emitindo um longo som vibrante que pareceu estremecer o ar. Richard conseguiu vê-la expelindo ar através das faixas de carne no alto de sua cabeça. Elas sacudiram enquanto ela soprava, criando o som. Com o aroma ainda enchendo suas narinas, ele olhou para a noite diante da torre.

O ar tremulou, brilhando enquanto uma imagem começou a surgir diante dele. A Rainha soprou novamente, e a imagem ficou mais clara. Era uma cena que Richard reconheceu. Era Aydindril, como se estivesse vendo aquilo através de uma estranha névoa ocre. Richard podia ver as construções da cidade, o Palácio das Confessoras, e ela soprou novamente,

clareando a imagem flutuando diante dele no ar da noite, a Fortaleza do Mago erguendo-se sobre o lado da montanha.

A cabeça dela girou na sua direção, bufando novamente um aroma, mas diferente do primeiro. Carregava um significado diferente: — Como chego até esse lugar?

Richard sorriu com a surpresa de ser capaz saber o que ela queria dizer através de um aroma. Sorriu também, com o conhecimento de que poderia ajudá-la.

Ele esticou o braço, e um brilho saiu dele, iluminando a Sliph. — Ali. Ela levará você.

A Rainha bateu as asas quando saltou da coluna e mais uma vez, livre da rocha, abriu-as para planar descendo até a Sliph. A Rainha não podia voar muito bem, Richard entendeu; podia usar suas asas para ajudá-la por algum tempo mas não podia voar até Aydindril. Ela precisava de ajuda para chegar até lá. A Sliph já estava envolvendo a Rainha enquanto ela dobrava suas asas. O mercúrio engoliu-a, e a Rainha vermelha desapareceu.

Richard ficou sorrindo com o prazer da Yabree cantando em sua mão, zunindo através de seus ossos.

— Encontrarei você lá embaixo, Richard. — Merissa disse. De repente ele a sentiu agarrando sua camisa atrás do seu pescoço, e com o poder do seu Han, lançá-lo por cima do lado da torre.

Por instinto, Richard esticou o braço, conseguindo apenas tocar a borda da abertura no domo quando passava caindo. Ele balançou pendurado pelos dedos, seus pés suspensos acima de uma queda de pelo menos cem pés. Sua Yabree fez barulho quando atingiu a rocha lá embaixo. Inundado com súbito pânico, ele sentiu como se estivesse acordando em um pesadelo.

A canção se foi. Sem a Yabree, sua mente repentinamente pareceu assustadoramente desperta. Ele estremeceu de terror ao perceber a sedução insidiosa, e o que isso tinha feito com ele.

Inclinando-se para o ver pendurado ali, Merissa lançou um jato de fogo na sua direção. Ele balançou os pés para dentro, e as chamas erraram por pouco. Ela não cometeria o mesmo erro duas vezes, ele sabia.

Richard tateou freneticamente debaixo da borda do domo procurando por alguma coisa para agarrar. Seus dedos encontraram uma fenda de suporte.

Com desesperada necessidade de escapar de Merissa, ele agarrou ali e balançou para baixo do domo quando outro jato de fogo passou atingindo a piscina suja lá embaixo, lançando jatos de sujeira pelo ar.

Usando as mãos, impulsionado pelo medo, não apenas de Merissa, mas também da altura, ele começou a descer.

Merissa seguiu na direção dos degraus. Enquanto ele descia a fenda ficava mais escarpada, tornando-se quase vertical enquanto se aproximava da ponta do domo.

Grunhindo com o esforço enquanto se apressava, seus dedos doendo, Richard estava dominado pela vergonha. Como poderia ser tão estúpido? O que ele estava pensando? Aquilo lhe ocorreu com assustadora compreensão.

A capa de Mriswith.

Lembrou de Berdine correndo, segurando o diário de Kolo, gritando para ele tirar a capa. Lembrou de ler no diário como não apenas eles, mas também seus inimigos, criaram coisas de magia que faziam as mudanças necessárias para dar as pessoas certas propriedades, como força e resistência, ou o poder de focar um feixe de luz em um ponto destrutivo, ou a habilidade de ver grandes distâncias, mesmo durante a noite.

A capa de Mriswith deve ser uma dessas coisas, usada para dar ao magos a habilidade de ficarem invisíveis. Koto tinha mencionado quantas das armas que eles desenvolveram acabaram dando terrivelmente errado. Poderia ser também que os Mriswith tivessem sido criados pelo inimigo.

Queridos espíritos, que problema ele havia causado? O que tinha feito? Precisava tirar a capa da sua costa. Berdine estava tentando avisar para ele.

A Terceira Regra do Mago: A paixão governa a razão. Ele estava tão entusiasmado para chegar até Kahlan que não havia usado sua razão e

não escutou o aviso de Berdine. Agora como ele conseguiria deter a Ordem? Sua estupidez tinha ajudado eles.

Richard ficou tenso para se segurar quando o apoio ficou quase vertical. Mais dez pés.

Merissa apareceu em um portal. Ele viu um raio formar um arco pela sala. Ele soltou, e caiu em direção ao chão, desejando que pudesse cair mais rápido. O estalo alto do raio feriu seus ouvidos quando passou perigosamente perto para arrancar sua cabeça. Tinha que escapar dela. Tinha que correr.

— Eu encontrei com sua futura esposa, Richard.

Richard congelou. — Onde ela está?

— Saia de onde está, e vamos conversar sobre isso. Vou contar tudo a você sobre como vou adorar escutar ela gritar.

— Onde ela está?

A risada de Merissa ecoou pelo domo. — Bem aqui, meu aluno. Bem aqui em Tanimura.

Furioso, Richard liberou um raio. Ele iluminou a câmara, trovejando através da sala até onde ele tinha avistado ela por último. Fragmentos de rocha deixando rastros de fumaça deslizaram pelo ar. Apenas vagamente ele imaginava como tinha feito tal coisa. Necessidade.

— Por quê? Porque você poderia querer machucá-la?

— Oh, Richard, não é ela que eu me preocupo em machucar. É você. A dor dela vai causar dor em você; é simples assim. Ela é simplesmente um meio de obter o seu sangue.

Richard olhou para as passagens. — Porque você quer meu sangue?

Logo que acabou de falar, ele agachou e seguiu até uma passagem.

— Porque você arruinou tudo. Trancou o meu mestre no submundo. Eu deveria ter minha recompensa. Deveria ter minha imortalidade. Eu fiz minha parte, mas você arruinou tudo.

Um raio negro ondulante abriu um buraco em uma parede bem ao lado dele. Ela estava usando Magia Subtrativa. Era uma feiticeira com poder ginimaginável, e podia dizer onde ele estava; podia sentir ele. Então porque ela estava errando?

— Mas o pior. — ela falou enquanto um dedo fino tocava no anel dourado que atravessava seu lábio inferior. — é que por sua causa, eu devo servir aquele porco Jagang. Você não tem ideia das coisas que ele fez comigo. Você não tem ideia das coisas que ele me obriga fazer. Tudo por causa de você! Tudo por causa de você, Richard Rahl! Mas vou fazer você pagar. Eu jurei me banhar em seu sangue, e eu irei.

— E quanto a Jagang? Vai deixar ele zangado se me matar.

Fogo irrompeu atrás dele, fazendo ele correr para a coluna seguinte.

— Exatamente o contrário. Agora que você fez o que era necessário, não tem mais utilidade para o Andarilho dos Sonhos. Como recompensa, tenho permissão de fazer com o que eu quiser com você, e eu tenho alguns desejos grandiosos.

Richard percebeu que não conseguiria escapar dela desse jeito. Poderia estar atrás de uma parede, e ela conseguiria sentir ele com o Han dela.

Pensou novamente sobre Berdine, e justamente quando levantava o braço para agarrar a capa de Mriswith para arrancá-la de sua costa, ele parou. Merissa não seria capaz de enxergar ele com seu Han se ele estivesse envolvido pela magia da capa. Mas a magia da capa era a força que criou os Mriswith.

Kahlan era uma prisioneira. Merissa disse que a dor dela causaria dor nele. Não poderia permitir que machucassem Kahlan. Não tinha escolha.

Ele se enrolou na capa e desapareceu.

CAPÍTULO 48

Essa é a última, como eu prometi. — Verna olhou fixamente nos olhos de uma mulher que conheceu por cento e cinquenta anos. Seu coração estava ferido.

Não conheceu bem o bastante. Havia muitas que ela não conheceu bem o bastante.

— O que Jagang quer com o Palácio dos Profetas?

— Ele não tem poder, além de um homem comum, a não ser sua habilidade como um Andarilho dos Sonhos. — A voz de Leoma tremeu, mas ela continuou. — Ele usa outros, especialmente aqueles com o dom, para fazer o que deseja. Ele vai usar o nosso conhecimento para revelar as ramificações nas profecias que o levarão à vitória, e então providenciará para que as ações corretas sejam tomadas para conduzir o mundo por essa ramificação.

— É um homem muito paciente. Levou quinze anos para conquistar o Mundo Antigo, o tempo todo aperfeiçoando sua habilidade, sondando as mentes de outros, e reunindo a informação que ele precisava.

— Ele não apenas pretende usar as profecias nas câmaras, mas pretende fazer do Palácio dos Profetas sua casa. Ele sabe sobre o feitiço; ele posicionou homens aqui como um teste para ter certeza que ele funciona para aqueles sem o dom, e que não há nenhum efeito prejudicial. Ele vai morar aqui e direcionar a conquista do restante do mundo, com ajuda das profecias, desse lugar.

— Uma vez que todas as terras caírem, ele manterá a dominação sobre o mundo por centenas e centenas de anos, aproveitando as pilhagens de sua tirania. Para a mente dele, nada tão grande jamais foi sonhado, muito menos realizado. Será o mais próximo que um governante pode chegar da imortalidade.

— O que mais você pode me dizer?

Leoma cruzou as mãos. — Nada. Eu falei tudo. Vai me soltar, Verna?

— Beije o seu dedo anelar, e implore o perdão do Criador.

— O quê?

— Abandone o Guardiã. É a sua única esperança, Leoma.

Leoma balançou a cabeça. — Não posso fazer isso, Verna. Não farei.

Verna não tinha tempo a desperdiçar. Sem mais palavras ou discussões, tocou o Han dela. Luz pareceu sair dos olhos de Leoma e ela desabou no chão, morta.

Verna deslizou silenciosamente até o final do corredor vazio, até o quarto da Irmã Simona. Sentindo a alegria de manipular o seu Han conforme sua vontade, ela baixou o escudo. Cuidadosamente, para não assustá-la, ela bateu e então abriu a porta, ouvindo Simona correr para o canto mais distante.

— Simona, é Verna. Não tenha medo, querida.

Simona soltou um grito. — Ele vem! Ele vem!

Verna acendeu um suave brilho do Han em sua palma. — Eu sei. Você não está louca. Irmã Simona. Ele realmente vem.

— Nós devemos escapar! Nós devemos escapar. — ela gritou. — Oh, por favor, devemos fugir antes que ele chegue aqui. Ele vem nos meus sonhos e zomba de mim. Estou com tanto medo. — Ela caiu para beijar o dedo anelar.

Verna segurou a mulher trêmula nos braços. — Simona, me escute cuidadosamente. Eu tenho um jeito de salvá-la do Andarilho dos Sonhos. Posso fazer você ficar em segurança. Nós podemos fugir.

A mulher sorriu, piscando para Verna. — Você acredita em mim?

— Sim. Sei que está dizendo a verdade. Mas você também deve acreditar em mim, quando digo a verdade que conheço uma magia que vai

protegê-la do Andarilho dos Sonhos.

Simona enxugou as lágrimas da bochecha suja ela. — Isso realmente é possível? Como pode ser feito?

— Você lembra de Richard? O jovem que eu trouxe comigo?

Simona assentiu com um sorriso enquanto se aconchegava nos braços de Verna. — Quem poderia esquecer Richard? Problema e maravilha em um pacote.

— Agora escute. Além do dom, Richard tem uma magia que foi transferida de seus ancestrais que combateram os Andarilhos dos Sonhos originais. É uma magia que também o protege dos Andarilhos dos Sonhos. Isso também protege qualquer um que jura fidelidade a ele, que é leal a ele de todas as maneiras. Essa foi a razão pela qual o feitiço foi lançado originalmente. Para lutar contra os Andarilhos dos Sonhos.

Os olhos dela arregalaram. — Isso não pode ser possível. Mera lealdade conferir magia.

— Leoma me trancou em uma sala descendo o corredor. Ela colocou uma coleira no meu pescoço e usou o teste da dor para tentar quebrar minha força de vontade e me obrigar a renunciar Richard. Ela falou que o Andarilho dos Sonhos queria entrar em meus sonhos, como ele faz com você, mas a minha fidelidade a Richard impediu isso. Funciona, Simona. Não sei como, mas funciona. Estou protegida do Andarilho dos Sonhos. Você também pode ficar.

Irmã Simona afastou fios de cabelo cinzento do rosto. — Verna, eu não estou louca. Quero tirar essa coleira do meu pescoço. Quero escapar do Andarilho dos Sonhos. Devemos fugir. O que você quer que eu faça?

Verna apertou a pequena mulher com mais força. — Você vai nos ajudar? Vai ajudar o resto das Irmãs da Luz a escapar também?

Simona encostou seus lábios rachados no dedo anelar. — Pelo meu juramento ao Criador.

— Então faça um juramento para Richard também. Você deve estar ligada a ele.

Simona se afastou e ajoelhou com a testa encostada no chão. — Juro fidelidade a Richard. Juro minha vida para ele pela minha esperança de ser abrigada pelo Criador no próximo mundo.

Verna fez Simona sentar. Colocou as mãos nos lados do Rada'Han, deixando seu Han fluir dentro dele, unindo-se com ele, a sala zunindo com o esforço. A coleira abriu e caiu no chão.

Simona soltou um grito de alegria enquanto abraçava Verna. Verna abraçou-a bem apertado; conhecia a alegria de ter o Rada'Han retirado do pescoço.

— Simona, nós devemos ir. Temos muito trabalho a fazer, e não temos muito tempo. Preciso de sua ajuda.

Simona enxugou as lágrimas. — Estou pronta. Obrigada. Prelada.

Na porta com o trinco protegido com a teia intrincada, Verna e Simona trabalharam juntas com seu Han. A teia foi criada por três Irmãs, e embora Verna tivesse esse poder, ainda seria um desafio desfazer ela. Com a ajuda de Simona, a teia foi desfeita facilmente.

Os dois guardas do lado de fora da porta tomaram um susto quando viram as prisioneiras sujas. Os piques abaixaram.

Verna reconheceu um dos guardas. — Walsh, você me conhece. Agora, levante esse pique.

— Sei que você foi condenada por ser uma Irmã do Escuro.

— Sei que você não acredita nisso.

A ponta estava ameaçadoramente próxima do rosto dela. — O que faz você pensar isso?

— Porque se fosse verdade, eu simplesmente mataria você para escapar.

Ele ficou em silêncio por um momento enquanto considerava. — Continue falando.

— Nós estamos em guerra. O Imperador quer colocar o mundo em suas garras. Ele usa as verdadeiras Irmãs do Escuro, como Leoma, e a nova Prelada, Ulicia. Você as conhece, e me conhece. Em quem você acredita?

— Bem... Eu não tenho certeza.

— Então permita que eu coloque em termos que deixem isso claro. Você lembra de Richard?

— Claro. Ele é um amigo.

— Richard está em guerra contra a Ordem Imperial. A hora para você escolher o seu lado chegou. Você deve decidir sua lealdade, agora mesmo, aqui mesmo. Richard, ou a Ordem.

Ele pressionou os lábios enquanto efetuava uma batalha mental. Finalmente, a parte inferior do pique bateu no chão.

— Richard.

Os olhos do outro guarda se moveram entre Walsh e Verna. Repentinamente seu pique projetou-se para frente com o grito. — A Ordem!

Verna já estava com seu Han preparado. Antes que a lâmina a tocasse, o homem foi lançado para trás com tanta força que quando ele bateu na parede, sua cabeça partiu. Ele desabou no chão, morto.

— Acho que escolhi certo. — Walsh disse.

— Escolheu mesmo. Devemos reunir as verdadeiras Irmãs da Luz, e os jovens magos leais, e devemos sair daqui imediatamente. Não há um momento a perder.

— Vamos. — Walsh falou, levantando seu pique, apontando o caminho.

Do lado de fora, no ar morno da noite, uma figura magra estava sentada em um banco ali perto. Quando ela as reconheceu, levantou rapidamente.

— Prelada! — ela sussurrou com grande alegria.

Verna abraçou Millie com tanta força que a velha gemeu. — Oh, Prelada, perdoe as coisas odiosas que eu disse. Não estava falando sério, eu juro.

Verna, quase chorando, apertou a mulher novamente, e então beijou a testa dela uma dúzia e vezes. — Oh, Millie, obrigada. Você é o melhor trabalho do Criador. Nunca esquecerei o que fez por mim, pelas Irmãs da Luz. Millie, nós temos que fugir. O Imperador vai tomar o Palácio. Você virá conosco, por favor, para que fique segura?

Millie encolheu os ombros. — Eu? Uma velha? Fugindo de Irmãs do Escuro assassinas e monstros mágicos?

— Sim. Por favor?

Millie sorriu na luz da lua. — Parece mais divertido do que esfregar o chão e esvaziar pinicos.

— Está certo, todas escutem então, nós...

Uma sombra alta saiu do canto da construção. Todos ficaram imóveis e em silêncio enquanto a figura se aproximava.

— Bem, Verna, parece que achou seu caminho de saída. Achei que você podia. — Ela chegou mais perto, onde podiam vê-la. Era Irmã Philippa, A outra conselheira de Verna. Ela beijou o dedo anelar. A boca fina de Philippa abriu um sorriso. — Graças ao Criador. Bem-vinda de volta, Prelada.

— Philippa, nós devemos levar as Irmãs para longe hoje, antes que Jagang chegue aqui, ou seremos capturadas e usadas.

— O que devemos fazer, Prelada? — Irmã Philippa perguntou.

— Todas vocês, escutem com atenção. Devemos nos apressar, e devemos ser mais do que cuidadosas. Se formos pegas, estaremos todas em coleiras.

Richard estava ofegante por causa de sua corrida da Floresta Hagen, então ele reduziu a velocidade para um trote para recuperar o

fôlego. Ele viu Irmãs rondando pelo terreno do Palácio, mas elas não o viram. Embora estivesse enrolado na capa de Mriswith, não poderia procurar no Palácio todo; isso levaria dias. Tinha que descobrir onde Kahlan, Zedd, e Gratch estavam presos para que pudesse voltar até Aydindril. Zedd saberia o que fazer.

Provavelmente o censuraria furiosamente por sua estupidez, mas Richard merecia isso. Seu estômago formava um nó quando pensava no problema que havia causado. Ele não podia nem dar crédito para sua inteligência por suas ações impulsivas não acabarem resultando em sua morte. Quantas vidas ele tinha colocado em perigo com suas ações apressadas?

Kahlan provavelmente ficaria mais do que furiosa com ele. E porque não?

Richard tremeu ao pensar porque os Mriswith foram para Aydindril. Sentiu uma pontada de medo por seus amigos lá.

Talvez os Mriswith só desejassem estabelecer um novo lar, com a Floresta Hagen aqui, e ficariam lá em paz. Uma voz interior riu desse pensamento esperançoso. Precisava voltar para lá.

Pare de pensar no problema, ele se repreendeu. Pense na solução.

Primeiro ele iria tirar seus amigos daqui, e então se preocuparia com o resto.

Era estranho que Kahlan, Zedd, e Gratch fossem mantidos no Palácio, mas ele não duvidou daquilo que Merissa falou; ela pensava que estava com ele nas mãos, e então não teria razão para mentir. Ele não conseguia entender porque as Irmãs do Escuro esconderiam seus prisioneiros em um lugar que poderia ser perigoso para elas.

Richard parou. Um pequeno grupo de pessoas estava cruzando o gramado sob a luz da lua. Não conseguiu ver quem eram, e estava prestes a ir descobrir, mas decidiu que seu primeiro pensamento era o correto: ir falar com Ann. A Prelada poderia ajudá-lo. Além da Prelada Annalina e Irmã Verna ele não sabia em qual das Irmãs podia confiar. Esperou até que as

peças se afastassem por um corredor coberto antes de prosseguir novamente.

Quando tinha deixado o Palácio meses atrás, ele sabia que ainda poderia haver Irmãs do Escuro entre as feiticeiras aqui, e elas deveriam ser aquelas que pegaram Kahlan, mas não sabia quem eram elas. Poderia procurar por Verna, mas não sabia onde ela estaria. Porém, ele sabia onde encontrar a Prelada, então era por ali que iria começar.

Se fosse preciso, ele destruiria o Palácio dos Profetas, pedra por pedra, para encontrar Kahlan e seus amigos, mas estava preocupado em não violar a Terceira Regra do Mago novamente, e decidiu que dessa vez ele começaria, pelo menos, com a razão ao invés da paixão.

Queridos espíritos, onde uma terminava e a outra começava?

No portão externo para o terreno da Prelada, Kevin Andellmere estava montando guarda. Richard conhecia Kevin, e tinha razoável certeza de que poderia confiar nele. Razoável certeza não era bom o bastante, então Richard manteve a capa de Mriswith fechada e passou por Kevin até o interior do terreno. Ao longe, Richard conseguiu ouvir a risada rouca de vários homens subindo por um caminho, mas eles estavam a uma boa distância.

Richard conhecia as administradoras anteriores da Prelada. Uma foi morta quando a outra, Irmã Ulicia, havia atacado a Prelada. Depois do ataque, Irmã Ulicia e cinco outras Irmãs do Escuro fugiram a bordo de um navio, o Lady Sefa. Agora as escrivaninhas do lado de fora do escritório da Prelada estavam vazias.

Ninguém estava por perto no corredor, ou no escritório externo, e a porta para o escritório da Prelada estava aberta, então Richard deixou a capa de Mriswith abrir quando relaxou sua concentração. Queria que Ann o reconhecesse.

A luz do luar entrando pelas portas duplas na parte de trás da sala escura formava a silhueta dela para que Richard pudesse ver que ela estava sentada em sua cadeira atrás da mesa. Podia ver na luz fraca que a cabeça dela estava abaixada. Ela deveria estar cochilando.

— Prelada. — ele falou suavemente, para acordar ela com um susto. Ela se moveu, sua cabeça levantou um pouco, e a mão dela se ergueu. — Preciso conversar com você, Prelada. É Richard. Richard Rahl.

Um brilho surgiu na palma dela virada para cima.

Irmã Ulicia sorriu para ele. — Veio conversar, não foi? Que interessante. Bem, uma conversa seria muito bom.

Enquanto o sorriso maldoso dela aumentava, Richard deu um passo para trás, sua mão procurando o cabo da espada.

Ele não tinha espada.

Ouviu a porta fechar batendo atrás dele.

Ele virou e viu quatro de suas professoras: Irmãs Tovi, Cecilia, Armina, e Merissa. Enquanto elas se aproximavam ele viu que cada uma delas usava um anel no lábio inferior. Só estava faltando Nicci. Todas sorriam como crianças famintas olhando para um doce no final de um jejum de três dias.

Richard sentiu sua necessidade acender dentro dele.

— Antes que faça qualquer coisa tola, Richard, é melhor escutar primeiro, ou vai morrer onde está.

Ele fez uma pausa e olhou para Merissa. — Como vocês me encontraram de volta aqui?

Ela curvou uma sobrancelha sobre um olho escuro malevolente. — Eu voltei com meu cavalo.

Richard virou para Ulicia. — Tudo isso foi planejado, não foi? Fizeram isso para me capturar.

— Oh, sim, meu rapaz, e você fez a sua parte de forma esplêndida.

Ele apontou para Merissa enquanto falava com Ulicia. — Como sabiam que eu não seria morto quando ela me jogou daquela torre?

O sorriso de Ulicia desapareceu quando ela olhou para Merissa. Ao ver aquele olhar Richard percebeu que Merissa estivera agindo fora das instruções.

Ulicia levou seu olhar de volta para Richard. — O fato é que, você está aqui. Agora, quero que você se acalme, ou alguém pode se ferir; você pode ter nascido com os dois lados do dom, mas nós também temos o uso de ambas as magias também. Mesmo se você conseguir matar uma ou duas de nós, não tem como pegar todas, e então Kahlan morrerá.

— Kahlan... — Richard olhou para ela furioso. — Estou ouvindo.

Ulicia cruzou as mãos. — Está vendo, Richard, você tem um problema. Felizmente para você, nós também temos um problema.

— Que tipo de problema?

Os olhos dela endureceram com uma expressão ameaçadora. — Jagang.

As outras deram a volta na mesa para ficar ao lado de Ulicia. Nenhuma delas estava rindo mais. O ódio nos olhos delas ao ouvirem o nome Jagang, até mesmo o das aparentemente gentis Tovi e Cecilia, pareciam poder queimar rocha.

— Está vendo, Richard, está quase na hora de ir para cama.

Richard franziu a testa. — O quê?

— Você não recebe nenhuma visita do Imperador Jagang em seus sonhos. Nós recebemos. Ele está se tornando um problema para nós.

Richard podia sentir o controle na voz dela. Essa mulher queria alguma coisa mais do que a própria vida.

— Problemas com o Andarilho dos Sonhos, Ulicia? Bem, eu não saberia. Eu durmo como um bebê.

Richard geralmente sabia quando uma pessoa com o dom estava tocando o seu Han; podia sentir, ou ver isso nos olhos. O ar ao redor dessas mulheres quase explodia em chamas. Por trás de todos aqueles olhos parecia haver poder acumulado suficiente para derreter uma montanha.

Aparentemente, isso não era o bastante. Um Andarilho dos Sonhos deveria ser um oponente formidável.

— Está bem, Ulicia, vamos direto ao ponto. Eu quero Kahlan, e você quer alguma coisa. O que é?

Ulicia tocou no anel em seu lábio quando olhou para longe dos olhos dele. — Isso tem que ser resolvido antes de irmos dormir. Acabei de falar para minhas Irmãs sobre o meu plano. Não conseguimos encontrar Nicci para incluir ela. Se formos dormir antes que esteja resolvido, e qualquer uma de nós sonhar com isso...

— Resolvido? Eu quero Kahlan. Apenas me diga o que você quer.

Ulicia limpou a garganta. — Nós queremos jurar lealdade a você.

Richard ficou imóvel, incapaz de piscar. Não tinha certeza se havia escutado o que pensou ter escutado. — Vocês todas são Irmãs do Escuro. Vocês me conhecem, e todas querem me matar. Como vocês podem quebrar seu juramento ao Guardiã?

O olhar de ferro de Ulicia levantou. — Eu não disse que desejamos fazer isso. Eu disse que gostaríamos de jurar lealdade a você, aqui, no mundo dos vivos. Eu não acho, em vista de todo a situação atual, que as duas coisas sejam incompatíveis.

— Não são incompatíveis! Vocês estão loucas também!

Os olhos dela ficaram ameaçadores. — Você quer morrer? Quer que Kahlan morra?

Richard fez um esforço para acalmar sua mente acelerada. — Não.

— Então fique quieto e escute. Nós temos algo que você quer. Você tem algo que nós queremos. Cada um de nós tem condições. Por exemplo, você quer Kahlan, mas quer ela viva e bem. Estou certa?

Richard devolveu o olhar ameaçador. — Você sabe que sim. Mas o que a faz pensar que eu faria um pacto com você? Você tentou matar a Prelada Annalina.

— Não apenas tentei, mas consegui.

Richard fechou os olhos com um grunhido angustiado. — Você admite o assassinato dela, e então espera que eu confie...

— Estou ficando sem paciência, jovem, e sua futura esposa está ficando sem tempo. Se você não levar ela embora antes que Jagang chegue aqui, posso assegurar, não há esperança alguma de que você a veja novamente. Você está sem tempo para procurar.

Richard engoliu em seco. — Está bem. estou escutando.

— Você colocou a tranca de volta no portal do Guardião para esse mundo. Frustrou nossos planos. Ao fazer isso, diminuiu o poder do Guardião nesse mundo, restaurando o equilíbrio entre ele e o Criador. No equilíbrio que você criou, Jagang fez seu movimento para tomar o mundo para si mesmo.

— Ele também nos dominou. Ele pode vir até nós a qualquer hora que desejar. Somos prisioneiras dele, não importa onde estivermos. Ele tem demonstrado para nós o quanto um captor pode ser desagradável. Para nós não há como escapar, a não ser um.

— Você quer dizer, fazer a ligação comigo.

— Sim. Agora, se fizermos como Jagang tem ordenado, então continuamos em sua graça, como era. Mesmo que isso seja... desagradável, pelo menos nós vivemos. Nós queremos viver.

— Se jurarmos fidelidade a você, podemos quebrar o poder que Jagang tem sobre nós, e escapar.

— Quer dizer que vocês querem matar ele. — Richard observou.

Ulicia balançou a cabeça. — Não queremos ver o rosto dele nunca mais. Não nos importamos com o que ele faz, só queremos sair das garras dele.

— Vou dizer a verdade para você. Retornaremos ao nosso trabalho de trazer nosso Mestre, o Guardião, ao domínio. Se tivermos sucesso, seremos recompensadas. Não sei se é possível para nós termos sucesso, mas esse é o risco que você terá que aceitar.

— O que você quer dizer com, esse é o risco que eu terei que aceitar? Se estiverem ligadas a mim, então terão que trabalhar na direção de meus objetivos: lutar contra o Guardiã e a Ordem Imperial.

Os lábios de Ulicia abriram um largo sorriso. — Não, meu rapaz. Pensei nisso muito cuidadosamente. Aqui está minha oferta: Nós juramos fidelidade a você, você nos pergunta onde Kahlan está, e nós diremos. Em troca, não pode pedir nada mais de nós, e deve permitir que partamos imediatamente. Você não vai nos ver, nós não veremos você.

— Mas se vocês trabalham para libertar o Guardiã, isso vai contra mim, e viola a ligação. Não vai funcionar!

— Você está enxergando isso através de seus olhos. A proteção que sua ligação fornece é invocada através da convicção da pessoa ligada de que suas ações não estão rompendo com sua fidelidade.

— Você quer tomar o mundo. Pensa que isso é para o bem das pessoas do mundo. Todas as pessoas que você tentou levar para o seu lado acreditaram em você, e ficaram para lhe apoiar? Ou alguns viram suas ofertas benevolentes como outra coisa, como abuso, e fugiram com medo de você?

Richard lembrou das pessoas deixando Aydindril. — Acho que consigo entender, de certo modo, mas...

— Nós não enxergamos lealdade através do seu filtro moral; enxergamos a lealdade por nossos próprios padrões. Para nossas sensibilidades, como Irmãs do Escuro, enquanto não estivermos fazendo nada que esteja ferindo você diretamente, não estaremos quebrando nossa lealdade porque não ferir você é definitivamente algo em seu benefício.

Richard colocou os punhos sobre a mesa e inclinou na direção dela. — Vocês querem libertar o Guardiã. Isso vai me ferir.

— É uma questão de percepção, Richard. O que nós queremos é poder, do mesmo jeito que você, não importa a moral na qual você guarde sua ambição.

— Nossos esforços não são direcionados contra você. Se acontecer de conseguirmos sucesso em benefício do Guardiã, todos seriam

conquistados, incluindo Jagang, então não importaria se nós perdêssemos a proteção da ligação. Isso pode não estar de acordo com sua noção de moral, mas se encaixa na nossa, e assim a ligação funcionará.

— E quem sabe, poderia até ser que por algum milagre, você conseguisse vencer sua guerra contra a Ordem, e matar Jagang. Então não precisaríamos de uma ligação. Podemos ter paciência para ver o que vai acontecer. Apenas não seja tolo o bastante para voltar a Aydindril. Jagang está pegando ela de volta, e não há nada que você possa fazer para detê-lo.

Richard endireitou o corpo e piscou, olhando para ela, tentando entender tudo aquilo. — Mas... eu estaria libertando vocês para que trabalhassem para o mal.

— O mal de acordo com o seu padrão de moral. A verdade é que você estaria nos fornecendo a chance de tentar, mas isso não significa que teremos sucesso. Porém, isso também dará a você Kahlan, e a chance de tentar deter a Ordem Imperial, e de tentar frustrar nossas tentativas de vencer nossa luta. Você nos derrotou no passado.

— Isso dá a cada uma de nós algo muito importante. Isso fornece para nós a nossa liberdade, e para Kahlan a dela. Um troca justa, eu imagino.

Richard ficou em silêncio considerando essa oferta louca; ele estava mesmo desesperado assim.

— Então, se vocês fizerem reverência e oferecerem a sua fidelidade, a sua ligação, você dirá onde Kahlan está, e vocês partirão como você diz, que garantia eu tenho de que falou a verdade sobre onde Kahlan está?

Ulicia inclinou a cabeça com um leve sorriso. — Simples. Nós juramos, se você perguntar. Se nós mentirmos para sua pergunta direta, a ligação estaria quebrada, e estaríamos de volta nas garras de Jagang.

— Se eu não cumprir minha parte e depois que disserem onde Kahlan está, fizer outro pedido a vocês? Vocês teriam que atender para permanecer ligadas e ficarem protegidas de Jagang.

— É por isso que nossa oferta carrega a condição de apenas uma pergunta: onde está Kahlan. Se fizer mais, então mataremos você, do mesmo jeito que faremos se recusar. Não estaremos em pior situação do que estamos agora. Você morre, e Jagang fica com Kahlan para fazer o que ele desejar, e ele vai ficar, eu garanto a você. Ele tem gostos muito perversos. — O olhar dela virou para a mulher jovem ao lado dela. — Pergunte a Merissa.

Richard olhou para Merissa e viu o sangue desaparecer do rosto dela. Ela baixou o vestido vermelho o bastante para mostrar a ele a parte superior do seio dela. Richard sentiu o sangue desaparecer do próprio rosto dele. Ele afastou os olhos.

— Ele só vai permitir que o meu rosto seja curado. O resto ele ordena que fique como está, para o seu... divertimento. Isso é o mínimo que ele fez comigo. As últimas coisas que ele fez comigo. — Merissa falou com uma voz fria. — Foi tudo por sua causa, Richard Rahl.

Richard teve uma repentina visão de Kahlan com o anel de Jagang no lábio dela e daquelas marcas pavorosas nela. Seus joelhos ficaram fracos.

Ele colocou o lábio inferior entre os dentes quando olhou de volta para Ulicia. — Você não é a Prelada. Entregue para mim o anel dela. — Sem hesitação, ela o retirou e entregou a ele. — Vocês querem jurar lealdade, eu pergunto onde Kahlan está, você terão que dizer a verdade, e então irão embora?

— Essa é nossa oferta.

Richard soltou um suspiro. — Barganha aceita.

Ulicia fechou os olhos com um suspiro de liberdade depois que Richard fechou a porta ao sair. Ele estava com pressa.

Ela não se importava; tinha o que queria. Dormiria sem o medo de Jagang aparecer no sonho que não era sonho.

As cinco vidas delas por uma. Uma ótima barganha.

E ela não teve que dizer tudo para ele. Mas teve que dizer mais do que desejava. Mesmo assim, ótima barganha.

— Irmã Ulicia. — Cecilia falou com um tom de confiança em sua voz que esteve ausente durante meses. — você fez o impossível. Quebrou o domínio de Jagang sobre nós. As Irmãs do Escuro estão livres, e isso não custou nada para nós.

Ulicia soltou um profundo suspiro. — Eu não ficaria tão certa disso. Acabamos de seguir um curso desconhecido por um terreno ainda não trilhado em uma terra desconhecida. Mas por enquanto, estamos livres. Não devemos desperdiçar nossa chance. Precisamos partir imediatamente.

Ela levantou os olhos quando a porta abriu batendo.

Um sorridente Capitão Blake entrou no escritório. Dois marinheiros entraram logo atrás, um deles reduzindo o passo para tocar em Armina quando passava. Ela não fez nenhuma tentativa de afastar as mãos dele.

O Capitão Blake balançou na frente dela. Colocou as mãos sobre a mesa e inclinou. Ela podia sentir o cheiro de licor em sua respiração enquanto ele olhava de lado para ela.

— Bem, bem, moça. Nos encontramos novamente.

Ulicia não mostrou emoção alguma. — Então, nos encontramos.

O olhar ávido dele estava baixo demais para encontrar os olhos dela. — O Lady Sefa acabou de aportar, e nós, marinheiros solitários pensamos que deveríamos ter um pouco de companhia durante a noite. Os rapazes gostaram tanto da última vez com vocês, senhoritas, que pensaram em fazer tudo de novo.

Ela fingiu um tom medroso. — Espero que estejam planejando ser mais gentis do que da última vez.

— Na verdade, moça, os rapazes estavam dizendo como não achavam que fizemos tudo que poderíamos para nos divertir. — Ele inclinou ainda mais, esticou sua mão direita, agarrou o mamilo dela, e puxou-a para frente na cadeira. Ele sorriu com o grito dela. — Agora, antes

que eu fique de mal humor, é melhor que as vadias arrastem seus traseiros até o Lady Sefa, onde poderemos fazer bom uso deles.

Ulicia levantou o punho e enfiou uma faca através da mão direita do capitão, fixando ela na mesa. Ela encostou um dedo da outra mão no anel em seu lábio, e com um fluxo de Magia Subtrativa, ele desapareceu da existência.

— Sim, Capitão Blake, vamos todos até o Lady Sefa e teremos outro encontro muito íntimo com você e sua tripulação.

Com um punho formado pelo Han, ela o golpeou, atirando ele para trás. A faca enterrada na mesa cortou sua mão em duas quando ela foi puxada. Uma mordada de ar encheu a boca dele quando abriu ela para gritar.

CAPÍTULO 49

Alguma coisa estar acontecendo lá fora. — Adie sussurrou. — Deve ser eles. — Ela fixou seus olhos brancos em Kahlan.

— Você estar certa que deseja fazer isso? Eu estar disposta, mas...

— Temos que fazer. — Kahlan disse enquanto olhava para o fogo para ter certeza que ele ainda estava forte. — Precisamos escapar. Se não conseguirmos escapar e formos mortas, bem, então Richard não virá até aqui para cair na armadilha deles, e ele pode ficar onde está e, com a ajuda de Zedd, proteger o povo de Midlands.

Adie assentiu. — Então, nós tentamos. — Ela suspirou. — Seu que eu estar certa que ela estar fazendo isso, mas não sei qual é a razão.

Adie tinha falado que Lunetta fez algo muito peculiar: estava envolvida por seu poder o tempo todo. Uma tarefa assim era tão extraordinária, Adie tinha falado, que isso exigia o uso de um talismã investido com magia. Com Lunetta, aquele talismã só poderia ser uma coisa.

— Como eu disse, Adie, mesmo se você não souber a razão, ela não faria algo assim se não fosse importante.

Kahlan colocou um dedo nos lábios quando ouviu o rangido no chão do corredor. O cabelo cinzento e negro balançou quando ela soprou rapidamente apagando a lamparina e foi para trás da porta. O fogo ainda fornecia luz, mas as chamas bruxuleantes faziam as sombras dançarem, e apenas aumentariam a confusão.

A porta abriu. Kahlan, em pé do lado oposto da porta onde estava Adie, deu um suspiro profundo, preparando sua coragem. Ela esperava que elas tivessem removido o escudo, ou teriam muitos problemas por nada.

As duas figuras entraram na sala. Eram eles.

— O que você está fazendo aqui, sua coisinha suja! — Kahlan gritou.

Brogan, com Lunetta atrás dele, virou para Kahlan. Ela cuspiu nos olhos dele.

O rosto dele ficou vermelho, ele tentou agarrá-la. Kahlan levantou a bota entre as pernas dele. Quando ele gritou, Lunetta se esticou para ajudá-lo. Por trás, Adie bateu com um pedaço de lenha na cabeça da feiticeira.

Brogan atirou-se em cima de Kahlan, lutando com ela, golpeando ela nas costelas. Adie agarrou a roupa de tiras de pano coloridas de Lunetta quando ela caiu. A coisa toda rasgou quando Adie, com seu poderoso esforço alimentado pelo desespero, tirou a mulher quase desacordada de sua roupa de retalhos.

Lunetta, tonta e lenta, gritou quando Adie girou com o prêmio dela e atirou aquilo dentro do fogo.

Kahlan viu quando as tiras de pano coloridas pegaram fogo na lareira enquanto ela e rolavam pelo chão. Jogou ele por cima dela quando caiu no chão e então rolou ficando em pé. Quando Brogan virou para levantar, ela chutou o rosto dele.

Lunetta gemia em agonia. Kahlan manteve os olhos em Brogan quando ele levantou com sangue escorrendo do nariz. Antes que ele conseguisse atacá-la novamente, ele viu sua irmã atrás de Kahlan e congelou.

Kahlan lançou um rápido olhar para trás. Uma mulher estava remexendo freneticamente no fogo, tentando inutilmente recuperar as tiras de pano coloridas queimadas.

A mulher não era Lunetta.

Era uma mulher atraente mais velha, usando um vestido branco.

Os olhos de Kahlan ficaram arregalados com a visão. O que aconteceu com Lunetta?

Brogan gritou de fúria. — Lunetta! Como ousa fazer um encanto na frente dos outros! Como ousa usar a sua magia para fazer pensarem que você ser bonita! Pare com isso imediatamente! Sua corrupção é feia!

— Lorde General. — ela gritou. — minhas *bonitinhas*. Minhas *bonitinhas* estar queimando. Por favor, meu irmão, me ajude.

— Sua Streganicha suja! Pare com isso, estou dizendo!

— Não posso. — ela gemeu. — Não posso sem as minhas *bonitinhas*.

Com um rosnado de fúria, Brogan empurrou Kahlan para o lado e correu até a lareira. Levantou Lunetta pelo cabelo e bateu nela com o punho. Ela caiu para trás, derrubando Adie no chão junto com ela.

Ele chutou sua irmã quando ela tentava levantar. — Já tive o bastante da sua desobediência e da sua corrupção profana!

Kahlan agarrou um pedaço de lenha e girou na direção dele, mas ele abaixou e ela atingiu somente o ombro dele. Seu punho no estômago dela fez ela recuar.

Kahlan arfou para recuperar o fôlego. — Seu porco horroroso! Deixe a sua bela irmã em paz!

— Ela ser louca! Louca Lunetta!

— Não escute ele, Lunetta! O seu nome significa *pequena lua*! Não escute ele!

Brogan gritou de fúria e esticou as mãos na direção de Kahlan. Com um estalo alto, um raio iluminou a sala. Só não acertou ela porque ele estava fora de controle e contorcendo loucamente. Gesso e outros detritos explodiram através do ar.

Kahlan estava quase paralisada pela surpresa. Tobias Brogan, o Lorde General do Sangue da Congregação, o homem comprometido a exterminar a magia, tinha o dom.

Gritando novamente, Brogan lançou um punho de ar que acertou Kahlan no peito e bateu com ela na parede. Ela deslizou até o chão, confusa

e entorpecida.

Lunetta gritou mais alto quando viu o que Brogan tinha feito. — Não, Tobias! Você não deve usar a corrupção!

Ele caiu em cima da irmã, estrangulando ela, apertando a cabeça dela contra o chão. — Você ser aquela que fez isso! Você estar usando a corrupção! Você estar usando um *encanto*! Você fez o raio!

— Não, Tobias, você ser aquele fazendo isso. Não deve usar o dom. Mamãe falou que você não deve usar isso.

Ela a carregou segurando no vestido branco dela. — Do que você está falando? O que mamãe falou para você, sua Streganicha desprezível?

A bela mulher ofegou e engoliu em seco. — Que você ser o escolhido, meu irmão. O escolhido para a grandeza. Ela disse que eu não deveria fazer as pessoas me notarem, assim elas olhariam só para você. Ela disse que você ser aquele que ser importante. Mas ela disse que eu não devo deixar você usar o seu dom.

— Mentirosa! Mamãe nunca disse uma coisa assim! Mamãe não sabia de nada!

— Sim, Tobias, ela sabia. Ela ser tocada com um pouco do dom. As Irmãs vieram para levar você. Nós amávamos você e não queríamos que elas levassem nosso pequeno Tobias.

— Eu não tenho a corrupção!

— Isso ser verdade, meu irmão. Elas disseram que você tinha o dom, e queriam levar você para o Palácio dos Profetas. Mamãe disse que se elas voltassem sem você, elas trariam outras. Nós matamos elas.

Mamãe e eu. Assim ser como você ganhou a cicatriz na sua boca. Durante a nossa luta com elas. Ela disse que precisava matá-las para que não enviassem outras. Disse que eu nunca deveria deixar você usar o dom ou elas viriam para levar você.

O peito de Brogan pulsava com a raiva. — Tudo mentira! Você fez o raio, e você estar usando um encanto para os outros!

— Não. — ela gemeu. — Elas queimaram minhas *bonitinhas*. Mamãe disse que você ser destinado a ser grande, mas tudo isso poderia ser arruinado. Ela me ensinou como usar as *bonitinhas* para esconder minha aparência e para impedir você de usar o dom. Nós queríamos que você seja grande.

— Minhas *bonitinhas* desapareceram. Você fez o raio.

Brogan observava com olhos enlouquecidos, como se estivesse vendo coisas que nenhuma delas estava vendo. — Isso não ser a corrupção. — ele sussurrou. — Ser apenas eu. A corrupção ser maligna. Isso não ser maligno. Ser apenas eu.

Os olhos de Brogan entraram em foco novamente quando ele viu Kahlan lutando para levantar. A sala iluminou com luz cegante quando ele lançou outro raio. Ele rasgou a parede acima da cabeça dela quando ela mergulhou no chão.

Brogan levantou para ir atrás dela.

— Tobias ! Pare! Não deve usar o seu dom!

Tobias Brogan olhou para trás, para sua irmã, com uma estranha calma. — Isso ser um sinal. A hora chegou. Eu sempre soube que chegaria. — Centelhas azuis cintilaram entre as pontas dos dedos dele, quando ele levantou uma das mãos na frente do rosto. — Isso não ser a corrupção, Lunetta, mas poder divino. A corrupção ser feia. Isso ser lindo.

— O Criador abriu mão do seu direito de me dar ordens. O Criador ser um Baneling. Agora eu tenho o poder.

— A hora de usar ele chegou. Agora eu devo fazer o julgamento do homem. — Ele virou para Kahlan. — Agora eu ser o Criador.

Lunetta levantou um braço implorando. — Tobias, por favor...

Ele virou na direção dela, serpentes de luz mortais contorcendo-se nas suas mãos. — O que eu tenho ser glorioso. Não vou mais ouvir suas mentiras sujas. Você e mamãe ser Banelings. — Ele sacou a espada, a luz envolvendo a lâmina, e balançou ela no ar.

Ela fez um esforço mental. — Você não deve usar o seu poder, Tobias. Não deve. — A luz ondulante nas mãos dele desapareceu.

— Usarei o que ser meu! — A luz nos dedos dele surgiu novamente e dançou pela espada. — Agora eu ser o Criador. Eu tenho o poder, e eu digo que você deve morrer!

Seus olhos brilharam com a loucura quando ele olhou, fixamente, para a luz estalando em seus dedos.

— Então você... — Lunetta sussurrou. — ser o verdadeiro Baneling, e devo impedir você, como você me ensinou.

Uma linha brilhante de luz cor de rosa disparou da mão de Lunetta e atravessou o coração de Tobias.

No meio do silêncio fumacento, ele soltou um último suspiro, e desabou.

Sem saber o que Lunetta faria, Kahlan não se moveu, permanecendo tão imóvel quanto um cervo na grama. Adie esticou uma das mãos, oferecendo palavras de conforto na língua nativa delas.

Lunetta pareceu não escutar. Ela rastejou até o corpo do irmão e segurou a cabeça dele no colo.

Kahlan pensou que vomitaria.

De repente, Galtero entrou na sala.

Ele agarrou Lunetta pelo cabelo e puxou a cabeça dela para trás. Ele não viu Kahlan nos destroços contra a parede atrás dele.

— Streganicha. — ele sussurrou com ferocidade.

Lunetta não fez esforço algum para resistir. Ela parecia estar em um estado de torpor. A espada de Brogan estava no chão ali perto. Kahlan mergulhou para pegar ela. Rapidamente ela pegou a espada. Não foi rápida o bastante.

Galtero deslizou a faca na garganta de Lunetta.

Antes que Lunetta batesse no chão, Kahlan atravessou ele com a espada.

Quando ele tombou ela arrancou a espada. — Adie, você está ferida?

— Não por fora, criança.

— Entendo, mas não temos tempo para lamentar agora.

Kahlan segurou a mão de Adie, e depois de verificar cuidadosamente para ter certeza que Lunetta realmente havia removido o escudo antes que eles tivessem entrado, as duas entraram no corredor.

De ambos os lados jaziam os restos de uma Irmã: as guardas. Lunetta matou as duas.

Kahlan ouviu o som de botas subindo os degraus. Ela e Adie saltaram por cima da massa sangrenta na outra ponta do corredor e desceram as escadas de serviço e saíram. Elas observaram a escuridão ao redor, não vendo ninguém, mas escutando uma agitação ao longe. O som de aço. Juntas, de mãos dadas, elas correram para salvar suas vidas.

Kahlan podia sentir lágrimas descendo por seu rosto.

Com a cabeça abaixada, para que as Irmãs não conseguissem reconhecê-la, Ann cruzou a distância sob a luz fraca da câmaras. Zedd seguiu logo atrás dela. A mulher atrás da mesa levantou com uma expressão de suspeita e marchou adiante.

— Quem é? — A voz de Irmã Becky estava séria. — Ninguém tem permissão de descer aqui. Todos foram avisados.

Ann sentiu um empurrão do Han em seu ombro para fazê-la para enquanto a Irmã Becky corria para a frente dela.

Quando Ann levantou a cabeça, os olhos de Becky ficaram arregalados.

Ann enfiou a Dacra nela, e os olhos pareceram emitir luz antes que a mulher caísse.

Zedd saltou para o lado. — Você a matou! Acabou de matar uma mulher grávida!

— Você... — Ann sussurrou. — a condenou à morte. Rezo para que você tenha ordenado a execução de uma Irmã do Escuro, e não da Luz.

Zedd fez ela virar puxando-a pelo braço. — Você perdeu o juízo, mulher!

— Eu ordenei que as Irmãs da Luz fugissem do Palácio. Disse a elas que precisavam fugir. Implorei a você incontáveis vezes para deixar que eu usasse o livro. Precisava confirmar que tinham feito como ordenado. Uma vez que você recusou permitir que eu usasse o Livro de Jornada, sou forçada a assumir que minhas instruções foram cumpridas.

— Isso não é desculpa para matá-la! Poderia simplesmente ter incapacitado ela!

— Se minhas ordens foram seguidas, então ela é uma Irmã do Escuro. Não tenho chance em uma luta justa contra nenhuma delas. Nem você. Não poderíamos correr o risco.

— E se ela não for uma das Irmãs do Guardião!

— Não posso arriscar todos os outros por causa de uma simples chance.

Os olhos de Zedd brilharam com frieza. — Você está louca.

Ann levantou uma sobrancelha. — Oh? E você arriscaria a vida de milhares preocupando-se com uma pessoa que você estava razoavelmente certo ser um inimigo disposto a deter você? Você conseguiu se tornar um Mago da Primeira Ordem por escolhas assim?

Ele soltou o braço dela. — Está certo, você me trouxe até aqui. O que você quer?

— Verifique a câmara primeiro, para ter certeza de que não tem mais ninguém.

Cada um deles entrou por um lado, Ann observando entre as fileiras de estantes para verificar que o mago estivesse fazendo conforme foi instruído. Se ele tentasse correr, ela poderia trazer ele de volta pelo Rada'Han, e ele sabia disso.

Ela gostava do avô de Richard, mas a necessidade exigia que cultivasse o ódio dele. Para isso, ele tinha que ficar furioso, e estar disposto a aproveitar a chance se ela permitisse.

Quando chegaram na parte de trás das câmaras sombrias, não haviam encontrado mais ninguém. Ann beijou o seu dedo anelar e agradeceu ao Criador. Ela bloqueou a emoção de matar a Irmã Becky, dizendo a si mesma que ela não estaria montando guarda nas câmaras a não ser que estivesse jurada ao Guardiã, e fosse um peão do Imperador. Ela tentou não pensar na criança inocente não nascida que também teve que matar.

— E agora? — Zedd disparou quando eles se encontraram lá atrás, perto de uma das menores salas restritas.

— Nathan fará a parte dele. Eu trouxe você aqui para fazer sua parte, a outra metade daquilo que é necessário.

— O Palácio está carregado com um feitiço lançado três mil anos atrás. Consegui determinar que é uma teia bifurcada.

As sobranceiras de Zedd levantaram. Sua curiosidade dominou sua indignação. — Essa é uma afirmação muito forte. Nunca ouvi falar de alguém capaz de lançar uma teia bifurcada. Tem certeza?

— Ninguém agora consegue lançar uma teia assim, mas os magos antigos tinham esse poder.

Zedd esfregou um dedão no queixo liso enquanto pensava. — Sim, eles teriam esse poder, eu imagino.

O foco retornou aos olhos dele. — Com que propósito?

— O feitiço altera os terrenos do Palácio. O escudo externo, onde deixamos Nathan, é a concha que envolve tudo. Ele cria o ambiente no qual essa metade pode existir nesse mundo. O feitiço aqui, nessa ilha, está ligado

a outros mundos. Entre outras coisas, isso altera o tempo. É por isso que nós envelhecemos mais lentamente do que as pessoas que vivem do lado de fora do feitiço.

O velho mago ponderou. — Sim, isso explicaria.

Ann desviou o olhar dos olhos dele. — Nathan e eu temos quase mil anos de idade. Tenho sido Prelada das Irmãs da Luz durante aproximadamente oito séculos.

Zedd alisou o manto nos quadris magros. — Já ouvi falar do feitiço, como ele estende a vida para dar a vocês tempo de fazer seu trabalho odioso.

— Zedd, quando os magos antigos tornaram-se egoístas guardando seu poder e se recusaram a treinar homens jovens com o dom para evitar ameaças contra o domínio deles, as Irmãs da Luz foram criadas para ajudar esses homens jovens ou eles morreriam. Nem todos gostam da ideia, mas é assim.

— Sem um mago para ajudá-los, a tarefa sobrou para nós. Nós não temos o mesmo Han masculino, e então para nós é necessário muito tempo para completar a tarefa. A coleira os mantém vivos, impede que seu dom os machuque; que deixem eles loucos, até podermos ensiná-los o que precisam.

— O feitiço em volta do Palácio nos dá o tempo que precisamos. Ele foi criado para nós três mil anos atrás, quando alguns magos ajudaram com nossa causa. Eles tinham o poder para lançar uma teia bifurcada.

Zedd estava, durante esse momento, ficando fascinado. — Sim. Sim, posso entender o que você quer dizer. A bifurcação inverteria a força, de um jeito parecido com a torção de uma tripa, e criaria uma área onde o centro poderia ser torcido para fazer coisas extraordinárias. Os magos antigos podiam realizar feitos que eu só consigo sonhar.

Ann estava mantendo vigilância constante, para ter certeza de que eles estavam sozinhos. — Bifurcar uma teia dobra ela sobre si mesma, criando uma região interna e outra externa. Há dois pontos, como a tripa

retorcida que você mencionou, onde essa torção teria que tomar lugar: um no escudo exterior, e outro no interior.

Zedd olhou para ela com um olho. — Mas o ponto na parte interna, onde o verdadeiro evento acontece, estaria vulnerável para ser violado. Embora criado por causa da necessidade, seria uma ruptura perigosa. Você sabe onde fica o ponto interior está localizado?

— Estamos sobre ele.

Zedd endireitou o corpo. Olhou ao redor. — Sim, consigo entender o pensamento que levou a isso. Colocar ele na rocha que é a base, debaixo de todo o resto onde ele estaria protegido.

— É por isso, por causa da chance de que isso causa destruição, que nós claramente proibimos o Fogo do Mago em qualquer lugar na Ilha Halsband.

Zedd balançou uma das mãos. — Não, não. O Fogo do Mago não danificaria um ponto assim. — Ele virou para ela com um olhar desconfiado. — O que estamos fazendo aqui?

— Eu trouxe você aqui para dar a oportunidade de fazer o que deseja fazer. Destruir o feitiço.

Ele ficou olhando fixamente, piscou, e ficou olhando mais algum tempo. Finalmente ele falou. — Não. Isso não seria certo.

— Mago Zorander, esse é um momento altamente inconveniente para você ficar se preocupando com princípios morais.

Ele cruzou os braços magros. — Esse feitiço foi lançado por magos maiores do que eu jamais serei, maiores até mesmo do que eu consigo imaginar. Isso é uma maravilha, uma coisa de profunda maestria. Eu não destruiria uma obra de arte assim.

— Eu quebrei a trégua!

Zedd levantou o queixo. — Quebrar a trégua condena qualquer Irmã que entrar no Mundo Novo à morte. Nós não estamos no Mundo Novo. Quebrar a trégua não diz nada sobre eu entrar no Mundo Antigo e

causar dano. Pelos termos da trégua, eu não tenho direito algum de fazer tal coisa.

Ela se aproximou com uma expressão sombria. — Você prometeu que se eu levasse você para longe com essa coleira, colocando seus amigos em risco, viria até minha terra natal e acabaria com o Palácio dos Profetas. Estou dando sua chance.

— Isso foi uma explosão passional temporária. A razão voltou para minha cabeça. — Ele lançou um olhar de censura para ela. — Você esteve usando truques horríveis e engodos astutos para tentar me convencer que é uma malfeitora vil, desprezível e imoral, mas falhou em me enganar. Você não é do tipo má.

— Eu prendi você! E sequestrei!

— Não vou destruir seu lar e sua vida. Fazer isso, destruir o feitiço, alteraria o padrão das vidas das Irmãs da Luz e, em essência, acabaria com as vidas delas prematuramente. As Irmãs e seus pupilos vivem por padrões de tempo que para mim parecem estranhos, mas para eles parecem normais.

— A vida é percepção. Se um rato com um tempo de vida de apenas alguns anos tivesse a magia para tornar minha vida tão curta quanto a dele, isso, para minha percepção, estaria me matando, embora para o rato pudesse parecer que ele não estaria fornecendo menos do que um tempo de vida normal. Isso era o que Nathan queria dizer quando falou que você estava matando ele.

— Eu estaria reduzindo as vidas deles para o mesmo tempo que o resto de nós, mas de acordo com as expectativas deles e o juramento feito, isso seria o mesmo que matá-los antes de ter a chance de viver, eu não faria isso.

— Se eu tiver que fazer isso, Mago Zorander, usarei a coleira para causar dor até que você concorde.

Ele mostrou um sorriso forçado. — Você não tem ideia alguma dos testes de dor pelos quais eu passei para me tornar um Mago de Primeira Ordem. Vá em frente, faça o melhor que puder.

Ann apertou os lábios de irritação. — Mas você tem que fazer isso! Eu coloquei uma coleira no seu pescoço! Fiz coisas terríveis com você para deixá-lo furioso bastante para fazer isso! A profecia diz que a raiva de um mago é necessária para destruir nosso lar!

— Você esteve me tratando como um sapo dançante. — Os olhos cor de avelã dele aproximaram. — Eu não danço a não ser que eu conheça a melodia.

Ann suspirou de frustração. — A verdade é que o Imperador Jagang vai tomar o Palácio dos Profetas para usá-lo conforme sua vontade. Ele é um Andarilho dos Sonhos, e controla a mente das Irmãs do Escuro. Ele pretende usar as profecias para encontrar as ramificações que precisa para vencer a guerra, e então ele viverá sob o feitiço durante milhares de anos, governando o mundo e todos nele.

Zedd avaliou ela com um olhar sério. — Agora, isso faz o meu sangue ferver. Essa é uma boa razão para destruir o Palácio. Maldição, mulher, porque simplesmente não me contou a verdade no início?

— Nathan e eu estivemos trabalhando nessa ramificação nas profecias durante centenas de anos. A profecia diz que um mago destruirá o Palácio com a fúria. Falhar é uma visão escura demais para que o mundo assuma qualquer risco, então fiz a coisa que pensei que funcionaria. Estive tentando fazer você ficar furioso bastante para querer destruir o Palácio dos Profetas. — Ann esfregou seus olhos cansados. — Foi um ato desesperado, por causa de uma necessidade desesperada.

Zedd riu. — Ato desesperado. Eu gosto disso. Gosto de uma mulher que consegue apreciar a ocasional necessidade para atos desesperados. Mostra espíritos.

Ann agarrou a manga dele. — Então você fará isso? Não temos tempo a perder; os tambores pararam.

— Jagang poderia estar aqui a qualquer momento.

— Eu farei. Porém, seria melhor voltarmos para perto da entrada.

Quando eles estavam de volta perto da enorme porta arredondada de entrada para as câmaras, Zedd enfiou a mão no bolso e tirou algo que

parecia uma pedra. Ele a jogou no chão.

— O que é isso?

Zedd olhou para trás por cima do ombro. — Bem, eu suponho que você disse a Nathan para lançar uma teia de luz.

— Sim. Além de Nathan, poucas Irmãs, e eu mesma, ninguém sabe como criar uma teia de luz. Nathan tem poder suficiente para romper o ponto exterior, assim num efeito cascata iniciado neste ponto interior. Mas sei que nenhum de nós tem o poder para iniciar o que é necessário aqui. Foi por isso que precisei trazer você aqui. Temo que apenas um mago de Primeira Ordem terá o poder necessário.

— Bem, farei o melhor que puder. — Zedd resmungou. — mas tenho que dizer a você, Ann, não importa o quanto um ponto pode ser vulnerável, esse ainda é um feitiço lançado por magos cuja vastidão dos poderes eu só consigo imaginar.

Ele girou o dedo, e a pedra no chão diante dele estalou e tremeu enquanto crescia rapidamente tornando-se uma grande rocha plana. Ele subiu em cima dela.

— Saia daqui. Vá esperar do lado de fora. Tenha certeza de que Holly está segura enquanto eu faço isso. Se alguma coisa der errado, e eu não conseguir controlar a cascata de luz, você não terá tempo de fugir daqui.

— Ato de desespero, Zedd?

Ele respondeu com um grunhido quando virou de volta para a sala e levantou os braços. Centelhas coloridas já estavam subindo da rocha, envolvendo ele com feixes de luz que espiralavam e zuniam.

Ann tinha ouvido falar das rochas do mago, mas nunca tinha visto uma, e não sabia como funcionavam. Conseguiu sentir o poder que começou a emanar do velho mago quando ele subiu na coisa.

Ela saiu das câmaras rapidamente como ele queria. Não tinha certeza se ele realmente queria que ela ficasse fora da sala para a própria segurança dela, ou se ele não queria que visse como ele faria uma coisa

assim. Magos tinham a tendência de guardar seus segredos. Além disso, Zedd estava provando ser muito mais rebelde do que Nathan. Um feito que ela teria pensado ser impossível.

Holly passou os pequenos braços finos em volta do pescoço de Ann quando ela se agachou perto do canto escuro.

— Alguém passou por aqui?

— Não, Ann. — Holly sussurrou.

— Bom. Deixe que eu fique apertadinha com você aqui dentro, enquanto esperamos que o Mago Zorander termine sua tarefa.

— Ele grita bastante, e diz um monte de palavras ruins, e fica balançando os braços como se fosse chamar uma tempestade para cima de nós, mas acho que ele é legal.

— Você ainda não sentiu a coceira por causa das pulgas na neve. — Ann sorriu na escuridão do pequeno esconderijo entre as rochas.

— Mas acho que você pode ter razão.

— Minha avó ficava com raiva, às vezes, como quando as pessoas queriam nos machucar, mas você podia ver que ela realmente sentia isso. O Mago Zorander não sente isso de verdade. Está só fingindo.

— Você é mais observadora do que eu tenho sido, criança, você será uma excelente Irmã da Luz.

Ann segurou a cabeça de Holly no ombro enquanto esperava no silêncio. Esperava que o mago andasse depressa. Se eles fossem pegos nas câmaras, não havia como sair, e uma luta com Irmãos do Escuro, independente do poder dele, provaria ser mais do que perigosa.

O tempo se arrastava com agonizante teimosia. Ann podia dizer pela respiração lenta e estável de Holly que ela havia dormido no seu ombro. A pobre criança não estivera dormindo o bastante. Nenhum deles dormira, apressados durante o dia e na maior parte das noites também, para chegar até Tanimura em tempo, para chegar ao Palácio antes de Jagang. Todos estavam exaustos.

Ann tomou um susto quando houve um puxão no ombro dela, em seu vestido. — Vamos cair o fora daqui. — Zedd sussurrou.

Arrastando Holly junto, ela saiu do esconderijo. — Você fez?

Zedd, parecendo pior do que meramente irritado, olhou de volta através das enormes portas arredondadas até as câmaras.

— Não consegui fazer aquela coisa desgraçada funcionar. É como tenta fazer fogo embaixo da água.

Ela agarrou o manto dele com uma das mãos. — Zedd, precisamos fazer isso.

Ele virou os olhos preocupados para ela. — Eu sei. Mas aqueles que criaram essa teia tinham Magia Subtrativa. Eu só tenho Aditiva. Tentei tudo que conheço. A teia ao redor desse lugar é estável além de minha habilidade de quebrá-la. Não pode ser feito. Sinto muito.

— Eu teci uma teia de luz no Palácio. Isso pode ser feito.

— Eu não falei que não fiz uma, eu disse que não consigo fazer ela ativar. Pelo menos, não aqui embaixo no ponto.

— Você tentou ativá-la! Está louco?

Ele encolheu os ombros. — Um ato de desespero, lembra? Eu tinha minha suspeitas sobre isso funcionar, então eu tive que testar. Eu fiz uma boa coisa, ou teríamos pensado que funcionaria. Não funcionou. Se for iniciado, será definitivo. Não vai expandir apenas para consumir o feitiço.

Ann ficou desanimada. — Pelo menos se alguém entrar ali, com sorte Jagang, isso o matará. Quer dizer, até que descubram, e então irão drenar o escudo e terão as câmaras para usarem como quiserem.

— Isso vai custar caro para eles. Deixei alguns *truques* meus ali dentro. O lugar é uma armadilha mortal.

— Não há nada mais que possamos fazer?

— É grande o bastante para derrubar todo o Palácio, mas não consigo desligar. Se essas Irmãs do Escuro realmente puderem utilizar

Magia Subtrativa, como você diz, poderíamos perguntar a uma delas se tentariam iniciar a teia de luz para nós.

Ann assentiu. — Isso é tudo que podemos fazer, então. Temos que rezar para que as coisas que você deixou lá dentro mate ela. Mesmo se não pudermos destruir o Palácio, talvez isso seja o bastante. — Ela segurou a mão de Holly. — É melhor sairmos daqui. Nathan está esperando. Devemos fugir antes que Jagang chegue, ou as Irmãs nos descobrirão.

CAPÍTULO 50

Quando ela viu o brilho do aço na luz da lua, Verna agachou atrás de um banco de pedra. Os sons de batalha espalharam-se pelo grama na direção dela lá debaixo nos terrenos do Palácio. Alguns dos outros disseram a ela que os soldados de capas vermelhas haviam chegado recentemente para se unirem com a Ordem Imperial, mas agora eles pareciam decididos a matar qualquer um que estivesse no campo de visão.

Dois homens de capas vermelhas correram saindo da escuridão. Da outra direção, onde ela viu o brilho do aço, alguém correu para cima deles e os derrubou em um instante.

— São dois do Sangue da Congregação. — a voz de uma mulher sussurrou. A voz pareceu familiar. — Vamos lá, Adie.

Outra forma magra emergiu das sombras. A mulher tinha usado uma espada, e Verna tinha o seu Han para defender a si mesma. Ela arriscou, e levantou.

— Quem é? Mostre-se.

A luz do ar cintilou na espada quando ela levantou. — Quem quer saber?

Ela esperava não estar correndo um risco tolo, mas havia amigas entre as mulheres aqui. Mesmo assim, ela continuou segurando firme sua Dacra.

— É Verna.

A figura nas sombras parou. — Verna? Irmã Verna?

— Sim. Quem é? — ela sussurrou em resposta.

— Kahlan Amnell.

— Kahlan! Não pode ser. — Verna correu para dentro da luz da lua e parou diante da mulher. — Querido Criador, é mesmo. — Verna jogou os

braços em volta dela. — Oh, Kahlan. Eu estava tão preocupada que você fosse morta.

— Verna, você não consegue imaginar o quanto estou feliz em ver um rosto amigo.

— Quem está com você?

Uma velha aproximou-se. — Faz um longo tempo, mas ainda lembro muito bem de você, Irmã Verna.

Verna olhou fixamente, tentando reconhecer o rosto da velha. — Sinto muito, mas não reconheço você.

— Eu ser Adie. Estive aqui durante algum tempo, quinze anos atrás, na minha juventude.

As sobrancelhas de Verna levantaram. — Adie! Eu lembro de Adie.

Verna não falou que lembrava de Adie como uma mulher bastante jovem. Tinha aprendido fazia muito tempo que não deveria falar coisas assim em voz alta; aqueles do mundo lá fora viviam em um ritmo de tempo diferente.

— Acho que pode lembrar do meu nome, mas não do meu rosto. Faz bastante tempo. — Adie deu um caloroso abraço em Verna. — Você ser uma que eu lembro. Você ser gentil comigo quando eu estar aqui.

Kahlan interrompeu o breve momento de recordações. — Verna, o que está acontecendo aqui? Fomos trazidas até aqui pelo Sangue da Congregação, e acabamos de conseguir fugir. Temos que sair daqui, mas parece que o lugar está explodindo em batalha.

— É uma longa história, e não tenho tempo para contar tudo agora. Nem tenho certeza se eu sei toda ela. Mas você tem razão, devemos escapar imediatamente. As Irmãs do Escuro tomaram o lugar, e o Imperador Jagang da Ordem Imperial pode chegar a qualquer momento. Tenho que levar as Irmãs da Luz para longe daqui imediatamente. Vem conosco?

Kahlan observou o terreno procurando por problemas. — Está certo, mas tenho que buscar Ahern. Ele tem sido leal; não posso deixar ele

para trás. Ele vai querer pegar os cavalos e a carruagem dele, se eu conheço bem Ahern.

— Eu ainda tenho Irmãs lá fora reunindo todas que são leais. — Verna disse. — Vamos nos encontrar bem ali, do outro lado daquele muro. O guarda que está escondido do outro lado, ao lado do portão, é leal a Richard, assim como todos os outros guardando os portões naquele muro. Seu nome é Kevin. Podemos confiar nele. Quando voltar, diga para ele que é uma amiga de Richard. É um código que ele conhece. Ele vai deixar você entrar no local.

— Leal a Richard?

— Sim. Depressa. Eu tenho que entrar para tirar um amigo. Entretanto, você não pode deixar o seu homem trazer seus cavalos por esse caminho; os terrenos do Palácio estão se transformando em um campo de batalha. Ele jamais vai conseguir.

— Os estábulos ficam do lado norte. Esse é o caminho por onde estamos saindo. Tenho Irmãs guardando a pequena ponte ali. Diga para ele seguir para o norte até a primeira fazenda do lado direito com um muro de pedra em volta do jardim. Esse é o nosso ponto de encontro secundário, e é seguro. Por enquanto, pelo menos.

— Vou correr. — Kahlan disse.

Verna segurou o braço dela. — Não podemos esperar por você se não voltar aqui em tempo. Tenho que pegar um amigo e então teremos que fugir.

— Não quero que fique esperando. Não se preocupe, eu também tenho que fugir. Acho que eu sou a isca para atrair Richard até aqui.

— Richard!

— Outra longa história, mas tenho que fugir antes que consigam me usar para atrair ele até aqui.

De repente a noite se iluminou, como se houvesse raios silenciosos, a não ser que não foi por causa de raios. Todas viraram para o sudeste e viram grandes bolas de fogo ardendo no céu noturno. Espessa fumaça negra

subia no ar. Parecia que todo o porto estava em chamas. Navios enormes foram lançados no ar sobre colossais colunas de água.

Repentinamente o chão tremeu, e ao mesmo tempo o ar trovejou com o som de explosões distantes.

— Queridos espíritos. — Kahlan falou. — O que está acontecendo? — Ela olhou ao redor. Estamos ficando sem tempo. Adie, fique com as Irmãs. Espero voltar logo.

— Eu posso tirar o Rada'Han. — Verna gritou, mas tarde demais. Kahlan já havia mergulhado nas sombras.

Verna segurou o braço de Adie. — Vamos lá. Vou levar você até algumas das outras Irmãs atrás do muro. Uma delas vai tirar essa coisa de você enquanto eu vou lá dentro.

O coração de Verna batia forte quando ela deslizou pelos corredores dentro do terreno do profeta depois de deixar Adie com as outras. Enquanto se movia mais fundo dentro dos corredores escuros, ela se preparava para a possibilidade de que Warren estivesse morto. Não sabia o que tinham feito com ele, ou se decidiram simplesmente eliminá-lo. Ela não imagina que conseguiria suportar se encontrasse o corpo dele.

Não. Jagang queria um Profeta para ajudá-lo com os livros. Ann tinha avisado, em um tempo que parecia eras atrás, para levá-lo embora imediatamente.

Entrou em sua cabeça o pensamento de que talvez Ann desejasse que ela levasse Warren embora para impedir que as Irmãs do Escuro o matassem porque ele sabia demais. Tirou os pensamentos perturbadores da cabeça enquanto varria os corredores procurando qualquer sinal de que uma Irmã do Escuro pudesse ter entrado no local para se esconder da batalha.

Diante da porta para os aposentos do Profeta, Verna deu um profundo suspiro, e entrou no corredor interior, através das camadas de escudos que mantiveram Nathan prisioneiro no lugar durante quase mil anos, e agora mantinham Warren.

Ela abriu a porta interna no meio das sombras. As portas duplas para o pequeno jardim do Profeta estavam abertas, deixando entrar o ar

morno da noite e um feixe de luz da lua. Uma vela do lado de uma mesa estava acesa, mas fornecia pouca iluminação.

O coração de Verna pulsou rapidamente quando viu alguém levantar de uma cadeira.

— Warren?

— Verna! — Ele caminhou apressado. — Graças ao Criador você escapou!

Verna sentiu uma pontada de medo de que suas esperanças e desejos alimentassem seus antigos temores. Ela se afastou um pouco.

Balançou um dedo na direção dele. — Que tipo de tolice foi aquela, de mandar para mim a sua Dacra! Porque não usou ela e salvou a si mesmo... para fugir! Foi um ato impulsivo enviar ela para mim. E se alguma coisa tivesse acontecido? Você já estava com ela, e deixou sair de suas mãos! O que você estava pensando?

Ele sorriu. — Também estou feliz em ver você, Verna.

Verna conteve seus sentimentos atrás de uma resposta brusca. — Responda minha pergunta.

— Bem, em primeiro lugar, eu nunca usei uma Dacra, e fiquei preocupado de fazer alguma coisa errada, e então perderíamos a nossa única chance. Em segundo, tenho essa coleira no meu pescoço, e a não ser que eu consiga tirar ela, não posso atravessar os escudos. Temi que se eu não conseguisse obrigar Leoma a tirá-la, caso ela preferisse morrer ao invés de fazer isso, então tudo seria por nada.

— Terceiro... — ele disse, dando um passo na direção dela. — se apenas um de nós tivesse chance de escapar, eu queria que fosse você.

Verna ficou olhando para ele durante um momento, um nó subindo em sua garganta. Ela não conseguiu mais aguentar e jogou os braços em volta do pescoço dele.

— Warren, eu te amo. Quer dizer, eu amo você de verdade.

Ele abraçou-a carinhosamente. — Não tem ideia do quanto eu sonhei em ouvir você dizer essas palavras, Verna. Eu te amo também.

— E quanto as minha rugas?

Ele mostrou um doce, caloroso e brilhante sorriso de Warren. — Algum dia, quando você tiver rugas, amarei elas também.

Por isso, e tudo mais, ela se entregou e beijou ele.

Um pequeno grupo de homens de capas vermelhas surgiu correndo em uma esquina, querendo matá-lo. Ele girou na direção dele, chutando um no joelho enquanto levantava sua faca, enfiando ela no estômago de um segundo. Antes que as espadas deles pudessem bloqueá-lo, ele havia cortado a garganta de outro e quebrado um nariz com um cotovelo.

Richard estava lívido. Perdido na fúria trovejante da magia que explodia através dele.

Ainda que a espada não estivesse com ele, a magia ainda era dele; ele era o verdadeiro Seeker da Verdade, e estava ligado irreversivelmente com sua magia. Ela fluía através dele com desejo de vingança letal. As profecias o tinham nomeado *fuér grissa ost drauka*, Alto D'Haran para *aquele que traz a morte*, e ele se movia como a sombra dela. Agora entendia as palavras, como elas tinham sido escritas.

Ele se movia entre os homens do Sangue da Congregação como se eles fossem meras estátuas, ruindo diante de um vento destruidor.

Em um momento, tudo era silencioso novamente.

Richard ofegou em fúria enquanto ficava em pé sobre os corpos, desejando que eles fossem das Irmãs do Escuro ao invés de servos delas. Ele queria aquelas cinco.

Elas disseram para ele onde Kahlan estava presa, mas quando ele chegou, ela havia desaparecido. Fumaça da batalha ainda flutuava no ar. A sala havia sido devastada pelo que parecia ser o furor de magia liberada.

Tinha encontrado os corpos de Brogan, Galtero, e de uma mulher que não reconheceu.

Kahlan, se estava aqui, poderia ter escapado, mas ele estava louco de preocupação dela ter sido levada pelas Irmãs, e fosse ainda uma prisioneira, e a machucassem, ou pior ainda, que elas a entregassem a Jagang. Precisava encontrar ela.

Precisava colocar as mãos em uma Irmã do Escuro para que pudesse obrigar ela a falar.

Ao redor dos terrenos do Palácio, uma confusa batalha explodia. Para Richard parecia que o Sangue da Congregação acabado com todos no Palácio. Tinha visto guardas mortos, pessoas da equipe de limpeza mortas, e Irmãs mortas.

Também tinha visto um grande número de mortos do Sangue da Congregação. As Irmãs do Escuro despedaçaram eles sem misericórdia.

Richard viu um grupo de quase cem homens ser derrubado em um instante por apenas uma Irmã. Também tinha visto um grupo de homens furiosos que surgiu de todas as direções vencer outra Irmã. Eles a fizeram em pedaços como cães atacando uma raposa.

Quando se aproximou do local onde estava a Irmã que conteve o ataque, ela havia desaparecido, e então ele estava procurando por outra. Uma delas teria que dizer onde Kahlan estava. Se ele tivesse que matar cada uma das Irmãs do Escuro no Palácio, uma delas teria que falar.

Dois homens do Sangue da Congregação avistaram ele e subiram o caminho em uma corrida alucinada. Richard esperou. Suas espadas acertaram apenas o ar. Ele os derrubou com sua faca quase sem pensar, e estava seguindo adiante outra vez antes que o segundo homem batesse com o rosto no chão.

Perdeu a conta de quantos do Sangue da Congregação matou desde que a batalha começou. Ele rasgava através deles apenas se eles o atacassem; não conseguia evitar todos os soldados que via. Se eles corressem até ele, era por escolha deles, não dele. Não era eles que ele queria. Era uma Irmã.

Perto de um muro, Richard se refugiou nas sombras que a sombra projetava debaixo de um grupo de plantas aromáticas, que logo se espalhavam por baixo de nogueiras, enquanto se movia na direção de um dos caminhos cobertos. Ele se encostou contra uma pilastra no muro quando viu uma forma correndo. Enquanto ela se aproximava ele podia afirmar pelo cabelo dela e suas formas que era uma mulher.

Finalmente, ele tinha uma Irmã.

Quando deu um passo surgindo na frente dela, ele viu o brilho de uma lâmina vindo na direção dele. Sabia que cada Irmã carregava uma Dacra; provavelmente era isso, ao invés de uma faca. Ele também sabia o quanto uma Dacar era mortal, e como elas eram habilidosas com a arma. Ele não ousou considerar o perigo de forma leviana.

Richard girou a perna, chutando a Dacra da mão dela. Teria quebrado a mandíbula dela para que não conseguisse gritar pedindo ajuda, mas precisava que ela pudesse falar. Se ele fosse rápido o bastante, ela não daria alarme algum.

Segurou o pulso dela, moveu-se rapidamente e ficou logo atrás, agarrou o seu outro pulso quando ela levantou a mão para acertá-lo, e segurou os seus pulsos juntos, com uma das mãos. Encostou a faca na garganta dela e com um puxão, caiu para trás. Quando bateu de costas no chão, com ela em cima do seu peito, trançou as pernas dele sobre as dela para impedir que ela chutasse. Ela estava presa e indefesa num piscar de olhos.

Ele apertou a lâmina na garganta dela. — Estou com um péssimo humor. — ele falou através dos dentes cerrados. — Se não disser onde está a Madre Confessora, você vai morrer.

Ela ofegou, procurando recuperar o fôlego. — Você está prestes a cortar a garganta dela, Richard.

Pelo que pareceu uma eternidade em sua mente, filtrando as palavras dela no meio de sua fúria, ele tentou entender o que ela falou. Para ele, aquilo parecia um enigma.

— Você vai me beijar, ou vai cortar minha garganta? — ela perguntou, ainda ofegante.

Era a voz de Kahlan. Ele soltou os pulsos dela. Ela virou, seu rosto estava a polegadas do rosto dele. Era ela. Era ela de verdade.

— Queridos espíritos, obrigado. — ele sussurrou antes de beijá-la.

Richard lembrava muito bem como eram os lábios macios dela. Sua lembrança não superava a realidade. Sua fúria cessou como um lago tranquilo em uma noite de verão iluminada pela luz do luar. Com grandiosa felicidade ele a segurou bem forte.

Seus dedos tocaram o rosto dela suavemente, tocaram seu sonho que ganhava vida. Os dedos dela deslizaram pela bochecha dela enquanto ela olhava para ele, não precisando de mais palavras do que ele. Por um momento, o mundo parou. — Kahlan. — ele disse finalmente. — Eu sei que está com raiva de mim mas...

— Bem, se eu não tivesse quebrado minha espada, e tivesse que me virar com uma faca, você não teria vencido tão facilmente. Mas não estou com raiva.

— Não foi isso que eu quis dizer. Eu posso explicar...

— Sei o que você queria dizer, Richard. Não estou com raiva. Confio em você. Você tem que dar algumas explicações, mas não estou com raiva. A única coisa que você poderia fazer para me deixar com raiva seria ficar a mais de dez pés de distância de mim pelo resto de sua vida.

Richard sorriu. — Então você nunca vai ficar com raiva de mim. — O sorriso dele diminuiu quando ele bateu com a cabeça no chão. — Oh, sim, você está com raiva. Não sabe o problema que eu causei. Queridos espíritos, eu...

Ela beijou ele de novo. Suavemente, com carinho, calorosamente. Ele passou a mão pelo longo cabelo negro volumoso dela.

Afastou-a segurando nos ombros dela. — Kahlan, temos que dar o fora daqui. Agora mesmo. Estamos com muitos problemas.

— Eu não estou com muitos problemas.

Kahlan rolou e sentou. — Eu sei. A Ordem está vindo. Precisamos nos apressar.

— Onde está Zedd, e Gratch? Vamos encontrar eles e ir embora.

A cabeça dela inclinou na direção dele. — Zedd e Gratch? Não estão com você?

— Comigo? Não. Pensei que estivessem com você. Enviei Gratch com uma carta. Queridos espíritos, não me diga que não recebeu a carta. Não fico surpreso que não esteja com raiva de mim. Eu mandei...

— Eu recebi a carta. Zedd usou um feitiço para fazer com que ele ficasse leve o bastante para Gratch carregá-lo. Gratch levou Zedd de volta até Aydindril faz semanas.

Richard sentiu um onda quente de náusea. Lembrou dos Mriswith mortos espalhados pela muralha na Fortaleza.

— Não vi eles. — ele falou com um sussurro.

— Talvez tenha partido antes que eles chegassem. Devem ter levado semanas para chegarem aqui.

— Eu parti de Aydindril ontem.

— O quê? — ela sussurrou, de olhos arregalados. — Como poderia...

— A Sliph me trouxe aqui. Ela me trouxe aqui em menos de um dia. Pelo menos, eu acho que foi menos de um dia. Podem ter sido dois. Não tinha como saber, mas a lua parecia a mesma...

Richard percebeu que estava tremendo, e fez um esforço para parar.

O rosto de Kahlan estava ficando turvo em sua visão. A voz dele soou estranha para ele, como se fosse outra pessoa falando. — Encontrei um lugar na Fortaleza onde houve uma luta. Havia Mriswith mortos por toda parte. Lembro de ter pensado que parecia como se Gratch tivesse acabado com eles. Foi na beira de um grande muro.

— Havia sangue em uma fenda no muro, descendo pelo lado da Fortaleza. Passei o dedo no sangue.

— O sangue de Mriswith fede. Uma parte do sangue não era de Mriswith.

Kahlan segurou ele nos braços confortadores dela.

— Zedd, e Gratch. — ele sussurrou. — Poderia ter sido eles.

Os braços dela apertaram mais forte. — Sinto muito, Richard.

Ele afastou os braços dela e levantou, oferecendo a mão para ajudá-la a levantar. — Temos que dar o fora daqui. Eu fiz algo terrível, e Aydindril está em perigo. Tenho que voltar para lá.

O olhar de Richard viu o Rada'Han. — O que essa coisa está fazendo no seu pescoço?

— Eu fui capturada por Tobias Brogan. É uma longa história.

Mesmo antes que ela terminasse de falar, ele colocou os dedos na coleira. Sem raciocínio consciente, mas através da necessidade e da fúria, ele sentiu o poder emanar do centro de calma e fluir através de seu braço.

A coleira despedaçou em sua mão como se fosse transformada em pó.

Os dedos de Kahlan tatearam em seu pescoço. Ela soltou um suspiro de alívio quase gemendo.

— Ele voltou. — ela sussurrou enquanto se encostava nele, colocando uma das mãos no esterno. — Posso sentir o meu poder de Confessora. Posso tocá-lo novamente.

Ele abraçou-a com um braço. — É melhor irmos embora daqui.

— Acabei de libertar Ahern. Foi onde quebrei minha espada. Em um homem da Congregação. Ele caiu de mal jeito. — ela explicou quando viu a expressão dele. — Falei para Ahern seguir para o norte com as Irmãs.

— Irmãs? Que Irmãs?

— Encontrei Irmã Verna. Ela está reunindo as Irmãs da Luz, os homens jovens, noviças, guardas, e fugindo com eles. Estou a caminho para encontrar com ela. Deixei Adie com eles. Se apresse, e podemos conseguir alcançá-los antes de partirem. Não estão longe.

Kevin ficou de boca aberta quando saiu de trás de um muro para desafiar os dois. — Richard! — ele sussurrou. — É você mesmo?

Richard sorriu. — Sinto muito, não tenho nenhum chocolate, Kevin.

Kevin apertou a mão de Richard. — Eu sou leal, Richard. Quase todos os guardas são.

Richard franziu a testa no escuro. — Estou... honrado, Kevin.

Ele virou e fez um sinal com um assobio alto. — É Richard!

Uma multidão se reuniu em volta deles depois que ele e Kahlan passaram pelo portão e por trás do muro. Na luz bruxuleante de fogueiras distantes nas docas, Richard avistou Verna e deu um abraço nela.

— Verna, estou tão feliz em ver você! — Ele afastou-a segurando nos ombros dela. — Mas eu devo dizer, que você precisa de um banho.

Verna riu. Era um som raro e bom de ouvir. Warren passou do lado dela e com uma risada cheia de alegria abraçou Richard.

Richard levantou a mão de Verna e colocou o anel da Prelada nela, fechando os dedos dela sobre ele. — Ouvi falar da morte de Ann. Sinto muito. Este é o anel dela. Acho que você saberá o que fazer com ele melhor do que eu.

Verna aproximou a mão do rosto, olhando para o anel. — Richard... onde você conseguiu isso?

— Fiz Irmã Ulicia entregar ele. Ela não deveria estar usando isso.

— Você fez...

— Verna foi nomeada Prelada, Richard. — Warren disse quando colocou uma das mãos no ombro dela.

Richard sorriu. — Estou orgulhoso de você, Verna. Coloque ele de volta então.

— Richard, Ann não... O anel foi tomado de mim... Fui condenada por um tribunal... e removida da posição de Prelada.

Irmã Dulcinia deu um passo adiante. — Verna, você é a Prelada. No julgamento, todas as Irmãs aqui votaram por você.

Verna olhou todos os rostos que estavam observando. — Você fez isso?

— Sim. — Irmã Dulcinia falou. — Nós fomos rejeitadas pelas outras, mas todas nós acreditamos em você. Você foi nomeada pela Prelada Annalina. Precisamos de uma Prelada. Coloque o anel de volta.

Verna assentiu mostrando sua gratidão cheia de lágrimas para as Irmãs quando elas declararam que concordavam. Ela colocou de volta o anel no dedo e o beijou. — Temos que levar todo mundo embora imediatamente. A Ordem Imperial está vindo tomar o Palácio.

Richard agarrou o braço dela e fez ela virar. — O que você quer dizer com *a Ordem Imperial está vindo tomar o Palácio*? O que eles querem com o Palácio dos Profetas?

— As profecias. O Imperador Jagang pretende usá-las para conhecer as ramificações nos livros para conseguir alterar os eventos a seu favor.

As outras Irmãs atrás de Verna engoliram em seco. Warren passou uma das mãos no rosto enquanto grunhia.

— E... — Verna continuou. — ele planeja morar aqui, sob o feitiço do Palácio, para que possa governar o mundo depois que as profecias o ajudarem a esmagar toda oposição.

Richard soltou o braço dela. — Não podemos permitir que ele faça isso. Estaríamos perdidos em todas as ramificações. Não teríamos chance

alguma. O mundo sofreria sob a tirania dele durante séculos.

— Não há nada que possamos fazer a respeito disso. — Verna disse. — Nós temos que fugir ou seremos mortos aqui, e então não haverá chance de ajudarmos. De pensar em uma maneira de contra-atacar.

Richard passou os olhos nas Irmãs reunidas, muitas das quais ele conhecia, e então olhou de volta para Verna. — Prelada, e se eu destruísse o Palácio?

— O quê! Como pode fazer isso?

— Eu não sei. Mas eu destruí as torres, e elas também eram feitas pelos magos antigos. E se houvesse um jeito?

Verna lambeu os lábios enquanto olhava para o vazio. A multidão de Irmãs ficou em silêncio. Irmã Phoebe abriu caminho entre as outras.

— Verna, você não pode permitir isso!

— Pode ser a única maneira de impedir Jagang.

— Mas você não pode. — Phoebe disse, quase chorando. — É o Palácio dos Profetas. É nosso lar.

— Agora vai ser o lar do Andarilho dos Sonhos, se deixarmos para ele.

— Mas Verna... — Phoebe disse, segurando os braços de Verna. — sem o feitiço, vamos envelhecer. Vamos morrer, Verna. Nossa juventude irá embora em um piscar de olhos. Vamos ficar velhas e morrer antes de termos chance de viver.

Com um dedão Verna enxugou uma lágrima do rosto da outra. — Tudo morrer, Phoebe, até mesmo o Palácio. Ele não pode durar para sempre. Ele serviu ao seu propósito, e agora, se não fizermos alguma coisa, esse propósito se transformará em algo que causará danos.

— Verna, você não pode fazer isso! Eu não quero envelhecer.

Verna abraçou a jovem. — Phoebe, nós somos Irmãs da Luz. Servimos o Criador em seu trabalho para tornar as vidas das pessoas nesse

mundo melhor.

A única chance que temos para melhorar as vidas deles, agora, e nos tornarmos como o resto das outras crianças do Criador; para viver entre eles.

— Eu entendo o seu medo, Phoebe, mas confie em mim que não será como você teme. O tempo parece diferente para nós sob o feitiço do Palácio. Nós não sentimos o lento passar dos séculos, do jeito que aqueles do lado de fora imaginam, mas o rápido ritmo da vida. Realmente não parece muito diferente quando você vive do lado de fora.

— Nosso juramento é servir, não apenas viver. Se você deseja viver uma vida longa e vazia, Phoebe, pode ficar com as Irmãs do Escuro. Se quiser viver uma vida significativa, útil, completa, então venha conosco, com as Irmãs da Luz, para nossa vida nova além daquela que tivemos.

Phoebe ficou em silêncio, lágrimas descendo por suas bochechas. Ao longe, fogo rugia, e explosões ocasionais marcavam a noite. Os gritos de homens em batalha estavam chegando mais perto.

Finalmente, Phoebe falou. — Eu sou uma Irmã da Luz. Quero ir com minhas Irmãs... não importa aonde isso nos leve.

— O Criador ainda cuidará de nós.

Verna sorriu, passando uma das mãos na bochecha de Phoebe. — Mais alguém? — ela perguntou, olhando para as outras reunidas. — Mais alguém tem qualquer objeção? Se tiver, deve falar agora. Não venha me procure depois para dizer que não teve chance. Eu dou ela agora.

Todas as Irmãs balançaram as cabeças. Logo todas estavam dizendo que queriam ir.

Verna girou o anel no dedo quando olhava para Richard. — Você acha que pode destruir o Palácio?

— O feitiço?

— Não sei. Você lembra quando encontrou comigo pela primeira vez, e Kahlan usou aquele raio azulado?

— Confessoras possuem um elemento de Magia Subtrativa dos magos que criaram o poder delas. Talvez isso faça algum dano nas câmaras, se eu não conseguir.

Os dedos de Kahlan tocaram as costas dele quando ela sussurrou. — Richard, eu não acho que consigo fazer isso. Aquela magia foi invocada para você. Para defender você. Não consigo chamar ela por nenhum outro motivo.

— Temos que tentar. Pelo menos, podemos colocar fogo nas profecias. Se começarmos um fogo no meio de todos aqueles livros, todos serão consumidos, e então pelo menos Jagang não poderá usá-los contra nós.

Um pequeno grupo de mulheres e meia dúzia de homens jovens aproximaram-se do portão correndo. — Amigos de Richard. — veio o sussurro apressado. Kevin abriu o portão, deixando o grupo sem fôlego entrar.

Verna segurou o braço de uma mulher. — Philippa, encontrou todas?

— Sim.— A mulher alta fez uma pausa para recuperar o fôlego. — Temos que sair daqui. A guarda avançada do Imperador está na cidade. Alguns já estão cruzando as pontes do sul. O Sangue da Congregação está entrando em batalha com eles.

— Você viu o que está acontecendo nas docas? — Verna perguntou.

— Ulicia e algumas das suas Irmãs estão lá embaixo. Aquelas mulheres estão fazendo em pedaços todo o porto. Parece como se o submundo tivesse sido liberado. — Philippa colocou dedos trêmulos nos lábios enquanto fechava os olhos por um momento. — Elas estão com os homens do Lady Sefa. — A voz dela vacilou. — Não pode imaginar o que estão fazendo com aqueles pobres homens.

Philippa virou, caiu de joelhos, e vomitou. Duas das outras Irmãs que voltaram com ela fizeram o mesmo. — Querido Criador. — Philippa conseguiu falar entre os espasmos. — não pode imaginar. Terei pesadelos pelo resto da minha vida.

Richard virou na direção dos berros e gritos de batalha. — Verna, você tem que sair daqui agora mesmo. Não há tempo a perder.

Ela assentiu. — Você e Kahlan podem nos alcançar.

— Não. Kahlan e eu temos que ir até Aydindril imediatamente. Não tenho tempo para explicar agora, mas ela e eu temos a magia necessária que permitirá isso. Gostaria de poder levar o resto de vocês, mas não posso. Depressa. Sigam para o norte. Tem um exército de cem mil soldados D'Haran movimentando-se para o sul procurando por Kahlan. Terão mais proteção com eles, e eles com vocês. Digam ao General Reibisch que ela está em segurança comigo.

Adie caminhou entre os outros e segurou as mãos de Richard. — Como estar Zedd?

A voz de Richard ficou presa em sua garganta. Fechou os olhos para combater a dor. — Adie, sinto muito, mas eu não vi o meu avô. Eu temo que ele pode ter sido morto na Fortaleza.

Adie enxugou a bochecha enquanto limpava a garganta. — Eu sinto muito, Richard. — ela falou com sua voz rouca.

— Seu avô ser um homem bom. Mas ele arrisca demais fazendo coisas desesperadas. Eu avisei ele.

Richard abraçou a feiticeira enquanto ela chorava suavemente encostada no peito dele.

Kevin veio correndo do portão, com a espada na mão. — Temos que ir embora agora, ou temos lutar.

— Vá. — Richard disse. — Não venceremos essa guerra se você morrer nessa batalha. Devemos lutar de acordo com nossas regras, não de Jagang.

— Ele terá pessoas com o dom junto com ele, não apenas soldados.

Verna virou para as Irmãs reunidas, noviças, e jovens magos. Ela segurou as mãos de duas garotas jovens que pareciam estar precisando de apoio. — Todos vocês, escutem. Jagang é um Andarilho dos Sonhos. A

única proteção é nossa ligação com Richard. Richard nasceu com o dom, com uma magia transmitida de seus ancestrais que protege contra Andarilhos dos Sonhos. Leoma tentou quebrar essa ligação para permitir que Jagang entre em minha mente e me domine. Antes de partirmos, todos vocês, façam reverência e jurem fidelidade a Richard para termos certeza de que estaremos protegidos de nosso inimigo.

— Se for seu desejo fazer isso... — Richard disse. — então façam como foi definido por Alric Rahl, aquele que criou a ligação e sua proteção. Se desejarem fazer isso, então eu peço que façam a devoção da maneira como ela foi transmitida, como deveria ser.

Richard falou para eles as palavras, como ele mesmo havia pronunciado, e então ficou em silêncio, sentindo o peso da responsabilidade, não apenas com aqueles reunidos ali, mas com os milhares em Aydindril que estavam dependendo dele, enquanto as Irmãs da Luz e seus pupilos ajoelharam e, com uma voz elevando-se dentro da noite em meio ao som da batalha, proclamaram sua ligação.

— Mestre Rahl seja o nosso guia. Mestre Rahl nos ensine. Mestre Rahl nos proteja. Em sua luz, prosperamos. Na sua misericórdia, nos abrigamos. Em sua sabedoria, nos humilhamos. Vivemos só para servir. Nossas vidas são suas.

CAPÍTULO 51

Richard apertou Kahlan contra a parede no corredor de pedra úmido e escuro, enquanto esperava que o grupo de soldados de capas vermelhas passar pelo cruzamento. Quando o eco das botas deles desaparecia ao longe, Kahlan se esticou na ponta dos dedos dos pés e sussurrou. — Não gosto aqui debaixo. Vamos conseguir sair desse lugar vivos?

Ele deu um beijo rápido na testa dela. — É claro que vamos sair daqui vivos. Eu prometo. — Segurou a mão dela abaixou debaixo de uma viga baixa. — Vamos lá, as câmaras são logo ali na frente.

A rocha da passagem fria tinha marcas de manchas amarelas pálidas onde a água gotejava entre emendas e sobre os blocos. Em alguns lugares do teto, gotas de água pendiam em estalactites de pedra da cor de gema de ovo, para ocasionalmente pingar sobre amontoados de pedras onduladas no chão. Depois de duas tochas, a passagem alargava e o teto se elevava para acomodar as enormes portas arredondadas para as câmaras.

Quando eles avistaram a porta de pedra com seis pés de espessura, Richard soube que alguma coisa estava errada. Não apenas porque ele conseguia ver uma estranha luz, mas porque os cabelos em sua nuca estavam eriçados, e podia sentir o fluxo da magia nos seus braços, como teias de aranha esfregando nos cabelos.

Ele esfregou os braços com aquela sensação de formigamento quando inclinou chegando mais perto. — Você sente alguma coisa estranha?

Ela balançou a cabeça. — Mas tem alguma coisa engraçada naquela luz.

O passo de Kahlan vacilou. Richard viu o corpo ao mesmo tempo quando eles se aproximaram da abertura arredondada para as câmaras. Adiante, uma mulher estava enrolada no chão, como se estivesse dormindo, mas Richard sabia que ela não estava dormindo. Ela estava rígida como a rocha.

Quando chegaram mais perto, puderam ver depois da parede a direita que havia cerca de doze homens do Sangue da Congregação espalhados pelo chão. Richard se encolheu com aquela visão, e uma sensação de desconforto espalhou-se em seu estômago.

Cada um dos homens estava cortado em dois, armadura, capa, e tudo, no meio do peito. O chão era um lago de sangue.

Sua apreensão cresceu com cada passo lento na direção da abertura arredondada na rocha.

— Escute, tenho que pegar uma coisa primeiro. — ele disse. — Você espera aqui até eu voltar. Deve levar apenas alguns minutos.

Kahlan puxou ele pela manga da camisa. — Você conhece as regras.

— Que regras?

— Você não tem permissão para ficar mais do que dez pés de distância de mim pelo resto da sua vida, ou vou ficar com muita raiva.

Richard olhou fixamente nos olhos verdes dela. — Prefiro que você fique com raiva do que morta.

Ela fez uma careta. — Você só está pensando isso agora. Esperei tempo demais para estar com você para deixar você sozinho agora. O que é tão importante que faria você querer entrar ali? Podemos tentar fazer alguma coisa daqui de fora. Jogar tochas lá dentro, colocar fogo no lugar, ou algo assim. Todo aquele papel deve queimar como grama seca. Não precisamos entrar lá.

Richard sorriu. — Alguma vez eu já falei o quanto eu te amo?

Ela empurrou o braço dela. — Fale. Pelo que está arriscando nossas vidas?

Richard recuou com um suspiro. — Tem um livro de profecia lá no fundo que tem mais de três mil anos. Tem profecias sobre mim. Ele me ajudou antes. Se tivermos sucesso destruindo todos esses livros, eu gostaria de levar pelo menos esse. Ele pode ser útil outra vez.

— O que ele diz sobre você?

— Ele me chama de fuer grissa ost drauka.

— *O que isso significa?*

Richard virou de volta para a câmara. — Aquele que traz a morte.

Ela ficou em silêncio por um momento. — Então como voltamos lá?

Richard observou os soldados mortos. — Bem, com certeza não caminhamos. — Ele levantou a mão até o peito.

— Alguma coisa cortou eles mais ou menos nessa altura. Seja lá o que fizermos, não ficaremos em pé.

Naquela altura, uma leve neblina, como uma camada de fumaça estratificada, flutuava no ar dentro da câmara. Ela parecia estar brilhando, como se fosse iluminada por alguma coisa, mas Richard não conseguia dizer o quê.

De quatro, eles rastejaram dentro da câmara e por baixo da estranha luz avermelhada. Ficaram perto da parede até alcançarem as estantes para que não tivessem que rastejar através das poças de sangue. Logo que estavam debaixo da neblina cintilante, ela pareceu ainda mais peculiar. Não parecia ser como qualquer névoa ou fumaça que Richard já tinha visto; parecia ser feita de luz.

Um som áspero fez com que eles parassem, ficando imóveis. Richard olhou para trás, por cima do ombro, e viu a porta de pedra com seis pés de espessura fechando. Ele avaliou que não importava o quão rápido eles se movessem, jamais conseguiriam voltar antes que a porta fechasse.

Kahlan desviou os olhos da porta. — Estamos presos aqui dentro? Como vamos sair? Tem outra saída?

— Essa é única saída, mas eu posso abrir. — Richard disse. — A porta funciona junto com um escudo. Se eu colocar a mão na placa de metal na parede, ela vai abrir.

Os olhos verdes dela observaram o rosto dele. — Richard, você tem certeza?

— Bastante certeza. Sempre funcionou antes.

— Richard, depois de tudo que passamos, agora que estamos juntos, quero nós dois fora daqui vivos.

— Nós vamos sair. Temos que sair; tem pessoas que precisam de nossa ajuda.

— Em Aydindril?

Ele assentiu, tentando encontrar as palavras para aquilo que estivera querendo dizer a ela, palavras para preencher o espaço que ele temia haver entre eles, o espaço que ele temia ter colocado ali.

— Kahlan, eu não fiz aquilo que fiz lá porque eu queria alguma coisa para mim mesmo. Eu juro. Quero que saiba disso. Sei o quanto eu te magoei, mas foi a única coisa que eu consegui pensar fazer antes que fosse tarde demais.

Só fiz isso porque realmente acredito que é nossa única chance de impedir que Midlands seja dominada pela Ordem Imperial.

— Sei que o objetivo das Confessoras é proteger o povo, não simplesmente manter o domínio. Confiei que você veria que eu estava agindo baseado nesse objetivo, se não fossem seus desejos. Queria proteger as pessoas, não governá-las, mas fiquei muito mal com aquilo que fiz com você.

O silêncio pairou na sala e pedra durante algum tempo. — Richard, quando eu li sua carta pela primeira vez, eu estava arrasada. Uma confiança sagrada foi colocada em minhas mãos, e eu não queria ser conhecida como a Madre Confessora que perdeu Midlands. No caminho até aqui, com aquela coleira no meu pescoço, tive bastante tempo para pensar.

— As Irmãs fizeram algo nobre esta noite. Elas sacrificaram um legado de três mil anos por causa de um objetivo maior: ajudar as pessoas. Posso não estar feliz com o que você fez, e você ainda terá que dar algumas

explicações, mas escutarei com amor em meu coração, não apenas por você, mas pelo povo de Midlands que precisa de nós.

— Durante as semanas enquanto viajamos até aqui, pensei sobre como devemos viver no futuro e não no passado. Quero que o futuro seja um lugar onde possamos viver em paz e segurança. Isso é mais importante do que qualquer outra coisa. Conheço você, e sei que não faria o que fez por razões egoístas.

Richard passou os dedos na bochecha dela. — Estou orgulhoso de você, Madre Confessora.

Ela beijou os dedos dele. — Mais tarde, quando pessoas não estiverem tentando nos matar e tivermos tempo, vou cruzar meus braços, fazer cara de zangada e bater meu pé como a Madre Confessora deve fazer, enquanto você gagueja e tenta explicar o sentido no que fez, mas por enquanto, podemos apenas sair desse lugar?

A preocupação dele aliviou, Richard sorriu e seguiu adiante outra vez, rastejando pelas estantes. A fina camada de neblina brilhante acima das cabeças deles pareceu se esticar por toda a sala. Richard gostaria de saber o que era aquilo.

Kahlan se aproximou dele rapidamente. Richard verificava se havia problema em cada fila que eles passavam, guiando eles ao redor da inexplicável sensação de perigo sempre que ele a encontrava. Ele não sabia se a sensação de perigo era uma percepção verdadeira ou não, mas ele não ousava ignorar as sensações. Estava aprendendo a confiar em seus instintos e ficar menos preocupado com provas.

Quando eles entraram na pequena alcova lá atrás, ele observou os livros na estante, e viu aquele que desejava. O problema era que ele estava acima do nível da neblina. Ele sabia muito bem que não deveria tentar atravessar ela; não sabia exatamente o que era a luz cintilante, mas sabia que era algum tipo de magia, e tinha visto o que aquilo tinha feito com os soldados.

Com ajuda de Kahlan, eles balançaram a estante até que ela tombou. Quando ela encostou na mesa, os livros caíram, mas o que ele queria pousou em cima da mesa. A camada de neblina cintilante pairava a

meras polegadas acima do livro. Richard enfiou a mão cuidadosamente sobre o tampo da mesa, sentindo a sensação de formigamento da magia flutuando logo acima de seu braço. Finalmente, ele segurou o livro com os dedos e derrubou ele da borda.

— Richard, tem alguma coisa errada.

Ele pegou o livro e folheou rapidamente para confirmar que era o certo. Embora agora ele pudesse ler as palavras em Alto D'Haran, e pudesse reconhecer algumas delas, não teve tempo para verificar o que o livro dizia.

— O quê? Qual é o problema?

— Olhe para a neblina acima de nós. Quando entramos, ela estava na altura do peito. Deve ter sido o que cortou aqueles homens.

— Olhe para ela agora.

Sem que ele percebesse, ela havia descido até a parte de cima da mesa. Ele enfiou o livro no cinto. — Me siga, e depressa.

Richard arrastou-se para fora da sala com Kahlan logo atrás dele. Ele não sabia o que aconteceria se a magia cintilante os alcançasse, mas não tinha muita dificuldade em imaginar.

Kahlan gritou. Richard virou e viu que ela estava deitada no chão.

— O que foi?

Ela tentou se arrastar para frente usando os cotovelos, mas não saiu do lugar. — Alguma coisa segurou meu tornozelo.

Richard rastejou de volta até ela e agarrou o pulso dela.

— Soltou. Logo que você me tocou, aquilo soltou.

— Segure no meu tornozelo e vamos dar o fora daqui.

Ela arfou. — Richard! Veja.

O brilho acima das cabeças deles baixou quando ele a tocou, com se a magia tivesse sentido o toque, sentido sua presa, e estava perseguindo

ela. ela mal dava espaço para que eles rastejassem. Richard, com Kahlan segurando seu tornozelo, seguiu rapidamente na direção da porta.

Antes que eles chegassem até a porta, e linha de luz logo acima baixou até que Richard podia sentir o calor dela contra suas costas.

— Abaixei!

Ela comprimiu o estômago quando ele ordenou, e eles se contorceram adiante com a barriga no chão. Quando finalmente alcançaram a porta, Richard virou sobre as costas. A neblina estava polegadas acima deles.

Kahlan agarrou a camisa dele e puxou a si mesma chegando mais perto. — Richard, o que vamos fazer?

Richard ficou olhando para a placa de metal. Ela estava acima da camada cintilante se estendia de uma parede até a outra. Ele não podia mais alcançar a placa sem enfiar o braço através da luz ameaçadora acima deles.

— Temos que sair daqui, ou aquela coisa vai nos matar, do mesmo jeito que matou aqueles homens. Eu tenho que levantar.

— Você está louco? Não pode fazer isso!

— Eu tenho a capa de Mriswith. Talvez se eu usá-la, a luz não me encontre.

Kahlan colocou um braço sobre o peito dele. — Não!

— Estou morto de qualquer jeito se não tentar.

— Richard, não!

— Você tem uma ideia melhor? Estamos ficando sem tempo.

Ela rosnou de raiva e esticou o braço na direção da porta. Um relâmpago azul explodiu do punho dela. A porta ardeu com faixas de luz azul correndo ao redor do perímetro dela.

A fina camada de neblina luminosa recuou, como se estivesse viva, e o toque da magia dela fosse doloroso. A porta, porém, não se moveu.

Quando a luz recuou, acumulando-se no centro da sala, Richard levantou rapidamente e bateu com a mão na placa. A porta roncou e começou a se mover. O brilho azulado de Kahlan desapareceram quando a porta abriu algumas polegadas. O brilho começou a se espalhar outra vez.

Richard segurou a mão de Kahlan. Ele levantou e se espremeu através da abertura, arrastando ela junto. Eles caíram no chão do outro lado, ofegantes e abraçados.

— Funcionou. — ela disse, prendendo a respiração por causa do susto. — Sabia que você estava em perigo, então minha magia funcionou.

Quando a porta abriu o resto do caminho, a camada de luz entrou no corredor movendo-se na direção deles.

— Vamos sair daqui. — ele disse quando eles levantaram.

Eles recuaram, mantendo um olho na neblina rastejante que os perseguia. Os dois grunhiram quando bateram em uma barreira invisível. Richard bateu pela superfície dela, mas não conseguiu encontrar nenhuma abertura. Ele virou de volta para ver a luz quase alcançando eles.

Com a fúria da necessidade, sem pensar, Richard esticou as mãos.

Raios parecidos com Cordas de luz negra, vácuos ondulantes na existência da luz e da vida, como a própria morte eterna, avançaram, contorcendo e espiralando, das mãos esticadas dele. O estalo dos raios enquanto a Magia Subtrativa rasgava o espaço no mundo era ensurdecedor. Kahlan se encolheu. Cobriu os ouvidos e procurou desviar os olhos da visão.

No centro das câmaras, a neblina brilhante pareceu começar a pegar fogo. Ele sentiu um forte impacto no peito e nas pedras debaixo dos pés dele.

As estantes foram derrubadas, lançando uma tempestade de papéis no ar para queimarem rapidamente como milhares de fagulhas de uma fogueira. A luz uivou como se estivesse viva. Ele podia sentir os rios negros explodindo de dentro dele, poder e fúria além de sua compreensão, queimando através dele e espalhando-se dentro das câmaras.

Kahlan puxou os braços dele. — Richard! Richard! Temos que correr! Richard! Me escute! Corra!

A voz de Kahlan estava soando para ele como se viesse de uma grande distância. De repente as cordas negra de Magia Subtrativa cessaram. O mundo retornou, mergulhando no vácuo de sua consciência, e ele sentiu-se vivo novamente. Vivo, e assustado.

A barreira invisível que bloqueava a fuga deles desapareceu. Richard segurou mão de Kahlan e correu. Atrás deles, o núcleo da luz se agitava e gemia, ficando cada vez mais brilhante o tempo todo enquanto o som aumentava.

Queridos espíritos, ele pensou, o que eu fiz?

Eles correram através dos corredores de pedra, subindo as escadas, e por corredores que ficavam mais refinados a cada nível, com painéis e tapetes, com lamparinas iluminando o caminho deles ao invés de tochas. Na frente deles as suas sombras se esticavam, mas não era por causa das lamparinas. Era por causa da luz viva lá atrás.

Passaram por uma porta correndo, saindo na noite viva com a batalha. Homens usando capas vermelhas lutavam contra homens armados sem armaduras que Richard nunca tinha visto. Alguns usavam barbas, e muitos estavam com a cabeça raspada, mas cada um deles tinha um anel em sua narina esquerda. Com seus estranhos cintos e correias de couro, alguns cheios de espinhos, e camadas de peles de animais, eles pareciam ser homens selvagens, uma impressão reforçada pelo modo como lutavam: sorrisos ameaçadores mostravam dentes cerrados enquanto eles balançavam espadas, machados, e maças, golpeando seus inimigos com ferocidade, bloqueando ataques e avançando com escudos arredondados com espinhos no centro.

Embora nunca tivesse visto os homens, Richard sabia que eles deveriam ser da Ordem Imperial.

Richard não reduziu a velocidade, mas seguiu caminho através de aberturas na batalha, puxando Kahlan atrás enquanto corria procurando uma ponte. Quando um dos soldados da Ordem Imperial saltou sobre dele, levando um bota em sua direção para fazer ele parar, Richard deu um passo

para o lado, enfiou o braço por baixo da perna do homem, e jogou ele para o lado, mal reduzindo sua corrida. Quando um dos soldados da Ordem aproximou-se dele, Richard bateu com um cotovelo no rosto do homem, derrubando ele.

No centro da ponte leste, que levava até o campo onde ficava a Floresta Hagen, meia dúzia de homens do Sangue da Congregação lutava com um grupo da Ordem. Quando uma espada girou na direção dele, Richard abaixou, empurrando o homem com o ombro por cima da borda para dentro do rio antes de atravessar a abertura que aquilo criou.

Lá atrás, acima dos sons de batalha, o som de aço e dos gritos dos homens, ele podia escutar o uivo da luz.

Ele correu, suas pernas parecendo se mover por sua própria vontade de escapar; aquela coisa da qual eles fugiam era pior do que espadas ou facas. Kahlan não precisava de ajuda alguma para acompanhar o ritmo; ela estava logo atrás dele.

Logo que eles estavam do outro lado do rio e não muito longe dentro da cidade, a noite desapareceu em uma ofuscante claridade que lançava sombras negras apontando para longe do Palácio. Os dois pararam atrás da parede engessada de uma loja fechada e, agachando, se esforçaram para recuperar o fôlego. Richard espiou pelo lado da construção e viu luzes ofuscantes em todas as janelas do Palácio, até mesmo naquelas que ficavam nas torres mais altas.

Luz parecia estar fluindo através das conexões entre as pedras.

— Você consegue correr um pouco mais? — ele perguntou enquanto ofegava.

— Eu não queria parar. — ela disse.

Richard conhecia bem a cidade entre o Palácio e o campo. Ele conduziu Kahlan pelo meio da ululante, confusa e assustada massa de pessoas, subindo as ruas estreitas com casas e as ruas largas, até que alcançaram a periferia de Tanimura.

A meio caminho subindo a colina para fora do vale onde jazia a cidade, ele sentiu um forte impacto no chão que quase fez ele perder o

equilíbrio. Sem olhar para trás, Richard passou um braço em volta de Kahlan e mergulhou com ela dentro de uma abertura baixa no granito. Suados e exaustos, eles se abraçaram enquanto o chão tremia.

Eles levantaram as cabeças bem a tempo de ver a luz rasgar as torres e paredes de pedra do Palácio dos Profetas como se fossem de papel diante de um furacão. Toda a Ilha Halsband pareceu rasgar. Partes de árvores e enormes pedaços de terra ergueram-se no ar junto com pedras de todos os tamanhos. Um brilho cegante arrastou um domo de detritos diante dele. O rio perdeu a água e pontes.

A cortina de luz expandiu-se para fora com um rugido. A cidade além da ilha de algum modo resistiu contra a fúria.

Acima, o céu se iluminou como se um domo celestial estivesse ardendo em afinidade com o coração das chamas lá embaixo. A camada de luz cintilante lá em cima descia em cascata até o chão a milhas de distância da cidade. Richard lembrou daquela fronteira; era o escudo exterior que manteve ele aqui quando usava um Rada'Han.

— Aquele que traz a morte, realmente. — Kahlan falou enquanto observava, aterrorizada. — Não sabia que você podia fazer algo assim.

— Nem eu. — Richard falou, arfando.

Um jato de ar cruzou a grama enquanto rugia subindo a colina. Eles deitaram quando uma parede de areia e terra passou rapidamente.

Cautelosamente, sentaram e ficaram imóveis. A noite havia retornado, e na súbita escuridão, Richard não conseguia enxergar muita coisa lá embaixo, mas ele sabia. O Palácio dos Profetas não existia mais.

— Você conseguiu, Richard. — Kahlan disse finalmente.

— Nós conseguimos. — ele respondeu enquanto olhava fixamente para o buraco escuro no meio das luzes da cidade.

— Estou feliz que tenha trazido aquele livro. Quero saber o que mais ele diz sobre você. — Um sorriso começou a surgir nos lábios dela. — Acho que Jagang não vai morar mais aqui.

— Acho que não. Você está bem?

— Estou. — ela disse. — Mas estou feliz que acabou.

— Eu temo que esteja apenas começando. Vamos lá, a Sliph vai nos levar de volta até Aydindril.

— Você ainda não disse o que é essa Sliph.

— Acho que você não acreditaria em mim. Terá que ver por si mesma.

— Muito impressionante, Mago Zorander. — Ann disse, virando para outro lado.

Zedd soltou um grunhido. — Não fui eu.

Ann enxugou as lágrimas das bochechas, agradecida pela escuridão, pois assim ele não poderia vê-las, mas teve que se esforçar para impedir que sua voz deixasse clara sua emoção. — Você pode não ter lançado a tocha, mas fez o trabalho de preparar a pira. Muito impressionante. eu já vi uma teia de luz destruir uma sala, mas isso...

Ele colocou uma das mãos suavemente no ombro dela. — Sinto muito, Ann.

— Sim, bem, o que deve ser, deve ser.

Zedd apertou o ombro dela como se desejasse dizer que entendia. — Fico imaginando quem lançou a tocha?

— As Irmãs do Escuro podem usar Magia Subtrativa. Uma delas deve ter disparado a teia de luz acidentalmente.

Zedd olhou para ela no escuro. — Acidentalmente? — Ele afastou a mão quando emitiu apenas um pigarreio duvidoso.

— Deve ter sido isso. — ela falou enquanto suspirava.

— Um pouco mais do que um acidente, eu diria. — Ela detectou uma pontada de orgulho no assobio dele.

— Como o quê?

Ele ignorou a pergunta. — É melhor encontrarmos Nathan.

— Sim. — Ann falou, repentinamente lembrando do Profeta. Ela apertou a mão de Holly. — Foi aqui que deixamos ele.

— Ele tem que estar em algum lugar por aqui.

Ann olhou na direção das colinas iluminadas ao longe. Podia ver um grupo de pessoas subindo a estrada para o norte: uma carruagem e um grupo de pessoas, a maioria sobre cavalos. Havia muitas para que não fosse possível sentir. Eram suas Irmãs da Luz. Graças ao Criador; elas fugiram afinal de contas.

— Pensei que você pudesse encontrar ele por aquela coleira infernal.

Ann começou a procurar ao redor. — Eu posso, e ela diz que ele deveria estar em algum lugar aqui. Talvez a explosão tenha ferido ele. Uma vez que o feitiço foi destruído, ele tinha que estar aqui fazendo a parte dele com o escudo exterior, então talvez ele tenha sido ferido. Me ajude a procurar.

Holly procurou também, mas ficou perto. Zedd perambulou na direção de um lugar aberto, plano. Guiado pelo modo como os galhos e arbustos estavam dobrados e partidos, ele estava procurando perto do centro do ponto onde o poder estaria concentrado. Enquanto ela se curvava para olhar entre os lugares baixos nas rochas, Zedd a chamou.

Ann segurou a mão de Holly e seguiu apressada até o velho mago. — O que foi?

Ele apontou. Em pé, para que eles pudessem ver claramente, enterrado em uma rachadura em um pedaço de granito, estava alguma coisa arredondada. Ann arrancou aquilo dali.

Ela olhou fixamente, incrédula. — É o Rada'Han de Nathan.

Holly falou. — Oh, Ann, talvez ele tenha sido morto. Talvez Nathan tenha sido morto pela magia.

Ann virou ele. Estava fechado. — Não, Holly. — Passou uma das mãos no cabelo da criança para confortá-la.

— Ele não foi morto, ou haveria algum traço dele. Mas querido Criador, o que isso significa?

— O que significa? — Zedd riu. — Significa que ele está livre. Ele colocou isso naquela pedra para ter certeza de que você veria, como se estivesse levantando o nariz para você. Nathan queria que nós soubéssemos que ele tirou a coleira sozinho. Deve ter ligado o poder do local a ela, ou algo assim. — Zedd suspirou. — Bem, ele se foi. Agora, tire o meu.

A mão de Ann segurando o Rada'Han baixou enquanto ela olhava para o vazio na noite. — Temos que encontrar ele.

— Tire minha coleira, como prometeu, e então você pode ir atrás dele. Sem mim, eu devo afirmar.

Ann sentiu a raiva dela fervendo. — Você vem comigo.

— Com você? Maldição, eu não vou fazer tal coisa!

— Você vem.

— Você pretende quebrar a sua palavra!

— Não, eu pretendo cumprir ela, tão logo encontremos o Profeta causador de problemas. Você não tem ideia das complicações que aquele homem pode causar.

— Para que você precisa de mim?

Ela balançou o dedo para ele. — Você vem comigo quer você goste ou não, e está decidido.

Quando nós encontrarmos ele, então eu tiro essa coleira. Não antes.

Ele balançou os punhos, praguejando, enquanto Ann saiu andando para buscar os cavalos. O olhar dela vagou pela colina iluminada pela luz da lua ao longe. Viu o grupo de Irmãs seguindo para o Norte. Quando Ann alcançou os cavalos, ela agachou diante de Holly.

— Holly, como sua primeira tarefa como noviça para se transformar em uma Irmã da Luz, tenho uma missão urgente muito importante para você.

Holly assentiu com seriedade. — O que é, Ann?

— É crítico que Zedd e eu encontremos Nathan. Espero que não demore muito, mas temos que nos apressar antes que ele se afaste.

— Antes que ele se afaste! — Zedd rugiu atrás dela. — Ele teve horas. Tem uma vantagem enorme. Não há como dizer para onde aquele homem foi. Ele já *se afastou*.

Ann olhou para trás por cima do ombro. — Temos que encontrar ele. — Ela virou de volta para Holly. — Precisamos nos apressar, e eu não tenho tempo de encontrar com as Irmãs da Luz em cima daquela colina ali. Preciso que você vá até lá e diga para Irmã Verna tudo que você sabe sobre o que aconteceu.

— O que eu deveria falar para ela?

— Qualquer coisa que você saiba sobre o que viu e ouviu enquanto esteve conosco. Diga a verdade para ela, e não invente nada. É importante que ela saiba o que está acontecendo. Diga para ela que Zedd e eu vamos atrás de Nathan, e que quando pudermos vamos encontrar com eles, mas nossa prioridade é encontrar o Profeta. Diga a ela para seguir para o norte, como estão fazendo, para escapar da Ordem.

— Eu consigo fazer isso.

— Não é longe, e a estrada logo ali levará você até a estrada que eles seguirão, então você não vai perder eles. Seu cavalo conhece e gosta de você, então ela vai tomar conta de você. Estará lá em uma hora ou duas, e então terá todas as Irmãs para manter você em segurança, e para amar você. Irmã Verna saberá o que fazer.

— Vou sentir saudade de você até que se junte a nós. — Holly disse, com lágrimas e sua voz trêmula.

Ann abraçou a garotinha. — Oh, criança, vou sentir tanto saudade de você também. Gostaria de poder levar você conosco, você ajudou

bastante, mas temos que correr se quisermos pegar Nathan. As Irmãs, especialmente a Prelada Verna, precisam saber o que aconteceu. É importante; é por isso que eu devo enviar você.

Holly conteve as lágrimas com bravura. — Eu entendo. Pode contar comigo Prelada.

Ann ajudou a garota a subir na sela e beijou a mão dela enquanto colocava as rédeas nelas. Ficou observando e acenou despedindo-se enquanto Holly trotava na direção das Irmãs da Luz.

Ela virou para o mago furioso. — É melhor irmos andando se quisermos alcançar Nathan. — Ela deu um tapinha no ombro magro dele. — Não vai demorar muito. Logo que alcançarmos ele, vou tirar essa coleira do seu pescoço, eu prometo.

CAPÍTULO 52

A Floresta Hagen estava tão escura e não convidativa como sempre, mas Richard tinha certeza de que os Mriswith se foram.

Durante a jornada deles através da floresta sombria ele não sentiu nem mesmo um deles. O lugar, embora ameaçador, estava deserto; todos os Mriswith partiram para Aydindril. Ele tremeu ao pensar o que isso poderia significar.

Kahlan suspirou nervosa, cruzando os dedos, enquanto olhava para o rosto sorridente de mercúrio da Sliph. — Richard, antes de fazer, apenas caso alguma coisa de errado aconteça, quero dizer que sei o que aconteceu quando você era um prisioneiro aqui, e que não tenho ressentimento contra você por causa disso. Você pensou que eu não te amava, e estava sozinho. Eu entendo.

Richard inclinou chegando mais perto. — Do que você está falando? Que coisas eu fiz?

Ela limpou a garganta. — Merissa. Ela contou tudo.

— Merissa!

— Sim. Eu entendo, e não culpo você. Pensou que jamais encontraria comigo outra vez.

Richard piscou, surpreso. — Merissa é uma Irmã do Escuro. Ela quer me matar.

— Mas ela disse que quando você esteve aqui antes, ela foi sua professora. Ela disse que... Bem, conheci ela, e ela é linda. Você estava solitário, e não culpo você.

Richard segurou ela pelos ombros e forçou-a a desviar os olhos da Sliph. — Kahlan, eu não sei o que Merissa falou para você, mas estou dizendo a verdade: desde o dia em que eu te conheci, não amei outra pessoa a não ser você. Ninguém. Sim, quando você me fez colocar a coleira e eu

pensei que nunca mais a veria de novo, eu estava solitário, mas nunca traí seu amor, mesmo quando pensei que tinha perdido ele. Mesmo que eu tenha pensado que você não me queria, eu nunca... com Merissa, ou qualquer outra.

— Verdade?

— Verdade.

Ela mostrou aquele sorriso especial, aquele que não oferecia a ninguém a não ser para ele. — Adie tentou dizer a mesma coisa. Tive medo de morrer antes de conseguir vê-lo novamente, e queria que você soubesse o quanto te amo, não importa o que aconteça. Uma parte de mim está com medo de fazer isso. Tenho medo de me afogar ali dentro.

— A Sliph sentiu você, e ela diz que você pode viajar. Você também tem um elemento de Magia Subtrativa. Somente aqueles com as duas magias podem viajar. Vai funcionar. Você vai ver. — ele sorriu, encorajando-a. — Não há nada para ter medo, eu prometo. Isso é diferente de qualquer coisa que já tenha sentido. É maravilhoso. Está tudo bem agora?

Ela assentiu. — Tudo bem. — Ela passou os braços ao redor dele e abraçou-o com tanta força que tirou o ar dos seus pulmões. — Mas se eu me afogar, só queria que soubesse o quanto eu te amo.

Richard ajudou-a a subi no muro de pedra ao redor da Sliph e então olhou em volta, para a floresta escura além das ruínas. Ele não sabia se realmente havia olhos observando ou aquilo era apenas sua preocupação. Porém, ele não sentiu um Mriswith, e se algum estivesse observando, ele sentiria. Concluiu que deveria ser apenas suas experiências passadas na Floresta Hagen que o deixava apreensivo.

— Estamos prontos, Sliph. Você sabe quanto tempo vai levar?

— Eu tenho alcance bastante. — surgiu a resposta.

Richard suspirou e apertou a mão de Kahlan com mais força. — Faça como dissemos. — Ela assentiu, soltando seus últimos suspiros. — Estarei com você. Não tenha medo.

O braço líquido prateado levantou eles, e a noite ficou realmente negra. Richard apertou bem forte a mão de Kahlan enquanto mergulhavam, sabendo o quanto foi difícil para ele respirar na Sliph na primeira vez. Quando ela devolveu o aperto, eles já estavam no vácuo.

A sensação familiar de velocidade e de estar flutuando ao mesmo tempo voltou, e Richard soube que estavam a caminho de Aydindril. Como antes, não havia nenhum calor, nenhum frio, nenhuma sensação de estar mergulhado no mercúrio da Sliph. Seus olhos contemplaram luz e escuro juntos em uma simples visão espectral, enquanto os pulmões deles incharam com a doce presença da Sliph quando ele inalou a essência suave dela.

Richard estava alegre, sabendo que Kahlan poderia sentir o mesmo êxtase que ele sentiu; ele podia sentir isso através da lenta pressão em sua mão. Eles se entregaram, para navegar através da correnteza.

Richard nadou através da escuridão e da luz. Sentiu Kahlan segurar o tornozelo dele para ser rebocada junto com ele.

O tempo não significava nada. Poderia ter sido o piscar de um momento ou a lenta passagem de um ano enquanto ele flutuava adiante com Kahlan segurando seu tornozelo. Como antes, repentinamente, aquilo terminou.

Visões da sala na Fortaleza explodiram ao redor dele, mas ele sabia o que esperar, e dessa vez não houve terror.

Respire, a Sliph falou.

Ele soltou um doce suspiro, esvaziando seus pulmões do êxtase, e deixou entrar o ar alienígena.

Sentiu Kahlan subindo atrás dele, e no silêncio da sala de Kolo, ouviu ela expelir a Sliph e inalar o ar. Richard levantou a cabeça, a Sliph soltou ele enquanto ele pisava no muro e descia. Assim que seus pés tocaram o chão, ele virou e ajudou Kahlan a sair.

Merissa sorriu para ele.

Richard ficou rígido. Finalmente sua mente funcionou. — Onde está Kahlan! Você está ligada a mim! Fez um juramento!

— Kahlan? — surgiu a voz melodiosa. — Ela está bem aqui. — Merissa enfiou a mão dentro do mercúrio. — Mas você não vai mais precisar dela. E eu estou mantendo meu juramento. Um juramento para mim mesma.

Ela ergueu o corpo mole de Kahlan segurando pela parte de trás da coleira. Com a ajuda de seu poder, Merissa puxou Kahlan para fora do poço da Sliph. Kahlan bateu no muro e tombou, sem respirar, no chão.

Antes que Richard pudesse correr até ela, Merissa esfregou as lâminas de uma Yabree contra a rocha. A doce canção o envolveu, fazendo suas pernas ficarem fracas e impotentes enquanto ele observava, fascinado, o rosto sorridente de Merissa.

— A Yabree canta para você, Richard. A canção dela chama você.

Ela se aproximou, levando a Yabree mais perto. Levantou ela, girando o objeto resplandecente do desejo dele, exibindo-a, tentando ele com ela.

Richard molhou os lábios enquanto seus ossos ressoaram com o zumbido da Yabree. O som vibrante deixava ele hipnotizado.

Ela deslizou mais perto, finalmente oferecendo ela. Os dedos dele a tocaram, e a canção espalhou-se através de cada fibra do corpo dele, encantou cada canto de sua alma. Merissa sorriu quando os dedos dele se fecharam ao redor do punho.

Ele estremeceu com o encanto de ter ela em sua mão. Seus dedos ficaram rígidos com doloroso prazer.

Ela tirou outra Yabree debaixo da piscina prateada. — Isso é apenas a metade, Richard. Você precisa das duas.

Ela riu, um som agradável, contagiante, quando encostou a segunda Yabree contra a rocha. A canção quase o deixou cego de desejo para tocá-la. Ele lutou para impedir que seus joelhos dobrassem. Precisava pegar a segunda Yabree. Ele se inclinou sobre o muro, esticando-se para alcançá-la.

O sorriso de Merissa zombou dele, mas ele não se importava, só queria, precisava, ter a irmã gêmea da Yabree na sua outra mão.

— Respire. — a Sliph disse.

Distraído, Richard desviou os olhos. A Sliph estava olhando para a mulher caída no chão encostada no muro.

Ele estava prestes a falar, quando Merissa encostou a Yabree contra a rocha novamente.

Suas pernas ficaram moles. Ele levantou seu braço esquerdo, com a Yabree no punho, por cima do muro para se manter em pé.

— Respire. — a Sliph disse outra vez.

Através da encantadora canção que ecoando através de seus ossos, Richard lutou para entender quem era aquela pessoa encostada no muro com quem a Sliph estava falando. Parecia importante, mas não conseguia entender por que. Quem era?

A risada de Merissa ecoou pela sala quando ela bateu a Yabree novamente.

Richard soltou um grito tanto de êxtase quanto de desejo.

— Respire. — a Sliph falou outra vez, de forma mais insistente.

No meio da canção da Yabree, aquilo lhe ocorreu. Sua necessidade interior emergiu, fluindo através da melodia entorpecedora que o envolvia.

Kahlan.

Ele olhou para ela. Ela não estava respirando. Uma voz interior gritou por socorro.

Quando a Yabree cantou novamente, os músculos do pescoço dele ficaram flácidos. Sua visão turva focou em algo na rocha debaixo dele.

A situação de emergência enrijeceu seus músculos. Sua mão esticou. Seus dedos a tocaram. Sua mão a envolveu, e uma nova

necessidade espalhou-se através de seus ossos. Uma necessidade que ele conhecia muito bem.

Com uma explosão de fúria, Richard arrancou a Espada da Verdade do chão de pedra, e a sala ecoou com um novo som.

Merissa observou ele com um olhar mortal quando esfregou a Yabree contra a rocha mais uma vez. — Você vai morrer, Richard Rahl. Eu jurei me banhar no seu sangue, e eu farei isso.

Com seu último resquício de força, alimentada pela fúria da espada, Richard ergueu-se sobre o muro de pedra e se esticou, mergulhando a lâmina dentro do mercúrio da Sliph.

Merissa gritou.

Veias prateadas destacaram-se na pele dela. Seus gritos ecoaram pela sala de pedra quando seus braços levantaram em um esforço frenético para escapar da Sliph, mas era tarde demais. A metamorfose espalhou-se nela, e ela ficou tão lustrosa quanto a Sliph, como uma estátua de prata em uma piscina prateada refletora. As bordas do rosto dela suavizaram, e o que foi Merissa dissolveu dentro das ondas agitadas do mercúrio.

— Respire. — a Sliph falou para Kahlan.

Richard jogou a Yabree para o lado quando deslizou pela sala. Levantou Kahlan em seus braços e carregou-a até o poço. Colocou-a sobre o muro, passou os braços em volta do abdômen dela, e pressionou.

— Respire! Kahlan, respire! — Ele comprimiu novamente. — Faça isso por mim! Respire! Por favor, Kahlan, respire.

Os pulmões dela expeliram o mercúrio, e ela arfou, soltando um súbito e desesperado suspiro, e então outro.

Finalmente, ela virou em seus braços e encostou contra ele. — Oh, Richard, você estava certo. Era tão maravilhoso que eu esqueci de respirar. Você me salvou.

— Mas ele matou a outra. — a Sliph observou. — Avisei para ele sobre o objeto de magia que ele carrega. Não foi culpa minha.

Kahlan piscou para o rosto prateado. — Do que você está falando?

— Daquela que agora é parte de mim.

— Merissa. — Richard explicou. — Não é culpa sua, Sliph. Tive que fazer isso, ou ela mataria nós dois.

— Então estou livre da responsabilidade. Obrigada, Mestre.

Kahlan virou para ele, olhando para a espada. — O que aconteceu? O que você quer dizer com, Merissa?

Richard desamarrou a tira de couro no pescoço, passou a mão por cima do ombro, e tirou a capa de Mriswith das costas.

— Ela nos seguiu através da Sliph. Tentou matar você, e... bem, ela queria tomar um banho comigo.

— O quê!

— Não. — a Sliph corrigiu. — ela disse que desejava banhar-se no seu sangue.

Kahlan ficou de boca aberta. — Mas... o que aconteceu?

— Agora ela está comigo. — a Sliph falou. — Para sempre.

— Isso significa que ela está morta. — Richard falou. — Explicarei quando tivermos mais tempo. — Ele virou para a Sliph. — Obrigado por sua ajuda, Sliph, mas preciso que você durma agora.

— É claro, Mestre. Dormirei até que eu seja necessária novamente.

O rosto prateado brilhante perdeu as formas e derreteu mergulhando de volta na piscina de mercúrio. Richard, de modo inconsciente, cruzou os pulsos. A piscina lustrosa começou a brilhar. A Sliph ficou imóvel, e começou a descer no poço, no começo lentamente, e então ganhando velocidade, até que desapareceu.

Kahlan olhou para ele quando ele endireitou o corpo. — Acho que tem muitas coisas que você vai precisar explicar.

— Quando tivermos tempo, eu prometo.

— Afinal de contas, onde nós estamos?

— Nas áreas inferiores da Fortaleza, na base de uma das torres.

— Áreas inferiores da Fortaleza?

Richard assentiu. — Debaixo da biblioteca.

— Debaixo da biblioteca! Ninguém consegue ir até o nível abaixo da biblioteca. Tem escudos que impedem qualquer mago de entrar nas áreas inferiores da Fortaleza.

— Bem, é onde estamos e sobre isso também teremos que falar mais tarde. Temos que descer até a cidade.

Eles saíram da sala de Kolo, e imediatamente os dois se encostaram na parede. A Rainha vermelha Mriswith estava na piscina depois do gradil. Ela abriu as asas de forma protetora sobre um ninho com centenas de ovos do tamanho de grandes melões enquanto emitia um som de aviso que ecoou dentro da enorme torre.

Pela pouca luz que entrava pelas aberturas logo adiante, Richard podia ver que era o final da tarde.

Levou menos de um dia, pelo menos ele esperava que fosse menos de um dia, para chegar até Aydindril. Na luz, ele também conseguiu ver a vasta extensão do ninho com ovos cinzentos e verdes cobertos de manchas sobre a rocha.

— É a Rainha Mriswith. — Richard explicou rapidamente enquanto escalava o gradil. — Tenho que destruir aquele ovos.

Kahlan gritou o nome dele, tentando chamá-lo de volta, quando ele saltou do gradil, dentro da água escura.

Richard levantou a espada enquanto atravessava com dificuldade pela água na altura do peito na direção das rochas escorregadias no centro.

A Rainha levantou sobre as garras, fazendo um barulho.

A cabeça dela moveu-se perto dele, suas mandíbulas batendo. Naquele momento, Richard balançou a espada. A cabeça grotesca recuou.

Ela lançou uma nuvem de aroma picante nele que carregava uma clara mensagem de aviso.

Decidido, Richard avançou. As mandíbulas dela abriram, revelando longo dentes afiados.

Richard não poderia deixar que os Mriswith tomassem Aydindril. E se ele não destruísse esses ovos, haveria muito mais Mriswith com os quais se preocupar.

— Richard! Eu tentei usar o raio azul, mas ele não vai funcionar aqui embaixo! Volte!

A Rainha sibilante tentava morder ele. Richard golpeava a cabeça com a espada quando ela se aproximava, mas ela ficava fora de alcance e rugia de raiva. Richard conseguiu manter a cabeça afastada enquanto tateava procurando um apoio para a mão.

Encontrou uma projeção de rocha para segurar, e subiu nas rochas escuras. Ele balançou a espada, e quando as mandíbulas ameaçadoras recuaram, ele golpeou os ovos. Gema fedorenta espalhou-se sobre a rocha escura enquanto ele quebrava as grossas conchas.

A Rainha ficou louca. Suas asas batiam, erguendo-a da rocha e para fora do alcance da espada de Richard.

A cauda dela balançava para todos os lado, chicoteando como um enorme chicote. Quando a cauda chegou mais perto, Richard balançou a espada para mantê-la afastada. Nesse momento ele estava mais interessado em destruir os ovos.

Os dentes dela mordiam quando ela dava o bote nele. Richard enfiou a espada, perfurando o pescoço dela com um golpe rápido, o bastante para que a Rainha recuasse com dor e fúria. As asas dela que batiam freneticamente derrubaram ele sobre a rocha. Richard rolou para o lado, evitando as garras afiadas. A cauda dela golpeou novamente, e suas mandíbulas batiam. Richard foi obrigado a esquecer os ovos por um momento e se defender. Se ele conseguisse matá-la, isso simplificaria a tarefa.

A Rainha gritou de raiva. Um momento depois, Richard escutou um som de algo sendo esmagado. Virou na direção do barulho e viu Kahlan esmagando ovos com uma tábua que foi parte da porta para a sala de Kolo. Ele cambaleou pela rocha lisa para ficar entre Kahlan e a Rainha enraivecida. Ele golpeava na cabeça quando ela tentava morder, na cauda quando ela tentava derrubar ele da rocha, e nas garras quando tentavam rasgar ele em pedaços.

— Você mantém ela longe... — Kahlan falou enquanto balançava a tábua, esmagando ovos e caminhando com dificuldade pela gosma amarela grudenta. — e eu cuido desses aqui.

Richard não queria Kahlan em perigo, mas sabia que ela também estava defendendo a cidade dela, e não poderia pedir a ela para ir se esconder. Além disso, precisava da sua ajuda. Ele tinha que descer até a cidade.

— Rápido. — ele disse ao esquivar-se e atacar.

A enorme massa vermelha atirou-se em cima dele, tentando esmagá-lo contra a rocha. Richard mergulhou para o lado, mas a Rainha ainda pousou sobre a perna dele. Ele gritou de dor e cortou a besta com a espada enquanto ela tentava morder ele.

De repente a tábua bateu em cima das massas carnudas sobre a cabeça da Rainha. Ela recuou urrando de dor, suas asas bateram loucamente, e suas garras rasgavam o ar. Kahlan enfiou um braço por baixo do braço dele e ajudou ele a se arrastar para longe quando o corpo vermelho levantou. Os dois entraram outra vez na água parada.

— Peguei todos eles. — Kahlan disse. — Vamos dar o fora daqui.

— Tenho que acabar com ela. — Richard falou. — ou ela simplesmente vai colocar mais.

Mas a Rainha Mriswith, vendo todos os seus ovos destruídos, mudou do ataque, para a fuga. Suas asas bateram freneticamente, erguendo-a no ar. Ela encostou na parede, enfiou as garras na rocha, e começou a escalar na direção de uma abertura no alto da torre.

Richard e Kahlan saíram da piscina fedorenta e entraram no caminho, Richard tentou correr até os degraus que subiam pelo interior da torre, mas quando colocou peso em sua perna, ele caiu no chão.

Kahlan ajudou ele a levantar. — Você não pode alcançar ela agora. Nós quebramos todos os ovos, simplesmente teremos que nos preocupar com ela mais tarde. A sua perna está quebrada?

Richard se encostou no gradil, esfregando o ferimento doloroso enquanto observava a Rainha subir até a abertura no alto da torre. — Não, ela apenas foi esmagada contra a rocha. Temos que ir até a cidade.

— Mas você não consegue andar.

— Vou ficar bem. A dor está diminuindo. Vamos lá.

Richard pegou uma das esferas cintilantes para iluminar o caminho e, com Kahlan dando suporte, eles começaram a sair do ventre da Fortaleza. Ela nunca esteve nas salas e corredores pelos quais ele a levou. Ele teve que segurar ela nos braços para ajudá-la a atravessar os escudos, e constantemente avisava no que ela não deveria tocar, e onde não deveria pisar. Ela questionou os avisos dele repetidamente, mas seguiu as ordens insistentes dele, resmungando para si mesma que nunca soube que esses lugares existiam na Fortaleza.

Na hora em que eles tinham subido através das salas e corredores até em cima, sua perna, embora ainda estivesse doendo, estava melhor. Ele conseguia caminhar, mesmo mancando um pouco.

— Finalmente eu sei onde estamos. — Kahlan disse quando eles subiram até o longo corredor diante das bibliotecas. — Estava preocupada que nunca conseguíssemos sair de lá.

Richard seguiu na direção dos corredores que sabia ser o caminho de saída. Kahlan protestou dizendo que ele não poderia seguir por aquele caminho, mas ele insistiu que aquele era o caminho que sempre fazia, e ela o seguiu, relutante. Ele a abraçou para atravessar o escudo com ela, para dentro do grande salão na entrada, e os dois ficaram felizes pela desculpa.

— Quanto falta? — ela perguntou enquanto olhava ao redor da sala quase vazia.

— Bem ali. Essa é a porta de saída.

Quando eles passaram pela porta até o lado de fora, Kahlan girou duas vezes, surpresa. Agarrou a camisa dele e apontou para a porta. — Ali? Você entrou ali! Foi por esse caminho que você entrou na Fortaleza?

Richard assentiu. — É para onde o caminho de pedra conduzia.

Ela apontou para cima da porta, zangada. — Olhe o que está escrito! E você entrou ali?

Richard olhou para as palavras entalhadas na padieira de pedra acima da enorme porta. — Não sei o que significam essas palavras.

— Taval de ator Mortado. — ela disse, lendo as palavras bem alto. — Significa *Caminho dos Mortos*.

Richard olhou rapidamente para as outras portas além da expansão de lascas de pedras e cascalho. Lembrou da coisa que surgiu por baixo dos cascalhos.

— Bem, parecia a maior porta, e o caminho levava direto até ela, então pensei que fosse a entrada. Se você pensar bem, até que faz sentido. Eu fui nomeado *aquele que traz a morte*.

Kahlan esfregou os braços, assustada. — Nós estávamos com medo que você entrasse na Fortaleza. Ficamos com muito medo que você entrasse ali e fosse morto. Queridos espíritos, não consigo acreditar que não morreu. Nem mesmo os magos usariam essa entrada. Aquele escudo logo ali dentro não permitiria que eu entrasse sem a sua ajuda; só isso já dá uma pista dos perigos além dele. Consigo atravessar todos os escudos a não ser aqueles que protegem os lugares mais perigosos.

Richard ouviu um esmagar de pedras, e viu movimento no cascalho. Ele puxou Kahlan de volta para cima de uma das placas de pedra do caminho quando a coisa se contorceu como uma cobra assumindo um curso na direção dele. — Qual é o problema? — ela perguntou.

Richard apontou. — Tem alguma coisa vindo.

Kahlan fez uma careta olhando para ele por cima do ombro dela e caminhou sobre o cascalho. — Não está com medo disso, está? — Ela agachou e enfiou a mão dentro do cascalho quando a coisa debaixo do cascalho aproximou-se dela. Ela moveu a mão como se estivesse acariciando um bichinho de estimação.

— O que você está fazendo!

Kahlan mexeu alegremente na coisa debaixo do cascalho. — É só um Sabujo da Pedra, o Mago Giller conjurou ele para assustar uma mulher que estava atrás dele o tempo todo. Ela ficava com medo de atravessar o cascalho e, é claro, ninguém em seu estado normal ousaria entrar no Caminho dos Mortos. — Kahlan levantou. — Quer dizer... não me diga que estava com medo do Sabujo da Pedra.

— Bem... não, não exatamente... mas...

Kahlan colocou as mãos nos quadris. — Você entrou no Caminho dos Mortos, e atravessou aqueles escudos, porque estava com medo de um Sabujo da Pedra? Foi por isso que não entrou nas outras portas?

— Kahlan, eu não sabia o que era a coisa debaixo do cascalho. Nunca vi uma coisa como essa. — Ele coçou o cotovelo. — Está bem, então, eu estava com medo dele. Estava tentando ser cauteloso. E não conseguia ler as palavras, então não sabia que essa porta era perigosa.

Ela olhou para cima. — Richard, você poderia ter...

— Eu não morri na Fortaleza, encontrei a Sliph, e cheguei até você. Agora, vamos lá. Precisamos chegar até a cidade.

Ela colocou o braço em volta da cintura dele. — Você tem razão. Acho que só estou tensa com... — Ela levantou uma das mãos na direção da porta. — Tudo que aconteceu ali dentro. Aquela Rainha Mriswith me assustou. Estou agradecida que você conseguiu.

Com os braços cruzados, eles saíram rapidamente pela grande abertura arqueada através do muro externo.

Quando passaram por baixo da enorme grade de ferro, uma poderosa cauda vermelha chicoteou em um canto, derrubando os dois.

Antes que Richard conseguisse recuperar o fôlego, asas estavam batendo longo acima. Garras tentaram rasgar ele. Ele sentiu uma dor abrasadora no ombro esquerdo quando uma garra o acertou. Kahlan foi lançada rolando pelo chão pela cauda que agitava.

Enquanto ele estava sendo levado para mais perto das mandíbulas pela garra enterrada em seu ombro, ele sacou a espada. A fúria inundou ele instantaneamente. Ele fez um corte em uma asas. A Rainha recuou, soltando a garra do ombro dele. A fúria da magia ajudou ele a ignorar a dor quando levantou.

Ele golpeou com a espada enquanto a besta saltava em sua direção, batendo as mandíbulas. Era uma coisa com asas, dentes, garras, e cauda, saltando na direção dele enquanto ele recuava. Richard acertou um braço, e a Rainha encolheu de dor. A cauda dela agitou, acertando ele no estômago, atirando ele contra o muro. Ele golpeou furiosamente a cauda, arrancando a ponta dela.

A Rainha vermelha Mrsith levantou sobre as patas traseiras, debaixo da grade de ferro, cheia de ponta. Richard mergulhou na direção da alavanca e empurrou-a com todo o seu peso. Com um forte rangido, o portão desceu na direção da besta enlouquecida.

A Rainha se contorceu quando o portão bateu, errando por pouco as costas dela, mas acertando uma asa, prendendo ela no chão. Ela rugiu ainda mais alto.

Richard ficou observando com gélido pavor quando viu que Kahlan estava no chão, do outro lado do portão.

A Rainha também avistou ela, e com um poderosos esforço, arrancou a asa do portão, rasgando-a em longas tiras esfarrapadas.

— Kahlan! Corra!

Tonta, ela tentou rastejar para longe, mas a besta atacou. Agarrou ela por uma perna, segurando firme.

A Rainha virou e virou e lançou um odor fétido na direção dele. Richard não teve dificuldade alguma para entender o significado: vingança.

Com um louco esforço, ele puxou a roda que levantava o portão. Ela levantou polegadas de cada vez. A Rainha estava descendo a estrada, arrastando Kahlan pela perna.

Richard soltou a roda e, guiado pela fúria da magia, balançou a espada nas barras da grade de ferro. Centelhas e fragmentos de metal voaram pelo ar. Gritando de fúria, ele balançou a espada novamente contra o ferro, abrindo outra fenda nas barras. Com um terceiro movimento um pedaço foi arrancado. Ele o chutou e atravessou pela abertura.

Richard correu descendo a estrada na direção da besta vermelha em fuga. Kahlan esfregava as mãos no chão em uma tentativa desesperada de escapar. Quando alcançou a ponte, a Rainha subiu em cima do muro na borda, rosnando enquanto ele se aproximava a toda velocidade.

A Rainha bateu suas asas retalhadas, como se não percebesse que não conseguiria voar. Ainda correndo, Richard gritou quando ela virou, abrindo as asas, preparando-se para saltar da ponte com seu prêmio.

A cauda chicoteou pela estrada quando Richard correu sobre a ponte. Ele saltou uma seção de seis pés. A Rainha virou, segurando Kahlan de cabeça para baixo pela perna como se fosse uma boneca de madeira. Richard, além da razão, balançou sua espada em uma fúria cega enquanto ela tentava morder ele. Manchado com o sangue da besta, ele cortou fora a metade dianteira de uma asa, o osso estilhaçando em fragmentos brancos sob a lâmina dele. Ela balançou a cauda cortada na direção dele enquanto batia sua outra asa mutilada.

Kahlan gritou na direção de Richard, seus dedos esticados, fora de alcance. Ele enfiou a espada no estômago vermelho. Uma garra vermelha arrastou Kahlan para longe quando ele tentava agarrar a mão dela. Richard cortou fora a outra asa na altura do ombro. Sangue espirrou no ar quando a besta enlouquecida se contorcia para um lado e para outro, tentando alcançar ele. Isso fazia ela esquecer do seu desejo de rasgar Kahlan em pedaços.

Richard cortou outro pedaço da cauda quando ela chegou perto o bastante. Enquanto o sangue fedorento espirrava por toda parte, as reações

da Rainha tornavam-se mais lentas, permitindo a Richard causar ainda mais ferimentos.

Richard saltou e agarrou o pulso de Kahlan, e ela o dele, enquanto ele enterrava a espada até o cabo na parte inferior do peito vermelho pulsante. Isso foi um erro.

A Rainha Mriswith mortalmente ferida estava segurando firme a perna de Kahlan. A besta vermelha balançou, e com um lento giro assustador, caiu da ponte sobre o abismo. Kahlan gritou. Richard segurou ela com toda sua força. O puxão em seu braço quando a Rainha caiu fez ele bater o estômago contra o muro acima da queda vertiginosa.

Richard balançou a espada por cima da borda e com um golpe poderoso cortou o braço que segurava a perna de Kahlan. A besta vermelha rodopiou descendo entre as paredes escarpadas que mergulhavam milhares de pés, até desaparecer ao longe lá embaixo.

Kahlan ficou pendurada pela mão dele sobre o mesmo abismo. Sangue estava descendo pelo braço dele e sobre as mãos deles. Ele podia sentir o pulso dela escorregando de sua mão. As coxas dele eram as únicas coisas que impediam ele de cair por cima do muro.

Com um esforço grandioso, ele a levantou cerca de dois pés. — Agarre no muro com a outra mão. Não consigo segurar.

— Você está escorregando.

Kahlan colocou a mão livre em cima do muro de pedra, retirando uma parte do peso. Ele jogou a espada para a estrada atrás e enfiou a outra mão por baixo do braço dela. Richard cerrou os dentes e, com ajuda dela, puxou-a, por cima do muro e para a estrada.

— Tire isso!— ela gritou. — Tire isso!

Richard abriu as garras e libertou a perna dela. Atirou o braço vermelho por cima do muro. Kahlan caiu nos braços dele, ofegando de exaustão, fraca demais para falar.

Através do pulsar da dor, Richard sentiu o emocionante calor do alívio. — Porque não usou o seu poder... o raio?

— Ele não funcionaria dentro da Fortaleza, e aqui fora aquela coisa me deixou apagada. Porque não usou as suas... um pouco daquelas raios de luz negra, como fez no Palácio dos Profetas?

Richard avaliou a questão. — Não sei. Não sei como o dom funciona. Tem alguma coisa a ver com instinto. Não consigo fazer funcionar conforme a minha vontade. — Ele passou uma das mãos no cabelo dela quando fechou os olhos. — Gostaria que Zedd estivesse aqui. Ele poderia me ajudar a controlar isso, a aprender como usar. Sinto muita falta dele.

— Eu sei. — ela sussurrou.

Acima do som da respiração ofegante deles, ele conseguiu ouvir os gritos distantes de homens e o barulho do aço. Percebeu que sentia o cheiro de fumaça. O ar estava carregado com ela.

Ajudou Kahlan a levantar, ignorando a dor feros no seu ombro, e eles seguiram rapidamente pela estrada até uma curva onde era possível ter uma visão geral da cidade abaixo.

Quando eles pararam repentinamente na beira da estrada, Kahlan engoliu em seco.

Chocado, Richard caiu de joelhos. — Queridos espíritos... — ele sussurrou. — o que foi que eu causei.

CAPÍTULO 53

É Lorde Rahl! — Vozes carregaram o grito através da multidão de tropas D'Harans. — Agrupem-se! É Lorde Rahl!

Um grito cresceu no ar do final de tarde. Milhares de vozes se ergueram acima do som de batalha. Armas foram levantadas no ar enfumaçado junto com o rugido dos gritos. — Lorde Rahl! Lorde Rahl! Lorde Rahl!

Com expressão amarga, Richard marchou através dos soldados na parte traseira da batalha. Homens feridos, sangrando, levantaram cambaleando e juntaram-se na multidão que o seguia.

Através da neblina formada pela fumaça, Richard podia ver descendo as ladeiras das ruas, o mar de D'Harans com uniformes escuros em uma luta frenética. Além dali, um mar vermelho inundava a cidade, arrastando eles para trás. Sangue da Congregação. De todos os lados, eles surgiam, ferozes, não parando diante de nada.

— Deve haver mais de cem mil. — Kahlan falou, aparentemente par si mesma.

Richard tinha enviado uma força de cem mil para procurar por Kahlan. Eles estavam a semanas de distância da cidade.

Ele havia dividido a força em Aydindril quase em duas, e mandou a metade para longe. E agora o Sangue da Congregação apareceu, para se aproveitar do seu erro.

Mas ainda assim, deveria ter bastante D'Harans para enfrentar essa quantidade. Alguma coisa estava muito errada.

Com um crescente multidão de feridos seguindo atrás dele, Richard chegou na parte de trás daquela que parecia ser a maior batalha. O Sangue da Congregação estava pressionando de todos os lados da cidade. Chamas dançavam na direção do céu vindo de Kings Row. No centro do mar de uniformes escuros estava o esplendor branco do Palácio das Confessoras.

Oficiais vieram correndo, sua alegria ao ver ele reduzida pelo que estava acontecendo logo adiante. Os gritos do campo de combate mexia com os nervos dele.

Richard ficou surpreso ao ouvir a qualidade calma de sua própria voz. — O que está acontecendo? Estes são soldados D'Haran. Porque eles estão sendo repelidos? Eles não estão em menor número. Porque o Sangue da Congregação chegou tão longe dentro da cidade?

O frio comandante falou apenas uma palavra. — Mriswith.

Os punhos de Richard apertaram. Esses homens não tinham defesa contra Mriswith. Um Mriswith poderia derrubar dúzias de homens em questão de minutos. Richard tinha visto longas fileiras de Mriswith entrarem na Sliph. Centenas deles.

Os D'Harans poderiam não estar em menor número no início, mas agora estavam.

As vozes dos espíritos já estavam falando com ele, abafando os gritos de dor mortal. Olhou para o pálido disco do sol por trás da fumaça. Restavam duas horas de luz.

O olhar de Richard encontrou os olhos de três dos Tenentes. — Você, você, e você. Reúnam qualquer tamanho de força que precisarem. — Sem virar, ele levantou um dedão para trás na direção de Kahlan. — Levem a Madre Confessora, minha Rainha, para o Palácio, e protejam ela.

A expressão nos olhos de Richard tornaram qualquer declaração sobre a gravidade da missão absolutamente desnecessária, e qualquer aviso das consequências da falha supérfluo.

Kahlan gritou um protesto. Richard sacou sua espada.

— Agora.

Os homens se afastaram para fazer como ordenado, levando Kahlan com eles enquanto ela gritava com ele. Richard não olhou, nem ouviu as palavras dela.

Ele já estava perdido na fúria viva. Magia e morte dançavam perigosamente em seus olhos. Homens silenciosos se afastaram em um círculo que alargava.

Richard passou a lâmina no sangue em seu braço para dar uma amostra para sua espada. A fúria ganhou mais força.

A cabeça dele virou, os olhos da morte procurando os mortos que caminhavam. Através das tempestades da ira da espada e de sua própria fúria, ele não ouviu mais nada a não ser a fúria que rugia em seu interior, e ainda assim ele sabia que precisava de mais. Em sequência, ele derrubou todas as barreiras e liberou toda a magia, não deixando nada preso. Ele tornou-se um com os espíritos em seu interior, com a magia, com a necessidade. Ele era o verdadeiro Seeker, e mais.

Era aquele que traz a morte ganhando vida.

E então ele estava se movendo entre os homens, tentando chegar na frente, através dos soldados vestidos de couro escuro grunhindo com determinação enquanto lutavam com homens de capa vermelha em armaduras brilhantes que penetraram as linhas, através de lojistas que tinham pego espadas, através de homens jovens da cidade com piques, e garotos com porretes.

Enquanto avançava, ele derrubava os homens do Sangue da Congregação apenas quando eles tentavam bloquear o caminho dele. Estava atrás de algo mais mortal do que eles.

Richard subiu em uma carroça virada no centro da luta. Homens se espalhavam ao redor dele para manter qualquer ameaça afastada. Seu olhar de ave de rapina escaneou a cena. Destruir era seu propósito.

Diante dele, o mar de capas vermelhas inundava o amontoado de D'Harans mortos. O número de D'Haran mortos era chocante, mas ele estava perdido na magia e não pensou em nada mais a não ser que seu inimigos eram nada mais do que lixo no caldeirão de sua ira.

Em algum lugar nos sombrios recessos de sua mente, ele gritou com a visão de tanta morte, mas o grito se perdeu nos ventos de sua fúria.

Richard sentiu a presença deles, e então os viu. Movimentos fluidos, ceifando a carne viva, realizando uma colheita de morte. O Sangue da Congregação avançava atrás deles, devastadores sobre os D'Harans destruídos.

Richard levantou a Espada da Verdade, encostando a lâmina vermelha em sua testa. Ele se entregou totalmente.

— Lâmina... — ele sussurrou suplicando. — seja verdadeira neste dia.

Aquele que traz a morte.

— Dance comigo, Morte. — ele murmurou. — Estou pronto.

As botas do Seeker bateram na estrada. De algum modo, os instintos de todos aqueles que usaram a espada antes se fundiram com os dele. Ele usava o conhecimento, experiência, e habilidade deles como uma segunda pele.

He let the magic guide him, but it was driven before the storms of anger, and his will. Libertou o desejo de matar, e deslizou através das linhas de homens habilidoso com a Morte, sua lâmina encontrou seu primeiro alvo, e um Mriswith caiu.

Não desperdice sua força matando aqueles que outros podem matar, as vozes dos espíritos disseram a ele. Mate apenas aqueles que eles não podem.

Richard prestou atenção nas vozes, e deixou seu sentido interior detectar os Mriswith ao redor dele, alguns ocultos em suas capas. Ele dançou com a morte, e a morte ocasionalmente os encontrou antes que percebessem que ele estava chegando. Matou sem desperdiçar esforços ou golpes extras. Cada movimento de sua lâmina encontrou carne.

Richard dançou entre as linhas, buscando as criaturas escamosas que conduziam o Sangue da Congregação. Sentiu o calor das fogueiras enquanto se movia através das ruas, caçando. Ouviu o sibilar de surpresa quando girava entre eles.

Suas narinas se encheram com o fedor do sangue deles. Ele se tornou o borrão de um raio.

Mesmo assim, sabia que não seria o bastante. Com uma sensação de mergulhar no pavor, ele soube que não seria o bastante. Só havia um dele, e se ele cometesse o menor erro, não haveria nem mesmo isso. Era como tentar acabar com toda uma colônia de formigas pisando em uma formiga de cada vez.

Yabree já estavam chegando mais perto do que ele pretendia permitir. Duas vezes, elas cantaram em sua carne, deixando trilhas vermelhas. Mas o pior, por toda parte ao redor, seus homens estavam morrendo às centenas, com o Sangue da Congregação apenas vindo atrás para acabar com os feridos. A batalha se esticava infinitamente.

Richard olhou para o sol, e viu que ele estava partido ao meio no horizonte. A noite estava descendo como uma mortalha sobre os últimos suspiros dos que morriam. Ele sabia que para ele também não haveria amanhecer.

Richard sentiu um corte ardente no lado do corpo enquanto virava. Uma cabeça de Mriswith caiu com um jato vermelho quando ele o acertou com sua espada. Estava ficando cansado, e eles estavam chegando perto demais. Levantou a espada, rasgando a barriga de outro. Estava surdo para os gritos de morte deles.

Lembrou de Kahlan. Não haveria amanhecer. Para ele. Para ela. A morte estava se aproximando deles como a escuridão.

Com esforço, retirou ela de sua mente. Não podia correr o risco com a distração. Virar. Lâmina para cima, cortando fora uma garra.

Girar, cortar o estômago. Rodar, lâmina para baixo sobre uma cabeça lisa. Golpear. Agachar. Cortar. As vozes falavam para ele, e ele reagia sem questionar ou fazer pausa.

Com sufocante preocupação, ele percebeu que estavam sendo empurrados para o centro de Aydindril. ele virou e olhou além da grande praça dominada pelo tumulto, desorganização, e confusão da batalha, para

ver o Palácio das Confessoras a não mais de meia milha de distância. Logo, os Mriswith cruzariam as linhas e invadiriam o Palácio.

Ele escutou um rugido alto e viu uma massa de soldados D'Haran atrás das linhas inimigas atacar o Sangue da Congregação de uma rua lateral, desviando a atenção deles da batalha na dianteira. Do outro lado, um número semelhante avançou, encurralando um grande número de homens de capa vermelha na larga passagem. Os D'Harans atacaram o grupo de homens do Sangue da Congregação, cortando eles em pedaços.

Richard ficou imóvel quando viu Kahlan conduzindo o ataque pela direita. Ela estava liderando não apenas tropas D'Haran, mas homens e mulheres do Palácio.

O sangue dele gelou quando lembrou como o povo de Ebinissia havia se juntado na defesa da cidade no final.

O que ela estava fazendo? Deveria estar no Palácio, onde era seguro. Ele podia ver que ao mesmo tempo em que esse era um movimento corajoso, aquilo seria fatal. Havia muitos da Congregação e Kahlan ficaria encurralada no meio deles.

Antes que aquilo pudesse acontecer, ela fez os homens recuarem. Richard cortou a cabeça de um Mriswith. Justamente quando pensou que ela recuou para um local seguro, Kahlan efetuou outro ataque de outra rua, em um lugar diferente na linha.

Os homens de capa vermelha na frente viraram para enfrentar a nova ameaça, apenas para serem atacados por trás. Os Mriswith atrapalharam a efetividade da tática, e logo desviaram para a nova frente com a mesma eficiência mortal que estiveram usando durante toda a tarde.

Richard cortou uma linha direta através da massa de capas vermelhas na direção de Kahlan. Depois de lutar com Mriswith, homens pareciam lentos e estúpidos em comparação. Apenas a distância fazia daquilo um esforço. Seus braços estavam cansados, e sua força estava reduzida.

— Kahlan! O que você está fazendo? — A fúria da magia aumentou o poder de sua voz quando ele a segurou pelo braço. — Mande

você para o Palácio onde ficaria segura!

Ela afastou o braço. Na outra mão ela segurava uma espada manchada de sangue. — Não vou morrer como uma covarde em um canto da minha casa, Richard. Vou lutar por minha vida. E não grite comigo!

Richard girou quando sentiu a presença. Kahlan agachou quando sangue e osso voaram no ar.

Ela virou e gritou ordens. Homens avançaram para o ataque com a ordem dela.

— Então morremos juntos, minha Rainha. — Richard sussurrou, não querendo que ela ouvisse suas palavras de despedida.

Richard sentiu a massa de Mriswith enquanto as linhas eram empurradas para trás na direção da praça. A percepção da presença deles era poderosa demais para que ele sentisse indivíduos. Acima das cabeças no mar de capas vermelhas e armaduras polidas, ele conseguiu ver alguma coisa verde ao longe avançando na direção da cidade. Ele não conseguia definir o que era aquilo.

Richard empurrou Kahlan para trás. Os protestos dela foram interrompidos quando ele girou dentro da linha de criaturas escamosas quando elas se tornaram visíveis bem na frente deles. Ele dançou em meio ao ataque deles, cortando-os tão rápido quanto podia se mover.

No meio de seu ataque frenético, ele viu algo mais que não conseguiu definir: pontos. Pensou que talvez porque estivesse tão cansado estava começando a enxergar um céu cheio de ponto.

Ele gritou com fúria para uma Yabree que chegou perto demais. Cortou fora o braço e então a cabeça em uma veloz sequência. Outra lâmina se aproximou dele e ele agachou por baixo dela, levantando a espada. Acertou outro com a faca em sua outra mão. Teve que chutar aquele que estava atrás antes que ele tivesse tempo de sacar a espada.

Com frieza, ele percebeu que os Mriswith finalmente determinaram que ele era a única ameaça, e estavam cercado ele. Podia ouvir Kahlan gritando seu nome. Podia ver pequenos olhos brilhantes por toda parte. Não havia nada que ele pudesse fazer, e nenhum lugar para onde correr, mesmo

se ele quisesse. Sentiu a picada de lâminas que chegaram perto demais antes que ele conseguisse impedir. A quantidade deles era demais. Queridos espíritos, simplesmente era demais.

Ele nem ao menos enxergava mais algum soldado por perto. Estava cercado por uma parede de escamas e facas de três lâminas que cintilavam. Apenas a fúria da magia reduzia a velocidade deles. Ele desejou ter falado para Kahlan que a amava, ao invés de gritar com ela.

Alguma coisa marrom passou num flash por sua visão periférica. Ele ouviu o uivo de um Mriswith mas não foi um que ele matou. Ficou imaginando se a confusão era o que você sentia quando morria. Ele estava tonto de tanto girar, de girar sua espada, por causa dos impactos nos ossos.

Alguma coisa grande caiu de cima. Então outra. Richard tentou limpar sangue de Mriswith dos olhos em uma tentativa de ver o que estava acontecendo. Ao redor dele, Mriswith uivavam.

Richard viu asas. Asas marrons. Braços peludos estavam se movendo rapidamente como borrões em sua visão, arrancando cabeças. Garras arrancavam escamas. Presas rasgavam pescoços.

Richard cambaleou para trás quando um Gar enorme bateu no chão bem na frente dele, lançando os Mriswith para trás.

Era Gratch.

Richard piscou enquanto olhava ao redor. Havia Gars por toda parte. Mais estavam vindo, lá em cima no ar. Esses eram os pontos que ele tinha visto.

Gratch atirou um Mriswith despedaçado em cima do Sangue da Congregação, e derrubou outro. Os Gars ao redor avançaram sobre eles. Mais desciam do céu que escurecia sobre Mriswith por todas as linhas. Havia olhos verdes brilhantes por todo lugar. Os Mriswith se enrolaram em suas capas, tornando-se invisíveis, mas isso não adiantou nada; os Gars ainda conseguiam encontrar eles. Eles não tinham para onde correr.

Richard segurou a espada com as duas mãos, observando com surpresa. Gars rugiam. Mriswith uivavam. Richard ria.

Os braços de Kahlan abraçaram ele por trás. — Eu te amo. — ela falou no ouvido dele. — Pensei que morreria, e não tinha falado.

Ele virou e olhou dentro dos olhos verdes úmidas dela. — Eu te amo.

Richard escutou gritos acima dos gritos de batalha. O verde que ele tinha visto eram homens. Havia dezenas de milhares de homens, atacando por trás do Sangue da Congregação, espalhando-se ao redor de casas, esmagando os homens de capa vermelha e fazendo eles recuarem. Os D'Harans ao lado de Richard, livres dos Mriswith, avançaram e atacaram o Sangue da Congregação, com a competência mortal pela qual eram conhecidos.

Uma enorme cunha dos homens de verde rasgou através do Sangue da Congregação, vindo na direção de Richard e Kahlan. De cada um dos lados, dúzias de Gars desciam sobre Mriswith. Gratch mergulhou no meio deles golpeando, fazendo eles recuarem.

Richard subiu em uma fonte para ver melhor o que estava acontecendo. Segurou a mão de Kahlan e ajudou-a a subir ao lado dele. Homens se espalhavam para protegê-lo, empurrando o inimigo para trás.

— Eles são Kelteanos. — Kahlan disse. — Os homens de uniforme verde são Kelteanos.

Na liderança do ataque Kelteano estava um homem que Richard reconheceu: General Baldwin. Quando o General viu eles sobre a fonte, ele e uma pequena guarda afastaram-se da força principal de homens, gritando ordens enquanto partia, e cortaram uma linha através dos homens de capa vermelha, os cavalos deles pisoteando homens sob as suas patas como se fossem folhas no outono. O General cortou alguns com sua espada mantendo uma boa distância. Ele atravessou as linhas de batalha e puxou as rédeas parando o cavalo diante de Richard e Kahlan em pé na fonte.

O General Baldwin embainhou sua espada e fez uma reverência em sua sela, sua grossa capa de sarja, fechada em um ombro com dois botões, caindo para um lado, revelando o forro de seda verde. Ele levantou e bateu com um punho em cima do seu sobretudo.

— Lorde Rahl. — ele falou com reverência.

Ele fez outra reverência. — Minha Rainha. — falou com mais reverência ainda.

Kahlan inclinou na direção dele quando ele levantou os olhos, o tom dela estava sério. — Sua o quê?

Até mesmo a cabeça reluzente do homem ficou vermelha. Ele fez uma reverência outra vez. — Minha muitíssima... gloriosa e estimada Rainha, e Madre Confessora?

Richard puxou atrás da camisa dela antes que ela pudesse falar. — Eu disse ao General aqui como eu tinha decidido nomear você Rainha de Kelton.

Os olhos dela ficaram arregalados. — A Rainha de...

— Sim. — O General Baldwin disse enquanto movia os olhos pela batalha. — Isso manteve Kelton unida, e nossa rendição válida. Logo que Lorde Rahl falou dessa grande honra, que nós teríamos a Madre Confessora como nossa Rainha, assim como Galea, mostrando o quanto ele nos honra assim como nossos vizinhos, eu trouxe uma força até Aydindril para ajudar a proteger Lorde Rahl, e nossa Rainha, e para se juntar na batalha contra a Ordem Imperial. Não queria que nenhum de vocês ficasse pensando que não estávamos preparados para fazer nossa parte.

Kahlan finalmente piscou e endireitou o corpo. — Obrigada, General. A sua ajuda veio bem na hora. Estou muito feliz.

O General tirou suas longas luvas negras e enfiou-as no cinto largo. Ele beijou a mão de Kahlan. — Se minha nova Rainha me perdoar, eu devo retornar para meus homens. Temos metade de nossa força espalhada lá atrás apenas para o caso desses bastardos traidores tentarem fugir. — Ele ficou vermelho de novo. — Perdoe a linguagem de um soldado, minha Rainha.

Quando o General voltava para seus homens, Richard escaneou a batalha. Os Gars estavam vasculhando, procurando por mais Mriswith, e encontrando apenas alguns. Esses não duraram muito tempo.

Gratch parecia ter crescido mais um pé desde que Richard o viu pela última vez, e agora estava do tamanho de qualquer um dos machos. Ele parecia estar direcionando a busca. Richard estava pasmo, mas sua alegria foi abafada pela escala da carnificina diante dele,

— Rainha? — Kahlan disse. — Você me nomeou Rainha de Kelton? A Madre Confessora?

— Naquela hora pareceu uma boa ideia. — ele explicou. — Parecia o único jeito de impedir Kelton de se voltar contra nós.

Ela observou ele com um leve sorriso. — Muito bom, Lorde Rahl.

Quando Richard finalmente embainhou sua espada, viu três pontos vermelhos abrindo caminho através dos uniformes escuros de couro dos D'Haran. As três Mord-Sith, de Agiel na mão, aproximaram-se correndo pela praça. Cada uma delas vestia sua roupa vermelha de couro, mas hoje elas não cumpriam muito bem o seu trabalho de esconder todo aquele sangue em cima delas.

— Lorde Rahl! Lorde Rahl!

Berdine pulou em cima dele como um esquilo atirando-se em um galho. Ela caiu sobre ele, abraçando-o, e derrubando ele dentro da fonte cheia de neve derretida.

Ela sentou no estômago dele. — Lorde Rahl! Você conseguiu! Você tirou a capa como eu falei! Você escutou meu aviso afinal de contas!

Ela caiu sobre ele novamente, agarrando com os braços vermelhos. Richard prendeu a respiração quando mergulhou. Embora a água gelada não tivesse sido escolha dele, estava feliz pela desculpa para lavar um pouco do sangue fedorento de Mriswith. Ele tentou recuperar o fôlego quando ela segurou a camisa dele e o puxou para cima. Ela sentou no colo dele, com as pernas em volta da cintura dele, e abraçou-o de novo.

— Berdine... — ele sussurrou. — meu ombro está machucado. Por favor não me aperte tão forte.

— Isso não é nada. — ela anunciou com a verdadeira indiferença Mord-Sith com a dor. — Estávamos tão preocupadas. Quando o ataque

começou, pensamos que nunca mais o veríamos outra vez. Pensamos que nós tivéssemos falhado.

Kahlan limpou a garganta. Richard levantou uma das mãos para apresentá-la. — Kahlan, estas são minhas guardas pessoais, Cara, Raina, e essa é Berdine. Senhoritas, esta é Kahlan, minha Rainha.

Berdine, sem fazer nenhum movimento para sair do colo dele, sorriu para Kahlan. — Eu sou a favorita de Lorde Rahl.

Kahlan cruzou os braços enquanto seus olhos verdes mostraram uma expressão zangada.

— Berdine, deixe que eu levante.

— Você ainda está com cheiro de um Mriswith. — Ela o mergulhou novamente na água e puxou ele para cima outra vez pela camisa.

— Assim está melhor. — Ela puxou ele para mais perto. — Se correr daquele jeito sem me escutar novamente, vou fazer mais do que dar um banho em você.

— Que negócio é esse entre você, mulheres e banhos? — Kahlan perguntou com um tom sério.

— Não sei. — Ele olhou para a batalha que ainda continuava, e então de volta para os olhos azuis de Berdine. Abraçou-a com seu braço bom. — Sinto muito. Deveria ter escutado você. O preço da minha tolice foi grande demais.

— Você está bem? — ela sussurrou no ouvido dele.

— Berdine, saia de cima de mim. Deixe que eu levante.

Ela escorregou do colo dele para um lado. — Kolo disse que os Mriswith eram magos inimigos que trocaram seu poder pela habilidade de tornarem-se invisíveis.

Richard ofereceu uma das mãos para ajudá-la a levantar. — Eu quase fiz isso também.

Ela ficou em pé dentro da água na ponta dos pés e afastou o colarinho da camisa dele, verificando seu pescoço. Ela soltou um suspiro de alívio. — Desapareceu. Você está seguro. Kolo disse como a mudança começou, como a pele deles começou a ficar coberta de escamas.

— Ele disse que o seu ancestral, Alric, criou uma força para lutar contra os Mriswith. — Ela apontou. — Gars.

— Gars...?

Berdine assentiu. — Deu a eles a habilidade de sentir os Mriswith, mesmo quando estavam invisíveis. É isso que dá aos olhos dos Gars aquele brilho verde. Por causa dessa conexão de magia que todos os Gars compartilham, aqueles que enfrentaram diretamente os magos acumularam domínio sobre os outros, tornando-se algo como os Generais dos magos entre a nação gar. Esses Gars mediadores eram grandemente respeitados pelos outros Gars, e fizeram eles lutarem junto com o povo do Novo Mundo contra os inimigos Mriswith, expulsando eles de volta para o Mundo Antigo.

Richard ficou olhando surpreso. — O que mais ele disse?

— Não tive tempo para ler mais. Estivemos meio ocupados desde que você partiu.

— Quanto tempo? — Ele saiu da fonte e falou com Cara. — Quanto tempo estive fora?

Ela olhou para a Fortaleza. — Quase dois dias. A noite antes da última. Hoje, de madrugada, os sentinelas apareceram nervosos e disseram que o Sangue da Congregação estava bem nos calcanhares deles. Eles atacaram pouco depois. A luta esteve acontecendo desde essa manhã. No início, estava indo bem, mas então os Mriswith... — A voz dela desapareceu.

Kahlan colocou um braço em volta da cintura dele para apoiá-lo enquanto ele falava. — Sinto muito, Cara. Eu deveria estar aqui.

Ele olhou com vergonha para o mar de mortos. — Isso é culpa minha.

— Eu matei dois. — Raina anunciou sem qualquer tentativa de esconder seu orgulho.

Ulic e Egan aproximaram-se correndo e viraram parando em posições defensivas. — Lorde Rahl. — Ulic falou por cima do ombro dele. — Ficamos muito felizes em ver você. Ouvimos os gritos de aclamação, mas toda vez que tentávamos nos aproximar, você estava em outro lugar.

— Verdade? — Cara disse, levantando uma sobrancelha. — Nós conseguimos.

Ulic girou os olhos e virou na direção da batalha.

— Eles são sempre assim? — Kahlan sussurrou no ouvido dele.

— Não. — ele sussurrou de volta. — Eles estão mostrando seu melhor comportamento por causa de você.

Richard viu bandeiras brancas esvoaçando entre os homens do Sangue da Congregação. Ninguém prestou a mínima atenção nelas.

— D'Harans não fazem prisioneiros. — Cara explicou quando viu para onde ele estava olhando. — É até o fim.

Richard saltou da fonte. Quando ele se afastou, seus guardas imediatamente seguiram atrás.

Kahlan alcançou ele antes que tivesse dado três passos. — O que você está fazendo, Richard?

— Estou colocando um fim nisso.

— Não pode fazer isso. Nós juramos matar a Ordem até o último homem. Deve permitir que seja feito. Isso é o que eles teriam feito conosco.

— Não posso fazer isso, Kahlan. Não posso. Se matarmos todos eles, então outros da Ordem jamais se renderão, sabendo que isso significaria morte. Se eu mostrar a eles que os faremos prisioneiros ao invés de matá-los, então eles estarão mais dispostos a desistir. Se estiverem mais dispostos a desistir, nós venceremos sem perder as vidas de tantos dos nossos homens, e isso nós deixa mais fortes. Então, nós vencemos.

Richard começou a gritar ordens. Elas foram levadas através das fileiras dos homens dele, e o som da batalha lentamente começou a reduzir. Os olhos de milhares começaram a virar na direção dele.

— Deixe que eles passem. — ele falou para um comandante.

Richard voltou até a fonte e ficou em cima do muro, observando os comandantes do Sangue da Congregação conduzirem seus homens até ele. Por toda parte ao redor, D'Harans, segurando espadas, montavam guarda. Um corredor abriu, e os homens de capa vermelha caminharam adiante, olhando de um lado para outro enquanto avançavam.

Um oficial que os conduzia parou diante de Richard. Sua voz estava rouca, e fraca. — Vai aceitar nossa rendição?

Richard cruzou os braços. — Depende. Está disposto a me falar a verdade?

O homem lançou um olhar para seus homens feridos. — Sim, Lorde Rahl.

— Quem falou para atacarem a cidade?

— Os Mriswith nos deram instruções, e muitos de nós fomos instruídos em nossos sonhos, pelo Andarilho dos Sonhos.

— Vocês desejam ficar livres dele?

Todos assentiram ou falaram com vozes fracas. Eles também concordaram prontamente em dizer tudo que sabiam sobre qualquer plano do Andarilho dos Sonhos e da Ordem Imperial que eles conhecessem.

Richard estava tão exausto, e com tanta dor, que mal conseguia ficar em pé. Drenou raiva da espada para se manter.

— Se quiserem se entregar e aceitarem o governo D'Haran, então fiquem de joelhos, e jurem lealdade.

Na fraca luz, acompanhados dos grunhidos dos feridos, os homens restantes do Sangue da Congregação ficaram de joelhos e fizeram a devoção conforme lhes foi explicado pelos D'Harans que se juntavam.

Em uma voz que espalhou-se através da cidade, todos abaixaram as cabeças até o chão e fizeram o juramento.

— Mestre Rahl seja nosso guia. Mestre Rahl nos ensine. Mestre Rahl nos proteja. Em sua luz, prosperamos. Na sua misericórdia, nos abrigamos. Em sua sabedoria, nos humilhamos. Vivemos só para servir. Nossas vidas são suas.

Enquanto todos os homens arrancaram suas capas vermelhas, atirando-as em fogueiras quando eram conduzidos para ficarem sob vigilância, por enquanto, Kahlan virou para ele.

— Você acabou de mudar as regras da guerra, Richard. — Ela observou a carnificina. — Tantos já morreram.

— Demais. — ele falou enquanto observava os homens do Sangue da Congregação com as mãos vazias marchando dentro da noite, cercados pelos homens que tentaram matar. Ele ficou imaginando se estava louco.

— Na sua misericórdia, nos abrigamos. — Kahlan citou uma parte da devoção. — Talvez deva ser desse jeito.

Colocou uma das mãos nas costas dele. — Sei que de algum modo isso parece certo.

Não muito longe, a Senhora Sanderholt, segurando um cutelo ensanguentado, sorriu concordando.

Olhos verdes cintilantes estavam reunidos na praça. O humor sombrio de Richard aliviou quando ele viu o sorriso horrível de Gratch. Ele e Kahlan desceram com um salto e correram até o Gar.

nunca pareceu tão bom ser envolvido por aqueles braços peludos. Richard riu com lágrimas nos olhos quando foi erguido do chão.

— Amo você, Gratch. Amo você muito.

— Gratch ammm Raaaach aaarg.

Kahlan juntou-se ao abraço, e então recebeu o seu próprio abraço separadamente. — Também amo você, Gratch. Você salvou a vida de Richard. Devo tudo a você.

Gratch gorgolejou de satisfação enquanto passava uma garra no cabelo dela.

Richard assoprou uma mosca. — Gratch! Você tem moscas de sangue!

O sorriso de satisfação de Gratch aumentou. Gars usavam as moscas para ajudá-los a localizar suas presas, mas Gratch nunca teve nenhuma. Richard não queria bater nas moscas e sangue de Gratch, mas elas estavam se tornando mais do que perturbadoras. Estavam picando o pescoço dele.

Gratch se curvou, passou uma das garras no sangue de um Mriswith morto, e espalhou pela pele rosada do seu abdômen. As moscas obedientemente voltaram para aproveitar o banquete. Richard estava surpreso.

Olhou ao redor para os olhos verdes brilhantes observando ele. — Gratch, parece que você teve uma boa aventura. Juntou todos esses Gars? — Gratch assentiu com uma clara expressão de orgulho Gar. — E eles fizeram o que você pediu?

Gratch bateu no peito com autoridade. Virou e grunhiu. O resto dos Gars devolveram o estranho grunhido.

Gratch sorriu, mostrando suas presas.

— Gratch, onde está Zedd?

O sorriso murchou. O enorme Gar encolheu um pouco quando olhou por cima do ombro, para a Fortaleza. Ele virou de volta, seus olhos verdes brilhantes escurecendo um pouco enquanto balançava a cabeça de modo triste.

Richard conteve a angústia. — Eu entendo. — ele sussurrou. — Você viu ele morto?

Gratch bateu no peito, puxou o pelo em cima da cabeça, aparentemente um sinal para representar Zedd, apontou para a Fortaleza, e colocou as garras sobre os olhos. O sinal de Gratch para Mriswith. Através de seus sinais, e das perguntas de Richard, Richard conseguiu determinar

que Gratch levou Zedd até a Fortaleza, houve uma luta com muitos Mriswith, Gratch tinha visto Zedd deitado no chão imóvel com sangue descendo da sua cabeça, e então Gratch não conseguiu mais encontrar o velho mago. Então o Gar tinha ido procurar ajuda para lutar contra os Mriswith e proteger Richard. Tinha trabalhado duro para encontrar os outros Gars, e para reunir eles com seu objetivo.

Richard abraçou seu amigo outra vez. Gratch apertou ele em um longo abraço, e então se afastou, olhando para os outros Gars.

Richard sentiu um nó na garganta. — Gratch, você pode ficar?

Gratch apontou uma garra para Richard, outra para Kahlan, e então juntou as duas. Ele bateu no peito e então apontou para trás, para outro Gar. Quando o Gar avançou para ficar ao lado dele, Richard percebeu que era uma fêmea.

— Gratch, você tem um amor? Como eu e Kahlan?

Gratch sorriu e bateu no peito com as duas patas.

— E você quer ficar com os Gars. — Richard disse.

Gratch assentiu de modo hesitante, seu sorriso desaparecendo.

Richard exibiu seu melhor sorriso. — Acho que isso é maravilhoso, meu amigo. Você merece ficar com sua amada, e seus novos amigos. Mas você ainda pode nos visitar. Nós adoraríamos receber você e sua amiga qualquer hora. Na verdade, todos vocês.

— Todos vocês são bem-vindos.

O sorriso de Gratch voltou.

— Mas Gratch, você pode fazer uma coisa para mim? Por favor? É importante. Pode pedir a eles para não comer pessoas? Não vamos machucar Gars, e vocês não comerão pessoas. Está certo?

Gratch virou para os outros, grunhindo em uma estranha linguagem gutural que os outros entenderam. Eles responderam com seus próprios murmúrios, e um tipo de conversação pareceu iniciar. As som das palavras grunhidas de Gratch aumentaram, e ele bateu no peito. Ele era tão grande

quanto qualquer um deles. Todos finalmente responderam com um uivo. Gratch virou para Richard e assentiu.

Kahlan abraçou a besta peluda outra vez. — Tome cuidado, e venha nos visitar quando puder. Ficarei sempre devendo a você, Gratch. Amo você. Nós dois amamos.

Depois de um último abraço com Richard que não precisou de palavras, os Gars bateram as asas e desapareceram dentro da noite.

Richard ficou parado ao lado de Kahlan, cercado por seus guardas, seu exército, e o espectro dos mortos.

CAPÍTULO 54

Richard acordou com um sobressalto. Kahlan estava enrolada com as costas no peito dele. A ferida deixada pela Rainha Mrsith em seu ombro estava ardendo. Tinha pedido que um médico do exército colocasse um curativo nela, e então, cansado demais para ficar em pé por mais tempo, caiu na cama do quarto de convidados que estivera usando. Não havia nem tirado as botas, e a dor em seu quadril avisou que ele ainda estava com a Espada da Verdade, e estava deitado sobre ela.

Kahlan se moveu nos braços dele, uma sensação que encheu ele de alegria, mas então ele lembrou dos milhares de mortos, dos milhares que estavam mortos por causa dele, e sua alegria evaporou.

— Bom dia, Lorde Rahl. — surgiu uma voz alegre vindo de cima.

Ele fez uma careta para Cara e grunhiu em resposta. Kahlan protegeu os olhos dos raios de sol que entravam pela janela.

Cara balançou uma das mãos sobre os dois. — Funciona melhor sem as roupas.

Richard ficou confuso. Sua voz saiu como um resmungo rouco. — O quê?

Ela pareceu surpresa com a pergunta. — Acredito que vocês descobrirão que coisas assim funcionam melhor sem as roupas. — Ela colocou as mãos na cintura. — Pensei que pelo menos isso você saberia.

— Cara, o que você está fazendo aqui dentro?

— Ulic queria falar com você, mas estava com medo de olhar, então eu disse que faria isso. Para alguém tão grande, às vezes ele pode ser tímido.

— Ele precisa dar umas aulas para você. — Richard se encolheu quando sentou. — O que ele quer?

— Ele encontrou um corpo.

Kahlan esfregou os olhos enquanto sentava. — Isso não deve ter sido difícil.

Cara sorriu, mas o sorriso desapareceu quando Richard percebeu ele. — Ele encontrou um corpo no fundo do penhasco, abaixo da Fortaleza.

Richard girou as pernas por cima da beira da cama. — Porque você não disse logo.

Kahlan correu para acompanhá-lo quando ele seguiu rápido até o corredor para encontrar Ulic esperando.

— Você encontrou ele? Encontrou o corpo de um homem velho?

— Não, Lorde Rahl. Era o corpo de uma mulher.

— Uma mulher! Que mulher?

— Ela estava em péssimo estado, depois de todo esse tempo, mas eu reconheci aquela boca com dentes faltando e o cobertor esfarrapado. Era aquela mulher velha, Valdora. Aquela que vendia os bolos de mel.

Richard esfregou o ombro dolorido. — Valdora. Que estranho. E a garotinha, qual era o nome dela?

— Holly. Não vimos nenhum rastro dela. Não encontramos ninguém mais, mas tem muitas áreas para procurar, e animais poderiam ter... bem, talvez nunca encontremos nada.

Richard assentiu, as palavras faltaram. Sentiu a mortalha da morte ao redor dele. A voz de Cara mostrou compaixão. — As fogueiras para os funerais começarão em breve. Deseja participar?

— Claro! — Ele tomou cuidado com o tom quando sentiu a mão de Kahlan nas costas dele. — Eu devo estar lá. Eles morreram por minha causa.

Cara franziu a testa. — Eles morreram por causa do Sangue da Congregação, e por causa da Ordem Imperial.

— Nós sabemos, Cara. — Kahlan disse. — Estaremos lá logo que eu verificar o curativo no ombro dele e nos lavarmos.

As fogueiras dos funerais queimaram durante dias. Vinte e sete mil foram mortos. Richard sentiu como se as chamas carregassem seu espírito para longe, assim como os daqueles homens que morreram. Ele ficou ali e falou as palavras junto com os outros, e durante a noite montou guarda sobre as chamas junto com os outros, até que estivesse acabado.

Da luz desse fogo, e dentro da luz do dia. Viagem segura até o mundo dos espíritos. O ombro de Richard piorou durante os dias seguintes, ficando inchado, vermelho, e rígido.

Seu humor não estava melhor.

Ele caminhava pelos corredores e ocasionalmente observava pelas janelas, mas falava com poucas pessoas.

Kahlan caminhava ao seu lado, oferecendo sua confortadora presença, permanecendo quieta a não ser que ele falasse. Richard não conseguia tirar a imagem de todos os mortos da sua mente. Ele estava sendo assombrado pelo nome que as profecias deram a ele: aquele que traz a morte.

Um dia, depois que seu ombro tinha começado a curar, finalmente, enquanto sentava na mesa que usava como uma escrivaninha, olhando para o nada, houve uma luz repentina. Ele levantou os olhos. Kahlan tinha entrado, e ele não percebeu. Ela havia aberto as cortinas para deixar a luz do sol entrar.

— Richard, estou começando a ficar preocupada com você.

— Eu sei, mas não consigo esquecer.

— É certo que o manto do governo seja pesado, Richard, mas não pode deixar que ele o esmague.

— É tão fácil falar, mas foi culpa minha todos aqueles homens terem morrido.

Kahlan sentou na mesa diante dele e com um dedo, levantou o queixo dele. — Você realmente acha isso, Richard, ou está apenas triste que tantos tivessem que morrer?

— Kahlan, eu fui estúpido. Simplesmente agi. Nunca pensei. Se tivesse usado minha cabeça, talvez todos aqueles homens não estivessem mortos.

— Você agiu pelo instinto. Disse que esse era o jeito que o dom funcionava com você, pelos menos, às vezes.

— Mas eu...

— Vamos brincar de “e se”. E se você tivesse feito diferente, como agora pensa que deveria ter feito?

— Bem, então todas aquelas pessoas não teriam sido mortas.

— Verdade? Você não está jogando pelas regras do “e se”. Pense bem nisso, Richard.

— E se você não tivesse agido pelo instinto, e não tivesse encontrado a Sliph? Qual teria sido o resultado?

— Bem, vamos ver. — Ele acariciou a perna dela. — Não sei, mas as coisas teriam acontecido de forma diferente.

— Sim, elas teriam. Você estaria aqui quando o ataque acontecesse. Você teria lutado com os Mriswith de manhã, ao invés do final do dia. Você estaria esgotado e seria morto muito antes dos Gars chegarem durante o por do sol. Você estaria morto. Todas essas pessoas teriam perdido seu Lorde Rahl.

Richard levantou a cabeça. — Isso faz sentido. — Pensou naquilo por um momento. — E se eu não fosse para o Mundo Antigo, então o Palácio dos Profetas estaria nas mãos de Jagang. Ele teria as profecias. — Ele levantou e foi até a janela, olhando para o brilhante dia de primavera. — E ninguém teria qualquer proteção contra o Andarilho dos Sonhos, porque eu estaria morto.

— Você esteve deixando suas emoções controlarem o seu raciocínio.

Richard voltou e segurou as mãos dela, realmente percebendo o quanto ela parecia radiante. — A Terceira Regra do Mago: A paixão

governa a razão. Kolo avisou que ela era traiçoeira. Estive quebrando ela ao pensar que tinha quebrado.

Kahlan passou os braços ao redor dele. — Então, você está se sentindo um pouco melhor?

Ele colocou as mãos na cintura dela quando sorriu pela primeira vez em dias. — Você me ajudou a enxergar. Zedd costumava fazer esses tipos de coisas. Acho que simplesmente terei que contar com você para me ajudar nisso.

Ela passou a perna nele e o puxou para mais perto. — Seria melhor mesmo.

Quando ele deu um leve beijo nela, e estava prestes a dar um outro mais demorado, as três Mord-Sith entraram no quarto. Kahlan encostou a bochecha dela na dele. — Elas nunca batem?

— Raramente. — Richard sussurrou e volta. — Elas gostam de me testar. É a coisa favorita delas. Nunca se cansam disso.

Cara, na dianteira, parou ao lado deles, olhando de um para o outro. — Ainda com as roupas, Lorde Rahl?

— Vocês três parecem muito bem esta manhã.

— Sim, nós estamos. — Cara falou. — E temos negócios a tratar.

— Que negócios?

— Quando você tiver tempo, alguns representantes chegaram em Aydindril, e solicitaram uma audiência com o Lorde Rahl.

Berdine balançou o diário de Kolo. — E eu gostaria de ter sua ajuda com isso. O que nos já aprendemos nos ajudou, e ainda tem muito mais que não traduzimos. Temos trabalho a fazer.

— Traduzir? — Kahlan perguntou. — Conheço muitas línguas. O que é isso.

— Alto D'Haran. — Berdine falou, dando uma mordida em uma pera que estava em sua outra mão. — Lorde Rahl está ficando cada vez

melhor do que eu em Alto D'Haran.

— Verdade? — Kahlan disse. — Estou impressionada. Poucas pessoas conhecem Alto D'Haran. É uma língua extremamente difícil, ouvi dizer.

— Trabalhamos nisso juntos.— Berdine sorriu. — Durante a noite.

Richard limpou sua garganta. — Vamos descobrir o que os representantes desejam. — Ele levantou Kahlan com as mãos dele nos lados dela e colocou-a no chão.

Berdine fez um gesto com sua pera — Lorde Rahl tem mãos grandes. Elas encaixam perfeitamente nos meus seios.

Uma sobrancelha levantou sobre um olho verde. — É mesmo?.

— Sim. — Berdine observou. — Um dia ele fez todas nós mostrarmos nossos seios para ele.

— Foi isso mesmo? Todas vocês.

Cara e Raina esperavam sem mostrar emoção quando Berdine assentiu. Richard colocou uma das mãos sobre o rosto.

Berdine mordeu ou pedaço da pera — Mas as mão grandes dele se encaixam melhor nos meus seios.

Kahlan caminhou lentamente na direção da porta. — Bem, meus seios não são tão grandes quanto os seus, Berdine. — Ela reduziu o passo quando passou por Raina. — Acho que as mãos de Raina encaixariam melhor nos meus.

Berdine riu e tossiu, engasgando com a pera, enquanto Kahlan saiu do quarto. Um sorriso surgiu nos lábios de Raina.

Cara soltou uma forte risada. Ela bateu nas costas de Richard quando passou por ele. — Gostei dela, Lorde Rahl.

— Você pode ficar com ela.

Richard fez uma pausa. — Bem, obrigado, Cara. Tenho sorte de ter sua aprovação.

Ela assentiu com seriedade. — Sim, você tem.

Ele saiu do quarto rapidamente, finalmente alcançando Kahlan descendo o corredor. — Como você sabia sobre Berdine e Raina?

Ela observou ele com uma expressão de surpresa. — Não é óbvio, Richard? O modo como elas se olham? Você também deve ter notado imediatamente.

— Bem... — Richard olhou para trás no corredor para ter certeza de que as mulheres ainda não tinham se aproximado. — Você ficará feliz em saber que Cara falou que gosta de você, e que eu tenho permissão de ficar com você.

Kahlan passou um braço na cintura dele. — Também gosto delas. Duvido que você conseguisse encontrar guardas que o protegessem melhor.

— Isso deveria servir de conforto?

Ela sorriu quando encostou a cabeça no ombro dele. — Para mim é.

Richard mudou o assunto. — Vamos ver o que esses representantes vieram dizer. Nosso futuro, o futuro de todos, depende disso.

Kahlan, usando seu vestido branco de Madre Confessora, sentou silenciosamente em sua cadeira, a cadeira da Madre Confessora, ao lado de Richard, sob a figura pintada de Magda Searus, a primeira Madre Confessora, e seu mago, Merritt.

Escoltados por um General Baldwin sorridente, o Representante Garthram de Lifany, Representante Theriault de Herjborgue, e o Embaixador Bezancort de Sanderia cruzaram o chão de mármore polido. Todos pareceram surpresos, e felizes, por ver a Madre Confessora sentada ao lado de Richard.

O General Baldwin fez uma reverência. — Minha Rainha, Lorde Rahl.

Kahlan sorriu calorosamente. — Bom dia, General Baldwin.

— Cavalheiros. — Richard disse. — Espero que tudo esteja bem em suas terras. O que vocês decidiram?

O Representante Garthram acariciou sua barba cinzenta. — Depois de extensivo aconselhamento com o governo em nosso lar, e com Galea e Kelton conduzindo o caminho, todos decidimos que o futuro está com você, Lorde Rahl. Todos trouxemos os documentos de rendição. Incondicional, de acordo com sua exigência. Desejamos nos juntar a você, para sermos parte de D'Hara, e sob o seu governo.

O alto Embaixador Bezancort falou. — Uma vez que estamos aqui para nossa rendição, e nos unirmos com D'Hara, continua sendo nossa esperança que a Madre Confessora aprove.

Kahlan avaliou os homens durante um momento. — Nosso futuro, não o nosso passado, está onde nós e nossas crianças devemos viver.

— A primeira Madre Confessora e seu mago fizeram o que era melhor para o povo deles e para seu tempo. Como a Madre Confessora, agora, eu e meu mago, Richard, devemos fazer o que é melhor para o nosso. Devemos forjar o que precisamos para adequar nosso mundo, mas nossas esperanças são pela paz, como eram as deles.

— Nossa melhor chance para ter força que garantirá uma paz duradoura está com Lorde Rahl. Nosso novo curso foi definido. Meu coração e meu povo estão com ele. Como a Madre Confessora, eu sou uma parte dessa união, e dou as boas vindas a vocês.

Richard devolveu o aperto na mão dele.

— Continuaremos tendo nossa Madre Confessora. — ele disse. — Nós precisamos da sabedoria dela e orientação tanto quanto sempre precisamos.

Alguns dias mais tarde, em uma bela tarde de primavera, enquanto Richard e Kahlan caminhavam de mãos dadas pelas ruas, checando a limpeza da destruição causada pela batalha, e a construção que já tinha começando para reparar o que havia sido destruído, Richard teve um súbito pensamento. Ele virou, sentindo a brisa fria e o sol morno em seu rosto.

— Sabe, eu exigi a rendição das terras de Midlands, e nem sei quantas são, ou todos os nomes delas.

— Bem, então, acho que tenho bastante coisa para ensinar. — ela disse. — Simplesmente vai ter que ficar comigo sempre perto.

Um sorriso surgiu nele. — Preciso de você. Agora, e sempre. — Ela colocou as mãos nas bochechas dela. — Não consigo acreditar que estamos juntos, finalmente. — Ele olhou para as três mulheres e os dois homens que não estavam a três passos atrás deles. — Se ao menos pudéssemos focar sozinhos.

Cara levantou uma sobrancelha. — Isso é uma dica, Lorde Rahl?

— Não, é uma ordem.

Cara encolheu os ombros. — Sinto muito, mas não podemos obedecer essa ordem aqui fora. Você precisa de proteção. Você sabe, Madre Confessora, que às vezes nós temos que dizer para ele qual dos pés usar em seguida? Às vezes ele precisa de nós para as mais simples instruções.

Kahlan aceitou com um suspiro desamparado. Finalmente, ela olhou atrás de Cara, para os dois homens altos. — Ulic, você providenciou para que aqueles ferrolhos fossem instalados na porta para o nosso quarto?

— Sim, Madre Confessora.

Kahlan sorriu. — Bom. — Ela virou para Richard. — Podemos ir para casa? Estou ficando cansada.

— Primeiro você tem que casar com ele. — Cara anunciou. — Ordens de Lorde Rahl. Nenhuma mulher pode entrar no quarto dele, a não ser sua esposa.

Richard fez uma careta. — Eu disse a não ser Kahlan. Eu nunca disse esposa. Eu disse a não ser Kahlan.

Cara olhou para o Agiel pendurado na fina corrente em volta do pescoço de Kahlan. Era o Agiel de Denna. Richard deu ele para Kahlan em um lugar entre os mundos onde Denna os levou para ficarem juntos. Ele havia se tornado uma espécie de amuleto. Um que as três Mord-Sith nunca

mencionaram, mas que notaram desde o primeiro instante que viram Kahlan. Richard suspeitou que isso significasse tanto para elas quanto significava para ele e Kahlan.

O olhar arrogante de Cara voltou para Richard. — Você nos encarregou de proteger a Madre Confessora, Lorde Rahl.

— Estamos apenas protegendo a honra de nossa irmã.

Kahlan sorriu quando viu que Cara finalmente tinha conseguido irritar ele, algo que raramente ela era capaz de fazer. Richard deu um suspiro para se acalmar. — E você está fazendo um bom trabalho, mas não se preocupe; pela minha palavra, em breve ela será minha esposa.

Os dedos de Kahlan acariciaram as costas dele. — Prometemos ao Povo da Lama que o Homem Pássaro nos casaria, no povoado deles, e que eu usaria o vestido que Weselan fez para mim. Essa promessa para nossos amigos significa muito. Estaria tudo bem para você se fôssemos casados pelo Povo da Lama?

Antes que Richard conseguisse dizer que isso significava muito para ele também, e que também era seu desejo, uma multidão de crianças espalhou-se ao redor deles. Eles puxavam as mãos dele, pedindo que ele fosse olhar, como tinha prometido.

— Do que eles estão falando? — Kahlan perguntou quando soltou uma risada alegre.

— Ja'La. — Richard disse. — Aqui, deixem que eu veja sua bola de Ja'La. — ele falou para as crianças.

Quando eles a entregaram, ele jogou em uma das mãos, mostrando para ela. Kahlan pegou a bola e virou-a, olhando para a letra R dourada em alto relevo nela.

— O que é isso?

— Bem, eles jogavam com uma bola, chamada de Broc, que era tão pesada que as crianças estavam constantemente se machucando com ela. Pedi para as costureiras que fizessem novas bolas que são leves, para que

todas as crianças possam brincar, não apenas as mais fortes. Agora é mais um jogo de habilidade, ao invés de apenas força bruta.

— Para quê o R?

— Falei para eles que todos que estivessem dispostos a usar esse novo tipo de bola receberia uma Broc de Ja'La oficial do Palácio.

O R significa Rahl, para mostrar que é uma bola oficial. O jogo era chamado Ja'La, mas desde que eu mudei as regras, agora eles chamam de Ja'La Rahl.

— Bem... — Kahlan falou, atirando a bola de volta para as crianças. — Uma vez que Lorde Rahl prometeu, e ele sempre mantém sua palavra...

— Sim! — um garoto disse. — Ele prometeu que se nós usássemos sua bola oficial ele viria assistir.

Richard olhou para as nuvens que se juntavam. — Bem, tem uma tempestade vindo, mas acho que temos tempo para um jogo primeiro.

De braços dados, eles seguiram a feliz multidão de crianças subindo a estrada.

Richard sorriu enquanto caminhava. — Se ao menos Zedd estivesse conosco.

— Você acha que ele morreu lá na Fortaleza?

Richard olhou para a montanha. — Ele sempre disse que se você aceita a possibilidade, então você a torna real.

— Decidi que até que alguém prove o contrário, não vou aceitar sua morte. Acredito nele.

Acredito que ele está vivo e está lá fora, em algum lugar, causando problemas para alguém.

A hospedaria parecia ser um lugar aconchegante, não como alguns em que eles estiveram, com bebedeira demais e barulho demais. Porque as pessoas queriam dançar sempre que ficava escuro estava além da compreensão dele. De algum modo, as duas coisas pareciam estar ligadas, como abelhas e flores, ou moscas e estrume. Escuro e dança.

Pessoas estavam sentadas em algumas mesas, fazendo uma refeição tranquila, e uma das mesas perto da parede mais distante estava lotada com um grupo e homens mais velhos, fumando cachimbos, em um jogo de tabuleiro, e bebendo cerveja enquanto conversavam animadamente. Ele captou fragmentos de frases sobre o novo Lorde Rahl.

— Você fica quieto. — Ann avisou. — e deixe que eu falo.

Um casal de aparência amigável atrás de um balcão sorriu enquanto eles se aproximavam. As bochechas da mulher formaram cavidades.

— Boa noite, amigos.

— Boa noite. — Ann disse. — Nós gostaríamos de pedir um quarto. O garoto no estábulo disse que você tem bons quartos.

— Oh, isso nós temos, madame. Para você e seu...

Ann abriu a boca. Zedd atropelou as palavras dela. — Irmão. Ruben é o nome. Essa é minha irmã, Elsie. Eu sou Ruben Rybnik. — Zedd fez um floreio com uma das mãos. — Sou um leitor de nuvens de certo destaque. Talvez tenha ouvido falar de mim.

— Ruben Rybnik, o famoso leitor de nuvens.

A mandíbula da mulher se moveu como se estivesse procurando para onde todas as suas palavras foram. — Bem, eu... bem... sim, acredito que já ouvi.

— Aí está. — Zedd falou, dando alguns tapinhas nas costas de Ann. — Quase todo mundo já ouviu falar de mim, Elsie. — Ele inclinou um cotovelo na direção do casal atrás do balcão. — Elsie pensa que eu invento isso, mas ela esteve fora, lá naquela fazenda, com aqueles pobres desafortunados que escutam vozes e conversam com as paredes.

Ao mesmo tempo, as duas cabeças viraram na direção de Ann.

— Eu trabalhei lá. — Ann conseguiu soltar entre os dentes cerrados. — Eu trabalhei lá, ajudando os *pobres desafortunados* que eram nossos convidados.

— Sim, sim. — Zedd falou. — E você fez um bom trabalho, Elsie. Porque eles deixaram você ir embora eu nunca entenderei. — Ele virou de volta para o casal mudo. — Uma vez que ela está fora do trabalho, pensei em levar ela pelo mundo comigo, deixar que ela veja do que se trata a vida, vocês entendem?.

— Sim. — o casal respondeu como um.

— E na verdade... — Zedd disse. — nós preferimos dois quartos. Um para minha irmã, e um para mim. — Eles piscaram para ele.

— Ela ronca. — ele explicou. — Preciso dormir. Ele fez um gesto na direção do teto. — Leitura de nuvem, vocês sabem.

— Exige trabalho.

— Bem, nós temos quartos adoráveis. — a mulher falou, suas bochechas formando cavidades novamente. — Tenho certeza que você terá um bom descanso.

Zedd balançou um dedo avisando. — O melhor que tiverem, prestem atenção. Elsie pode pagar. O tio dela morreu, deixando para ela tudo que tinha, e ele era um homem rico.

A testa do homem franziu. — Ele não seria seu tio também?

— Meu tio? Bem, sim, seria, mas ele não gostava de mim. Tinha um pouco de problema com o velho. Ele era um bocado excêntrico. Usava meias como luvas nomeio do verão. Elsie era a favorita dele.

— Os quartos. — Ann rosou. Ela virou e arregalou os olhos para ele. — Ruben precisa dormir. Tem muita leitura de nuvens para fazer, e deve levantar cedo de manhã. Se ele não dormir, ele ficará com um irritação ardente formando um anel em seu pescoço.

A mulher deu a volta no balcão. — Bem, então permitam que eu mostre eles para voc.

— Esse cheiro que estou sentindo não seria de pato assado, seria?

— Oh, sim. — a mulher disse, virando de volta. — Esse é nosso jantar esta noite. Pato assado com pastinacas, cebolas e molho de carne, se você desejar um pouco.

Zedd inalou profundamente. — Nossa, mas isso realmente tem um aroma maravilhoso. É preciso talento para assar um pato direito, mas posso dizer pelo cheiro que você fez certo. Sem dúvida alguma.

A mulher ficou vermelha e deu uma risadinha. — Bem, eu sou conhecida pelo meu pato assado.

— Isso parece adorável. — Ann disse. — Se puder fazer a gentileza, mandaria um pouco lá em cima, para os nossos quartos?

— Oh, é claro. Seria um prazer.

A mulher conduzi-os pelo corredor.

— Pensando bem. — Zedd falou. — Você vai na frente, Elsie, eu sei o quanto fica nervosa com pessoas olhando você comer. Vou comer o meu jantar aqui fora, madame. Com um pouco de chá, se você não se importar.

Ann virou e lançou um olhar furioso para ele. Ele podia sentir a coleira em seu pescoço esquentar. — Não demore muito, Ruben. Devemos levantar bem cedo.

Zedd balançou a mão. — Oh, não, minha querida. Só vou comer meu jantar, talvez um jogo com esses cavalheiros, e então subirei até a cama. Vejo você de manhã, bem cedo, para que possamos partir e você conhecer o mundo.

O olhar dela poderia ter feito ferver piche. — Então, boa noite, Ruben.

Zedd sorriu de modo indulgente. — Não esqueça de pagar a mulher gentil, e adicione algum extra pela sua generosidade com a grande ajuda do

seu excelente pato assado. — Zedd levantou o pescoço na direção dela com um olhar opressivo, sua voz diminuindo. — E não esqueça de escrever no seu diário antes de dormir.

Ela ficou rígida. — Meu diário?

— Sim, o pequeno diário de viagem que você guarda. Sei como gosta de escrever sobre as suas aventuras, e não esteve mantendo ele atualizado como deveria. Acho que já está na hora de fazer isso.

— Sim... — ela gaguejou. — Então, eu farei isso, Ruben.

Logo que Ann se foi, lançando olhares de advertência para ele durante todo o caminho, os cavalheiros na mesa, tendo ouvido toda a conversa, o convidaram. Zedd ajustou seu manto marrom e sentou entre eles.

— Leitor de nuvens, você diz? — Um perguntou.

— O melhor. — Zedd levantou um dedo magro. — Bom leitor para Reis, nada menos.

Sussurros admirados espalharam-se pela mesa.

Um homem em um lado tirou o cachimbo dos dentes. — Você faria uma leitura de nuvem para nós, Mestre Ruben? Faremos uma coleta e pagaremos a você.

Zedd levantou uma das mãos, como se tentasse afastá-los. — Eu temo que não possa. — Ele esperou que o desapontamento aumentasse. — Não poderia aceitar o seu dinheiro. Seria uma honra revelar o que as nuvens tem para dizer, mas não aceitaria uma moeda.

Os sorrisos voltaram. — Isso é muita generosidade da sua parte, Ruben.

Um homem forte se inclinou. — O que as nuvens tem para dizer?

O dono da hospedaria colocou um prato de pato assado fumegante na rente dele, desviando sua atenção. — Vou trazer chá para você daqui a pouco. — ela disse enquanto corria de volta para a cozinha.

— As nuvens têm muito a dizer sobre os ventos da mudança, cavalheiros. Perigos e oportunidades. Sobre o glorioso novo Lorde Rahl, e o... bem, permitam que eu prove um pouco desse pata com aparência suculenta, e ficarei feliz em falar tudo sobre isso para vocês.

— Pode atacar, Ruben. — outro falou.

Zedd saboreou uma boca cheia, fazendo um pausa dramática para suspirar de prazer enquanto todos os homens observavam com grande atenção.

— Esse é um estranho colar que você usa.

Zedd deu alguns tapinhas na coleira enquanto mastigava. — Não fazem mais como estes.

Entortando os olhos, o homem apontou para a coleira com o cachimbo. — Não parece ter fechadura. Parece apenas uma peça.

— Como conseguiu fazer isso passar pela sua cabeça?

Zedd abriu a coleira e mostrou para eles. Separando as duas metades ou, a dobradiça. — Tem sim, aqui está. Estão vendo?

— Um belo trabalho, não é mesmo? Uma pessoa não consegue nem mesmo enxergar as emendas por que são tão delicadas. Um trabalho de mestre. Você não vê mais coisas como essa.

— Isso é o que eu sempre digo. — o homem com o cachimbo falou. — Você não vê mais trabalho tão refinado.

Zedd colocou a coleira de volta no pescoço. — Não, você não vê.

— Eu vi uma nuvem estranha hoje. — disse um homem de bochechas furadas do outro lado. — Nuvem estranha. Parecia com uma cobra.

— Serpenteava mo céu, de vez em quando.

Zedd inclinou e baixou a voz. — Então você a viu.

Todos se aproximaram. — O que isso significa, Ruben? — um sussurrou.

Ele observou os olhos de cada um deles. — Alguns dizem que é uma nuvem rastreadora, presa em um homem por um mago. — Zedd ficou satisfeito com as expressões de surpresa.

— Para quê? — o homem forte perguntou, as partes brancas de seus olhos tufadas.

Zedd fez uma encenação de olhar para as outras mesas ao redor antes de falar. — Para rastrear ele, e saber aonde ele vai.

— Ele não perceberia essa nuvem, parecida com uma cobra e tudo mais?

— Ouvi dizer que tem um truque nisso. — Zedd sussurrou enquanto usava seu garfo para demonstrar. — Ela aponta para baixo, para o homem que está sendo seguido, então tudo que ele veria seria um pequeno ponto, mais ou menos como olhar para a ponta de uma bengala. Mas aqueles que estão para os lados dele, mais afastados, enxergam o corpo da bengala.

Os homens soltaram exclamações de assombro e recostaram em suas cadeiras, para ouvir essas novidades, digerindo elas enquanto Zedd mergulhava no pato assado.

— Você sabe sobre esses ventos da mudança? — um finalmente perguntou. — E sobre esse novo Lorde Rahl?

— Não seria um leitor de nuvens se não soubesse. — Zedd balançou o garfo — Esta é uma história ótima, se os cavalheiros aceitarem ouvir.

Todos se aproximaram novamente.

— Tudo começou muito antes, na guerra antiga... — Zedd começou. — quando foram criados aqueles chamados Andarilhos dos Sonhos.